



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Port. 5760.7



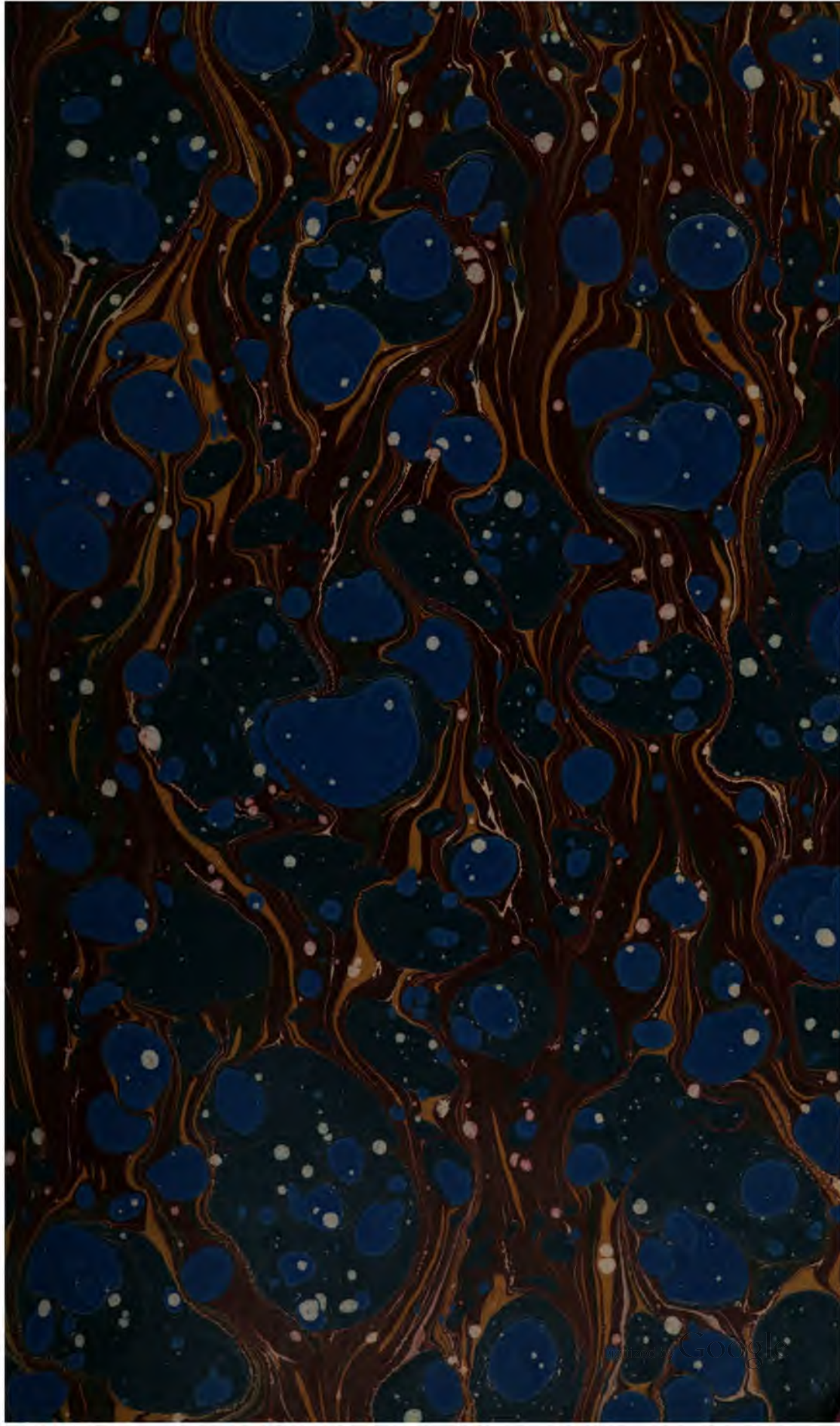
Harvard College Library

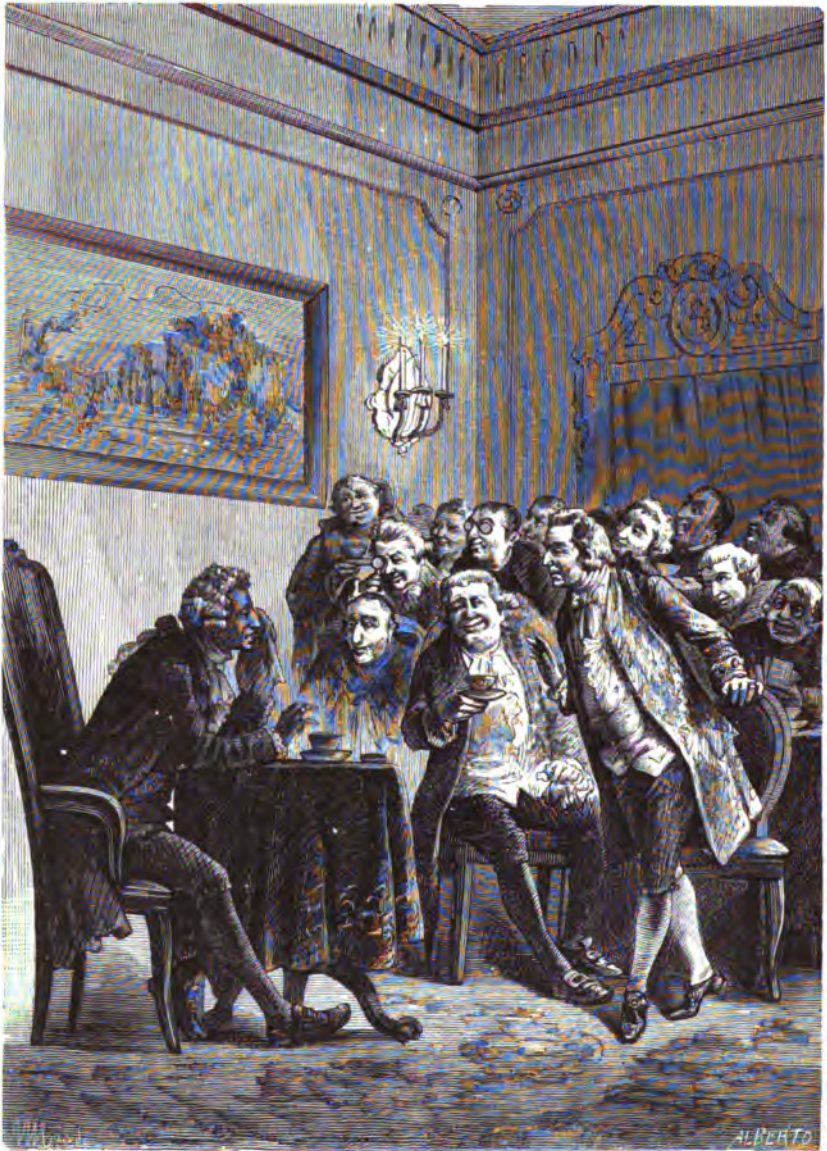
FROM THE FUND OF

CHARLES MINOT

(Class of 1828).

Received 18 Feb. 1889.





.... pronunciou os tres seguintes versos n'aquelle momento improvisados:

Do livro mandará riscar as multas,
Negará tel-as feito e negaria,
Se necessario fosse, o mesmo Christo.

(Pag. 28)

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

O HYSOPE

EDIÇÃO CRÍTICA, DISPOSTA E ANNOTADA

POR

JOSÉ RAMOS COELHO

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
E DA REAL ACADEMIA DE LUCCA, SOCIO HONORARIO DO GABINETE PORTUGUEZ DO MARANHÃO
E CAVALLEIRO DA ORDEM ITALIANA DE S. MAURICIO E S. LAZARO

com um prologo, pelo mesmo, ácerca do auctor e seus escriptos

ACOMPANHADA DE VARIANTES

e illustrada com desenhos de Manuel de Macedo e gravuras
de Alberto, Hildibrand Pedroso e Severini



1879

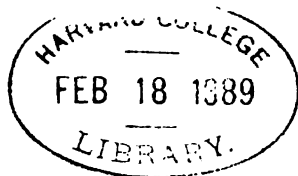
EDIÇÃO DA EMPRESA DO ARCHIVO PITTORESCO

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO — RUA DA CRUZ DE PAU, 31

LISBOA

Port. 5760.7

~~IV~~ 2413



Minot fund.

..... Ridentem dicere verum
Quid vetat?

HORATIO, Liv. 1.^o, Sat. 1.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

SUA VIDA E ESCRIPTOS

Escriptos a respeito de Diniz — Seu nascimento e familia — Seus estudos — Seus primeiros versos — Sua formatura e volta a Lisboa.



AHINDO á luz esta nova edição, que é a oitava, do celebre poema de Diniz, julgámos conveniente precedel-a de algumas noticias, ainda que breves do seu illustre auctor.

O que a tal respeito ha publicado nas suas obras e nos escriptos bio-bibliographicos é pouquissimo. Nem Lecussan Verdier que dirigiu as edições do *Hyssope*, de 1817 e 1821, nem Trigoso, que escreveu a memoria sobre a Arcadia inserta no VI volume das da Academia Real das Sciencias, ambos ainda contemporaneos do poeta e ligados por amizade ou conhecimento a pessoas que os podiam informar, adiantam coisa alguma de ponderação ácerca de homem tão notavel. O primeiro, escusando-se com a sua ausencia de Portugal, desculpa, aos olhos de muitos, rasoavel, sente não haver uma biographia de Diniz, e appella para o doutor Antonio Ribeiro dos Santos, ao qual mais que a ninguem, segundo a sua phrase, incumbia a obrigação de nos transmittir as particularidades da sua vida, por tanto o haver conversado; o segundo, quer na mencionada memoria, quer nas muitas notas da edição por elle dirigida, das obras do poeta, limita-se a meia duzia de linhas, e essas mesmas assentes em factos vagamente expressos. Innocencio no seu valioso *Diccionario Bibliographico*, e nos artigos de que adiante fallaremos dá-nos alguns subsidios, mas escassos. Rebello da Silva e outros escriptores seguem Trigoso ou pouco mais adiantam.

O descuido e a proverbial ingratição da nossa terra, mesmo para com seus filhos predilectos, que têm deixado sepultos no esquecimento muitos nomes gloriosos e muitos factos, que formam para ella outros tantos diamantes da sua propria corôa, são a nosso vêr a causa verdadeira d'esta censuravel falta, mas desejando, por poupar mais esta vergonha ao nosso paiz, achar-lhe uma atte-

nuante, lembraremos que talvez os muitos annos que o poeta viveu longe da cõrte e do reino, na colonia do Brazil, onde morreu, não contribuissem pouco para tão prejudicial e prematuro esquecimento.

Mal ajudados, por conseguinte, pelos nossos antecessores, procurámos na investigação dos documentos e na leitura das proprias obras de Diniz, o que elles nas mesmas fontes podiam ter procurado, e n'ellas bebemos particularidades interessantes, a que os amigos d'esta qualidade de estudos darão, de certo, algum apreço, e que deixam mais illucidado um dos muitos pontos obscuros da nossa historia litteraria.

Antonio Diniz da Cruz e Silva nasceu em Lisboa, a 4 de julho de 1731, e foi baptisado a 23 do mesmo mez, na freguezia de Santa Catharina do Monte Sinay. Foram seus paes João da Cruz Lisboa, baptisado na freguezia de Sautos, a 26 de dezembro de 1689, e Eugenia Thereza, baptisada a 24 de fevereiro de 1689, na freguezia da Encarnação, os quaes se receberam na freguezia de Santa Catharina a 5 de fevereiro de 1713.

Foram seus avós paternos Vicente Ferreira, baptisado na freguezia de Santos, calafate da Ribeira das Nãos, em cujo officio morreu, e Josefa da Silva, baptisada na freguezia de Santo Estevão de Alfama, que teve um logar de medideira no Terreiro do Trigo, onde vendia pessoalmente, occupação que conservou até á morte. Tratavam-se com decencia.

Foram seus avós maternos Manuel Gomes Borges, tenente do regimento da armada chamado do Verde, o qual, tendo-se retirado de Portugal para o Brazil, occupou em Marianna, pelo menos, desde 1725 até 1739, o officio de meirinho do juizo de fóra d'aquella villa, e Catharina Maria de Sena, que, depois da retirada do marido, viveu de alguma cousa que elle lhe mandava, do que lhe davam seus parentes e do seu trabalho de costura. Receberam ambos a agua do baptismo na freguezia da Encarnação.

Ignora-se qual fosse a casa e mesmo a rua, em que nasceu Antonio Diniz. Sua mãe, muito antes do terremoto, residia na rua da Cruz, onde ainda muito depois d'elle a encontramos, e onde os avós paternos do poeta possuíam casa propria; e em 1779, morava na rua da Paz. Aventuraremos, portanto, á falta de outros dados mais positivos, que foi por estes sitios, favoritos durante tantos annos da sua familia, e nos quaes ainda o achamos posteriormente, vivendo com sua mãe, porém d'esta vez na Rua Direita do Poço Novo, que o auctor do *Hyssope* viu pela primeira vez a luz da existencia.

Tristes correram para elle os primeiros annos que precisam de tanto amor, auxilio e conforto! Antonio Diniz da Cruz e Silva não conheceu pae! Breves palavras que dizem tanto e que abrem para sempre na vida dos que têm alma sensivel um abysmo de dôr profundissimo. Não lh'o roubou a morte, mas a ausencia, que é, digamos assim, a imagem immaterial d'ella, como o somno é a sua imagem apparente. Nunca foi visto pelo olhar paterno que se deleita, e se transfunde na existencia dos filhos; nunca o poudo contemplar com aquelle respeitoso affecto que se deve sómente ao que nos encaminha a inexperiencia da juventude, supprindo a nossa fraqueza com o thesouro generoso da sua experiencia; ao que nos incita e nos festeja com voz carinhosa; ao que nos ampara, se desfallecemos, e nos levanta, se caímos; ao nosso primeiro, nosso mellhor, nosso unico e verdadeiro amigo. Esta semente amarga, esta quasi orfandade enraizou-se e medrou, coberta e disfarçada primeiro pelas alegrias

innocentes da meninice e depois pelas flores da descuidosa juventude, para apparecer mais tarde, quando, dissipadas as illusões da melhor quadra da vida, as honras dos cargos eminentes que o poeta exerceu e a gloria das letras, que tão brilhantemente alcançou, lhe deviam dar annos de repouso e de ventura.

Pouco antes do nascimento de Diniz, seu pae, deixando a terra natal, passou ao Brazil e dirigiu-se aos Goyazes. Se houve algum motivo especial para elle dar este passo, ou se n'isto influiu unicamente o desejo de melhorar de fortuna, é impossivel conjectural-o. Fôra a sua occupação em Lisboa a de carpinteiro de casas, mas parece que posteriormente, deixando o officio, começára a negociar para aquelle estado, e pôde muito bem ser que, seduzido pelo engodo do lucro, resolvesse transferir-se ás plagas americanas, sonho então e agora algumas vezes doirado, porém muitas amargoso, dos ambiciosos esquecidos pela fortuna. O que é certo é que em 1739 estava estabelecido no arrayal de Nossa Senhora da Conceição de Thabiras como atravessador de cargas, commercio que consistia em comprar e vender cargas de fazendas por atacado e que era exercido pelas pessoas mais gradas d'aquellas partes e pelos maiores negociantes. D'alli passou para o arrayal de Paracatú, na comarca de Sabará onde teve o mesmo commercio, e onde serviu de sargento-mór da ordenança. Tratava-se n'esse tempo, conforme o testemunho de quem o conheceu, com decencia e gozava de bons creditos.

Com a partida do esposo, Eugenia Thereza viu-se obrigada a viver do trabalho de costura para se sustentar a si, ao filho e a duas filhas, que depois vieram a professar no convento de Santa Clara de Santarem, onde uma d'ellas tomou o nome de Anna Mathilde do Paraizo. Seu filho mais velho Francisco Caetano, de muito mais idade que o nosso poeta, pois nasceu a 8 de fevereiro de 1714, já n'esse tempo se achava fôra da casa materna, por isso que professára no convento de Jesus de Lisboa, com o nome de Fr. Francisco de Salles, em 27 de janeiro de 1731 (poucos mezes antes do nascimento de Diniz), tendo então dezeseite annos e depois do competente anno de noviciado¹.

Não era, como vimos, lisonjeira a situação d'esta familia. Talvez Fr. Francisco de Salles lhe prestasse algum soccorro, como fazia a sua avó materna, Catharina Maria de Sena, que tambem pela ausencia do marido foi forçada a viver da agulha, como já dissemos, e do que aquelle e outros parentes lhe davam, pelo menos, em quanto Manuel Gomes Borges a não ajudou do Brazil com varias remessas de dinheiro, mas, em todo o caso, a pouco montariam quaesquer beneficios que porventura Eugenia Thereza recebesse, pois a vêmos apesar da educação sempre trabalhosa dos filhos, aproveitar ainda o tempo, que mal lhe devia sobrar de tão arduos e sagrados deveres e de que talvez carecia para o descanso do corpo, trabalhando para os outros em toda a qualidade de costura, no que era muito prendada.

Quanto tempo duraram estas precarias circumstancias? Coincidiram os primeiros estudos do nosso poeta com a época em que seu pae auxiliou a familia por meio de meçadas regualres, ou unicamente os deveu ao trabalho de sua mãe e ás esmolas de seus parentes? Reina completa obscuridade sobre este ponto. Só pudemos apurar que, habilitado com a grammatica portugueza, que lhe ensinou o professor João Rodrigues Rocha, o qual tinha então aula d'essa

¹ Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, *Livro de Profissões do Convento de Jesus*.

disciplina na Rua da Vinha, e em 1779 ainda era vivo com oitenta annos de idade, estudou grammatica latina particularmente e depois philosophia com os padres da Congregação do Oratorio na Casa do Espirito Santo. Preparado com as humanidades passou á universidade, onde se matriculou no curso de direito em 1747. Em Coimbra devia ser collega dos conhecidos poetas Santa Rita Durão e Claudio Manuel da Costa, assim como dos outros dois que posteriormente o acompanharam na fundação e trabalhos da Arcadia, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Theotónio Gomes de Carvalho. Foi novato na universidade de Antonio dos Santos Ribeiro. Segundo as palavras d'este, Diniz tratou-se durante os estudos universitarios nobremente. Vê-se de tal testemunho e do de outras pessoas suas contemporaneas, que João da Cruz Lisboa mandava então da America á familia avultadas mezadas, e até se sabe que d'ali enviou os dotes para as duas filhas professarem no convento de Santa Clara de Santarem; mas, ou porque as mezadas não fossem tão largas, como se affirma, ou porque houvesse intermittencias n'ellas, ou em fim porque as excedessem as despezas, Eugenia Thereza ainda era forçada a servir-se da habilidade da sua agulha, se não sempre, ao menos algumas vezes, para lhes occorrer convenientemente.

Não devia passar isento de paixões amorosas, tão proprias da quadra florescente da mocidade, e ainda mais da mocidade de um poeta, o periodo que abrange o curso de Diniz em Coimbra. Cedo começou elle a amar, segundo seprehende das suas proprias phrases:

Em doce paz gostava venturoso
A tenra flor de meus primeiros annos,
Sem conhecer a força e os enganões
Com que nos prende amor astucioso.

Pouco durou estado tão ditoso,
Pois o cruel que urdia já meus damnos,
De improviso n'uns olhos soberanos
O coração me assalta rigoroso.

Foi seguramente nas margens do Mondego, d'esse Mondego tão creador de poetas e tão cantado e illustrado por elles, d'esse rio, que ha seculos desliza suave e risonho á sombra dos salgueiraes, cingido sempre de verdura e flores, sempre alegrado pelos risos, pelas esperanças, pelos amores de tantas gerações que o têm vindo visitar successivamente, e de que ha sido o confidente amoroso, foi abi que a alma juvenil do nosso poeta se desatou pela primeira vez n'aquelles cantos incertos que desabrocham tão espontaneamente ao sol vivificador das mais fascinantes illusões da vida, e que o seu coração ardente de seiva, de enthusiasmo e de poesia começou a amar. Alguns dos seus versos assim o parecem dar a entender. Trigoso assegura nas notas das obras de Diniz, cuja edição dirigiu, que foi em 1750 que elle principiou a poetar, e que dois dos seus sonetos tinham esta data. Estes dois sonetos tirou-os o illustre colleccionador e annotador do autographo do poeta, trazido em 1800 do Rio de Janeiro por Manuel de Figueiredo, depois conego da sé de Coimbra em 1814, do qual o professor Joaquim Ignacio de Freitas extrahiu uma copia que foi conferida com o proprio Trigoso. Eram n'essa copia os sonetos acompa-

nhados das suas competentes datas; o editor, porém, desprezou-as na impressão, privando-nos assim talvez de particularidades aproveitáveis para a biographia do poeta.

Ha poucos dias foram-nos obsequiosamente emprestados pelo sr. J. Gregorio Barbosa, intelligente amator e sollicito colleccionador de bellas artes e de litteratura, dois volumes autographos de Diniz, que nos ajudam, ainda que pouco, na apreciação d'esta primeira phase das suas affeições amorosas e do seu talento poetico. Ha ali quatro sonetos (já impressos nas suas obras) com a data, não de 1750, mas um com a de 1752 e os outros com a de 1753. Vejamos como a sua alma já n'esse tempo se carpia namorada e como a sua joven musa já respirava harmonia e sentimental doçura. Escolheremos d'entre elles o primeiro, que transcrevemos do dito manuscrito.

Se queres (diz a Aonia um dia Elpino)
O numero saber das crueis dores,
Que causam em meu peito teus rigores,
Por força de teu genio ou por destino,

As areias do rio cristalino
Ou do campo esmaltado conta as flores,
Conta da escura noite entre os horrores
No claro ceo os astros d'oiro fino.

Mas em vão contarás, pois que egualal-os
Do mar não podem, terra e firmamento
As areias, as flores, as estrellas;

E, se ha com que tu possas comparal-as
As tuas graças são, gentil portento,
Pois que conto não tem, assim como ellas.

Os outros são os que principiam :

Por um monte coberto de verdura

Por um prado esmaltado de boninas

Nas lages de uma fonte clara e pura

Não deviam ser estes sonetos nem os primeiros nem os unicos versos compostos por Diniz n'aquelle tempo: ninguem o acreditaria. Brotam elles tão cedo, tão caudaes e espontaneos quando são fecundados pelo sol da juventude e pelo do talento! Ha tantas aspirações, tanta esperanza, tanta febre de escrever, de communicar aos outros as nossas sensações, até as mais intimas, n'essa bella quadra, em que a inexperiencia nos faz crer cegamente no mundo e em nós! O que, apesar de tal deficiencia de provas, temos por quasi certo é que Diniz se occupou então e muito de poesia, pois o encontramos, pouco depois de formado, produzindo fructos que já denotam um talento amadurecido pela pratica e pelo estudo.

Quantas vezes, nas horas de lazer, feriado dos graves estudos universitarios ou com Santa Rita Durão ou Claudio Manuel da Costa ou Gomes de Carvalho

ou Esteves Negrão ou ainda com outros, que sempre foi viveiro de engenhos poeticos a nossa formosa Coimbra, não iria elle, ao sabor da corrente do fagueiro Mondego, decantando em amiga companhia as suas apaixonadas magoas! Póde ser que a fonte dos Amores, esses feiticeiros logares consagrados pela infeliz paixão de Ignez, que tornou immortaes a gloria immortal de Camões, os visse, romeiros piedosos e ardentes, accordando os échos do passado com os seus versos, ou pedindo ás sombras dos dois amantes que ali divagam nas horas saudosas do crepusculo um doce raio do seu amor eterno, como o illustre Castilho, como outros poetas fizeram ainda em nossos tempos.

N'estas alternativas de poesia, amor e estudo iria Diniz passando o tempo do seu curso até que se formou em direito em 1753, depois de decorridos seis annos lectivos, n'um dos quaes (o de 1748 a 1749) não sabemos por que impedimento, não frequentou a universidade. No mesmo anno seu collega o poeta Claudio Manuel da Costa obteve tambem a sua carta de bacharel em canones.

Não foi sem saudade que o joven Diniz se despediu dos logares onde passára alguns annos da melhor quadra da vida. Ah! quantas vezes, volvendo para traz os olhos, quem sabe se arroxeados por amorosas lagrimas, não repetiria elle os seguintes versos que se pôdem considerar como a sua despedida á formosa cidade do Mondego e que foram feitos n'esse anno!

Alegres bosques cheios de verdura,
Suaves, frascas aguas do Mondego,
Que correndo entre serras com soceço
De flores adornaes toda a espessura,

Saudoso monte, em cuja penha dura
Tantos tropheus se imprimem de amor cego,
Que já foste a meus versos doce emprego,
Emquanto o consentiu minha ventura,

Eu me aparto de vós porque o meu fado
Unido com amor me não consente
Que logre o vosso influxo socegado.

Ficæ em paz; que eu, inda que a corrente
Do turvo Lethes passe, o doce estado
Na lembrança terei sempre presente.

Estavam coroadas as fadigas do mancebo e amplamente pagos com tal resultado os sacrificios de seus paes. Voltou pois o nosso poeta a Lisboa e no mesmo anno em que se formára apresentou-se no juizo do Dezembargo do Paço, em audiencia de 23 de julho, com as suas cartas, e n'elle se habilitou a servir Sua Magestade nos logares de letras. Contava então vinte e tres annos de idade, e morava no Campo de Santa Clara¹.

Estes dados biographicos são extrahidos na maxima parte de fonte digna de todo o credito: das habilitações que se fizeram para ser dado ao nosso poeta o habito de Aviz, habilitações levadas a effeito com grande miudeza e escrupulo².

¹ Archivo Nacional, Habilitações de Bachereis, Maço 11, n.º 28.

² Idem, Habilitações da ordem de Aviz.

Por meio d'ellas esclarecem-se os principios da sua vida e caem por terra as origens mais ou menos nobres que infundadamente se lhe tem attribuido; mas fica em seu logar a verdade que é sempre bella, e que no nosso caso não serve senão para realçar o merecimento de Diniz, cuja luz propria e brilhante se torna ainda maior, cercada pela humilde obscuridade do seu berço.

II

Estado da litteratura portugueza — Diniz funda a Arcadia juntamente com Esteves Negrão e Gomes de Carvalho, e faz os seus estatutos — Principaes disposições d'estes.

Desde a sua volta á capital, onde provavelmente ficaria até ser despachado juiz de fôra de Castello de Vide, o que só teve logar nos fins de 1759, occupou-se bastante Diniz de assumptos litterarios, e debaixo d'este ponto de vista pôde-se considerar esta parte da sua vida uma das mais notaveis e productivas.

Qual era o estado da poesia portugueza quando elle entrou a figurar verdadeiramente na scena do mundo?

Ao glorioso seculo de 1500, glorioso para nós, além do nosso immenso poderio maritimo e commercial, pelos singulares engenhos que enriqueceram a lingua patria com tão extremadas producções em todas as provincias do saber humano, succedeu no seculo seguinte uma quadra de decadencia nas letras, filha e companheira da nossa decadencia social. Esse mal, como tantos outros, veio-nos de Hespanha, e enraizou-se entre nós profundamente pela fatal e aruinadora união que existia entre os dois paizes. Gongora poeta hespanhol de merecimento, deixando o bom caminho que ao principio trilhára, adoptou, levado ou pelo desejo fascinador da novidade e de fundar escola ou por outro qualquer motivo, um modo de escrever depravado e falso, que escudou com seu nome, e que, graças ao mau gosto, ganhou numerosos proselytos, os quaes ultrapassaram e muito os defeitos do mestre. O estylo transposto, hyperbolico e apparatuso d'estes auctores, quebrando os moldes e leis estabelecidas, desprezando os escriptores classicos da antiguidade e da renascença, baralhando e exaggerando os epithetos, multiplicando e subtilizando as argucias de phrase e de pensamento, estabeleceu uma anarchia litteraria, que favoreceu a febre de escrever, e trouxe ao de cima bastantes obras, verdadeira espuma, tão fôfas eram, d'esse mar de depravação; posto que no meio d'ella brilhassem alguns verdadeiros talentos, mais ou menos contaminados da enfermidade geral. Fer-vilhavam de toda a parte e como por encanto, as sociedades litterarias de todos os generos, e com ellas cresceram, senão em merecimento, sequer em

numero, os sabios e os poetas, e isto sem que o desenvolvimento anterior dos espiritos fizesse prever ou justificasse uma similhante transformação. Na maior parte essas sociedades viveram pouco e mal, e, depois de deixarem cair na terra alguns fructos eivados da fatal doença, caíram ellas mesmas com os outros e apodreceram e morreram, não deixando de si aos vindoiros senão o nome ou pouco mais. Outras prestaram alguns serviços: trataram com muitas questões inuteis de algumas proveitosas, e desapareceram quasi, envolvidas na excommunião geral que o futuro indistincta e injustamente lançou sobre todas.

Não é nosso proposito avaliar a importancia d'essas sociedades: nem estamos preparados para tão difficil tarefa, que equivaleria a pouco menos de escrever a historia litteraria de quasi dois seculos, nem aqui é o logar competente. Oxalá que algum dos nossos homens de letras o faça. Não é uma questão de pouco momento. É a nossa litteratura durante um largo periodo, em que tivemos tantos homens notaveis geralmente conhecidos, e outros que o merecem ser, e que surgirão sómente do esquecimento em que jazem, quando se olhar para estas coisas com olhos imparciaes. Em todo o caso e para todos, essas instituições não podem deixar de ser a expressão do seu tempo, e se contiveram em si e até propalaram os vicios e erros d'elle, também abrigaram no seu gremio os homens que então primavam nas letras, e lhes serviram de tribuna, como D. Francisco Manuel de Mello, D. Luiz da Cunha, o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, Manuel Pimentel, Manuel Caetano de Sousa, Rafael Bluteau, o conde da Ericeira, o marquez d'Alegrete, Julio de Mello e Castro, D. Luiz Caetano de Lima e tantos outros. Além d'isso, a poesia e a lingua, mesmo na peor quadra da existencia d'essas academias, se perderam muito com relação aos modelos classicos, alguma coisa ganharam, aproximando-se do povo em muitas expressões, dando curso a bastantes palavras e phrases energicas e apurando a harmonia do verso.

Essa torrente de máo gosto, a que deu maior impulso a erronea direcção dos estudos, havia atravessado o seculo xvii e entrado por boa parte do xviii.

A protecção que el-rei D. João v deu ás sciencias e artes, protecção que seria muito mais valiosa, se elle não sacrificasse os dinheiros do estado, e em sommas tão avultadas, ao luxo, á vaidade e a um zelo exaggeradamente piedoso, tinha no fim do seu largo reinado produzido, tanto quanto o soffria a atmosphera abafadiça das idéas do tempo, alguns poroficuos resultados. A Academia Real de Historia, principalmente, não pôde deixar de ser considerada como um dos grandes acontecimentos do seu reinado e como um dos principaes impulsores da sciencia n'aquelle tempo entre nós. Além d'isso, alguns portuguezes mais esclarecidos e impacientes, dentro e fóra do reino, incitados pelas idéas bebidas em livros e paizes estrangeiros, almejavam pelo momento de sairem de estado tão lastimoso. Foi então que Antonio Verney, longe da patria e livre por consequinte dos obstaculos que ella punha ao pensamento, publicou o seu *Verdadeiro Methodo de Estudar*, que excitou em Portugal uma das mais celebres contendas litterarias, se não a mais celebre. Voltavam-se os olhos, ainda que um pouco tarde, para a refôrma dos estudos; ajoelhava-se de novo, com fanatica cegueira, que não consentia vér a aurora de outra litteratura que ja raíava ao longe, ante os mestres da Grecia e Roma, cujos esplendores nos vinham atravez do prisma dos poetas da renascença, dos contemporaneos de Italia e dos do seculo de Luiz xiv. Já com pouco exito o conde da Ericeira, e Pina e Mello tinham querido introducir a nova escola franceza, posto que este com mistura

de gongorismo; porém Francisco José Freire, mais conhecido sob o nome de Candido Luzitano, ao principio gongorista e depois arcadista, é que se deve considerar como a melhor prova d'esta época de transição.

Quando pois Diniz appareceu, o imperio do mau gosto já tendia a desmorrar-se, minado pelas idéas politicas e sociaes, e pelo ascendente que ia tomando a escola franceza, a qual n'este empenho devia ser auxiliada pelos poetas da escola italiana, que resistira com varia fortuna a tantos embates e a que servia de inspiração permanente em Portugal o genio fecundante de Camões.

A geração nova, a que por estes tempos começava a escrever, a verdadeira contemporanea de Diniz, seguia em grande parte e com algumas divergencias a nova escola. Ahi estão os poetas da Arcadia, e alguns que não lhe pertenciam e até alguns seus inimigos para o provarem com as obras.

Diniz voltando a Lisboa da universidade, onde havia de ter bebido as idéas modernas e onde, em companhia dos jovens poetas que a frequentavam, as devia ter posto em pratica, pensou, desgostoso pelo estado em que as coisas continuavam, na maneira de fortalecer essa tendencia, e para isso procurou reunir os individuos, que dispersos a seguiam ou a quizessem seguir, n'uma nova sociedade litteraria.

N'este intuito foi coadjuvado por Manuel Nicolau Esteves Negrão, que depois chegou a chanceler-mór do reino e por Theotonio Gomes de Carvalho, o qual serviu posteriormente os logares de secretario da Junta do Commercio e de deputado do Conselho Ultramarino. Reuniram-se os dois primeiros no dia 15 de agosto de 1756, e assentaram no projecto da fundação; no dia 23 juntaram-se novamente com Theotónio Gomes de Carvalho e, ventiladas as opiniões ácerca do fim da conferencia, decidiu-se que o nosso poeta fosse encarregado de elaborar os estatutos, o que elle acceitou e desempenhou cabalmente dentro de pouco tempo, apresentando-os aos collegas na sua casa em Bemfica, onde foi a terceira reunião, a 23 do mez seguinte, precedidos de um discurso ácerca da utilidade das associações litterarias, provada com exemplos de dentro e de fora do paiz, antigos e modernos¹.

A aproximação das datas parece indicar claramente o fervor e o entusiasmo de Diniz (no que seria imitado pelos seus companheiros) na criação d'esta celebre sociedade. Já meiado 1753, formou-se elle na faculdade de leis; em 1754 ficou habilitado no Dezembargo do Paço a seguir a magistratura; em 1755 foi a pavorosa catastrophe do terremoto, a que se seguiu a paralisação quasi geral dos animos; em 23 d'agosto de 1756 assentava o poeta com Esteves Negrão e Gomes de Carvalho as bases da Arcadia e no mez seguinte apresentava-lhes promptos os seus estatutos, os quaes eram approvados e postos em execução alguns mezes depois.

Está esta sociedade tão ligada no seu nascimento, na sua restauração, na sua morte ao auctor do *Hyssope*; fez-lhe este tantos serviços com os seus conselhos e escriptos; adveiu ao poeta uma tão grande nomeada por lh'os ter prestado, que não podemos deixar de tratar largamente de uma instituição que tanto lhe diz respeito.

As principaes disposições dos estatutos coordenados por Diniz eram as seguintes:

¹ Obras autographas de Diniz.

Chamar-se-ha a nova sociedade Arcadia, e o logar das suas conferencias o Monte Menalo;

Os seus alumnos se fingirão arcades e escolherá cada um nome e sobrenome de pastor adequado a esta ficção, para por elle ser conhecido e nomeado em todos os exercicios e funcções da Arcadia;

Um meio braço pegando em um podão com a epigraphe—*Inutilia truncat*—será a empreza da Arcadia, por ser este o instrumento com que os agricultores cortam das arvores os ramos seccos e viciosos, e o emprego da Arcadia examinar com uma exacta critica as obras dos seus pastores e separar o bom do defeituoso;

Esta empreza conservar-se-ha gravada no logar das conferencias e no sello do secretario, o qual terá de mais na sua circumferencia esta inscripção—*Sigillum Mœnali pastorum*;

A divisa que trarão os arcades nos dias das conferencias será um lyrio, no qual mysticamente se figura a Virgem Nossa Senhora que a Arcadia toma por sua protectora com o titulo da Conceição, em cujo dia haverá sempre uma sessão e n'ella serão todos os arcades obrigados a repetir composições em louvor d'este mysterio;

A instrucção e o verdadeiro gosto da poesia são o fim da sociedade, e a união dos seus socios a base em que se funda a sua duração e feliz augmento;

Destinar-se-ha um dia em todos os mezes para as conferencias, ás quaes assistirão todos os arcades;

Haverá n'ellas um presidente, dois arbitros e dois censores, cujos empregos exercitarão todos os arcades;

Haverá mais um secretario e um vice-secretario, cujos cargos serão perpetuos, e um guarda tambem perpetuo, para o que se escolherá o arcade assistente no logar das conferencias;

Além das conferencias ordinarias, haverá uma extraordinaria, a qual será ou a em que se celebrar a Conceição, ou outra que ha de haver n'uma das oitavas do Natal para festejar este acontecimento;

As conferencias serão secretas, menos estas e as que houver pela morte de algum socio, para as quaes se farão convites a pessoas estranhas mas escolhidas;

As obras dos arcades serão entregues aos censores que as examinarão e sobre ellas escreverão livremente o seu juizo; d'ahi passarão para o secretario que as enviará a seus auctores, a fim de as emendarem ou responderem ás censuras, para o que terão pelo menos dez dias, sendo depois entregues pelo secretario aos arbitros, os quaes no fim das conferencias, examinadas as censuras e as respostas, darão ambos o seu parecer; não concordando no seu juizo, o presidente decidirá, ouvidas primeiramente as suas rasões;

Aos arbitros compete determinar as emendas e fazer que na sua presença e na mesma conferencia os auctores as executem;

O secretario terá tres livros; n'um se conservarão os estatutos e os nomes dos arcades; n'outro as obras das conferencias; e n'outro as censuras, apologias e mais papeis que vierem á Arcadia, assim como as resoluções e pareceres, que houver sobre algumas duvidas;

O secretario poderá mostral-os aos arcades, mas só a elles e não lhes deixará tirar copia alguma.

O guarda não admittirá nas conferencias ninguem senão os socios, pois a Arcadia não quer revelar as suas composições sem um maduro e rigoroso exame;

Receberá o mesmo á porta os arcades e examinará as cartas de convite, que devem trazer;

Não haverá numero certo de socios,

Só se attenderá na sua eleição ao merito pessoal;

Os arcades jurarão defender a Immaculada Conceição de Nossa Senhora;

Serão eleitos em escrutinio secreto e por unanimidade de votos;

Só por motivo urgentissimo deixarão de assistir ás conferencias, pois de taes faltas se seguirá á Arcadia a sua total ruina e, ainda que não possam comparecer, enviarão ao secretario as suas composições;

Serão expulsos quando revelarem os segredos da sociedade;

As sessões celebrar-se-hão de tarde; de maio a setembro até ás quatro horas, e nos outros mezes até ás duas e meia;

Haverá sessão logo que se juntem cinco socios;

Os assumptos das obras poeticas serão livres, para serem mais bem tratados;

Os arcades recitarão composições em todas as conferencias, menos os censores;

Posto que o principal intento da Arcadia seja o cultivo da poesia, ella admittirá os escriptos em prosa, como discursos, dissertações, etc., quando estes se dirijam a dar uma idéa clara e distincta do bom gosto e delicadeza, n'uma palavra todas as vezes que os arcades possam tirar d'elles deleite e instrucção;

As composições poderão ser nas linguas portugueza, latina, franceza, italiana e castelhana, mas preferir-se-ha a portugueza, pois, além de ser muito capaz para qualquer genero de composição, ir-se-ha aperfeiçoando até egualar outras nem tão suaves nem tão abundantes;

Os arcades ajudar-se-hão mutuamente, communicando-se as suas luzes e não se julgarão deslustrados com os reparos que se fizerem ás suas obras, antes os estimarão;

Não haverá logar de preferencia nas sessões, senão para os arcades que tiverem cargos ¹.

Eis o resumo dos paragraphos mais importantes dos estatutos feitos por Diniz, estatutos que, segundo se assegura, serviram de norma aos que primeiramente adoptou a Academia Real das Sciencias ao inaugurar-se em 1779; eis as disposições que os arcades juraram cumprir, quando pela primeira vez se reuniram em conferencia no dia 19 de julho de 1757.

¹ Obras autographas de Diniz. Estes estatutos acham-se tambem impressos no *Jornal de Coimbra*, fundado e dirigido pelos lentes de medicina da universidade José Feliciano de Castilho, Angelo Ferreira Diniz e Jeronymo Joaquim de Figueiredo.

III

Primeiros annos da Arcadia — Serviços que lhe presta Diniz

Qual é a historia da Arcadia nos seus primeiros annos? Poucos elementos restam para a esboçarmos, porém entre elles chegaram até nós algumas orações de Garção, que se nos figuram para o nosso proposito da maior valia e que passamos a aproveitar. Deixaremos a primeira, pronunciada a 8 de maio de 1758, em que já o illustre poeta censura a desordem e improficuidade dos trabalhos da associação, e fundar-nos-hemos principalmente na que o mesmo recitou na conferencia de 30 de julho de 1759, isto é, dois annos depois da sua instituição.

«O projecto do estabelecimento da Arcadia (diz elle) foi grande, foi magestoso, foi util, e era necessario. Os estatutos com que ella se fundou eram solidos, apoiados na razão e na prudencia e concernentes ao glorioso fim a que se dirigiu o nosso trabalho e a nossa esperanza. Os animos estavam dispostos, ou, ao menos, os semblantes; chegou a desejada occasião, mudaram-se os bastidores, desapareceu a sinceridade, confundiu-se a boa ordem, enchemo-nos de um terror panico, não pudemos soffrer a critica, apoderou-se de nós a soberba, cresceu o odio, e, se não se reformasse a lei, já então ficaria despoitada a Arcadia, o Menalo sem pastores, e nós, em vez de amigos e de companheiros, jurados inimigos uns dos outros.

«Que fatal exemplo da inconstancia e da fragilidade dos homens! Sere-nou-se a tempestade, ficámos contentes e satisfeitos, porque ficámos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo, livres da custosa obrigação de discernirmos o falso do verdadeiro, senhores absolutos do Parnaso, com a amplissima faculdade de infringirmos, cassarmos ou derogarmos as mais preciosas leis da poetica e da rhetorica. E que fizemos? Clamavamos contra os miseraveis seiscentistas, contra o máo gosto da nação, choravamos pelos bemaventurados dias de Camões, de Bernardes e de Ferreira; compravamos a todo o custo as suas obras, como se fosse o mesmo tel-as que imital-as. Entrámos a chamar ode ao que era idylio e idylio ao que era satyra, satyra ao que era dithyrambo; n'uma palavra corria com passos tão accelerados a nossa decadencia, que já parecia inevitavel a ultima ruina ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio d'estes damnos.

«Aquelles pomposos designios de domar o genio da nação, fazendo que a critica fosse recebida como conselho, e não como offensa, aquella magnifica idéa de banir da poesia portugueza o inutil adorno de palavras empoladas, conceitos estudados, frequentes antitheses, metaphoras exorbitantes, e hyperboles sem modo, introduzindo em nossos versos o delicioso e appetecido ar da nõbre simplicidade, forám os dois polos que primeiro perdemos de vista. Erguerám a cabeça esses mesmos vicios, que promettiamos e juravamos reformar ou

reprimir, ficando tolerados ou por inercia ou por cobardia, ao mesmo passo que o podão pintado em o nosso escudo ameaçava ou fazia rir aos estranhos.

«Não vos pareça, ó arcades, que debaixo d'estas palavras, em logar de um verdadeiro zelo, que me move e que me atormenta, se encobre ou o veneno da satyra ou uma simulada maledicencia. Não senhores, sou eu o primeiro que, apesar d'estas desordens, conheço, admiro e divulgo as rarissimas bellezas poeticas que brilham em nossos escriptores, os sublimes talentos de que sois dotados; confesso sem o menor espirito de adulação, que muitas de vossas composições podem dar aos nossos contemporaneos uma clara idéa da boa poesia, e da verdadeira eloquencia; mas isto, senhores, não basta; nós promettemos mais; não nos ajuntámos para as cousas ficarem no seu antigo estado. Serdes vós grandes poetas e grandes oradores e ser eu mediocre em qualquer d'estas duas faculdades é um fenomeno que appareceria ainda que não houvesse Arcadia; e talvez que menos injuriosa me seria a minha ignorancia, se livre de funções da Academia, deixasse de expôr ao publico a minha incapacidade.

«D'esta lastimosa falta que eu lamento, e de que talvez se queixarão, outra nasce, e é, arcades, a reprehensivel indolencia que reina entre nós. Entregues a uma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias, como se não tivéssemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como se não houvessemos de dar conta ao publico do tempo que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeitos que nos arrastam e nos constroem a commettermos estes abusos. Se eu clamar que aprovei este ou aquelle poema porque era do meu amigo, ficará desculpado o auctor? Haverá homem prudente que approve o meu frouxo procedimento? Se eu não quiz sujeitar á censura os meus escriptos, porque, cheio de amor proprio e de soberba, julguei que não havia na Arcadia quem devesse ter o atrevimento de censurar-me, haverá quem se não ria de mim? Será bastamente apologia divulgar que ninguem na Arcadia faz meliores versos do que eu? Não acharci quem me responda que d'ahi o que se segue é que todos somos pessimos poetas? Certamente que estes presagios não é preciso conhecer as estrellas para poder annuncial-os.

«Estareis talvez persuadidos de que estou satisfeito de mostrar-vos que a critica é o unico meio que temos de conseguir que cheguem á posteridade nossos escriptos e que, frequentando mais as censuras, poderemos atalhar estas desordens e avançar a nossa reputação. Mas eu ainda olho para mais longe, ainda vos peço maior refôrma. Não basta criticar o que se faz, é preciso ensinar o que se ha de fazer. Sim, sapientissimos arcades, é preciso que nos applicuemos com methodo e com frequencia a explicar as regras mais difficultosas da poesia e da rhetorica, de sorte que qualquer de nossos socios possa conceber uma clara idéa d'estas faculdades e seguir uma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas composições de nossos pastores a mesma pureza de lingua, a mesma graça de estylo, a mesma magnificencia de imagens, a mesma perfeição d'arte, n'uma palavra o mesmo gosto e até se possivel fosse, o mesmo genio...

«Quem não vê quanto é mais util e proveitoso tratar com methodo esta ou aquella faculdade, do que hoje disputar sobre a tragedia, amanhã sobre a his-

toria, depois tratar das eclogas e logo de questões de orador? Que mais poderia fazer quem tivesse o malvado desígnio de atormentar a memoria e o juizo dos ouvintes? O agrado que traz consigo a variedade e que tem já passado a axioma, é a perniciosa origem de que nascem estas desordens. E que terriveis danos não tem ella causado na republica das letras? Com tão esquisita doutrina se resolveram poetas dramaticos a misturar o socco com o cothurno: foi o berço da tragicomedia, dos acrosticos e dos labyrinthos, verdadeiros monstros, a que bem podemos chamar sonhos de um doente.

«E que estes vicios reinassem entre o vulgo, que fossem sustentados por mediocres poetas, ou para melhor dizer espurios trovadores, não me admirára; mas que uma companhia de homens doutos que se levantou para restaurar o bom gosto, haja de adoptar os mesmos dogmas e que não trabalhe quanto pôde e como deve para conseguir o que prometeu, é o mesmo que abrirem-se os montes e sahir um ridiculo ratinho.»¹

É longo o trecho que transcrevemos; preferimos porém fazel-o a resumir as expressões de Garção, do grande amigo da Arcadia, o que tiraria parte da força ao que d'ella dissemos em desabono. São as suas proprias palavras e os leitores podem examinar a verdade por si mesmos.

Nada ha tão explicito; e infelizmente a consequencia do que deixamos escripto é que o estado da Arcadia era até certo ponto lastimavel. A critica havia sido o ponio da discordia, e foi ella tal que, para não ficar deserto o Monte Menalo, tornou-se indispensavel reformar os estatutos. Livres os arcades do que tanto os atemorizava e indispozera, principiaram a escrever á solta, a chamar ode ao idyllo, idyllo á satyra, satyra ao dithyrambo, e, o que era mais escandaloso, a usar de palavras empoladas, de conceitos estudados, de frequentes antitheses, de metaphoras exorbitantes e de hyperboles sem modo, seguindo portanto o estylo que pretendiam reformar, e pervertendo os fins para que se instituiria a Arcadia, acrescendo a isto que, entregues a uma vergonhosa indifferença, deixavam passar os dias como se não tivessem de dar conta ao publico do tempo que consummiam inutilmente. Para pôr cobro a tamanha decadencia, Garção propunha que de novo se sujeitassam á critica, que se dedicassem a explicar as regras mais difficeis da poesia e da rhetorica, de sorte que cada um pudesse conceber uma clara idéa d'estas faculdades e seguir uma uniforme doutrina, deixando em mais descanso as musas, para estas restaurarem as forças cansadas de tão continuas tarefas e apparecerem depois mais válidas e graciosas, isto é, que tratassem de se instruir primeiro e depois escrevessem.

Eis ao que chegára em pouco mais de dois annos a auspiciosa criação de Diniz.

E que fazia entretanto o nosso poeta? Abandonava a sociedade de que fôra o principal fundador? Insubordinava-se, como tantos dos seus consocios, contra os estatutos por elle mesmo feitos? Fugia aos rigores necessarios da critica, objecto de tamanho terror e de tão prejudicial discordia entre os pastores do Menalo? Gastava as sessões em descabido apparatus, sem proveito das letras portuguezas que se pretendia rehabilitar? Forrava-se ao trabalho inherente á satisfação dos seus encargos academicos, deixando-se adormecer nos commodos

¹ *Obras poeticas de Garção*, pag. 353.

braços da indolencia e da ociosidade, como Garção censurava a tantos outros? Não: Diniz consagrava muito amor á instituição, filha do seu enthusiasmo litterario e patriotico, para que assistisse indifferente aos infortunios que a affligiam, e era muito amigo de cumprir os seus deveres para se esquecer dos que contrahira, quando fundou esta sociedade e se alistou entre os seus membros. Ao contrario de muitos, os seus cuidados voltavam-se frequentemente para a Arcadia, e em vez de lhe estorvar o adiantamento, vêmol-o procurando ajudal-a por todos os modos ao seu alcance, já guiando-a com a sua prudencia e saber, já tratando de varias questões, como por exemplo: do emprego da mythologia e do estylo bucolico, já recitando nas suas conferencias muitas poesias, e já finalmente lamentando as suas discordias, como nos seguintes sonetos:

Bosques da Arcadia, bosques venturosos,
Em que algum dia as musas habitavam,
Onde estão vossos cysnes que cantavam
Inda mais que os do Meandro harmoniosos?

Onde os altos loireiros que viçosos
Aqui tão doces sombras derramavam,
E ás estrellas as pontas levantavam
Muito mais que os do Pindo gloriosos?

Ah! que da vil discordia o violento
Braço nos decepou quando o perigo
Menos temeis do contrario vento!

Monstro infame e cruel, monstro inimigo,
Quem viverá de teu furor isento,
Se até em pobres choças tens abrigo?

Que é isto, ó vates, que execravel furia,
Que horrivel monstro no Erebo nascido,
Batendo as negras fachas, accendido
Vos tem nos sabios peitos tanta furia?

Deixae as iras vans, deixae a incuria
Com que entraes no combate aborrecido,
Sem ver que o vencedor e que o vencido
N'elle se cobrem de immortal injuria.

Se no Pindo gravar vossa memoria
Cantando pretendeis, em melhor metro
Podereis alcançar eterna gloria.

De Archiloco soltae o infame plectro,
Do grande rei cantae a grande historia
E as virtudes que lh'ornam o aureo sceptro¹.

Nas proprias obras do nosso poeta está a prova de quanto elle serviu a Arcadia com os seus escriptos; e, não passando de 1759, em cujos fins se reti-

¹ *Poemas de Diniz*, vol. 1, soneto 6 da 2.^a centuria e 21 da 3.^a

rou de Lisboa para Castello de Vide, de 1759, que é o proprio anno do segundo discurso de Garção, achamos que foram as seguintes as composições que elle recitou diante dos seus consocios: na primeira conferencia (19 de julho de 1757) um idylio dirigido aos arcades que começa: Pastores que habitaes as frescas margens ¹; na de 22 de julho tres sonetos ²; na de 26 de agosto o idylio piscatorio *Tresea* ³; na de 30 de setembro a ecloga *Auliza* ⁴, e uma dissertação sobre o estylo das eclogas ⁵; na de 29 de outubro uma ode a Sebastião José de Carvalho e Mello ⁶, e a segunda parte da dita dissertação; na de 8 de dezembro, conferencia publica, uma ode á Immaculada Conção de Maria Santissima ⁷; e uma oração ao mesmo assumpto ⁸; na de 28 de dezembro uma ecloga para celebrar o Natal, em que collaborou Esteves Negrão ⁹; na de 31 de janeiro de 1758 um dithyrambo ¹⁰; na de 30 de março o Propempticon (entende-se Idilion ou Odarion ao conde da Ega indo por vice-rei para a India ¹¹; na de 28 de abril uma ecloga ¹²; na de 30 de junho uma ode aos annos d'el-rei ¹³, e o idylio piscatorio *Cymothea* ¹⁴; na de 31 de julho a ecloga *Elpino e Tirse*, em que a parte de Tirse é de Gomes de Carvalho e encerra uma allegoria á tragedia *O Cesar*, d'este auctor, representada n'aquelle anno ¹⁵; na de 30 de setembro uma ecloga, em que são interlocutores Tirse e Elpino, e em que a parte do primeiro é do mesmo Gomes de Carvalho ¹⁶; na de 14 de março de 1759, conferencia publica, celebrada no Real Hospicio das Necessidades, pelas melhoras d'el-rei, depois do attentado contra a sua pessoa, uma ecloga ¹⁷ e uma ode ¹⁸; na de 31 de maio um dithyrambo ¹⁹; na de 30 de junho uma dissertação sobre o uso da mythologia na poesia christã em resposta a Garção ²⁰; e na de outubro, conferencia publica na Sala da Junta do Commercio pela elevação de Sebastião José de Carvalho e Mello a conde de Oeiras, uma ecloga em que teve por collaboradores Gomes de Carvalho, Alves da Costa e Gomes d'Aguiar ²¹, e uma ode ²². Recitou ainda o nosso poeta: uma resposta ás censuras de Garção a uma sua poesia ²³, e, segundo parece dar a entender Trigoso na memoria

¹ *Poesias de Diniz*, vol. II, p. 27.

² Obras autographas de Diniz.

³ *Poesias de Diniz*, vol. II, p. 89.

⁴ *Idem*, vol. II, pag. 77.

⁵ *Idem*, vol. II, pag. 3.

⁶ *Idem*, vol. III, pag. 226.

⁷ *Idem*, vol. III, pag. 214.

⁸ Obras autographas de Diniz.

⁹ *Poesias de Diniz*, vol. II, pag. 62.

¹⁰ *Idem*, vol. III, pag. 22.

¹¹ *Idem*, vol. IV, pag. 40.

¹² Obras autographas de Diniz.

¹³ *Poesias de Diniz*, vol. V, pag. 1.

¹⁴ *Idem*, vol. II, pag. 113.

¹⁵ *Idem*, vol. II, pag. 122.

¹⁶ *Idem*, vol. II, pag. 175.

¹⁷ *Idem*, vol. II, pag. 135.

¹⁸ *Idem*, vol. V, pag. 20.

¹⁹ *Idem*, vol. III, pag. 5.

²⁰ Obras autographas de Diniz.

²¹ *Poesias de Diniz*, vol. II, pag. 197.

²² *Idem*, vol. V, pag. 84.

²³ Obras autographas de Diniz.

sobre a Arcadia, uma outra dissertação acerca do uso da mythologia, pois das suas palavras se collige que Diniz teve de combater n'esta questão tanto Garção como José Caetano de Mesquita. Os manuscriptos d'estas duas dissertações existiam, conforme assevera o mesmo, em poder do conego Manuel de Figueiredo, de Coimbra. É isto o que nós conhecemos tanto impresso, como inedito; outras composições, porém, recitaria o poeta n'este tempo que não chegaram á nossa noticia.

Descontando pois essa falta e a de sessões que tantas vezes se deu, como já nos revelou Garção, e além d'isso attendendo ao caracter serio e trabalhador de Diniz e ao testemunho constante dos seus contemporaneos a favor dos serviços que prestou á Arcadia, deve elle continuar a merecer os encomios que por esse motivo lhe são prodigalisados, e não só ficar illibado das censuras contidas nas palavras de Garção, mas tambem ser considerado um dos seus maiores e mais proveitosos esteios n'esta época e mesmo depois, como adiante veremos.

IV

**Diniz é despachado juiz de fóra de Castello de Vide—Volta a Lisboa—
Sua influencia na restauração da Arcadia—Intrigas e progressos
d'esta sociedade durante a ausencia do poeta—Se o marquez de
Pombal protegeu a Arcadia.**

Entretanto a 5 de dezembro de 1759, era Diniz nomeado juiz de fóra de Castello de Vide¹, logar que começou a servir em 2 de fevereiro do anno seguinte². No anno de 1759 esteve o poeta doente de sezões, pelo que lhe escreveram um dithyrambo Gomes de Carvalho e Alves da Costa, ao qual elle respondeu com outro pintando as alternativas de tal enfermidade, entre risos e queixas, aos seus distantes amigos³. Não sabemos no meio da obscuridade que cerca esta e outras épocas da sua vida, se tal circumstancia influiria na demora que houve em tomar posse do cargo para que fora despachado.

Bastante custoso devia ser para o seu talento e para os seus habitos deixar a córte pela provincia, a sociedade pelo isolamento, e principalmente ver-se longe da sua Arcadia e dos seus companheiros e admiradores litterarios, mas

¹ Archivo Nacional. Chancellaria de D. José, liv. 68, fol. 390 v.

² Idem, Mercês de D. Maria I, liv. 21, fol. 55 v.

³ É o quarto nas suas *Poesias*.

cumpria seguir a carreira que encetára, e fazer por tomar na sociedade a posição a que lhe dava direito o seu merecimento.

Posto que pouco se conheça da sua existencia em Castello de Vide, como dissemos, pôde-se comtudo affirmar que n'esta occasião se realisou mais uma vez a sentença tão preconizada de Ferreira:

Não fazem damno as musas aos doutores.

Por falta de indicação de datas nas suas poesias não nos é licito estremar n'ellas quaes as d'esta e d'outras épocas. Entre os versos que ali compoz só podemos enumerar com certeza o soneto ao dia 6 de junho de 1760, dia dos annos de Sua Magestade e da celebração das nupcias da princeza do Brazil com o infante D. Pedro, que vem nas suas obras.

Em 19 de dezembro de 1763, obteve o poeta licença para estar ausente de Castello de Vide por espaço de dois mezes¹, sendo de crer viesse a Lisboa; na sessão da Arcadia de 13 de maio e na de 19 de junho de 1764, celebrada em casa do principal Lazaro Leitão Aranha, recitou ou fez recitar, pois ignoramos se estava ou não na côrte, o idyllo *Amphriso*² e um idyllo pharmaceutico³, e nos fins d'este anno já havia deixado o seu emprego, pois a 15 de dezembro se lhe mandava tirar a competente residencia⁴.

Tornou pois Diniz a vér a sua Arcadia, e o seu contentamento e enthusiasmo transpiram nos seguintes versos, compostos n'essa occasião, que bem nos retratam os seus sentimentos.

Salve, montes da Arcadia, onde cantando
As castas musas tem tão firme asylo,
Que em vão o tempo para destruil-o
Dos annos o furor está chamando.

Salve, doces pastores, que formando
Á virtude em sublime e puro estylo
Novos hymnos, fazeis que para ouvil-o
As aguas vá detendo o Alfeo brando.

Ó terra venturosa, quão contente
Torno a vér-vos depois de tantos annos
Que a fortuna de vós me trouxe ausente!

Aqui em santa paz os vãos enganos
Da calumnia não teme o innocente,
A purpura despreza dos tyrannos⁵.

Foi n'este tempo que se realisou a restauração da Arcadia? Se foi, coube ainda ao nosso poeta a gloria de dar vida pela segunda vez, a esta sociedade que já tanto lhe devia, e de que elle bem mostrou não se haver esquecidó em quatro annos de ausencia. Se não, veiu, ao menos, reanimal-a com a sua presença e brilhar com luz benefica no meio das discordias que a assombravam.

¹ Archivo Nacional, Chancellaria de D. José, liv. 5, fol. 175 v.

² *Poesias* de Diniz, vol. II, pag. 221.

³ *Idem*, vol. II, pag. 232.

⁴ *Idem*. Archivo Nacional, Residencias. Maço 598.

⁵ *Idem*, vol. I, pag. 235

Assim o dá a entender Trigo e assim o mostra o suave Quita no seguinte soneto :

São estes os loireiros gloriosos,
Que do Alfeo banha o pranto cristalino,
É este Coridon, aquelle Elpino,
Bosques da Arcadia, bosques venturosos.

Ó petulantes faunos invejosos,
Fugi, fugi do Menalo divino;
Já do deus semi-capro o verso dino
Retumba n'estes valles delectuosos.

E já de novo a santa paz respira
Que a discordia roubou, soltando o freio
Á venenosa, á implacavel ira. ¹

Mas aos bosques da Arcadia Elpino veio,
Soou de Coridon a doce lyra,
Fugiu, não apparece o monstro feio. ²

Pelo que se vê d'este soneto, Garção ajudou o amigo no seu louvavel proposito, como era de esperar, pois, conforme diz Quita, os sons da sua lyra e a presença de Elpino é que obrigaram a fugir o monstro da discordia dos bosques do Menalo, e a este facto é dedicada uma das suas mais bellas odes. Ali o poeta, comparando a Arcadia a um galeão que deixa a praia, rompe n'estes versos:

Soberbo galeão que o porto largas,
Aonde o ferro dente presa tinha
A cortadora prôa, que rasgava
De um novo mar as ondas;

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos que no Tejo surgem;
Já ferve a brava chusma e se levanta
A nautica celeuma.

Os maus agouros e os perigos de que espera sahirá triumphante a sociedade são figuradamente annunciados nas estrophes :

Não temas as inhospitas areias
De infames costas, de Hyberboreos campos;
Pelas Cyclades, Bosphoros e Syrtes
Has de romper constante.

Se as Alcioneas aves levantarem
Em seu queixoso pranto triste agouro,
Não te assustes da nuvem carregada,
Que os mares escurece.

Grasnando negras galhas enfiadas
Sobre os topos verás buscar a terra,
E logo o ceo negar-te a escura noite
Da feia tempestade.

Mas não receis os fuzis vermelhos,
O ruidoso trovão que pelas aguas
Em successivos brados estalando,
No fundo do mar sóa.

¹ Parece que deve ser, venenosa, e não venturosa como anda impresso.

Obras de Quita, pag. 220.

Temendo porém que a inercia frustre as suas esperanças, conclue por este modo:

Não tornes a surgir em manso porto
Que Lethes seja o teu famoso nome,
Que os peitos amolece mais briosos,
Que ao somno te convida.

Não se nutre virtude do descanso,
Arduas emprezas, rispídos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume;

O claro lume que apagar não pôdem
Nem descarnada mão da triste inveja
Nem a fouce cruel do voraz tempo;
Não chega a tanto a morte.

Qual tinha sido a existencia da Arcadia durante a ausencia de Diniz? Será ainda Garção que nos diga alguma coisa e este respeito, se a sua oração transcripta em grande parte no *Curso de Litteratura Portugueza*, dos senhores Andrade Ferreira e Camillo Castello Branco, e a do mesmo poeta que sem data vem no fim das suas obras, pôdem ser attribuidas, conforme julgamos, a este periodo. A oração, que já examinámos n'outro capitulo, faz considerações sobre toda a existencia da Arcadia desde o seu principio, até o anno em que foi pronunciada, isto é até 1759; mas não apresenta nem vestigios dos pontos importantes de que tratam as duas orações que vamos aproveitar, pelo que nos parecem posteriores ao dito anno.

•Tinhamos (diz Garção) quando florescia a Arcadia maior abundancia de cabedaes que facilitasse a subsistencia de tão numerosa companhia?... Aquella inestimavel harmonia desvaneceu-se; nós mesmos (com quanta vergonha o confesso!) nós mesmos a alterámos, a prostituimos e finalmente a relegámos! E por que causa?... Julgámos que entre montes não cabia a nossa fama, quizemos expol-a a maior theatro, e Deus, que não podia deixar de proteger nossos desejos emquanto foram sinceros, não tardou em levantar-nos á maior altura de honra e de estimação. Aparecemos aos olhos do publico, agradámos, fomos ouvidos, conheciam-se os nossos nomes, respeitava-se a Arcadia. Então, namorados de tão alta fortuna, nos pareceu mal tornar para um monte e viver em cabanas. Presidir n'uma grande sala, magnificamente decorada, rodeada de ouvintes illustres, sabios e virtuosos, que talvez conversavam nos successos da campanha, emquanto nós fallavamos, ou estavam com o lapis notando palavras que lhes pareceram novas, porque não leram Ferreira, nem as toparam nos sermões do padre Vieira; cantarmos nossos versos ao som de uma orchestra immensa e talvez impropria, isto é que julgámos honra... até que nossas esperanças fatigadas desmaiaram; passámos do fausto para a humildade, do estado para a maior miseria, e cheios de um abatimento, de que só nós eramos auctores, cruzámos os braços e offerecemos os pescocoos, quero dizer: derramou a inveja, a preguiça e a ociosidade sobre nós o seu intoleravel veneno. Estes vicios, com mais ou menos força, tomaram posse de nossos discursos: uns diziam que a Arcadia não podia existir sem patrocínio, como se fosse pouca a tutela de quem é senhora de todo o mundo, astros e céos; outros julgavam que sem renda effectiva não podia conservar-se uma companhia de homens

sabios, porque sem um escrutinio de prata se não deviam eleger arcades; outros que era indispensavel fazer mais sessões publicas, porque este foi o unico objecto da fundação da Arcadia, ainda que tal não lembrou aos fundadores; outros, finalmente, que não podia subsistir uma sociedade sem se effectuar a impressão de suas obras, pois sem este penacho ninguem podia fazer bons versos nem exercitar-se na arte de persuadir; que o publico queria vêr com vagar e com seus proprios olhos nossos defeitos, e que para satisfazeremos tão sincera vontade, deviamos á custa da nossa reputação fazer-lhe este gosto... Se estes ridiculos pensamentos não achassem aceitação e talvez applauso entre nós, porque passaria tanto tempo sem nos juntarmos? Porque não haveria sessões? Porque esqueceriamos o que promettemos á patria? Envergonhemo-nos senhores da reprehensivel cobardia, de tão culpavel indolencia. Contentemo-nos com o que cabe em nossas forças, que não é pouco vermo-nos livres de credores que talvez imaginassem que não só lhes deviamos a fama, mas até os entendimentos.»

Assim se exprime Garção no primeiro dos citados discursos, a que o segundo que vamos vêr parece ser uma retificação. Este discurso acha-se incompleto; não sabemos porém se o seu auctor o não acabou e portanto não foi recitado, ou se o editor só deu á luz um fragmento, por não encontrar o resto ou por outro motivo. Em todo o caso, exprime as idéas de Garção e aproveitámo-lo.

«Confesso-vos, ó arcades, que foi indiscreto o zelo com que me atrevi a imputar-vos um crime que vós não tinheis commettido, um tão vergonhoso, como seria faltardes á vossa palavra, esquecer-vos da gloria da nação e desprezar os interesses da patria. Estas eram as funestas consequencias que traria comsigo qualquer desunião que se levantasse entre nós, ou se, possuidos de mais atrevidos desejos, desamparássemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno theatro para nossos accelerados progressos. E quando eu via que os arcades desejavam que se não demorassem as sessões, que se não negasse ao publico o gosto de ler os nossos escriptos, quando via crescer o numero dos pastores do Menalo, quando achiava de cada vez maiores e mais extraordinarias bellezas poeticas em vossos versos, quando ouvia orar com eloquencia, com força e com energia, com me atreveria a proferir que a Arcadia estava exposta á menor decadencia? Porventura devia julgar-vos tão cobardes que se podesse esperar de vós que cedesseis aos prognosticos da inveja? Havia quem dissesse que não havia Arcadia, mas havia Arcádia; havia quem dissesse que os arcades emudeceram, mas os arcades não emudeceram; havia quem dissesse que os arcades já se não juntavam no Menalo, mas os arcades juntaram-se no Menalo; finalmente havia quem dissesse que não podiamos tornar a juntar-nos, mas nós quizemos juntar-nos, juntámo-nos, quizemos que houvesse uma sessão, houve uma sessão.

«Deviamos dar ouvidos a quem desejava a nossa ruina, porque não podia ouvir a nossa fama? a quem queria que nos calássemos, porque não pôde fallar como nós fallamos? a quem desapprovava os nossos versos porque não tinham consoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Theocrito e Bion? a quem estranhava a nossa dicção, porque adoptavamos a de Camões, a de Bernardes e de Ferreira? a quem desapprovava a nobre simplicidade dos nossos pensamentos, porque é escravo de Gongora? a quem finalmente não soffre nossas orações e dissertações, porque não discutimos n'ellas frivolos problemas ou

porque guardamos austeramente as regras da arte de persuadir? É certo que não. É certo que não ha entre nós um espirito tão humilde que podesse sujeitar-se a tão pannicos terrores, e eu temi que acabasse a Arcadia?

«Que importa, que importa que alguns animos malevolos procurassem desatar os estreitos laços de felicissima união e de nossa inalteravel tranquillidade, attribuindo sinistras intenções a nossas criticas e apologias, se nós as recebemos com sereno rosto, se as suscitamos e as queremos?... Que importa que nos apontem para as Scylas, em que naufragaram tantas academias se a nossa dura e durará á sombra da gloriosa paz em que nos conserva o nosso clementissimo soberano?... Que importa que digam que sacrificamos a particulares interesses e domesticas paixões o estudo de tão divinas artes, se nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos gregos, dos latinos e dos portuguezes, se os imitamos, se talvez os egualamos, se algum de vós chega a excedel-os?... Que importa que houvesse quem chorasse com simuladas lagrimas nossa desunião e nosso esquecimento se nós continuamos as sessões?... Que importa que haja quem se atreva com descoberta insolencia a zombar das nossas promessas e das nossas esperanças, se vossos escriptos desempenham com honrada gloria quanto promettestes, e se vosso distincto e illustre merecimento vos fazem dignos da real protecção?»¹

Pelos elogios de certo exaggerados que n'este discurso faz Garção aos trabalhos da Arcadia conclue-se que tinha havido progresso n'elles, mas conclue-se tambem infelizmente que a discordia e a intriga haviam lavrado profundamente no seu seio, levando até o proprio Garção a formar juizos erroneos a respeito dos seus collegas. Ha nas palavras transcriptas referencias a alguém que não podemos determinar. Dirigir-se-hão ellas, principalmente as pechas de gongorismo e de máo gosto, a D. Joaquim Bernardo de Santa Anna, que deixou de pertencer á Arcadia por ser muito aferrado áquelle vicioso modo de escrever ou a Pina e Mello, a que os arcades chamavam o Corvo do Mondego, homem então de grande nome nas letras, posto que mal merecido, e que seguiu nas suas composições um meio termo entre o gongorismo e a escola franceza? Este auctor foi um dos adversarios da Arcadia, poderoso e temido, e pôde muito bem ser que por si ou pelos seus partidarios lhe tramasse inquietações. Trigoso assegura que, pouco antes da época de que tratamos, o marquez de Pombal deu facéis ouvidos ás vozes da calumnia e pretendeu subjugar a Arcadia, tomando por instrumento um dos seus menos distinctos socios, e Innocencio Francisco da Silva adianta: que, se fallam verdade certas memorias antigas escriptas pelos contemporaneos, a José Caetano de Mesquita é que se deveu principalmente o desacordo que em breve começou a tomar corpo entre os membros d'aquella associação e que até o accusam de haver promovido não sei que intrigas, mediante as quaes a sociedade viera a incorrer no desagrado do marquez, resultando d'ahi a perseguição de alguns dos socios.

É este um facto difficil de averiguar. Que o marquez animou com boas palavras a Arcadia durante algum tempo; que foi mesmo duas vezes, pelo menos, ás suas sessões; que os arcades fundavam n'elle muitas esperanças, são pontos que não admittem duvida, mas que a perseguisse, faltam para o determinar solidos fundamentos.

¹ *Obras Poeticas* de Garção, pag. 377.

Uma coisa é de estranhar: não ter pertencido o marquez de Pombal á Arcadia, como pertencera á Academia Real de Historia Portugueza. Similhante facto enfraquece muito, a nosso vêr, o grande interesse que se julga ter elle tomado por aquella sociedade. Lénos, não sabemos onde, que D. José teve entre os arcades o nome de Albano, o mesmo que seu pae D. João v usára na Arcadia de Roma, de que fizera parte e para a qual fundou um palacio á sua propria custa. Não atinamos de que provenha tal asserto; mas se elle fosse verdadeiro, subiria de ponto a nossa admiração, pois nada havia mais natural do que o ministro seguir as pizadas do monarcha, sendo seu membro e honrando-a. Além d'isto, o marquez prezava-se de protector das artes e das letras, do que deixou conhecidas provas e, o que é mais, até versejára nos annos da mocidade, como se collige dos seguintes versos laudatorios de Diniz:

Esta, ainda mancebo, pelas musas
Foi do Permesso á fonte conduzido,
Onde Phebo, de ouvil-o namorado,
Para adornar-lhe a fronte magestosa,
Da cabeça tirou o proprio loiro.

Era pois bem cabido n'uma sociedade de poetas e de poetas com intuitos reformadores e tão nobres. Não ha porém vestigio de elle os ter favorecido com essa demonstração de apreço e os arcades nas diversas composições que lhe dedicaram sempre o tratam pelos seus appellidos de Carvalho ou Mello e nuca por nome pastoril, como era uso entre elles.

Quanto á protecção dispensada por el-rei á Arcadia, não ha prova alguma d'isso, antes, pelo contrario, a affirmativa de que essa sociedade vivêra independente do seu amparo, pelo menos nos primeiros annos, isto é, no periodo mais importante. Manuel de Figueiredo chegou até a declarar diante dos seus proprios consocios que a Arcadia não era digna da protecção regia, que desejava, pela sua desunião, e falta de seriedade e de trabalhos proveitosos¹.

Poderemos portanto crer que houve algum motivo para a abstenção do marquez; que as intrigas e discordias que tanto embaraçaram a carreira da Arcadia talvez concorressem para ella; porém de nenbum modo suppór que elle perseguisse uma sociedade que em nada se tornava perigosa, nem que por effeito de tal perseguição esta viesse a anniquillar-se. As causas da sua morte havia muito que as trazia no proprio seio; eram internas; e, apesar das arden-tes esperanças de Diniz e de Garção, que lhe cobriam de flores o caminho estreito e barrancoso, ella não fazia senão marchar a passos lentos para a sepultura, como adiante veremos.

¹ Bibliotheca Nacional, obras autographas de Manuel de Figueiredo.

V

É Diniz despachado auditor de um regimento de Elvas—Morte de seu irmão—Vida do poeta n'aquella cidade—O bispo e o deão d'Elvas—Questão entre elles—Origem e composição do «Hyssope»—Se o bispo perseguiu Diniz—Anecdota a este respeito.

Despachado Antonio Diniz auditor do segundo regimento da praça d'Elvas nos fins de 1764, mudou a sua residencia para esta cidade, onde suppomos já estava no principio do anno seguinte¹. Acompanhou-o talvez seu irmão Fr. Francisco de Salles, o qual, tendo professado, como vimos, no convento de Jesus de Lisboa, foi depois leitor de theologia e reitor do Collegio de Coimbra. Aconselharam-lhe os facultativos mudança de ares para a molestia de que padecia e naturalmente aproveitou a oportunidade do despacho de Diniz para se transferir a Elvas; mas, a ser verdadeira a data da sua morte apresentada por Innocencio, isto é, 17 de novembro de 1764, deve inferir-se ou que partiu para aquella cidade antes do poeta, ou que este já ali se achava em novembro do mesmo anno. No primeiro caso não teve Diniz a ventura de gozar, ainda que por pouco tempo, a companhia de seu irmão, e no segundo apenas lhe coube a triste consolação de o ver expirar junto de si e de lhe valer nos ultimos momentos. Este Fr. Francisco de Salles, a quem no convento de Jesus chamavam o neto da Medideira, do emprego de sua avó paterna, foi tambem escriptor e deixou impressas as duas seguintes obras: *Applauso Marianno, Triumpho Serafico, Breve relação do solemnissimo culto da collocação da imagem da Senhora do Patrocinio no convento de Nossa Senhora de Jesus, Lisboa 1748* (sahi anonymo) e *Panegyrico Festivo da profissão da madre Soror Maria Rosa da Consolação no mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, junto a Sacavem, Lisboa 1749*. Quando falleceu contava cincoenta annos.

Foram portanto bem tristes os primeiros dias da estada do nosso poeta em Elvas, n'essa cidade, em que residiu tanto tempo e em que compoz o principal florão da sua coroa litteraria, o *Hyssope*. Ahi, segundo o testemunho de uma narração contemporanea², e, como era natural do seu character serio e do seu talento, viveu, por espaço de dez annos, estimado e respeitado geralmente; ahi no exercicio do seu cargo de auditor mereceu do governador da praça Manuel Bernardes de Mello e Castro o elogio de ser um dos mais habéis ministros que n'ella tinha havido, como vemos n'um attestado passado pelo dito governador³,

¹ Archivo Nacional, Desembargo do Paço, Alemtejo, maço 598.

² Notas manuscriptas pertencentes ao sr. dr. Philippe Simões.

³ Archivo Nacional, Desembargo do Paço, Corte, Extremadura e Ilhas, Parte 1.ª, maço 1616. n.º 177.



D. Lourenço de Lencastre, bispo de Elvas

e, ainda mais, de se ter distinguido n'aquella cidade pela sua litteratura, estylo este, insolito em peças officiaes, que são por via de regra grossa chata e ruim. Esta excepção prova talvez ou que o governador amava ou cultivava as letras ou que o nome de Diniz e o seu merecimento litterario eram coisas tão inseparaveis e tão conhecidas que não se podia mencionar uma sem a outra.

Passava Diniz o seu tempo socegradamente na companhia de alguns amigos, dos quaes o principal era José da Silveira Falcato, que tambem seguia com honra os logares da magistratura. A casa que frequentava com mais assiduidade era a d'este, onde se encontrava com diversas pessoas, que muito se apraziam ouvindo a sua util conversa. Liberal da instrucção que havia enthesoiado e que la todos os dias augmentando no continuo manusear dos livros, o nosso poeta sabia mistural-a com ditos engraçados e historias frisantes, que a tornavam amena e faziam com que insensivel e agradavelmente entrasse clara no espirito de todos, e a isto juntava a modestia, o maior realce do merecimento, e a tal ponto que não só não fallava dos seus versos, mas nem mesmo gostava que os outros o fizessem. Ás vezes alguma caçada ou pescaria entretinham-lhe a vida da provincia, posto que supponhamos que não tomava parte n'esses divertimentos senão como espectador, pois não se coaduna com elles a indole generosa e compassiva dos suaves amigos das musas, posto que se conheçam n'esta regra algumas excepções bem frisantes.

Pastoreava então o bispado de Elvas D. Lourenço de Lencastre. Nascera este prelado a 10 de junho de 1716 e era filho de D. Rodrigo de Lencastre e de D. Izabel de Castro e Sá, viuva de Luiz Francisco Corrêa de Lacerda, senhor do morgado do Rato, e sexto neto por varonia do filho bastardo de D. João II, D. Jorge, duque de Coimbra e mestre da ordem de S. Thiago. Fez actos grandes na universidade e, segundo a *Historia Genealogica da Casa Real*, com aproveitamento; mas o auctor do manuscripto contemporaneo por nós já citado, assevéra, pelo que ouvira a diversas pessoas das relações do bispo, que este era bastante falto de instrucção. Foi nomeado bispo de Elvas, sendo monsenhor da Patriarchal de Lisboa.

Occupava ao mesmo tempo o deado da sé de Elvas José Carlos de Lara, natural de Lisboa, filho de Feliciano Nogueira de Lara, natural de Serpa, e de Maria Antonia Felgueiras, natural de Lisboa; e cunhado de Francisco do Rego e Mattos, porteiro da camara da rainha D. Marianna Victoria, esposa d'el-rei D. José. Estando em Roma, onde residia havia dezescis annos, vagou o deado d'aquella sé, por morte do deão o inquisidor doutor Manuel Varejão de Tavora, victima do terremoto de Lisboa de 1753. Obteve Lara o dito logar, por influencia de seu cunhado, por bulla de Benedicto XIV de 31 de maio de 1756, a qual estabelecia que *intra annum* se ordenasse de todas as ordens sacras e de presbytero, pois só tinha as menores, e recebesse gráo de mestre em theologia ou de doutor ou de licenciado em direito canonico por exame rigoroso em alguma universidade publica e approvada. Não sabemos como o ignorante Lara havia de cumprir estas condições, mas a criminosa indulgencia e o insolente patronato seriam capazes de operar taes e maiores milagres, como por ahí estamos vendo hoje a cada passo. Foi collado no deado em 23 de janeiro de 1757, sendo bispo de Elvas D. Balthazar de Faria Villas-Boas, e tomou posse do logar em 29 de janeiro do mesmo anno. Tinha quarenta e seis annos quando foi provido, e era abbade da igreja parochial de S. Pedro de Gondavim, no arcebisnado de

Braga, beneficiado da igreja de Santa Maria de Portimão, no bispado do Algarve, e beneficiado na igreja de S. Thiago de Obidos, no patriarchado de Lisboa.

Entre estes dois personagens tão notaveis ambos na hierarchia ecclesiastica é que se deu, como todos sabem, a ridicula questão de igreja, celebre hoje e no futuro, graças á penna do nosso poeta.

Quando D. Lourenço de Lencastre tomou posse do bispado de Elvas havia já tempo que José Carlos de Lara se achava occupando o seu cargo de presidente do cabido da mesma sé, e ao principio as coisas correram á maravilha entre os dois. Eram ambos dotados de boas qualidades, criados em sociedade escollida, de trato fino, e, em quanto a discordia os não inimizasse, deviam dar-se perfeitamente; mas para isso pouco bastaria, sendo o bispo muito sensivel e melindroso na sua pessoa e nas regalias da sua auctoridade, já realçada pela prosapia illustre de que provinha, e o deão orgulhoso e cerimoniaico. Quanto á instrucção, o primeiro, como vimos, parece que possuia poucas letras; o segundo nenhuma.

Essa discordia não tardou a rebentar.

Costumava o prelado, para mais commodidade sua, servir-se, quando ia á sé particularmente, de uma porta de escada que de pouco se abria, e que ficava tão longe da igreja, que estava fóra do adro e do sagrado d'ella. O deão, por obsequial-o, chegou a levar a sua condescendencia nos primeiros tempos ao ponto de o ir esperar á dita porta, ao meio da rua, com outro conégo, para lhe offerecer o hyssope. Imaginem quanto este acto de respeitosa ou antes de servil deferencia agradaria ao magnifico e presumpçoso prelado. Chegou porém o anno 1768, anno marcado com pedra negra nos annaes da sacristia da sé de Elvas, e as coisas mudaram completamente. N'este fatalissimo anno-a desunião tinha-se estabelecido entre elles, para o que contribuiu bastante, segundo Lara escrevia a Fr. Manuel do Cenaculo, em carta de 22 de julho do mesmo anno, um religioso da ordem do Carmo chamado Fr. Caetano Roquete, reitor do seminario episcopal, o qual, não contente de trazer sempre enredada a sua religião, levára a discordia e a intriga á igreja de Elvas, formando com outros ecclesiasticos, de indole semelhante á sua, uma parcialidade que muito influia no animo do prelado, e que era causa de numerosas arbitrariedades e vexames. Uma das victimas d'essa parcialidade foi o pobre Lara. Tinha o bispo mandado ao cabido certas determinações sobre o modo de dar a posse aos conegos que fossem providos, e criminou o deão por esta sua ordem não se haver lançado nos livros dos acordãos, e isto injustamente, por não ter sido communicada por escripto. Em seguida mandou uma carta ao cabido para que comparecessem ante elle dois capitulares, mas que nenhum fosse o deão, o que era um insulto manifesto praticado contra este, sendo aliás presidente do cabido. O objecto da conferencia entre o bispo e os dois capitulares foi ainda o não ter sido registrada a sua ordem vocal, mas que aquelle dizia haver dado por escripto, posto que todos o negassem. Note-se que a ordem fóra executada, provindo este excesso em que elle rompeu de uma conezia que tinha dado a um seu criado com tal ou qual justiça.

Este injurioso procedimento do prelado mortificou muito o pobre Lara, que aborrecia similhantes enredos e os receiava, e obrigou-o a evitar toda a communicação possivel com elle em quanto durasse o governo do turbulento Fr. Caetano Roquete, cujas insolencias eram continuas, e que se apontava como o

perturbador principal da paz que antes reinava na sé de Elvas, paz que só voltaria quando este elemento perenne de intrigas se retirasse para o seu convento. A estes pensamentos, que na dita carta ao illustre Cenaculo, de 22 de julho de 1768, o injuriado expressava em má redacção e pessima orthographia, acrescentava o pedido para ser nomeado capellão do principe, continuando a cobrar a renda do deado sem mais interesse algum, como, suggeria elle, se praticava em Hespanha e Roma, e ficando assim livre de futuras complicações. Do justo resentimento do Lara nasceu, como vimos, o evitar toda a comunicação com o prelado, e d'ahi a cessação do obsequio, que lhe fizera tanto tempo, de lhe ir offerecer o hyssope á porta nova.

Esta falta foi reputada como um insulto, e o cabido, tomando o partido do bispo e influido por elle, lavrou um acordão em 23 de dezembro do dito anno para obrigar o deão a continuar no obsequio costumado. Protestou este, mas o cabido, depois de lhe aceitar o protesto, lavrou outro acordão para que cumprisse o primeiro, em quanto não mostrasse sentença em contrario, sob pena de não ser contado no dia em que faltasse, não estando legitimamente impedido. Dirigiu o Lara um requerimento ao bispo, allegando as suas razões contra o acordão, mas foi-lhe indeferido, como era de esperar. Vendo baldado este recurso, appellou para o metropolitano de Evora, e tambem ali viu inuteis os seus esforços. Todos estes dados são extrahidos da carta que o Lara escreveu a Cenaculo em 19 de maio de 1769. N'ella affirmava o seu respeito ás constituições e leis do bispado; protestava contra a nova obrigação que lhe queriam impor e aos deões futuros, e mostrava que não podia ser obrigado, e muito menos por um acordão do cabido, a fazer o que não estava determinado, isto é: a ir receber o bispo e offerecer-lhe o hyssope quando este se dirigia particularmente á sé pela porta travessa, assegurando que nunca duvidára nem duvidaria render-lhe tal preito quando fosse pela porta da igreja, como era de lei e uso. Terminava rogando a Cenaculo que interpozesse a sua influencia com o conde de Oeiras para que Sua Magestade mandasse tirar por algum dos seus ministros uma exacta informação do acontecido, em vista da qual fosse castigado quem justamente o merecesse, e expressando o grande desejo que tinha de deixar o seu logar que lhe causava tantas inquietações, pelo que se sujeitava a passar de deão a arcepreste, se podesse obter um dos dois arceprestados vagos na sé do Porto: assim livrar-se-lia d'ellas e de algumas violencias da parte de seus contrarios, violencias que já tinham exemplo na historia da mesma sé, e de que fôra victima o seu proprio antecessor espancado brutalmente por um conego na sacristia.

As alterações e intrigas da igreja de Elvas já de si deviam dar que fallar n'uma cidade pequena, porém este caso entre as duas principaes dignidades ecclesiasticas era tão ridiculo que venceu e fez esquecer por algum tempo as outras questões embora serias, como de certo seriam algumas. O maior quinhão dos motejos e zombarias coube ao prelado e com justiça; formaram-se dois partidos, cada um a favor de uma das partes; cada um d'estes partidos commentava a seu sabor as particularidades de um tão caricato incidente, e mesmo entre as pessoas imparciaes e sensatas não podia deixar de cair sobre elle a conversa de vez em quando. Era este ultimo caso o que se dava em casa de Falcato, onde, como vimos, tanto concorria Diniz e onde elle era, por assim dizer, a alma da sociedade.

Entretanto, aquelles acontecimentos tão fataes para o pobre Lara tinham influido de tal maneira no seu espirito, debil por natureza, que adoecera e calra de cama com crescimentos, de que já padecia antes de 19 de maio, data da carta citada, e quatro mezes depois, a 14 de setembro, deixava de existir. A molestia presumia elle que nascera do grande desgosto por que passára, e, sendo assim, a morte, que foi a sua consequencia, procederia da mesma origem.

Suceddeu-lhe no deado seu sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos, em que o tio resignára, o qual foi apresentado n'esta dignidade por mercê e graça do bispo de Elvas em 26 de novembro de 1769. Foi collado por procuração datada de Lisboa a 12 de março de 1770.

Renovou o cabido com elle as exigencias que fizera ao seu antecessor, mas Alberto de Mattos recusou-se a satisfazel-as; do que resultou ser reprehendido e multado. Não perdeu elle o animo com esses rigores, e mais forte e mais bem aconselhado que o Lara (suspeitam alguns que pelo proprio Diniz), recorreu á coroa, sendo o seu requerimento remetido ao juiz de fóra de Elvas para informar do acontecido, depois de ouvidas as partes. Recciosos o bispo e os seus parciaes do resultado da causa, vendo-a seguir este camiuho, tomaram uma resolução digna d'ella e d'elles: riscaram do livro os acordãos e negaram tudo que succedera.

Este desfecho inesperado produziu necessariamente dois effeitos bem contrarios em todas as pessoas que não estavam cegas pelo partido do prelado: a indignação e a hilaridade. D. Lourenço de Lencastre e o seu cabido cobriram-se do maior ridiculo, e o seu adversario victorioso e os seus inimigos e os que não seguiam nem uma nem outra parcialidade tiveram ensejo de desabafar contra os vencidos as suas zombarias e apodos.

Na noite do mesmo dia em que o acto final d'esta comedia se representára, foi o deão a casa de Falcato e ahi contou e commentou o caso com grande prazer das pessoas que n'ella se achavam. Era uma d'estas Diniz, o qual apoiava os cotovelos sobre uma meza e resguardava os olhos com as mãos, pois padecia de uma ophthalmia e tornava-se-lhe por isso impossivel soffrer a intensidade da luz. Ouviu elle a narração guardando o mais profundo silencio, mas apenas Alberto de Mattos a acabou, com o imprevisto e escandaloso desfecho que o bispo e o cabido deram á causa, pronunciou os tres seguintes versos n'aquelle momento improvisados :

Do livro mandará riscar as multas,
Negará tel-as feito e negaria,
Se necessario fosse, o mesmo Christo.

Imagine-se a sensação que elles produziriam. Falcato escreveu-os logo, e n'essa noite e nas seguintes foram muito repetidos e festejados. N'uma d'estas ultimas, Diniz, achando-se na mesma sociedade, improvisou mais dois versos:

Eu canto o bispo e a espantosa guerra
Que o byssope excitou na egruja d'Elvas.

os quaes o dono da casa tambem logo escreveu para que se não perdessem. Estava lançado o fundamento do *Hyssope*. Depois de alguns dias, indo o poeta visitar Falcato e achiando-o só, disse-lhe: «meu amigo, temos obra; lê os versos que escreveste;» e tendo-os este lido: «agora escreve o que eu te passo a dictar,» accrescentou Diniz, e dictou-lhe os primeiros cem versos. O resto foi feito com

algumas interpolações no curto espaço de dezeseite dias e escripto por Falcato. Eis como narra o auctor do manuscripto contemporaneo o modo porque foi composta a obra que mais havia de concorrer para dar ao nosso Diniz a immortalidade.

A epocha da composição do *Hyssope* deve-se pois collocar dos meiaodos ou quasi fins de 1770 a 1772. Em 12 de março de 1770, como vimos, Alberto de Mattos, passava procuração para ser collado, e a contenda com o bispo e cabido havia de ter logar logo nos primeiros tempos; além d'isso, Diniz ausentou-se de Elvas no principio de 1775, e o manuscripto a que já alludimos diz que este ultimo factó aconteceu alguns annos depois da feitura do poema.

Bastante se desgostaria o bispo sabendo que o seu nome e aquella peripécia comica da sua vida tinham sido postos em relêvo por penna tão abalisada e que elle seria o alvo dos motejos das gerações futuras. Talvez a altitude da sua dignidade, a basofia da sua regia ascendencia, as adulações dos seus dependentes e as suas apoucadas letras lhe escurecessem a importancia da obra de Diniz; talvez mesmo das eminencias em que estava collocado olhasse com certo desprezo para o auctor e para o escripto. Os seguintes versos de Diniz referir-se-hão a D. Lourenço de Lencastre? Se não lhe dizem respeito, quadram-lhe, pelo menos, muito bem. A censura ali feita ao nosso auctor, de poeta e de ocioso, não podia partir senão de um homem ignorante e fatuo, e D. Lourenço estava n'esse caso. Se lhe dizem respeito, foram compostos antes do *Hyssope* ou depois? Na primeira d'estas supposições influiu alguma cousa a censura do prelado para a origem do poema? Nada podemos affirmar. Os versos formam parte de uma epistola dirigida ao padre Manuel de Macedo.

Então com rosto inteiro e socegado
 Oíço que o vão Alcandro, porque cinge
 Na calva fronte a respeitavel mitra,
 De poeta me nota e de ocioso,
 Enquanto nas pomposas assembleas,
 Entre tortas brilhantes serpentinas
 Jogando o whist passa a noite inteira.
 Mas a morte voraz que a longos passos,
 Alçada a curva foice, o vae seguindo
 Vingará sem piedade o grande insulto,
 Feito em mim, feito em ti ás santas musas.
 Vibrando o fero, inevitavel golpe,
 Seu nome lançará no horror do Lethes, etc.

O que em todo o caso se assegura é que o *Hyssope* e as intrigas em que D. Lourenço se metteu com o general visconde da Lourinhã, o qual, por ser mais valldo e poderoso, o tratou muito mal, fazendo-lhe quantas desattensões podia publica e notoriamente, o rebaixaram muito no conceito geral, ao que se ajuntou o desgosto de ser chamado á córte para se lhe estranhar a sua presença n'um banquete, onde se satyrisaram as acções e vida do marechal de Lippe. Este prelado foi transferido em 1780 para o bispado de Leiria, e ali morreu em 1788. Jaz na sé da mesma cidade.

Ha quem diga que o nosso poeta foi perseguido pelo insultado bispo. Rebello da Silva, n'um estudo que publicou no *Panorama* sobre as suas obras, conta que o prelado se fôra queixar ao marquez de Pombal; que o poderoso ministro mandára ir á sua presença Diniz e que ali lhe fizera ler ante o proprio

D. Lourenço de Lencastre o *Hyssope*, deleitando-se espirituosamente com as torturas porque fez passar o prelado ao ver-se estender n'aquelle novo leito de Procusto; e que, conservando até ao fim o character que assumira n'aquella comedia, se virára, concluida a leitura, para o auctor, ao principio receioso e depois confiado por conhecer os intuitos do marquez, e lhe dissera com tom severo que nunca mais voltaria a Elvas; do que o bispo ficou satisfeito, julgando que em castigo o demittia do emprego que n'aquella cidade exercitava, mas o que era uma verdadeira recompensa, em vez de castigo, pois foi despachado desembargador da relação do Rio de Janeiro. Este facto, além de ser inverosímil, não se encontra em parte alguma ¹. Assegura-se ao contrario que D. Lourenço nunca se procurou vingar dos versos de Diniz, a quem poderia fazer damno por si e pelos muitos parentes que coulava entre a primeira grandeza do reino. Quanto ao marquez de Pombal só consta que vendo o poema nas mãos de seu filho, o qual obtivera uma copia do proprio Diniz por intercessão de um amigo, elogiára muito ao poeta a sua obra, quando este lhe foi agradecer o seu despacho de desembargador da relação do Rio de Janeiro.

VI

Volta Diniz a Lisboa — Procura ainda reanimar a Arcadia — Últimas sessões d'esta sociedade — Juizo a seu respeito — Seus serviços — Diniz e Garção os seus principaes esteios — Seus socios — Amizade dos dois poetas.

N'este meio tempo Diniz voltou á capital. Ahi o encontramos em 1774. Quando n'essa occasião se demorou em Lisboa consta que foi hospede do seu collega e amigo Theotonio Gomes de Carvalho.

Na sua ausencia a Arcadia tinha continuado a decair e podia-se considerar moribunda. A restauração d'esta sociedade feita pela sua influencia de pouco servira, e á enfermidade constante, que a flagellava e ameaçava de morte, havia muito tempo, tinham-se reunido outras causas que não menos deviam contribuir para a sua extincção. Este periodo de dez annos, longo em vista da curta existencia d'esta sociedade, foi uma aturada agonia. Entre as causas de que fallámos cabe de certo n'um dos primeiros logares a estada do nosso poeta em Elvas durante todo esse tempo. Temos visto o interesse que lhe merecia a Arcadia: como a creára, como a auxiliára com os seus conselhos e escriptos, e como a restaurára ou ao menos animára com a sua volta de Castello de Vide; não podia portanto deixar de ser fatal para ella a perda de tão vá-

¹ Fôrma esta anecdota o objecto de uma das illustrações da presente edição.

lido esteio. A morte pela sua parte secundára poderosamente a obra de destruição dos homens, e roubára tres dos seus melhores membros: Garção, Quita e Candido Lusitano, o primeiro em 1772, o segundo em 1770 e o terceiro em 1773, além de José Gonçalves de Moraes, fallecido anteriormente a 1764.

Vindo a Lisboa e presenciando com seus proprios olhos o abandono e as ruinas a que estava reduzida a Arcadia, Diniz, segundo Trigoso, procurou ainda influir-lhe alentos de vida e fez com que o seu socio João de Saldanha de Oliveira, mais conhecido por Morgado de Oliveira, lhe abrisse as portas do seu palacio e a favorecesse. Ahí se celebrou com effeito a sessão de 20 de janeiro de 1774, onde se cantou um dithyrambo, a tres vozes, em louvor do marquez de Pombal ¹, feito por Diniz e Gomes de Carvalho, no qual o primeiro entrou de tenor. Tambem n'esta conferencia recitou Diniz uma ode ². Não sabemos se houve mais alguma sessão além d'esta. A volta do poeta a Elvas e a sua partida em breve para o Brazil privaram a sociedade do unico homem que ainda, apesar de tudo, a poderia suster á borda do abysmo, e as reuniões de 1774 (se se deu mais de uma) podem-se considerar como as ultimas.

Foi promettedora a criação da Arcadia; revelam-nos as suas leis fundamentaes prudencia e boa vontade de acertar; enthusiasmam-nos os generosos esforços dos seus socios mais dedicados; traduziu-se em utilidade para as letras a sua existencia, mas infelizmente não correspondeu ás grandes esperanças que n'ella se depositaram.

Parecia prometter longa duração pelo character dos seus fundadores e pelas bases em que se estribava, e a sua existencia foi breve. Prógava-se, encarecia-se, procurava-se por muitos meios nos estatutos a união dos seus membros como condição de que dependia a sua prosperidade, e era uma coisa tão necessaria e eram as rasões tão convincentes, que se devia esperar que a maior concordia reinasse entre elles, e as intrigas agitaram-n'a logo no seu principio e affligiram-n'a durante longo tempo, cavando-lhe a sepultura; rasgavam-se largos os seus horisontes litterarios e a sua influencia parecia dever ser grande e benefica, mas viu-se atrophiada pela inercia e vaidade; esperava-se que as suas obras fossem numerosas, e pelo contrario limitaram-se a um pequeno numero, e d'essas a maior parte só appareceu á luz depois da morte da sociedade, deixando portanto de produzir os seus fructos na sazão mais competente.

Teve principio a Arcadia com a sua primeira conferencia a 19 de julho de 1757 e pôde-se dizer que acabou em 1774, conforme já vimos. O periodo da sua actividade foi de 1757 a 1764, isto é, abrangeu apenas sete annos, e, seguindo Trigoso, ainda menos, pois este o limita a cinco. De 1764 a 1774 só de quando em quando e com largos intervallos dava signaes de vida. Se nos lembrarmos que as sessões eram apenas mensaes, que muitas vezes não as houve n'esse mesmo periodo reputado activo comparativamente, e que depois faltaram quasi de todo, não poderemos deixar de concluir que a duração da Arcadia foi ephemera e transitoria.

Quanto ás intrigas entre os seus socios e quanto aos seus trabalhos, levantámos parte do véo que nos encobre a historia da Arcadia, apresentando o proprio testemunho de Garção, que de certo não é suspeito. Entretanto, cumpre dizer

¹ *Obras de Diniz* vol. III, pag. 57.

² *Idem*, vol. V, pag. 132.

no que toca á censura litteraria d'este poeta que Trigofo attribue a Diniz a opinião de ser o seu amigo como critico um d'aquelles que sempre acham defeitos nas obras alheias. Póde ser que assim acontecesse algumas vezes, mas é preciso considerarmos que a Arcadia foi criada para reformar o vicioso gosto litterario do tempo; que esse gosto contava adherentes no seu proprio seio; que tinha elle tanto poder em muitos dos seus socios, que apenas se supprimiu a critica, na reforma dos estatutos, voltaram a queimar incenso ao idolo que juraram derrubar; que se havia um Diniz, um Garção, um Candido Luzitano e um Quita, e mais algum outro, abundavam tambem os arcades de engenho mediocre; que estes fatigavam as musas e os ouvintes com as suas más poesias, e tanto, que lhes aconselhava Garção, como vimos, que as deixassem em paz e se empregassem em ler e commentar os mestres da poetica e da eloquencia; que por esta desconfiança dos seus membros e pelo fim da sociedade os estatutos estabeleciam todo o segredo e rigor da censura para os seus escriptos só serem devassados pelo publico quando não deshonorassem a corporação; e que ella contava inimigos litterarios poderosos que não deixariam escapar as occasiões de a censurarem. Além d'isto, Manuel de Figueiredo, nos seus discursos e satyras, confirma em parte o que diz Garção, e quanto á incuria, ociosidade, e minguadas qualidades poeticas de muitos arcades é tão claro que não deixará duvida a ninguem.

Não é nosso proposito amesquinhar a instituição da Arcadia que tanto honra o nosso paiz, mas só reduzil-a ás suas proporções verdadeiras. Damos-lhe principalmente valor, e muito, como um protesto collectivo e auctorizado contra o máo gosto que, apesar de ir em decadencia, ainda conservava uma certa aura e muitos proselytos. Somos os primeiros a encarecer os louvaveis esforços de seus benemeritos fundadores e principalmente de Diniz e Garção, seus mais fervorosos apóstolos; conhecemos que se recitaram no seu gremio obras muito notaveis e que não deixaram de contribuir para o fim que se propunham, como as d'estes dois poetas e as de Quita, Candido Luzitano e Manuel de Figueiredo, os seus socios mais prestadios; mas esses auctores teriam ganho a mesma gloria para si e para a terra que os viu nascer e attingido fim identico se não existisse a Arcadia, como aconteceu a tantos que escreveram n'esse tempo fóra d'ella: a Maximiano Torres, Filynto Elysis, Sousa Coutinho, Nicoláo Tolentino, Bazilio da Gama, Santa Rita Durão, Claudio Manuel da Costa, etc. Quem tinha o talento poetico e a boa vontade de Diniz, Garção ou Quita não podia ficar inactivo e muito menos n'essa epocha de lucta. Candido Luzitano já a principiára antes de se fundar a Arcadia, e de certo continuaria n'ella com equal ou maior fervor. Figueiredo, reunindo a uma boa instrucção uma perseverança inquebrantavel, escreveria tambem sem esta sociedade e apesar de todos os obstaculos, pois o não desanimaram nem vinte annos de continuas fadigas, nem a indifferença dos seus contemporaneos.

Se porém d'estas considerações em absoluto passamos á comparação da Arcadia com as outras muitas sociedades que a precederam, não se póde deixar de lhe conceder a preferencia pelos serviços que fez á litteratura, distanciando-se immenso d'ellas no estylo e na pureza de linguagem. Para o comprovar basta ler os escriptos dos que lhe pertenceram, que são infelizmente poucos. Limitam-se aos dos auctores já nomeados e esses mesmos quasi todos posthumos, pois d'entre elles só Candido Luzitano logrou ver algumas das suas obras



Episodio da leitura do *Hyssope*

(Pag. 378)

impressas, mas assim mesmo em diminuto numero, comparadas com as que d'elle existem manuscriptas. França Amaral tambem publicou em 1764 um volume de versos. É para lamentar a perda das composições da maior parte dos arcades, alguns dos quaes tinham merecimento, como se collige dos poucos vestigios que nos legaram. Estão n'este caso as de Silvestre Gonçalves de Aguiar, Manuel Nicoláo Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho, dignos collaboradores de Diniz, as de José Dias Pereira e as de Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo, collaborador de Quita.

Além d'estes serviços, a Arcadia prégou a adopção do verso solto, generalizando-o, com grande vantagem das nossas letras, e introduziu n'ellas o uso da ode pindarica, saphica, alchaica e anacreontica, e os dithyrambos, opulenteando assim a põesia de fórmãs novas e agradaveis. Em todos estes generos escreveu Diniz, o qual na seguinte passagem do seu primeiro dithyrambo se refere a taes innovações:

Eis empunho um grande copo
 E, ligeiro alçando o braço,
 Este que faço
 Brinde suave,
 Pastores da Arcadia,
 A vós que primeiro
 Da prisca Roma,
 Da antiga Grecia
 As desprezadas
 Naturaes graças
 Do Tejo ás margens
 Trazer ousastes,
 A vós que primeiro,
 As sylvas segando
 Que o luso Parnaso cobriam
 E de agudos abrolhos o enchiam,
 O grande caminho traçastes,
 Que depois seguirão gloriosos
 Outros novos esp'ritos famosos,
 Arando o mesmo agro,
 A vós o consagro.

Tambem allude ao mesmo na ode quatorze quando diz:

Sigamos, lyra, a prospera carreira
 Que do Tejo famoso
 A traçar sobre o campo glorioso
 Tu ousaste primeira.

As orações de Garção e de Figueiredo sobre a tragedia e comedia; a do primeiro sobre a imitação dos antigos; as diversas obras de Candido Lusitano ácerca da oratoria e da poetica; os discursos de Diniz tratando do modo mais conveniente de escrever as eclogas, e os d'este auctor, de Garção e Mesquita sobre a mythologia, attestam-nos, apesar da perda de grande parte dos manuscriptos da Arcadia, que se ventilaram no seu seio questões importantes; e as obras dos que prégavam taes principios (á excepção de Mesquita de que nada conhecemos) provam-nos tambem que os seus auctores, não contentes de apontar as regras, davam-se ao trabalho de as exemplificarem.

Em duas das questões principaes que occuparam as attentões da Arcadia entrou o nosso poeta e brillantemente. Na do modo de escrever as eclogas mostrou até á exuberancia que se devia preferir o estylo culto ao rustico, então muito em voga pela publicação das eclogas de Pina e Mello, o que não foi pequena victoria, attendendo á larga nomeada de que este gozava. Na questão sobre o emprego da mythologia, que teve logar logo nos principios da Arcadia e que foi despertada por uma obra de Diniz, ficou effe tambem vencedor dos seus contrarios, os quaes opinavam pela abolição no Parnaso portuguez dos deuses da Grecia e Roma. Diniz, fóra o seu talento, que de certo não faltava aos seus contendores, sobre tudo a Garção, seguia as idéas mais acceitas n'aquelle tempo: a restauração litteraria estava ainda um pouco longe, e cumpria que o carro triumphal do paganismo caminhasse com as suas rodas, posto que velhas e gastas, e com ellas se despenhasse na voragem.

De tudo que levamos dito, se resulta alguma quebra na reputação da Arcadia, nenhuma d'ahi vem para Diniz, antes gloria, pois elle e Garção podem-se reputar como as columnas que a sustentaram, e que, depois de morta, ainda a assignalam aos olhos da posteridade e lhe avultam a memoria.

Ninguem falla n'esta sociedade litteraria que não os nomeie logo. São tres individualidades inseparaveis. Mas Diniz serviu-a ainda mais do que o seu collega, porque duas vezes lhe deu a vida e ainda procurou animal-a pela terceira vez, posto que debalde, porque ella não sobreviveu á sua ausencia.

É bem sympathica a união d'estes dois poetas para fim tão nobre e proveitoso á terra que os viu nascer, assim como a sua amizade, que durou até á morte. Garção, menos feliz do que o amigo, morreu muito antes d'elle, e encarcerado, sendo ainda mysterio o motivo por que o perseguiram. Pois bem, os seus talvez ultimos versos, feitos depois de quinze dias de prisão, foram dirigidos a seu amigo Diniz.

Quinze vezes a aurora tem rompido,
E accendi outras tantas a candeia,
Depois que preso estou n'esta cadeia,
Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido.

De todo trago o estomago perdido;
Como frio o jantar, mal quente a ceia;
E este misero ornato que me arreja
De noite é cama, de manhã vestido.

A um canto da bocca arrumo um dedo;
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando;
Sem saber o que faço me arremedo;

Comigo mesmo estou philosophando;
Nego os mesmos principios que concedo;
Vê tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando ¹.

Depois de anno e meio d'estes terriveis soffrimentos, expirava o illustre poeta no meio d'elles e longe dos seus, e para maior desgraça vendo com os olhos, já turvos da agonia extrema, as trevas do passamento illuminadas pelo

¹ Inedicto citado por Innocencio.

desejado e bello clarão da liberdade que emfim lhe chegava, porém tarde. Irrisão suprema do destino!

É ainda uma prova da amizade e boa camaradagem litteraria entre os dois poetas o soneto que Diniz dedicou a Garção mandando-lhe a terceira década de Tito Livio, na qual se referem as tragicas mortes de Sofonisba e Eraclia, e persuadindo-o á composição de uma tragedia ¹.

Pouco sabemos dos logares onde celebrava a Arcadia as suas reuniões, e apenas ha certeza de quatro: na livraria do Real Hospicio das Necessidades, como a de 14 de março de 1759; na sala da Junta do Commercio, então na Cotovia, como a de outubro do mesmo anno; nas casas do principal Lazaro Leitão Aranha, como a de 19 de junho de 1764; e nas de João de Saldanha de Oliveira, á Annunciada, como a de 20 de janeiro de 1774. Quanto ao morgado de Oliveira é explicito o que diz o nosso poeta nos seguintes versos de uma ode que lhe dirigiu:

Então teu nobre peito arder se sente
De Marte em fogo honroso,
Correr queres ao campo bellicoso;
Mas se o fervido braço
Entre as armas provar te não consente,
A santa paz mais bella estrada te abre,
Onde esmalte de gloria o grande nome.
De Minerva no campo immenso espaço
De loiros te off'receu, loiros que o tempo,
Por mais e mais que corra, não consome.

Do teu aureo palacio a porta abriste
De Jove ás castas filhas,
E ao som de suas lyras sublimado
A tua doce voz benigno uniste.
De profano desprezo o vulgo armado
O Pindo cobre de affrontosa fama,
Vão, inutil, ocioso,
Ao sagrado de Phebo estudo chama;
Mas tu, que abrindo ao grande genio as azas,
Sobre o vulgo ignorante te elevaste,
Suas barbaras vozes desprezaste.

Houve tempo em que a Arcadia celebrou as suas conferencias (naturalmente as publicas) com esplendor, em salas ricamente ornadas; em que se cantaram os seus versos ao som de uma orchestra immensa e talvez impropria, como ponderava Garção; em que era frequentada pelas pessoas mais illustres; consta mesmo que o marquez de Pombal assistira a duas das suas reuniões e o patriarcha de Lisboa a uma; porém essa epocha de esplendor passou, conforme diz o mesmo poeta, e se voltou em parte, foi no fim, quando a Arcadia se reuniu no palacio do morgado de Oliveira. Parece mesmo que chegou tempo em que ella se achou até embaraçada pelo que devia.

São curiosas as seguintes noticias a respeito de algumas sessões da Arcadia,

¹ *Obras de Diniz*, soneto 89 da 1.^a centuria.

e por isso as transcrevemos da *Historia Annual*, gazetas da epocha, as quaes eram n'esse tempo redigidas pelo proprio Garção ¹.

«A sociedade academica da Arcadia Lusitana, estabelecida n'esta côrte, determinou fazer publico o gosto de ver conservada a vida do nosso clementissimo soberano e restabelecida a sua saude, em uma sessão academica e conseguiu fazer a sua assembléa na sala da livraria do Real Hospicio de Nossa Senhora das Necessidades, no dia 14 do corrente (março) de 1759, a qual durou desde as 4 horas da tarde até ás 10 da noite. A decoração da sala estava magnifica; a quantidade das luzes era prodigiosa. Recitaram-se excellentes poesias em diferentes idiomas, e todas alternadas com a musica das melhores vozes e intrumentos. Foi o seu presidente Pedro Antonio Corrêa Garção, e lhe deu principio com uma eloquentissima e muito erudita oração, que o publico deseja já ver no prelo, como se promette. Assistiram a esta magnifica e obsequiosa funcção o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Cardeal Patriarcha, e os ex.^{mos} e ill.^{mos} secretarios de estado de sua magestade, Sebastião José de Carvalho e Mello e Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, muita da principal nobreza e um extraordinario concurso de gente.»

«No dia 8 de dezembro (de 1760) celebrou a sociedade de eloquencia e poesia, intitulada Arcadia Lusitana, a sessão publica que por voto da mesma academia dedica todos os annos n'este dia á Senhora da Conceição, que tomou por sua padroeira. Foi presidente o abbade Marianno Borgonzoni Martelli, que recitou em idioma italiano um elegante discurso sobre o mysterio da Immaculada Conceição da Senhora.»

«Domingo passado (28 de dezembro de 1760) celebrou a sociedade, intitulada Arcadia Lusitana, a sessão publica de voto com que todos os annos costuma n'este dia festejar o nascimento do Menino Deus. Foi presidente da assembléa o reverendo conego D. Joaquim Bernardes; primeiro arbitro da sessão o reverendo José Caetano de Mesquita, professor regio de rhetorica, e segundo arbitro o capitão de mar e guerra Gaspar Pinheiro da Camara Manuel, fidalgo da casa real, recitando cada um, em louvor d'este ineffavel mysterio, uma eloquente oração, e os mais socios diferentes composições poeticas, latinas e portuguezas.»

«Domingo, 31 do mez passado (maio de 1761) celebrou a sociedade litteraria, chamada Arcadia Lusitana, a sessão particular com que fechou o seu quinto anno academico; foi presidente da conferencia o bacharel Luiz Corrêa da França; o abbade Marianno Borgonzoni Martelli leu, como primeiro arbitro, uma excellente dissertação sobre a utilidade do estudo da geometria, e recitou depois uma canção heroica em verso italiano aos felicissimos annos de sua magestade; José Xavier de Valladares e Sousa leu na mesma conferencia um canto nupcial ou epithalamio das augustissimas bodas da ser.^{ma} Princesa do Brazil nossa senhora, com o ser.^{mo} sr. infante D. Pedro.»

Foram socios da Arcadia Antonio Diniz da Cruz e Silva, com o nome de Elpiuo Nonacriense, nome que já antes d'ella usava, assim como o de Ergasto; o padre Caetano Innocencio, com o de Melibeu; Domingos dos Reis Quita, com o de Alcino Micenio; Feliciano Alves da Costa, com o de Nemerose Cillenio; o padre Francisco José Freire, com o de Candido Lusitano; José Caetano de

¹ De 22 de março de 1759, de 9 e 30 de dezembro de 1760 e de 9 de junho de 1761.

Mesquita e Quadros, com o de Metatesio Clesmenio; o padre José Dias Pereira, com o de Silvano Ericino; José Gonçalves de Moraes, com o de Fido Leucacio; José Rodrigues de Andrade, com o de Montano; José Xavier de Valladares e Sousa, com o de Sincero Serabiense; Manuel de Figueiredo, com o de Lcidas Cinthio; Manuel José Pereira, com o de Albano; Manuel Nicoláo Esteves Negrão, com o de Almeno Sincero; Manuel Pereira de Faria, com o de Sylvio Aquacelano; Pedro Antonio Corrêa Garção, com o de Corydon Erimantheu; Silvestre Gonçalves de Aguiar, com o de Siveno Cario; Theotonio Gomes de Carvalho, com o de Tyrse Minteu; D. Vicente de Sousa, com o de Mirtilo; Luiz Corrêa de França e Amaral, com o de Melizeu Cyllenio; Francisco de Salles, com o de Titiro Partiniense; Marianno Borgonzoni Martelli, com o de Mirtilo Felsineu; Damião José Saraiva, com o de Dameta; José Soares de Avellar Pereira de Vasconcellos, com o de Leucacio; D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho; João de Saldanha de Oliveira; o padre Joaquim de Foios; o padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos, com o de Lemano; Gaspar Pinheiro da Camara Manuel; Manuel de Souza; Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo e D. Joaquim Bernardes de Sant'Anna. Alguns reputam como arcades Jeronymo Soares Barbosa e Maximiano Torres, mas não ha para isso fundamentos bastantes.

D'estes, uns entraram logo no principio e são socios fundadores, e outros foram sendo admittidos subsequentemente. Entre os primeiros contam-se, que saibamos: Diniz, Esteves Negrão, Gomes de Carvalho, Garção, Pereira de Faria, e, segundo Innocencio, D. Joaquim Bernardes de Sant'Anna.

VII

É Diniz nomeado desembargador da Relação do Rio de Janeiro — Volta a Lisboa — É-lhe feita mercê do habito de Aviz — É nomeado desembargador da Relação da Casa do Porto e da Casa da Supplicação — Conspiração de Minas Geraes — É escolhido para um dos juizes que a haviam de julgar — Gonzaga, Alvarenga e Costa, réos d'ella — Defeza de Diniz, accusado de severo e injusto n'este processo.

Em 22 de março de 1773 Antonio Diniz havia deixado de ser auditor do segundo regimento da praça de Elvas ¹, e a 16 de abril do anno seguinte era-lhe passada carta de um logar de desembargador da Relação do Rio de Janeiro, com a posse que logo devia tomar de outro de desembargador da Relação do Porto, o qual viria servir depois de findo o exercicio da primeira nomeação ².

¹ Archivo Nacional, Mercês de D. Maria I, liv. 21, fl. 55 v.

² Idem, Mercês de D. José, liv. 11, fl. 140.

Tem-se escripto, não sabemos com que fundamento, que elle servira na Relação da Bahia e não na do Rio de Janeiro. Os documentos provam o contrario. Talvez esta affirmativa se originasse de um engano que notámos na chancellaria no registo da nomeação de Diniz, d'onde se parece concluir o que erradamente alguns avançaram. Além d'estas mercês obteve elle tambem a do habito da ordem de S. Bento de Aviz, com que desejava ir condecorado ¹, mas que só veiu a receber em 1790, como adiante diremos.

Via-se o nosso poeta obrigado a abandonar a patria, julgamos que pela primeira vez, e bastante o havia de sentir, porque é sempre custoso este lance, mesmo que se parta, como elle, com tantas honras e augmentos. Eram ainda vivas sua mãe e seus avós maternos, posto que estes de muita idade; seu pae morrera havia muito no Brazil, d'onde nunca mais voltára á Europa, pelo anno de 1750; de suas duas irmãs, freiras de Santa Clara de Santarem, vivia pelo menos a que tomára na religião o nome de Anna Mathilde do Paraizo; quanto a seus avós paternos, parece que já tinham fallecido, e seu irmão mais velho expirara, como atraz dissemos, em 1764. Por conseguinte, posto que não tivesse mulher, nem filhos, não lhe faltavam raizes que o prendessem ao solo da patria, amor já de si bem forte para nos captivar o coração.

Partiu Diniz para o Brazil naturalmente no segundo semestre de 1776. Conforme Innocencio, a bordo do navio que o transportou ás praias americanas foi tambem Ignacio José de Alvarenga Peixoto, então de vinte e oito annos, o qual tendo findado o triennio no logar de juiz de fôra de Cintra, voltava á patria, nomeado ouvidor da comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas Geraes. Se assim é, que estranha coincidencia! Unidos pela intima convivencia de bordo, na solidão dos mares, communicando-se, entendendo-se, esses dois homens, irmãos pela carreira que seguiam, pelas letras que cultivavam, e que a mão de ferro do destino havia de separar depois tanto, exaltando um á cadeira de juiz e arrojando o outro ao banco odioso dos condemnados!

Deixou-nos Diniz commemorado em um soneto o seu curso atravez do Atlantico, desde as praias do Tejo até ás do Brazil. É uma simples narração em verso. Julgámos dever aproveitá-la, mesmo por isso, porque suppre noticias que não lográmos alcançar d'outra fonte:

Saimos pela barra com bom vento,
Mas ao terceiro dia de viagem
Se alçou do noroeste tal aragem,
Que as vagas arrojava ao firmamento.

Socegado este horrendo movimento,
Em que roncava o mar como um selvagem,
Vimos ao sexto dia de passagem
A vinosa Madeira a barlavento.

Na barba da cruel Serra Leôa
Oito dias soffremos calma
E o crebro fuzilar com que o ceo trôa;

Passámos logo a linba ao quarto dia
E surgimos, com toda a gente boa,
Aos sessenta do Rio na bahia.

¹ Archivo Nacional, Mercês de D. Maria 1, liv. 24, fl. 55 v.

Nada sabemos da existencia de Diniz no largo periodo que vae desde 1776 até 1789, durante o qual residiu no Brazil. Não só não encontrámos documentos que nos esclareçam, mas até ignoramos que poesias elle ali compoz, posto que o não devesse abandonar a inspiração n'aquellas terras longinquoas, onde a novidade e opulencia da natureza virgem, e as saudades da patria avigorariam de certo o seu talento poetico. Ha varias composições suas nascidas na America, mas não lhes podemos assignar epocha precisa, e por isso fallaremos d'ellas n'outro logar.

Depois de treze annos de ausencia, o nosso poeta voltou a Lisboa, onde o achamos em 1789 e 1790. Foi n'este ultimo anno que se lhe mandou lançar o habito de Aviz, cuja concessão obtivera a 6 de agosto de 1776, antes de partir para o Brazil, como já tivemos occasião de dizer. Em virtude das diligencias a que para esse fim se procedeu em 1779, nas quaes se mostrou por testemunhas competentes a condição baixa de seus paes e avós, tanto paternos, como maternos, foi Diniz declarado impedido, até que em 26 de junho de 1790 Sua Magestade o dispensou das costumadas provanças e habilitações de sua pessoa, e o houve por habilitado para receber o dito habito ¹. Esta mercê foi-lhe outorgada com trinta mil réis de tença effectiva, dos quaes elle renunciou dezoito mil réis a favor de D. Antonia Barbara de Carvalho, a quem se passou padrão a 20 de março de 1789 ².

A 4 de setembro de 1789, em virtude do decreto de 22 de agosto d'este anno, obteve o nosso poeta carta de nomeação de desembargador da Relação da Casa do Porto ³, e a 5 de julho de 1790, por decreto de 21 de junho do mesmo anno, a de desembargador da Casa da Supplicação ⁴.

Apenas havia sido nomeado para este ultimo logar, quando uma causa imprevista o obrigou a deixar novamente a patria. A revolução de parte da America Inglesa e a sua emancipação da metropole, sob o nome de Estados Unidos, tinha despertado no novo continente muitos corações que almejavam pela liberdade. Não tardou a rebentar no Brazil esse fermento de emancipação, posto que prematuramente. Foi a capitania de Minas a que teve a honra da iniciativa, e o primeiro motor da conspiração Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tira Dentes, que tinha sido alferes de cavallaria n'aquella capitania ⁵. Este homem, de animo turbulento e impaciente, começou por fallar contra o governo da mãe patria em particular e em publico. Desprezaram as suas palavras como de pouca importancia, o que deu azo a elle se tornar mais insolente e ousado, tomando por fraqueza do governo o que apenas era culpavel negligencia. Passava-se isto em 1788. N'este anno tomou posse da capitania de Minas o visconde de Barbacena, e foi um dos seus primeiros actos lançar pelo povo d'ella a derrama para completar o pagamento de cem arrobas de oiro que o mesmo povo se obrigára a pagar annualmente, pelo offerecimento vo-

¹ Archivo Nacional, Habilitações da Ordem de Aviz.

² Idem, Mercês de D. Maria I, liv. 24, fl. 55 v.

³ Idem, Chancellaria de D. Maria I, liv. 33, fl. 88.

⁴ Idem, idem, fl. 299.

⁵ O sr. Varnhagen nega que elle tivesse um logar tão distincto na conspiração, mas não a importancia d'esta. Mostra alem d'isso como fora precedida de outro projecto de emancipação formado em França, e como o governo portuguez andou cautelosamente, mas com humanidade, em tão ameaçadora conjunctura.

luntario que havia feito em 24 de março de 1734, acceito e confirmado por alvará de 3 de dezembro de 1750, em vez da capitação das minas, então inteiramente abolida. Julgou Joaquim José da Silva Xavier o ensejo opportuno para pôr em obra os seus intentos, mas, como o pretexto da derrama não fosse bastante para sublevar os animos, porque não era senão o cumprimento de um acto voluntario dos habitantes da capitania, tratou de desfigurar as cousas de maneira que podessem fazer lavrar o incendio que pretendia atear. Entre outros expedientes para aterrar diversas pessoas de influencia, talhou, a seu bel-prazer, as quantias que deviam pagar, elevando-as tanto quanto era necessario para produzir o effeito desejado, e espalhou que o governo ia prohibir que ninguém possuisse mais de dez escravos. Chegára n'esse tempo a Minas José Alvares Maciel, de uma viagem que fizera por varios paizes da Europa. A este tentou logo Silva Xavier attrair ao seu pensamento, o que não lhe foi muito difficil, eivado como devia estar das idéas e dos acontecimentos, a que immediatamente se seguiu a revolução em França, por onde andára. Concordes os dois, empregaram os seus esforços para ganharem novos socios na arriscada empreza, e foram esses esforços tão bem succedidos que no anno seguinte chegava o numero dos conspiradores, segundo alguns, a sessenta. Havia entre elles medicos, militares, sendo alguns d'estes de postos superiores, padres, poetas, advogados, e até um desembargador. No numero dos levantados entrava Domingos Vidal Barbosa, tambem havia pouco chegado de França, onde juntamente com outros brasileiros planeára uma primeira tentativa de independencia, e Francisco de Paula Freire de Andrade, tenente coronel commandante do regimento de linha de Villa-Rica, o principal apoio com que podia contar o governo.

O fim da conspiração era declarar a capitania de Minas em republica independente, exemplo que esperavam seguissem as outras capitancias do Brazil. Este projecto bastante ousado e importante, pelas pessoas de valia que n'elle entravam, collocaria o governo, ainda que não vingasse, em serios embarços, mas evitou-se este perigo pela denuncia de um dos conspiradores, chamado Joaquim Silverio dos Reis Montenegro (1789). Presos os implicados na revolta, tiraram-se devassas dos criminosos, tanto por ordem do vice-rei, que era então Luiz de Vasconcellos e Sousa, como do governador da capitania.

Soube-se logo na córte o que se passára na colonia americana, e não foi pequeno o espanto e o susto causados por tão estranha e perigosa novidade. Cumpria castigar e castigar severamente um tão nefando attentado que ameaçava a integridade da monarchia, e pôr assim cobro a futuras tentativas. Em 17 de julho de 1790 mandava a rainha a Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, chanceller nomeado da Relação do Rio de Janeiro, e aos desembargadores Antonio Gomes Ribeiro e Antonio Diniz da Cruz e Silva que passassem á cidade do Rio de Janeiro e ali sentenciassem summariamente em relação os réos, que se achassem culpados nas devassas que se haviam tirado, sendo o primeiro relator e os dois ultimos adjuntos, com os mais ministros que o vice-rei nomeasse ou elle relator lhe propozesse, devendo a sentença subir á real presença, e conservarem-se entretanto os réos em segura custodia.

Partiu Diniz para o Rio de Janeiro a bordo da fragata Gofinho, alguns meses depois da sua nomeação, talvez posteriormente a 15 de outubro, data da carta regia, de que abaixo fallámos, e que iria no mesmo navio, e chegou áquella cidade, segundo é de presumir, nos meados de 1791.

Em 27 de outubro do mesmo anno foram nomeados os outros juizes das devassas, em 31 o advogado dos réos, a 18 de março de 1792 foi pronunciada a sentença, e a 21 de abril justicado publicamente Joaquim José da Silva Xavier, sendo os outros principaes réos condemnados a degredo para a Africa, pena em que se lhes commutou a de morte, em virtude da carta regia de 15 de outubro de 1790, pela qual sua magestade, usando da real clemencia, assim o determinou. Os réos ecclesiasticos foram enviados para o reino, e, depois de estarem presos na torre de S. Julião, distribuiram-se pelos seus conventos.

Entre as pessoas principaes (e não eram ellas em pequeno numero) que figuram n'esta conspiração, destacam-se tres vultos notaveis na republica das letras: Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa e Ignacio José de Alvarenga Peixoto; o primeiro nascido no Porto, o segundo em Marianna e o terceiro no Rio de Janeiro; todos tres formados em Coimbra: Gonzaga e Alvarenga em direito, e Costa em canones.

É bem conhecido o suave e immortal cantor da *Marilia de Dirceu*, d'esse livro que tanto se avanta a maior parte dos de poesia d'aquella epocha, pela doçura e sentimento, grande numero de vezes infelizmente real e nascido das magoas e soffrimentos verdadeiros do poeta, d'esse livro que tem um não sei qué das queixas do alaúde romantico de Lamartine e das dores pungentes, mas resignadas, de Silvio Pellico. Quando se descobriu a conspiração, Gonzaga tinha acabado de servir de ouvidor da comarca de Villa Rica, e estava nomeado desembargador da Relação da Bahia e contratado a desposar-se com o objecto constante dos seus votos amorosos, com D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão, a *Marilia* tão decantada e immortalisada pela sua lyra. Achava-se prestes a ser feliz, quando tamanho cumulo de ventura se transformou de repente no maior infortunio. A 23 de maio de 1789 foi preso em sua casa, conduzido ao Rio de Janeiro, onde ficou ao principio encerrado na fortaleza da ilha das Cobras, sendo posteriormente d'ahi transferido para prisão mais suave nas casas da Ordem Terceira de S. Francisco. Quatro vezes foi Gonzaga interrogado e negou sempre e energicamente o crime que lhe imputavam. Ha quem diga que era esta a verdade, e que os conspiradores, sem elle ser seu cumplice, o comprometteram, servindo-se do seu nome pelo credito e auctoridade que geralmente merecia. Era indigitado como o legislador da futura republica. Fosse como fosse, as provas compromettiam-n'o, e viu-se condemnado a degredo perpetuo em um dos presidios de Angola, pena que se lhe commutou em dez annos de degredo para Moçambique, para onde embarcou a 23 de maio de 1792, depois de tres annos completos de prisão, e d'onde não voltou, nem ao Brazil, nem ao reino, pois ali veiu a fallecer entre os annos de 1807 a 1809.

Claudio Manuel da Costa, poeta de bem merecida fama, exercia com bastante credito a advocacia em Villa Rica, e fôra nomeado pelo governador da capitania de Minas, D. Rodrigo José de Menezes, segundo secretario de estado em 1780, logar que resignou em 1788, quando succedeu no governo o visconde de Barbacena, voltando á vida particular. Descoberta a conspiração, foi preso, e pouco tempo depois, faltando-lhe o animo para resistir ao seu infortunio, enforcou-se com uma liga, na prisão em Villa Rica.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto, poeta egualmente distincto, vivia com sua mulher, que lhe trouxera em dote alguns bens, e com seus filhos n'uma fazenda propria, em S. João de Elrei, occupando-se nos trabalhos de mineração,

e era coronel de cavallaria de milicias de Rio Verde, quando foi preso como implicado na conspiração mineira. É bem conhecido o soneto em que este inveja o fim que, por suas proprias mãos, tomou Claudio Manuel da Costa, de quem elle não seguia o exemplo, pelos laços de familia que o prendiam ainda ao mundo. Foi condemnado em degredo prepetuo para o presidio de Ambaca, onde pouco depois de chegar falleceu.

Estes tres vultos, pelas suas qualidades pessoas e sobre tudo pelas suas poesias, que os estão sempre recordando aos vindouros, não pôdem deixar de mover os corações á mais viva piedade e sympathia. Tacs sentimentos, louvaveis em si, tem porém contribuido bastante para as accusações immerecidas feitas ao governo portuguez d'aquelle tempo, o qual só praticou um acto de justa defeza e de conservação do estado, e isto dentro dos limites das leis estabelecidas, e, como vimos, não abusando da sua força e das circumstancias que, até certo ponto, lh'a desculpavam, mas adoçando-a com a clemencia compativel á justiça.

O odioso que recalhiu sobre o governo da metropole foi quinhoado pelos juizes que tiveram a infelicidade de sentenciar os réos. Mas assim como dos conspiradores só se falla quasi nos tres nomes celebres nas letras que acabámos de apontar, havendo tantos outros notaveis e de não menos se não de maior influencia, assim tambem, pela mesma razão, quando se trata de juizes, é principalmente Diniz quem carrega com o peso de infundadas recriminações de crueldade e de injustiça, como se elle fosse o unico magistrado que sentenciou os réos, e como se apenas d'elle dependesse a sua sorte!

Qual, raciocinando, passados os acontecimentos, diz que a conspiração não merecia tanto rigor, e que foi severo de mais o castigo dos seus promotores e cumplices? E isto porque o trama se descobriu e não teve effeito. Mas se fosse o contrario; se o facho das idéas revolucionarias então acceso na Europa e na America, e sacudido pela mão poderosa do povo, tivesse posto a metropole ou na contingencia de perder a melhor das suas colonias ou de dispender grossas quantias em pacifical-a, o futuro não accusaria, e com toda a justiça, o governo portuguez de fraco e de inepto, por não ter obstado aos principios de tão perigosa conflagração? Qual descreve o nosso poeta como um character servil e capaz de condemnar os maiores innocentes só para agradar á rainha e promover com a sua protecção os seus accrescentamentos, mas não apresenta fundamento algum de accusação tão grave? Ha até alguém que o pinta de alma feroz e comprazendo-se em perseguir e condemnar os que tiveram a infelicidade de cahir no abysmo do crime, quando os unicos vestigios que nos restam para aquilatar as suas qualidades nol-o figuram humano, dotado da maior probidade e respeitavel tanto por estes dotes como pelo seu talento e sciencia.

O crime era gravissimo: tratava-se não só da propagação de idéas republicanas, isto é, contrarias ao governo estabelecido, mas tambem da desmembração da monarchia. Diniz foi um dos juizes, e não o unico, que sentenciaram os réos. Estes sahiram condemnados em vista das provas e das devassas que antes d'elle chegar ao Rio de Janeiro se haviam tirado, e julgados conforme as leis e não pela vontade dos julgadores. Quem sabe se a voz auctorizada do nosso calumniado poeta não se levantaria até para defender esses pobres desgraçados, como adiante mostraremos que praticou em circumstancias similhantes!

Todas estas accusações são infundadas e gratuitas.

É justo que o Brazil, hoje independente, acate, honre e galardoe a memoria d'esses homens que foram os primeiros a tentar a sua emancipação; é louvavel que as almas sensiveis se condoam pela sorte d'esses desgraçados, martyres das suas idéas, e que, lendo os cantos de Gonzaga, Costa e Alvarenga, lamentem o fim que tiveram estes poetas, e até se sintam irresistivelmente dispostos a seu favor. Quem não terá pensado, ao menos um momento, d'este modo, lendo os versos repassados de amargura do cantor de Marilia, e principalmente aquellas magoadas endeixas com que elle se despede da sua amante e como que do mundo? Mas é injusto e condemnavel que se tirem da sympathia que merecem a causa e os réos motivos de injuria contra um homem, que nenhuma prova accusa, só por que teve a infelicidade de ser juiz n'um processo tão grave e em que elle, poeta, se viu obrigado, segundo a legislação em vigor, a condemnar os réos de una conspiração em que havia tambem poetas!

Como não lhe custaria o cumprimento do seu tremendo encargo, penoso sempre, quanto mais revestido de circumstancias tão especiaes! A alma poetica de Diniz não podia deixar de sympathisar, posto que em segredo, com a nobre idéa que animava esses corações generosos e impacientes pela liberdade da terra que os vira nascer. Alguns d'elles eram talvez seus conhecidos, quem sabe se seus amigos? Claudio Manuel da Costa, o seu collega da universidade, poupou-lhe, suicidando-se, o tormento de o condemnar; mas Alvarenga, o seu companheiro de viagem, mas Gonzaga, o magistrado integro e respeitavel, ambos como elle cultores das musas? Não eram seus irmãos no talento? Não os devia estimar? Não devia lavar com lagrimas de sangue a sentença da sua desgraça?

O sr. Ferdinand Denis escreve no estudo que prefacia a traducção franceza do *Hyssope*, de Boissonade: «Les pièces de cet important procès politique viennent d'être publiées dans le tome premier de ce recueil (*O Brazil Histórico* de A. J. de Mello Moraes, Rio de Janeiro, 1876). La publicité donnée à ce procès memorable sera, nous n'en doutons plus, favorable à la mémoire de Diniz. Nous savons d'ailleurs de bonne source que Mr. Henrique Muzzio, aujourd'hui secrétaire de la présidence de Minas Geraes a decouvert récemment à Ouro Preto, l'antique Villa Rica, des documents encore inédits relatifs surtout à Gonzaga et dont l'ensemble milite en faveur de son juge sans diminuer l'intérêt qui s'attache à la touchante figure du chantre de Marilia.»

Que venham e breve a publico esses documentos, para mais se esclarecer a verdade.

Diniz, triste de natureza, vivia, em 1790, antes de partir para a sua espinhosa commissão, mais do que nunca melancolico, passeando em casa horas e horas solitario e febril. Pensaria talvez na responsabilidade que ia tomar sobre os hombros? Tremeria só com a idéa dos homens e do crime que ia julgar? Quem sabe? São presumpções, mas presumpções com que julgamos fazer justiça ao seu character.

Morava então o nosso poeta n'um segundo andar da rua da Vinha, ao Bairro Alto, freguezia das Mercês, casa hoje numero 43, no mesmo andar em que habitou em 1822 a familia do doutor José Feliciano de Castilho, pae do illustre poeta cuja morte ainda choram e chorarão sempre as letras portuguezas. Foi á sua familia que contou estas particularidades D. Rita Joaquina Xa-

vier de Campos, pessoa de certa illustração, dona do predio e moradora no primeiro andar. No mesmo anno de 1790 tambem morou Diniz na rua Formosa ¹. Conforme toda a probabilidade, foram estas as ultimas casas em que elle assistiu em Portugal.

VIII

Diniz é nomeado chanceller da Relação do Rio de Janeiro — Processo contra Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Marianno José Pereira da Fonseca e outros — Parecer de Diniz aconselhando a sua soltura — Diniz é nomeado membro do Conselho Ultramarino — Sua morte — Seu character — Seus trabalhos juridicos — Sua predilecção pela genealogia — Suas excursões no Brazil e escriptos mineralogicos — Seu museu de historia natural e de antiguidades — Sua tristeza — Seus amores.

Pela carta de 10 de dezembro de 1792, passada em virtude do decreto de 4 de novembro, houve por bem sua magestade fazer mercê a Diniz do logar de chanceller da Relação do Rio de Janeiro ². Teve pois o nosso poeta de ficar no Brazil, depois de acabar a commissão de que o governo o encarregára.

O factio capital da sua existencia n'estes ultimos annos é um outro julgamento em que tomou parte, muito menos grave do que o de Minas, mas egualmente notavel por alguns homens que n'elle figuraram.

Havia no Rio de Janeiro uma sociedade litteraria, que contava como principaes membros Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, natural de S. João de El-rei, bacharel em direito pela universidade de Coimbra, advogado e professor de rhetorica e poetica n'aquella cidade, e bom poeta, do que nos restam bastantes provas; e Marianno José Pereira da Fonseca, nascido no Rio de Janeiro, bacharel na dita universidade em mathematica e philosophia, e depois bem conhecido nas letras brasileiras com o nome de marquez de Maricá, pelas suas publicações de maximas.

Ou esta academia se chamasse Arcadia Ultramarina, como alguns querem, ou Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro, ou usasse primeiro d'aquella denominação e posteriormente d'esta, ou fosse mesmo conhecida por outra qualquer, o caso é que as suas reuniões se tornaram suspeitas ao vice-rei do estado do Brazil, o conde de Rezende. Julgou elle que não eram as letras o unico incentivo das conferencias; que se tratava n'ellas de politica, como vedado.

¹ Archivo Nacional. Habilitações da Ordem de Aviz.

² Idem. Chancellaria de D. Maria I, vol. 44, fl. 92 v.

n'aquellas epochas de repressão, e muito mais quando os acontecimentos de França traziam sobressaltadas as monarchias; e, sendo confirmadas as suas apprehensões pela denuncia de José Bernardo da Silveira Frade, dissolveu a sociedade e fez prender varios dos seus membros, entre os quaes Alvarenga e Pereira da Fonseca.

Dois annos jazeram presos os réos, até que, pelos requerimentos d'este ultimo, o governo da metropole officiou ao vice-rei mandando-lhe: que ou os remetteste para Lisboa, ou os soltasse, se as suas culpas estivessem sufficientemente punidas com o tempo da prisão. Em virtude da ordem da côrte, o conde de Rezende, ouvindo o parecer do chanceller da Relação do Rio de Janeiro, mandou pôr em liberdade todos os presos, o que participou a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro e secretario de estado dos negocios ultramarinos, em officio de 21 de julho de 1797.

Novas accusações, e tão infundadas como as primeiras, recaem sobre Diniz n'este processo. A resposta a ellas é a mesma que já demos. Era juiz e cumpria a lei. Se porém quizermos uma prova da sua bondade e prudencia, achal-a-hemos no seguinte parecer que deu ao vice-rei, e que felizmente chegou até nós, para confusão dos injustos e malevolos.

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Em consequencia do officio que v. ex.^a me enviou em 16 do corrente, lendo com toda a reflexão, de que sou capaz, o outro officio que a v. ex.^a dirigiu o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro e secretario de estado dos negocios ultramarinos, passo a expor a v. ex.^a o que entendo a respeito da precisa alternativa que a v. ex.^a se impõe pelo referido officio: ou de remetter os presos de inconfidencia para Lisboa ou de os soltar, no caso de entender, como no mesmo officio se espera, que as suas culpas se acham sufficientemente purgadas com o dilatado tempo da sua prisão. E para o fazer com a maior clareza, é preciso notar que contra nenhum dos mesmos presos se diz ou prova que elles entrassem no projecto da conspiração, sendo toda a culpa que se lhes imputa, e que contra alguns se prova, a de sustentarem em conversações ou particulares ou publicas: que o governo da republica deve ser preferido ao da monarchia, que os reis são uns tyrannos oppressores dos vassallos, e outras (maximas?) sempre detestaveis e perigosas, principalmente na conjunctura presente. N'este presuppосто me persuado pelo que pertence aos presos Manuel Ignacio, professor de rhetorica, medico Jacintho e Marianno José, que v. ex.^a os deve mandar soltar, sem maior hesitação, pois que contra estes não ha maior prova na devassa, que o dito denunciante José da Silveira Frade, perguntado n'ella com juramento e sustentado com o mesmo nas acareações que com as referidas provas se fizeram, ainda que com alguma modificação, e as presumpções e argumentos que se podem tirar e fazer dos juramentos de algumas testemunhas; alguma tal ou qual contrariedade e inverosimilhança que se encontra nas respostas que deram ás perguntas que lhes foram feitas, especialmente uas do mencionado professor de rhetorica, e a de se acharem na livraria d'este alguns livros que a san politica detesta, e entre elles o perniciosissimo que tem por titulo *Direitos do Cidadão*, do abbade Mably, que o mesmo professor, contra toda a verosimilhança, negou ter lido. Acresce mais o achar-se entre os seus papeis uma oração, em que se lê que fôra recitada na sua aula por um de seus alumnos, em que se acham as proposições seguintes:

•Que nenhum homem deve sujeitar a sua liberdade aos rigores de outro homem seu similhante.

•Que é extraordinaria vileza e fraqueza de espirito a d'aquelle que chega a submeter-se inteiramente ás disposições de outro homem, devendo considerar que o mesmo que pretende opprimir e abater não recebeu do Creador uma alma mais perfeita.

•Que são vis e fracos os que vivem encarcerados em tenebrosos carceres, etc.

•Presumpções todas que, ainda a serem estes réos sentenciados pelo modo regular, me parece que se julgariam purgadas com os incommodos da sua longa e fatal prisão, e a que só, talvez, acrescentariam alguns mais escrupulosos a obrigação de sairem d'este continente, pois que pelas mesmas presumpções se fazem n'elle suspeitosos.

•Pelo que respeita a outros presos: João Marques, professor da lingua grega, Antonio Gonçalves dos Santos, Francisco Coelho Solano, Francisco Antonio, João da Silva Antunes (contra os quaes se prova que não só em conversações particulares, mas em logares publicos, sustentavam que o governo democratico era melhor que o monarchico, que louvavam e aprovavam a instituição da republica franceza e por ella mostravam uma desordenada paixão) e a José Antonio de Almeida, que se deu e confessou auctor da citada oração, negando porém conhecer o veneno que ella continha, o que é facil de crêr; como tambem o não ser elle o auctor da oração (ainda que o contrario tenazmente sustentou, sendo perguntado); pois pelos seus verdes annos e pelo que disse seu mestre, o referido professor Alvarenga, nas perguntas que a este respeito se lhe fizeram, elle não era capaz de produzir as ditas proposições por si só, nem de as extrahir de algum livro, principalmente do do citado Mably, onde as mesmas, com pouca differença de palavras, se encontram; pelo que respeita, digo, a todos estes presos, eu entraria em duvida, se, lendo uma vez e outra o referido officio, me não persuadira de que as piedosas intenções de sua magestade n'elle insinuadas eram as de que todos os presos fossem soltos, havendo por purgada a sua culpa com o longo tempo da prisão. Ao menos, isto é o que me parece se deve entender (das palavras?) do mesmo officio: que no caso que o dito Marianno e seus companheiros se achem ainda presos etc., e das outras: mas achando v. ex.ª, como é de esperar, que elles estão sufficientemente castigados, etc., sem que em contrario se possa oppôr que a esperanza e opinião de sua magestade era esta, por não saber quaes sejam as culpas d'estes presos, por quanto, quando v. ex.ª deu parte da sua prisão á mesma senhora, necessariamente a havia de informar dos motivos d'ella. Além de que, achando-se na côrte de Lisboa, ao tempo que se expediu o relatado officio, o desembargador João Manuel Guerreiro, que servia de escrivão na devassa, é bem verosimil que sua magestade tomasse d'elle todas as informações que julgasse necessarias sobre este assumpto, e que elle as daria com a inteireza que cumpria. Pelo que me parece que em v. ex.ª mandar soltar os ditos presos obra mais conforme á piedosa vontade de sua magestade.

«Ao que accresce que, segundo a crise em que actualmente se acham os negocios publicos da Europa, me parece mais prudente e util ao serviço de sua magestade escolher antes o soltar os presos, ainda que, contra a esperanza de sua magestade, não estivessem condignamente castigados, do que expôl-os,

remettendo-os com as culpas, a serem apresados pelos francezes, e a virem estes no conhecimento de que os seus abominaveis principios tem apaixonados n'este continente. Sendo certo que, para se enviarem com mais segurança, seria necessario o dilatarem-se por muito mais tempo em suas prisões, contra a vontade de sua magestade tão significamente declarada no mesmo officio:

«Este é o meu parecer, do qual o profundo discernimento de v. ex.^a fará o uso que julgar convém melhor às intenções de sua magestade e seu real serviço.

«A pessoa de v. ex.^a guarde Deus muitos annos, Rio 18 de junho de 1797. Do chanceller da Relação Antonio Diniz da Cruz e Silva ¹.»

Em virtude d'este parecer os réos foram perdoados.

Eis o homem feroz e servil; eis o juiz que se comprazia no castigo dos desgraçados que sentenciava! Compare-se este procedimento do poeta com as accusações infundadas que se lhe tem feito, accusações partidas principalmente da litteratura brasileira, mas que tambem foram repetidas por alguns dos nossos escriptores. Citaremos em abono do que avançamos as palavras do sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, por as termos presentes:

«O mesmo juiz que condemnára á infamia e ao exilio os seus collegas ou compatriotas Thomaz Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Alvares Maciel, Vidal Barbosa, Freire de Andrade e tantos outros, é que vinha agora tambem interrogal-os por sua vez, de ordem do conde de Rezende. Poeta como elles, doutorado na mesma universidade, Antonio Diniz da Cruz e Silva comprazia-se n'essa missão. Armado de artificios, com o rigor impresso nas rugas da testa e a austeridade n'alma, penetrava nas masmorras, sentava-se na cadeira do juiz, e ennobrecia-se com a superioridade que lhe dava a lei sobre os seus collegas, convertidos em réos de uma importancia extraordinaria, não por serem quem eram, mas pela monstruosidade de uma legislação niniamente barbara.»

Já é ser injusto e amigo da phantasia! Parece que o auctor d'estas linhas esteve presente aos acontecimentos que narra! Nenhuma circumstancia lhe escapa! Nem as rugas que contraíam a fronte do poeta, nem a austeridade que lhe transluzia do semblante! Não é este de certo o modo de escrever a historia, nem mesmo o romance historico, dado que o sr. Sousa e Silva quizesse compor um romance.

Felizmente para o poeta, para nós e para as letras e historia do Brazil, levantou-se no proprio imperio e mesmo no seio do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro a voz auctorizada do sr. dr. Fernandes Pinheiro, e com toda a facilidade lançou por terra esta machina inteiramente architectada no ar, o que nós do coração lhe agradecemos. A historia e litteratura do Brazil não precisam d'esses falsos arabescos, e que precisassem, a verdade deve estar acima de tudo, e é sempre bella.

No anno seguinte, 1798, a 13 de maio, havia sua magestade por bem nomear Antonio Diniz conselheiro do Conselho Ultramarino, em attenção aos seus longos serviços². Raiava, portanto, para elle, com esta merecida honra, a esperança de voltar á terra do seu berço, esperança grata sempre ao coração dos

¹ *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo xxviii, pag. 157.

² *Archivo do Conselho Ultramarino*, liv. 6, fl. 142.

que vivem longe da sua atmospherã vivificante; mas a fortuna determinára o contrario. Havia-lhe, segundo todas as presumpções, chegado a concessão da nova graça; dispunha-se a dizer adeus ás praias americanas; antegostava já o prazer de beijar as areias da patria; sorria-lhe a idéa consoladora de descansar n'ella das fadigas de quarenta annos de serviço, honrado e bemquisto dos seus compatriotas, não junto de sua familia, que, segundo presumimos, já fallecera toda, menos uma de suas irmãs, e essa vivia n'um convento, porém ao menos proximo de seus restos, quando (fatalidade do destino!) foi arrebatado pela morte a 5 de outubro de 1799, morando na dita cidade do Rio de Janeiro na freguezia de S. José, conforme attesta a certidão tirada do livro dos obitos da mesma freguezia.

Bem desconfiava elle da fortuna, mesmo quando lhe sorria mais affavel e lisongeira! Quem sabe se na hora da morte não lhe viriam ao pensamento os versos que escrevera em outra occasião, mas que tanto quadravam a essa ultima e suprema das suas desapiadadas irrisões?

Em vão, batendo lisongeira as pennas,
Ó fortuna, me cercas, que eu, usado
A conhecer quem és pelo passado,
Vejo quaes são os dons com que me acenas.

A rica perspectiva d'essas scenas
A outro pinta mais allucinado,
Que eu de ti, de teus bens escarmentado,
Em nada creio do que tu ordenas¹.

Lá ficaram seus restos mortaes longe do paiz do seu nascimento, mas ao menos em terra portugueza, e hoje, posto que independente, ligada a nós pelos laços indissolueis do sangue, da lingua, das tradições e de tantos interesses moraes e materiaes. E onde estarão elles? Ha alguma piedosa lapide, alguma indicação, ao menos, que diga aos vindouros, para que os respeitem, aqui jazem os ossos do auctor do *Hyssope*, do poeta portuguez Antonio Diniz da Cruz e Silva? Ou deixou-os perder a ingratição e a incuria, como aconteceu aos de Camões, aos de Bocage e a tantos outros? Se elles existem ainda, que a patria os reclame, que venham repousar entre nós, como ha pouco vieram os de Filinto Elysio, esse outro benemerito das musas e da linguagem nacional. São mortos cujas reliquias animam e illustram; fallam mais alto do que a maior parte dos vivos.

Diniz não casou nem deixou filhos, e por sua morte só ficou de sua familia sua irmã D. Anna Mathilde do Paraizo, que já nomeámos. A esta concedeu o principe regente por alvará de 2 de maio de 1803, a tença annual de cento e cincoenta mil réis no rendimento da Obra Pia, attendendo aos serviços de seu irmão durante o longo espaço de quarenta annos².

No capitulo em que tratámos da sua estada em Elvas já esboçámos, fundados n'um testemunho contemporaneo, o seu caracter serio, a franqueza e a amenidade com que facultava aos mais o seu saber e experiencia, e a modestia que lhe realçava o talento e com que pretendia occultar aos olhos dos outros o seu merecimento poetico. Alguem nos poderá contestar este ultimo dote

¹ *Obras de Diniz*, vol. 1, pag. 185.

² Archivo Nacional, Registo das Mercês, liv. 4 de D. João, Principe Regente, fl. 54 v.

com muitos dos proprios versos de Diniz, e com bastante rasão. Em verdade, algumas das suas poesias, principalmente as odes pindaricas, respiram sentimentos de vaidade que contradizem os elogios tecidos á sua modestia. Bem sabemos que esses sentimentos, muitas vezes, não são mais do que logares communs e imitações d'outros auctores, mas, ainda assim mesmo, ficam provas de sobejo para o condemnarem. Esta contradicção, a nosso ver, explica-se. No tracto social Diniz evitava conversar em poesia, assumpto sempre melindroso e só para poucos, na poesia que tanto amava, e, por conseguinte, em si, guardando o seu amor, de medo que o profanassem, no fundo do coração; quando porém no silencio do gabinete, essa paixão represada irrompia-lhe d'alma como torrente e levava-o comsigo, arrancando-lhe dos labios, sem elle o querer, a verdadeira expressão da consciencia do seu talento, talento desprezado, calumniado, perseguido talvez, como quasi sempre acontece, por muitos dos seus contemporaneos! A não ser este peccadilho, não encontramos nas suas obras impressas ou manuscriptas cousa que em nada deslustre as suas qualidades; e o proprio *Hyssope*, onde teria largo campo, se fosse dotado de espirito máo e rancoroso, para derramar os odios e vinganças, é para nós o melhor argumento do seu caracter. Os seus serviços á Arcadia, onde procurava mais a utilidade geral do que a sua; os seus sentimentos humanos, de que nos restam vestigios; a exactidão no cumprimento dos cargos que occupou; a qualidade d'elles; e a confissão explicita do governo de estar satisfeito do modo por que os desempenhou durante a maior parte da sua vida, quando os galardou depois d'elle morto na pessoa de sua irmã, são outras tantas provas em seu favor, e indubitaveis.

Além dos seus trabalhos poeticos, occupou-se igualmente Diniz, e muito, de jurisprudencia, em que se tornou eminente e em que escreveu obras valiosas, que se julgam perdidas. Tambem lhe mereceu particular predilecção a genealogia, na qual foi considerado como auctoridade. No que porém especialmente se delectava era no estudo da historia natural, cujos ramos diversos mais ou menos cultivou, e sobre tudo o da mineralogia. Durante a sua longa estada no Brazil, que se estendeu pelo espaço de vinte e tres annos, fez varias viagens, tanto na capitania do Rio de Janeiro, como nas de Minas e S. Paulo, e dos resultados collidos n'essas digressões scientificas escreveu dois grossos volumes de folio cheios de observações e descripções mineralogicas, os quaes tambem se não sabe onde param. A estas viagens referem-se os seus sonetos compostos á serra de Paraty, ás montanhas que se encontram indo do Paraty até ás margens do Parahyba, á cidade de S. Paulo, á villa de S. Vicente, ao salto do Tietê (junto de Itú), ao morro de Villa Rica e ao Rio Jiquitinhonha. A tudo isto reunia Diniz o ser curioso de objectos naturaes e artisticos e de antiguidades, de que formava collecção.

Compreende-se que Diniz amasse a contemplação da natureza e a estudasse nas suas viagens ou viajasse mesmo para a estudar; comprehende-se tambem que o attraísse principalmente a mineralogia, achando-se n'um paiz tão nomeado pela riqueza das suas minas; que colleccionasse os productos naturaes, não só como specimens scientificos, mas igualmente como recordações dos logares que visitava; que enthesourasse com avidéz as preciosidades artisticas e as moedas e medalhas, e que merecessem a sua especial attenção as antiguidades, porque por meio d'ellas a sua alma de poeta punha-se em

contacto com o passado e reconstruia parte da sua existencia; mas que cultivasse com proficiencia a aridez da genealogia, esse dedalo inextrincavel, capaz de apurar a paciencia do maior santo, é o que nós não atinamos a comprehender, apesar de assim o affiançarem as memorias contemporaneas, de que nos temos servido no presente estudo, e de mesmo o comprovarem algumas notas genealogicas das suas odes pindaricas, por elle escriptas. Quanto á sua curiosidade por objectos naturaes e artisticos e antiguidades pôdem servir de prova os seguintes versos dirigidos, em agradecimento de um presente de medalhas e conchas, ao dr. João Mendes Sachetti Barbosa, auctor bem conhecido por suas obras de medicina e pela que publicou na contenda suscitada por causa do *Verdadeiro methodo de estudar*, de Verney. Ahi figura elle que lhe apparece um genio, o qual lhe responde d'este modo ás suas perguntas:

..... eu sou o genio
 Que sobre o teu museu attento vela,
 Que invisivel o cerca, que o protege,
 Que cuida em augmental-o e enriquecel-o.
 Para esse fim, rompendo a densa nuvem,
 Que a teus olhos me encobre, a advertir-te
 De teus descuidos vigilante venho.
 Como esperas Elpino que elle cresça
 Nas ricas produções da natureza
 Ou nas que destra mão de antigo mestre
 Subtilmente lavrou, que o tempo esconde
 Da madre terra no profundo seio,
 E a mão favoravel do destino
 Mil vezes aos mortaes descobre e mostra,
 Se, ingrato aos beneficios, os esqueces?
 Ricas medalhas, exquisitas conchas
 Mão liberal te envia e tu não curas
 Nem ao menos, sequer, de agradecel-as?'

De indole melancolica, e ás vezes taciturna, desde a mocidade, vemol-o em idade madura, ou pelo correr dos annos que sempre vão deixando atraz suas lembranças, mesmo quando são entremeiadas de amarguras, e trazendo tantas desillusões, ou por outras circumstancias, mais triste, mais pensativo, mais retirado ainda, para o que devia contribuir bastante, principalmente sendo dotado de taes disposições, a sua existencia celibataria. Eis como elle se retrata n'uma das epochas da sua vida, respondendo a uma epistola do padre Manuel de Macedo, o qual o convidava a trabalhar para a gloria, já que, falto de bens, esta era a sua unica fortuna:

Do bom cysne Dirceu os altos vãos
 Com que cantando ás nuvens se remonta,
 O sonoro clarim do luso Homero,
 E a tua facil, doce e branda veia
 Só, Macedo, cobizo, só invejo.
 No meio pois da córte solitario,
 Sem conhecer os ricos, nem os grandes,
 Dos grandes e dos ricos desprezado,
 Passo em serena paz as horas leves:
 Ás vezes contemplando as varias obras

¹ *Obras de Diniz*, vol. iv, fol. 53.

Da mão da natureza, ás vezes lendo
 As famosas acções que n'outra idade
 Obrou o luso braço. Então minha'alma,
 D'alto n'ume inspirada, se transporta;
 Vejo as crueis batalhas, vejo a guerra
 Vestida de diamante, pelos campos
 De sangue e de ruinas tapizados,
 Membros inda fumantes devorando;
 Vejo Lima, Furtado e o gran Botelho,
 Ao lado da victoria eternizando
 Com sua espada a lusitana gloria;
 Então a lyra tomo e em seu applauso
 As cordas pulso do cantor thebano,
 E, seguindo seu rasto luminoso,
 No templo da memoria os grandes nomes
 Indelaveis gravar ousado empr'endo.

Em varios sonetos nos pinta Diniz a tristeza que lhe ia dentro n'alma. Ha alguns em que essa tristeza attinge o desespero. Não conhecemos as causas reaes d'esses sentimentos, mas julgamol-os existentes e abrangendo um largo periodo da sua vida, pois os vemos repetidos em tantas das suas composições. Citaremos por todos o seguinte soneto:

De tyrannas lembranças combatido,
 A vida vou passando, e em tal estado
 A lembrança me tem do bem passado,
 Que antes quizera nunca haver nascido.

O coração em partes dividido
 Corre do peito aos olhos apressado,
 E, por mais que o suspenda violentado,
 Sae em lagrimas todo convertido.

Oh! se a morte vibrando cruelmente
 A curva foice me roubasse o alento!
 Ou ao menos, se o fado o não consente,

De todo me faltára o entendimento!
 Pois, se a razão perdesse, juntamente
 Com ella perderia o sentimento¹.

Não menos expresivo é outro soneto² feito depois de ter completado quarenta annos da sua amarga e descontente vida, sem ter gosado durante ella de um prazer sincero.

A tristeza e o amor, essas duas perennes fontes da poesia, em que pese aos apostolos ruíns de prosaicas escolas, constituem a grande base dos versos de Diniz. Amou elle, e muito, e em todas as edades: na primavera, no estio e no outono da vida.

Bem que a neve dos annos a cabeça
 Pouco e pouco me cubra, um só instante
 Amor feroz c'o dardo de diamante
 Em assaltar-me o coração não cessa³,

1 *Obras de Diniz*, vol. 1, pag. 227.

2 *Idem*, pag. 101.

3 *Idem*, pag. 107.

exclamava elle como admirado de si mesmo, e reconhecendo a fraqueza da rasão para resistir aos impetos apaixonados.

Se de um amor mal correspondido, ou por outra rasão mallograda, passava a novos amores, a sua alma sensível e que não podia estar desoccupada de ternos affectos, explica-nos do modo que vamos vêr, como se operavam semelhantes mudanças:

Gemi, cantei: agora gemo e canto
De amor captivo em vil masmorra escura:
Nem a longa exp'riencia da ventura
De exemplo me serviu ou põe-me espanto.

Antes, não sei porque arte, por que encanto,
Minh'alma que detesta a prisão dura,
Apenas se vê livre, outra procura,
Que logo banha de piedoso pranto¹.

Não enchem poucas folhas os versos que Diniz dedicou ás Aglaías, Tre-séas, Licoris, Aglauras, Liliás e Celiás. Ouviram-n'o suspirar apaixonado não sómente o Mondego e o rio que banha feiticeiro a cavalheiresca Thomar, mas também o Tejo, o Sever, o Caia e até o americano Tiété. Muitos d'esses amores são vagos, affigiram-se-nos mesmo passageiros, e alguns d'elles um pouco materiaes. Faltam-lhes em geral aquellas particularidades e aquelle fogo que parecem respirar a verdade. São partos mais da imaginação do que do coração; sentimentos que nasceram facilmente, e que facilmente se apagaram na idéa impressionavel do poeta. Ha só entre esses amores uns que nos parecem mais dignos de reparo e mais verdadeiros. Fazem elles o objecto da canção² que principia:

Nos campos que cortando
Vem o Nabão sereno,

e referem-se-lhe os sonetos 8, 51 e 76 da primeira centuaria.

N'outros sonetos confessa o poeta que amou muitas mulheres, e que as do Brazil se deixavam captivar não pelo affecto dos homens, porém sim pelo seu dinheiro, allusão que esconde talvez algum factó real de nós ignorado. É minguada pois a chronica amorosa do nosso poeta e obscura, se a avaliarmos pelos seus versos. Não se conclue d'aqui, entretanto, que era pouco sensível a sua alma, o que seria fazer-lhe injuria.

Alguns amores teria elle verdadeiros, que não quiz devassados por olhos profanos e que por isso não confiou do papel; e se os cantou em versos, inutilisou talvez essas confissões amorosas, ou perderam-se. Poderíamos apresentar aqui alguma supposição, mas é uma cousa melindrosa e não o ousamos, nem devemos fazer, por falta de provas.

Diniz, além dos cargos que exerceu, teve o habito de cavalleiro da ordem de Aviz, e foi membro da Arcadia, como ja vimos, ao que se deve juntar o diploma de socio correspondente da Academia Real das Sciencias, que lhe foi conferido logo depois da formação d'esta sociedade. De 1786 em diante não se

¹ *Obras de Diniz*, vol. I, pag. 103.

² *Idem*, vol. III, pag. 256.

encontra porém o seu nome nas listas dos socios que annualmente sahiam nos almanachs de Lisboa, talvez porque se escusaria de tal honra, por não poder cumprir com os seus encargos.

IX

Manuscriptos de Diniz—Obras impressas em sua vida—Obras posthumas—Respeito que tem merecido seu nome—Generos em que escreveu—Juizo dos seus escriptos.

Que caminho levaram os manuscriptos de Diniz, depois do fallecimento de seu auctor? Sem mulher, sem filhos, sem pessoa alguma de familia que se interessasse pelo seu espolio litterario, é de suppor que não tivessem muito boa sorte. Apesar d'isso o illustre editor das suas obras, Trigoso, ainda obteve quando as deu á estampa (1807 a 1814) bastantes orginaes autographos do poeta. Daremos conta dos que conhecemos. Logo depois da morte de Diniz, em 1800, Manuel de Figueiredo, posteriormente conego da sé de Coimbra, trouxe do Rio de Janeiro dois volumes das suas composições, um em folio e outro em quarto. Suppõe Trigoso que seriam os borradores, onde o poeta primeiro lançava os seus escriptos, parte dos quaes ia depois polindo, o que deduz da pouca ordem com que estes ahi se achavam, das muitas variantes e emendas marginaes de que o texto estava carregado, da antiguidade da tinta, e do grande numero de poesias não acabadas e de apontamentos e reflexões em varios generos de litteratura que continham. Além d'estes o marechal de campo Mathias José Dias Azedo era senhor egualmente n'aquella época de dois volumes autographos de versos de Diniz, um dos quaes encerrava os dithyrambos e odes anacreonticas, e o outro varias poesias e os epigrammas e apologos. Luiz Beltrão de Gouvêa estava tambem então de posse do autographo das metamorphoses, e Francisco Soares de Araujo e Souza de duas pastas de apontamentos da letra do poeta, onde se achavam as mesmas metamorphoses e diversas peças.

Os primeiros dois volumes que mencionámos, trazidos por Manuel de Figueiredo são incontestavelmente os que hoje possui o Sr. Barbosa e que, por fineza do seu possuidor, examinámos, apesar de algumas differenças que parece haver entre elles e a sua descripção feita por Trigoso. Mas onde pararão os outros?

Mencionaremos tambem diversos traslados dignos de fé pelo modo porque foram feitos ou pelas pessoas a que pertenceram, e que Trigoso viu. São elles: uma copia dos ditos volumes de Figueiredo conferida por aquelle com os orginaes; dois volumes com sonetos, um em quarto e outro em oitavo, que o desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha trouxe do Rio de Janeiro, pouco

depois do fallecimento do poeta, os quaes Trigoso julga serem tirados dos seus proprios originaes ou escriptos debaixo das suas vistas e por elle dictados; um volume com sonetos, do então bispo de Portalegre, extraído de outro em parte autographo que Diniz tinha em seu poder em 1789; um volume tambem de sonetos que Trigoso chama a collecção Vimieirense, talvez por ser da condessa de Vimieiro; a collecção de poesias que o mesmo bispo de Portalegre copiou fielmente da que o poeta offereceu á dita condessa; uma collecção de vinte e quatro odes pindaricas, as mesmas que sahiram em Coimbra em 1801, do mencionado bispo, que a trasladou da do auctor, a qual em parte era autographa; e uma collecção de quarenta e quatro odes pindaricas, distribuida pela ordem por que Trigoso as publicou, escripta, segundo este julga, pelo original, mas por pessoa mal advertida ou ignoraute.

São curiosos os volumes que hoje possui o Sr. Barbosa, e, posto que quasi todas as peças que os compoem estejam impressas, ha ahi algumas ineditas que Trigoso julgou conveniente não incluir na edição, posto que nem sempre o acompanhemos n'esse parecer. Citaremos as principaes: um romance pastoril em prosa e verso, com o titulo de *Jornadas*, á imitação do *Pastor Peregrino* de Rodrigues Lobo, datado de 1753, incompleto; *A Degolação do Baptista*, drama para musica; uma lóá para a festividade de S. Sebastião, em portuguez e hespanhol, representada pelas monjas de Santarem em 1759; um discurso sobre a *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro, no qual se contém o extracto de todos os cantos e o juizo que sobre elles se fórma, com a data de 1756; uma resposta ás censuras de Garção a uma poesia que Diniz recitou na Arcadia; um discurso em louvor da Immaculada Conceição de Maria Santissima, para se repetir no monte Menalo a 8 de dezembro de 1757; a dissertação sobre o uso da mythologia, de que já fallámos, lida na mesma sociedade a 30 de junho d'esse anno; a traducção do canto funebre de David á morte de Saul; e a da *Aminta* do Tasso, incompleta, e alguns sonetos.

Isto é o que sabemos quanto ás suas poesias soltas e prosas. Quanto ao *Hyssope*, não só não conhecemos nenhum original ou cópia com alguma authenticidade, mas nem uma só allusão encontrámos d'este poema na noticia de Trigoso, ou nos manuscriptos que vimos; ha comtudo muitas copias d'elle, do que trataremos especialmente em capitulo separado e nas variantes.

Não logrou o nosso poeta a felicidade de ver as suas obras impressas; não, julgamos nós, porque lhe faltassem os meios, nem por mal cabida modestia. Supporia impropria do respeito devido á toga do magistrado a publicação dos seus versos, na maior parte amatorios? Talvez; ha espiritos assim: que se amedrontam facilmente com o que os outros podem julgar a seu respeito, e Diniz, de genio retirado e serio, era, póde muito bem ser, um d'elles. Ou foi addiando sempre a impressão dos seus escriptos, com projectos de mais e mais os aperfeçoar, até que infelizmente veiu a morte, e mallogrou-lhe os procrastinados intentos? É este, a nosso ver, o motivo mais provavel. Diniz emendava e muito. As variantes que traz a edição das suas obras já nol-o fizera perceber; mas agora vimol-o attestado exuberantemente nos dois volumes autographos que tivemos sob os olhos. Ahi ha poesias e bastantes, cuja leitura se torna difficil pelas muitas entrelinhas; algumas soffreram até, pelas frequentes mudanças, uma transformação quasi completa. As variantes que acompanham esta edição do *Hyssope* comprovam egualmente o que avançamos.

De todas as suas poesias, só sabemos que gozassem o beneficio da imprensa durante a sua vida: a ode á inauguração da estatua equestre em 1775; a que fez ao conde de Lippe; o idyllio pastoril aos desposorios de Manuel Bernardo de Mello e Castro, em 1771; o dythirambo em applauso ao marquez de Pombal, composto por elle e por Theotónio Gomes de Carvalho, em 1774; e os hymnos a S. Donato, S. Simeão Estelita, Santo Africano e Santo Adoeno, que já tinham sahido á luz em 1767, n'uma obra publicada por Francisco José Freire, com o titulo de *Santos patronos contra as tempestades de raios*. A ode ao conde de Lippe mereceu a Diniz uma medalha cunhada em louvor do conde, e que este lhe mandou, como signal de agradecimento, de Allemanha, ao que se refere o idyllio 23. Pelo soneto que principia:

Aura lyra, por ti meu nome sôa
Em Germania da fama repetido,

poderíamos suppor que essa ode foi traduzida em allemão; o que não seria para admirar, se não pela valia do auctor, que devia ser desconhecido n'aquelle paiz, ao menos pela do general elogiado. Ou referem-se estes dois versos a outra obra sua, vertida ou conhecida (o que tambem se podia dar a respeito d'aquelle) na Allemanha?

Morreu porém Diniz, e logo nos primeiros annos d'este fatal acontecimento foram impressas quasi todas as obras que d'elle se conhecem, como se o publico estivesse sequioso de possuir um thesouro tanto tempo escondido. Em 1801, publicaram-se em Coimbra as suas *Odes Pindaricas*; em 1802, em Londres (aliás Paris), o *Hyssope*; em 1807 (e n'outros annos), em Lisboa, as suas obras em seis volumes; em 1808, em Lisboa, a segunda edição d'aquelle poema.

Desde então até hoje os escriptos de Diniz, e sobre tudo o *Hyssope*, tem visto a luz da publicidade varias vezes: o *Hyssope* em 1817, em Paris; em 1821, na mesma cidade; em 1834, em Lisboa; no dito anno, em Paris; em 1876, em Barcellos; e, finalmente, agora; e as odes em Londres, em 1820, não fallando nas transcripções de muitas das suas poesias em diversos tempos e logares.

Foi grande o respeito que Diniz mereceu aos seus contemporaneos mais auctorizados, e até agora o juizo que elles pronunciaram ainda não foi revogado. Cifaremos só alguns d'entre os seus admiradores, mas são alguns que valem por muitos: Garção, Quitá, Filinto, Bocage, Garrett.

Todos téem na memoria os quatro bellos versos de Bocage:

Adoro altos prodigios que relatas,
Cantor da gloria, magestoso Elpino,
Tu que, agitado d'impeto divino,
Accesos turbilhões na voz desatas;

conhecem todos as palavras de Garrett em abono do nosso poeta, mas Filinto será o escolhido para depor ante os leitores, por isso mesino que alguém o julga inimigo da Arcadia, posto que o contrario se collija das obras d'este celebre poeta.

Assim perde tambem de vista a terra
Diniz que emular Pindaro contende,
Quando pinta a Discordia espavorida,
Co'as serpentes azues tapando o rosto,

.....
 Ou quando imita os Bachicos furores
 Dos que vindimam, dos que se embriagaram
 Co'o sancto sumo de Evio poderoso:
 Já doces frenesis a alma lhé agitam,
 Já o tropel dos espiritos alegres,
 Pelas veias fervendo, lhe galopa
 E em versilicos fumos se lhe exhala.
 Tambem o admiro, e até direi que o amo,
 Quando assim nos conserva a singeleza
 Dos costumes doirados da era antiga,
 E sopra a avena que soprou Virgilio.
 Então me é grata a vida campesina,
 Então gados, lavoiras me são gratos;
 Creio-me entre pastores, pelos bosques
 Dansando á argentea luz da clara Phebe;
 Vejo os rios ir mansos passelando
 Por entre verdes florescentes margens;
 Alli loiras espigas encurvadas
 Co'o peso do pardal, que as depenica;
 Alli frondentes faias sombreando,
 Ora o zagal saudoso, enamorado,
 Ora os rebanhos da calmosa ovelha.
 Tu que pintas assim, és vate, Elpino.

A ode anacreontica, o dithyrambo e o idyllio são tres generos de poesia onde com effeito o nosso poeta se tornou muito apreciavel, e principalmente nos dois primeiros; pois no ultimo preferimos-lhe Quita, por mais natural, singelo e harmonioso.

Nas odes, tomando por modêlo o vate de Teios, e ainda mais Chiabrera, legou-nos alguns bellos exemplares, onde, a par dos raptos do engenho poetico, brilham um profundo conhecimento da historia e o acrisolado amor á sua gloriosa patria. Os heroes portuguezes que se tornaram immortaes ou pelo indomito valor em arrostar os temerosos mysterios do oceano, ou pelas victorias incriveis com que hastearam a bandeira das quinas entre as mais distantes e mais barbaras nações na Asia, na Africa e na America, eis o assumpto principal que elle escolheu para soltar os vóos da sua imaginação. Era grande e arriscada a empreza, e nem sempre se sahiu bem d'ella. Falta-lhe ás vezes o enthusiasmo, esse fogo desconhecido que nos arrebatava involuntariamente ás mais altas regiões a que é dado chegar o pensamento humano. Tem entretanto muitas vezes comparações felizes, principalmente quando as vaee buscar ao fecundo e grandioso campo da natureza, e não a factos da historia antiga, pequenos em proporção das façanhas que exalta; abunda além d'isto em formosas proropoeas e valentes metaphoras, e apresenta-nos estrophes que nada devem invejar aos meliores cultores do genero. Estas qualidades brilhantes que disfarçam algumas das imperfeições da sua musa, fizeram com que elle fosse cognominado o Pindaro portuguez, preeminencia que alguns lhe contestam.

São os dithyrambos de Diniz muito preconizados, e não se falla n'este genero de poesia que não lembre immediatamente o seu nome.

Nos idyllios, como já dissemos, pomol-o depois de Quita. Alguns são compostos de sociedade com Esteves Negrão e Gomes de Carvalho, e posto que se note no estylo dos collaboradores uma certa harmonia que muito os honra, afigura-se-nos que Diniz lucraria mais se fosse o seu unico auctor.

Idílio

Que recitou na Academia em o ajustamento de 13.
de Maio de 1769. Antonio Diniz da Cruz
e Silva, chamado nela Elpino Nonocierve.

Nas frescas margens do sear frondoso
Amavas Anfitri a Clori o Livro Anfitri
D'um pequeno jardim cultor gracioso.

O jardim, o rio, o rio.

Pela Ninfa perdido tinha o vizo
Pela Ninfa deixavas sem cultura
O rio grosso, o candeo novo

N'uma manhã de Maio fresco, e pura
Quando a roada Aurora apparecia
Orralhendo dos campos averduos

N'um denso bosque o triste se melia
Onbe as flores da Ninfa rigorosa
Estas queiras poras em seu fazia

Anfir O Clori branca, e loivar may formosa
Que as tulipas do ovalho borrifadas
At o raio da manhã fresco, e saudosa

Por q' nas serenas madrugadas
Colho os brancos jasmims, as azuceras
Com a cheirosa salva misturadas
Quando fim am da ter as m.^{as} penas!
Com a morte! sim, que que em perca a vida:
A vida perderei: va mais que ordenas!

Em meu peito abrirei qual ferida
Cavar-te-ey em meu sangue ingrata fera
Nas entranhas do Caucaso nacida

Nam bem contava a nona primavera
Quando vi tuas grasas peregrinas
Lixas o Cao que a vista antes perdera

As suas odes anacreonticas primam entre as outras composições ligeiras. São das melhores que conhecemos. Não carecem nem de suavidade, nem de singeleza e sempre se lêem com agrado.

Quanto a canções, tem só uma: a que descreve os seus amores das margens do Nabão, que já citámos. É escripta com sentimento.

Occupam um volume os seus sonetos, e de todas as datas. Entre tantos ha muitos de pouco valor, mas ainda assim ficam bastantes para nos provar qual era o seu pulso n'estes pequenos certames poeticos, tão cultivados então quanto esquecidos hoje, e que offereciam tamanha conveniencia para exprimir principalmente uma idéa ou uma sensação breve. Quasi todos são amourosos, mas tambem ha alguns eroticos e laudatorios, e outros dedicados a assumptos politicos.

Póde-se dizer que Diniz cultivou todos os generos e fórmãs poeticas, e que em todas nos deixou que apreciar. No genero lyrico já o avaliámos na ode pindarica e anacreontica, na canção, no hymno e no dithyrambo. No epigrammatico, além dos sonetos, compoz egualmente alguns epigrammas. No pastoril, ali estão os seus idyllos e eclogas para nos attestar que, não obstante a insipidez do genero e o abuso que d'elle se fez, a sua palheta achou muitas vezes tintas apropriadas para pintar a amenidade das scenas campestres e as singelas graças da natureza. No elegiaco pouco escreveu, e no principio da sua carreira poetica. No didactico legou-nos algumas epistolas; não se empregou na satyra; no dramatico temos a lembrar a comedia *O Falso Heroismo*, composta em janeiro de 1773; *A Degolação do Baptista*, drama para musica, e uma loa para ser representada em Santarem. Tambem possuímos d'elle apologos, cantigas e metamorphoses. Onde porém a sua musa imprimiu mais firmes passos no caminho da posteridade foi na composição do celebre poema *O Hyssope*. É esta obra uma das mais bellas que se conhecem no seu genero, e, conforme Garrett, a melhor de todas em qualquer lingua. Tem confirmado o seu valor o continuo acolhimento do publico dentro e fóra do paiz, e esperamos que sobreviverá, graças aos seus dotes reaes, á maior parte das outras composições de indole similhante.

As metamorphoses de Diniz foram compostas durante a sua larga residencia no Brazil, ou pelo menos nasceram das reminiscencias d'esses tempos e logares. Taes são: *A Tijuca*, *O Cauhy*, *O Manacá e o Beija Flor*, *O Bem-te-vi e o Macahé*, *O Itambé*, *O Sahy*, *A Rosa do Matto*, *O Pyé*, etc.

Passam-se debaixo do ceo americano as scenas que o poeta representa, mas raro são illuminadas pelo seu sol vivificador; decoram-se os personagens de nomes indigenas, sem guardarem contudo analogia no modo e nos costumes com esses nomes; apparecem aqui e alli algumas produções animaes e vegetaes dos climas brazileiros, e o quadro fica desanimado. É que lhes falta a côr local; é que debaixo de todos aquelles disfarces e atavios transparecem os campos, o sol e a existencia da Europa culta, já de nós tão conhecida. Não admiram taes defeitos n'um poeta portuguez e n'aquella epocha; os proprios filhos do imperio ainda hoje os commettem, e só rara vez luctam vantajosamente com as litteraturas europeas, sendo de notar que ainda para o conseguirem precisam repovoar o seu solo de povos que já morreram, e de costumes barbaros que não representam de modo algum os seus costumes de agora.

Além das metamorphoses, Diniz compoz na sua longa permanencia no Bra-

zil muitas das suas odes pindaricas e sonetos, fóra outras obras que não podemos assignalar.

A *Iphigenia em Tauride*, de Ducis; *O canto de David á morte de Saul*; o fragmento da *Aminta* do Tasso, já atraz citados, e pouco mais, eis as suas traducções de nós conhecidas.

As suas obras em prosa limitam-se ás orações que já enumerámos, recitadas na Arcadia.

A versificação de Diniz é muitas vezes boa: tem harmonia e força conveniente aos objectos de que trata; outras porém, e mais a miudo do que era para desejar, maculam-n'a certos desprimores de fôrma, que muito a desfeiam. Onde ella se nos ostenta melhor é talvez nas odes, e onde mais se fazem sentir as suas imperfeições é nas peças em verso solto, verso difficil de fazer, e em que os seus antecessores e contemporaneos, até os mais illustres, pouca vantagem lhe levaram. Ainda deviam apparecer Bocage e Castilho, os dois reis da harmonia, que elevaram o verso solto ao maior grao de perfeição, e Garrett, o qual, menos cadente, o viria a compor com tanta arte, arte sua, e que difficilmente se poderá imitar. A frouxidão dos versos do nosso poeta, sobre tudo os soltos, fez com que o maledicente e invejoso padre Macedo, invocando a Sandice, no seu poema dos *Burros*, escrevesse com manifesta injustiça:

Tu que ao prosa Diniz ditaste o *Hyssope*,
E a *Estupidez* ditaste a Almeida e Franco,
Ambos da morte estupidos correios,
Ouve deusa o meu canto, etc.¹

Muito poetou Diniz n'esta qualidade de verso, ajudando assim a Arcadia nos esforços que fez para o vulgarisar, e bem merecendo da litteratura patria pelo exemplo que deu, exemplo seguido por tantos poetas até os nossos dias. A sua linguagem foi boa. Era o empenho da Arcadia purificar-a, e Diniz e Garção principalmente bastante se esforçaram para que ella o conseguisse. Aproximando-se dos modêlos poeticos de Roma, e ajudando assim o que se chama a segunda renascença, aproximaram-se tambem o mais que puderam da lingua mãe e locupletaram-n'a sem a alatinarem.

A esse respeito diz Filinto:

Foi licito a Garção, a Elpino, a Alfeno,
Foi-lhe muito applaudido o presuppuesto
De escorar na latina a lusa lingua.

Para desculpa de muitos dos defeitos de Diniz, cumpre lembrar que quasi todas as suas obras foram publicadas posthumas. É o auctor o unico competente para dar ao prelo as suas composições; se porém não o faz, se alguém o emprehende depois da sua morte, ainda que esse alguém seja seu verdadeiro amigo e amigo de illustração apropriada á empreza, nunca ellas sahem como deveriam. Os inconvenientes das edições posthumas augmentam tanto mais quanto o poeta é mais illustre, pelo culto que merece e fanatismo que

¹ O poema *O Reino da Estupidez*, por Francisco de Mello Franco, de collaboração talvez com Jose Bonifacio de Andrada e Silva.

excita; pois estes sentimentos cegam de tal maneira os que d'elles se acham possuidos que tudo acham digno de se publicar, por peor que seja. Se porém o editor é leigo ou quasi leigo na materia, esses inconvenientes sobem de ponto e tornam-se verdadeiramente lastimaveis. Quantas obras vem a publico, as quaes o auctor desejava occultar a todos, que mesmo cem vezes tentou rasgar, e que só conservava no fundo da gaveta pelo muito amor que lhes tinha, não pelo seu valor litterario, mas pelos factos que lhe recordavam? Quantas que elle sómente publicaria depois de muita e muita lima? Quantas cheias de erros de copistas, erros que o editor não emendou ou por ignorante ou por descuidado, e que desacreditam o pobre auctor, o qual debaixo da terra não pôde desaggravar-se de tão injustas e barbaras affrontas? Faltas de palavras, faltas de letras ás vezes essenciaes para a medida, transposições, má pontuação, paragraphos truncados, versos errados ou omittidos, tudo vae sob a responsabilidade de quem já não vive e por culpa alheia. Pois todos estes inconvenientes soffreu o nosso poeta, como facilmente verá quem examinar com attenção os seus escriptos, posto que tivesse editores como Trigoso e Lecussan Verdier.

X

Merecimento do «Hyssope» — Opinião de que é apenas uma imitação do «Lutrin» — Lecussan Verdier e alguns criticos francezes opinam pelo contrario — Argumento dos dois poemas.

É o *Hyssope* um bello poema heroe-comico, o melhor de quantos possuímos, que não são poucos, e, segundo Garrett, como já tivemos occasião de dizer, a obra mais perfeita n'este genero de qualquer litteratura. Não se lhe pôde tecer maior elogio, nem de mais valia, sabindo da penna de auctor tão illustre. De quantos conhecemos de indole similhante, é este para nós o de mais subidos quilates. As continuadas edições que tem tido, o apreço que mereceu e merece aos homens de letras de dentro e de fóra do paiz, e a traducção franceza em prosa que d'elle fez o sr. Boissonade¹ são outras tantas provas do seu merecimento.

A similhança do motivo da acção, o ascendente do nome de Boileau, tão respeitado pela Arcadia, a preponderancia da litteratura franceza, e outros motivos, porventura têm feito com que dentro e fóra do paiz alguns escriptores julguem o *Hyssope* uma imitação mais ou menos livre da obra do poeta francez. Esta opinião porém é superficial, como adiante mostraremos.

¹ *Le Goupillon, poème heroi-comique; traduit du portugais d'Antoine Diny.* Paris, chez Verdier 1828, 12.º, gr.

Idem, 2.ª edição revue et précédée d'une notice sur l'auteur par Mr. Ferdinand Dinis. Paris, 1867, 18.º, gr.

Já, antes de nós, Verdier, no prologo da edição do *Hyssope* de 1817 se encarregou de defender o nosso poeta, escudando-se com o parecer de alguns francezes doutos juizes de poesia e conhecedores da lingua portugueza. Citaromos as suas palavras: « Accrescentam (os ditos criticos) que o *Hyssope* de nenhum modo similha o *Lutrin* do seu Boileau em progresso e remate da acção; que a paridade notavel entre ambos consiste unicamente em serem nascidos de ridiculas contendias ecclesiasticas; que a mesma paridade, attendendo ao logar e ás pessoas, podia e devia motivar identicos incidentes; mas que Diniz soube variar-os de maneira a se não equivocarem com as scenas do *Lutrin*; que o pouco e muito pouco que Diniz imitou do *Lutrin* acha-se no *Hyssope* disfarçado com o talento que requerem a poesia e o bom gosto; que todo o nexó é igual e facilmente travado até á conclusão; e, finalmente, que, não obstante acreditarem que a não haver existido o *Lutrin* não existiria o *Hyssope*, entendem que estes dois lindos e correctos poemas têm entre si a mesma dissimilhança que as duas linguas que se acham por elles enriquecidas, e que o *Hyssope* talvez tenha sobre o *Lutrin* o realce de unidade em a sua *vis* comica, pois cómicamente acaba o seu oitavo canto com a engenhosa invenção do bruxo Abracadabro e dos successos que este vaticina ao deão, quando o sexto canto do *Lutrin* só contém longas e serias conferencias entre a Piedade Religiosa e a Justiça, com um elogio ao presidente De Lemoignon. Similhante remate a um poema heroe-comico, qual o *Lutrin*, é muito frouxo, nada comico, e não corresponde ao genio jovial que presidiu aos cinco primeiros cantos.» Tal é a opinião de Verdier e dos criticos francezes que elle invoca, opinião muito favoravel ao nosso poeta, e que nós accetamos quasi totalmente.

Vejamos, para fundamentar o nosso juízo e para que os leitores o possam avaliar, por si mesmos, qual é o desenvolvimento da acção do poema de Boileau e qual a do poema de Diniz.

Para isso seguiremos, canto a canto, o *Lutrin* e depois o *Hyssope*.

Tem a palavra Boileau:

Canto primeiro: — A cidade de Paris via florescer em paz a sua antiga capella, quando a Discórdia, saindo do convento dos Franciscanos para ir ao dos Mínimos, parou junto do seu palacio, e, contemplando o seu imperio, ficou admirada do tumulto que n'elle reinava. No meio de tamanha confusão só vivia socegada uma igreja, e a Discórdia, offendida com tal quietação, que era uma injuria á sua auctoridade, decide vingar-se. Para isso disfarça-se n'um velho chantre, apparece em sonhos ao thesoureiro, e incita-o contra o chantre, inspirando-lhe com suas palavras o ardor da chicana.

O thesoureiro acorda, e, arrebatado pelo sonho, quer ir ao côro, mesmo antes de jantar, mas Gilotin, seu esmoler, mostra-lhe os inconvenientes de tal passo, pelo que o thesoureiro cede e janta, mas á pressa e agitado.

Vendo Gilotin esta insolita excitação, vae semear o terror entre todos os partidarios de seu amo, os quaes acodem a casa d'este promptamente. O thesoureiro consola-se, vendo-os; faz com que comam e bebam á sua mesa; depois expõe-lhes as queixas que tinha contra o chantre, que lhe usurpava os direitos alardeando a sua importancia, e conta-lhes a visão que o inquietára, acabando o seu discurso em lagrimas e suspiros.

Então chega o velho Sidrac e aconselha que se traga da sacristia uma

estante do côro que d'antes escondia o chantre das vistas de todos com a sua grandeza, e se torne a collocar no antigo sitio para esconder a sua presumpção dos olhos do povo; que isto se faça durante a noite e que para tal feito se escolham tres pessoas. São estas tiradas á sorte e sahem: Brontin, o cabelleireiro Amour e o sacristão Boirude. Dispersa-se a assembléa, e o prelado, só, dorme até á ceia.

Canto segundo: — A Fama annuncia á mulher do cabelleireiro Amour que elle deve velar toda a noite para collocar a estante no côro, e gela-a de terror mortal. A simillhante noticia ella corre trémula, afflicta e desgrenhada, e pede ao marido que deixe o seu projecto. Acaba de fallar e cae quasi sem sentidos. Amour commove-se e hesita, mas em fim persiste no seu intento e consola-a.

Baixa a noite, e Brontin e Boirude vão buscal-o e estranham-lhe a demora. A Discórdia, vendo-os, solta um grito de alegria que acorda a Molleza na abbadia de Cister, onde mora. A Noite augmenta os temores da Molleza, contando-lhe a nova empreza do prelado e que viu os tres inimigos da paz caminharem ao favor das suas trevas. A Molleza, chorando, lembra com saudade o tempo em que reinou em França; lamenta o presente, em que um rei guerreiro a não deixa descansar com o ruido das suas victorias; invoca o auxilio da Noite e adormece.

Canto terceiro: — A Noite vae á torre de Montlheri, leva d'ella um velho mocho, celebre mensageiro de grandes desgraças, e colloca-o na estante do côro:

N'este meio tempo, os tres, tendo chegado á egreja, entram n'ella e passam á sacristia, onde estava a estante, mas quando o cabelleireiro lhe põe a mão, estremece aos pios do mocho, e, apagando-lhe este a luz com as azas, fogem todos assustados. A Discórdia, a tal vista, disfarça-se na figura de Sidrac, mostra-lhes como é infundado o seu terror, e anima-os a voltarem sobre seus passos. Fazem-o elles, o mocho sahe, e colloca-se a estante no côro.

Canto quarto: — O chantre acorda assustado de um terrivel sonho. Girot indaga o motivo do medo de seu amo. Conta-lhe este que sonhára que em quanto abençoava o povo e sorvia o incenso, vira sahir da sacristia uma nuvem, a qual, abrindo-se, lhe mostrára o prelado que conduzia uma serpente, de cuja cabeça sahia uma estante, e que esse monstro se lançára contra elle. Girot zomba do seu sonho; mas o chantre veste-se e corre á egreja, onde fica fóra de si vendo a estante no côro. Lamenta-se, decide não voltar mais áquelle logar, mas, para que seu inimigo não triumphe, determina ou morrer ou arrancar-a d'onde estava. Entretanto chegam o corista João e o sineiro Girard e applaudem a destruição da estante, mas na presença do cabido e pelas mãos de todo elle. O chantre manda-lhes chamar os conegos que dormem, e, conhecendo que o recusam fazer por medo do prelado, vae acordal-os elle mesmo juntamente com Girot, tocando a matraca da semana santa. A Discórdia ajuda-os. Os conegos despertam, mas, apesar d'isto, não se levantam, senão quando Girot lhes diz que um jantar os espera no cabido. Vão e acham-se enganados quanto á promessa que lhes fizeram. O chantre expõe-lhes o seu infortunio. Alain propõe que se estude nos livros o caso da estante. Evrard offerece-se para a destruir. Os conegos lançam-se sobre ella, quebram-a e levam para casa do chantre os seus pedaços.

Canto quinto: — Brontin vae contar o acontecido a Sidrac, o qual o com-

munica ao prelado. Levanta-se este e veste-se á pressa. Unem-se-lhe diversos conegos, promptos a vingal-o. O thesoureiro reprova tal projecto como iutil, e vae consultar a Chicana, a qual lhe responde que a estante será reposta no côro, mas que é preciso combater primeiro, e lança no seu peito o espirito que a atormenta.

N'este meio tempo, o chantre e os conegos banqueteavam-se á vontade, quando a Fama lhes leva a noticia de tudo. O chantre levanta-se da mesa, e com os seus encaminha-se ao palacio da Chicana para tambem a consultar, ao passo que os seus contrarios desciam as escadas do mesmo palacio. Então de um e de outro lado entram na loja do livreiro Barbin, e trava-se entre elles um terrivel combate de livros. Os do partido do chantre vencem, mas o prelado sujeita e dispersa os seus contrarios lançando-lhes a benção.

Canto sexto:—A Piedade, retirada nos Alpes, precedida da Fé, apoiada na Esperança, conduzida por ella e seguida pela Caridade, vóa a Paris e vae queixar-se aos pés de Themis de que o seu reinado tenha passado, de que triumphe a Discórdia, e de que esta e a Moleza escolham para campo de seus combates o templo levantado á gloria da religião. Themis consola-a; assegura-lhe que o inferno não prevalecerá contra o seu poder, e aconselha-a, para acabar a contenda, a ir procurar o justo e piedoso Aristo. Executa ella este conselho, queixa-se ao magistrado de a Discórdia imperar onde estão os seus altares, e pede-lhe que a salve. Sahe a Piedade; Aristo reconhece o brilho da filha celeste e ora. O auctor pede a Aristo que diga como decidiu a questão entre o thesoureiro e o chantre, fazendo que o cabido pozesse de novo a estante no côro, e que o thesoureiro, obtida esta satisfação, a tirasse logo d'elle, e acaba tecendo o elogio de Aristo.

Agora o *Hyssope*:

Canto primeiro:—Nos vastos intermundios de Epicuro estende-se o grande paiz das Chimeras, que fórma o imperio regido pelo genio das Bagatellas.

O genio chama a conselho os seus principaes dynastas: a Lisonja, a Excellencia, a Senhoria, o Dom, as Cortezias, o Whiste, o Trinta e um, os Cumprimentos, o Vampirismo, os Sortilegios, os Sylphos, as Salamandras, as Nymphias, os Gnomos e os outros genios da cabala. A Precedencia, rodeada de mil Ceremonias, reparte os assentos.

Então o genio propõe-lhes em agradecimento do preito que o bispo de Elvas rende a seus altares, que se dê um novo pasto á sua vaidade, fazendo com que o deão vá offerecer-lhe o hyssope a uma porta escusa; o que approvam todos.

A Senhoria, grata aos favores que sempre recebera do deão, oppõe-se á determinação do genio, como indigna de tal ecclesiastico.

Interrompe-a a Excellencia, sustentando o projecto; o genio impõe silencio a ambas e despede o conselho. Em seguida chama a Lisonja e encarrega-lhe a execução do que foi determinado.

Parte a Lisonja voando e chega ao paiz da Dependencia, onde n'um ribeiro que n'elle havia enche uma infusa d'agua, e, entrando disfarçada de lacaio em casa do deão, dá-lhe um copo d'ella com caramellos. Bebe-a o Lara e sente-se logo inflamado em desejos de obsequiar o bispo, mas duvida no modo; até que, apparecendo-lhe em sonhos, a Lisonja o aconselha a que vá offerecer á porta nova o hyssope ao prelado, o que o deão executa.

Canto segundo: — Reinava a mais doce paz entre o bispo e o deão, quando a Senhoria, para se vingar da Excellencia, procura a Discórdia e lhe pede que perturbe tal socego, despertando o genio altivo e presumpçoso do deão. Anue a Discórdia; e voando montada n'um dragão chega a Elvas, onde, depois de semear a sizania entre o prior e os frades de S. Domingos, entra em casa do Lara, que dormia a sesta. Ahi, tomada a fôrma da ama d'este, censura-lhe o abatimento a que desceu e excita-o a fazer o que deve a si mesmo. O deão não lhe dá ouvidos e torna a adormecer. Então a Discórdia recobra a sua fôrma verdadeira e lança-lhe no seio uma vibora e com ella o seu furor; pelo que o deão desperta respirando vingança.

Canto terceiro: — É dia de festa, e o bispo dirige-se á sé; mas chegando ahi, vê com grande pasmo e ira que faltava o deão no logar costumado para lhe offerecer o hyssope. Volta a casa; convoca toda a familia a conselho, e expõe-lhe indignado o caso. O lacaio da liteira offerece-se para ensinar o deão, dando-lhe com um pau; mas Almeida é de parecer que se reuna o cabido, pois espera que n'elle os parciaes do bispo obriguem o culpado a fazer por força o que não quer fazer por vontade. O prelado approva este alvitre e manda preparar um jantar para alguns conegos que reune em casa. Ahi á mesa declara-lhes o seu projecto que todos adoptam. N'isto o relógio faz signal de vesperas, e os conegos correm da mesa ao côro, onde propõem aos seus collegas que no outro dia, em que o deão se ausenta de Elvas, se junte o cabido para negocio de seu interesse. Pensam comsigo variamente os conegos sobre qual seria o motivo da reunião, inclinando-se Bastos a^o da mudança no forro das batinas, etc. Para melhor dar o seu parecer, manda este pedir ao rabula do Cêa alguns auctores, o qual lh'os envia, mas o conego nada entendendo do que lê n'elles, come e deita-se. Vem o outro dia e junta-se o cabido. Abreu, depois de tecer o elogio do bispo e de contar a affronta que lhe foi feita pelo deão, propõe que se tire d'ella vingança. Então o Ramalhete vota que se lave um accordão para obrigar o Lara, com pena de multa, ao obsequio costumado, o que todos approvam, menos o thesoureiro e o chantre.

Canto quarto: — A Fama leva esta noticia ao deão, que estava na sua casa de campo jogando. Furioso, este volta á cidade e vae deitar-se, mesmo sem ceia, mas não pôde dormir. A Senhoria compadecida corre á morada de Morpheu d'onde lhe traz um somno, e por meio do seu influxo adormece-o. Mostra-se-lhe em sonhos a Senhoria e aconselha-o a consultar alguns doutores, o que elle faz indo procurar Fernandes, o qual lhe dá de parecer appelle para a metropole e *coram probo viro*; depois do que volta a casa.

Canto quinto: — Ainda bem o deão não tinha feito o chylo quando se dirigiu ao convento dos Capuchos. Em quanto o porteiro vae chamar o guardião que dormia a sesta, entra na cêrca, onde se encontra com um dos padres mais graves da provincia, o qual lhe dá noticia dos personagens representados nas estatuas que adornam o jardim. Algum tempo depois chega o guardião, e o Lara appella ante elle da affronta que lhe fazem o bispo e o cabido. Interposta a appellação, o guardião manda ao padre jubilado que vá passar certidão d'ella, e fica discorrendo com o deão a respeito do bello estado em que se acha a cêrca e da pobreza do convento. N'este ponto chega o jubilado com a certidão. Despede-se o Lara e volta alegre a casa, onde faz comparecer o Luz, mau rabequista da sé de Elvas e pessimo escrivão. Tendo-o animado com alguns

copos, encarrega-o de entregar a appellação ao bispo, o que elle recusa com medo. Despede-o o deão, zangado, e manda chamar Gonçalves, escrivão atrevido (o que a Senhoria faz, disfarçada em galopim), o qual acceita o encargo.

Canto sexto:—Declinava o sol para o occidente, quando o bispo se resolve a sahir e ir tomar o fresco do seu Versalhes. Mil infandos prodigios agouram o seu passeio. Almeida, em vista d'elles, aconselha-o a ficar em casa, mas o bispo animoso regeita o seu conselho. Entretanto Gonçalves, sabendo que o bispo ia passeiar, prepara-se para lhe entregar no caminho a appellação, quando a mulher, temendo a vingança do prelado, o dissuade, mas sem resultado, porque o marido zomba das suas rasões. Sabia o bispo da cidade, quando Gonçalves se chega a elle e lhe dá a appellação. Mal o prelado conhece o que contém o papel, manda aos lacaios que lhe castiguem o atrevido, o que estes querem fazer, mas Gonçalves já fugira para perto da guarda, onde zomba d'elles. Então a Senhoria chama a Fama, que leva ao deão a grande noticia. Este, que estava duvidoso do resultado da empreza committida a Gonçalves, fica alvoroçado de alegria, conta a todos de casa o que succedera, e manda, em signal de contentamento, preparar uma ceia esplendida e que haja um concerto, para o que convida varias pessoas. A ama, em virtude d'esta ordem, faz grande mortandade na capoeira, não escapando um velho e respeitavel gallo.

Canto setimo:—Vem a noite e juntam-se em casa do deão os convidados: Sequeira, o Noventa-Cabellos, Vellez, Perinha, Leote, o Barquinhos, Salgado, etc. Reunidos todos, principia a função pela orchestra e canto; depois o Vidigal canta ao som de uma bandurra os louvores de Elvas. Segue-se a ceia, onde, no meio da alegria, o bispo e as suas acções são alvo da zombaria de todos. N'isto o velho gallo, que estava na mesa para se comer, levanta-se sobre o prato e prediz ao deão que será vencido. Ficam todos immoveis de medo com tal vista e fogem.

Canto oitavo:—Introduzida a appellação na instancia superior, dois rabulas tratavam de offuscar o direito das partes. A Excellencia, a Discordia, a Senhoria e sobre tudo a fome do ouro excitavam-os. Então o genio das Bagatellas, tomando uma balança e pesando n'ella as rasões do deão e as do bispo, vê que estas tem mais peso, pelo que chama á côrte os seus magnates, estranha que houvesse entre elles quem ousasse ir contra os seus projectos, e, fitando a Senhoria, ordena que nenhum se intrometta na causa entre o bispo e o deão. A Senhoria conhece que a ella se dirigem as iras do genio e retira-se, chorando, para um deserto.

Entretanto o deão triste e afflicto passava o tempo sem poder esquecer o annuncio do gallo. A ama estranha a causa da sua tristeza e propõe-lhe consultar o sabio Abracadabro, cujo grande poder lograria tornar vão o triste agouro. O deão hesita, mas em fim segue o conselho.

É alta noite, e os dois voam pelos ares em procura da morada de Abracadabro. O prior d'Alcaçova, que voltava com o Nunes de uma comezaina, vendo alçar-se da terra os negros vultos, puxa da espada, mas cae no chão, sendo só o pobre Nunes quem soffre as consequencias do golpe. Chegados os dois á presença de Abracadabro, a ama pede-lhe auxilio para o perseguido deão. Abracadabro sae da caverna, e por meio de linhas mysteriosas e processos magicos declara ao deão que perderá a contenda. Este desmaia a tal no-



Sé de Elvas

ticia, e, tornando a si, ouve da boca do nigromante que será vingado por seu sobrinho, o qual, succedendo-lhe no deado, recusará também offercer ao bispo o *hyssope*, e, querendo este obrigar-o, ficará victorioso na contenda. O deão alegra-se com esta esperança de ser vingado e torna a casa. No dia seguinte acorda ao grande ruido dos sinos que celebravam a victoria do seu adversario, mas, consolado com a predicção de Abracadabro, ouve sem alterar-se a triste noticia.

XI

**Comparação dos dois poemas—O seu enredo e os seus caracteres—
Superioridade de Diniz em muitos pontos—Prova-se que o «Hyssope»
não é uma imitação do «Lutrin».**

Do argumento dos dois poemas, que acabamos de escrever, resalta a grande differença que ha entre elles no enredo e na disposição do assumpto, e que na sua generalidade o *Hyssope*, nem de longe, é uma imitação do *Lutrin*. Ambos nasceram de uma ridicula questão de egreja, eis a sua similhaça. O ter Boileau cantado a *Estante do Côro*, lembrou ao nosso Diniz a conveniencia de aproveitar a contenda caricata do bispo de Elvas com o deão da sua sé, pintando-a na téla do poema heroi-comico: eis o ponto de contacto entre os dois celebres poetas.

A differença principia logo na proposição: a do *Lutrin* é mais restricta que a do *Hyssope*. N'um a acção é precisamente determinada, o que não acontece no outro.

Escreve Boileau:

Je chante les combats et ce prélat terrible,
Qui par ses longs travaux et sa force invincible,
Dans une illustre eglise exerçant son grand cœur,
Fit plaisir à la fin un lutrin dans le chœur.

Escreve Diniz:

Eu canto o bispo e a espantosa guerra,
Que o *hyssope* excitou na egreja d'Elvas.

O motivo da questão no primeiro é apenas indicado por seis versos, no começo, na falla da Discordia, quando em sonhos apparece ao thesoureiro, e por poucos mais nas palavras que este dirige aos seus partidarios juntos em sua casa. No segundo o mesmo assumpto desenvolve-se larga e distinctamente

aos olhos dos leitores em todo o canto primeiro e em boa porção do seguinte. N'um o poeta faz com que os seus personagens se refiram simplesmente a elle, n'outro constitue o mesmo parte da propria acção: no que Diniz não só não imita Boileau, mas lhe leva vantagem.

No *Lutrin* é a Discórdia que excita os animos e põe em movimento o poema, o qual acaba pela intervenção da Piedade e da Justiça. No *Hyssope* o genio das Bagatellas abre e fecha a scena, do que resulta em geral mais harmonia do que ha no todo d'aquella obra.

Subordinadas ao genio das Bagatellas, a Excellencia e a Senhoria, dois dos principaes dynastas do seu imperio, sustentam a acção com as suas intrigas, uma a favor do bispo e outra do deão, e a Discórdia só entra em campo excitada por esta, até que no ultimo canto o genio irritado pelo arrojado da Senhoria em se oppor ás suas ordens, junta a sua córte e faz desistir a desobediente de se intrometter no pleito, ficando de pé a sua resolução de honrar o prelado pelo culto que lhe rendia, com o que se termina o poema. D'esta differença de agentes resulta a da indole das duas obras: uma é grave porque é sustentada pela Discórdia, e só termina com a intervenção da Piedade, da Justiça e do virtuoso Lemoignon; a outra zombeteira e seriamente ridicula, porque só lhe dá vida o poder do genio das Bagatellas.

N'um a acção caminha, de principio a fim, apenas sobre as rodas indispensaveis para se mover; n'outro adorna-se de scenas chistosas que se travam com ella e que a aformoseiam, não lhe impedindo o andamento.

Boileau, a não serein algumas referencias á molleza e intrigas dos conventos e em geral da egreja e a critica a certos livros, espalhadas aquellas por varias partes do corpo do poema e amontoadas estas na scena do combate dos livros entre o partido do thesoureiro e o do chantre, não nos retrata o seu tempo, como Diniz, por meio de passagens apropriadas. Boileau limita-se á acção, pelo que é o seu poema muito menos valioso do que o nosso, no qual Diniz mistura eugraçadamente nas fallas dos seus personagens ou nas suas descripções adequadas censuras ás cousas da epocha, tornando-o assim interessante para ella e para as futuras. Umavez fornecem pasto á critica do poeta os gallicismos e o mau gosto de escrever dos seus contemporaneos, no que elle ajudava e continuava os louvaveis esforços da Arcadia, como logo no principio do poema e na conversa do deão e do padre jubilado; outras vezes o estado do fóro portuguez, como na consulta do Lara ao advogado Fernandes; agora as desavenças conventuaes, como na passagem em que a Discórdia visita o convento dos Dominicanos e n'outras; logo o fausto da egreja, como nas descripções do bispo e do deão e geralmente em varios logares; já em fim as doutrinas jesuíticas, as credices populares, os livros máos então em voga, as sandices da camara de Elvas, etc., como conhecerá quem ler attentamente o *Hyssope*.

O poeta francez termina pedindo a Aristo que lhe conte a maneira como decidiu a contenda entre o thesoureiro e o chantre :

Muse, c'est à ce coup que mon esprit timide
 Dans sa course élevée a besoin qu'on le guide,
 Pour chanter par quels soins, par quels nobles travaux
 Un mortel sut fléchir ces superbes rivaux.
 Mais plutôt, toi qui fis ce merveilleux ouvrage,

Ariste, c'est à toi d'en instruire notre âge.
 Seul, tu peux révéler par quel art tout puissant
 Tu rendis tout-à-coup le chantre obéissant.
 Tu sais par quel conseil rassemblant le chapitre,
 Lui-même de sa main reporta le pupitre;
 Et comment le prélat de ces respects content,
 Le fit du banc fatal enlever à l'instant.
 Parle donc: c'est à toi d'éclaircir ces merveilles.
 Il me suffit pour moi, d'avoir su par mes veilles,
 Jusqu'au sixième chant pousser ma fiction
 Et fait d'un vain pupitre un second Illion.
 Finissons. etc.

O poeta portuguez, depois de nos preparar para o desfecho da lide entre o bispo e o deão na prophesia do magico Abracadabro, acaba mostrando-nos como esta se realisa e é annunciada pelos repiques dos sinos de todas as egrejas de Elvas, assim como a maneira por que Lara recebe tão fatal noticia; no que Diniz leva muita vantagem a Boileau, pois nada ha mais improprio do que terminar um poema heroi-comico, onde deve reinar a jovialidade, tão natural do genero e do assumpto, com um canto inteiro sobre a religião e a justiça e sobre as virtudes de Lemoignon, indicando apenas e de leve qual foi o termo da questão, que faz o objecto do mesmo poema e invocando para isso um personagem inteiramente estranho a elle.

Os caracteres no *Lutrin* são muito menos do que no *Hyssope*; rarissimas similhanças apresentam entre si os de um e outro poema, e essas provêem das situações identicas. Os d'aquelle são: o thesoureiro; Gilotin, seu esmoler; o chantre; Girot, seu criado; Sidrac; Brontin; o cabelleireiro Amour; a mulher d'este; o sachristão Boirude; Alain e Evrard. Os d'este: o bispo; Almeida, seu criado particular; o deão; a sua ama; os conegos Bastos, Abreu, Ramalhete; o advogado Fernandes; o padre jubilado; o guardião do convento de S. Domingos; o escrivão Luz; o escrivão Gonçalves; a mulher d'este; Sequeira; o Noventa Cabellos; Vellez; o Perinha; o Leote; o Barquinhos; Salgado; Venegas; o prior de Alcaçova; Saldanha; Silva; o Pão-Ralo; Gonçalo; e Vidigal.

Estes caracteres do *Hyssope*, não sómente são em maior numero, mas tambem mais largamente descriptos. O do thesoureiro, um dos mais importantes do *Lutrin*, apenas occupa alguns versos.

Dans le réduit obscur d'une alcove enfoncée
 S'élève un lit de plume à grands frais amassée.
 Quatre rideaux pompeux, par un double contour,
 En defendent l'entrée à la clartée du jour;
 Là, parmi les douceurs d'un tranquille silence,
 Règne sur le duvet uhe heureuse indolence:
 C'est là que le prélat, muni d'un déjeuner,
 Dormant d'un léger somme attendait le diner.
 La jeunesse en sa fleur brille sur son visage;
 Son menton sur son sein descend à double étage;
 Et son corps, ramassé dans sa courte grosseur,
 Fait gémir les coussins sous sa molle épaisseur.

Este bello e tão citado trecho e o pouco mais que se deprehende d'alguns logares eis ao que se limita a pintura do thesoureiro. Compare-se com ella a

do bispo no *Hyssope*, tão viva e pittorescamente lançada na falla do genio das Bagatellas, no canto primeiro; na de Abreu, perante o cabido, no canto terceiro; nas palavras com que o prelado rebate os conselhos de Almeida para não sair de casa, no canto sexto; nas da mulher do escrivão Luz, para que este não incorra nas iras do bispo, citando-o, no mesmo canto; e nas censuras dos convidados do deão, no canto sétimo.

Em todas estas passagens Diniz retrata-nos apropriadamente o physico e o moral de D. Lourenço de Lencastre: a sua pessoa e acções, a sua gordura, a sua magnificencia nos banquetes, as suas futilidades e fumos de descendencia real, as suas reformas caricatas, os seus vão serviços militares, a força e a duração das suas coleras, a sua filaucia e a sua parcialidade e prepotencias.

O caracter do chantre, o outro principal do *Lutrin*, é apenas entrevisto nas situações em que elle representa, principalmente como um homem fraco, em quanto o deão do nosso Diniz, cerimonioso, frouxo, ignorante e presumpçoso é photographado no canto segundo, na falla que a Discórdia lhe dirige em sonhos; quando elle vae consultar o advogado Fernandes, no canto quarto; na scena da cêrca, no canto quinto; e na da caverna do bruxo Abracadabro, no canto oitavo.

A futilidade da questão que serve de assumpto ao *Lutrin* pedia que os seus dois caracteres mais importantes fossem descriptos largamente com côres tão ridiculas como o proprio assumpto; e, portanto, n'este particular melhor adou Diniz do que Boileau.

Os caracteres de Gilotin, esmoler do thesoureiro, e de Girot, criado do chantre, que são os que pela sua posição mais se poderiam approximar de Almeida, criado particular do bispo, e da ama do deão, também têm menos desenvolvimento. Um verso:

Le prudent Gilotin son aumonier fidele .

e as palavras que este endereça ao thesoureiro para que coma antes de ir cumprir as suas obrigações ecclesiasticas, fazendo menos caso d'estas do que do jantar, eis no que se cifra o esboço do primeiro. O de Girot é com mais clareza traçado pelo poeta francez nos seguintes versos:

Le vigilant Girot court à lui le premier.
C'est d'un maître si saint le plus digne officier.
La porte dans le chœur à sa garde est commise:
Valet souple au logis, fier huissier à l'église.

Mas o caracter de Almeida, cerimoniatico, presumpçoso e crendeiro, não é tão bem feito pelo nosso Diniz no conselho em casa do bispo, quando em estylo caricatamente poetico (estylo conveniente ao personagem) alardêa as suas forças e o seu valor para vingiar aquelle prelado, acabando por lhe aconsellar prudencia, ou quando pede a seu amo que não saia com medo dos agoiros que tinham acontecido nos preparativos do passeio? Mas o caracter da ama do deão, com o seu interesse por este, com as suas crengas em bruxaria, como a vemos no canto oitavo, não nos offerece muito mais relêvo do que o de Girot? Não são ambos tão diversos dos do poema francez?

De Sidrac occupa-se Boileau n'estes versos :

Quand Sidrac, à qui l'âge alonge le chemin,
 Arrive dans la chambre, un baton à la main.
 Ce vieillard dans le cœur a déjà vu quatre âges:
 Il sait de tous les temps les différents usages:
 Et son rare savoir, de simple marguillier,
 L'eleva par degrés au rang de chevechier.
 À l'aspect du prélat qui tombe en défaillance,
 Il devine son mal, il se ride, il s'avance
 Et d'un ton paternel réprimant ses douleurs:

O discurso que elle faz e em que aconselha ir-se buscar á sacristia uma grande e velha estante, a fim de esconder no côro o vauglorioso chantre ás vistas do povo, acabam de o mostrar como um homem astuto e experiente. Não torna a apparecer senão servindo de disfarce á Discórdia quando esta anima Brontin, Amour e Boirude, atemorizados pela appareção do mocho, a cumprirem a sua missão. No *Hyssope* não ha nenhum caracter que se pareça com este, e não podemos, portanto, estabelecer parallelo.

No mesmo caso se acham Brontin e Boirude e sua descripção pouco interessa.

De Amour fallaremos adiante.

Evrard é bem descripto nos seus ditos e obras no quarto e quinto cantos como ignorante, abrutado e valentão, mas tambem o não podemos comparar com nenhum caracter do *Hyssope*, visto não haver ahí nenhum que se lhe assimelhe.

O unico que tem essas qualidades no poema portuguez é o lacaio da liteira, quando no conselho em casa do bispo opina por que se castigue á pancada a insolencia do deão; mas só nas qualidades se parecem estes dois personagens e em mais nada.

No caracter de Alain alguns querem ver parecença com o de Ramallete, posto que sem fundamento, como se collige da confrontação de ambos.

Alain tousse et se lève; Alain ce savant homme,
 Qui de Bauni vingt fois a lu toute la *Somme*,
 Qui possède Abéli, qui sait tout Raconis,
 Et même entend, dit-on, le latin d'A-Kempis.
 «N'en doutez point, leur dit ce savant canoniste,
 Ce coup part, j'en suis sûr, d'une main Janséniste.
 Mes yeux en sont témoins: j'ai vu moi-même hier
 Entrer chez le prélat le chapelain Garnier.
 Arnould, cet hérétique ardent à nous détruire,
 Par ce ministre adroit tente de le séduire:
 Sans doute il aura lu dans son Saint-Augustin,
 Qu'autrefois Saint-Louis érigea ce lutrin;
 Il va nous inonder des torrents de sa plume.
 Il faut pour lui répondre ouvrir plus d'un volume.
 Consultons sur ce point quelque auteur signalé;
 Voyons si des lutrins Bauni n'a point parlé.
 Étudions enfin; il en est temps encore;
 Et pour ce grand projet, tantôt dès que l'aurore
 Ballumera le jour dans l'onde enseveli,
 Que chacun prenne en main le meilleur Abéli.»

Digam-nos agora se o caracter de Alain se parece com o de Ramalhete, do canto terceiro do *Hyssope*, e, por conseguinte, se este é uma imitação d'aquelle, como pretendem? A unica similhaça entre elles limita-se aos versos:

Qui de Bauni vingt fois a lu toute la *Somme*.

Que de Santo Thomaz ha lido a *Summa*.

E depois, que variadas e chistosas pinturas as outras do *Hyssope*: as de Bastos e Abreu com sua respeitavel ignorancia; a do advogado Fernandes com seu ar pedantescammente doutoral; a do grave e sentencioso padre jubilado; a do guardião que lamenta a epocha em que o purgatorio e as almas santas eram o Potosi dos Franciscanos; a do medroso escrivão Luz, leitor assiduo dos autos de Reinaldo e Valdevinos; a do atrevido e astuto Gonçalves quando vae citar o bispo; e as dos commensaes do deão no banquete que este dá para celebrar a entrega da appellação ao vaidoso prelado, todas desenhadas com toques caracteristicos e cheios de graça, graça que não se encontra quasi nunca no poema de Boileau!

O maravilhoso nos dois poemas é formado por personagens allegoricas, sendo no *Lutrin*: a Discórdia, a Molleza, a Fama e a Noite, e no *Hyssope*: o genio das Bagatellas, a Discórdia, a Lisonja, a Fama, a Excellencia e a Senhoria. De todas ellas só a Fama e a Discórdia que apparecem em ambos, poderiam offerecer entre si objecto de confronto, mas tal não succede.

Diz o poeta francez da Fama:

Cependant cet oiseau qui prône les merveilles,
Ce monstre composé de bouches et d'oreilles,
Qui sans cesse volant de climats en climats,
Dit par-tout ce qu'il sait et ce qu'il ne sait pas,
La Renomé, enfin, cette prompte courière;

o que é diverso do que lemos no nosso poeta no canto quarto, posto que a descripção d'esta entidade nos dois seja breve, e nos termos geraes em que pouco mais ou menos todos a téem feito.

A pintura da Discórdia mereceu, tanto a Diniz, como a Boilleau maior attenção:

Quand la Discorde encor toute noire de crimes,
Sortant des Cordeliers pour aller aux Minimes,
Avec cet air hideux qui fait frémir la paix,
S'arrêta près d'un arbre, au pied de son palais.
Là, d'un œil attentif, contemplant son empire,
À l'aspect du tumulte, elle-même s'admire
Elle y voit par le coche et d'Evreux et du Mans,
Accourir à grands flots ses fidèles normands:
Elle y voit aborder le marquis, la comtesse,
Le bourgeois, le manant, le clergé, la noblesse;
Et par-tout des plaideurs les escadrons epars
Faire autour de Thémis flotter ses étendarts.
Mais uue église seule à ses yeux immobile
Garde au sein du tumulte une assiette tranquille;
Elle seule la brave; elle seule aux procès
De ses paisibles murs veut défendre l'accès.
La Discorde, à l'aspect d'un calme qui l'offense,

Fait siffler ses serpents, s'excite à la vengeance:
 Sa bouche se remplit d'un poison odieux,
 Et de longs traits de feu lui sortent par les yeux.
 «Quoi, dit-elle d'un ton qui fit trembler les vitres,
 J'aurais pu jusqu'ici brouiller tous les chapitres
 Diviser Cordeliers, Carmes et Celestins!
 J'aurais fait soutenir un siège aux Augustins!
 Et cette église seule, à mes ordres rebelle,
 Nourrir dans son sein une paix éternelle!
 Suis-je donc la Discorde? et parmi les mortels
 Qui voudra désormais encenser mes autels?

E mais adiante no canto terceiro:

La Discorde qui voit leur honteuse disgrâce
 Dans les airs cependant tonne, éclate, menace,
 Et, malgré la frayeur dont leurs cœurs sont glacés,
 S'apprête à réunir ses soldats dispersés.

Quanto differente não é a descripção que nos deixou Diniz, no canto segundo do *Hyssope*, pouco depois do principio e no fim, e quanto mais bella ainda do que a do seu competidor!

É formoso o trecho em que o auctor do *Lutrin* nos pinta magistralmente a Molleza e a sua morada; mas não temos nós para lhe contrapor o paiz das Chimeras, governado pelo genio das Bagatellas, com que principia tão originalmente o auctor do *Hyssope* a sua obra?

A scena em que o deão, acompanhado da ama, consulta Abracadabro ácerca do seu pleito com o bispo em nada se parece com a outra do *Lutrin*, em que o thesoureiro consulta a Chicana, e é-lhe muito superior em merecimento.

A da Molleza, de Boileau, de que já fallámos, muito mais bem escripta do que a do Somno e sua morada, de Diniz, não lhe serviu de modelo.

A da Noite, que vae á torre de Montlheri buscar um mocho para o pôr na estante do côro, não tem correspondente no *Hyssope*.

A passagem em que a mulher de Amour pede ao marido que desista de querer collocar no côro a estante, á primeira vista faz lembrar a da mulher do escrivão Gonçalves supplicando ao marido que não intime a appellação ao bispo; mas, examinando-as, conhece-se a insubsistencia d'este juizo.

À ce triste récit, tremblante, désolée,
 Elle accourt, l'œil en feu, la tête échevelée,
 Et trop sûre d'un mal qu'on pense lui celer:

«Oses-tu bien encor, traître, dissimuler,
 Dit-elle? et ni la foi que ta main m'a donnée,
 Ni nos embrassements qu'a suivi l'hyménée,
 Ni ton épouse enfin toute prête à périr,
 Ne sauraient donc t'ôter cette ardeur de courir?
 Perfide, si du moins, à ton devoir fidèle,
 Tu veillais pour orner quelque tête nouvelle;
 L'espoir d'un juste gain, consolant ma langueur,
 Pourrait de ton absence adoucir la longueur,
 Mais quel zèle indiscret, quelle aveugle entreprise
 Arme aujourd'hui ton bras en faveur d'une église?

Où vas-tu, cher époux? Est-ce que tu me fuis?
 As-tu donc oublié tant de si douces nuits?
 Quoi! d'un œil sans pitié vois-tu couler mes larmes?
 Au nom de nos baisers jadis si pleins de charmes,
 Si mon cœur, de tout temps facile à tes desirs,
 N'a jamais d'un moment différé tes plaisirs;
 Si, pour te prodiguer mes plus tendres caresses,
 Je n'ai point exigé ni serments ni promesses;
 Si toi seul à mon lit enfin eus toujours part,
 D'être au moins d'un jour ce funeste départ.*

En achevant ces mots, cette amante enflammée
 Sur un placet voisin tombe demi-pâmée.
 Son époux s'en émeut, et son cœur éperdu
 Entre deux passions demeure suspendu;
 Mais enfin rappelant son audace première:
 «Ma femme, lui dit-il, d'une voix douce et fière,
 Je ne veux point nier les solides bienfaits
 Dont ton amour prodigue a comblé mes souhaits:
 Et le Rhin de ses flots ira grossir la Loire,
 Avant que tes faveurs sortent de ma mémoire;
 Mais ne présume pas, qu'en te donnant ma foi,
 L'hymen m'ai pour jamais asservi sous ta loi.
 Si le ciel en mes mains eût mis ma destinée,
 Nous aurions fui tous deux le joug de l'hyménée:
 Et sans nous opposer ces devoirs prétendus,
 Nous goûterions encor des plaisirs défendus.
 Cesse donc à mes yeux d'étaler un vain titre.
 Ne m'ôte pas l'honneur d'élever un pupitre:
 Et toi-même, donnant un frein à tes desirs,
 Raffermiss ma vertu qu'ébranlent tes soupirs.
 Que te dirai-je enfin? c'est le ciel qui m'appelle.
 Une église, un prélat m'engage en sa querelle.
 Il faut partir: j'y cours. Dissipe tes douleurs,
 Et ne me trouble plus par ces indignes pleurs.

A leitura da passagem do *Hyssope* convencerá qualquer facilmente de que Diniz não imitou Boileau. Estas supplicas ás pessoas que se vão expor a algum perigo, feitas por quem as estima, são communs a muitos poetas: a Homero, Camões, Tasso, etc., e muito naturaes. No caso em questão Diniz não só não imitou Boileau, mas até o venceu, sobre tudo na propriedade dos pensamentos e das palavras. Ha nas do colloquio de Amour com sua mulher um tom vago, serio e com resabios de estylo classico que não encontramos, a não ser n'um unico verso, no *Hyssope*, onde os temores da mulher de Gougalves são fundados na prepotencia do bispo, a que o marido se ia expor, citando-o, e provadas até com exemplos, mas tudo exposto em termos chiãos e apropriados aos interlocutores.

Resta-nos ainda fallar da similhança das scenas do chantre enraivecido por achar no côro a estante, e da do bispo quando, não vendo á porta da egreja o deão para lhe offerecer o hyssope, se espanta e encolerisa. As situações eguaes deviam produzir sentimentos eguaes ou approximados, mas não negaremos que Diniz ao escrever esta parte do seu poema se lembrasse do *Lutrin*.

Os que seguem a opinião de que Diniz imitou Boileau adduzem como uma das provas d'isso que invocou a sua musa. Não ha razão mais superficial. Fel-o porque o poema francez era o mais similliante ao seu no assumpto

e pelo ascendente da lingua em que é escripto e do seu auctor n'aquelle tempo. E se isso fosse prova, Boileau teria imitado egualmente Homero e Tassoni, porque invoca as musas que inspiraram a *Batrachomyomachia* e a *Secchia Rapita*, o que não é verdade, absolutamente fallando.

D'esta breve analyse comparativa dos dois poemas resulta o que já dissemos no principio d'este capitulo: que se parecem porque nasceram ambos de uma ridicula questão de egreja e que o exemplo de Boileau suggeriu a Diniz a idéa de aproveitar o assumpto verdadeiro que o acaso lhe ministrára, mas que o nosso poeta não imitou o poeta francez. Além d'isso, alguns encontros em phrases e situações, principalmente entre duas obras de tão parecida origem, não constituem imitação, como a pretendem os accusadores de Diniz, confundindo-a com o plagiato, ou são-n'o apenas muitas e muitas producções dos tempos antigos e modernos, quasi até os nossos dias. Os poetas maos e bons costumavam seguir as pisadas dos mestres que os haviam precedido, e ás vezes muito de perto; honravam-se mesmo com isso, sem que por tal perdessem o merecimento da originalidade, que muitos a guardaram no meio d'essa idolatria litteraria. Sobram os exemplos em abono do que avançamos. Entretanto cumpre dizer que d'entre esses adoradores illustres Diniz foi um dos mais moderados, moderadissimo até.

Um testemunho insuspeito sobre este ponto é, a nosso ver, o de Boissonade, no prologo da sua versão do *Hyssope*. Como traductor e francez, ninguém mais do que elle está no caso de avaliar as duas obras. Diz este precisamente: «Il était difficile que la conformité des sujets n'amena pas quelques details pareils, mais ces traits de ressemblance sont rares et il y aurait de l'injustice à refuser au poete portugais le mérite de l'originalité.»

Quanto ao merecimento dos dois poemas, só damos preferencia a Boileau sobre Diniz na parte da metrificacão, em que este poeta é muitas vezes descuidado, tanto no *Hyssope*, como em muitos dos outros seus trabalhos poeticos; mas devemos lembrar que esta obra, como quasi todas as mais, não foi publicada em vida do auctor; que talvez mesmo nunca a tencionasse dar á luz; que devem ser muitos os erros e alteraçoes que soffreu nas cópias e impressões, e que não lhe foi passada pelo poeta a ultima lima. Quanto porém á traça geral, aos seus caracteres e episodios e á graça e propriedade que o animam constantemente, não hesitamos em dar a palma ao nosso poema sobre o francez, em demasia grave e desornado.

A recente publicação feita pelo sr. dr. Carl von Reinhardstrettner, em Leipzig, tambem defende o nosso poeta de ser um plagiario de Boileau.¹

Sismondi é de opinião que Diniz no *Hyssope* imitou *The Rape of the Lock*, do poeta inglez Pope, de que nós temos duas traducções pelos srs. Antonio Luiz Gentil e Francisco José Pinheiro Guimarães. É uma idéa insustentavel, mas que, entretanto, foi adoptada levemente pelos srs. Ferdinand Denis e Vapereau, pelo que a registramos n'este logar.

¹ *Der Hyssope des A. Diniz in seinem Verhältnisse zu Boileaus Lutrin, Litterar historische Skizze von Dr. Carl Reinhardstrettner. Leipzig, 1877.*

XII

Como se divulgou a composição do «Hyssope» e o nome do seu auctor — Cópias que se tiraram da primeira maneira d'este poema e da segunda — Diversas opiniões sobre a sua divisão — Versos em louvor do marquez de Pombal que, segundo Verdier, Diniz supprimiu n'elle — Defeza do poeta — Juízo sobre as edições do «Hyssope» — Plano seguido n'esta edição.

Já vimos algumas circumstancias a respeito da composição do *Hyssope*: o facto que lhe deu origem e a maneira porque foi composto. Resta-nos agora tratar da sua divisão e das alterações que soffreu, assim como das cópias que d'elle se tiraram e das diversas vezes que foi impresso.

Dictado o poema por Diniz em casa de Falcato e escripto por este, visto não o poder fazer o auctor pela doença de olhos que então padecia, ficou o dito Falcato com o original, que ainda conservava em 1803, e tiraram-se d'elle duas cópias: uma para o poeta e outra para Antonio Mendes Sachetti, thesoureiro-mór da sé de Elvas, o qual assistira a parte da composição e mesmo a ajudára com varias informações. A estas tres pessoas se limitou o segredo da existencia do poema, posto que devesse ter corrido a noticia dos versos que Diniz improvisara ao principio na presença das visitas do seu amigo Falcato, noticia que tomaria naturalmente vulto, sobre tudo entre os inimigos do bispo, e que augmentada, conforme o costume, deveria elevar os cinco versos conhecidos, pelo menos, ás proporções de uma satyra.

Assim se conservaram as cousas em quanto o poeta esteve em Elvas; mas, ausentando-se elle d'esta cidade, quando muito tres annos depois da composição do poema, talvez com tenção de não voltar, e talvez já esperançado do despacho de desembargador da Relação do Rio de Janeiro que em breve alcançou, os seus dois amigos divulgaram a obra e o nome do auctor, julgando que já lhe não fariam mal com isso, mas, entretanto, não consentiram que se tirassem cópias d'ella.

Aconteceu ir a Lisboa por este tempo o doutor Caetano José Vaz de Oliveira, advogado em Elvas, amigo de Diniz e seu contemporaneo na universidade, e hospedar-se em casa de Theotónio Gomes de Carvalho, onde morava tambem o poeta. Pediu-lhe o doutor Caetano para tirar uma cópia do seu manuscrito, o que obteve. Esta cópia, feita com bastantes inexactidões, por não entender nada de versos o copista, foi levada por elle para Elvas e serviu para se extrahirem outras cada vez mais adulteradas, entre as quaes se devem contar as que se fizeram por occasião da desintelligencia, de que já fallámos, entre o bispo e o general das armas, depois visconde da Lourinhã, desintelligencia que ajudou então a popularisar o *Hyssope*, e que acabou de desprestigiá-lo. A cópia do doutor Caetano passou das mãos da mulher do

general para as de Martinho de Mello e Castro, secretario de estado, que então fóra a Elvas, e ficou em seu poder.

Um d'estes traslados chegou ao conhecimento do filho do marquez de Pombal. Desejou elle possuir outro mais correcto, do proprio auctor, e pediu-o a Theotonio Gomes de Carvalho, o qual o obteve da condescendencia do hospede e satisfez o seu desejo. Consta que esta nova cópia foi vista pelo marquez, e que, indo o poeta agradecer-lhe o despacho para desembargador da Relação do Rio de Janeiro, lhe gabou muito a sua obra. Chegado ao Brazil, ou porque ll'o tivessem pedido ou por obsequiar aquelles senhores, Diniz retocou, augmentou e corrigiu o poema, dando-lhe outra fôrma, e remetteu-o ao marquez, acompanhado de varias notas feitas de seu proprio punho. Finalmente, quando esteve em Lisboa em 1790, encontrando-se com seu amigo Falcato, deixou-lhe copiar o *Hyssope* n'este estado, e d'ahi sahiram novas cópias, que tambem se foram adulterando, até que por uma d'ellás e pouco correcta se imprimiu pela primeira vez o poema, em Paris, em 1802.

Temos seguido n'este capitulo o manuscripto contemporaneo, a que já nos referimos, e que parece merecer toda a fé, pois n'elle se diz ter sido elaborado sobre informações dos proprios doutores Falcato e Caetano. Innocencio Francisco da Silva publicou uns artigos a respeito de Diniz, no primeiro volume do *Archivo Pittoresco*, nos quaes se aproveita quasi sempre do dito manuscripto que se vê teve presente. Ha porém um ponto em que achamos divergencia entre este e os ditos artigos. O contemporaneo de Diniz assegura que o poema constou ao principio de sete cantos, e que depois foi ampliado com muitos versos no canto quarto, e com todo o quinto, passando para sexto o quinto, para setimo o sexto e para oitavo o setimo. Innocencio, pela sua parte, apresenta o poema da primeira fôrma dividido em seis cantos, e acrescenta que na segunda fôrma o canto quarto foi consideravelmente augmentado e dividido em dois, isto é, em quarto e quinto; que foi inteiramente composto de novo o sexto, passando o que era quinto para setimo e o que era sexto para oitavo.

Lecussan Verdier ainda nos diz mais alguma cousa a este respeito. Segundo elle affirma, o canto quinto formava a principio dois, acabando o primeiro d'estes no verso:

Com a pesada massa o duro casco

e comprehendendo o segundo os versos que vão até o fim, além de outros muitos, pelo que o dialogo entre o Lara e o guardião era muito mais extenso. Sendo assim, parece que devia o poema constar de nove cantos, pois Verdier não menciona suppressão de nenhum. Do dito segundo canto eliminou Diniz, quando caiu em desgraça o marquez de Pombal e subiram ao poder os seus contrarios, tudo que o podia comprometter. Na parte eliminada o poeta tratava da reedificação de Lisboa, da expulsão dos jesuitas, da fundação do Collegio dos Nobres, da reforma da universidade de Coimbra, do estabelecimento dos estudos menores em todas as cidades e villas do reino, etc., «o que tudo dava motivo a enfaticos argumentos do deão e ás objecções que mui civil e recatado lhe tornava o guardião dos capuchos». Depois de tiradas todas estas passagens, o canto segundo ficou tão pequeno que o auctor o reuniu ao primeiro e formou de ambos só um. Tudo isto nos relata Verdier.

* Pelo que acabamos de apontar, o *Hyssope* formou successivamente seis, sete, oito e nove cantos. Parece-nos haver engano em algumas d'estas asserções. Dos exemplares que temos visto manuscritos, e não são elles em pequeno numero, todos se dividem ou em sete ou em oito cantos, e concordam, portanto, com o que avança o manuscrito contemporaneo de Diniz, sendo a differença entre as duas fórmãs do poema a seguinte: na primeira o canto quarto consta dos versos que vão desde o seu começo até o verso:

E deixe-se do mais que é parvoice,

logo no principio do colloquio do deão com o advogado Fernandes, no paragrapho decimo; d'ali salta para o verso:

Corrido e aconselhado ao mesmo tempo,

que está no principio do paragrapho decimo terceiro, e depois de seis versos, que não vem nas cópias de oito cantos, continúa quasi no fim do canto quinto, no paragrapho cincoenta, com o verso:

Onde á sua presença pelos ares.

Na segunda, o canto quarto foi augmentado com os versos que vão entre os dois primeiros acima transcriptos, e com os que decorrem desde o ultimo d'estes até o fim do canto, e o quinto foi composto de novo desde o principio até o verso:

Risonho e prazenteiro entrou em casa

e completado com os que d'antes acabavam o quarto. Faltava pois no poema em sete cantos toda a scena da cêrca. Estas alterações, que melhor se podem ver nas variantes adicionadas á presente edição, concordam com o que diz o dito manuscrito.

Do poema em seis cantos não achamos vestigio algum, senão no dito de Innocencio e em nove apenas no de Lecussan Verdier. Do primeiro custa a conceber, em vista da historia da divulgação das cópias do *Hyssope*, historia que nos merece tanto credito, que nenhuma chegasse até nós; do segundo o proprio Verdier nos assegura que os poucos exemplares que o poeta dera foram por elle recolhidos; e isto, junto ao receio que haveria de os possuir, explicaria até certo ponto o seu completo desaparecimento, se a asserção de Verdier fosse digna de credito.

Da confrontação do manuscrito contemporaneo e do prologo de Verdier tambem resultam algumas duvidas. Relata este apenas que no principio o canto quinto formava dois. Este — a principio — significa a primeira maneira do poema? De certo que não; porque n'ella não havia a scena da cêrca e por outras rasões. Refere-se, portanto, á segunda? Em tal supposição foi o poema augmentado (como Verdier quer que fosse) no reino ou no Rio de Janeiro? O primeiro caso vae de encontro ao manuscrito, que assegura ter sido n'aquella cidade que o *Hyssope* foi levado a mais de sete cantos; o segundo faz-nos concluir que esta obra soffreu duas alterações tão sensiveis em muito breve espaço de

tempo. Diniz foi despachado desembargador da Relação do Rio a 16 de abril de 1766; não sabemos quando partiu de Lisboa; mas em todo o caso é provável que não chegasse ao seu destino senão nos fins d'esse anno, e em 4 de março de 1777, D. Maria I demittia de todos os seus cargos o poderoso ministro, que fizera a gloria da nação portugueza e do reinado de seu pae. Ora é claro que os elogios insertos no poema deviam-n'o ter sido antes d'este acontecimento e, portanto, não nos fica senão um anno, pouco mais ou menos, para Diniz augmentar e emendar o *Hyssope* tão largamente e envia-o duas vezes ao marquez, como o manuscrito diz que fez, quando foi dividido em oito cantos, e como se parece deprehender das palavras de Verdier que praticára ou estava para praticar, visto que já d'elle deixara extrahir cópias. É muito para tão pouco tempo, e seria mudar bem depressa de idéas. Parece-nos pouco provável, mas, em fim, cabe no possível, principalmente para quem tinha tanta facilidade de metrificar, que levou a cabo todo o seu poema em dezasete dias.

Não é entretanto isto o que torna sobre tudo inverosimeis aos nossos olhos as palavras de Verdier, e sim a propria analyse do poema. A scena da cêrca entre o deão e o padre jubilado, em quanto esperam que o guardião acorde da sesta, e entre este e o deão, é longa mais do que se nos affigura que devia ser: contém quatrocentos e sessenta e oito versos, isto é, excede em grandeza qualquer dos cantos do poema, exceptuando o quinto. Disfarçam e amenisam a extensão d'esta scena os ditos comicos e ridiculos dos dois interlocutores, que a cada passo tornam palpitante a ignorancia do pobre Lara. Imagine-se agora qual seria a desproporção d'esta parte do poema com o resto, se se lhe seguissem ainda muitos versos, mais de cem naturalmente, o necessario para formar outro canto igual ao mais pequeno, gastos em louvores á administração do marquez de Pombal e ás suas mais importantes reformas! Era a quinta parte da obra inteira! Isto oppõe-se a todas as regras d'arte, e não cremos que Diniz as infringisse d'este modo.

Esta asserção de Verdier, que não achamos em outra parte senão nos que, fundados n'elle, a repetiram, foi novo thema de censuras contra Diniz, por ter feito desaparecer *com mão ingrata* os versos que dedicára ao marquez no tempo da sua grandeza, apenas o viu retirado do poder e supplantado pelos seus inimigos.

Não sabemos até que ponto seja aceitavel a accusação, dado que taes versos existissem; mas em todo o caso o proprio Verdier, onde os outros escriptores foram beber o facto, censura-o, desculpando o poeta com a intolerancia e ferocidade da reacção, mas não falla em serviços alguns que este devesse ao ministro decaido, o que diminue e muito a força da accusação. Os logares para que elle foi nomeado durante o governo do marquez de Pombal reduzem-se aos seguintes: juiz de fôra de Castello de Vide, auditor de um regimento da praça de Elvas e desembargador da Relação do Rio de Janeiro, e só Rebello da Silva na anecdota, a que já nos referimos, da leitura do *Hyssope* em presença do bispo e do marquez, feita pelo poeta, parece dar a entender que o valido omnipotente de D. José o despachou para o ultimo d'estes logares em recompensa da sua obra. Não ha, portanto, provas contra o accusado e sem ellas não o podemos sentenciar. Além d'isto, não nos parece que seja necessario recorrer ao poderoso braço do marquez para explicar tal adiantamento na magistratura, sobre tudo tratando-se de um homem de tanta intelligencia e estudo

e quasi com dezoito annos de serviço n'ella. Não devendo pois existir gratidão de serviços, porque não os recebeu, mas concedido ainda que elle compoz e riscou os versos em questão, fica limitada a culpa de Diniz, e egualada á de muitos outros que, por timidez ou prudencia, guardaram dentro d'alma os pensamentos favoraveis ao colosso derrubado, que outr'ora lhes accudiam facilmente aos labios. Mas, conforme já dissemos, as proporções do poema contradizem terminantemente as palavras de Lecussan Verdier. E se o poeta riscou esses versos por temor da reacção omnipotente, como aquelle diz, porque não fez o mesmo a outros que achamos espalhados pelas suas obras, em louvor do marquez? Porque não inutilisou tambem as composições inteiras que consagrou aos elogios do grande ministro? Porque não supprimiu do proprio *Hyssope*, temendo tanto a reacção victoriosa, os logares em que a ataca a ella e aos jesuitas?

Desejosos de elucidar este ponto, procurámos saber se em casa do actual marquez de Pombal existiam os dois citados manuscriptos de Diniz ou ao menos um, mas a pessoa, de cujo intermedio nos servimos, viu inutilisada a sua boa vontade, pois sua excellencia, apesar de se tratar de um serviço ás letras patrias, nem ao menos se dignou responder a duas cartas que lhe foram escriptas.

O *Hyssope* dividido em sete cantos nunca foi impresso; o de oito varias vezes, como já tivemos occasião de dizer ao tratarmos das impressões das obras de Diniz. Para a primeira edição feita em Londres (aliás Paris) em 1802, serviu uma cópia e incorrecta, como se prova da sua simples leitura. Esta edição, mal chegou a Portugal, foi prohibida pelo intendente geral da policia, com assenso do ministro de estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, n'um edital que mandou afixar em Lisboa e nas comarcas do reino, no qual se ordenava que todo o que tivesse em seu poder algum exemplar d'ella, fosse entregal-o aos ministros territoriaes ou na secretaria da intendencia, sob pena de, não o cumprindo, ficar sujeito, findo o termo peremptorio de trinta dias, á pena de degredo para um dos presidios de Africa, por tempo de dez annos. Apesar porém d'estas medidas rigorosas, escaparam aos Argos da policia alguns poucos exemplares. Seguiu-se-lhe a segunda edição feita em Lisboa em 1806, pelo livreiro Rolland; esta é em tudo conforme á primeira, e logo depois de sahir a publico foi recolhida pela auctoridade na occasião da quèda do governo francez em Portugal, em setembro do mesmo anno; veiu depois a terceira, impressa em Paris no anno de 1817, dirigida por Lecussan Verdier, o qual se serviu da primeira para base do seu trabalho, emendando-a n'algumas partes pelas variantes que encontrou nas cópias consultadas para tal fim. Quatro annos depois, o mesmo Verdier publicava em Paris a quarta edição, feita sobre a precedente, mas encorporadas no texto as variantes que, por chegarem tarde ao conhecimento do editor, tinham sido dadas no prologo na de 1817, e mais correcta do que as suas predecessoras. Em 1834 sahiram á luz a quinta e a sexta edição, uma em Lisboa e outra em Paris. A portugueza é a reproducção completa da primeira e segunda, e a franceza da quarta. Esta, devida aos cuidados de José da Fonseca, fórma parte do volume intitulado *Satyricos Portuguezes*, destinado a servir de tomo sexto na collecção do *Parnazo Lusitano*, e apresenta muito poucas variantes. Em fim, no anno passado foi impressa em Barcellos a setima edição, para a qual serviu a terceira, e que é acompanhada de bastantes notas.

Como acabamos de ver, todas as edições reduzem-se verdadeiramente ás tres de 1802, 1817 e 1821, e todas têm sido feitas por cópias. Verdier não conheceu nenhum exemplar autographo ou original do *Hyssope*; os outros editores d'este poema nada dizem a tal respeito, e quanto a nós fomos tão infelizes como Verdier. Ainda mais, nem um fragmento, nem uma allusão sequer, deparámos nas obras originaes de Diniz, que tivemos presentes, ou nas suas outras obras impressas, como já atraz indicámos. *Portanto, nenhuma edição, nenhuma cópia das que examinámos, ou das que conheceram os editores do Hyssope merece fé, como feita pela penna do auctor ou por elle revista, ao menos; nenhuma; e é preciso que isto se note bem.* Quanto a edições ha as de 1817, 1821 e 1834, de Paris, que têm mais nome pelas pessoas que as dirigiram, mas que nem sempre são preferiveis ás outras.

Convidados pelos srs. editores da antiga empreza do *Archivo Pittoresco*, a quem a arte typographica e as nossas letras já tanto devem, para dirigirmos a publicação d'esta nova edição do *Hyssope*, e escrevermos alguma cousa a respeito de Diniz e das suas composições, que lhe servisse de prefacio, pesámos maduramente todas estas circumstancias concluindo que para offerecer ao publico uma edição melhor do que as antecedentes só tínhamos um caminho a seguir: formal-a da confrontação minuciosa de todas as cópias que se podessem alcançar e de todas as edições com a quarta, a de 1821, que é, apesar de todos os defeitos, a melhor e a mais ampla. Communicámos este pensamento aos mesmos senhores, os quaes o adoptaram, promptamente e da melhor vontade, apesar do grande augmento de despeza que lhes trazia, porque duplicava a extensão do volume, e fizeram-no assim porque miram mais alto do que a maior parte dos editores. Esta confrontação porém para ser conscienciosa, e produzir todos os seus resultados, fizemol-a verso a verso, palavra por palavra, e não de memoria ou ao acaso, como julgamos executou Verdier nas duas edições de 1817 e 1821, pois só de tal maneira se explica o pequeno numero de variantes que ellas apresentam em relação ás edições antecedentes e a qualquer cópia do poema, o que facilmente provaríamos com as variantes que vão n'este livro: N'ellas poderá o leitor averiguar o que avançamos, e notar como houve casos em que até a substituição de uma letra ou a suppressão de uma virgula corrigiram a lição do poema, pondo assim em evidencia a bondade do methodo que adoptámos.

Se apparecesse um manuscripto de Diniz, autographo ou cópia, mas com qualquer indicação por onde se provasse, com provas dignas de fé, que estava na forma em que devia ser impresso, cumpria-nos respeitar a vontade do poeta, e ainda assim era preciso que o manuscripto nos desse o poema em oito cantos e não em sete, salvo se o seu proprio auctor declarasse nullas as suas bellas ampliações e correcções, o que era improvavel. Aparecendo da primeira maneira, isto é, em sete cantos, devíamos aproveitar d'elle quanto fosse util para corrigir a nossa edição, ou dar em nota as suas variantes, ou mesmo transcrevel-o no todo ou em parte, se fosse possivel, pois o nosso fim é melhorar o poema, respeitando o seu auctor. Não appareceu porém escripto digno de credito, nem da primeira maneira nem da segunda, e vendo-nos limitados a meras cópias e más, tivemos de substituir o poeta, collocando-nos na posição em que este ficaria, se, voltando ao mundo, tivesse elle mesmo de dirigir a edição do seu poema, sem a faculdade de inventar cousa alguma, e só

guiado pela luz da razão no meio da perplexidade resultante de tão numerosos e incorrectos traslados.

Este processo, difficil e pouco ou nada seguido entre nós, é demorado e fadigoso, mas o unico mais seguro. Da sua execução ajuizará quem ler com imparcialidade o nosso trabalho e lhe poder aquilatar as difficuldades. Nós, pela nossa parte, não hesitamos em confessar que o resultado obtido ultrapassa muito as nossas esperanças.

Foram numerosissimas as variantes que encontrámos. D'ellas bastantes regeitamol-as como despreziveis, por serem manifestamente erros dos copistas; outras, ainda que se possam julgar enganões de cópia, offerecem perfeito sentido, e por isso as aproveitámos; outras mostram as indecisões da penna do poeta, e são, portanto, de valor para a critica litteraria; outras, em fim, levam decidida vantagem á edição adoptada para base, e essas substituiram-a nos competentes logares. Em seguida ao poema vaé uma lista de todas, menos as primeiras, para que o leitor possa ajuizar por si mesmo, e fique habilitado a seguir em grande parte as transformações por que passou o *Hyssope*.

Em virtude da nossa conscienciosa (assim o procurámos que fosse) e miuda analyse, imprime-se esta nova edição do celebre poema de Diniz muito melhorada: com pontuação mais correcta, epithetos mais adequados, melhor intelligencia de muitas passagens, maior numero de versos, alguns d'estes que andavam errados, restituídos certos, finalmente, emendada em mais de duzentos e cincoenta logares, que tantas foram as variantes que preferimos.

Á lista das variantes seguem-se amplas notas, tanto a respeito da biographia de Diniz e dos seus escriptos, como do proprio poema, com o maior numero de noticias que podemos alcançar dos seus personagens, e com diversos documentos que muito o esclarecem, entre os quaes merecem especial menção as cartas de Lara a Cenaculo, as quaes lançam tanta luz sobre a questão entre aquelle e o bispo, e, por conseguinte, sobre o *Hyssope*.

Além do que fica dito, contribuem para recommendar a presente edição as illustrações que a acompanham, devidas ao lapis do sr. Manuel de Macedo, já bem conhecido do publico e que por si mesmo fallam, illustrações inspiradas muitas vezes pela observação dos proprios logares da contenda; e por ultimo este estudo sobre Diniz e as suas obras, fructo da leitura d'ellas e das investigações que fizemos nos archivos e bibliothecas, no qual quasi tudo é inteiramente novo e digno da maior fé, por se fundar em documentos authenticos.

Não podemos terminar estas linhas sem agradecermos, em nome dos editores e egualmente no nosso, ás pessoas que nos ajudaram, já emprestando cópias do *Hyssope*, já notas a seu respeito. No primeiro caso estão os ex.^{mos} srs. visconde de Fonte Arcada e Antonio Martins Leorne, e no segundo os ex.^{mos} srs. drs. Augusto Filippe Simões e José Pereira de Paiva Pitta. O mesmo fazemos ao ex.^{mo} sr. José Gregorio Barbosa, o qual não só nos confiou uma cópia do *Hyssope*, mas tambem os dois preciosos volumes autographos de Diniz que possui, que bastante nos serviram e d'onde foi tirado o *fac-simile* da letra do poeta que dá mais valor á presente edição.

Lisboa, 1878.

Ramos Coelho.

ARGUMENTO

DADO PELO AUCTOR

José Carlos de Lara, deão da egreja de Elvas, querendo obsequiar o seu bispo, o ex.^{mo} e rev.^{mo} D. Lourenço de Lencastre, vinha offerecer-lhe o hyssope, á porta da casa do cabido, todas as vezes que este prelado ia exercitar as suas funcções na sé; depois, esfriando esta amisade por motivos que nos são occultos, mudou o dito deão de systema; o que o bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita a sua illustrissima pessoa, e, para o obrigar a continuar no mesmo obsequio, machinou com alguns seus parciaes do cabido, que este lavrasse um acordão, pelo qual o deão fosse obrigado, debaixo de certas mulctas, a não o esbulhar da pretendida posse, em que se achava. D'este terrivel acordão appellou o deão para a metropole, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreu o deão, e lhe succedeu no deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim Alberto de Mattos; o qual, recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredito encargo, foi pelo bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á coroa, cujo tribunal mandou ao bispo dar rasão do seu procedimento, pelo que este, cheio de um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal acordão, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dá materia ao vaticinio de Abracadabro, que é um dos episodios de que se reveste o presente poema.

O HYSOPE

CANTO PRIMEIRO



As pastor, que se arde, e hyes, pe offren



CANTO PRIMEIRO

Eu canto o bispo e a espantosa guerra,
Que o hyssope excitou na egreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens apraziveis,
Que o Sena borda de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente
Abrazaste benigna, tu me inflamma;
Tu me lembra o motivo; tu as causas
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o prelado e o seu cabido.

Nos vastos intermundios de Epicuro
O gran' paiz se estende das Chimeras,
Que habita immenso povo, diferente
Nos costumes, no gesto e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda
Aos vaidosos mortaes as varias fórmas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras:
Único emprego de cabeças ôcas.
Trezentas bellas, caprichosas filhas
Presumidas a cercam e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa,
Escholastica, van philosophia,
Que os claustros inundou e que abraçaram
Até á morte os perfidos Solipsos.
D'aqui sahiram, a infestar os campos
Da bella poesia, os anagrammas,
Labyrinthos, acrosticos, segures,
E mil especies de medonhos monstros,
A cuja vista as musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas grutas do Parnasso.
Aqui (coisa piedosa!) alçou a fronte
A insipida burleta, que tyranna

Do theatro desterra indignamente
Melpómene e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da nação castrada.

Do denso vulgo que o paiz povoa,
Uns com prodiga mão ricos thesoiros,
A troco d'uma concha ou borboleta,
Ou d'uma estranha flor, que represente
As vivas côres do listrado Iris,
Dispendem satisfeitos; outros passam
Sem cessar revolvendo noite e dia
Do antigo Lacio antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio consumidos,
Para depois compor grossos volumes
Do — h — sobre a pronuncia; ou se se deve
A conjuncção unir ao verbo ou nome,
Que marcham antes d'ella no discurso;
Alguns (misera gente!) inutilmente
Compõem grandes Iliadas e tecem
Aos vaidosos magnatas mil sonetos,
Mil pindaricas odes e epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres anticyras,
Abrazados se crêem de um santo fogo

E ter commercio com os altos deuses;
Senhores da aurea fama e seus thesoiros
Se inculcam aos heroes, e em seus delirios
Se julgam mais felizes e opulentos
Que o grande imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões e de improperios
Dos ricos ignorantes e dos grandes,
Com mofa e com desprezo são olhados.

D'este, pois, populoso e vasto imperio
Em paz empunha o sceptro soberano
O genio tutelar das Bagatellas.

N'um magestoso alcaçar, que se eleva
Com estranha estructura até ás nuvens,
Assiste o grande nume, e d'alli rege
A lunatica gente a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga;
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantam,
Do capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui, pois, a conselho chama o genio
Do seu imperio os principaes dynastas.

N'um vistoso salão, todo coberto
De papel prateado e lentejoilas,
Se ajunta a grande côrte; e alli, por ordem,
Assentando-se vae: aos pés do throno,
De alambres e velórios embutido,
A Lisonja se vê e a Excellencia;
Segue-se a Senhoria, e abaixo d'ella
O Dom surrado, as grandes Cortezias,
O Whist, o Trinta e um, os Cumprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos
E os outros genios da subtil cabala.
De mil vans Ceremonias rodeada,
Os assentos reparte a Precedencia.

Composto o gran rumor e socegado,
Assim do alto do throno o genio falla:
« Illustres moradores d'este excelso,
Magnifico palacio, bem sabido
Já ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto ser, a nossa côrte,

Ao gran' prelado que as' ovelhas pasce
Dos elvenses redis. Notorio a todos
Sem dúvida vos é, como, pospondo
Das funcções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas, só se emprega
Em coisas vans, ridiculas e futeis.
A corrupta, mas real genealogia,
O roxo terciopello dos sapatos,
As pedras que lhe esmaltam as fivelas,
A preciosa saphira, a linda caixa,
Onde (sobre Amphitrite, que, tirada
De escamosos delphins, n'uma aurea concha,
Os verdes campos de Neptuno undoso,
Cercada de tritões, nua passeia),
Do famoso Martin o verniz brilha,
Seu emprego só são e seu estudo;
Em fim, entre os mortaes não ha quem renda
Á minha divindade maior culto.
Agradecido, pois, ao grande empenho
Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Dar á sua vaidade um novo pasto:
Que a una escusa porta o deão sáia,
Co'o hyssope, a esperal-o, determino.
D'este meu parecer quiz dar-vos parte,
Não só para escutar os vossos votos,

Mas para que saibais e fiqueis certos
Que a côrte não fazeis a um nume ingrato.»

Acabou de fallar; e, confirmando
Todo o sabio congresso o seu dictame,
Um susurro no conclave se espalha,
Ao do Zephyro em tudo semelhante,
Quando nas frescas tardes suspirando
A bella Flora segue, que, travêssa,
Cá e lá, entre as flores, se lhe furta.

Mas a van Senhoria que se lembra
Que em casa do deão sempre encontrára
A mais benigna, a mais certa guarida;
Que seu nome na boca do lacaio,
Do cozinheiro e da ama andava sempre,
A cabeça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a voz alçando
D'esta sorte fallou ao gran' despóta:

«Soberano monarcha, que tu queiras
Premiar a quem te honra, empreza digna
É de teu coração: eu mesma o approvo,
E mil vezes dictára este conselho;

Mas que, para o fazer, hoje pretendas
Que um deão, de crescente e curta vista,
A dignidade abata, e a esperar sáia,
N'uma porta de escada, o seu prelado,
Nem justo me parece, nem louvavel.
Se tu queres honrar sua excellencia,
Outras maneiras ha de conseguil-o:
Na mesma egreja d'Elvas e cabido
Ha um Bastos, um Sousa, dois Aporros,
Que, juntos com os Pirras, podem todos
Inda á mesma commua acompanhal-o,
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nedio cu, e até beijar-lh'o.
Estes e outros taes da mesma estofa,
De que o bispado quasi todo abunda,
Ás costas vão buscar o gordo bispo,
Que, inda que um pouco pesa, vem seguro:
Que são cavallos mestres e possantes.»

Mais queria dizer o vão dynasta,
Quando de seu assento esbravejando
Se levanta impetuosa a Excellencia.
O furor que lhe inflamma o grave aspecto
As palavras lhe corta; principia
Cem vezes o discurso e logo pára;



Como é possível que haja quem se atreva

Até que n'estas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sala:

« Como é possível que haja quem se atreva
N'este congresso a oppor-se, cara a cara,
Aos obsequios que tu, ó nume, ordenas
A uma reverendissima excellencia?
Um deão com seu bispo comparado
Um cominho não é? Se tu, ó nume,
O teu grande projecto não sustentas,
Eu só... » E n'isto bate o pé na casa.

Ao rijo som da bestial patada
Tremeu o régio solio e o pavimento,
E assentos e assistentes assustados
Tudo caiu por terra. Então o genio,
Alçando um pouco a voz: « Basta, lhes disse;
Eu disputas não quero em meu conselho;
Minha resolução está tomada;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
E o que escrevo uma vez nunca mais borro. »

Aqui, com rosto um pouco carregado,
O conclave despede; e logo chama
A vistosa Lisonja, que, n'um ponto,

Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente
De palavras e tom, segundo o gosto
Dos que o governo tem, e assim lhe falla:

« Magnata principal de minha côrte,
Eu, para executar este projecto,
Entre todos te escolho; diligente
Parte a cumpril-o; pois de tuas artes
E de ti só confio a grande empreza. »

Acaba; e, mais veloz que a leve setta
Parte do itureo arco, ou n'alta noite
Brilhante exhalação correr se observa,
Vôa o falso ministro, abrindo os ares.

Junto da boca do cruel Averno
A provincia se vê da Dependencia,
Cujos campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro de agua turva;
Não cria em suas margens tronco altivo,
Mas só hervas humildes e rasteiras
Produz o seu humor; se algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas:
Funesto influxo do licor maligno

Que o succo lhe ministra! Aqui, voando,
A Lisonja chegou; e, enchendo de agua
Uma pequena infusa que trazia,
As azas abre, parte alegremente,
Fendendo os leves ares; mil cidades,
Mil povos deixa atraz, até que chega
Da famosa azeitona á grande terra.

Aqui, tomando a fórma do lacaio
Do farfante deão, entra na casa,
A tempo que, de chambre e de chinelas,
Pela comprida sala passeiava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
De quando em quando, sua senhoria;
Ora á janella chega, e, applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa na praça vigiava;
Ora, arrotando, para dentro torna.
Ardia então em calma toda a terra,
E o calor, que as guelas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agua e caramelos.

A Lisonja, que idoneo tempo víra
Para tamanha empreza, um copo cheio
Da turva lympha do regato impuro,

Com quatro caramelos, n'uma salva
Lhe leva mui lampeira; elle, sorvendo
Com muita mogiganga o fôfo assucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vasa
Do maligno licor dentro da pansa.
Acabou de beber, e pouco a pouco
O veneno lhe ateia dentro n'alma
Uma chamma subtil, um vivo fogo
Que lentamente cresce: arde em desejos
D'ir o bispo buscar, de offerecer-lhe
O mais activo incenso; mil obsequios
Na cabeça lhe rolam e o transportam.
Da tarde em todo o resto não socega,
Nem na profunda noite estas idéas
O deixam descançar um só momento.
Sobre os fôfos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adulal-o:
Umaz vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em doirado papel sua prosapia:
Os duques coroneis, os regios sceptros;
Mas de genealogia nada entende
O triste, por seu mal; outras lhe occorre
Ir calçar-lhe os sapatos: com inveja
Olha do illustre Almeida a feliz sorte,
Que os pratos e a bebida lhe ministra.

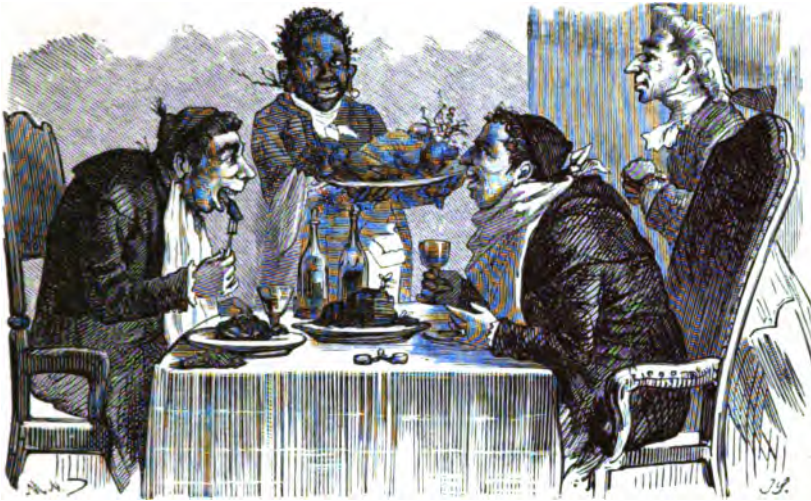
Da noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vis e em nada assenta;
Até que, junto ao toque da alvorada,
Apenas, de cansado, cerra os olhos,
Emboscada a Lisonja prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve fórma,
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla: « Ó grande dignidade,
Cabeça illustre do cabido elvense,
Se de teu alto engenho hoje pretendes
Dar ao mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento hyssope, á porta nova
Com elle o teu prelado prompto espera.
Honrar nossos maiores coisa é santa,
Que a natureza inspira: da syntaxe
O cartapacio diz, que *mais illustres*
Seremos quanto formos mais humildes. »

N'este ponto acordou o prebendado,
E, vestindo-se á pressa, á egreja corre.
Sem fazer oração, o hyssope toma,
E com elle, na porta signalada,
Sua excellencia espera: alli, apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Por terra se prostrou, e d'esta sorte

Ao pastor, que se apeia, o hyssope off'rece,
Que uma santa vaidade respirando,
N'elle alegre pegou, e o sacro asperges
Circumspecto lhe lança, em si cuidando
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre berço era devido;
E n'estas vans idéas engolphado,
Foi-devoto cantar a grande missa.



CANTO SEGUNDO



CANTO SEGUNDO

Reinava a doce paz na santa igreja.
O bispo e o deão, ambos conformes
Em dar e receber o bento hyssope,
A vida em ocio santo consumiam.
O bom vinho de Malaga, o presunto
Da celebre Montanche, as gallinholas,
As perdizes, a rola, o tenro pombo,
O bom chá de Pekin, e lá de Moka
O cheiroso café, em lautas mesas

Do tempo a maior parte lhes levavam,
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam sem sentil-o.

Em tanto a Senhoria, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da soberba Excellencia a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo,
Comsigo mesma diz: « Quê! Porventura
Não sou eu a sublime Senhoria,
Idolo de pellões e de casquilhos?
Quantas moças gentis, em cujos rostos
Entre lirios brilhar se vêem as rosas,
A meu culto não rendem seus cuidados?
Quantos graves varões, que sobre os livros
De cãs se tem coberto ou sob os elmos?
Nas ricas e soberbas assembléas
Não tenho porta franca? Não me fazem
Os circumstantes todos mil lisonjas?
Não correm após mim? não me festejam?
Pois como soffro que a Excellencia altiva
A seus pés me derrube e me atropelle?
Que triumpho de mim impunemente?
Ah! se esta injuria soffro, com desprezo
Entre a gente será meu nome ouvido;

Nem em casas armadas de damasco
Ou de pannos de raz, onde, espumando
Na rica, transparente porcellana,
De Caracas se serve o chocolate,
Roda o chá, o café, se joga o whist,
Terei, como costume, entrada livre,
E sómente nas lojas dos barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste e sem honra.
Ás armas, pois, corramos e á vingança:
Que desmaiar á vista dos perigos
É de animo abatido indicio certo.
Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Buscará minha astucia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia.»
Disse; e sobre o veloz, doirado carro,
Que tiram seis pavões, irada sobe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas do Rhodope escabrosas
Uma furna se rasga, tão medonha,
Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos timidos mortaes os ossos corre:
Aqui, luctando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppostos ventos;

Aqui se ouvem silvar horrendamente
Górgones e cerastas; a Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.
A este horrendo hospicio a Senhora,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o vistoso carro. Espavorido
Da triste vista do medonho albergue,
Tres vezes quiz atraz voltar o vôo
Das bellas aves o vistoso tiro,
E tres vezes o genio vingativo
Sacudindo, irritado, o longo açoite,
O constrange, por fim, a tomar terra.
Alli do carro desce e ás palpadelas
Pela cega caverna entra animosa.

No mais profundo da sombria estancia
Assiste a cruel deusa, cujo rosto
Apenas se divisa á luz confusa,
Que espalham respirando de continuo
Por olhos e gargantas mil serpentes.
Aqui o genio chega, e, derribado
Pela terra, que beija humildemente,
D'esta sorte fallou: «Nume terrivel
Cujo grande poder, cuja vingança
A terra faz tremer e o mesmo Olympo,



Aqui o genio chega, e, derribado

A teus pés hoje chega a Senhora,
Atrozmente ultrajada; o teu soccorro
Contra a fera Excellencia humilde implora.
Se de peitos illustres gloria e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males, tu castiga
D'um genio insultador a petulancia.
Além d'isto, presumo não ignoras
Que o famoso deão da egreja d'Elvas,
Pela baixa Lisonja aconselhado,
Esquecido da sua dignidade,
N'uma porta travéssa o bento hyssope
Vem, sem brio, off'recer ao gordo bispo.
D'aqui nasce a concordia que hoje reina,
Em desprezo da tua divindade,
Na mesma egreja; o Ocio e a Preguiça,
Do teu poder zombando, n'ella habitam.
Tu mesma, se o meu pranto não te move,
Para credito teu perturbar deves
Esta serena paz que o Ocio nutre.
Tu podes, se te agrada, co'um aceno,
No seio da familia mais concorde,
Dissenções semear, motins e bandos;
Banhar no fraternal sangue innocente
O buído punhal, e n'um momento

A terra confundir e o mar profundo:
Mil fraudes, mil ciladas e mil tramas,
Como escravas fieis, promptas te servem.
Do deão fascinado, pois, desperta
A innata presumpção, o genio altivo;
Tu faze que conheça o desar grande
Em que caído tem, e se arrependa
Do baixo incenso que á Lisonja rende;
Tu lhe traze á memoria que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos deões no catalogo, com mofa
De todos os vindoiros, será lido,
Sabendo-se que a tanto abatimento
Seu 'spirito chegou; tu, furiosa,
Os animos altera e a paz desterra.»

Disse; e o tyranno nume, respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
D'esta sorte responde: « Bem conheço,
Ó nobre Senhoria, quanto devo
A teu soberbo influxo; quantas vezes
Auxiliado tens minhas cabalas;
Sei que, por teu respeito, se não falla
Na terra muita gente; as feias mortes
De que auctora tens sido. Não me esqueço

Do que devo aos amigos. Vae segura,
Que eu já parto a vingar tuas affrontas.»

Aqui, sobre um feroz dragão montando,
Rapidamente vôa: incendios, mortes,
Sacrilégios, traições, roubos, ruínas
Vae deixando a cruel por onde passa.
Chega dos elvios á colonia antiga,
E, vendo de passage os dominicos,
Entre o prior e os frades mil disputas
Sobre o chá, sobre o jogo e sobre os doces,
Que aos tafues, com mão larga, dá na cella,
E sobre os trastes que ás senhoras manda,
Tyranamente excita: alguns gritavam
Que o convento roubava; que a clausura
E religiosa vida se perderam;
Outros, cheios de colera, diziam
Que, por jogar o whist e dar merendas,
As rendas dissipava do convento;
Que por isso no santo refeitório
A fome cruelmente os consumia.
Mas o santo prelado, todo cheio
De exemplar paciência e de modestia,
Vociferar os deixa — e vae jogando.

Entretanto a Discórdia em casa entra
Do grande presidente do cabido,
A tempo que estirado, á perna solta,
Sobre um molle sophá, dormia a sesta.
Roncava mui folgado, e cada ronco
A grande sala estremecer fazia.
Alli, encarquilhando o feio rosto,
Um rosario tomou, e na figura
Da velha e carunchosa ama se torna:
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao conego chegou e assim o acorda:

« Como em tão doce paz assim repouisa,
Dorme e descansa vossa senhoria,
Ao mesmo passo que na terra toda
De seu nome se faz ludibrio e mofa?
Como, discorrem uns, como é possível
Que o bom capitular, que viu o papa,
Que em Roma conversou com o datario,
E do sacro palacio com o mestre,
Que joga o trinta e um e mais o whist,
Que chá e assembléa dá em casa,
A tanto abatimento hoje chegasse
Que á porta da commua o hyssope traga
Para offrecel-o a um bispo de má morte?

Outros dizem: parece coisa incrível
Que a principal figura do cabido,
Que tem loba de seda e trouxe ás costas
Lá da famosa Italia a senhoria,
Tanto de si se esqueça e do seu cargo!
E vossa senhoria, ao ocio entregue,
Dorme profundamente? Acorde, acorde
D'esse molle lethargo, que é já tempo;
Veja o que deve a si e a seus maiores,
Á grande dignidade que, brilhando,
Com seus raios o cerca magestosa,
E deixe a vil Lisonja que o arrasta.»

Aqui, os turvos olhos esfregando,
O deão abre a boca, estende os braços,
E da negra visão sobresaltado,
A cabeça levanta, e d'esta sorte
Ao monstro enganador irado falla:
«Que phrenesi é este, velha tonta?
Está fóra de si? ou bebeu vinho,
Que o miolo lhe faz andar á roda?
Rese nas suas contas; quem a mette
Em coisas a fallar que lhe não tocam?
Vá-se logo d'aqui...» N'estas palavras,

Outra vez sobre o molle travesseiro
A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel deusa, ardendo em ira:
«Pois não queres de grado, lhe tornava,
Por teu brio acudir, a minha força
Agora provarás.» Isto dizendo,
A furtada figura prompta despe,
As hydras arrepella da cabeça,
E, cheia de furor, uma arrancando;
No seio do deão feroz a lança
E subito pelo ar desaparece.
Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
Do conego nas miseras entranhas.
Em Delphos a famosa pythonissa,
Toda agitada d'um furor divino,
Não geme tão convulsa, tão raivosa
Não corre, não retorce os vivos olhos,
Não podendo soffrer a divindade,
Como o pobre deão: do sophá salta,
Correndo furioso toda a sala:
«Armas, armas, bradava, guerra, guerra.»

A estas altas vozes prompta acode
Da casa toda a gente; e, presumindo



E por força o levaram para a cama

CANTO TERCEIRO



CANTO TERCEIRO

Era dia de festa e na alta torre
Da grande cathedral de vinte sinos
O grave carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande missa,
Quando sua excellencia vigilante,
Montando a gran' liteira, em que se via,
Com modestia exemplar, Venus pintada
Sobre um globo de tenros Cupidinhos,

Qual ao mancebo Adonis ou a Páris
Na idalia selva já se apresentára,
Para a sé lentamente se encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize
Qual seu espanto foi, sua surpresa,
Quando, á porta chegando costumada,
N'ella o deão não viu, não viu o hyssope.
Tanto foi da Discórdia o fero influxo!
Caminhante que vê subito raio
Ante seus pés cair, ferindo a terra,
Tão suspenso não fica, tão confuso,
Como o grave prelado: a côr mudando
Um pouco immovel fica; mas a raiva
Succedendo ao desmaio, entra espumando
Na grande sacristia, e d'alli passa
Para o altar-mór, aonde se reveste,
E onde, como costuma, em contrabaixo,
Sem saber o que diz, a missa canta.
Toda aquella manhã uma só benção
Sobre o povo não lança; antes, confuso,
E em profundo silencio a casa torna,
Onde, logo a conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

« Amigos, companheiros, que o destino
Fez de meu mal e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando
Que no mundo até hoje se tem visto.
O deão...» (e aqui, dando um gran' soluço,
Em quanto grossas lagrimas lhe banham
O enfiado rosto, mudo fica;
Até que em fim irado continúa)
« O soberbo deão, que, sempre attento
Ao meu alto decoro, o santo hyssope
Vinha trazer-me á porta do cabido,
Hoje não só deixou de vir render-me
(Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)
Este obsequio, devido ao real sangue
Que nas veias me pulsa heroicamente,
Mas, na sua cadeira repimpado,
Os psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista, de tal sorte,
Que mostrava insultar-me com desprezo.
A raiva e o furor que a alma me occupam
Me tem fóra de mim: não sei que faça
Para vingar tão grande e atroz delicto.
Vós conselho, vós arte, vós maneira,
Pois a vós também chega a grande affronta,
Me dai para punir este atrevido.»

Disse; e um grande laçao da liteira,
Famoso Rodomonte das tavernas,
A voz tomando a todos, d'esta sorte
Seu conselho propoz: «Tão grande caso,
Senhor, leva-se a pau; eu tenho um raio
De sege, ha muito já exp'rimentado
Em funcções semelhantes; eu com elle
De sua senhoria tal vingança
Hoje espero tomar, que de escarmento
A todos sirva...»

Aqui o grande Almeida,
Gentilhomem da camara e da boca,
Homem de gabinete e de conselho,
Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*,
Que gosa do prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha d'este modo:
«Se este horrendo, execravel attentado,
Ao vê-lo, digno de que o sol brilhante,
Os rubidos cavallos fustigando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite mais espessa,
Se houvera de levar por força e armas,
Eu armas, coração e forças tenho;
Mas violentos remedios só se applicam
Em mal desesperado; isto supposto,



Disse; e um grande lacaio da liteira.

Astucia e mais astucia se precisa,
Que onde reina a prudencia nada falta.
Vossa excellencia conta no cabido
A muitos parciaes e lisongeiros;
Estes, pois, sendo a conclave chamados,
Poderão sustentar o seu partido,
E obrigar que o deão faça por força
O que fazer recusa por vontade.»

A estas vozes, babando-se de gosto,
O prelado exclamou: « Ó raro engenho!
Meu poder, minha força e meu conselho!
O teu voto me praz; seguil-o quero.
Chamem-se logo, logo, o douto Andrade,
O gran' penitenciario, o sêcco Marques,
E o jantar se prepare promptamente.»

Já na soberba mesa cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciavel gula provocavam,
Quando chegam ao cheiro os convidados,
Que, feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincção em torno se assentaram.
Começam a chover logo os manjares:
Cem perdizes, cem pombos vem voando;

Cem especies de môlhos, cem de assados,
Grandes tortas, timbales, pasteis, cremes
Cobrem com symetria a grande mesa,
E em profusão tamanha de iguarias
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em branco leite ou doce vinho;
Mil frutas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam,
E em doirados cristaes, ó loução Baccho,
De tuas plantas brilha o roxo sumo.
Entretanto, na porta do palacio,
A cem pobres o bicho da cozinha,
Por ordem do pastor caritativo,
Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos que em torno sempre giram,
Brevemente propoz o gordo bispo
Aos bons capitulares seu projecto,
Que todos approvaram, e alli juram
Pelo doce licor que impetuoso
Pelas veias e cerebro lhes corre,
De o sustentar, até darem as vidas,
Por vêl-o felizmente executado.

Assim da lauta mesa entre as delicias
Largas horas passaram docemente,
E n'um queijo de Parma inda roía
Alegre a companhia, pastejando,
Quando das santas vespervas, na torre,
Fez signal o relógio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino,
Se levantam em pé os prebendados,
E, fazendo uma longa reverencia,
Correm velozes, por fugir da multa,
A ganhar no alto côro os seus assentos:
Alli mesmo, primeiro que rezassem,
A seus sabios collegas propozeram
Que, para resolver certo negocio
Do maior interesse ao grave corpo,
Preciso vinha a ser que ao outro dia,
Em que o deão da terra se ausentava,
Se juntasse o cabido. Na proposta
Todos sem discrepancia concordaram,
E, engrolados os psalms, para casa
Cada um se partiu, em si pensando
Qual seria o negocio, que obrigava
O cabido a chamar. Alguns julgavam
Que a pia d'agua benta se mudava;
Outros, cheios de gosto presumiam

Que para se vender mais caro o trigo,
Que no commum celleiro se guardava,
Algum celeste arbitrio se encontrará.

Mas o famoso Bastos d'outra sorte
Comsigo discorria: « Certamente,
Para nos distinguir da baixa plebe
Dos vis beneficiados, d'esta feita
(E como se ufanava!) se nos manda
Que de verde forremos as batinas
E que chapéo azul, com borlas brancas
Tragamos na cabeça. » N'este ponto,
Em si proprio, de gosto, não cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não de outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesoiros soterrados,
Se alegre, salta, folga, e se imagina
Egual ao gran-sophi da rica Persia,
Que o vão capitular, que já se pinta
Na sua extravagante phantasia
A par do gran-lamá, no fausto e pompa,
Ou do fero muphti dos musulmanos.

Cheio d'estas idéas entra em casa,
E, para dar seu voto na assembléa

Com mais legalidade, pedir manda
Ao rábula do Ceia alguns auctores,
Que os canones sagrados commentaram.

O douto Accursio, todo satisfeito
De poder grangear um prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a roxa murça,
Digno premio das suas gordas letras,
Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,
Tamborino, Escolano, Spada, e Pichler,
Meninas de seus olhos, flor e honra
Da rançosa, indigesta livraria.

O bom conego, vendo os grossos tomos,
De prazer, em si proprio, não cabia,
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que d'elles qualquer seja auctor de arromba;
Já, sem demora, ordena que lhe tragam,
Para um voto lançar, que semelhante
Nas decisões da Róta não se encontre,
Papel de Hollanda, pennas e tinteiro,
E, para que completo em tudo fosse,
A *Roda da Fortuna*, e *Cristaes d'Alma*
Trazer manda tambem, fazendo conta

De, em partes, lhe cerzir alguns pedaços,
Que encantado o deixaram, quando os lêra.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grosso monco assôa,
Toma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porém vendo
Que nada entende do que está escripto,
Para a ceia se chega, e, enchendo a pansa,
Se foi a repoisar no brando leito.

Já a rosada aurora, derramando
Do candido regaço sobre os prados
Mil orvalhadas flores, despertava
Com a trémula luz de sete côres,
Os miseros mortaes a seus trabalhos,
Quando, na grande sala do cabido,
Se ajuntam os zelosos prebendados;
E tomando por ordem seus assentos,
Depois d'um breve espaço de silencio,
Se alçou o grande Abreu, com rosto grave,
E, feita uma profunda reverencia,
D'esta sorte fallou: «Cabido egregio,
Exemplar de cabidos em virtudes,
Bem sabe vossa illustre senhoria,
Que goza felizmente a distincta honra



Quando, na grande sala do cabido

De ter por chefe, por pastor e bispo
Um ramo do real portuguez tronco,
Que assombrou com a copa o mundo inteiro;
Tambem sabe que a gloria da cabeça
Aos mais membros se estende, e além d'isto
Occulto lhe não é quanto se empenha
Em honrar sua sé este prelado.

Tu, Santa Quarentena, tu o dize,
Pois viste a importantissima reforma,
Que em nossas grandes capas fez zeloso
Este douto prelado, não soffrendo,
De seus capitulares em desdoiro,
Os antigos franjados alamares,
Que a moda já ridiculos tornára.
Deixo por ora de fazer memoria
D'outras grandes acções, em que seu zêlo
Por nós brilhar se viu; e só não posso
Em silencio passar aquella rara,
Grande e quasi real munificencia,
Com que sua excellencia foi servido
A muitos membros d'este grave corpo
Uns capitães fazer, outros tenentes,
Alguns alferes, ajudantes outros,
Este sargento-mór e cabo aquelle,

Quando a furia infernal da voraz guerra,
Rompendo as portas do espantoso Averno,
Desbocada sahiu, o ferro, o fogo
Das garras sacudindo, e furiosa,
Depois de ter corrido largo tempo,
Com sanguinosa planta toda a Europa,
Em Portugal entrou, ameaçando
D'um estrago fatal nossas prebendas;
Nem o raro valor, com que, seguindo
De seus avós ás inclytas façanhas,
Ao som da caixa e pifaros, na frente
Da brava ecclesiastica phalange,
Coronel general dignou chamar-se:
Acção digna por certo de ser lida
Em letras de oiro na *Gazeta da Haya*,
Ou nas folhas volantes, que em Lisboa
Os cegos apregoam pelas ruas.
Estas razões, senhores, nos obrigam
A olhar, como propria, a honra sua.
Ella ultrajada se acha indignamente
Pelo altivo deão, pois, costumando
(Nós testemunhas sômos, nós o vimos!)
Vir humilde esperar o santo asperges,
Á porta d'este alcaçar, de repente,
Mudando de systema, hoje refusa

Este obsequio render, este tributo,
De tão altas virtudes merecido,
Turbando injustamente em sua posse
O grandioso prelado. Este desprezo,
Esta, pois, tão atroz e negra injúria,
Que, em menoscabo seu, nas nossas barbas,
Se faz ao seu character, nós devemos
Promptamente vingar; sim, consultemos
Os canones sagrados, e vejamos
A fórma, o modo.» Então o Ramalhete,
Theologo chapado, e canonista,
Que o dialectico Pharo de cór sabe,
E que de São Thomaz tem lido a *Summa*,
O Genet, Busembaum, Lacroix, Guimenio;
Que sabe decidir magistralmente
A famosa questão — se um burro póde
O baptismo beber, ardendo em sêde —
Que argumenta nas theses dos capuchos,
E, inchando do pescoço as cordoveias,
Infere, grita, prova, e nada colhe;
A voz alçando grave e magestosa,
N'esta fórma votou: «Lavrarse deve
Um terrivel acordão, que de exemplo,
Da historia nos annaes, a todos sirva:
O soberbo deão seja obrigado,

D'elle em virtude, a desistir da força
Que ao bom prelado faz na sua posse,
Fulminando-lhe multas e outras penas;
Este cabido tem auctoridade
Para o fazer: em muito bons auctores
Assim o tenho lido: este é o meu voto.»

O Bastos, n'este instante, homem versado
Na lição de *Florinda*, e *Carlos Magno*,
Quiz metter seu bedêlho, mas Andrade,
De seu discurso não fazendo caso,
Do douto magistral o voto apoia
Com mil textos que aponta, a troxe môxe;
No *Sexto*, *Decretaes*, e *Clementinas*
Capitulos inteiros terminantes
Para proval-o encontra; e a outra turba,
Que c'o queixo cahido os escutava,
Arqueando, de pasmo, as sobranceilhas,
No que dizem os dois prompta concorda.

Em vão o thesoureiro, em vão o chantre,
Homens austeros, que adular não sabem,
S'oppõem tres vezes ao sinistro acordão;
Porque a Lisonja astuta, que, voando
Sobre suas cabeças invisivel,

Os taes votos inspira, faz que todos
A calar-se os obriguem; murmurando,
E levados da força da torrente,
Assignaram tambem o vão decreto.



CANTO QUARTO



CANTO QUARTO

N'uma casa de campo, descuidado
Entretanto passava alegremente
O farfante deão os longos dias,
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
Ás que raivoso vibra o cão celeste,
Abraza as calvas terras transtaganas,
Quando o monstro veloz, que por cem olhos
Todas as coisas vê, e as coisas todas
Por cem bocas, cem linguas palra, e conta,

Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do barbaro decreto. Em paz serena
Então jogando sua senhoria,
Ganhava um real róber; mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe caíram
Das mãos as cartas; pallido e suspenso
Largo espaço ficou. Não de outra sorte
Immovel fica o caçador ardente
Que, seguindo no campo com seus galgos
O fugaz animal, subitamente
Ante os pés do cavallo vê a terra
Em profundos abysmos despenhar-se.
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgosto lhe embargára,
Escumando de raiva, entre si disse:
«Pois não querem a paz, haverá guerra.
Vós, santos ceos, e tu, astro brilhante,
Que o dia trazes, e que o dia levas,
E que eu nascer não vejo ha longos annos,
Vós testemunhas sois, se eu pretendia
Mais, que em paz desfructar minha prebenda,
Comer, dormir, jogar e divertir-me;
Mas, já que tu, ó bispo revoltoso,



Aos ouvidos lhe leva a cruel nova

E tu, infame, adulator cabido,
A mudar me obrigaes com vis cabalas
De tão santo proposito, até onde
Chegam dos Laras o valor e o brio,
D'esta vez provareis.» Isto dizendo
Levanta-se furioso; e, sem respeito
Ao real róber, que ganhado tinha,
Indicio certo da paixão violenta,
Que o triste coração cruel lhe opprime,
(Tanto póde a paixão no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á Senhoria andar á pata,
Ao caminho se poz, e aos ilhaes dando,
Suando e merencorio entrou em casa.
Alli, sem socegar, ora passeia
Pela comprida sala, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a mesa
Os criados lhe põem; em vão os gordos
E tenros perdigotos, a salada,
A fructa, o vinho, os doces o convidam;
Que sem ceia esta noite foi deitar-se.
Alli a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.
Mil cuidados o investem; seu decoro
Atrozmente offendido, a todo o instante,

Á memoria lhe vem; ora d'um lado
Os lassos membros volve, ora do outro;
Suspira, tosse, escarra, e abrindo a caixa
Toma o insulso rapé, mas não socega.

A triste Senhoria, que, chorando
A deshonra commum, ao pé do leito,
Companhia lhe faz, compadecida
Do seu desassocego, veloz parte
A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Entre as rochas do Bosphoro Cimmerio
Uma gruta se vê, onde não entra
Jámais a luz do sol; sombria alcova,
Onde, em triste lethargo submergido,
Repoisa o deus do somno, coroado
De brancas preguiçosas dormideiras;
Em torno ao torpe alvergue não se escuta
Com seu canto chamar o esperto gallo
Da aurora a clara luz; nem na alta noite
Ladrar raivosos cães; mas só murmura
Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz e descanso.
Outros menores Somnos, fertil prole .

Do indolente Morpheu, alli assistem.
Tanta espiga não doira a fértil Ceres
No caloroso estio; tantas flores,
Na fresca primavera, pelos prados
Fecunda não produz a madre terra,
Quantos alli se vêem, todos diversos
De genios, de costumes, de figuras!
Uns de lugubre aspecto, outros de ledó;
Muitos pesados são, muitos são leves;
E, andando entre vãos sonhos de continuo
Pela escura caverna revoando,
Os olhos tem cerrados, e dormindo,
De mil ervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
E um d'elles pelas azas agarrando,
A casa do deão comsigo o leva,
Que, urrando de desgosto, inda não dorme;
Mas mal o limiar tocam da porta,
Quando o humor somnolento, derramado
Do Somno pelas mãos, aos olhos chega
Do desperto deão, que logo os cerra,
E a resonar começa docemente.

Então o genio em sonhos lhe apparece,
E fallando com elle assim dizia:
«Que é isto, illustre Lara! Assim desmaia
Teu forte coração! Como é possivel,
Que quem pode soffrer o grave aspeito
Em Roma das maiores personagens,
Sem susto, sem temor, hoje esmoreça,
Perca toda a constancia, trema, e gele,
Só á van ameaça d'um cabido,
A quem faltou, sem ti, alma e cabeça?
Animo pois, valor, e segurança,
Que o campo hão de ceder os inimigos.
N'esta cidade tens discretas pennas:
Tens de Serpa o auditor, que o velho Accursio,
E Bartholo o famoso só despreza,
Por que idolatras foram, e adoraram
A Jove, Marte, e Juno, divindades
A quem aras ergueu o paganismo;
O Cêa tens tambem, tens o Fernandes,
Oraculos de Astréa, que seu dente
Em canones tambem mettem ousados;
Estes consulta e segue os seus dictames,
Para o orgulho abater de teus contrarios.»

«E tu quem és, espirito celeste,
O deão encantado, lhe pergunta,
Da graça, que no rosto lhe scintilla,
Que a consolar-me vens nos meus trabalhos?»

«Eu sou, ella lhe torna, a Senhoria,
A quem, com tanto extremo, tu adoras.»

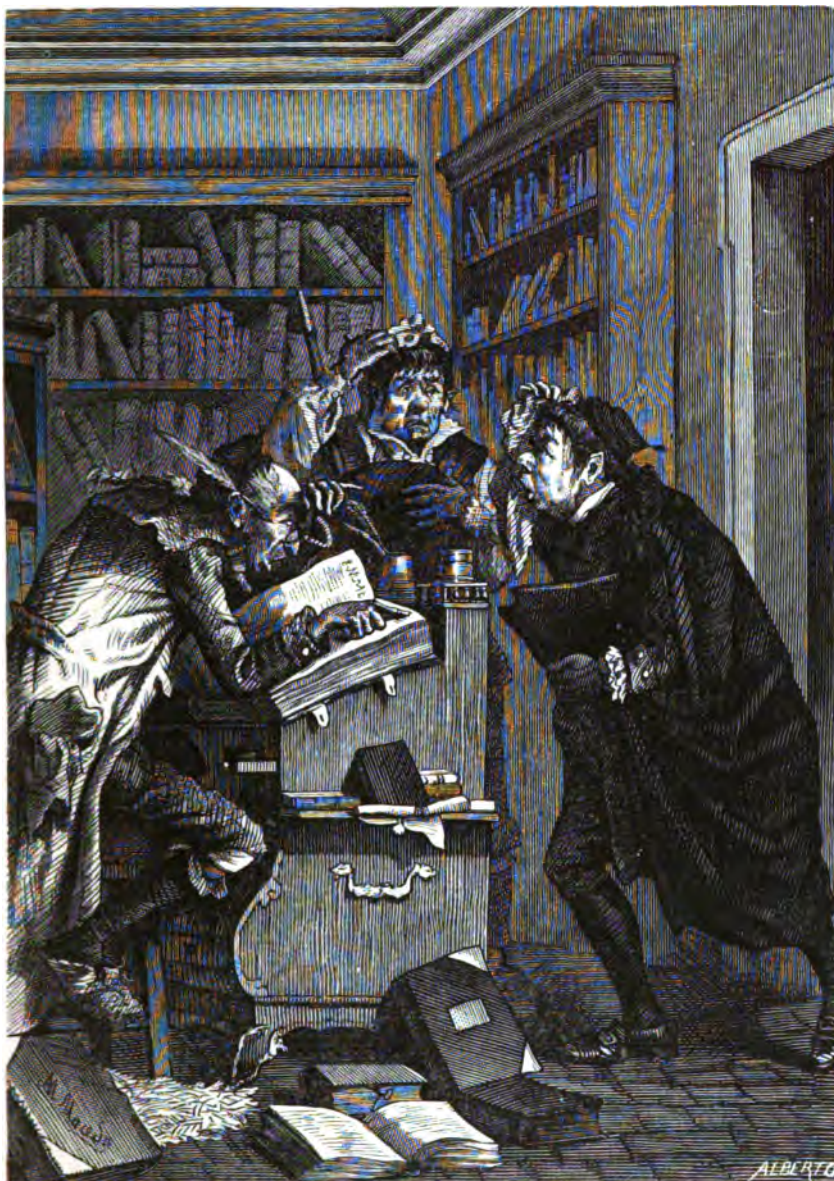
A taes vozes, da cama salta fóra,
Bate nos peitos, prostra-se por terra,
De gosto doces lagrimas derrama,
Beijar-lhe quiz os pés; mas n'este instante,
Ella desaparece, e elle acorda.

Já o sol, esmaltando com seus raios
A alegre terra, entrava ás furtadelas
Das cerradas janellas pelas figas,
E as importunas moscas começavam,
Com seu lento susurro, e com os curtos
Aguilhões, que nas caras lhes cravavam,
Os poltrões a acordar que inda dormiam,
Quando o nosso deão, todo engolphado
Na celeste visão, se veste alegre;
As meias *gris de fer*, e mais as luvas,
A casaca de seda, e mais a capa,

Em signal de prazer, preparar manda;
O crescente penteia, e, todo guapo
E do pó sacudido, sae de casa.

Ha d'Elvas na cidade um escriptorio,
Onde assiste a Trapaça e o Pedantismo.
Alli os feios monstros, consultados
Do gritador Fernandes pela boca,
Suas respostas dão á rude plebe.
Aqui o revêrendo prebendado
Seus passos encaminha, e aqui chega,
A tempo que, de chambre, o novo Caio
A um rude camponez, que o consultava
D'uma fraca jumenta sobre o *encaimbo*
Com outro seu visinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repete;
Mas se o rustico d'elles nada entende,
O doutor muito menos entendia:
«O seu caso, lhe diz, proprio, escarrado
N'este livro aqui temos; vá seguro;
Que, a seu favor, terá final sentença.»

N'este momento sua senhoria
Á porta chega, e o gran-consulta, ao vê-lo,



Á porta chega, e o gran-consulta, ao vê-o

Logo o rustico deixa, e vae buscal-o.
Á parte se retiram, e no caso,
Que o deão lhe propõe, ambos conferem.
Aqui a livraria vem abaixo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que cae dos velhos e traçados livros:
Em vão sacode os punhos e a casaca
O bom deão; que quanto mais sacode,
Mais poeira dos livros vem cahindo.
Lê, e relê o gran-jurisconsulto,
E depois consid'rando assim conclue:
«Á metropole vossa senhoria
Deve logo appellar. Isto me ensinam
Os doutores, senhor, que tenho lido.»

«Inda assim, replicou o fôfo Lara,
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen, Dupin, Barthelio.
Estes livros louvar, e seus auctores
N'uma douda assembléa tenho ouvido.»

«Que Van-Espen, Dupin, e que demonio?
Disse o consulto então escandecido;
Esses nomes jámais os vi escriptos,
Nem ouvi repetir, nem meu peculio

Com elles uma vez allega ou prova:
Sem duvida serão d'alguns herejes.
Aqui temos o bom Parnormitano,
Em grande letra gothica, os Fagnanos,
Valenças, Belarminos, Anacletos;
Estes sim, que são livros de mão-cheia,
E não esses auctores estrangeiros,
Que com sua doutrina a igreja empestam.
O que lhe digo faça: appelle, appelle;
E deixe-se do mais, que é parvoice.
Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
De pedir os apóstolos, e sejam
Os reverenciaes, por que suspendam
Do malevolo acordão os effeitos;
E não uma só vez; mas muitas vezes,
Com mais, e mais instancia, instantemente.»

«Isso, diz o deão, é escusado;
Eu conservo, entre varias baforinhas
De Agnus Dei, de veronicas, de breves,
Que trouxe lá de Roma, e ao despedir-me,
Me deu o Passionei, uma cabeça
Do glorioso São Pedro, coisa rara!
Obra de insigne mestre; talvez este,
Como principe foi do apostolado,

Baste no nosso caso, a serem n'elle
Os sagrados apóstolos precisos.
Veja, doutor, se tem isto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedil-os.»

«Não são esses, sorrindo-se lhe torna,
Mas outros os apóstolos, que digo,
E que precisos são no nosso caso:
Esta phrase, senhor, entre os praxistas
Tem diverso sentido, e significa
O como a appellação deve expedir-se.
A alguns d'estes modernos tenho ouvido
Que fôra no romano fôro usada,
E n'elle os canonistas a pescaram;
Eu porém d'este achado e d'outros muitos,
De que elles se presumem os auctores,
Do bom Phebo, bom Mendes, e bom Pegas,
A luz e norma dos que o fôro cruzam,
Com punivel despejo motejando,
Cá para mim me rio, pois não acho
Em meu peculio similhante nota.
Faça pois, sem demora, o que lhe digo,
Que outra estrada não tem, por onde possa
Do acordão escapar á sem-justiça.»

Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,
Do doutor o deão se despedia,
Quando o consulto, dando uma palmada
N'um livro que na banca estava aberto:
«Espere, lhe gritou, que n'este instante
Uma coisa me lembra de substancia:
De juizes venaes e corrompidos
Tudo esperar se deve; e deve tudo
Com tempo prevenir o que é prudente;
E como os seus, senhor, são d'esse porte,
Se deve recear, que levemente
A sua appellação possam negar-lhe.
Assim, por evitar longas ambages,
Que dinheiro, paciencia e tempo gastam,
Será melhor que vossa senhoria
Appelle logo *coram probo viro.*»

«E que querem dizer, doutor amigo,
Essas palavras *coram probo viro?*
Que eu do latim estou quasi esquecido;
Sem embargo de que, dizia o Lara,
Quando fui estudante, fui uma aguia,
(Não o digo, doutor, por fanfarrice,
Que eu de basofia nunca tive nada)
Em declinar veloz nominativos,

E na classe o tropheu levei mil vezes;
Por signal, que de téla boas fitas
O mestre me rapou, que era um alambre.
Mas vôam, vôam os ligeiros annos,
E damninhos comsigo tudo levam,
Os gostos, a saude, e a memoria;
E qualquer rapazinho agora póde
Rachar-me com quinãos afoitamente.»

«Querem dizer, que vossa senhoria,
O Fernandes lhe volta; appellar deve
Perante algum varão, que em dignidade
Constituido seja; *verbi-gratia*,
O guardião dos capuchos, dos paulistas
O reitor, o prior dos dominicos.
Este foi o efficaz, prompto remedio,
Que os famosos letrados Palma, Decio,
Bartholo, Castro, e Baldo descobriram
Contra injustos juizes, que denegam
A justa appellação aos litigantes.
Esta lembrança é minha; não entenda
Que, por gabar-me, o digo; os meus estudos
Assaz notorios são n'esta cidade.
Nove vezes (não trato por agora
Do auctor da *Arte legal*, nem do *Perfeito*

Advogado, ou do Flaviense Gomes,
Por serem todos tres de menos pôlpa)
Tenho lido, e cõtado em mil logares
O grande portuguez Cabral Vanguerve,
E o famoso Bremeu, de cujo livro
Faz logo vêr o titulo a grandeza;
O mesmo digo do moderno Campos;
Sem que o nosso Ferreira me escapasse,
Auctores todos de maior chorume,
Que esses seus Zalweins, que os seus Barthelios.
Esta lembrança pois, a dizer torno,
Nem todos a teriam; não o Cêa,
Não o doutor Caetano, e a récua toda
Dos novos letradinhos á franceza,
Que sem tregoa as orelhas nos martellam
Não sei com que Noodts, nem com que Strachios
E outros galantes nomes taes como estes,
Que na boca não cabem, nem a lingua
Póde, bem que se afane, pronuncial-os;
Mouriscos devem ser, ou eu me engano,
Que christãos nunca usaram d'estes nomes.
Vá pois, senhor deão, e sem receio
A sua appellação prompto interponha,
Que aos juizes depois intimar deve,
Se quer das multas escapar ao raio,

Que o terrível acordão lhe fulmina.
Não durma sobre o caso, nem descanse:
Que, segundo a vulgar regra em direito,
O direito aos que dormem não soccorre.»

«Essa regra, doutor é o diabo!
Merecia o que a fez as mãos cortadas,
O deão assustado repetia.
Visto isso, por amor d'esta demanda
Hei de eu perder a paz, e o meu socego,
Não dormir, vigilar continuamente?
Oh! ditoso Arganaz, e tu, Marmota,
Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
Passaes, dormindo, quasi o anno inteiro!
Oh! quanto mais feliz é vossa sorte,
Que a nossa, tristes homens; pois, se acaso
Queremos defender nosso direito,
O direito nos deixa, se dormimos!
Meu doutor, se essa regra é verdadeira,
Fique o malvado acordão subsistindo,
Chovam embora sobre mim as multas,
O vestido de seda, a lôba, a murça,
Pela agua abaixo vão, tudo se perca,
Com tanto que eu não perca um só instante
Dos meus suaves, regalados somnos.»

Aqui, com branda voz, o bom Fernandes
Ao afflicto deão assim consola:
«Senhor, os textos tanto ao pé da letra
Se não hão de entender, como imagina;
Não é da mente pois do gran-consulta,
Que esta regra dictou prudentemente,
Que não devam dormir os pleiteantes,
Que isso seria desmarcada asneira;
Sua tenção sómente foi lembrar-nos,
Que quem litigios tem, e quer vencel-os,
Deve tudo attentar e ser esperto.»

«Isso agora, cobrando novo alento,
Diz o deão farfante, é outra coisa.
Por esperto, não tenha, doutor, medo,
Que me haja de vencer o gordo bispo;
Que aqui, onde me vê, sou gran lavéreo;
Muitas vezes no whist, estando a nove,
Na segunda partida, os meus contrarios,
De taes artes me valho, taes maranhas,
Que, não tendo mais que um, lhes ganho o róber.»

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,
Do doutor bartholista se despede;
E mais ligeiro, que um ligeiro galgo

Para casa direito o fio toma,
Onde, sem se despir, manda, lhe tragam
Prestesmente a comida, e prestesmente
Engole pensativo alguns bocados;
E na mesma cadeira, sem deitar-se,
Umaz vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.



CANTO QUINTO



CANTO QUINTO

Ainda o chylo bem não tinha feito
O farfante deão, quando, lembrado
Do *coram probo viro* do Fernandes,
Abre a caixa, e, tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia:
«Que inercia é esta? Que preguiça, ó Lara,
Que os membros e sentidos te adormentam,
Quando por inimigos tens em campo
O gordo bispo, o Abreu, o Ramallhete.

Velhacos todos da primeira plana?
Álerta, Lara, pois, álerta, álerta;
Que o direito aos que dormem não soccorre,
E cumpre aos litigantes ser espertos.»

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E, abrindo a boca, e os olhos esfregando,
A modorra sacode, em que jazia;
Então, dando um passeio, ao espelho chega
E o suado crescente endireitando,
Sem attender ao sino, que o chamava,
A vespervas tocando, nem á multa,
Que a bolsa lhe ameaça, sae de casa,
E por baixo da calma, com que assava
Syrio, ladrando, a sequiosa terra,
Aos capuchos de trote se encaminha.

Sobre uma montanheta, que se estende
Em pequena distancia dos soberbos,
Guerreiros muros da triumphante Elvas,
O celebre convento se levanta.
Aqui, da molle Inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia se vêem cem padres graves,
Ex-guardiões, ex-porteiros, ex-leitores,

Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos
Pelas artes subtís, pela ardileza,
Com que forçado tem o Sp'rito Santo,
Nos rixosos capitulos mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
D'estes tambem no meio alli se encontram
Do gordo badulaque ex-cozinheiros,
Na fumosa cozinha, entre as tismadas
Certans fuliginosas e marmitas,
Com grande gloria sua, jubilados.

Aqui suando pois, como um cavallo,
Chega o deão, a tempo que o porteiro
A porta da clausura prompto abria;
E, vendo do deão a gran-fadiga,
D'esta sorte lhe diz sobresaltado:
«Que é isto, meu senhor? Que estranho caso
Aconteceu a vossa senhoria,
Que por baixo de calma tão intensa,
A nossa casa o traz tão affrontado?
Matou acaso algum dos seus collegas?
Roubou a sacristia? ou, do diabo
Tentado, violou alguma virgem,
E asylo vem buscar á nossa egreja?»

«Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!
Me succedeu, o Lara lhe replica;
Ao padre guardião sómente quero
N'um negocio fallar, se fôr possível.»

«Inda bem: pois cuidei que era outra coisa,
Lhe torna o bom porteiro, e de assustado
Fiquei sem sangue quasi em todo o corpo.
O padre guardião antes das cinco
Não costuma da sésta levantar-se;
Mas, por servir a vossa senhoria,
A despertal-o vou; no em tanto póde
Lá na cêrca. esperar, tomando o fresco.»

Isto dizendo, ao dormitorio sóbe;
E o deão, caminhando para a cêrca,
Com outro reverendo acaso tópa,
De gran-barriga, de cachaço gordo,
Que attento o cumprimenta e acompanha.

Quiz então a fortuna que este fosse
Um dos padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, ex-leitor e jubilado,
De todos o mais douto, excepto o Arronches,
Prégador de gran-fama na cidade.



Quando, fitando curioso a lente

O bom Lara, que havia longo tempo,
Que n'esta santa casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, juntos se offerecem
As areadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, que d'em torno
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na estatua, que primeira alli se encontra,
Pergunta ao jubilado: «Quem é este
Monsieur París? segundo diz a letra,
Que por baixo, na base, tem aberta;
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi francez, e talvez cabelleireiro,
Inventor do topete que o enfeita.»

«Páris, e não París diz o letreiro,
Circumspecto lhe volve o padre mestre;
Nem francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nasceu de estirpe regia.»

«Pois, se francez não foi, replica o Lara,
Como monsieur lhe chamam?»

Co'um sorriso

Lhe torna o padre mestre: «Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo:
Ao pé de cada esquina, hoje sem pejo
Se tratam de monsieurs os portuguezes.
Isto, senhor, é moda; e, como é moda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo que francez sabemos.»

«De tanto peso pois, lhe volta o Lara,
É, padre jubilado, por ventura
O saber o francez, que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas reverencias?
Por acaso sem esse sacramento
Não podiam salvar-se e serem sabios?
Pois aqui em segredo lhe descubro,
Que o francez para mim o mesmo monta,
Que a lingua dos selvagens boticundos.»

«Não diga, senhor, tal; que n'este tempo,
Ó tempos, ó costumes! diz o padre,
O saber o francez é saber tudo.
É pasmar, ver, senhor, como um pascacio,

De francez com dois dedos, se abalança,
Perante os homens doutos e sizudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a santa theologia,
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scôto,
Aos Baconios, aos Lulos, e a mim proprio.

«D'esta audacia, senhor, d'este descôco,
Que entre nós, sem limite, vae grassando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
É a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções corre envasada
(Traducções que merecem ser queimadas!)
Em mil termos e phrases gallicanas!

«Ah! se as marmoreas campas levantando,
Sahissem dos sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos varões, que com a penna,
Ou com a espada e lança a patria honraram,
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos, ridiculos auctores,

(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios!)
Subito certamente pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofala ou Moçambique;
Até que, já por fim desenganados
Que eram em Portugal, que portuguezes
Eram tambem os que costumes, lingua,
Por tão estranhos modos, affrontavam,
Segunda vez de pejo morreriam.

«Mas elles têm desculpa; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga:
Sem saber o que escrevem, escrevendo,
Buscam d'ella o remedio, e, como logram
Os fins de seus intentos, o que escrevem
Seja ou não portuguez, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
É quem vedar-lh'o deve, e não lh'o véda.
Mas por ora deixemos estas coisas,
Que o mundo corrigir a nós não toca.

«Este, como dizia, foi troiano,
E, nos campos que o phrygio Xanto corta

Guardando em doce paz o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno e Pallas, entre si, com Venus,
Sobre a belleza, um tempo, sustentaram;
No qual, não sei porém se com justiça,
Deu a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de oiro,
Que a Discordia lançára n'um banquete.»

«Já n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar, lhe volve o Lara;
Mas o tal monsieur Páris foi um asno;
Perdoe a sua ausencia. Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria mal ou bem minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciencia;
Mas a maçan havia d'eu papal-a,
Pelas custas, por certo; e, quando muito,
Daria á vencedora, d'ella as cascas.

«Mas, diga-me, meu padre jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa e penteado?»

«Essa é boa! replica o reverendo;
Pois parece-lhe, a vossa senhoria,
Que bastavam co' o novo tratamento
De monsieur, que lhe demos, um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra?»

«Essa rasão me quadra, diz o Lara;
E esta madama Helena, continúa,
Que d'elle está defronte, por ventura
Foi troiana tambem ou foi franceza,
Como do penteado mostra o gosto?»

«Não foi, senhor, franceza, nem troiana,
Responde o padre mestre; d'alto sangue
Em a Grecia nasceu, e no seu throno
Esparta um tempo a viu: mas sceptro, esposo,
A patria, a fama, a gloria d'alta estirpe,
Tudo deixou por Páris.»

«Que! o esposo,
A cara patria, o sceptro, a fama, a gloria,
Tudo deixou por esse barbas d'alho?
Valente marafona foi por certo
A tal madama Helena! E quem foi esta?
Diz a letra madama Pena-Lopes,

Proseguia o Deão; talvez seria
Tão boa, como a outra?»

«Esta, responde

O douto jubilado, é d'outra laia.
A famosa Penelope foi esta,
Do conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado Hymeneu nas castas áras,
Um perfeito exemplar, grande matrona,
Boa mãe-de-familias, e estremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
N'uma teia gastou mais de dez annos...»

«Que me diz, padre mestre? Está zombando!

O deão aturdido lhe replica:

Em urdir e tramar uma só teia
Dez annos consumiu a tal madama!
E diz-me que foi grande tecedeira?
A minha ama... e mais é uma zoupeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes;
E com tudo, não passa entre as peritas
Por grande sabichona d'este officio.»

«N'isso mesmo é que estive a habilidade,

O padre lhe tornou, pois que de noite

O que de dia obrára desmanchava.»

«Peior! diz o deão. Isso é o mesmo
Que para traz andar, qual caranguejo.
Jurarei em cem pares de evangelhos
Que essa mulher perdido tinha o siso.»

«Perdido o siso! Que galante coisa!
O padre lhe tornou; antes no mundo
Nunca mulher se viu tão atinada,
E digna de passar á eternidade,
Sobre as azas da posthuma memoria.
Foi prudencia, senhor, o que loucura
Á sua phantasia lhe parece,
Pois, se assim praticava, era sómente
Por enganar, em quanto o caro esposo
Da prolongada ausencia não volvia,
Cansados rogos de importunos prócos,
Que aspiravam do seu consorcio á gloria.
Arachne, que Minerva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella, certamente
Lhe não levára no tecer a palma.»

«Como é isso? o deão diz assustado;
Pois, salvo tal lugar, um homem póde,

(Isto fallando, todo se persigna)
Ou póde uma mulher em feio bicho,
Ou animal quadrupede mudar-se?»

«Isto fabulas são, com que os antigos
Quizeram explicar aos seus vindoiros
De muitos animaes a industria e a arte,
E além d'isso ensinar que ás divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas que acontecer possa quem duvida?
Dizia gravemente o douto padre.
Não fallo agora das antigas Lamias,
Que inteiros enguliam os meninos,
De Circe, de Medéa, nem de Alcina,
Ou da velha Canidia, de quem conta
O bebado de Horacio as nigromancias.
Todos sabem que todas estas bruxas
Em ousados leões, manchados tigres,
Em ardidos ginetes, negros ursos,
Ou em toupeiras vís, vís musaranhos,
A seu sabor, os homens convertiam.
Além d'isso, Apuleio nos informa
Que, por malicia d'uma certa Fótis,
Em asno n'um instante se tornára,
E como asno passára mil trabalhos.

Não tem ouvido vossa senhoria
Ruidosos cães uivar, lá na alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uivos
Senão que anda no bairro lobis-homem,
Ou homem, por fadario, transmudado
Em jumento orelhudo ou em sendeiro?»

«Santo breve da marca! aqui exclama
O farfante deão de temor cheio;
E logo proseguiu: Se minha estrella
Ordenado me tem que, por encantos
De alguma feiticeira ou nigromante,
Em féro bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, santos céos! ao fado praza
Que, antes do que em sendeiro lazarento,
Em brioso cavallo elles me mudem,
Pois assim poderei inda algum dia
A sorte vir a ter de ser pae d'egoas
E bons pôtros darei da minha raça!
Mas, se muito julgaes o que vos peço,
Ao menos concedei-me que em fuinha,
Ou matreira raposa me transformem,
Só para do bispo ir ao gallinheiro,
De quantas aves tem a dar-lhe cabo.»

Socegado o deão do seu espanto,
Ao bom padre pergunta: «E quem é este
Circumspecto monsieur, que cá se enxerga?»

O padre mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordal-os,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado o leva á penca,
Com 'strondo se assoa e dobrado o colhe;
D'esturro então sorvida uma pitada,
O habito sacode, aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de pápo ao deão assim responde:
«Esse que ahi está, nem mais, nem menos,
É o facundo, decantado Ulysses,
De madama Penelope marido.
De todos quantos gregos aportaram
Da neptunina Troia á's curvas praias
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres edades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o féro Ilion, por suas traças,
E da altiva cidade só ficára

O campo, em que imperiosa antes estava,
Voltando á patria amada, carregado
De altos despojos da immortal victoria,
De Neptuno soffreu a cruel sanha,
E, dos ventos e vagas açoitado,
Undívago correu por longos mares,
Vendo de muitas gentes as cidades,
As varias artes, os costumes varios,
Até que levantou, na foz do Tejo,
A rainha do mar, Lisboa invicta.»

«Ó grande fundador da minha patria,
Aqui brada o deão, se mãos tiveras,
E se pernas e pés te não faltaram,
Os pés e mãos humilde te beijára!
Mas, se manco e maneta aqui te vêjo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face.»
Disse; e ao collo furioso se lhe lança,
E na cara tres beijos lhe pespéga.

Passado este pequeno entusiasmo,
O Lara proseguiu: «E aquell'outro,
Que do jardim no meio se impertiga
Com cara de ferreiro, é por acaso

O grande Ferrabraz de Alexandria?
Ou Galafre da ponte de Mantible?»

«Esse, responde o padre, foi Alcides,
Cujos tremendo braço, cujos feitos
Ha de por certo vossa senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso padre Arronches.»

«Engana-se, senhor, o deão volve,
Que eu sermões nunca ouvi na minha vida;
E posto que no côro muitas vezes,
Em rasão d'esta minha dignidade,
A meu pesar, alguns ouvir eu deva,
Em quanto o padre grita estou dormindo;
Pois d'outra sorte disfarçar não posso
A fome, que me ataca a essas horas.

«Se eu algum dia fôr eleito bispo,
Como esperar me faz o regio sangue
De Lara que nas veias me circula,
Já, desde aqui, meu padre, lhe prometto
Que estes sermões desterre do bispado;
E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De prégar, lhe darei prompto remedio:

Mandarei que, cumprindo seus desejos,
Vá prégar aos hereges e gentios,
Que o premio lhe darão do seu trabalho;
E escusam de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa, dilatada arenga,
Que ouve, por uso, o povo e não entende,
E a pagar vem em fim por alto preço,
Dando, coisa que muito a mim me espanta,
Sem saber o porquê, o seu dinheiro.
Sermões? E quando quer jantar a gente?
A fome só augmentam, causam somno.

«Mas, tornando, meu padre, ao nosso ponto,
Este Alcides, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos.»

«Foi amigo de môças? Que tem isso?
Vê-me aqui? Pois com ter mais de setenta,
Dizia o jubilado, nem por isso,
Onde quer que as eu tópo, lhes perdô.»

«Outro tanto de mim, oh! quanta magoa!
O deão exclamou, oh! quanto pejo
Me custa, padre mestre, o confessal-o!
Outro tanto de mim dizer não posso,

E comtudo não passo dos sessenta;
Mas isso é do burel virtude innata.
Agora pois, se a vossa reverencia
Pesado lhe não fôr, dever quizera
Que d'este traficante toda a historia
Me referisse, pois, segundo penso,
Ha de ser varia e muito divertida.
Lembra-me a mim que, sendo inda estudante,
Do Bacharel Trapaça e Peralvilho
De Cordova as historias portentosas
Ouvi lêr (por signal que por ouvil-as
Na classe pespeguei valentes gazios)
A um clerigo visinho, bom poeta,
Que sabia o Borrvalho todo inteiro,
E tinha uma escolhida livraria;
E confesso-lhe, padre jubilado,
Que nunca em minha vida tenho ouvido
Coisa, que cá no goto mais me désse.»

«De bom grado o farei, por dar-lhe gosto,
O padre lhe tornou e assim começa:
Este grande varão Alcmena e Jóve
Teve por paes, ainda que gran-tempo
Do forte Amphitrião passou por filho...»

«Com que, de mais a mais, o tal Alcides
De barregan foi filho?... Ávante, padre,
Que o começo promette grandes coisas,»
Diz o deão, e o padre proseguia:

«De tantas forças foi, logo em nascendo,
Que, ainda não contava bem dez mezes,
Quando, em logar de berço, repoisando
N'um escudo de cobre, que a Pterélas,
Amphitrião ganhára batalhando,
Duas cobras mais grossas que um madeiro,
Que entraram a papal-o surrateiras,
No silencio dá noite, por mandado
De Juno, que em ciumes se abrazava,
Rompeu, espedaçou, com mais presteza,
Do que eu trinchar costumo uma gallinha,
Quando com fome estou na minha cella.
Digo na cella; pois no refeitório
Esta ave nunca entrou; que n'elle reina
Sómente o bacalhau, e talvez pôdre.
Depois, sendo mancebo, a estribaria
De Augías alimpou, façanha grande!...»

N'este ponto o deão ter-se não poude,
Sem que esta sabia reflexão fizesse:

«Filho de barregan! Moço de mulas!
Vejam de que ralé era a criança!»

«Logo, prosegue o padre jubilado,
Fez maiores acções; um leão féro
Na floresta Neméa, cara a cara,
Destemido affrontou, e lhe machuca
Com a pesada massa o duro casco...»

Aqui chegava o padre em sua historia,
Quando o esperto deão, á porta vendo
Da cêrca o guardião, que a vêl-o vinha,
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao guardião dizendo: «Appéllo, appéllo
Perante vossa sabia reverencia,
Varão constituido em dignidade,
Da affronta, que me faz o meu cabido,
Pretendendo com multas constranger-me
A vir apresentar ao gordo bispo,
Á porta da latrina, o santo hyssope.
Peço tambem, com todo o acatamento,
Os reverenciaes apostolos, mil vezes,
Com mais e mais instancia, instantemente...»

«Basta, o prelado diz; já interposta
A appellação está. Agora, em quanto
O reverendo padre jubilado,
Pois notario não ha que dê fé d'isso,
A certidão lhe passa, nos sentemos
Ao pé d'esta roseira a tomar fresco.»

Ditas estas palavras, se assentaram,
E o farfante deão assim começa
A discorrer sisuda e gravemente:
«Por certo que não póde duvidar-se
Do augmento, senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, por alto influxo
Do grande, forte, e nunca assaz louvado
Rei, primeiro no nome e nas virtudes,
E do sabio ministro, que lhe assiste.
Não fallo nas sciencias e nas artes,
Que eu d'ellas nada sei; pois meu emprego
Ás letras applicar-me não me deixa,
Como o meu gosto e genio m'o requerem,
E da *Arte da Cozinha* tão sómente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, que o francez, que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago;
Fallo sim no apparatus dos banquetes,

No polido dos trajés e assembléas,
Dos jardins no bom gosto, e dos palacios.
Digo isto, meu senhor, por que esta cêrca,
Que era um chiqueiro, ha menos de dois dias,
Hoje tornada está n'um paraíso.
Mas que não poderá um genio grande
E tal, como o de vossa reverencia?»

O guardião então todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde:
«Aqui que póde haver, que os olhos encha
De vossa senhoria, que tem visto
As terras estrangeiras tão gabadas,
Se é tudo uma pobreza franciscana!»

«Tanto não direi eu, replica o Lara,
Que, ao ver d'este vergel a amenidade,
O desenho dos buxos, o bom gosto,
Com que são as estatuas trabalhadas,
A abundancia dos vasos e das flores,
Que nos jardins estou se me figura
De Castello Gandolfo ou de Fascati,
Onde fallei mil vezes com o papa.

Tudo está primoroso, e só lhe falta,
Para em nada ceder aos mais gabados,
Deliciosos jardins de Italia e França,
Uma cascata, que a de Trevi eguale.
Se vossa reverencia quer a planta,
Eu já mandar-lh'a vou; que a tenho em casa.»

«Essa obra ha de custar muito dinheiro,
Responde o guardião, e hoje as esmolas
Para encher a barriga a tantos frades,
Que têm fome canina, apenas bastam.
Algum dia foi rico este convento!
Mas estas novas leis testamentarias
Deram um grande córte em suas rendas!
É verdade que os santos exorcismos,
O benzer dos feitiços e lombrigas,
O grande e extraordinario privilegio
De irmão e mãe de frades, e outros pios
E santos institutos, que inventaram
Devotos e subtís nossos antigos,
E que nós pelo povo propagâmos,
Com zelo e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino sexo,
Inda pingando vão de quando em quando;

Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o purgatorio!
Senhor, o purgatorio e as almas santas
Eram o Potosí da franciscana!»

N'este ponto chegando o jubilado
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande certidão, que passar fôra.
O deão a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dois padres risonho se despede,
E correndo e saltando, como um corço,
Alegre e prasenteiro entrou em casa;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste Luz, que a honra gosa
De tocar mal rebeca na sé d'Elvas,
E de ser em seu fôro máo notario
Ou pessimo escrivão, que vale o mesmo;
Além d'isto, cursado tinha as classes,
E a todas estas coisas ajuntava
Uma profunda erudição, bebida
Nos *Autos de Reinaldo e Valdevinos*,
E do *Infante D. Pedro* nas *Partidas*,

Florisel de Niquéa, e outros livros
Da andante, da immortal cavallaria;
Ao qual o deão disse: «Hoje um negocio
De ti fiar pretendo de importancia;
Mas antes será bom que ao grande Baccho
Algumas libações, como costumes,
Aqui faças.» Dizendo estas palavras,
Ordena que lhe tragam promptamente
Do bom vinho de Borba tres garrafas.

O bom Luz, transportado á sua vista,
Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
Ás duas palhetadas deixa enxuta;
Muito tempo não passa sem que prove
Egual sorte a segunda; sem descanso
Com a terceira investe; largo espaço
O forte campeão entra por ella;
E, depois que esquentada teve a bola,
Assim com o deão falla animoso:
«Que coisa póde vossa senhoria
Querer d'este seu servo, que não faça?
Que perigo haverá, que não arrote?
Da nova Zembla os duros caramelos
Irei a passear; ao meio dia,

Na Libya soffrerei a calma ardente;
Cem tigres, cem leões, cem corcodilos
Audaz affrontarei; do reino escuro
Para seu cão de fralda, se é seu gosto,
N'um pulo lhe trarei o cão Cerbero;
Ou, para divertir a baixa plebe,
Se mais d'isso se paga, co'uma corda
Á porta lh'o atarei, como um macaco.»

«Menos que isso, bradou o prebendado,
Menos que isso de ti hoje pretendo.
Só uma appellação quero que intimes
Ao gordo e féro bispo: isto sómente
De ti hoje desejo, e de ti fio.»

Aqui, mudando a côr do triste rosto,
Começou a tremer o novo Alcides
E com voz balbuciante lhe replica:
«Muito illustre senhor, tão grande empreza
Minhas forças excede: o mesmo Achilles,
Mandricardo, Gradasso, Sacripante
Commattel-a por certo recearam,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.
D'ella pois me dispense; que eu sem pejo,

Ante os céos, ante a terra hoje confesso
Que meu animo a tanto não se atreve.»

A este breve discurso, ardendo em ira,
O deão exclamou: «De minha vista
Vae-te, indigno furão, vil e rasteiro,
A que na cara e feitos te pareces;
Que eu saberei achar quem me obedeça.»

Tremulo e semivivo o pobre zóte
Então se foi d'alli escapulindo;
E o soberbo deão fica suspenso,
No peito revolvendo a quem daria
A grande commissão; quando á memoria
Lhe traz a Senhoria, que a seu lado
Invisivel lhe assiste, o bom Gonçalves,
Escrivão atrevido e sem piedade,
Que a si mesmo prendera, se podéra.
«Este sim, exclamou então contente,
Que é capaz de citar a Jesus Christo.»
Isto dizendo, que lh'o chamem manda.

A Senhoria então, tomando a fôrma
Do galopim de casa, veloz corre,



Vae-te, inligno furão, vil e rasteiro

E com elle voltou *in continenti*;
A quem logo o deão propõe a empreza,
Que elle, sem duvidar, risonho acceita,
E para a executar tempo opportuno,
Cheio de confiança, a esperar parte.



CANTO SEXTO



CANTO SEXTO

Já o sol grande espaço declinava
Do brilhante zenith para o occidente,
E a socegada Tarde, conduzida
Nas frescas azas dos subtís Favonios,
A passeio os peraltas convidava,
Quando por divertir sua excellencia
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,

Se dispõe a sahir, como costuma
A frescura a gosar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão engenhosa da Excellencia,
Para obrigar-o a não sahir de casa)
Esta infausta jornada precederam:
Á mesa posto e a beber um copo
De generoso vinho da Madeira,
Em vinagre na boca se lhe torna
O suave licor, e, ao mesmo passo,
No aparador saltando, um gato negro
Em hastilhas lhe faz com grande estrondo
Os doirados crystaes, que n'elle estavam;
Depois, dormindo docemente a sésta,
Se lhe figura, no melhor do somno,
Que, andando de passeio pela quinta,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nóra o velho burro, e, alçando o rabo,
Dois coices lhe pregava no vazio.
Á phantastica dôr gritando acórda;
E, acudindo a familia promptamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado;
Mas, passado o primeiro sobresalto,
Desenganado em fim de que era sonho,

A vestir-se começa; então, calçando
O polido sapato, das fivellas
Salta da guarda-roupa ao aureo tecto,
Com medonho estampido, a melhor pedra;
Finalmente, ao montar á carroagem,
Batendo um gran bizoiro as negras azas,
Com horrendo estridor lhe açoita as ventas,
E um pardal lhe estercoou no tejadilho.

N'este instante a Excellencia, que tomado
Tinha do grande Almeida a gentil forma,
Vendo que estes agoiros não bastavam
Para aterrar do bispo o forte peito,
Co'uma grande zumbaia, assim lhe falla:
«Se crêr em abusões é de almas fracas,
Desprezar portentosos vaticinios
É de peito obstinado e ensurdecido
Ás vozes, com que o céo nos aconselha.
Se em Africa Catão, se em Roma Cesar
Deram fé aos presagios, nem aquelle
Nas férvidas areias africanas
Acabára infeliz, nem no senado
Ás mãos de Cassio e Bruto ferozmente
Este fôra, qual rez nas áras, morto.

O mesmo digo do temido Almeida,
De quem vossa excellencia tem o sangue;
De Cambaia murchar as altas palmas
Na brutal Cafreria elle não víra,
Se afoito ou temerario não zombára
Do bater dos sapatos do Menezes.
Vossa excellencia tem visto os portentos,
Que lhe tem n'este dia acontecido:
Ah! se a mente presaga não me engana
Algun grande desastre prognosticam
N'este passeio, que fazer intenta!
Para illudil-os pois torne a apeiar-se,
Ao paço se recolha; considere
Que, por grande, a cautela nunca damna.
Se a van ociosidade e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,
Mande chamar alguns capitulares,
E, com elles em santa paz jogando,
O resto passe da calmosa tarde,
E não queira, com van temeridade,
A seu gosto a rasão sacrificando,
Desafiar a colera dos astros.»

A estas vozes risonho o gordo bispo
Lhe responde: «Meu filho, bem conheço

Que o amor, que me tens, é quem te dicta
Essas sabias rasões; mas que diria
Esta marcial cidade, que, admirando
Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim me viu na guerra
Uma talhante espada, e sobre tudo
Erguer da cama, n'uma fria noite,
Por correr sem temor suas muralhas,
Quando o fogo, nas altas atalaias
Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolações, incendios, mortes,
Se hoje soubesse que eu ficava em casa,
Assombrado de quatro bagatelas?
Eu confio no céo que esses successos
Nada contenham, que aziago seja;
Mas, se assim succeder, constante e forte
Irei para onde os fados me chamarem.»
Isto dizendo, confiado ordena
Aos moços que caminhem sem demora.

No tempo que estas coisas succediam
No episcopal palacio, o bom Gonçalves,
A quem a grande empreza desvelava,
Sendo por seus espias avisado

De que o bispo sahia, aproveitar-se
Da occasião, que a sorte lhe off'recia,
Comsigo determina, e a toda a pressa
A vestir-se começa; quando a cara
E longéva consorte, do cartorio
Nas sordidas trapaças tão versada,
Como o déstro marido, toda cheia
D'um panico terror, que dentro n'alma
A feroz Excellencia lhe infundira,
Ao collo se lhe lança e assim lhe falla:

«Onde, ó luz de meus olhos, doce esposo,
Assim corres veloz e assim me deixas
Cercada de receios e tristezas?
O bispo vaes citar? Ah! tu não sabes
Qual é d'este prelado a santa raiva?
Ignoras que as menores bagatelas
Em seu conceito são graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade?
Tu, ó pobre Milheira, tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquete,
(Mestre de cerimoniaes e cabalas,
Com poder de assistente junto ao solio,

Para insultar sem termo os pobres zótes
Em toda esta cidade e seu bispado)
A fazer longo tempo na cadeia
Barbaramente condemnado foste!
Não sabes que, apesar das leis sagradas
Do nosso piedosissimo monarcha,
Elle meirinho tem de vara alçada,
Que prende, escorcha e rouba impunemente
Á sombra do sagrado santuario?
Pois como a provocal-o hoje te arrojas,
Por servir o deão? Crês por ventura
Que elle te livrará das suas garras?
Ou fias-te talvez em que és sujeito
A outra jurisdicção? Mas, ah! repara
A quantos, como tu, leigos isentos
Em seu cruel aljube opprime e vexa!
Oh! se um raio voraz do céo descesse
E todos os aljubes abrazasse,
Quantas, ó céo, oh! quantas se evitaram
Vexações, injustiças e insolencias!
Olha o que succedeu ha pouco tempo
Ao charlatão do Medico Pequeno,
Que a habito perpetuo de estudante
Foi de Esculapio em junta condemnado,
Por sandeu e pascacio: nós o vimos.

Por não dar alimentos á consorte
Em dinheiro corrente, que, debalde
Os homens e as estrellas attestando,
Allegava não ter o miseravel,
(E em vão para pagal-os off'recia
A venda de seus predios ou seus fructos)
Apesar da rasão e da justiça,
Com publico pregão excommungado!
Bem que não possa d'elle asseverar-se
Que de Herodes á féra tyrannia,
Não devera escapar por innocente,
Pois, só d'uma pennada, a muitas almas
Tem feito as margens ver do Stygio lago,
Onde por elle esperam barregando,
Para as barbas tirar-lhe e a cabelleira!
Pretendes pois que o mesmo te succeda?
Ah! não! amado esposo; por aquelles
Primeiros e suavissimos instantes
Do nosso doce amor, pela fé pura,
Que no sagrado laço me juraste,
Por estas ternas lagrimas, que choro,
Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras,
A ti mesmo cruel e a meu socego,
Roubar-me a triste vida, dar-me a pena
De ouvir-te excommungar pelas esquinas!

Ou preso cruelmente e entregue ás garras
Do meirinho voraz, qual tenra pomba
Entre as unhas crueis de aor ligeiro!
Do meu pranto tem d, e dos cansados
Longos annos da minha amarga vida.»
Aqui um magoado e gran suspiro
As queixas lhe atalhou; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro do peito.

Então o grande e intrepido Gonçalves
Assim, de brio cheio e de ternura,
A timida consorte alenta e anima.
«Enxuga o triste pranto, ó bella esposa,
Que sem causa derramas, pois com elle
O forte coração me despedaas.
Eu não vou combater algum gigante,
Nem tenho o Ferrabraz por inimigo;
Vou fazer meu officio, e bem conheço
A quanto me abalano, e me aventuro.
Mas que dira o mundo, se vir hoje
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De mais, que d'este excesso, a que me arrojoo,
Tu a causa são es; pois d'outra sorte
Mal poderei, meu rico bem, comprar-te

A saia, a capa, a fita, o leque e o pente.
Os annos estão caros, e eu não devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A ventura depára, e nos off'rece.
As censuras, o bispo e sua vara
Vãos espantalhos são, que não me assustam;
Eu não temo o meirinho, nem da egreja
O forte raio, sem rasão vibrado;
E para me escapar do bispo ás iras
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
O susto deixa pois, que brevemente
Tu me verás tornar sem frio ou febre,
A gosar de teus mimos, teus favores.»
Isto dizendo, de seus braços foge;
E, mais ligeiro que o ligeiro gamo,
A esperar se partiu sua excellencia.

Já, na rica liteira recoitado,
Da cidade sahia o gordo bispo.
Dois lacaios membrudos e possantes
Guiavam a compasso os grandes machos,
E dois do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e preguiçosa marcha abriam;
Nos altos campanarios os donatos,

E das freiras as môças muito alegres
Davam, como costumam, aos badalos,
Quando o bom escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz caçador, que alegre e féro
Á porta d'uma moita a rez espera,
Á liteira se chega e respeitoso
Uma carta ao prelado logo entrega,
Na qual a appellação descomedida
Em letra garrafal ia traçada.

O innocente pastor, que não suspeita
O veneno mortal que em si levava,
Depois de lhe deitar a santa benção,
Com risonho semblante pega n'ella,
O sobrescripto rompe, e soletrando
Entra a ler com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cahe
O atrevido papel. Não, se cem bocas,
Cem linguas eu tivesse, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo bispo. A Ira, a Impaciencia,
A Soberba, a Vingança e outras furias
O rodciam, agitam e transportam;
O rosto se lhe inflamma; os olhos tintos

D'um vivo e negro sangue lhe chammejam;
Escuma, geme, brama e ringe os dentes.
Tão cruel, tão feroz, tão espantoso
Não freme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de cão damnado,
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega e lh'o devora,
Como o grave pastor! A vil Preguiça,
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vê-lo, d'alli foge espavorida.
Em fim, de raiva ardendo, grita e clama
Aos lacaios que logo, sem piedade,
Aquelle infame e ousado lhe castiguem.
Então os insolentes vis mochilas
Arrancam das espadas, que, em desprezo
Das leis e magistrado, á cinta trazem,
E cheios de grande ira, quaes raivosos,
Arremessados cães, que arditos seguem
O fero javali, que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta moita,
Correm, sem tino, após o bom Gonçalves,
Que em seguro já posto, ao pé da guarda,
Os olha com desprezo, e os insulta.
Não de outra sorte rubido podengo,



Em fim de raiva ardendo, grita e clama

Que, seguindo fiel e lisongeiro
O rustico saloio, que á cidade
Vem de seus campos a vender os fructos,
Se ao pé d'alguma esquina se demora,
Preso da vista das formosas côres
Da galhofeira cidadã cadella,
E sobre elle caindo a roaz turba
Dos bairristas cachorros, que a namoram,
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre, sem se deter, até que chega
Junto de seu senhor, a cujas abas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se volve e então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado Gonçalves, se meus versos
Alguma coisa podem, se rompendo
A nevoa escura dos futuros évos,
Sobre as azas do tempo se espalharem
Pela terraquea mole, em quanto alcaides,
Quadrilheiros houver, houver meirinhos,
O teu nome será sempre famoso,
Pelo heroico valor, com que abarbasto
Do gordo bispo a temerosa sanha;

E dos Leilões na Praça, em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gran Lisboa,
Entre a terrivel pestilente corja
De alguazis desalmados e vorazes,
Com inveja e louvor, serás de todos
Pelo primeiro beleguim contado.

Em tanto a Senhora, que presente
A esta comica scena sempre esteve,
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega
Que a gran nova ao deão leve ligeira.

Estava então o triste combatido
De alegres esperanças e temores;
Umaz vezes confia, outras receia
Que o escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rapida Fama em seus ouvidos
A nova espalha do feliz successo.

Vós, filhas da Memoria, que do Pindo
Concordes habitaes as frescas selvas,
Qual foi o seu prazer, dizei agora.

De Baccho nas solemnes anthestérias,
As desenvoltas Ménades não correm,
Nyctileu invocando, mais furiosas,
Do deus e da alegria arrebatadas,
Como o fumoso Lara corre as casas,
Gritando de contente. Os moços chama
E a todos, entre grandes gargalhadas,
Todo o successo narra. Ora lhes pinta
Do arrojado escrivão a grande astucia,
Ora as vans iras do cruel prelado.

Ó geração humana, quanto és facil
No meio da bonança a enfatuar-te,
Sem temer que a pellada, má Fortuna,
Lubrica, extravagante, caprichosa,
No meio de seus mimos e delicias,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, ó farfante Lara, em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste;
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria;
Qual leve exalação, que, apenas nasce,
Nos abysmos do céu desaparece!

Engolfado o deão nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos criados ordena *in continenti*
Que, para festejar o feliz caso,
Uma esplendida ceia se prepare;
E á velha, que tambem de gosto salta,
Com risonho semblante intima e manda
Que não fique na grande capoeira
Folego vivo em tão festivo dia.
Não contente com isto, maior prova
De seu immenso gosto dar pretende:
Que um bizarro concerto de prelude
Sirva ao farto banquete determina,
Da musica melhor que ha na cidade;
E, por dar mais prazer aos convidados,
De cavallinhos fuscos, depois d'elle,
Na vaga sala, com soberba pompa,
O galante espectaculo prepara.
Então a convidar saltando envia
Do clero e da milicia cem pessoas.

Ao passo que estas coisas se faziam,
A despiedosa velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem gallinhas, cem frangãos degolando.



E á velha, que tambem de gosto salta.

Entre todos havia um velho gallo,
Pae da grande familia, victorioso
De mil féros rivaes e respeitavel
Pelo longo esporão e roxa crista:
D'este pois nem sequer o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sangue
De seu cruel senhor honra o festejo.



CANTO SETIMO



CANTO SETIMO

Entre tanto surdindo a Noite escura
Do bosphoro Cimmerio, e despregando
As estellantes azas, envolvia
Todo o nosso hemispherio em densa treva,
Quando na casa do deão triumphante
Ajuntando-se vão os convidados.

Vós, deusas do Parnasso, vós agora
Novo fogo inspirae dentro em meu peito;

Regei-me a voz cansada e o debil canto,
Por que n'elle celebre dignamente
De tão altos varões nomes e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o moço Sequeira, que, hobreando
Co' o pae sagaz na usura e na trapaça,
Lhe sobreleva muito na avareza.
D'uma sebenta, desbotada fita
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxota do castello.

Após este se segue circumspecto
O Noventa-Cabellos, conhecido
Por fido Achates do pomposo Lara;
Homem sizudo e grave e o mais calado
De quantos pizam d'Elvas a cidade,
Excepto o triste, misero tacanho,
Que gerou, por seu mal, o velho Torres.
Muitos d'elle murmuram (feia Inveja,
Quem de teus dentes ficará izento,
Se não te escapa a simples Innocencia!)
Que não falla, porque fallar não sabe;
Outros porem mais justos o defendem,
E ás estrellas o sóbem; pois, ao menos,

Se não sabe fallar, sabe calar-se;
E, qual lubrica, negra sanguisuga,
Que, aferrando-se á pelle, se não solta,
Sem de todo fartar a cruel sêde,
Dos que encontra ás orelhas não se agarra;
Nem, sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas os não larga,
Como costuma o zóte do Sardinha.

Nas ancas d'este entrou esbaforido
O Vellez, arithmetico afamado,
Capaz de duvidar até de Christo,
E que tem de loquaz e de arengueiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de Acclamo o grande schólio,
De cabo a rabo, sem faltar-lhe verbo,
E, á força de pae-velho, algum pedaço
Verte em mão portuguez do Tridentino;
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa jesuitica syntaxe,
Passa entre os seus por homem consummado,
Bom juiz de sermões e prégadores,
Apesar do atrevido Casadinho,
Que, por ser o barbeiro do prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando,
Entra o vaidoso, mulheril Perinha,
Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,
Parente em quarto gráo de condes-duques,
E chefe dos pellões da sua terra.
Então de senhorias toda a casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se viu: umas da boca
Em borbotões lhe saem, outras lhe entram
Pelas grandes orelhas lisongeiras,
E, subindo-lhe ao cérebro, a cabeça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.

Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os bichos,
Alegria e prazer da elvense terra,
O Leote e o Barquinhos, tão famosos:
Aquelle pela teima com que intenta
Mungir d'um grande bode as duras têtas;
Este pela piedade com que, vendo
Jazer em terra morto o bravo toiro,
Que os calções de camurça lhe rasgára,
Por que o céo suas culpas lhe perdõe,
Perdôa em altas vozes generoso
O estrago do vestido e a grave affronta.

Estes por onde passam mil apodos,
Mil graças e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar escutam:
Não de outra sorte viu Lisboa um tempo,
Da vil plebe entre a grande borbórinha,
Passear suas ruas, hombro a hombro,
O celebre D. Felix e o Caturra.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no engenho, agudeza, brio e garbo
Com os dois póde bem correr parelhas.
Affastae, affastae, deixae passal-o;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Por todo o Alemtejo, em suas trompas,
Com sonoro louvor, pública a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o rol pendurado traz ao collo
Das moças, que em mancebo namorára,
Onde com distincção se lêem seus nomes,
Suas graças e dotes. Pelos prados,
Que o Hebro crystallino córta e réga,
Tantas, de amor captivas, não seguiram
De Thracia o gran cantor, que a cara esposa,
Na solitaria praia descantando,
Duas vezes perdida, em vão chamava,

Quantas o rol contém, desde a mais baixa
E roliça fregona até á dama
Mais nobre, mais gagé, e mais xibante.
Hoje porém, que em mais serios estudos
Os dias gasta, disfructando a honra
De a rustica curar gente da Vargem,
Inda este phrenesi curar não poude;
Nem da empyrica sciencia o gran segredo,
As hervas, cataplasmas tem bastado
Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos Venégas,
Que muitos infanções por avós conta.
Este só comerá d'uma assentada,
Sem que papo lhe faça, um boi inteiro,
E, como quem um copo bebe de agua,
De café, chocolate, chá, sorvete,
D'um trago, beberá toda uma pipa.
Este ccia não ha, jantar, merenda,
A que prompto não vôle e não assista.
Tão rapida calar das altas nuvens
Não vê o passageiro em largo campo
A grasnadora gralha, o negro corvo
Sobre o triste animal, que de cansado

Em comprido caminho deu a ossada,
Como correr se vê o bom fidalgo
Á voz, ao cheiro do mais vil banquete.
D'esta canina fome, que o devora,
De alárve lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a cidade é conhecido.

Nem tu has de deixar de ser lembrado
Em meus versos, prior da santa egreja
Que Alcaçova ennobrece, tu, que, sendo
Um tempo branco e loiro, te tornaste
Por artes encantadas negro e pardo.
Este na sala entrou de loba e capa,
Mas debaixo do braço co'a catana,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu gran valor não mente a fama)
Muitas vezes com todos os diabos.

Tambem tremendo chega a passos lentos
O longevo, potrosó do Saldanha,
Que em regras economicas bem póde
Dar sóta e az ao grego Xenophonte.
Para prova do seu contentamento,
Se adorna do vestido domingueiro:
Sobre uma véstia branca airoso traja

Casaca que foi negra ha quinze lustros;
Os calções eram pardos; os sapatos,
As meias, o espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziam.

A seu lado marchava o velho preto
Com a suja panella, em que costuma
Ajuntar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana co'a familia.

Tu tambem, grosso Silva, lustre e gloria
Da tua patria, antiga Torres Vedras,
Doutor em *Anno Historico*, não foste
O ultimo que entrou na rica sala.

Estes e outros varões de equal calibre,
Dignos todos de fama e maravilha,
Honoraram n'esta noite a grande festa;
Mas da justiça o amor não me consente
Que eu deixe vossos nomes envolvidos
Entre as trévas que espalha somnolenta
A agua estofa do sombrio Lethes,
Bolorento Pão-Ralo, e tu que fallas
A lingua da Moirama, ó bom Gonçalo,
E que os melões e peras almotaças,

Com tanta rectidão, ao povo d'Elvas,
Quando empunhas severo a rubra vara.

Junta em fim a selecta companhia,
O vistoso salão em torno c'roa.
Então ao côro, que esperando estava,
Deu signal o deão, e uma sonata
De adufe, de machete e castanholas,
Da orchestra estrepitosa foi preludeio,
A que um duo se segue, coisa rara!
E que egual nunca viu em seus theatros
Milão, Veneza, Napoles, Florença.
O grande Eugenio e o famoso Felix
Foram os virtuosos, que o cantaram.

Se tu, ó estremada Zamperini,
Que em Lisboa os casquilhos embasbacas,
Seus suaves accents escutáras,
Passagens e volatas, bem que as Graças
Lisongeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito e garganta mil encantos,
Com que as tres filhas d'Achelô vences,
Quantos novos encantos aprenderas!

Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma bandurra, que na orchestra estava,
Por mão de insigne mestre trabalhada.
N'ella se viam sobre a branca faia,
De marfim embutidas e páo santo,
As folias do filho de Seméle,
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia
Entre ledos tripudios se tornava.
Via-se o gordo deus alli sentado
N'um grande carro, que virentes parras
Contra os raios do sol todo toldavam;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jorro de licor vermelho,
De throno lhe servia; e o moço imberbe
Co' um verde thyrsos co' uma mão picava
Os dois accesos, mosqueados tigres,
E co' a outra chegava á secca boca
Do saboroso sumo um cheio vaso;
Após elle se via debuxado
O bebado Sileno sobre um russo
E cansado jumento; de verde hera
C'roada tinha a fronte o semi-capro;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêem se representa,



© Viligal pegando no instrumento

Que, balançando, o semi-deus caía,
C'os fumos, que a cabeça lhe toldavam;
De foliões silenos uma tropa,
Que só para o suster o rodeava,
Alegremente lhe fazia a côrte,
E sobre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal abertos olhos;
Precediam o carro desgrenhadas
Mil bacchantes, mil satyros lascivos,
Dando nos ares descompostos saltos;
Uns tocavam buzinas retorcidas,
Outros rijos adufes e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,
Ao deus se encommendou a quem amava,
E, dando ás esc'ravelhas largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os mementos nos enterros.
Com tão grande attenção não pendem promptos
Do novo batalhão da elyense terra
Os marciaes soldados, na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege,
Como a festiva companhia pende

Dos duros berros do cantor famoso,
Que da patria em louvor assim começa:
«Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!
Hoje até ás estrellas meus accents
Teu nome levarão e tua fama;
Mas d'onde minha voz a teus louvores
Dará principio? Tu, ó loução Baccho,
Como tens por costume, tu me inspira!
Mil em silencio deixarei successos,
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua gloria illustram, pois não chega
Um engenho mortal a tantas coisas,
E a louvar passarei de teu senado
A rara e nunca vista economia,
Com que no velho, já rachado, sino,
Por se acharem as rendas do concelho
Em luminarias, lutos, e propinas
Todas, em seu proveito, consumidas,
Quatro gatos mandou deitar de ferro.»

Com tal arte feria o cantor déstro
Do pequeno instrumento as tezas cordas,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,

Que, ao bater das pancadas, parecia
Ouvirem-se no sino as martelladas.

«Que direi, proseguiu, da subtileza,
Com que gravar mandaste sobre a porta
Que tem de Esquina o nome, em negra pedra,
Por que ninguem a lél-a se atrevesse,
A famosa inscripção, em negras letras?
Mais intrincado, mais escuro enigma,
Que o que nas portas da famosa Thébas,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge.»

Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se calou; e, em alvo pondo,
Como quem pensa em coisas mais profundas,
Os turvos olhos, préga um grande escarro,
Com que assustou os circumstantes todos;
E de novo começa: «Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E alli, na tenra idade, me tivessem,
Qual misero e novel frangão, castrado;
Só então dignamente em fino tiple,
Qual Achilles nas operas d'Italia,
De teu grave senado cantaria

A acção maior, que viram as edades!
Tu, ó povo miudo, e povo grosso,
Que dos toiros ao barbaro combate,
Presidido dos serios magistrados,
Lá na praça assistias galhofeiro,
Tu testemunha foste, e no futuro
Testemunha serás que eu não matizo
Com falsas côres o notavel feito:
Fallo da profusão com que lançaram
(Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a Fama espalhava vagamente
A noticia dos regios desposorios
Da princeza real, real infante)
Depois de terem feito bem o papo,
As reliquias da prodiga merenda
Sobre as cabeças da apinhada gente.
Então, coisa pasmosa! os ovos molles,
Arroz doce, cidrão e leite crespo
Cobriram n'um instante toda a praça,
Que o povo, ás rebatinhas, apanhava;
De toda a parte então chover se viam
As pellas do tostado manjar branco,
Qual nas tardes de maio, quando Jóve,
Com a rubida mão dardeja irado,
Por entre as negras, condensadas nuvens,

Com medonho fragor, torcidos raios,
Cae a grossa saraiva, enchendo os campos.»

Aqui chegava, quando os convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer agua na boca,
Da demora da ceia impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropel se levantam, e, lançando
Pela terra cadeiras e instrumentos,
Correram para a meza, onde scintilla
Nos doirados cristaes, nos finos pratos
A radiante luz de cem bugias.

O primeiro que occupa a cabeceira
É o tolo Aguilar; sem cumprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado sumo,
Que desterra a cruel melancholia:
Na meza festiçal reina a saude.

Mas de todos tu foste, ó gran Gonsalves,
Quem as primeiras colhe; todos brindam
A teu grande valor, á tua astucia;

Em quanto tu, no collo recostado
Da prezada consorte, entre os seus mimos,
Do bispo e do deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza;
Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Giravam sem cessar; sua excellencia
De todos era o alvo; todos n'elle
Malhavam satisfeitos e contentes;
Posto que era malhar em ferro frio.

Uns a brilhante escolha lhe louvavam
Dos synodales theologos; do Arronches,
Eximio prégador, que leu inteiro
O livro dos *Conceitos Predicaveis*,
O *Zodiaco Sobr'ano*, e outros muitos,
Que na escola capucha estão em preço;
Do guardião dos capuchos; do Roquette,
Thomista petulante e confiado.

Outros a prepotencia celebravam,
Com que, de moto proprio, um pobre leigo
Despejar promptamente fez das casas,
Para n'ellas viver o seu barbeiro.

Este a grande philaucia encarecia,
Com que a portuense mitra na cabeça,
E seu bago reger já se suppunha,
Officios repartindo e dignidades.

Aquelle murmurava da arrogancia,
Com que ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou, e, rodeado
De pagens petulantes e lacaios,
Já do Tibre assombrar as verdes margens
Com malhados frisões imaginava.

E todos, sem respeito, blasphemavam
Da fatal ignorancia ou liberdade,
Com que, apesar dos canones sagrados,
Beneficios curados entregava
De avaros regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca chita,
Com que á grande janella empanturrado
Da inutil, ociosa bibliotheca,
Nas noites de verão a calma passa,
Ás suas tezoiradas escapaste.

Entre tantos motejos só calado,
Chupando os dedos e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o D. Alarve,
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do *Anno Historico* o grosso e torto Silva.

Quando subitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer ao repetil-o!)
O velho gallo, que n'um prato estava,
Entre frangãos e pombos lardeado,
Em pé se levantou, e, as nuas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras
Em voz articulou triste, mas clara:
«Em vão, cruel deão, em vão celebra
Co' o nosso sangue o prospero successo,
Que a futura victoria te promette,
Que por fim cederás a teu contrario.»

Disse; e, caindo sobre o grande prato,
Sem mexer-se ficou. N'este momento
Um gelado suor dos circumstantes
Banha as pallidas faces; os cabellos
Nas fronte se lhe erriçam; largo espaço
Immoveis ficam, sem dizer palavra;



O velho gallo, que n'um prato estava

Mas, o perdido espirito cobrando,
Se levantam tremendo, e pela terra
A recheiada mesa baquearam:
Tres vezes se benzeram co'a mão toda;
Tres vezes, mas em vão, esconjuraram
O fatal gallo que jazia morto,
E mil, a infausta ceia dando ao demo,
Se foram, sacudindo os calcanhares.



CANTO OITAVO



CANTO OITAVO

Na sup'rior instancia introduzida
A grande appellação, ardia a guerra:
Dois rabulas famosos trabalhavam
Em offuscar das partes o direito;
Quantos rançosos livros, que jaziam
Sepultados em pó, meio comidos
Da cruel e voraz, maligna traça,
Tornaram outra vez a vêr o dia!

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cada uma de per si os excitava;
E sobre tudo a fome devorante
Do luzente metal, que o mundo encanta.
De papel muita resma em letra grossa,
Onde, a montões, os textos, os doutores,
Sem ordem e sem tempo, se allegavam,
Cada qual, de si pago, tinha escripto.

Quando o genio feroz das Bagatellas
Uma fiel balança nas mãos toma;
Em um dos aureos discos põe attento
As rasões do deão, n'outro as do bispo;
E vendo que estas tinham maior peso,
Talvez por terem mais papel e tinta,
Por um geral edicto á côrte chama
Os vaidosos magnatas, e em conselho,
Com fera continencia, assim lhes falla:
«Nunca a pensar cheguei que em meus vassallos,
Que do orbe a estimação, e o ser me devem,
Tão louco algum houvesse, e tão ingrato,
Que combater ousasse meus projectos!
Mas o tempo, que a todos desengana,
Me mostrou quanto errava, e quão perdidos
São com ingratos grandes beneficios!

Este enorme attentado merecia
Um castigo exemplar; mas a clemencia;
Companheira fiel do meu imperio,
A espada me suspende, na esperanza
Da prompta emenda.»

Aqui, fitando os olhos

Na pallida e confusa Senhoria,
D'esta sorte prosegue em seu discurso:
«É pois minha vontade, ordeno e mando,
Sob pena de incorrer no desagrado
Do meu real favor, de abrir os olhos
Ao mundo fascinado, e de mostrar-lhe
Que nada tem de real vossas pessoas,
Mas que só sois chimericos fantasmas:
Que nenhum de vós outros se intrometta
No famoso litigio, que hoje corre
Entre o bispo e o deão da egreja d'Elvas.»
Severo, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a van Senhoria, que conhece
A quem as ameaças se encaminham,
Vendo, por este modo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado,

A carpir, se retira n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.

Entre tanto o deão confuso, afflicto
Passava as horas, na memoria tendo
Do lardeado gallo o infausto annuncio.
Pouco e pouco, a cruel melancholia
O devora e consome; não graceja,
Como d'antes usava, co'a familia:
Mas, em seus pensamentos abysmado,
Comia pouco, pouco repoisava;
Nem joga; nem café, nem chá bebia.
No pico d'um rochedo solitario,
Entre as trévas da noite carregada,
Tão lugubre gemer, de quando em quando,
O feio e rouco mocho não se escuta,
Como o pobre gemia, retirado
No escuro canto d'uma nua sala.

Então a zeloza ama, a quem penetra
Do afflicto patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou por esta fórma:
«Que tem, senhor deão? que magoa é essa,

Que tão mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
Essa cara, senhor, que n'outro tempo
Era cara de paschoas, tão alegre,
Tão gorda e reverenda, tão affavel,
(Até para os seus servos) tão mudada
Está do que já foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Não socega;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem toma o seu café, nem joga o whist!
Supponho que lhe deram mal de olhado!
Ah! se esse fôr seu mal, prompto remedio
Em mim encontrará; pois do quebranto
Sei benzer, e curar por mil maneiras:
Porém, se a causa é outra, não m'a occulte;
Que talvez lh'eu descubra algum allivio:
Pois mil vezes na planta desprezada
Da grave enfermidade se acha a cura.»

«Ama, diz o deão, para que é tonta?
Por ventura não sabe o gran litigio,
Que trago com o bispo; em que meu brio,
Meu ser e minha gloria se interessam?
Não se lembra tambem do infausto agoiro

Do lardeado gallo? Que mais causa
Em mim pretende pois de viver triste?
Oh! se os astros crueis tem ordenado
Que eu a demanda perca, de repente
Me verá estalar sem frio ou febre,
Entre as barbaras mãos d'este desgosto.»

«Senhor deão, replica então a ama,
Se da sua tristeza é essa a causa,
Tem por certo rasão para affligir-se;
Supposto que não é o mal tão grande,
Que não possa remedio ter ainda.

Na minha mocidade instituida
Fui nas artes da madre Celestina,
Pela velha Canidia; muito trato
Tive então com o sabio Abracadabro,
Famoso encantador que ainda vive,
Não longe d'este sitio, n'uma gruta.
Este estupendo magico conhece
Das pedras e das plantas as mais raras
As occultas virtudes; sabe a lingua
Das aves e animaes; com seus conjuros

Muda as loiras cearas; sobre a terra
Mil vezes faz descer trovões e raios;
Arranca do alto céo a branca lua;
Em negro urso mil vezes se converte,
Mil em lobo cerval e mil em toiro:
Este pois mudar póde do Destino
As leis e a natureza, e mentiroso
Tornar, se lhe parece, o triste agoiro
Do diabolico gallo. A consultal-o,
Se fôr do seu agrado, iremos ambos.»

Disse: e o deão suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umás vezes se anima, outras receia
Do magico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está carvalho annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente d'um só fio, com a queda
Cem partes ameaça, e a verde cópa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.

Finalmente o desejo da victoria
Vence o frio temor: tanto em seu peito

A raiva e a cruel vingança podem!
E, dando um gran gemido, estas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca:
«Vamos, ama, buscar o grande sabio;
E veremos se tem meu mal remedio.»

Era alta noite, e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca lua,
Quando o deão, pela ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se despem promptamente, e, untando o corpo,
Com sangue de morcego e de toupeira,
Sobre sordidas pennas se espojaram.
Então o corpo todo agita e move,
Com medonhos esgares, e rosnando
Em baixo som, por entre os pôdres dentes,
Certas palavras, a espantosa velha,
E cheia de furor ao deão disse:
«Voemos.» — E n'um ponto (coisa rara!
E que equal nunca fez Juan de las Vinhas)
Pelos ares voaram livremente,
Procurando do archímago a morada.

De Alcaçova o prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então a casa,



Pois, ao vibrar um talho, o D. Quixote

Do Nunes bacchanal em companhia,
D'um puxativo escalda, se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante durindana,
E, o capote traçando, velozmente,
Poem-se no recto, parte, atira um furo,
Faz pé atrás; mas tropeçando acaso
N'um podengo que, á força de pedradas,
Os travessos rapazes tinham morto,
De costas se estendeu na dura terra,
Coberto de vergonha, esterco e lama.
Então mais furioso se levanta,
E co'um golpe mortal a partir torna.
O pejo e o furor lhe dobra as forças;
Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descansar, talhando os subtis ventos;
Mas tudo em vão; que leves e seguros,
Nadando pelos ares, se sumiram
Os novos anthropógrifhos nas nuvens.

Tu só, n'esta aventura, infeliz Nunes
Provaste a furia do pesado braço;
Pois, ao vibrar um talho, o D. Quixote
Co'a ponta te chegou da rija espada,

Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da cabala,
E todas as leis são da onomancia.
Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:
Alli betyles ha, ha chelonites,
Corações de toupeiras, ha entranhas
De vãos camelões, ha pedras d'ara,
E magicos espelhos; ha cabeças
De mortos animaes, lameiras virgens,
Hypomanes, mandragora, e outras ervas,
Á luz colhidas da nascente lua,
Nas campinas do Ponto e da Thessalia.

Aqui ama e deão descem, a tempo
Que, á mal-accessa luz d'uma lanterna,
Um talisman o magico compunha.

Ao feio aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao deão se arripiaram;

Começa a vacillar; mas a malvada,
Velha bruxa o segura, alenta, anima.
Entram pois onde o sabio trabalhava,
E, prostrada por terra, a vil carcassa,
D'esta sorte fallou com voz tremida:

«Famoso Abracadabro, a cuja illustre,
Alta sciencia os fados concederam
Dominar elementos e planetas,
Este, que vês (eu creio o não ignoras)
É o nobre deão da egreja d'Elvas,
Pelo vaidoso bispo perseguido,
Que do teu gran poder se chega ás abas:
Com o gordo prelado, e seu cabido
Uma demanda traz; para vencel-a
Tuas artes procura. Ah! se algum dia
Com teu alto favor benigno honraste
Esta serva fiel, por elle mesmo,
A teus pés humilhada, hoje te peço,
Que o queiras amparar; elle o merece
Por triste e desvalido, e pelo grande
E profundo respeito, que tributa
A teu alto saber, ás tuas barbas.»

Aqui o velho magico lhe torna:
«Nada do que tu dizes me é occulto;
E por elle, e por ti provar intento
Quanto minha arte póde.»

Isto dizendo,

Todos tres se sahiram da caverna,
E á mal distincta luz da frouxa lua,
Sobre a rasa campanha, Abracadabro,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça:
A estas linhas ajunta tres fileiras
De outras, eguaes em tudo, quatro linhas;
E, entre si alguns circulos unindo,
D'ellas varias figuras prompto fórma:
Umam se chamam mães, e outras filhas,
Arbitros, testemunhas: isto feito,
Diversas ervas queima, e, murmurando
Tres vezes, ao redor, certas palavras,
Começou a tremer toda a montanha:
Cem espantosas féras, cem serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então na frente do deão pellado
Os cabellos, que ainda lhe restavam,
Em espetos se tornam; pelas veias



Famoso Abracadabro, a cuia illustre

Subitamente o sangue se lhe gela.
Mas quando viu sahir da rude furna,
Horrendamente uivando, um cão medonho,
De negro, espesso, retorcido pello,
Que lança pelos olhos triste fogo,
E chegar-se do magico ás orelhas,
De todo perde a côr, o alento perde:
Tres vezes quiz fugir, e tres o medo
Os passos lhe embargou; immovel fica,
E semi-vivo respirar não póde.
Passado finalmente um breve espaço,
Com horrendo fragor, se rompe a terra,
E, crepitantes chammas vomitando,
Em seu ardente seio o monstro esconde.

Então, deixando o bruxo o féro encanto,
Para o deão se volta, e n'estes termos,
Com feia catadura lhe responde:
«Em fim não ha remedio: nada pódem
Co'o Fado inexoravel meus conjuros:
Nos duros diamantes tem escripto
Que a lide perderás.»

A estas vozes
Todo o valor cedeu do heroico Lara:
Começou a tremer, e sobre a terra

Sem alentos cahiu e sem sentidos.
Sobre elle se debruça a torpe velha,
Chorando amargamente. Abracadabro
Á gruta corre, e d'ella, compassivo,
Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um spirito vital, lh'o arruma ás ventas.
Então, um gran suspiro derramando,
O deão abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdera.

Por largo espaço o deixa o nigromante
Repoisar em descanso, até que, ao vel-o
De todo, do desmaio recobrado,
Com mófa e compaixão assim lhe falla:
«Não cuidei que tão pouco esforço tinhas,
Preguiçoso deão, imbelle e fraco;
Que uma sentença, contra ti vibrada,
Te fizesse perder de todo o alento;
Mas és conego emfim, e tanto basta!
Ignoras tu acaso que as desgraças
Pedras de toque são, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem?
De mais, que os duros fados tão injustos
Não são para contigo, que vingança
A teus grandes aggravos não promettam.»

Ao écco da vingança, o antigo esforço
Cobra o pallido Lara; e alvoroçado
Esta pergunta faz ao velho bruxo:
«E que vingança é essa, Abracadabro,
Que o fado me promete?»

Então o sabio

Com severo semblante lhe responde:
«Virá a succeder-te no deado
Um novo heroe da tua mesma raça.
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso bispo injuriado,
Porque á porta recusa do cabido
Ir, como tu, a offerecer-lhe o hyssope,
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando, sabiamente aconselhado,
De venaes magistrados o recurso,
Refugio buscará nas santas aras
Onde Themis preside, e firme asylo
Acham contra a violencia os opprimidos.
Os ministros da deusa, que, zelosos
De seu altar e culto, attentos seguem
As pisadas do principe famoso,
Que, dando ao sacerdocio e ao sceptro dando,
O que é do sacerdocio, e o que é do sceptro,
Tem de ambos os poderes felizmente

As sagradas balizas assignado,
E defendem com prompta vigilancia
Da real jurisdição os justos termos,
Ao bispo mandarão, por seu decreto,
Que a rasão d'este excesso logo assigne.
Á fatal vista do improviso golpe,
Tão consternado fica o bom prelado,
Que com fraqueza vil, dolosamente
(Acção que digna é só d'um home' indigno)
Do livro mandarã riscar as multas;
Negará tel-as feito, e negaria,
Se necessario fosse, o mesmo Christo.
Então desistirá, cheio de medo,
Da pretendida posse e seus direitos,
E, a pelle convertendo, na apparencia,
De féro lobo; se fará cordeiro.»

Disse: e o deão, de ouvil-o satisfeito,
Mil graças deu aos fados, mil ao sabio,
Mil á velha, que a vêl-o o conduzira.

Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titão o frio leito,
Sobre o carro, de aljofres guarnecido,

Com um mólho de rosas excitava
Ao veloz curso as remendadas pias,
Que os freios mastigando de diamante,
Por olhos e por ventas scintillavam
Tremulos raios, que de luz cobriam
Os longo-apovoados horisontes,
Quando a velha e o deão, ambos deixando
O grande Abracadabro e sua gruta,
A descançar da longa ameijoadá,
Para casa velozes se partiram.

Era já alto dia, e retumbava
Em alegres repiques Elvas toda,
Quando o deão acorda ao gran ruido,
E, chamando os criados, lhes pergunta
Qual do grande zão-zão era o motivo.
Então o cozinheiro, debulhado
Em lagrimas, lhe conta que a noticia
De ter vencido o bispo o grande pleito,
Que trazia com sua senhoria,
Tinha, ha pouco, chegado por um proprio;
Que em todas as egrejas não havia
Sino grande, matraca ou campainha
Que, em signal de prazer, se não tocasse.

Acabou o bom servo a triste arenga,
De seu peito exhalando um gran soluço;
Mas sua senhoria, consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nova.



VARIANTES

AO POEMA

O HYSOPE

ADVERTENCIA ÀS VARIANTES.

Esta edição, como já dissemos na noticia a respeito de Antonio Diniz da Cruz e Silva e dos seus escriptos, que a precede, é o resultado do confronto minucioso da edição de 1821 com as outras e com as copias que lográmos alcançar.

São essas edições as de 1802, de Londres, aliás Paris; 1808, de Lisboa; 1817, de Paris; 1834, de Lisboa; 1834, de Paris; e 1876 de Barcellos.

São as copias: as dos ex.^{mos} srs. visconde de Fonte Arcada, José Gregorio Barbosa e Antonio Martins Leorne; as do Archivo Nacional n.º 181 e 1005, dos Livros Manuscriptos, a primeira d'ellas com a data de 1774; as da Bibliotheca Nacional, n.º 1229 e 1431 do Deposito dos Manuscriptos; a que foi do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos e hoje pertence á mesma Bibliotheca por doação do seu possuidor; a da Academia Real das Sciencias, que era da livraria do convento de Jesus e foi feita por Fr. Vicente Salgado, ex-geral e chronista da Congregação da Terceira Ordem, por uma copia do professor Ignacio de Sousa Menezes e a da Bibliotheca de Coimbra, n.º 402, feita em 1795 por Domingos dos Santos Moraes Sarmento, professor de escripta.

Todas as edições irão citadas por brevidade só pelo anno, levando a de 1834 de Lisboa um L. para differença da de Paris que levará um P.

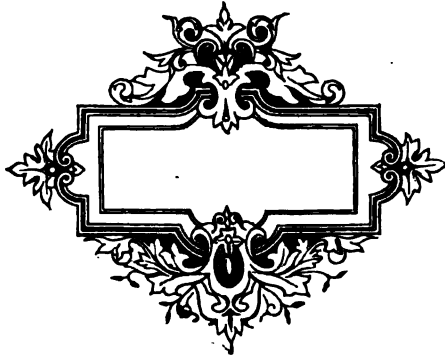
Quanto ás copias mencionar-se-ha apenas o numero, quando o tenham ou as iniciaes dos possuidores, quer sejam particulares, quer estabelecimentos publicos, da seguinte maneira:

F. A.	Fonte Arcada
B.	Barbosa
L.	Leorne
181	n.º 181 do Archivo Nacional
1005	n.º 1005 do mesmo
1229	n.º 1229 da Bibliotheca Nacional
1431	1431 da mesma
R. S.	Ribeiro dos Santos
A. S.	Academia das Sciencias
C.	Coimbra

Repetiremos aqui, para nos salvuardarmos de futuras recriminações quanto ás variantes que adoptámos, o que dissemos na penultima pagina do prologo

do presente volume: *nenhuma edição, nenhuma copia, das que examinámos do Hyssope, merece fé, como feita pela penna do auctor ou por elle revista ao menos.*

As variantes vão marcadas com uma estrella. D'esta maneira poderá o leitor, que se quizer dar ao trabalho de as estudar, fazel-o mais facilmente, devendo considerar para esse fim os motivos que nos forçaram a dar preferencia de umas ás outras, os quaes foram umas vezes a clareza e propriedade e outras a harmonia.



VARIANTES

ARGUMENTO

Pag. 81, lin. 18 a 22.

Então interpoz o mesmo um recurso á corôa, etc.

O ms. 181 tem a seguinte variante d'esta passagem:

Então interpoz o mesmo um recurso para o juizo da corôa, o qual mandou continuar v sta ao bispo da petição do recurso, para que respondesse na forma do estylo, a que este satisfizesse cheio de um terror panico desistindo da imaginada posse e negando haver tal acordão e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

CANTO PRIMEIRO

Pag. 87, v. 4.

• Que o Sena borda de arvores viçosas,

Todas, menos:

Que o Sena bordam de arvores viçosas,
1821 e 1831 P.

Que o Sena borda de arvores vistosas,
A. S.

N'outra parte (no soneto 42 da primeira centuria) das obras do poeta acha-se:

Na margem de um ribeiro que bordava
De rosas e de murtas a campina.

Esta rasão e a de se ler em todas as copias e edições, exceptuando as de 1821 e 1834 P., — borda — nos fizeram adoptar esta maneira.

As arvores podiam bordar o Sena, mas este rio com a sua frescura tambem podia bordar as suas margens de arvores viçosas.

Pag. 87, v. 6.

• Abrazaste benigna, tu m'inflamma;
L.

Inflammaste benigna, tu me inflamma;

As outras.

Pag. 88, v. 16.

Até á morte os perfidos Solipsos.

Todas, menos:

Até á morte os perfidos sophistas.

181.

Pag. 88, v. 19.

• Labyrinthos, acrosticos, segures,

Todas, menos:

Labyrinthos, acrosticos, enigmas,
R. S.

Labyrinthos, acrosticos sonetos
1821, 1229.

Pag. 89, v. 4.

• Do denso vulgo, que o paiz povôa,
181, 1005, R. S., 1431, B., F. A., A. S., C., L.

Do denso povo, que o paiz povôa,

As outras.

Pag. 89, v. 11.

Do antigo Lacio antigos manuscritos,

Todas, menos:

Do antigo Lacio velhos manuscritos,
R. S.

Do velho Lacio antigos manuscritos,
L.

Pag. 89, v. 13.

• Para depois compor grossos volumes
1229, 1431.

Para depois tecer grossos volumes

As outras.

Pag. 89, v. 21.

Abrazados se crêem de um santo fogo

Todas, menos:

Abrazados se crêem n'um santo fogo

181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., L.

Pag. 90, v. 2.

Senhores da aurea fama e seus thesoiros

Todas, menos:

Senhores da alta fama e seus thesoiros

1005.

Pag. 90, v. 8.

Dos ricos ignorantes e dos grandes,

Todas, menos:

Dos ricos, ignorantes e dos grandes,

B.

Pag. 90, v. 11.

• Em paz empunha o sceptro soberano

1834 P.

Em paz empunha o sceptro poderoso

As outras.

Pag. 90, v. 22.

Do capricho obra, em tudo, muito prima,

Todas, menos:

Em tudo, do capricho obra mui prima,

L.

Pag. 90, v. 23.

Onde a materia cede muito á arte.

Todas, menos:

E em que a materia a palma cede á arte.

R. S.

Pag. 91, v. 8.

A Lisonja se vê e a Excellencia;

1817, 1821, 1834 P., 1876.

A Lisonja se via e a Excellencia;

As outras.

Pag. 91, v. 14.

E os outros genios da subtil cabala.

Todas, menos:

E outros genios da subtil cabala.

A. S., F. A., L.

Pag. 91, v. 22.

• O meu augusto ser, a nossa corte,
L.

O meu augusto genio, a nossa corte,

As outras.

Pag. 92, v. 7.

A corrupta, mas real genealogia,

Todas, menos:

A soberba e real genealogia,

1229, 1131.

Pag. 92, v. 11.

Onde (sobre Amphitrite, que, tirada,

Todas, menos:

Onde sobre Amphitrite (que, tirada

1802, 1808, 1831 L.

Pag. 92, v. 12.

De escamosos delphins, n'uma aurea concha,

Todas, menos:

De escumosos delphins, n'uma aurea concha,
181.

Escamosos e escumosos são epithetos que ambos convêm aos delphins; entretanto um d'elles pôde ser alteração do outro produzida pelo copista.

Pag. 93, v. 14.

• Do cozinheiro e da ama andava sempre,
1802, 1808, 1831 L., R. S., 1229, B., A. S.,
C., L.

Do cozinheiro, da ama andava sempre,

As outras.

Pag. 93, v. 20.

• É de teu coração: eu mesma o approvo,
L.

É de teu coração: eu mesmo a approvo,
181, 1229.

É de teu coração: eu mesma approvo,

As outras.

Pag. 91, v. 10.

• Que, juntos com os Pirras, podem todos
1802, 1808, 1834 L., 1005, R. S., 1229, B., A.
S., C., L.

Que, juntos com os Pittas, podem todos

As outras.

Como se verá da nota a este verso, não devia ser nem Pittas nem Pirras, mas Pintos ou Perciras. Em tanta incerteza e querendo respeitar a vontade do poeta, que parece, de proposito, escondeu alguns nomes proprios dos personagens do seu poema, do que é uma prova o antecedente, substituímos Pittas por Pirras. já por assim o acharmos em tantas partes, já por ter mais significação, se estivermos pelo que diz a nota Pitta. Vidè nota a este verso.

Pag. 94, v. 14.

• Estes e outros taes da mesma estofa,
L.

Estes mesmos e outros d'esta estofa,
1431.

Estes e outros d'esta mesma estofa,

As outras.

Pag. 91, v. 16.

Às costas vão buscar o gordo bispo,

Todas, menos:

Às costas vão buscar o bom prelado,
1431.

Pag. 91, v. 17.

Que, inda que um pouco pesa, vem seguro:

Todas, menos:

Que, inda que muito pesa, vem seguro:
1229.

Pag. 91, v. 19.

Mais queria dizer o vão dynasta,

Todas, menos:

Mais queria dizer o grão dynasta,
1005, C.

Pag. 94, v. 23.

As palavras lhe corta; principia

1821, 1831 P., 181, 1005, 1229, 1131, F. A.,
B., L., R. S., A. S.

As palavras lhe corta e principia

As outras.

Pag. 94, v. 24.

Cem vezes o discurso e logo pára;

Todas, menos:

Tres vezes o discurso e logo pára;

B.

Tres vezes a fallar, tres vezes pára;

A. S.

Pag. 97, v. 3.

• Como é possível que haja quem se atreva
181, 1005, R. S., 1229, 1131, F. A., A. S.,
C., L., B.

Como! e é possível que haja quem se atreva

As outras.

Pag. 97, v. 12.

Tremeu o regio solio e o pavimento,

Todas, menos:

Tremeu o regio throno e o pavimento,
1431.

Pag. 97, v. 13 e 14.

• E assentos e assistentes assustados
• Tudo cahio por terra.

R. S.

E assentos e assistentes assustados
Cahiram pela terra.

B.

Assentos e assistentes assustados
Caem todos por terra.

A. S.

Assentos e assistentes assustados
Cahiram pela terra.

As outras.

Pag. 97, v. 16.

Eu disputas não quero em meu conselho;

Todas, menos:

Eu não quero disputa em meu conselho;

R. S., B., A. S.

Pag. 97, v. 18.

Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,

Todas, menos:

Eu a escrevo mesmo em meu canhenho,

A. S.

Pag. 98, v. 3.

• De palavras e tom, segundo o gosto

Todas, menos:

De palavras e tom, segundo o gesto

1821.

Pag. 98, v. 10.

Acaba; e, mais veloz que a leve setta

Todas, menos:

Acabou; mais veloz que a leve setta

R. S.

Pag. 98, v. 11.

Parte do itureo arco ou n'alta noite

Todas, menos:

Parte do illyrio arco, ou n'alta noite
181.Parte do aureo arco, ou n'alta noite
1005, C.Parte do eburneo arco, ou n'alta noite
R. S., B., A. S.Parte de um aureo arco, ou n'alta noite
L.

Pag. 98, v. 12 e 13.

ou n'alta noite
• Brillante exalação correr se observa,
A. S.ou n'alta noite
Se vê cair do céu brilhante estrella,

As outras.

Pag. 98, v. 14.

Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Todas, menos:

Voa o dextro ministro, abrindo os ares.
1005.

Pag. 99, v. 4.

As azas abre, parte alegremente,

Todas, menos:

As azas abre, parte diligente,
1005.

Pag. 99, v. 8 e 9.

Aqui, tomando a fôrma do lacaio
Do farfante deão, entra na casa,

Todas as edições.

Aqui, tomando a fôrma de lacaio,
Do farfante deão entra na casa,
1005, F. A., A. S., C.Aqui, tomando a fôrma de lacaio,
Em casa do deão entra atrevida,
1431, 181, L., 1229.Então, tomando a fôrma de lacaio,
Na casa do deão entra atrevida,
R. S., B.

Pag. 99, v. 8 a 13.

Aqui, tomando a fôrma do lacaio
Do farfante deão, entra na casa,
A tempo que, de chambre e de chinelas,
Pela comprida sala passeiava,
Sorvendo uma pitada de tabaco.
De quando em quando, sua senhoria;

Todas, menos:

Aqui, tomando a fôrma de lacaio,
Na casa do deão entra atrevida
A tempo que, de chambre e de chinelas,
Pela comprida sala passeiava,
Tomando uma pitada de tabaco:
De quando em quando sua senhoria, etc.

R. S., B.

Pag. 99, v. 15.

Uma pequena lente á curta vista,

Todas, menos:

Um pequeno funete á curta vista,
1005.Nunca vimos esta palavra. Será a pro-
pria franceza *lunette*, que então se usasse
significando oculo de punho de ver ao lon-
ge e que fosse do genero masculino por
este mais convir á sua terminação?

Pag. 99, v. 21 e 22.

A Lisonja, que idoneo tempo vira
• Para tamanha empresa, um copo cheio, etc.
L.A Lisonja, que idoneo tempo vira
Para tamanha empresa, um copo enchendo, etc.

As outras.

Pag. 100, v. 1.

Com quatro caramelos, n'uma salva

Todas, menos:

N'uma salva, com quatro caramelos,
181.Em uma salva com quatro caramelos,
1431.

Pag. 100, v. 2.

• Lhe leva mui lampeira; elle, sorvendo
1005, R. S., 1229, B., A. S., L.

Lhe levou mui lampeira; elle, sorvendo

As outras.

Pag. 100, v. 5.

• Do maligno licor dentro da pansa
B.

Do maligno licor dentro na pansa.

As outras.

Pag. 100, v. 6 a 9.

Acabou de beber, e pouco a pouco
• O veneno lhe ateia dentro n'alma
• Uma chamma subtil, um vivo fogo
• Que lentamente cresce;
R. S.

Todas, menos:

Que a natureza dicta: da syntaxe
181, 1131.

Que a natureza ensina; da syntaxe
1005.

Que a natureza inspira: e da syntaxe
1229.

Pag. 101, v. 17.

• Seremos, quando formos mais humildes.

Todas, menos:

Seremos quanto formos mais humildes.
1821, 1834 P., 181, L., R. S.

Vidè a errata a este verso.

Pag. 101, v. 19.

E, vestindo-se á pressa, á egreja corre,

Todas, menos:

Vestindo-se depressa, á egreja corre,
181.

Pag. 102, v. 3.

N'elle alegre pegou, e o sacro asperges

Todas, menos:

N'elle alegre pegou, o santo asperges
181.

N'elle alegre pegou e o santo asperges
1005.

CANTO SEGUNDO

Pag. 105, v. 1.

Reinava a doce paz na santa egreja.

Todas, menos:

Reinava a grande paz na santa egreja.
1431.

Pag. 105, v. 3.

Em dar e receber o hento hyssope,

Todas, menos:

Em dar e receber o santo hyssope,
1431, F. A., A. S., R. S., B.

Pag. 105, v. 4.

A vida em oc'lo santo consumiam.

Todas, menos:

A vida em gosto e ocio consumiam.
R. S.

Pag. 105, v. 5 e 6.

Da celebre Montanche, as gallinholas,
o presunto

Todas, menos:

Do celebre Montanche, as gallinholas,
181.

Do celebre Montanche, e as gallinholas,
o presunto
A. S.

Pag. 105, v. 7.

As perdizes, a rola, o tenro pombo,

Todas, menos:

As perdizes, as rolas, tenros pombos,
A. S.

Pag. 105, v. 8 e 9.

• O hom chá de Pekin e lá de Moka
O cheiroso café,

R. S.

O gran chá de Pekin e lá da Moka
O cheiroso café,
181, 1005, B., 1229.

O gran chá de Pekin e lá de Moka
O cheiroso café,
1131, F. A., A. S., C.

O gran chá de Pekin e lá da Meca
O cheiroso café,

Todas as edições.

Loiro chá de Pekin e lá da Moka
O cheiroso café,

L.

Pag. 106, v. 10.

Idolo de pellões e de casquilhos?

Todas, menos:

Idolo dos pellões e dos casquilhos?
181, 1131.

Idolo de peões e de casquilhos?

B.

Idolo dos peões e dos casquilhos?

A. S.

Idolo dos pulões e dos casquilhos?

L.

Pag. 106, v. 12.

Entre lyrios brilhar se vêem as rosas

Todas, menos:
 Entre os lyrios se vêem brilhar as rosas
 F. A.
 Pag. 106, v. 15.

De cans se tem coberto, ou sob os elmos?
 1821, 1831 P., 1876.

Ou de cans sob os elmos se cobriram?
 1802, 1808, 1817, 1831 L., C., A. S., F. A.

Ou de cans entre as armas se cobriram?
 181, 1005, R. S., 1229, 1131, B., L.

N'estas duas variantes faltam naturalmente algumas palavras que tornem intelligivel a phrase. Veja-se o texto.

Pag. 106, v. 16.

• Nas ricas e soberbas assembleas
 181, R. S., 1229, B., A. S., L.

Nas ricas e faustosas assembleas
 As outras.
 Pag. 106, v. 22.

Que triumphe de mim impunemente?
 Todas, menos:
 E triumphe de mim impunemente?
 B., L.
 Pag. 107, v. 1.

Nem em casas armadas de damasco
 Todas, menos:
 Nem em casas forradas de damasco
 1005, F. A.
 Pag. 107, v. 4 a 5.

Nem em casas armadas de damasco,
 Ou de pannos de raz, onde, espumando
 Na rica, transparente porcellana,
 De Caracas se serve o chocolate,
 Roda o chá, o café, se joga o whist,
 Todas as edições, 1005, C.

Nem em casas armadas de damasco,
 Ou de pannos de raz, onde, fervendo
 Na rica porcellana o chocolate,
 O chá, mais o café, se joga o whist,
 181, A. S., L., B., R. S., 1431.

Nem em casas armadas de damasco
 Ou de pannos de raz, onde, espumando
 Na rica porcellana o chocolate,
 O chá, mais o café, se joga o whist,
 1229.

Nem em casas forradas de damasco
 Ou de pannos de raz, onde, espumando
 Na rica porcellana, o chocolate
 De Caracas se sorve e joga o whist,
 F. A.

Pag. 107, v. 4.

De Caracas se serve o chocolate,
 Todas, menos:
 De Caracas se sorbe o chocolate,
 1005.
 Pag. 107, v. 6.

Terei, como costume, entrada livre:
 Todas, menos:
 Terei, como costume, entrada franca:
 1131, L.
 Pag. 107, v. 13.

Buscará minha astucia. O mundo inteiro
 Todas, menos:
 Buscará minha industria. O mundo inteiro
 1005.
 Pag. 107, v. 17.

Que tiram seis pavões, irada sóbe,
 Todas, menos:
 Que tiram dois pavões irada sóbe,
 181.
 Pag. 107, v. 18.

Levemente rasgando o ar sereno.
 Todas, menos:
 Suavemente rasgando o ar sereno.
 1131.
 Pag. 107, v. 19.

• Nas entranhas do Rhodope escabrosas
 R. S., 1229, 1005, 1131, 181, B., F. A., A.
 S., C., L.

Nas entranhas de Rhodope escabrosa
 As outras.
 Pag. 107, v. 22.

Que um gelado tremor, á sua vista,
 Todas, menos:
 Que um gelado temor á sua vista,
 181, 1005.
 Pag. 108, v. 4 a 12.

A este horrendo hospicio a Senhoria, etc.
 A este horrendo hospicio a Senhoria,
 Batendo as redeas ás pomposas aves,
 Guia o soberbo carro. Espavorido
 Da triste vista do medonho albergue,
 Tres vezes quiz atraz volver o vôo
 Das bellas aves o soberbo tiro,
 E tres vezes o genio vingativo,
 Sacudindo raivoso o longo açoite,
 O constringe por fim a tomar terra.

Todas, menos:

A este horrendo hospicio a Senhoria,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o soberbo carro, espavorida
Da triste vista do medonho albergue.
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o soberbo tiro, etc.

1802, 1808, 1834 L.

A este horrendo hospicio a Senhoria,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o soberbo carro. Espavoridas
Da triste vista do medonho albergue,
Atraz voltar quizeram por tres vezes,
Mas tres vezes o genio vingativo,
Sacudindo raivoso o longo agoite,
As constringe por fim a tomar terra.

R. S.

N'esta ultima variante parece faltar al-
gum verso ou versos para se completar
o sentido.

Pag. 108, v. 4.

A este horrendo hospicio a Senhoria,

Todas, menos:

Para este horrendo hospicio a Senhoria,
L.

Pag. 108, v. 8.

• Tres vezes quiz atraz voltar o vôo
181, 1229, A. S., L.

Tres vezes atraz quiz mover o vôo
1431.

Tres vezes quiz atraz volver o vôo

As outras.

Ha ainda a que fica já mencionada na
variante R. S. de toda esta passagem.

Pag. 108, v. 9.

• Das bellas aves o vistoso tiro,
1229, 1431, L.

Das bellas aves o brioso tiro,
1831 P.

Das bellas aves o soberbo tiro,

As outras.

Pag. 108, v. 10.

E tres vezes o genio vingativo

Todas, menos:

E tres vezes o genio furioso

181.

Mas tres vezes o genio vingativo

R. S.

Pag. 108, v. 11.

• Sacudindo, irritado, o longo agoite.
1881 P.

Sacudindo, raivoso, o longo agoite,

As outras.

Pag. 108, v. 14.

Pela cega caverna entra animosa.

Todas, menos:

Pela negra caverna entra animosa.

F. A.

Pag. 108, v. 15.

No mais profundo da sombria estancia

Todas, menos:

No mais sombrio da profunda estancia

F. A.

Pag. 108, v. 19.

Por olhos e gargantas mil serpentes.
1817, 1821, 1834 P., 1876.

Por olhos e gargantas cem serpentes.,

As outras.

Pag. 108, v. 24.

A terra faz tremer e o mesmo Olimpo,

Todas, menos:

A terra faz tremer e o grande Olimpo,
1431.

Pag. 111, v. 7.

D'um genio insultador a petulancia.

Todas as edições, 181, C.

D'um genio desabrido a petulancia.

1005, R. S., 1229, B., A. S., L.

D'um genio desabrido a insolencia.

1431, F. A.

Pag. 111, v. 8 a 13.

Além d'isto presumo não ignoras
Que o famoso deão da egreja d'Elvas,
Pela baixa lisonja aconselhado,
Esquecido da sua dignidade,
N'uma porta travessa o bento hyasope
Vem, sem brio, off'recer ao gordo bispo.

Idem, menos as palavras — famoso — que
está — farfante — e — aconselhado — que
está — persuadido — nas seguintes edições:

1817, 1821, 1834 P., 1876.

Além d'isto presumo não ignoras
Que o farfante deão da igreja d'Elvas,
Esquecido da sua dignidade,
N'uma porta travessa o bento hyasope,
Pela baixa lisonja persuadido,
Vem, sem brio, ol'hecer ao gordo bispo
1802, 1808, 1834 L., 181, 1005, R. S., 1229,
1431, A. S., B., C., F. A., L.

Nos ms. 181, R. S., 1229, 1431, B., A. S.,
L. vem assim o 2.º verso d'esta variante:

• Que o famoso deão da igreja d'Elvas,

No ms. F. A. acha-se o 3.º do mesmo
trecho d'este modo:

• Pela baixa Lisonja aconselhado,

Pag. 111, v. 11.

Esquecido da sua dignidade,

Todas, menos:

Olvidado da sua dignidade,
1831 P.

Pag. 111, v. 14 a 17.

D'aqui nasce a concordia que hoje reina,
Em desprezo da tua divindade,
Na mesma igreja; o Ocio e a Preguiça,
De teu poder zombando, n'ella habitam:

Todas, menos:

D'aqui nasce a concordia que hoje reina,
Em desprezo da tua divindade;
Na mesma igreja o Ocio e a Preguiça,
De teu poder zombando, n'ella habitam.
1802, 1808, 1817, 1834 L., 1876.

Pag. 111, v. 15.

Em desprezo da tua divindade,

Todas, menos:

Em desprezo da tua dignidade,
1431.

Pag. 111, v. 16.

Na mesma igreja; o Ocio e a Preguiça

Todas, menos:

Na mesma santa igreja; o Ocio e Preguiça
L.

Pag. 111, v. 18.

• Tu mesma, se o meu pranto não te move,
1005.

Tu mesma, se o meu pranto te não move,

As outras.

Pag. 111, v. 21.

• Tu podes, se te agrada, co'um aceno,
R. S.

Tu podes, se te agrada, a um só aceno,

As outras.

Pag. 111, v. 22.

• No seio da familia mais concorde,
181.

No seio da familia mais conforme,

As outras.

Pag. 112, v. 6.

Tu faze que conheça o dezar grande

Todas, menos:

Faze tu que conheça o dezar grande

R. S.

Pag. 112, v. 9 a 12.

Tu lhe traz a memoria que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos deões no catalogo, com mofa
De todos os vindoiros, será lido,

Todas, menos:

Tu lhe traz a memoria que seu nome,
Seu nome illustre na futura idade,
Dos deões no catalogo, com nota
De todos os vindoiros será lido,
181.

Tu lhe lembra que na futura idade
Dos deões no catalogo o seu nome
Com desprezo de todos será lido,
1431.

Pag. 112, v. 10.

Seu nome illustre na futura idade

Falta no ms. C.

Pag. 112, v. 18.

D'esta sorte responde: bem conheço

Todas, menos:

D'esta fórma responde: bem conheço

A. S.

Pag. 112, v. 23 e 24.

• Na terra muita gente; as feias mortes
De que auctora tens sido.

181, B., 1005, R. S., 1431, F. A., A. S., C.

Na terra muita gente, e as feias mortes
De que auctora tens sido.

1229.

Na terra muita gente; as muitas mortes
De que auctora tens sido.

As outras.

Falta este verso no ms. L.

Pag. 113, v. 2.

Que eu já parto a vingar tuas affrontas.

Todas, menos:

Que eu já parto a vingar tuas offensas.

R. S., B., A. S., L.

Pag. 113, v. 3.

Aqui sobre um feroz dragão montando,

Todas as edições, 1431, R. S., C.

Aqui sobre um feroz dragão montada,

As outras.

Pag. 113, v. 14 e 15

E religiosa vida se perderam: ^{que a clausura}

1821, 1834 P., F. A.

E religiosa vida se perdera: ^{que a clausura}

As outras.

Pag. 113, v. 16.

• Outros, cheios de colera, diziam

181, 1005, B. S., 1229, 1431, B., F. A., A.
S., C., L.

Outros, cheios de colera, bradavam

1834 P.

Outros, cheios de colera, gritavam

As outras.

Pag. 113, v. 18.

• As rendas dissipava do convento;

A. S.

As rendas sacrosantas dissipava;

R. S.

As rendas dissipava do mosteiro;

As outras.

Pag. 113, v. 19.

Que por isso no santo refeitório

Todas, menos:

E por isso no santo refeitório

L.

Pag. 114, v. 1 e 2.

• Entretanto a Discordia em casa entra
Do grande presidente do cabido,
1005.

Entretanto a Discordia em casa aponta, etc.
L.

Entretanto a Discordia encara a porta, etc.

As outras.

Da leitura errada das tres ultimas pala-
vras da segunda variante formar-se-ia a
lição que anda em todas as edições e em
quasi todos os ms. — encara a porta?

Pag. 114, v. 5.

Roncava mui folgado, e cada ronco

Todas as edições.

Roncava docemente, e a cada ronco

C., L.

Roncava docemente e cada ronco

As outras.

Pag. 114, v. 7.

Alli encarquilhando o feio rosto

Todas, menos:

Alli, encarquilhado o feio rosto,

B.

Pag. 114, v. 11.

• Ao conego chegou e assim o acorda:

R. S., B., F. A., A. S.

Ao conego chegou; assim o acorda:

As outras.

Pag. 114, v. 14.

Ao mesmo passo que na terra toda

Todas, menos:

Ao mesmo tempo que na terra toda

B., A. S.

Pag. 114, v. 18 a 20.

Que em Roma conversou com o datario,
E do sacro palacio com o mestre,
Que joga o trinta e um e mais o whist,

Todas, menos:

Que em Roma conversou com o datario,
E do sacro palacio com o mestre,
Que de cem cardeaes soffreu as bufas,
Que joga o trinta e um e mais o whist,

181.

Pag. 114, v. 21.

• Que chá e assembléa dá em casa,
B., F. A.

Que chá e que assembléa dá em casa,

As outras.

Pag. 114, v. 24.

Para off'recel-o a um bispo de má morte?

Todas, menos:

Para off'recer a um bispo de má morte?

A. S., F. A., C., L.

Pag. 115, v. 2.

Que a principal figura do cabido,

Todas, menos:

Que a principal pessoa do cabido,
1229.

Pag. 115, v. 9.

• Veja o que deve a si e a seus maiores,
1431., B., A. S.

Veja o que deve a si e aos seus maiores,
F. A., C., L., 1229.

Veja o que deve a si, a seus maiores,
1831 P.

Veja o que deve a si, aos seus maiores,
1807, 1809, 1817, 1821, 1831 L., 1876, 181,
1005, R. S.

Pag. 115, v. 10.

Com seus raios o cerca magestosa;

Todas, menos:

Com seus raios o cerca luminosa;
1005.

Pag. 115, v. 14 e 15.

O deão abre a boca, estende os braços,
• E, da negra visão sobresaltado,

L.

O deão se espreguiça, estende os braços,
R. S.

O deão abre a boca, estende os braços,

As outras.

Pag. 115, v. 22.

• Em coizas a fallar que lhe não tocam?
R. S., 1229, B., A. S., L.

Em coizas a fallar que não lhe tocam?

As outras.

Pag. 115, v. 23 e pag. 116, v. 1 e 2.

Vá-se logo d'aqui . . . » N'estas palavras,
Outra vez sobre o molle travesseiro
A pesada cabeça cair deixa.

Todas, menos:

Vá-se logo d'aqui escafedendo;
Senão co'uma chinella pelas ventas
Bem depressa a farei ir rebolindo.
Vá cuidar da cozinha e mais da ceia,
Alimpe o candieiro, esfregue os pratos,
E deixe-me dormir. » N'estas palavras,
Outra vez, etc.

L.

Pag. 116, v. 4 e 5.

Pois não queres de grado, lhe tornava,
Por teu brio acudir,

Todas, menos:

Pois não queres de grado (lhe tornava)
Por teu brio punir,
181.

Pois não queres (de máo grado tornava)
Por teu brio acudir,

L.

Pag. 116, v. 6 a 11.

Isto dizendo,
A furtada figura prompta despe,
As hydras arrepella da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancando,
No seio do deão feroz a lança,
E subito pelo ar desaparece.

Todas, menos:

Isto dizendo,
As hydras arrepella da cabeça,
E cheia, etc.

L.

Isto dizendo,
A furtada figura prompta despe
E as hydras arrepella da cabeça.
De furor cheia uma d'ellas lança
No seio do deão com feroz raiva,
E de improviso então desaparece.

R. S.

Pag. 116, v. 12.

Em tanto a cruel hydra a cauda ferra

Todas, menos:

Subito a cruel hydra a cauda ferra

R. S.

Então a cruel hydra a cauda ferra

L.

Pag. 116, v. 16 a 19.

Não geme tão convulsa, tão raivosa
Não corre, não retorce os vivos olhos,
Não podendo soffrer a divindade,
Como o pobre deão:—do sofá salta;
1817, 1821, 1834 P., 1876, 181, 1005, F. A.

Não geme tão convulsa tão raivosa
 Não corre, não retorçe os vivos olhos,
 (Não podendo soffrer a divindade)
 Como o pobre deão do sofá salta;

As outras.

Pag. 116, v. 22.

• A estas altas vozes prompta acode
 1894 P.

A estas vozes acode diligente
 1802, 1808, 1817, 1821, 1831 L., 1876, 1431.

A estas vozes acode vigilante

As outras.

Pag. 119, v. 4.

Onde a crú cachação, a murro secco,

Todas, menos:

E a coice, a cachação, a murro secco,
 181.

Onde a coice, punhada e murro secco,
 L.

CANTO TERCEIRO

Pag. 123, v. 3.

O grave carrilhão, rompendo os ares,

Todas, menos:

O grande carrilhão, rompendo os ares,
 B.

O grave carrilhão, fendendo os ares,
 L.

Pag. 124, v. 3.

Para a sé lentamente se encaminha.

Todas, menos:

Para a sé lentamente caminhava.
 L.

Pag. 124, v. 7.

N'ella o deão não viu, não viu o hyssope.

Todas, menos:

N'ella o deão não viu, nem viu o hyssope.
 L.

Pag. 124, v. 9.

Caminhante que vê subito raio

Todas, menos:

Caminhante que viu subito raio
 B.

Pag. 124, v. 12 e 13.

• Um pouco immovel fica;
 B.

Um tempo immovel fica,
 As outras.

Pag. 121, v. 16.

• Para o altar mor, aonde se reveste,
 1802, 1808, 1817, 1834 L., 1876.

Para o altar mor, onde se reveste,
 1821, 1834 P.

Para o altar maior, onde se veste,

As outras.

Pag. 124, v. 17.

• E onde, como costuma, em contrabaixo,
 R. S., 1431.

Onde, como costuma, em contrabaixo

As outras.

Pag. 124, v. 21.

• E em profundo silencio a casa torna,
 R. S., B., F. A., L.

Em profundo silencio a casa torna,

As outras.

Pag. 125, v. 2.

Fez do meu mal e bem participantes,

Todas, menos:

Fez do meu bem e mal participantes,
 L.

Pag. 125, v. 4.

• Que no mundo até hoje se tem visto.
 181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
 L.

Que até hoje no mundo se tem visto.

As outras.

Pag. 125, v. 5 a 8.

O deão.... (E aqui dando um gran soluço,
 • Em quanto grossas lagrimas lhe banham
 • O enlhiado rosto, mudo fica;
 • Até que emittim trado continúa).
 R. S.

O deão.... (E aqui dando um gran soluço,
 Em pranto as negras faces todas banha,
 Suspenso um pouco fica, e logo torna)
 O soberbo deão, etc.

1817, 1821, 1834 P., 1876, 1431, L., C.

Idem no ms. F. A., menos a palavra — so-berbo — cm logar da qual se lê — farfante.

O deão.... (E aqui dando um soluço
Em pranto as negras faces todas banha)
Suspenso um pouco fica e logo torna:
O soberbo deão, etc.

1802, 1808, 1834 L.

O deão (E aqui dando um soluço,
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica e logo torna)
O farfante deão, etc.

1005.

O deão.... (E aqui dando um gran soluço,
Emquanto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e logo torna)
O soberbo deão, etc.

1229, 181.

O deão.... (Aqui dando um gran soluço,
Emquanto as negras faces todas banha
Suspenso todo fica e logo torna)
O soberbo deão, etc.

B.

O deão Aqui dando um gran soluço
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso todo fica e logo torna:
O soberbo deão, etc.

A. S.

Pag. 125, v. 16.

• Mas, na sua cadeira repimpado,
R. S., 1229, B., A. S., L., 181, 1431.

• Mas, na sua cadeira empantufado,

As outras.

Pag. 125, v. 17 e 18.

A carrancuda vista, de tal sorte, em mim fitando

Todas, menos:

A carrancuda vista e de tal sorte, em mim fitando
181.

Pag. 125, v. 20.

• A raiva e o furor que a alma me occupam,
R. S.

A raiva e o gran furor que me preoccupam
A. S.

A raiva e o gran furor que a alma me occupam
As outras.

Pag. 125, v. 23 e 24.

• Vós conselho, vós arte, vós maneira
Me dae, etc.

181.

Vós conselhos, vós artes, vós maneira
Me dae, etc.

1229, 1431.

Vós conselho, vós artes, vós maneira
Me dae, etc.

As outras.

Pag. 126, v. 4.

• Senhor, leva-se a páo: eu tenho um raio
F. A. •Tão grande caso,

Senhor, se leva a páo: eu tenho um raio
•Tão grande caso,

As outras.

Pag. 126, v. 6 e 7.

De sege, ha muito já exp'rimtado
Em funções semelhantes; eu com elle

Todas, menos:

De sege, ha muito tempo exp'rimtado
Em funções semelhantes, e com elle

R. S.

Pag. 126, v. 15.

O discurso lhe atalha d'este modo:

Todas, menos:

O discurso lhe atalha d'esta sorte:

C.

Pag. 126, v. 16.

Se este horrendo, execravel attentado,

Todas, menos:

Se este execravel, pessimo attentado,

R. S.

Pag. 126, v. 17 e 18

Ao vel-o, digno de que o sol brilhante,

• Os rubidos cavallos fustigando,

F. A., A. S., C., L., B., 1005, 1229, 1431.

Digno que, por não vel-o, o sol brilhante,
Os rubidos cavallos fustigando,

R. S.

Ao vel-o, digno de que o sol brilhante,
Os rubidos cavallos afastando,

As outras.

Pag. 126, v. 21.

• Se houvera de levar por força e armas
181, R. S., L., 1229, 1431.

Se houvesse de levar por força d'armas
F. A., A. S.

Se houvesse de levar por força e armas,

As outras.

Pag. 126, v. 22.

Eu armas, coração e forças tenho;

Todas, menos:

Eu força, coração e armas tenho;
1005.

Pag. 126, v. 23 e 24.

Mas violentos remedios só se applicam
Em mal desesperado;

Todas, menos:

Mas violentos remedios só se applicam
Ao mal desesperado;

A. S.

Pag. 129, v. 8.

• O que fazer recusa por vontade. •

R. S.

O que fazer recusa voluntario. •

As outras.

Pag. 129, v. 9.

A estas vozes, babando-se de gosto,

Todas, menos:

A taes vozes, babando-se de gosto,
R. S.

Pag. 129, v. 13.

• Chamem-se logo, logo, o douto Andrade,
O gran penitenciario, etc.181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
C.Chamem-me logo, logo, o douto Andrade,
O gran penitenciario, etc.

Todas as edições.

Chame-se, logo, logo, o douto Andrade,
O gran penitenciario, etc.

L.

Pag. 129, v. 14.

O gran penitenciario, o secco Marques,

Todas, menos:

O gran penitenciario, o sujo Marques,
1229, 1131.

Pag. 129, v. 22.

Começam a chover logo os manjares:

Todas, menos:

Começam a ferver logo os manjares:
A. S.

Pag. 130, v. 3.

Cobrem com symetria a grande mesa,
• E em profusão tamanha de iguarias,
1005.

Cobrem, com symetria a grande mesa:

As outras.

Pag. 130, v. 6.

Nem do gordo animal a curta perna,

Todas, menos:

Nem do porco animal a curta perna,
1005.

Pag. 130, v. 10.

E em doirados cristaes, ó loução Baccho,

Todas, menos:

Em doirados cristaes, ó loução Baccho,
L.Em doirados e diafanos cristaes
1131, A. S.

Pag. 130, v. 16.

Entre os copos que em torno sempre giram,

Todas, menos:

Entre os copos que em torno giram sempre,
R. S., A. S.

Pag. 130, v. 17.

Brevemente propoz o gordo bispo

Todas, menos:

Brevemente propoz o grande bispo
L.

Pag. 130, v. 19.

Que todos approvaram, e alli juram

Todas, menos:

Que todos approvaram, e juraram
L.

Pag. 130, v. 21.

Pelas veias e cerebro lhes corre,

Todas, menos:

Pelas veias e cerebro discorre,
1005.

Pag. 130, v. 22.

De o sustentar, até darem as vidas,

Todas as edições, 1005, B., A. S.

De o sustentar, até perder a vida,
181.

De o sustentar, até darem a vida,
As outras.

Pag. 131, v. 3.

• E n'um queijo de Parma inda roía
C., B., R. S., 181, L.

E n'um queijo de Parma já roía
1229, F. A.

N'um bom queijo de Parma inda roía
A. S.

Em um queijo de Parma inda roía
As outras.

Pag. 131, v. 4.

• Alegre a companhia pastejando.
1005.

A alegre companhia pastejando,
As outras.

Pag. 131, v. 5 a 8.

Quando das santas vespas na torre
Fez signal o relogio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino,
Se levantam em pé os prebendados,

Todas, menos:

Quando das santas vespas no sino
Fez signal o relogio descontente.
Ao triste som do aborrecido sino
Se levantam em pé os prebendados,
1802, 1808, 1831 L.

Quando das santas vespas na torre
Faz signal o relogio. Descontentes
Ao triste som do sino aborrecido
Se levantam, etc.

A. S.

Pag. 131, v. 6.

Fez signal o relogio. Descontente

Todas, menos:

Faz signal o relogio. Descontentes,
A. S.

Pag. 131, v. 11.

A ganhar no alto coro os seus assentos:

Falta (salto) no ms. C.

Pag. 131, v. 15.

• Do maior interesse ao grave corpo,
R. S., B., F. A., A. S.

De maior interesse ao grave corpo,
181, 1005, 1229, 1431.

De maior interesse ao grande corpo,
Todas as edições.

Do maior interesse ao grande corpo,
C.

Que a todo o grave corpo interessava,
L.

Pag. 131, v. 17.

Em que o deão da terra se ausentava,
Todas, menos:

Em que o deão da terra estava ausente,
L.

Pag. 131, v. 19.

• Todos sem discrepancia concordaram,
L.

Sem nenhum discrepar concordam todos.
R. S.

Sem nenhum discrepar todos concordam.
As outras.

Pag. 131, v. 20.

• E, engrolados os psalmos, para casa
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
C., L.

Engrolados os psalmos, para casa
As outras.

Pag. 131, v. 21.

Cada um se partiu, em si pensando
Todas as edições, 181, F. A.

Cada qual se partiu, em si pensando
As outras.

Pag. 131, v. 22 e 23.

Qual seria o negocio, que obrigava
O cabido a chamar.

Todas, menos:

Qual seria o negocio, que obrigava
A cabido chamar.
181, 1431.

Qual seria a razão, que obrigava
O cabido a chamar.
1005.

Qual seria o negocio, que obrigava
A juntar o cabido.
R. S.

Pag. 132, v. 3.

Algum celeste arbitrio se encontrára.
Todas, menos:

Algun seguro arbitrio se encontrára.

R. S.
Pag. 132, v. 8.

(E como se ufanáva!) se nos manda

Todas as edições.

(Elle entre si dizia) se nos manda

As outras.
Pag. 132, v. 10.

E que chapeo azul com borlas brancas
1802, 1817, 1821, 1831 P., 1876, F. A.

E que chapeo azul com bordas brancas
1808, 1834 L.

Estas duas edições são feitas inteiramente pela de 1802, e portanto—bordas—deve ser erro de imprensa.

Ou que chapeo azul com borlas brancas
181, 1229, B., C., 1431, 1005, R. S., A. S., L.

Pag. 132, v. 15.

Que sonha achar thesoiros soterrados

Todas, menos:

Que sonha achar thesoiros subterraneos

R. S., 1229, A. S.

Pag. 132, v. 16.

• Se alegre, salta e folga e se imagina
181, B., A. S.

Se alegre, salta, folga e se imagina

As outras.

Pag. 132, v. 18 a 21.

Que o vão capitular, que já se pinta
Na sua extravagante phantasia
A par do gran-lamá no fausto e pompa
Ou do fero muphti dos musulmanos.

Todas, menos:

Que o vão capitular, que já se pinta
Na sua extravagante phantasia
De Roma competir co'o patriarcha,
E com o gran-muphti dos musulmanos.

B.

Que o vão capitular, que já se pinta
Na sua extravagante phantasia
De Roma competir co'o patriarcha,
Se não co'o gran-mufti dos musulmanos.

A. S.

Que o vão capitular que já se pinta
Na sua extravagante phantasia
Da Armenia competir co'o patriarcha,
A par do gran-lamá no fausto e pompa.
Ou do fero muphti dos musulmanos.

L.

Além d'isto, o primeiro verso d'esta variante acha-se das seguintes fórmãs:

Que o grão capitular, que já se pinta
1005.

Como o capitular já se suppunha

A. S.
Pag. 133, v. 4.

O douto Accursio, todo satisfeito

Todas, menos:

O estanhado Accursio, satisfeito

R. S.
Pag. 133, v. 8.

Digno premio das suas gordas letras,

Todas, menos:

Digno premio de suas grandes letras,
1005.

De suas gordas letras premio digno,

R. S.
Pag. 133, v. 9.

Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,

Todas, menos:

Lhe envia o Bertachino, o grande Granho,
1229, B., L.

Lhe envia o Bartholino, o grande Granho,

R. S.
Pag. 133, v. 14.

De prazer em si proprio não cabia:

Todas, menos:

Em si mesmo de gosto não cabia:

R. S.
Pag. 133, v. 16.

Que d'elles qualquer seja auctor de arromba,
1817, 1821, 1831 P., 1876.

Ser qualquer dos auctores dos de arromba

R. S.

Que seria qualquer auctor de arromba;

As outras.

Pag. 129, v. 17.

Já, sem demora, ordena que lhe tragam,
1821, 1831 P.

Já, sem demora, ordena que lh'os tragam,
1817, 1876.

E, sem demora, ordena que lhe tragam,

As outras.

Pag. 133, v. 17 a 20.

Já, sem demora, ordena que lhe tragam,
Para um voto lançar, que simillante
Nas decisões da Rota não se encontre,
Papel de Hollanda, pennas e tinteiro:

Já, sem demora, ordena que lh'os tragam,
Para um voto lançar que simillante
Nas decisões da Rota não se encontra;
Papel de Hollanda, pennas e tinteiro;
1817, 1876.

Pag. 134, v. 1.

De em partes lhe cerzir alguns pedaços,

Todas, menos:

De em parte se servir d'alguns pedaços,
R. S., A. S.

Pag. 134, v. 7.

Que nada entende do que está escripto,

Todas, menos:

Que nada entende do que estava escripto,
181.

Pag. 134, v. 8.

Para a ceia se chega, e, euchendo a pansa,

Todas, menos:

Para a mesa se chega, etc.
181, 1431.

Pag. 131, v. 9.

Se foi a repouisar no brando leito.

Todas, menos:

Se foi a repouisar no molle leito.

L.

A descansar se foi no brando leito.

R. S.

Pag. 131, v. 10 a 12.

Já a rosada aurora, derramando
Do candido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flores, despertava, etc.

Todas, menos:

Já a vermelha aurora, derramando
Do candido regaço sobre os prados,
Mil rosciadas flores, despertava, etc.
1831 P.

Já a rosada aurora, derramando
Do candido regaço sobre os prados,
Mil orvalhos nas flores, despertava, etc.

L.

Pag. 131, v. 19.

Se alçou o grande Abreu, com rosto grave,

Todas, menos:

Alçou-se o grande Abreu, com rosto grave,
1834 P.

Chegou o grande Abreu, com rosto grave,
181.

Pag. 131, v. 21.

• D'esta sorte fallou: « Cabido egregio,
1831 P., 181.

D'esta sorte fallou: « Cabido illustre,
As outrañ.

Pag. 131, v. 22.

• Exemplar de cabidos em virtudes,
1005.

Exemplar de cabidos e virtudes,
As outras.

Pag. 134, v. 23.

Bem sabe vossa illustre senhoria,

Todas, menos:

Bem sabe vossa senhoria illustre,
B., A. S.

Pag. 131, v. 24.

Que gosa felizmente a distincta honra

Todas, menos:

Que gosa felizmente a insigne honra
1834 P.

Que gosa felizmente a alta honra
R. S.

Pag. 137, v. 1.

De ter por chefe, por pastor e bispo

Todas, menos:

De ter por chefe, por pastor, por bispo
1005.

Pag. 137, v. 2 e 3.

Um ramo do real portuguez tronco,
• Que assombrou com a copa o mundo inteiro;
R. S., 1229, 1431.

A um ramo do real portuguez tronco,
Bem que em arvores bravas enxertado,
181.

Um ramo do real portuguez tronco,
Que assombra com a copa o mundo inteiro,
Bem que em arvores bravas enxertado;
L.

Um ramo do real portuguez tronco:

As outras.

Pag. 137, v. 11.

- Este douto prelado, não soffrendo,
181, 1005, R. S., 1229, 1131, B., F. A., A. S.

Este grande prelado, não soffrendo,
As outras.

Pag. 137, v. 19.

- Grande e quasi real munificencia,
181, 1005, 1131, L.

Grande e quasi real liberalidade,
1834 P.

Grande e quasi real magnificencia,
As outras.

Pag. 137, v. 21.

A muitos membros d'este grave corpo
Todas, menos:

A muitos membros d'este grande corpo
1431.

Pag. 137, v. 24.

- Este sargento-mór e cabo aquelle,
R. S.

Vidè nota a esta passagem.

Este maior sargento e cabo aquelle;
1229, 1431, B.

Este major sargento, e cabo aquelle;
F. A., A. S.

Este major, sargento e cabo aquelles;
1817, 1821, 1831 P., 1876., C.

Este major, sargento e cabo aquelle;
1802, 1808, 1831 L., L.

Falta nos ms. 181, 1005.

Pag. 138, v. 3 a 4.

Desbocada sahiu, o ferro, o fogo
• Das garras sacudindo, e furiosa,
1431, F. A., A. S., 181, 1229.

Desbocada sahiu, o fogo, o ferro
Das garras sacudindo, e furiosa,
R. S.

Desbocada sahiu, o ferro, o fogo
Nas garras sacudindo, e furiosa,
1817, 1821, 1876, 1005, L., C.

Desbocada sahiu, o ferro e fogo
Nas garras sacudindo, e furiosa,
1802, 1808, 1834 L., B.

Desbocada sahiu, o ferro, o fogo
Nas garras sacudindo, e furibunda,
1831 P.

Pag. 138, v. 7 e 8.

ameaçando
De um estrago fatal nossas prebendas:

Todas, menos:

ameaçando
De um estrago total nossas prebendas:
181.

Pag. 138, v. 9.

Nem o raro valor, com que, seguindo

Todas, menos:

Nem o raro valor, com que, imitando
R. S.

Pag. 138, v. 11.

Ao som da caixa e pifaros, na frente

Todas, menos:

Ao som das caixas bellicas, na frente
R. S.

Pag. 138, v. 14 e 15.

- Acção digna por certo de ser lida
- Em letras de oiro na *Gazeta da Hayra*,
1229, 1431, R. S.

Acção digna por certo de ser lida
Com letras de oiro, etc.
181, L.

Acção por certo digna de ser lida
Com letras de oiro, etc.

As outras.

Pag. 138, v. 20.

Ella ultrajada se acha indignamente

Todas, menos:

Esta ultrajada se acha indignamente
A. S.

Pag. 138, v. 21 a 24.

pois, costumando
(Nós testemunhas somos, nós o vimos!)
• Vir humilde esperar o santo asperges
À porta d'este alcaçar,

1802, 1808, 1834 L., 181, F. A., A. S., C.,
1005, B.

pois costumado
(Nós testemunhas somos, nós o vimos)
À vir exprar humilde o santo asperges
À porta d'este alcaçar,

R. S.

pois, costumando
(Nós testemunhas somos, nós o vimos!)
Vir humilde esperar co'o santo asperges
À porta d'este alcaçar,

As outras.

Pag. 138, v. 25.

Mudando de systema, hoje refusa

Todas, menos:

Mudando de systema, hoje recusa
181, R. S., 1229, 1431, B.

Pag. 139, v. 3 e 4.

Turbando injustamente em sua posse
O grandioso prelado. Este desprezo

Todas, menos:

Turbando injustamente em sua posse
O illustre prelado. etc.
R. S.

Turbando injustamente em sua posse
Um tão grande prelado. etc.
1229.

Turbando injustamente em sua posse
A tão grande prelado, etc.
L.

Pag. 139, v. 5.

Esta pois tão atroz e negra injuria,

Todas, menos:

Esta pois tão atroz, tão negra injuria,
A. S.

Pag. 139, v. 7.

• Se faz ao seu character, nós devemos
181, R. S., 1229, F. A., C., L.

Se fez ao seu character, nós devemos

As outras.

Pag. 139, v. 7 e 8.

nós devemos
Promptamente vingar;

Todas, menos:

nos releva
Promptamente vingar;
1834 P.

Pag. 139, v. 13.

• E que de São Thomaz tem lido a *Summa*,
L.

Que de Santo Thomaz ha lido a *Summa*,
1834 P.

Que de Santo Thomaz tem lido a *Summa*.

As outras.

Pag. 139, v. 25.

• O soberbo deão seja obrigado,
181, R. S., 1229, 1431, B., A. S., L.

O farfante deão, etc.

As outras.

Pag. 140, v. 4 e 5.

Este cabido tem auctoridade
Para o fazer;

Todas, menos:

Que este cabido, etc.

F. A.

E este cabido, etc.

A. S.

Pag. 140, v. 5.

Para o fazer: em muito bons auctores

Todas, menos:

Para o fazer: em muitos bons auctores
R. S., 1431, B., L.

Pag. 140, v. 22 e 23 e Pag. 141, v. 1.

• Porque a Lisonja astuta que, voando
Sobre suas cabeças invisivel,
• Os taes votos sustenta, faz que todos
R. S.

Que a Lisonja astuciosa (que volita
Sobre suas cabeças invisivel
E seus votos inspira) faz que todos
1834 P.

Que a Lisonja astuciosa (que voando
Sobre suas cabeças invisivel
Os seus votos inspira) faz que todos

As outras.

Pag. 141, v. 1 e 2.

faz que todos
A calar-se os obriguem: murmurando
1817, 1821, 1831 P., 1876, 181, 1005, F. A.

faz que todos
A calar-se os obriguem murmurando;
1802, 1808, 1831 L., A. S., B., C., L., 1229,
1431.

faz que todos
Em tumulto a calarem-se os obriguem,
R. S.

CANTO QUARTO

Pag. 145, v. 6.

Abraza as calvas terras transtaganas

Todas, menos:

Abraza as bravas terras transtaganas
1005.

Pag. 146, v. 1.

Com cem azas fendendo os largos ares,

Todas, menos:

Com cem azas fendendo os leves ares,
1005, L.Com cem azas fendendo os ares leves,
A. S.

Pag. 146, v. 5.

Ganhava um real róber; mas apenas

Todas, menos:

Um real róber ganhava; mas apenas
R. S.

Pag. 146, v. 6.

As orelhas lhe fere o infausto aviso,

Todas, menos:

Os ouvidos lhe fere o infausto aviso,
R. S.

Pag. 146, v. 9 e 10.

• Immoel fica o caçador ardente
B. S.Immoel fica, qual mancebo ardido
181, F. A.Immoel jaz, qual o mancebo ardido
1834 P.

Immoel fica, que o mancebo ardido

As outras.

Pag. 146, v. 18.

Pois não querem a paz, haverá guerra.

Todas, menos:

Pois não queres a paz, haverá guerra.
R. S., 1229, B., F. A., A. S.

Pag. 146, v. 21.

E que eu nascer não vejo ha longos annos,

Todas, menos:

Que nascer eu não vejo ha longos annos,
181.

Pag. 146, v. 22.

Vós testemunhas sois, se eu pretendia

Todas, menos:

Testemunhas me sois, se eu pretendia

R. S.

Pag. 146, v. 24

• Comer, dormir, jogar e divertir-me;

1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., C., L.

Comer, jogar, dormir e divertir-me;

As outras.

Pag. 149, v. 1.

E tu infame, adulator cabido,

Todas, menos:

E teu infame, adulator cabido,

C.

Pag. 149, v. 2.

A mudar me obrigaes com vis cabalas

Todas, menos:

A mudar me excitaes com vis cabalas

R. S.

Pag. 149, v. 4.

Chegam dos Laras o valor e o brio

1817, 1821, 1834 P., 1876, 1431, F. A., L.

Chega dos Laras o valor e o brio.

As outras.

Pag. 149, v. 6.

Levanta-se furioso; e, sem respeito

Todas, menos:

Se levanta furioso; e, sem respeito

181, R. S., 1431.

Pag. 149, v. 8 e 9.

• Indicio certo da paixão violenta,

• Que o triste coração cruel lhe opprime,
L.

Faltam em todas as outras.

Pag. 149, v. 11.

Assim mesmo, e sem ver quanto indecente

Todas, menos:

Assim mesmo, e sem ver quão indecente

C., L.

Pag. 149, v. 13

Ao caminho se poz e aos ilhaes dando,
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
C., L.

A caminho se poz, aos ilhaes dando,
1834 P.

Ao caminho se poz, aos ilhaes dando,
1802, 1808, 1817, 1821, 1834 L., 1876.

Pag. 149, v. 14.

Suado e merencorio entrou em casa.
1802, 1808, 1834 L., F. A.

Suado e melancholico entra em casa.
1817, 1821, 1876, 181, 1005, C., B.

Suado e triste emfim chegou a casa.
R. S.

Suado e melancholico entra em casa.
1834 P., L.

Calado e melancholico entra em casa.
1229, 1431.

Merencorio e suado entrou em casa.
A. S.

Pag. 149, v. 21 a 23.

Que sem ceia esta noite foi deitar-se.
Alli a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.

Todas, menos.

Que sem ceia esta noite foi deitar-se.
Sobre a branda pluma que então julga
Qual duro campo de cruel batalha.

R. S.

Pag. 149, v. 22.

Alli a molle pluma se lhe torna

Todas, menos :

Alli a leve pluma se lhe torna
181.

Ha mais a que acima fica citada do
ms. R. S.

Pag. 150, v. 2.

Os lassos membros volve, ora do outro

Todas, menos :

Os lassos membros move, ora do outro
181, 1005.

Pag. 150, v. 4.

Toma o insulso rapé, mas não socega.
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
C., L.

Toma o insulso rapé e não socega.

As outras.

Pag. 150, v. 6.

A triste Senhoria, que, chorando
A deshonra commum, ao pé do leito,
Companhia lhe faz,
1005.

A triste Senhoria, que, chorando
A commua deshonra, ao pé do leito,
Companhia lhe faz,
R. S., 1229, 1431, A. S., 181.

A triste Senhoria, que, chorando
A deshonra commum, aos pés do leito,
Companhia lhe faz,

As outras.

Pag. 150, v. 9.

A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Todas, menos :

A buscar-lhe um pesado e doce somno.
R. S.

Pag. 150, v. 21.

Com o surdo rumor, paz e descanso.

Todas, menos :

Com o fundo rumor, paz e descanso.
C.

Pag. 150, v. 22 e Pag. 151, v. 1.

Outros menores somnos, fertil prole
Do indolente Morpheu, alli assistem.

Todas, menos :

Outros menores somnos, fertil prole
De Morpheu indolente, alli assistem.
R. S.

Pag. 151, v. 2 e 3.

Tanta espiga não doira a fertil Ceres
No caloroso estio; tantas flores

Todas, menos :

Tanta espiga não doira a fertil Ceres
Em o calmoso estio; tantas flores
L.

Pag. 151, v. 6 e 7.

todos diversos
De genios, de costumes, de liguras!

Todas, menos :

todos diversos
De genios, de figuras, de costumes!
181, 1005, 1229.

Pag. 151, v. 10 a 12.

- E, andando entre vãos sonhos de continuo
- Pela escura caverna revoando,
- Os olhos têm cerrados, e dormindo, etc.

R. S.

E andando entre vãos sonhos, de continuo
Pela opaca caverna andam voando,
Os olhos têm cerrados e dormindo, etc.

L.

Estes, entre vãos sonhos, de continuo
Pela escura caverna andam voando;
Os olhos têm cerrados, e dormindo, etc.

As outras.

Assim fica o sentido proprio, claro e
mais desenvolvido.

A gruta de Morpheu era não só habi-
tada por elle, mas tambem por innume-
raveis somnos, sua prole. Estes, variados na
apparencia, tristes, alegres, pesados, leves,
voam continuamente pela escura caverna
entre vãos sonhos, e dormindo espremem
d'entre as mãos o succo deervas lethargi-
cas. A Senhoria agarra um d'elles, etc.

Como se acha em toda a parte, a não
ser no ms. Leorne, parece que só os som-
nos leves é que voam, etc. e que é um
d'estes que a Senhoria leva ao deão, ten-
do-se dito antes que lhe ia buscar um
pesado e doce somno.

Além d'isto os somnos voam entre vãos
sonhos, etc. o que torna mais acabada a
pintura.

Pag. 151 v. 13 a 16.

De mil ervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
E um d'elles pelas azas agarrando,

Todas, menos :

De mil ervas lethargicas o succo
Espremem entre as mãos caladamente.
Aqui se chega a triste Senhoria
E um d'elles pelas azas agarrando,
181, F. A., 1229, C., 1431.

De mil ervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
Que um d'elles pelas azas agarrando,

A. S.

De mil ervas lethargicas o succo
Espremem entre as mãos. Aqui de manso
Chegando compassiva a Senhoria,
E um d'elles pelas azas agarrando,

L.

Pag. 151, v. 18.

- Que, urrando de desgosto, inda não dorme,
- R. S.

Que, urrando de desgosto, não dormia,

As outras.

Pag. 151, v. 19.

- Mas mal o limiar tocam da porta,
1802, 1808, 1831 L., 181, 1005, R. S., 1229,
1431, B., F. A., A. S., C., L.

Mas mal o limiar toca da porta,

As outras.

Pag. 151, v. 23.

E a resonar começa docemente.

Todas, menos :

E a roncar começa docemente.

A. S.

Pag. 152, v. 10.

A quem faltou, sem ti, alma e cabeça?
1817, 1821, 1831 P., 1876, A. S.

Em quem faltou em ti alma e cabeça?
B.

A quem faltou em ti alma e cabeça?

As outras.

Falta no ms R. S.

Pag. 152, v. 12.

- Que o campo hão de ceder os inimigos.
- R. S.

Que o campo cederão os inimigos.

As outras.

Pag. 152, v. 14.

- Tens de Serpa o auditor, que o velho Accursio,

Todas, menos :

Tens de Serpa o ouvidor, que o velho Accursio,
1821, 1834 P.

Pag. 152, v. 19.

O Cêa tens tambem, tens o Fernandes,

Todas, menos :

O Cêa tambem tens, tens o Fernandes,
181.

O Cêa tens, tambem tens o Fernandes,
B.

Pag. 153, v. 1 a 4.

E tu quem és, espirito celeste,
O deão encantado, lhe pergunta,
Da graça, que no rosto lhe scintilla,
Que a consolar-me vens nos meus trabalhos?

Todas, menos:

E tu quem és, espirito celeste,
Que aconselhar-me vens em meus trabalhos?

F. A., A. S.

Pag. 153, v. 2.

O deão encantado, lhe pergunta,

Todas, menos:

O deão espantado, lhe pergunta,

R. S., 1229.

Pag. 153, v. 7.

• A taes vozes, da cama salta fóra,

R. S.

Salta fóra da cama, a estas vozes,

181.

A estas vozes, da cama salta fóra,

As outras.

Pag. 153, v. 8.

• Bate nos peitos, prostra-se por terra,

R. S.

Por terra se lhe prostra e bate os peitos,

1802, 1808, 1831 L., 181, 1005, B., F. A., A.
S., C.

Por terra se lhe prostra, bate os peitos,

As outras.

Pag. 153, v. 19.

Quando o nosso deão, todo engolpado

Todas, menos:

Quando o nosso deão, inda engolpado

1005.

Pag. 153, v. 22.

A casaca de seda, e mais a capa,

Todas, menos:

A casaca de seda e sua capa,

181, 1005, R. S., 1431, F. A., A. S., G., L.

Pag. 154, v. 3.

E do pó sacudido, sae de casa.

Todas, menos:

Sacudido do pó, de casa sae.

L.

Pag. 154, v. 6.

Alli os feios monstros, consultados

Todas, menos:

Alli os feios monstros, perguntados

L.

Pag. 154, v. 10 a 14.

e aqui chega.

A tempo que, de chambre, o novo Caio
A um rude camponez, que o consultava
D'uma fraca jumenta sobre o escainbo
Com outro seu visinho, respondia:

e aqui chega.

A tempo que, de chambre, o novo Caio
A um rude camponez, que o consultava
D'uma fraca jumenta sobre o escainbo
Que com outro visinho celebrara,

R. S.

Parece haver omissão de algum verso
n'esta variante.

Pag. 154, v. 12.

A um rude camponez, que o consultava

Todas, menos:

A um simples camponez, que o consultava

1431.

A um rustico lapão, que o consultava

L.

Pag. 154, v. 16.

Em latim, *ad formalia*, lhe repete;

Todas, menos:

Em latim, *per formalia*, lhe repete;

L.

Pag. 154, v. 18.

O doutor muito menos entendia;

Todas, menos:

O doutor muito menos percebia;

L.

Pag. 157, v. 6.

• Que cae dos velhos e traçados livros:

1229.

Que sae dos velhos, carunchosos livros:

1229, 1431. B., A. S., R. S., L.

Que sae dos velhos e traçados livros:

As outras.

Pag. 157, v. 9.

Mais poeira dos livros vem caindo.

Todas, menos:

Mais poeira dos livros vem saindo.

R. S., S. A.

Pag. 157, v. 15.

Inda assim, repicou o fofô Lara,

Todas, menos:

Ainda assim, replica o fofô Lara,

R. S.

Pag. 157, v. 18 e 19.

Estes livros louvar e seus auctores
N'uma douta assemblea tenho ouvido.

Todas, menos:

Estes livros louvar eu tenho ouvido.
1431.

Pag. 157, v. 22 e 23.

• Esses nomes jámais os vi escriptos,
Nem ouvi repetir,

181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., L., F. A., C.

Esses nomes jámais eu vi escriptos,
Nem ouvi repetir,

A. S.

Esses nomes jámais, esses escriptos,
Nem ouvi repetir, etc.

As outras.

Pag. 158, v. 1.

• Com elles uma vez allega ou prova:

R. S., F. A.

Com elles uma voz allega e prova:

1802, 1808, 1817, 1831 L., 1876.

Com elles uma vez allega e prova:

As outras.

Pag. 158, v. 5.

Valenças, etc.

Todas, menos:

Valenses, etc.

L.

Pag. 158, v. 9.

O que lhe digo faça: appelle, appelle;

Todas, menos:

O que lhe digo faça: appelle o acordão;

181, 1229, 1431, B., A. S.

Pag. 158, v. 11 a pag. 195, v. 15.

Em logar d'estes versos, que abrangem
uma parte do canto 4.º e quasi todo o 5.º,
acham-se nas quatro copias de sete can-
tos, que vimos (181, 1229, B., 1431) os se-
guintes a saber: na primeira (181):

Corrido e aconselhado ao mesmo tempo,
O deão para casa logo torna,
Onde, depois da appellação proposta
Em juridicos termos, de pedidos
Reverentes apóstolos cem vezes,
Com mais e mais instancia instantemente,
Faz á sua presença pelos ares
Vir o funebre Luz que logra a honra, etc.

O verso primeiro d'esta variante é o
verso 1 da pag. 160 da presente edição.

O segundo é variante do verso 2 da
mesma pag.

O quinto é variante do verso 21 da pag.
191.

O sexto é o verso 22 da mesma pag.

O setimo e o oitavo são variantes dos
versos 14 e 15 da pag. 195.

Na segunda (1229) está do mesmo modo,
mas com estas variantes aos versos dois
e cinco:

O deão para casa logo parte

e

Reverenciaes apóstolos cem vezes

Na terceira (B.) como na antecedente.
Na quarta (1431). assim:

Corrido e aconselhado ao mesmo tempo,
O deão para casa logo parte,
Onde á sua presença promptamente
Faz vir o triste Luz que gosa a honra, etc.

As notas á variante da copia 181, no
que toca aos versos primeiro, segundo,
sexto e setimo, podem-se applicar á pre-
sente (1431).

Em toda está lacuna dos cantos 4.º e 5.º
deixam pois de figurar as copias indica-
das, e deve-se entender, quando em baixo
das variantes dissermos: todas, menos,
ou: as outras, que ellas não se compre-
hendem n'estas palavras.

Veja-se para melhor intelligencia o que
deixamos dito no prologo a pag. 76.

Pag. 158, v. 15.

E não uma só vez; mas muitas vezes,

Todas, menos:

E não só uma vez, mas muitas vezes,

R. S., A. S.

Pag. 158, v. 18.

Eu conservo entre varias baforinhas

Todas, menos:

Eu conservo entre varias ninharias

L.

Pag. 159, v. 7.

E que precisos são no nosso caso:

Todas, menos:

E que precisos são em nosso caso:

1831 P.

Que necessarios são no nosso caso:

R. S., F. A.

E necessarios são ao nosso caso:

L.

Pag. 159, v. 8 e 9.

Esta phrase, senhor, entre os praxistas
Tem diverso sentido, etc.

Todas, menos:

Esta phrase, corrente entre os praxistas,
Tem diverso sentido, etc.

A. S.

Pag. 159, v. 11 a 19.

A alguns d'estes modernos tenho ouvido
Que fóra no romano foro usada,
E n'elle os canonistas a pescaram;
Eu porei d'este achado e d'outros muitos,
De que elles se presumem os auctores,
Do bom Phébo, bom Mendes e bom Pegas,
A luz e norma dos que o foro cruzam,
Com punivel despejo motejando,
Cá para mim me rio, etc.

Este trecho encontra-se do mesmo modo
em todas as edições e copias, exceptuando
o verso:

A luz e norma dos que o foro cruzam,

como se verá abaixo.

No ms. L. ha porém o dito trecho da
seguinte maneira:

A alguns d'estes modernos tenho ouvido
Que fóra no romano foro usada,
E n'elle os canonistas a pescaram:
Eu porei esta achando e outras muitas,
De que elles se presumem os auctores,
No bom Phébo, bom Mendes e bom Pegas,
(A luz e noite dos que o fo o cruzam,
Com punivel despejo motejados)
Cá para mim me rio, etc.

Pag. 159, v. 17.

A luz e norma dos que o foro cruzam,

Todas, menos:

A luz e nome dos que o foro cruzam,

1802, 1808.

A luz e o nome dos que o foro cruzam,

1831 L.

A luz e norte dos que o foro cruzam,

1005, R. S., F. A., A. S., C.

Pag. 160, v. 7 a 9.

De juizes venaes e corrompidos
Tudo esperar se deve; e deve tudo
Com tempo prevenir o que é prudente;

Todas, menos:

De juizes venaes e corrompidos
Tudo esperar se deve; e deve tudo
Com tempo prevenir; o que é prudencia.

L.

Pag. 160, v. 10 a 12.

E como os seus, senhor, são d'esse porte,
Se deve recear que levanio
A sua appellação possam negar-lhe;

Todas, menos:

E como os seus talvez são d'este porte,

Emenda no ms. A. S.

E como os seus, senhor, são d'esse porte,
Se deve recear que levianos
A sua appellação usem negar-lhe;

1876.

Pag. 160, v. 21.

Quando fui estudante, fui uma aguia
1005, F. A., A. S., L.

Quando fui estudante era uma aguia

C.

Quando fui estudante, era eu uma aguia

As outras.

Pag. 161, v. 1 a 3.

E na classe o tropheu levei mil vezes;
Por signal que de tela boas fitas
O mestre me rapou,

102, 1808, 1834 L. 1005, R. S., F. A., A. S.
C., L.

E na classe o tropheu levei mil vezes;
Por signal que de tel-o boas fitas
O mestre me rapou,

As outras.

Pag. 161, v. 6.

Os gostos, a saude e a memoria,

Todas, menos:

Os gostos, a saude e até a memoria;

L.

Pag. 161, v. 11 e 12.

Perante algum varão que em dignidade
Constituido seja; *verbi-gratia*,

Todas, menos:

Perante algum varão que em dignidade
Constituido esteja; *verbi-gratia*,

F. A., C., L.

Pag. 161, v. 15.

• Este foi o effcaz, prompto remedio
R. S., F. A., A. S., C., L.

Este foi effcaz, prompto remedio,

As outras.

Pag. 161, v. 23 e pag. 162, v. 1.

(não trato por agora
Do auctor da *Arte Legal*, nem do *Perfeito Advogado*, ou do Flaviense Gomes,

Todas, menos:

(não trato por agora
Do auctor da *Arte Legal*, ou do *Perfeito Advogado*, nem do Flaviense Gomes,

A. S., L.

Pag. 162, v. 4.

• O grande portuguez Cabral Vanguerve,
C., L.

O grande portuguez Cabral, Vanguerve,

As outras,

Como andava pareciam dois auctores,
quando é só um.

Vidè nota a este verso.

Pag. 162, v. 10.

Que esses seus Zalweins, que os seus Barthelios,

Todas, menos:

Que os seus Zalweins, ou que os seus Barthelios,
L.

Pag. 162, v. 16.

Não sei com que Noodts, nem com que Strachios,

Todas, menos:

Não sei com que Noodt, nem com que Struvio,
L.

Jorge Adão Struvio, jurisconsulto nascido em 1619, em Magdebourg e fallecido em 1692, auctor das obras: *Juris feudalis syntagma* e *Jurisprudentiæ Civilis syntagma*, classicas em quasi todas as universidades de Allemanha e impressas varias vezes.

Pag. 162, v. 17.

E outros galantes nomes taes como estes,

Todas, menos:

E outros nomes galantes taes como estes,
A. S.

E outros lindos nomes taes como estes,
L.

Pag. 162, v. 18 e 19.

Póde, bem que se afanne, pronuncial-os;
nem a lingua

Todas, menos:

Póde, sem que se afanne, pronuncial-os;
nem a lingua
A. S.

Pronuncial-os póde, bem que queira;
nem a lingua
L.

Pag. 162, v. 20.

• Que christãos nunca usaram d'estes nomes.
1005.

Que christãos nunca usaram de taes nomes.

As outras.

Pag. 163, v. 10.

Não dormir, vigilar continuamente?

Todas, menos:

Não dormir, vigiar continuamente?
1834 P., L.

Pag. 163, v. 12.

Que sem demandas ter, nem ter cuidados,

Todas, menos:

Que sem demandas ter ou ter cuidados,
L.

Pag. 163, v. 13.

Passaes, dormindo, quasi o anno inteiro!

Todas, menos:

O anno inteiro passaes quasi dormindo!
L.

Pag. 163, v. 21 e 22.

O vestido de seda, a loba, a murça.
Pela agua abaixo vá, tudo se perca,
1817, 1821, 1834 P., 1876, 181, 1229, 1431, B.

O vestido de seda, a loba, a murça,
Pela agua abaixo vá, tudo se perca,
1802, 1808, 1834 L.

O vestido de seda, a loba, a murça,
Solideo e crescente, tudo, tudo
Pela agua abaixo vá, tudo se perca,
1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Pag. 164, v. 11.

Deve tudo attentar e ser esperto. •

Todas, menos:

Deve tudo tentar e ser esperto. •
L.

Pag. 164, v. 13.

Isso agora, cobrando novo alento,

Todas, menos:

Isso agora, cobrando mais alento,

C.

Pag. 164, v. 15 e 16.

Por esperto, não tenha, doutor, medo
Que me haja de vencer o gordo bispo;

Todas, menos:

Por esperto não tenho, doutor, medo, etc.

L.

CANTO QUINTO

Veja-se a nota á Pag. 158, v. 11, etc.

Pag. 169, v. 4 e 5.

De mofoso tabaco, etc. uma pitada

Todas, menos:

De famoso tabaco, etc. uma pitada
1005, 1876.

Do mofoso rapé, etc. uma pitada

F. A.

Do famoso rapé, etc. uma pitada

A. S., L.

Pag. 169, v. 6 e 7.

Que inercia é esta? Que preguiça, ó Lara,
Que os membros e sentidos te adormentam,
1005, F. A.

Que inercia é esta? Que preguiça, ó Lara,
Que os membros e sentidos te adormenta,

As outras.

Pag. 169, v. 8 e 9.

Quando por inimigos tens em campo
O gordo bispo, o Abreu, o Ramalhete,

Todas, menos:

Quando já inimigos tens em campo
O gordo bispo, o Abreu e o Ramalhete,
R. S.

Quando taes inimigos tens em campo,
O gordo bispo, o Abreu, o Ramalhete,

L.

Pag. 170, v. 6.

E, abrindo a boca, e os olhos esfregando,

Todas, menos:

Abrindo a boca, etc.

L.

Pag. 170, v. 9.

E o suado crescente endireitando
1802, 1808, 1834 L., 1005, R. S., F. A., A. S.,
C., L.

Falta nas outras.

Pag. 170, v. 10 a 12.

Sem attender ao sino, que o chamava,
A vespas tocando, nem á mulcta,
Que a bolça lhe ameaça, sae de casa,

Sem attender ao sino, que chamava,
A vespas tocando, nem a multas
Que a bolça lhe ameaçam, sae de casa,

L.

Pag. 170, v. 16.

Sobre uma montanheta, que se estende
L.

Sobre uma montanha, que se estende

R. S., F. A., A. S., C.

Sobre uma agra montanha, que se estende

As outras.

N'uma copia do *Hyssope*, que faz parte
da livreria do fallecido marquez de Cas-
tello Melhor, que só pude examinar li-
geiramente, vem este verso tambem da ma-
neira que preferimos.

Pag. 170, v. 20 e 21.

Aqui da molle inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia se vêem cem padres graves,
L., 1005.

Aqui da molle inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia estam cem padres graves,
R. S.

Aqui, da molle inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia se vê cem padres graves,

As outras.

Pag. 171, v. 8.

Na fumosa cozinha

Todas, menos:

Na famosa cozinha
1808, 1834 L., F. A., L.

Esta variante é talvez erro, pelo menos
nas duas edições, que são, como já notá-
mos, inteiramente feitas pela de 1802.

Pag. 171, v. 23.

• E asylo vem buscar á nossa egreja? »
1005.

E asylo vem buscar na nossa egreja?

As outras.

Pag. 172, v. 6.

Lhe torna o bom porteiro, e de assustado

Todas, menos:

Lhe tornava o porteiro, e de assustado

A. S.

Pag. 172, v. 7.

• Fiquei sem sangue quasi em todo o corpo.

F. A., L.

Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.

As outras.

Pag. 172, v. 10.

Mas, por servir a vossa senhoria,

Todas, menos:

Mas, por ouvir a vossa senhoria,

L.

Pag. 172, v. 11.

A despertal-o vou; no em tanto póde

Todas, menos:

A despertal-o vou; emtanto póde

1005.

Pag. 172, v. 20.

Ex-guardião, ex-leitor e jubilado,

Todas, menos:

Ex-guardião, ex-leitor, ex-presentado,

1005, L.

Ex-guardião, ex-leitor e presentado,

R. S., F. A., A. S.

Pag. 175, v. 1.

O bom Lara, que havia longo tempo,

Todas, menos:

O bom Lara, que havia muito tempo,

1005 A. S., L.

Pag. 175, v. 2.

Que n'esta santa casa não entrava,

Todas, menos:

Que n'esta santa casa não entrara,

R. S., A. S., L.

Pag. 175, v. 3 a 5.

quando a seus olhos,
• Na cerca entrando, juntos se offerecem
As arcadas ruas, as estatuas,

F. A.

quando a seus olhos,
Na cerca entrando, juntos se lhe off'recem
As arcadas ruas, as estatuas,

As outras, menos o verso:

As arcadas ruas, as estatuas,

que está assim nos ms. A. S., L.:

As arcadas, as ruas, as estatuas,

Pag. 175, v. 6.

Os buxos, os craveiros, as latadas,

Todas, menos:

Os vasos, os craveiros, as latadas,

A. S.

Pag. 175, v. 7 e 8.

• De mil flores cobertas que d'em torno
O virente jardim adereçavam;
1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

De mil flores cobertas e que em torno
O virente jardim adereçavam;

As outras.

Pag. 175, v. 9.

E não bem quatro passos tinha dado,

Todas, menos:

E não bem quatro passos tinha andado,
1005.

Pag. 175, v. 10 e 11.

Quando, fitando curioso a lente
Na estatua, que primeira alli se encontra,
1817, 1824, 1854 P., 1876, R. S.

Quando, fitando curioso a lente
Na estatua, que primeiro alli se encontra,
1005, 1802, 1808, 1834 L., F. A., A. S. C.

Quando fitando curioso a lente
Na estatua que primeiro alli encontra,
L.

Pag. 175, v. 12.

Pergunta ao jubilado: « Quem é este

Todas, menos:

Pergunta ao presentado: « Quem é este
1005, R. S., F. A., A. S., L.

Pag. 175, v. 21.

Circumspecto lhe volve o padre mestre;

Todas, menos:

Circumspecto lhe volta o padre mestre;

L.

Pag. 175, v. 22.

Nem francez, como cré, cabelleireiro

Todas, menos:

Nem francez, como diz, cabelleireiro,
1005.

Pag. 176, v. 5.

• Ao pé de cada esquina, hoje sem pejo
1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Ao pé de cada canto, hoje sem pejo

As outras.

Pag. 176, v. 10.

• De tanto peso pois, lhe volta o Lara,
1831 P.

De tanto peso pois, então lhe volta,
1005.

De tanto peso, então lhe volve o Lara,
F. A., A. S., C., L.

De tanto peso pois, lhe volve o Lara,

As outras.

Pag. 176, v. 11.

É, padre jubilado, por ventura

Todas, menos:

É, padre presentado, por ventura

1005, R. S., F. A., A. S., L.

Pag. 176, v. 22.

É pasmar, ver, senhor, como um pascacio,

Todas, menos:

É pasmar ver, senhor, como um pacovio,

F. A., A. S., L.

Pag. 177, v. 1 a 3.

Perante os homens doutos e sizudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,

Todas, menos:

Perante os homens doutos e letrados,
A fallar nas sciencias mais sizudas,

1005.

Pag. 177, v. 7.

Aos Baconios, aos Lulos, e a mim proprio.
1817, 1821, 1834 P.

Aos Baconios, aos Lellos, e a mim proprio.
1802, 1808, 1831 L., 1876, 1005, R. S., F. A.,
A. S., C.

Aos Baronios, aos Lellos, e a mim proprio.
L.

Pag. 176, v. 9.

• Que entre nós, sem limite, vae grassando,
1005.

Que entre nós, sem limite, vae lavrando,

As outras.

Pag. 177, v. 11.

É a nossa portuguez, casta linguagem,

Todas, menos:

É o nosso portuguez, casta linguagem,
C.

É a nossa portugueza linguagem,

L.

Conservámos — a nossa portuguez — fe-
minino antiquado, por julgarmos que o
poeta o poz intencionalmente na boca do
padre jubilado, o qual era, como se vê,
inimigo de modernismos em materia de
lingua.

Pag. 177, v. 12 a 14

• Que em tantas traducções corre envasada
(Traducções que merecem ser queimadas!)
Em mil termos e phrases gallicanas.

R. S., F. A., A. S.

Que em tantas traducções corre embrulhada
(Traducções que merecem ser queimadas!)
Com mil termos e phrases gallicanas.

L.

Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções que merecem ser queimadas!)
Em mil termos e phrases gallicanas.

As outras.

Pag. 177, v. 17 a 19.

Lusitanos varões, que com a penna,
• Ou com a espada e lança a patria honraram;
1005, C.

Lusitanos varões, que com a penna,
Ou com a espada e lança a patria ornaram;

As outras.

Pag. 177, v. 21.

A mesclada dicção, bastardos termos,

Todas, menos:

A bastarda dicção, barbaros termos,
1005.

A malvada dicção, bastardos termos,
L.

Pag. 177, v. 23.

Estes novos, ridiculos auctores,

Todas, menos:

Estes nossos ridiculos auctores
L.

Pag. 178, v. 7 a 10

Até que, já por fim desenganados
Que eram em Portugal, que portuguezes
Eram tambem os que costumes, lingua,
Por tão estranhos modos, affrontavam,
1005, R. S., F. A., A. S., C.

No ms. L. o mesmo, menos a palavra—
affrontavam—que está substituida por—
affectavam.

Até que, já por fim desenganados
Que eram em Portugal, que os portuguezes
Eram tambem os que costumes, lingua
Por tão estranhos modos affrontaram,

As outras.

Pag. 178, v. 18.

Quem desculpa não tem, nem a merece,

Todas, menos:

Quem desculpa não tem e não merece,
1005.

Pag. 178, v. 19.

É quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda.

Todas, menos:

É quem vedar-lh'o deve, e lh'o não veda.

A. S.

É quem vedar-lh'o deve e não o veda.

1005.

Pag. 178, v. 20.

Mas por ora deixemos estas coisas,

Todas, menos:

Mas por honra deixemos estas coisas,
L.

Pag. 178, v. 23.

E nos campos que o phrygio Xanto corta

Todas, menos:

E nos campos que o frio Xanto corta
L., C.

Pag. 179, v. 10.

E no pomo fallar, lhe volve o Lara;

Todas, menos:

E no pomo fallar, lhe volta o Lara;
L.

Pag. 179, v. 14.

Daria, mal ou bem, minha sentença,

Todas, menos:

Daria, bem ou mal, etc.

1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Pag. 179, v. 15.

Conforme o meu bestunto m'ajudasse,

Todas, menos:

Conforme o meu instincto m'ajudasse,
A. S.

Pag. 179, v. 20 e 21.

Mas diga-me, meu padre jubilado,
Se gado apascentou este marmanjo,

Todas, menos:

Mas diga-me, meu padre presentado,
Se gado apascentou este marmanjo,
R. S., F. A., A. S., L.

Mas diga-me, meu padre presentado,
Se gado apascentava este marmanjo,
1005.

Pag. 180, v. 2 a 4.

Pois parece-lhe, a vossa senhoria,
Que bastavam co'o novo tratamento
De monsieur, que lhe damos, um cajado, etc.
1005.

Pois parece-lhe, a vossa senhoria,
Que casava co'o novo tratamento
De monsieur, que lhe demos, um cajado, etc.
R. S.

Idem, no ms. F. A., menos a palavra
—casava— cujo logar ficou em branco.

Pois parece-lhe, a vossa senhoria,
Que quadravam co'o novo tratamento
De monsieur, que lhe demos, um cajado, etc.
A. S., L.

Pois parece-lhe, a vossa senhoria,
Que lhe bastava o secco tratamento
De monsieur, que lhe demos, e um cajado, etc.

As outras.

Pag. 180, v. 6.

Essa razão me quadra, diz o Lara,

Todas, menos:

Essa razão me agrada, diz o Lara,
1005.

Pag. 180, v. 9.

• Foi troiana também, ou foi franceza,
A. S.

Foi troiana também, ou é franceza,
L.

É troiana também, ou é franceza,

As outras.

Pag. 180, v. 11.

Não foi, senhor, franceza, nem troiana,

Todas, menos:

Não foi, senhor, troiana, nem franceza,
1005.

Pag. 180, v. 14.

Esparta um tempo a viu: mas sceptro, esposo, etc.

Todas, menos:

Esparta um tempo a viu: mas sceptro e esposo, etc.
1802, 1808, 1834 L.

Pag. 180, v. 16 e 17.

• Tudo deixou por Paris.» «Que! o esposo,
A cara patria, etc.

1005, R. S., F. A., A. S., C.

Tudo deixou por Paris.» «E o esposo,
A cara patria, etc.

L.

Tudo deixou por Paris.» «Pois que! O esposo,
A cara patria, etc.

1802, 1808, 1817, 1834 L., 1834 P., 1876.

Tudo deixou por Paris.» «Pois que! Sposo,
A cara patria, etc.

As outras.

Pag. 180, v. 21.

Diz a letra madama Pena-Lopes,

Todas, menos:

Madama Pena-Lopes, diz a letra,
1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Pag. 181, v. 2.

• Tão boa como a outra? »

A. S.

Tão boa como est'outra? »

1834 L.

Tão boa como ess'outra? »

As outras.

Pag. 181, v. 2.

« Esta, responde, etc.

Posto que todas as edições e copias tenham — essa — puzemos — esta — por ser mais conveniente.

Pag. 181, v. 3.

O douto jubilado, é d'outra laia,

Todas, menos:

O douto presentado, é d'outra laia,

1005, R. S., F. A., A. S., L.

Pag. 181, v. 14

• Dez annos consumiu a tal madama!

1005, C., L.

Dez annos consumia a tal madama!

As outras.

Pag. 181, v. 17.

N'outro tanto não gasta nove mezes;

Todas, menos:

N'outro tanto gastava poucos mezes;

L.

Pag. 181, v. 19.

• Por grande sabichona d'este officio.

1005, F. A., A. S., C., L.

Por grande sabichona n'este officio.

As outras.

Pag. 181, v. 22.

• O que de dia obrára desmanchava.

L.

O que de dia obrava desmanchava.

1802, 1808, 1817, 1834 L., 1876, 1005, R. S.,
F. A., A. S., C.

O que obrava de dia desmanchava.

1821, 1834 P.

Pag. 182, v. 7.

Nunca mulher se viu tão atinada;

Todas, menos:

Nunca mulher se viu mais atilada,

1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Pag. 182, v. 10 e 11.

Foi prudencia, senhor, o que loucura
• A sua fantasia lhe parece,
L.

Foi prudencia, senhor, o que estulticia
A sua fantasia lhe figura,
1831 P.

Foi prudencia, Senhor, o que loucura
A sua fantasia lhe figura,

As outras.

Pag. 182, v. 14.

Da prolongada ausencia não volvia,
Todas, menos:

Da prolongada ausencia não voltava,
1005.

Pag. 182, v. 20.

Lhe não levára no tecer a palma. •
Todas, menos:

Lhe não levava de tecer a palma. •
1005, R. S., C.

Pag. 182, v. 21.

Como é isso? o deão diz assustado,
Todas, menos:

Como é isso? o deão diz espantado,
1005.

Pag. 183, v. 1.

(Isto fallando, todo se persigna)
Todas, menos:

(Isto dizendo, todo se persigna)
L.

Pag. 183, v. 17.

• Em ousados leões, manchados tigres,
L.

Em ossudos leões, manchados tigres,
As outras.

Pag. 183, v. 18

Em ardidos ginetes, negros ursos,
Todas, menos.

Em alados ginetes, negros ursos,
1005.

Pag. 183, v. 21 a 24.

Além d'isso, Apuleio nos informa
Que, por malicia d'uma certa Fótis,
• Em asno n'um instante se tornára,
E como asno passára mil trabalhos.

Além d'isso, Apuleio nos informa
Que, por malicia d'uma certa Fótis,
Em asno n'um instante se voltára,
E como asno passára mil trabalhos.
1005.

Além d'isso, Apuleio nos informa
Que, por malicia d'uma certa Fótis,
Em asno n'um instante se formára,
E como asno passára mil trabalhos.

As outras, menos as copias R. S., F. A.,
A. S., C., L., onde estes versos se encon-
tram assim:

Além d'isso, Apuleio não nos informa
Que, por malicia d'uma certa Fótis,
Em asno n'um instante se tornára,
E como asno passára mil trabalhos?

D'esta variante adoptámos o terceiro
verso.

Pag. 181, v. 2.

Ruidosos cães uivar, etc.

Todas, menos:

Raivosos cães uivar, etc.
1005, F. A., A. S., C., L.

Pag. 184, v. 4.

Senão que anda no bairro lobis-homem,

Todas, menos:

Senão que anda na corte lobis-homem,
A. S.

Pag. 181, v. 5.

Ou homem, por fadario, transmudado

Todas, menos:

Ou homem, por fadario, transformado
C., L.

Pag. 184, v. 8.

O farfante deão de temor cheio;

Todas, menos:

O farfante deão de terror cheio;
1005.

Pag. 181, v. 16 a 18.

Pois assim poderei inda algum dia
A sorte vir a ter de ser pae d'egros,
• E bons potros darei da minha raça.
1005, R. S., A. S., C.

Pois assim poderei inda algum dia
Por sorte vir a ter ser pae das egros;
E bons potros darei da minha raça.
L.

Pois assim poderei inda algum dia
A sorte vir a ter de ser pae d'egoas:
Que bons potros darei da minha raça!

As outras.

Estes versos faltam no ms. F. A.

Pag. 184, v. 20.

Ao menos concedei-me que em fuinha
• Ou matreira raposa me transformem,
R. S.

Ao menos concedei-me que em fuinha,
Ou matreira raposa me transforme,
L.

Ao menos concedei-me que em fuinha
Ou matreira raposa me transtornem,

As outras.

Pag. 185, v. 4 a 14.

O padre mestre, vendo-se obrigado

até

E de papo ao deão assim responde:

Faltam em todas as edições e copias.
menos nas edições de 1817, 1821 e 1876;
posto que nas de 1817 e 1876 venham em
nota.

Pag. 185, v. 16.

É o facundo, decantado Ulysses,

Todas, menos:

É o facundo Ulysses decantado,
A. S.

É o famoso, decantado Ulysses,
L.

Pag. 185, v. 24.

E da altiva cidade só ficará

Todas, menos:

E da nobre cidade só ficará.

L.

Pag. 186, v. 1.

O campo, em que imperiosa antes estava;

Todas, menos:

O campo, onde imperiosa antes estava;
1005, R. S., C., L.

Pag. 186, v. 2.

Voltando á patria amada, carregado

Todas, menos:

Voltando á amada patria, carregado
1005, R. S., F. A., A. S., L.

Pag. 186, v. 6.

Undivago correu por longos mares,

Todas, menos:

Undivago correu por vastos mares,
1005.

Undivago correu por varios mares,
L.

Pag. 186, v. 19.

• E na cara tres beijos lhe pespega.
1834 P.

E na face tres beijos lhe pespega.

As outras.

Pag. 186, v. 21.

O Lara proseguiu: «E aquelle outro

Todas, menos:

O Lara proseguia: «E aquelle outro
R. S.

Pag. 187, v. 4 a 6.

cujos feitos
Ha de por certo vossa senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente

Todas, menos:

cujos feitos
Ha de por força vossa senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente
1005.

cujos feitos
Ha de por certo vossa senhoria
Ter ouvido exaltar discretamente
R. S., F. A., A. S., L.

Pag. 187, v. 9.

• Que eu sermões nunca ouvi na minha vida;
1005.

Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;

As outras.

Pag. 187, v. 10 a 12.

E posto que no coro, muitas vezes,
Em razão d'esta minha dignidade,
A meu pesar, alguns ouvir eu deva;
1817, 1821, 1831 P., 1876.

E posto que no coro, muitas vezes,
Em razão d'esta minha dignidade,
A meu pezar, a alguns d'elles assisto;
1802, 1808, 1831 L., 1005, R. S., F. A., A.
S., C., L.

Pag. 187, v. 15.

A fome, que me ataca a essas horas

Todas, menos:

A fome que me aperta a essas horas

A. S.

Pag. 187, v. 21 e 22.

E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De pregar etc.

Todas, menos:

E se n'elle se achar quem tenha o flato
De pregar etc.

1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Pag. 188, v. 4.

• E escusam de quebrar-nos os ouvidos

1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

E escusem de quebrar-nos os ouvidos

As outras:

Pag. 188, v. 7.

• E a pagar vem em fim por alto preço

L.

E a pagar vem por fim por alto preço

As outras.

Pag. 188, v. 8 e 9.

Dando, coisa que muito a mim m'espanta,
Sem saber o porque, o seu dinheiro.

Todas, menos:

Dando, coisa que muito a mim m'importa,
Sem saber o porque, o seu dinheiro.

1005.

Quando, coisa que muito a mim m'espanta,
Sem saber o porque dá seu dinheiro.

L.

Pag. 188, v. 12.

Mas, tornando, meu padre, ao nosso ponto,

Todas, menos:

Mas, tornando, meu padre, ao nosso assumpto,

L.

Pag. 188, v. 17.

Dizia o jubilado, nem por isso,

Todas, menos:

Diz o ex-presentado, nem por isso,

1005.

Dizia o prebendado, nem por isso,

R. S.

Dizia o presentado, nem por isso,

A. S., C., L.

Pag. 188, v. 18.

Onde quer que as eu tópo, lhes perdão.

Todas, menos:

Onde quer que eu as tópo, lhes perdão.

L.

Pag. 188, v. 19.

Outro tanto de mim, ó quanta magoa!

Todas, menos:

Outro tanto de mim, ó grande magoa!

R. S., A. S., L.

Pag. 188, v. 21.

Me custa, padre-mestre, o confessional-o!

Falta no ms. 1005.

Pag. 188, v. 22.

Outro tanto de mim dizer não posso,

Todas, menos:

Outro tanto dizer de mim não posso,

R. S.

Pag. 189, v. 4.

Pesado lhe não fôr, dever quizera

Todas, menos:

Pesado lhe não fôr, dever queria

1005.

Pag. 189, v. 9 e 11.

*Do Bacharel Trapaça e Peralvilho
De Cordova as historias portentosas*
• Ouvi ler (por signal que por ouvil-as
1005.

*Do Bacharel Trapaça e do Peralvilho
De Cordova as historias portentosas*
Ouvi ler (por signal que por ouvil-as
L.

*Do Bacharel Trapaça e Peralvilho
De Cordova a historia portentosa*
Ouvi ler (por signal que por ouvil-a

As outras.

Pag. 189, v. 12.

Na classe pesguei valentes gazios,

Todas, menos:

Na classe pesguei bastantes gazios,

1005.

Pag. 189, v. 16.
 E confesso-lhe, padre jubilado,
 Todas, menos:
 E confesso-lhe, padre presentado,
 1005, R. S., F. A., A. S., C., L.
 Pag. 189, v. 22 e 23.
 Teve por paes, ainda que gran tempo
 Do forte Amphitrião passou por filho.
 Todas, menos:
 Teve por paes, inda que longo tempo
 Do grande Amphitrião passou por lillo.
 1005.
 Pag. 190, v. 6.
 • Que, ainda não contava bem dez mezes,
 1005, R. S., F. A., A. S., C., L.
 Que inda elle não contava bem dez mezes,
 As outras.
 Pag. 190, v. 8 e 9.
 N'um escudo de cobre, que a Pterelas
 Amphitrião ganhára batalhando,
 Todas, menos:
 N'um escudo de cobre, que o ligeiro
 Amphitrião ganhára batalhando,
 L.
 Pag. 190, v. 11.
 Que entraram a papal-o surrateiras,
 Todas, menos:
 Que a papal-o entraram surrateiras,
 1005, R. S., F. A., A. S., C.
 Que pr'a papal-o entraram surrateiras,
 L.
 Pag. 190, v. 16.
 • Quando com fome estou na minha cella,
 L.
 Quando com fome estou na nossa cella;
 As outras.
 Pag. 190, v. 21.
 a estrebaria
 De Augias alimpou, façanha grande,
 1817, 1821, 1831 P., 1876.
 a estrebaria
 De Augias alimpou, com acção grande,
 1802, 1808, R. S., 1005, F. A., A. S., C., L.

a estrebaria
 De Augias alimpou, com acção grande,
 1831 L.

Erro por Augias.

Pag. 190, v. 22.
 N'este ponto o deão ter-se não poude
 Todas, menos:
 N'este tempo o deão ter-se não poude
 1005.

Pag. 190, v. 23.

Sem que esta sabia reflexão fizesse:

Todas, menos:

Sem que esta reflexão sabio fizesse:

A. S.

Pag. 191, v. 3 a 6.

Logo, prosegue o padre jubilado,
 Fez maiores acções; um leão fero
 Na floresta Nemea, cara a cara,
 Destemido afrontou,
 1817, 1821, 1831 P., 1876.

Logo, prosegue o padre, convidado
 De maiores acções, um leão fero, etc.
 1802, 1808, 1834 L., 1005, C.

Logo, prosegue o padre, convidado
 De maiores facções, um leão fero, etc.
 R. S., F. A., A. S.,

Logo, prosegue o padre, convidado
 De maiores funcções, um leão fero, etc.

L.

Pag. 191, v. 9 e 10.

Quando o esperto deão, á porta vendo
 Da cerca o guardião, que a vel-o vinha,

Todas, menos:

Quando o esperto deão, á porta vendo
 O guardião que já buscal-o vinha,

L.

Pag. 191, v. 12 e 13.

em altas vozes
 • Ao guardião dizendo, etc.
 1005, R. S., F. A., A. S., L.

em altas vozes
 Ao guardião gritando, etc.

As outras.

Pag. 191, v. 13 e 14.

appello, appello
 Perante vossa sabia reverencia,

Todas, menos

appello, appello,
Senhor, perante vossa reverencia,
A. S.

Pag. 192, v. 3.

O reverendo padre jubilado,

Todas, menos:

O reverendo padre presentado,

1005, R. S., F. A., A. S., C., L.

Pag. 192, v. 8 e 9.

E o farfante deão assim começa
• A discorrer sisuda e gravemente:

R. S., F. A., A. S., C., L.

E o farfante deão assim começa:

Pag. 192, v. 13.

Do grande, forte, e nunca assaz louvado

Todas, menos:

Do muito forte e nunca assaz louvado

L.

Pag. 192, v. 15.

E do sablo ministro que lhe assiste.

Falta no ms. 1005.

Pag. 192, v. 18 a 19.

• As letras applicar-me não me deixa,
• Como o meu gosto e genio in'o requerem,
1834 P.

As letras applicar-me me não deixa,
Como meu gosto e genio me pediam;

As outras.

Pag. 192, v. 20 a 24. e Pag. 193, v. 1 e 2.

E da *Arte da Cozinha* tão sómente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens que o francez que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Fallo, sim, no apparatus dos banquetes,
No polido dos trajés e assembleas,
Dos jardins no bom gosto e dos palacios.

Todas, menos:

Fallo, sim, do apparatus dos banquetes,
E da *Arte da Cozinha* tão sómente
(Que é a obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, mais aos frades que anda em moda)
Alguns pedaços leio, estando vago;
No polido dos trajés e assembleas,
Dos jardins de bom gosto e dos palacios.

L.

Pag. 193, v. 4.

Que era um chiqueiro, ha menos de dois dias,

Todas, menos:

Que era um chiqueiro, ha menos de dois annos,
1005.

Pag. 193, v. 13.

Se é tudo uma pobreza franciscana!

Todas, menos:

Se isto é uma pobreza franciscana!

L.

Pag. 193, v. 17.

• Com que são as estatuas trabalhadas,
1834 P., 1005.

Com que são as figuras trabalhadas,
1821, F. A., A. S.

Com que estão as figuras trabalhadas,
1802, 1808, 1817, 1831 L., 1876, R. S., C., L.

Pag. 193, v. 19 a 21.

• Que nos jardins estou se me figura
De Castello Gandolfo ou de Frascati,
Onde fallei mil vezes com o papa.
R. S., 1005, F. A., A. S., L., C.

Que no jardim estou, se me figura
De Castello Gandolfo ou de Frascati
Onde fallei mil vezes com o papa,
Ver o primor e o curioso accio.

As outras.

Para melhor intelligencia vidê no texto
os versos anteriores.

Pag. 194, v. 3.

Deliciosos jardins d'Italia e França

Falta no ms. L.

Pag. 194, v. 4.

• Uma cascata, que a de Trevi eguale.

Uma cascata tal como a Farnese.

L.

Uma cascata tal como a de Terni.

A. S.

Uma cascata, que a de Terni eguale.

As outras.

Terni é uma cidade, a vinte e um kilo-
metros sudoeste de Spoleto. A oito kilo-
metros a lèste encontra-se a bella cata-
racta della Marmora, formada pelo Velino,
que se precipita de cento e sessenta e
cinco metros de altura no Nera.

De certo o poeta não se quiz referir a
esta catarata, mas sim á fonte monumen-

tal de Trevi, em Roma, não só porque elle mesmo emprega a palavra cascata, mas tambem porque só esta tinha cabimento n'um jardim.

Foi pois naturalmente erro de copia que tem passado em todas as edições e traslados, pelo que tomámos a liberdade de fazer esta emenda.

Pag. 194, v. 7.

Essa obra ha de custar muito dinheiro,

Todas, menos:

Esta obra, etc.

1817, 1876.

Pag. 191, v. 8 a 10.

e hoje as esmolas
Para encher a barriga a tantos frades,
Que têm fome canina, apenas bastam.

Todas, menos:

e hoje as esmolas
Para encher a barriga a tantos frades,
Que têm fome canina apenas chegam.

L.

Pag. 194, v. 16 e 17.

O grande e extraordinario privilegio
- De irmão e mãe de frades, etc.

1831 P.

O grande e extraordinario privilegio
De irmão ou mãe de frades, etc.

As outras.

Pag. 195, v. 3 e 4.

Senhor, o purgatorio e as almas santas
Eram o Potosí da franciscana.

Todas, menos:

O purgatorio, pois, e as almas santas
Eram o Potosí da franciscana.

A. S.

Pag. 195, v. 5.

N'este ponto chegando o jubulado

Todas, menos:

N'este ponto chegando o presentado

1005, R. S., F. A., A. S., L.

N'este ponto chegando o prebendado,

C.

Pag. 195, v. 11.

- Dos dois padres risonho se despede,

L.

Dos dois padres cortex se despedia:

1º02, 1808, 1834 L., 1005, R. S., C.

Dos dois padres cortex se despediu:

• As outras.

Pag. 195, v. 12.

E correndo e saltando como um corço,

Todas, menos:

E correndo e saltando como um gamo,

L.

Pag. 195, v. 13.

• Alegre e prasenteiro entrou em casa;

L.

Risonho e prasenteiro entrou em casa;

As outras.

Pag. 195, v. 15 e 16.

que a honra gosa
De tocar mal rebeca na sé d'Elvas,

Todas, menos:

que logra a honra
De tocar mal rebeca na sé d'Elvas,
181, 1229, B.

que gosa a honra
De tocar mal rebeca na sé d'Elvas,
1431, F. A.

Pag. 195, v. 19.

Além d'isto cursado tinha as classes,

Todas, menos:

Além d'isso cursado tinha as classes,
1834 P.

Além d'isto cursado tinha as aulas,

L.

Pag. 195, v. 20 a 22.

E a todas estas coisas ajuntava
Uma profunda erudição bebida
Nos *Autos de Reinaldo e Valdevinos*,

Todas, menos:

E a todas estas coisas ajuntava
Profunda erudição que foi bebida
Nos *Autos de Reinaldo e Valdevinos*,

A. S.

Pag. 196, v. 2.

Da andante, da immortal cavallaria;

Todas as edições.

Da andante e immortal cavallaria,

181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
C., L.

Pag. 196, v. 8.

Ordena que lhe tragam promptamente

Todas, menos :
 Ordena que lhe tragam sem demora
 1431.
 Pag. 196, v. 9.

Do bom vinho de Borba tres garrafas.
 Todas, menos :
 Do bom vinho de Ranço tres garrafas.
 1005, R. S., B., F. A.

Do bom vinho do Rheno tres garrafas.
 A. S.
 Pag. 196, v. 13 e 14.

Muito tempo não passa, sem que prove
 Igual sorte a segunda;
 Todas, menos :
 Muito tempo não passa, sem que prove
 Igualmente a segunda;
 181.
 Pag. 196, v. 16.

O forte campeão, etc.
 Todas, menos :
 O grande campeão, etc.
 1005.
 Pag. 196, v. 17.

• E depois que esquentada teve a hola,
 A. S., R. S.

E depois que esquentada teve a bilis,
 As outras.
 Pag. 196, v. 19 e 20.

Que coisa póde vossa senhoria
 Querer d'este seu servo que não faça ?
 Todas, menos :
 Que coisa póde vossa senhoria
 Querer d'este seu servo que eu não faça ?
 L.
 Pag. 197, v. 2.

• Cem tigres, cem leões, cem crocodilos
 181, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S., C.,
 L.

Com tigres, com leões, com crocodilos
 As outras.
 Pag. 197, v. 4 a 8.

Para seu cão de fralda, se é seu gosto,
 N'um pulo lhe trarei o cão Cerbero;
 • Ou, para divertir a baixa plebe,
 Se mais d'isso se paga, co'uma corda
 A porta lh'o atarei como um macaco.
 181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., A. S.,
 C., L.

Para seu cão de fralda, se é seu gosto,
 N'um pulo lhe trarei o cão Cerbero;
 Se mais d'isso se paga, co'uma corda
 A porta lh'o atarei como um macaco.

As outras.

Pag. 197, v. 11 e 12.

• Só uma appellação quero que intimes
 Ao gordo e fero bispo:
 181.

Para uma appellação quero que intimes
 Ao gordo e fero bispo:
 1005.

Para uma appellação quero que cites
 O gordo e fero bispo:
 F. A., R. S.

Sim uma appellação quero que intimes
 Ao gordo e fero bispo:
 L.

Uma appellação só quero que intimes
 Ao gordo e fero bispo:

As outras.

Pag. 197, v. 18.

Minhas forças excede: o mesmo Achilles,

Todas, menos :

Minhas forças excede: o mesmo Alcides,
 1005.

Minhas forças excede: o bravo Alcides,
 A. S.

Pag. 197, v. 20.

Commettel-a por certo recearam,

Todas, menos :

Commettel-a por certo recusaram,

L.

Pag. 198, v. 4.

O deão exclamou: • De minha vista

Todas, menos :

Exclamava o deão: • De minha vista
 181.

Pag. 198, v. 5 e 6.

Vae-te indigno furão, vil e rasteiro,
 • A que na cara e feitos te pareces;
 F. A.

Vae-te indigno furão, vil e rasteiro,
 A quem na cara e feitos te pareces;

As outras.

Pag. 198, v. 7.

Que eu saberei achar quem me obedeça.

Todas, menos:

Que eu poderei achar quem me obedeça.

F. A.

Pag. 198, v. 8 e 9.

Tremulo e semi-vivo o pobre zote
Então se foi d'alli escapulindo;

Todas, menos:

Pallido e semi-vivo o pobre zote
Então se foi d'alli escafedendo;

L.

Pag. 198, v. 10.

• E o soberbo deão fica suspenso,
181, 1229, 1431, B., A. S., L.

E o farfante deão fica suspenso,

As outras.

Pag. 198, v. 12 a 14.

quando á memoria
Lhe traz a Senhoria, que a seu lado
Invisível lhe assiste,

1005, L.

quando-á memoria
Lhe traz a Senhoria, que a seu lado
Invisível assiste,

As outras.

Pag. 198, v. 20 e 21.

A Senhoria então, tomando a fôrma
• Do galopin de casa, veloz corre,
L.

A Senhoria então, tomando a fôrma
De galopin, de casa veloz parte,
181, B., F. A.

A Senhoria então, tomando a fôrma
Do galopin de casa, veloz parte,

As outras.

Pag. 201, v. 4 e 5.

E para a executar tempo opportuno,
Chefo de confiança, a esperar parte.

Todas, menos:

E para executal-a tempo accómodo,
Chefo de confiança, a esperar parte.

1834 P.

CANTO SEXTO

Pag. 205, v. 1 a 8 e Pag. 206, v. 1 e 2.

Já o sol grande espaço declinava
Do brilhante zenith para o occidente,
E a socegada Tarde, conduzida
Nas frescas azas dos subtitis Favonios,
A passeio os peraltas convidava,

Quando por divertir sua excellencia
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Se dispõe a sahir, como costuma,
A frescura a gozar do seu Versalhes.

Todas, menos:

Já o sol grande espaço declinava, etc.
A passeio os peraltas convidava,
O fastio que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Quando sua excellencia vigilante
Se dispõe, etc.

B.

Esta variante só se torna intelligivel
supprimindo-lhe os versos:

O fastio que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,

a que talvez falta o verso:

Quando por divertir sua excellencia,

sendo em tal caso egual á seguinte:

Já o sol grande espaço declinava, etc.
A passeio os peraltas convidava,
Quando por divertir sua excellencia
O fastio que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Quando sua excellencia vigilante
Se dispõe, etc.

A. S.

É erro do copista ou logar emendado
pelo auctor e não inutilizado que produ-
ziu esta duplicação de pensamento?

Pag. 206, v. 1 e 2.

Ajuntaremos que o ultimo verso d'este
trecho

A frescura a gozar do seu Versalhes.

se encontra tambem assim:

Do seu Versalhes a gozar o fresco.

No ms. R. S.

Pag. 206, v. 3.

Mil infandos prodigios (trama urdida

Todas, menos:

Mil infaustos prodigios (trama urdida
1229, 1431, L.

Pag. 206, v. 4.

• Pela mão engenhosa da Excellencia,
R. S.

Pela mão industriosa da Excellencia,

As outras.

Pag. 206, v. 6.

Esta infausta jornada precederam.

Todas, menos:

A esta infausta jornada precederam.
1229.

Pag. 206, v. 7.

À mesa posto e a beber um copo

Todas, menos:

À mesa posto e ao beber um copo
R. S., 1229.

Pag. 206, v. 10.

O suave licor, e, ao mesmo passo

Todas, menos:

O suave licor, e, ao mesmo tempo
L.

Pag. 206, v. 17.

Com passos lentos a elle se chegava

Todas, menos:

Com passo lento a elle se chegava
R. S.

Pag. 206, v. 19.

Dois coices lhe pregava no vazio.

Todas, menos:

Dois coices no vazio lhe pregava.

A. S.

Pag. 206, v. 23.

Mas, passado o primeiro sobresalto,

Todas, menos:

Mas, passando o primeiro sobresalto,
1005.

Pag. 207, v. 7.

Com horrendo estridor lhe açoita as ventas,

Todas, menos:

Com medonho estridor lhe açoita as ventas,
F. A.

Pag. 207, v. 8.

E um pardal lh'estercou no tejadilho, .

Todas, menos:

E um pardal lh'estercou o tejadilho.

L.

Pag. 207, v. 14.

Se crer em abusões é de almas fracas,

Todas, menos:

Se acreditar busões é d'almas fracas,
R. S.

Pag. 207, v. 16.

· É de peito obstinado e ensurdecido
1229, 1431, B.

É de peito obstinado, ensurdecido

As outras.

Pag. 207, v. 17.

· Às vozes, com que o céo nos aconselha.
R. S.

Às vozes, com que o céo mil vezes falla,

As outras.

Pag. 208, v. 2.

De quem vossa excellencia tem o sangue;

Todas, menos:

Do qual vossa excellencia tem o sangue;
A. S.

Pag. 208, v. 6.

· Do bater dos sapatos do Menezes.
L.

Do bater dos sapatos dos Menezes.

As outras.

Vidè nota a este respeito.

Pag. 208, v. 7.

Vossa excellencia tem visto os portentos,

Todas, menos:

Vossa excellencia já viu os portentos,
1834 P.

Pag. 208, v. 13.

Ao paço se recolha, considere, etc.

1821, 1834 P.

A casa se recolha, e considere, etc.

R. S., 229, 1431, F. A., L.

A casa se recolha: considere, etc.

As outras.

Pag. 208, v. 15 e 16.

· Se a van ociosidade e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,
1431, F. A., L.

Se da van ociosidade e seus prestigios, etc.

181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., C.

Se pois da ociosidade e seus prestigios, etc.

As outras.

Pag. 208, v. 23.

A estas vozes risonho o gordo bispo

Todas, menos:

A taes vozes risonho o grande bispo

R. S.

Pag. 209, v. 3.

Esta marcial cidade, que admirando

Todas, menos:

A marcial cidade, que admirando

L.

Pag. 209, v. 4 a 6.

Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim me viu na guerra
Uma talhante espada, e sobre tudo, etc.

Todas, menos:

Meu heroico valor, me viu pendente
Do bordado talim trazer na guerra
Uma talhante espada, e sobre tudo, etc.

A. S.

Pag. 209, v. 7.

Erguer da cama, n'uma fria noite,

Todas, menos:

Da cama erguer-me, n'uma fria noite,

L.

Subentende-se: me viu.

Pag. 209, v. 11.

Roubos, assolações, incendios, mortes,

Todas, menos:

Roubos, desolações, incendios, mortes,

181, R. S., 1229, A. S., C.

Roubos, dissoluções, incendios, mortes,

1431, B., F. A., L.

Pag. 209, v. 16 e 17.

Mas, se assim succeder, constante e forte,
Irei para onde os fados me chamarem.

R. S., 1431, C., L.

Mas, se assim succeder, contente e forte,
Irei para onde os fados me chamarem.

1229, B., A. S., F. A.

Mas, se assim succeder, constante e forte,
Irei por onde os fados me chamarem.

As outras.

Pag. 209, v. 22.

A quem a grande empreza desvelava,

Falta no ms. 1431.

Pag. 210, v. 1 e 2.

Da occasião que a sorte lhe off'recia

Todas, menos:

Da occasião que a sorte lh'offerece
1831 P.

Pag. 210, v. 9.

A feroz Excellencia lhe infundira,

Todas, menos:

A feroz Excellencia lhe infundia,
1005.

Pag. 210, v. 12.

Assim corres veloz, e assim me deixas
181, R. S., A. S., F. A., C.,

Assim corres veloz, assim me deixas

As outras.

Pag. 210, v. 14.

O bispo vaes citar? Ah! tu não sabes

Todas, menos:

O bispo citar vaes? Ah! tu não sabes

L.

Pag. 210, v. 17.

Em seu conceito são graves insultos,

Todas, menos:

Em seu conceito são grandes insultos,
181.

Pag. 210, v. 19.

Tu, ó pobre Milheira, tu o dize,
1802, 1808, 1831 L., 1005, 1229, B., A. S.,
F. A., L.

Tu, ó pobre Milheiro, tu o dize,

As outras.

Pag. 211, v. 1.

Para insultar, sem termo, os pobres zotes,

Todas, menos:

Por insultar, etc.

L.

Pag. 211, v. 3.

A fazer longo tempo na cadeia

Todas, menos:

A fazer na cadeia longo tempo

L.

Pag. 211, v. 8.

Que prende, escorcha e rouba impunemente

Todas, menos:

Que prende, solta e rouba impunemente,
1229.

Pag. 211, v. 10.

Pois como a provocal-o hoje te arrojás,

Todas, menos:

Pois como a provocal-o hoje te atreves,
1005.

Como a prova-o pois hoje te arrojás,

L.

Pag. 211, v. 13.

• Ou fias-te talvez em que és sujeito

Todas, menos:

Ou te fias talvez em que és sujeito,
1821, 1831 P.

Pag. 211, v. 14.

• A outra jurisdição? Mas ah! repara
181, R. S., 1229.

A outra jurisdição? Mas oh! repara

As outras.

Pag. 211, v. 17.

• Oh! se um raio voraz do ceo descesse,
R. S., A. S., L.

Oh! se um raio voraz dos ceos descesse,

As outras.

Pag. 211, v. 21 a 25 e pag. 212, v. 1 a 8.

Olha o que succedeu ha pouco tempo

Ao charlatão do Medico Pequeno,

• Que a habito perpetuo de estudante

• Foi de Esculapio em junta condemnado

• Por sandeu e pascació; nós o vimos

Por não dar alimentos á consorte

Em dinheiro corrente, que, de balde

Os homens e as estrellas attestando,

Allegava não ter o miseravel.

• (E em vão para pagal-os off'recia,

• A venda de seus predios ou seus fructos)

Apezar da razão e da justiça.

Com publico pregão excommungado!

181, C., A. S., F. A., B., R. S.

Idem, menos o verso:

A venda de seus predios ou seus fructos

que está assim:

A venda de seus predios, dos seus fructos,
1005.

Idem, como na variante adoptada, me-
nos o verso:

A venda de seus predios ou seus fructos

que tem a seguinte differença:

A venda de seus predios e seus fructos,
1229, 1431, L.

Olha o que succedeu ha pouco tempo

Ao charlatão do Medico Pequeno,

(Que a habito perpetuo de estudante

Foi de Esculapio em junta condemnado)

Por não dar alimentos á consorte,

Em dinheiro corrente, que de balde,

Os homens e as estrellas attestando,

Allegava não ter o miseravel;

E em vão para pagal-os off'recia

A venda de seus predios ou seus fructos:

Apezar da razão e da justiça,

Com publico pregão excommungado.

As outras.

Pag. 212, v. 7.

Apezar da razão e da justiça,

Todas, menos:

A pezar da razão e da justiça,

Foi este pobre zote receitante, etc.

1834 P.

Pag. 212, v. 9.

• Bem que não possa d'elle asseverar-se

1229, 1431.

Bem que d'elle dizer se não pudesse

L.

Bem que d'elle dizer-se não se possa

181, 1005, R. S., A. S., F. A., C., B.

Bem que dizer-se d'elle se não possa

As outras.

Pag. 212, v. 11.

Não devera escapar por innocente,

1821, 1834 P.

Nem se quer escapou por innocente,

As outras.

Pag. 212, v. 12.

Pois só d'uma pennada a muitas almas

Todas, menos:

Pois d'uma só pennada a muitas almas

L.

Pag. 212, v. 15.

Para as barbas tirar-lhe e a cabelleira!

Todas, menos:

P'ra as barbas arrancar-lhe e a cabelleira.

A. S.

Pag. 212, v. 17 a 19.

por aquelles
Primeiros e suavissimos instantes
Do nosso doce amor, pela fé pura,

Todas, menos:

por aquelles
Primeiros e suavissimos instantes
Do nosso amor, pela fé pura e fãnta,
1431.

Pag. 212, v. 22.

Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras

Todas, menos:

A tanto não te exponhas: ah! não queiras

L.

Pag. 213, v. 1.

• Ou preso cruelmente e entregue ás garras
181, 1005, R. S., 1431, B., A. S., F. A., C., L.

Ou preso cruelmente, entregue ás garras

As outras.

Pag. 213, v. 5.

Longos annos da minha amarga vida.

Todas, menos:

Largos annos da minha amarga vida.

1005, F. A.

Pag. 213, v. 6 a 8.

Aqui um magoado e gran suspiro
• As queixas lhe atalhou; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

Todas, menos:

Aqui um magoado e gran suspiro
As queixas lhe atalhou; e o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.
1821, 1005.

Aqui um magoado e gran suspiro
As queixas lhe impediu, e o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.
1834 P.

Pag. 213, v. 12.

• Enxuga o triste pranto, ó bella esposa,
1005.

Enxuga o bello pranto, ó linda esposa,
R. S.

Enxuga o bello pranto, ó bella esposa,

As outras.

Pag. 213, v. 16.

• Nem tenho o Ferrabraz por inimigo;
181, R. S., 1229, 1431, B., A. S., L.

Nem tenho o Tamorão por inimigo;

As outras.

Pag. 213, v. 17.

Vou fazer meu officio, e bem conheço, etc.

Todas, menos:

Vou fazer meu officio, bem conheço, etc.
181, 1005, R. S. 1229, 1431, B., L., C.

Pag. 213, v. 18.

A quanto me abalço e me aventuro.

Todas, menos:

A quanto me abalço e aventuro.

1229, 1431.

Pag. 213, v. 20.

Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?

Todas, menos:

Que eu com o corpo fujo dos trabalhos?

R. S.

Pag. 213, v. 21 e 22.

De mais, que d'este excesso, a que me arrojo,
Tu a causa só es; pois d'outra sorte, etc.

Todas, menos:

De mais, que d'este excesso, a que me arrojo,
Es tu a causa, pois que d'outra sorte, etc.

A. S.

Pag. 213, v. 23.

Mal poderei, meu rico bem, comprar-te, etc.

Todas, menos:

Mal poderei, meu doce bem, comprar-te, etc.
181, 1005, R. S., 1229, 1131, B., A. S., F. A.,
C., L.

Pag. 214, v. 1.

• A saia, a capa, a fita, o leque e o pente.
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A.,
C., L.

A saia, a capa, a fita, o leque, o pente.

As outras.

Pag. 214, v. 2 e 3.

e eu não devo
Um gancho desprezar, etc.

Todas, menos:
 e eu não devo
 Um ganho desprezar, etc.
 181, 1005, R. S., A. S.
 Pag. 214, v. 9.

• E para me escapar do bispo ás iras
 R. S., L.
 } para me livrar do bispo ás iras
 As outras.
 Pag. 214, v. 12.

Tu me verás tornar sem frio ou febre,
 Todas, menos:
 Tu me verás volver sem frio ou febre,
 1831 P.
 Pag. 215, v. 3.

Quando o hom escrivão que prompto estava,
 Todas, menos:
 Quando o hom escrivão que á espelita estava,
 L.
 Pag. 215, v. 4 e 5.

Qual sagaz caçador, que alegre e fero
 Á porta d'uma moita a rez espera,
 1817, 1821, 1831 P., 1876.

Qual sagaz caçador, que alegre e fero
 Á porta de uma mancha a rez espera,
 As outras.
 Pag. 215, v. 12.

• Depois de lhe deitar a santa benção,
 A. S.
 Depois de lhe lançar a santa benção,
 As outras.
 Pag. 215, v. 15.

Entra a ler com trabalho; mas apenas
 Todas, menos:
 Vae lendo com trabalho; mas apenas
 1834 P.
 Pag. 215, v. 18 e 19.

se cem bocas.
 Cem linguas eu tivesse, e a voz de ferro,
 Todas, menos:
 se cem bocas.
 Se cem linguas tivera, e a voz de ferro,
 L.
 Pag. 215, v. 23.

• O rodeiam, agitam e transportam;
 A. S.

O rodeiam, o agitam e o transportam;

As outras.

Pag. 215, v. 24 e pag. 216, v. 1.

os olhos tintos
 D'um vivo e negro sangue, etc.

Todas, menos:

os olhos tintos
 D'um negro e vivo sangue, etc.

R. S., 1229.

Pag. 216, v. 2.

• Escuma, geme, brama e ringe os dentes.
 1005.

Espuma, geme, brama e range os dentes.
 1229, L.

Escuma, geme e brama, range os dentes

As outras.

Pag. 216, v. 3.

• Tão cruel, tão feroz, tão espantoso,
 181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F.,
 C., L.

Tão cruel, tão spantoso, tão feroz,

As outras.

Pag. 216, v. 4 e 5.

• Não freme, não avança, não se rasga
 O que mordido foi de cão damnado,

1005, 181, R. S., 1229, 1431, B., A. S., C., L.

Não trreme, não avança, não se rasga
 O que, etc.

As outras.

Pag. 216, v. 8.

Ao coração lhe chega e lh'o devora;

Todas, menos:

Ao coração lhe chega e o devora;
 1005, 1229, 1431.

Pag. 216, v. 9 a 11.

A vil Preguiça,
 Que a seu lado jazia recostada,
 Ao vel-o, d'alli fuge espavorida.

Todas, menos:

A vil Preguiça,
 Que a seu lado jazia recostada,
 Vendo-o assim, abala espavorida.

R. S.

Pag. 216, v. 12.

• Em fim, de raiva ardendo, grita e clama
 1229.

Em fim, em raiva ardendo, grita e clama

As outras.

Pag. 216, v. 12 a 14.

Aos lacaios que logo, sem piedade,
Aquelle infame e ousado lhe castiguem.

R. S., A. S., L.

Aos lacaios que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.

1802, 1806, 1817, 1834 L., 1876.

Aos lacaios que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lhe castiguem,

As outras.

Pag. 216, v. 16 e 17.

Arrancam das espadas, que, em desprezo
Das leis e magistrado, á cinta trazem,

Todas, menos :

Arrancam das espadas, que, em desprezo
Das leis e magistrado, á cinta tinham,

1005.

Pag. 216, v. 18 a 21.

E cheios de grande ira, quaes raivosos,
Arremessados cíes, que ardidos seguem
O fero javali, que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta moita,

Todas, menos :

E cheios de grande ira, quaes raivosos,
E ferozes leões, que ardidos seguem
O fero javali, que veloz foge
Na densa e basta moita a emboscar-se,

181, R. S., 1229.

No ms. 1431 o mesmo, menos o ultimo
verso, que está :

Na densa e vasta moita a emboscar-se,

E cheios de grande ira, quaes raivosos
E ferozes alões, que ardidos seguem
O fero javali, que veloz foge
Na densa e vasta moita a emboscar-se,

1005.

No ms. C. o mesmo, menos o ultimo
verso, que se lê :

Na densa e vasta moita a emboscar-se

E cheios de grande ira, quaes raivosos
E ferozes alões, que ardidos seguem
O fero javali, que veloz foge
Na densa e vasta moita a emboscar-se,

A. S., R.

No ms. F. A. o mesmo, menos o ultimo
verso que se encontra assim :

Na densa e basta moita a emboscar-se,

E cheios de grande ira, quaes raivosos
E ferozes leões, que ardidos seguem
O javali cerdoso, que a emboscar-se
Na densa e vasta moita veloz foge,

L.

Pag. 216, v. 22.

Correm, sem tino, após o bom Gonçalves,

Todas, menos :

Correm, sem tino, atraz do bom Gonçalves,
1005.

Correm, sem tino, após do gran Gonçalves,
1431.

Pag. 216, v. 24.

Os olha com desprezo e os insulta.

181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., C., L.

Os olha com desprezo e com insulto.

As outras.

Pag. 216, v. 25

Não de outra sorte rubido podengo,

Todas, menos.

Não de outra sorte rabido podengo,
1005, L.

Pag. 219, v. 7 e 8.

E sobre elle caindo a roaz turba

• Dos bairristas cachorros, que a namoram,

Todas, menos :

E sobre elle caindo a voraz turba
Dos bairristas cachorros que a namora,
1229.

E sobre elle caindo a roaz turba
Dos bairristas cachorros, que a namora,
1821, 1831 P., R. S.

Pag. 219, v. 10.

Corre, sem se deter, até que chega

Todas, menos :

Corre sem se deter, até que chegue
1005.

Pag. 219, v. 13 e 14.

• Contra elles se volve, e então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

A. S.

E contra elles se volve, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

F. A.

Contra elles se revolve, e então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

L.

Contra elles já se volta, e então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.
1229.

Contra elles se volta, e então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

R. S.

Contra elles se volve, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.
181, 1005, B., C.

Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

As outras.

Pag. 220, v. 3 a 6.

Entre a terrível, pestilente corja
De alguazil desalmados e vorazes,
Com inveja e louvor, serás de todos
Pelo primeiro beleguim contado.

Todas, menos:

Entre a terrível, pestilente corja
De alguazil desalmados e vorazes,
Serás, em honra de tão vil canalha,
Pelo primeiro beleguim contado.

R. S.

Entre a terrível, pestilente corja
De alguazil desalmados e vorazes
Pelo primeiro beleguim contado.

1229, 1431, B., F. A.

Entre a terrível, pestilente corja
D'alguazil desalmados e vorazes
Primeiro beleguim serás contado.

A. S., L.

Pag. 220, v. 7 a 9.

Entanto a Senhoria, que presente
A esta comica scena sempre esteve,
Chama a Fama veloz, etc.

Todas, menos:

Então a Senhoria, que presente, etc.
181.

A fera Senhoria, que presente, etc.

L.

Pag. 220, v. 9 e 10.

Que a gran nova ao deão leve ligeira.
e lhe encarrega

Todas, menos:

Que prompta a grande nova ao deão leve.
e lhe encarrega
R. S.

A gran nova ao deão leve ligeira.
e lhe encarrega
A. S.

Pag. 220, v. 20.

Qual foi o seu prazer dizei agora.
A. S.

Qual foi seu gran prazer dizei agora.

As outras.

Pag. 221, v. 3.

Nyctileu invocando, mais furiosas,
1802, 1808, 1817, 1831 L., 1876, 1229, 1431, B.

Nyctileu invocando, tão furiosas,
181, 1005, C., R. S.

Nyctelio invocando, tão furiosas,
A. S.

Nyctileu invocando, furiosas,
L.

Nyctelio invocando, mais furiosas,

As outras.

Posto que a Baccho se desse o nome
de Nyctelio, por se fazerem os seus sacri-
ficios nas festas Nyctelias, celebradas em
sua honra, adoptámos Nyctileu, pelo mo-
tivo de assim vir geralmente nos dithy-
rambos dos nossos poetas.

Pag. 221, v. 5.

Como o fumoso Lara corre as casas,
181.

Como o famoso Lara, etc.
1229, 1431, B., R. S., L.

Como o Lara famoso, etc.
A. S.

Como o farfante Lara, etc.

As outras.

Pag. 221, v. 5 e 6.

Como o fumoso Lara corre as cazas,
Gritando de contente. Os moços chama, etc.

No ms. 1005 estão assim estes dois ver-
sos:

Como o farfante Lara corre as cazas,
Gritando de contente os moços chama, etc.

Pag. 221, v. 8.

Todo o successo narra. Ora lhes pinta

Todas, menos:

O successo declara. Ora lhes pinta
1834 P.

Pag. 221, v. 11 e 12.

- Ó geração humana, quanto és faci.
- No meio da bonança a enfatuar-te,
1229, 1431.

Ó geração humana, e quanto és facil
No meio da bonança a enfatuar-te,
B.

Ó geração humana, e quanto és facil
No meio da bonança a enfatuar-te,
181, 1005, R. S., C., L.

Ó geração humana, oh! quanto és facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
A. S.

Ó geração humana, e quanto és facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,

As outras.

Pag. 221, v. 13 a 16.

Sem temer que a pellada, má Fortuna,
Lubrica, extravagante, caprichosa,
• No meio de seus mimos e delicias,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
181, 1005, R. S., A. S., B., F. A., C., L.

Sem temer que a Fortuna variavel,
Lubrica, extravagante, caprichosa,
No meio de seus mimos e delicias,
Te vire as costas e te mostre a calva.
1229.

Sem temer que a Fortuna variavel,
Lubrica, caprichosa e inconstante,
No meio de seus mimos e delicias,
Te vire as costas e te mostre a calva.
1431.

Sem temer que a pellada, má Fortuna,
Lubrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas e te mostre a calva

As outras.

Pag. 221, v. 17.

Tu, ó farfante Lara, em pouco espaço

Todas, menos:

Ah! tu, farfante Lara, etc.

R. S.

Pag. 221, v. 22.

Nos abysmos do céu desaparece.

Todas, menos:

Nos abysmos do céu se desvanece.
181.

Pag. 222, v. 1 a 3

Engolfado o deão nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos criados ordena *in continenti*

Todas, menos:

Socegado este subito alvorogo,
Ordena logo sua senhoria
1431.

Pag. 222, v. 4.

Que para festejar o feliz caso,

Todas, menos:

Que para festejar o feliz dia,
F. A.

Pag. 222, v. 5.

Uma esplendida ceia se prepare;

Todas, menos:

Uma esplendida ceia se apparehe;
1431.

Pag. 222, v. 6 e 7.

E á velha, que tambem de gosto salta,
Com risonho semblante intima e manda

Todas, menos:

E com risonho aspecto á ama intima
1431.

Pag. 222, v. 8 e 9.

Que não fique na grande capoeira
Folego vivo em tão festivo dia.

Todas, menos:

Que não fique na grande capoeira
Em tão festivo dia fol'go vivo.

R. S.

Pag. 222, v. 10 e 11.

maior prova
• De seu immenso gosto dar pretende:
1005, R. S., 1229, 1431, B., L.

maior prova
De seu intenso gosto dar pretende:

A. S.

maior prova
De seu immenso goso dar pretende:

As outras.

Pag. 222, v. 12 e 13

• Que um bizarro concerto de preludio
Sirva ao farto banquete determina,
181, 1005, C., F. A.

E que um bello concerto de preludio
Sirva ao farto banquete determina,
R. S.

Que bizarro concerto de preludio
Sirva ao farto banquete determina,

As outras.

Pag. 222, v. 16.

De cavallinhos fuscros, depois d'elle,
F. A.

De cavallinhos fuscros, depois d'isto,
R. S.

De cavallinhos fuscros, depois d'ella,

As outras.

Pag. 222, v. 18.

O galante espectaculo prepara.

Todas, menos:

O vistoso espectaculo prepara:
181.

Pag. 222, v. 21.

Ao passo que estas coisas se faziam,

Todas, menos:

Ao tempo que estas coisas se faziam,
R. S.

Emtanto que estas coisas se faziam,
1431.

Pag. 222, v. 23.

A barbara sentença executava,

Falta este verso no ms. 1005. Salto naturalmente do copista.

Pag. 225, v. 1 e 2.

Entre todos havia um velho gallo,
Pae da grande familia, etc.

Todas, menos:

Entre todos havia um velho gallo,
Pae de grande familia, etc.

1005, A. S., C., L.

Pag. 225, v. 2 e 3.

De mil feros rivaes, e respeitavel
victorioso
R. S.

De cem feros rivaes e respeitavel
victorioso

As outras.

Pag. 225, v. 3 e 4.

e respeitavel
• Pelo longo esporão e roxa crista:
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A.,
C.

e respeitavel
Pelo roxo esporão e roxa crista:

As outras.

Pag. 225, v. 5 e 6.

D'este pois nem sequer o vulto escapa
Da grande mortandade,

Todas, menos:

Porém nem sequer este occulto escapa
Da grande mortandade,

R. S.

CANTO SETIMO

Pag. 229, v. 3 e 4.

envolvia
Todo o nosso hemispherio em densa treva,

Todas, menos:

envolvia
Todo o nosso hemispherio em densas trevas

R. S.

Pag. 230, v. 3.

De tão altos varões nomes e manhas.

Todas, menos:

De tão grandes varões nomes e manhas.
1431.

Pag. 230, v. 7.

• Lhe sobreleva muito na avareza.

R. S.

Lhe sobreleva muito d'avareza.

As outras.

Pag. 230, v. 12 e 13.

O Noventa-Cabellos, conhecido
Por fido Achates do pomposo Lara;

Todas, menos:

O Noventa-Cabellos, conhecido
Perfido Achates o pomposo Lara,
1802, 1808, 1834 L.

Perfido é erro. Deve ser — por fido.
Achates ficou synonymo em geral de amigo.
pela sua grande amisade a Eneas,
como todos sabem, e aqui não lhe pôde
competir o epitheto de perfido.

O Noventa-Cabellos, conhecido
Por fido Achates do vaidoso Lara
1431, 1229.

Pag. 230, v. 14.

Homem sisudo e grave e o mais calado

Todas, menos:

Homem sisudo, grave e o mais calado
1229.

Pag. 230, v. 16.

• Excepto o triste, misero tacanho,
B.

Excepto o triste e misero Tacanho,
R. S.

Excepto o triste, misero Tacanho,

As outras.

Pag. 230, v. 18 a 21.

Muitos d'elle murmuram (feia Inveja,
Quem de teus dentes ficará isento,
Se não te escapa a simples Innocencia!)
Que não falla, porque fallar não sabe,

Todas, menos:

Muitos d'elle murmuram (feia Inveja,
Quem de teus dentes ficará isento,
Se não te escapa a simples Innocencia,
Que não falla, porque fallar não sabe!)
1817, 1876.

Pag. 231, v. 1.

Se não sabe fallar, sabe calar-se;

Todas, menos:

Se não sabe fallar, calar-se sabe;
R., S.

Pag. 231, v. 2 e 3.

• E, qual lubrica, negra sanguesuga,
Que, aferrando-se á pelle, se não solta,

Todas, menos:

Qual a lubrica, negra sanguesuga,
Que, aferrando-se á pelle, se não solta,
1821, C., L.

Qual a lubrica, negra sanguesuga,
Que, agarrando-se á pelle, se não solta,
R., S.

Pag. 231, v. 4.

Sem de todo fartar a cruel sede,

Todas, menos:

Sem de todo fartar a voraz sede,
181.

Sem de todo fartar a sede insana,
1431.

Pag. 231, v. 5.

Dos que encontra ás orelhas não se agarra;

Todas, menos:

Dos que encontra ás orelhas não se apega;

L.

Pag. 231, v. 6 a 8.

• Nem, sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas os não larga,
• Como costuma o zóte do Sardinha.

L.

E, sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas os não larga,
Como costuma o zote do Sardinha.

1802, 1803, 1817, 1834 L., 1876, 181, 1005,
R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A., C.

E não similha o zote do Sardinha,
Que, sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas os não larga.

1821, 1834 P.

Pag. 231, v. 9 e 10.

• O Vellez, arithmetico afamado,
181, 1005, 1229, B., A. S., F. A., C., L.

O Velloso, arithmetico afamado,

As outras.

Pag. 231, v. 14 e 15.

Elle sabe de Acclamo o grande scholio,

• De cabo a rabo, sem faltar-lhe verbo,
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A.
C., L.

Elle sabe de Acclamo o grande scholio,
De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo,

As outras.

Pag. 232, v. 2.

Entra o vaidoso, mulheril Perinha,

Todas, menos:

Entra o vaidoso, mulheril Pedrinha,
181.

Entra o vaidoso, mulheril Perilha,
R. S.

Pag. 232, v. 3 e 4.

Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,

• Parente em quarto grão de condes-duques,
181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., F. A., C., L.

Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,

As outras.

Pag. 232, v. 6 a 8.

Então de senhorias toda a casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se viu:

Todas, menos:

Então de senhorias toda a casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Inundada se viu:

181, B., 1005, 1229, A. S., F. A., C., L.

Então de senhorias toda a casa
Inundada se viu:

R. S.

Pag. 232, v. 11 e 12.

E, subindo-lhe ao cerebro, a cabeça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.

Todas, menos:

E, subindo-lhe ao cerebro e á cabeça,
De illustrissimos flatos a enchem toda.

1005.

Pag. 232, v. 13.

Não passou muito espaço, sem que á porta

Todas, menos:

Não passou grande espaço, sem que á porta
R. S., 1229.

Pag. 232, v. 17.

- O Leote, etc.

1005, R. S., 1229, 1431, B., F. A., C., L.

O Leite, etc.

As outras.

Pag. 232, v. 19.

- Mungir de um grande bode as duras tétas;
1005, B., A. S., F. A., L.

Mungir de um grande bode as grandes tétas;

As outras.

Pag. 232, v. 21.

Jazer em terra morto o bravo toiro

Todas, menos:

Jazer por terra morto o bravo toiro,

R. S.

Pag. 233, v. 1 a 3.

Estes, por onde passam, mil apódos,
Mil graças e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar escutam:

Estes, por onde passam, mil apódos,
Mil graças, mil risadas, entre a bulha
- Do vulgo insultador, soar escutam.

L.

Estes, por onde passam, mil apódos,
Mil graças e risadas, entre a bulha
Do povo insultador, soar escutam:
1005.

Estes, por onde passam, mil apódos,
Mil graças e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutam:

As outras.

Pag. 233, v. 6 e 7.

Passar suas ruas, hombro a hombro,
O celebre D. Felix e o Caturra.

Todas, menos:

Passar suas ruas juntamente
O celebre D. Felix e o Caturra.

1431.

Pag. 233, v. 10.

Com os dois pôde bem correr parelhas.

Todas, menos:

Co'os dois pôde mui bem correr parelhas.

A. S.

Pag. 233, v. 11.

Affastae, affastae: deixae passal-o;

Todas, menos:

Affastae, affastae: deixae que passe;

R. S.

Pag. 233, v. 14.

Com sonoro louvor publica a Fama.

Todas, menos:

Com canoro louvor, etc.

R. S.

Pag. 233, v. 18.

Onde, com distincção, se lêem seus nomes,

Todas, menos:

Onde, com distincção, se vêem seus nomes,

1005.

Pag. 233, v. 22 a 24.

De Thracia o gran cantor, que a cara esposa,
- Na solitaria praia descantando,
Duas vezes perdida, em vão chamava,

181, 1005, R. S., 1229, 1431, F. A., C., L.

De Thracia o gran cantor, que a cara esposa,
Na solitaria praia descantando,
Duas vezes perdida, em vão chamava;

As outras.

Pag. 234, v. 2 e 3.

Mais nobre, mais gagé e mais xibante.
até á dama

1817, 1821, 1831 P., 1876.

até á dama
Mais nobre, mais gagé e mais xarifa.
1802, 1808, 1834 L., R. S., F. A., C.

até á dama
Mais nobre, mais gagé e delicada.
181, 1005, B., A. S.

até á dama
Mais nobre, mais gajé, mais delicada.
1229, 1431, L.

Pag. 234, v. 5 e 6.

Os dias gasta, desfructando a honra
• De a rustica curar gente da Vargem,
181, 1005, 1229, B., A. S., C., L.

Os dias gasta, desfructando a honra
Da rustica curar gente da vargem,

As outras.

Pag. 234, v. 8 a 10.

Nem da empyrica sciencia o gran segredo,
As hervas, cataplasmas têm bastado
Para os males curar-lhe da cabeça.

Todas, menos:

Nem da empyrica sciencia o gran segredo,
Com hervas, etc.

R. S.

Pag. 234, v. 11.

Eis outro chega, de não menos fama,

Todas, menos:

Eis outro chega, não de menor fama,
181.

Pag. 234, v. 17.

De café, chocolate, chá, sorvete,

Todas, menos:

De café, chocolate, chá, cerveja,
B.

Pag. 234, v. 18.

D'um trago beberá toda uma pipa.

Todas, menos:

D'um gole beberá toda uma pipa.

A. S.

Pag. 234, v. 19 e 20.

• Este ceia não ha, jantar, merenda,
• A que prompto não vóe e não assista.

L.

Elle ceia não ha, jantar, merenda,
A que prompto não vóe, não assista.
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A.,
C.

Elle ceia não ha, não ha merenda,
A que prompto não vóe, não assista.

As outras.

Pag. 231, v. 21 a 23.

Tão rapida calar das altas nuvens
Não vé o passageiro em largo campo
A grasnadora gralha, o negro corvo

Tão rapida baixar das altas nuvens
Não vé, etc.

1005, R. S.

Tão rapida cair das altas nuvens
Não vé, etc.

B., A. S., L.

Pag. 235, v. 2 e 3.

Como correr se vé o bom fidalgo
• A voz, ao cheiro do mais vil banquete.
1431.

Como correr se vé o bom fidalgo
A voz e cheiro do mais vil banquete.

As outras.

Pag. 235, v. 5 e 6.

De alarve lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a cidade é conhecido.

Todas, menos:

De alarve lhe ficou o gentil nome,
Com que a toda a cidade é conhecido.
B.

De alarve lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a cidade é nomeado.
1229.

Pag. 235, v. 17.

• Tambem tremendo chega a passos lentos
R. S.

Então tremendo chega a passos lentos

As outras.

Pag. 236, v. 2 e 3.

Os calções eram pardos; os sapatos,
• As meias, o espadim, e os outros cabos
R. S., B., A. S.

Os calções eram pardos, os sapatos,
As meias e espadim e os outros trastes
1229, 1431.

Os calções eram pardos, e os sapatos,
As meias e espadim e os outros cabos

As outras.

Pag. 236, v. 5.

• A seu lado marchava o velho preto,
1802, 1808, 1834 L., 181, R. S., B., A. S.,
F. A., L.

A seu lado marchava o velho Preto,
As outras.
Pag. 236, v. 11.

Da tua patria, antiga Torres Vedras,
Todas, menos:
Da tua antiga patria, Torres Vedras,
R. S.
Pag. 236, v. 12.

Doutor em *Anno Historico*, não foste
Todas, menos:
Doutor do *Anno Historico*, não foste
B.
Pag. 236, v. 12 e 13.

• O último que entrou na rica sala.
não foste
R. S.

Dos ultimos a entrar na rica sala.
L.
não foste
Dos ultimos que a rica sala entraram.
1817, 1821, 1831 P., 1876, 1005.

Dos ultimos que entrou na rica sala.
não foste
As outras.
Pag. 236, v. 17.

• Mas da justiça o amor não me consente
R. S.

Mas da justiça o amor me não consente
As outras.
Pag. 236, v. 19.

• Entre as trevas que espalha somnolenta
181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., F. A., L.

Entre a treva que espalha somnolenta
As outras.
Pag. 237, v. 3 e 4.

Junta emfim a selecta companhia,
• O vistoso salão em torno c'rdã.
L.

Junta emfim a selecta companhia,
O vistoso salão em torno cercam.
R. S.

Junta emfim a selecta companhia,
O vistoso salão em torno c'roam.
As outras.
Pag. 237, v. 6.

Deu signal o deão, e uma sonata, etc.

Todas, menos:
Fez signal o deão, e uma sonata, etc.
181.

Deu signal o deão. Uma sonata, etc.
L.
Pag. 237, v. 6 e 7.

• De adufe, de machete e castanholas,
e uma sonata
R. S.

De cravo, de machete e castanholas,
e uma sonata
As outras.
Pag. 237, v. 10.

• E que equal nunca viu em seus theatros
1802, 1808, 1817, 1834 L., 1876, 1229, B., C.,
L.

E que nunca equal viu em seus theatros
A. S.

E que equal nunca ouviu em seus theatros
As outras.
Pag. 237, v. 12 e 13.

O grande Eugenio e o famoso Felix
• Foram os virtuosos, que o cantaram.
1229.

O grande Eugenio e o famoso Telles
Foram os dois virtuosos, que o cantaram.
F. A.

O grande Eugenio e o famoso Felix
Foram os dois virtuosos, que o cantaram.
As outras.
Pag. 237, v. 14 e 15.

Se tu, ó estremada Zamperini,
• Que em Lisboa os casquilhos embasbacas,
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A.,
C., L.

Se tu, ó estremada Zamperini,
Que em Lisboa os casquilhos embaraças,
As outras.
Pag. 238, v. 1 até pag. 245, v. 12.

Depois o Vidigal ligeiro toma
até
A radiante luz de cem bugias.
Toda esta passagem acha-se substituida
no ms. 1431 por estes versos:
Finalmente, depois de largo espaço
Guincharem as rabecas, de rosnarem

Fazote, rabeção e os dois cantores
Berrarem em tenor e mais falsete,
Se chegam para a mesa, onde brilhavam
Em tortas serpentinas mil bugias.

Falta, portanto, todo o trecho em que é
criticada a camara de Elvas.

Pag. 238, v. 9.

• Via-se o gordo deus alli sentado
R. S.

Jazia o gordo deus alli sentado
1831 P.

Estava o gordo deus alli sentado

As outras.

Pag. 238, v. 10.

N'um grande carro, que virentes parras

Todas, menos:

N'um grande carro, que virentes palmas
1005.

N'um verde carro, que virentes parras

R. S.

Pag. 238, v. 14 a 16.

e o moço imberbe
• Co'um verde thyrsos co'uma mão picava
Os dois accesos, mosqueados tigras,

L.

e o moço imberbe
Co'o verde thyrsos co'uma mão picava, etc.
1802, 1808, 1817, 1831 L., 1876.

e o moço imberbe
Co'o verde thyrsos, d'uma mão picava, etc.

As outras.

Pag. 238, v. 18.

• Do saboroso sumo um cheio vaso.

B., A. S., F. A.

De saboroso sumo um cheio vaso.

As outras.

Pag. 238, v. 21 e 22.

de verde hera
• Croada tinha a frente o semi-capro;

A. S.

de hera verde
Croada a frente tinha o semi-capro;

R. S.

de verde hera
Croada a frente tinha o semi-capro;

As outras.

Pag. 241, v. 3 a 7.

De foliões silenos uma tropa,
• Que so para o suster o rodeava,
• Alegrementemente lhe fazia a cõrte,
E sobre ella lançava o bom Sileno,
Todo risouho, os mal abertos olhos.

R. S.

De foliões silenos uma tropa,
Quasi para o suster o rodeava,
E sobre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal abertos olhos.

As outras.

O ms. L. tem além d'isto — folgasões silenos — em vez de — foliões silenos, e o ms. A. S., em vez de:

E sobre ella lançava o bom Sileno,

E então sobre ella alçava o bom Sileno,

Pag. 241, v. 9.

• Mil bacchantes, mil satyros lascivos,

L.

Mil bacchantes e satyros lascivos,

As outras.

Pag. 241, v. 10.

Dando nos ares descompostos saltos;

Todas, menos:

Dando nos ares saltos descompostos;

R. S.

Pag. 241, v. 11 e 12.

Uns tocavam buzinas retorcidas,
Outros rijos adufes e pandeiros,

Faltam no ms. B.

Pag. 241, v. 13.

O Vidigal, pegando no instrumento,

Todas, menos:

O Vidigal, tomando o instrumento,

181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., F. A., C., L.

Pag. 241, v. 14.

• Ao deus se encommendou, a quem amava,

181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., F. A., C., L.

Se encommendou ao deus, a quem amava,

As outras.

Pag. 241, v. 15.

• E, dando ás esc'ravelhas largo espaço,

1229, L.

E, dando á escarvelha largo espaço,
As outras.

Pag. 241, v. 24.

Como a festiva companhia pende

Todas, menos:

Como pende a festiva companhia
1229, A. S.

Pag. 241, v. 24 e pag. 242, v. 1 a 4.

Como a festiva companhia pende
Dos duros berros do cantor famoso,
Que da patria em louvor assim começa:
«O grande Elvas, cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!

Como a festiva companhia pende
Dos duros berros do cantor famoso.
O grande Elvas (dizia) em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!

R. S.

Pag. 242, v. 2.

• Que da patria em louvor assim começa:
1005, B., A. S., L.

Que assoado e escarrado assim cantava:
181.

Que da patria em louvor assim dizia:

As outras.

Falta no ms. L.

Pag. 242, v. 7.

Mas donde minha voz a teus louvores
1821, 1834 P., 1431.

Mas donde a minha voz a teus louvores
1802, 1808, 1817, 1834 L., 1876.

Mas donde minha lingua a teus louvores

As outras.

Pag. 242, v. 8.

• Dará principio? Tu, ó loughão Baccho,
R. S.

Dará principio? O beberrição Baccho,
1229.

Dará principio? Tu, ó brincão Baccho,

As outras.

Pag. 242, v. 12 e 13.

• Que tua gloria illustram, pois não chega
• Um engenho mortal a tantas coisas,
R. S.

Que tua gloria illustram, pois não póde
Um engenho mortal todas as coisas
Abranger co'o acceso pensamento;

1834 P.

Que tua gloria illustram, pois não póde
Um engenho mortal todas as coisas
N'um instante contar, dizer não sabe!

1005, B., L., A. S.

Que tua gloria illustram pois não póde
Um engenho mortal todas as coisas;

As outras.

Pag. 242, v. 17 a 19.

Por se acharem as rendas do concelho
Em luminarias, lutos e propinas,
Todas, em seu proveito, consummadas,

Todas, menos:

Por se acharem as rendas do concelho
Em lutos e propinas consummadas,

R. S.

Pag. 242, v. 20.

• Quatro gatos mandou deitar de ferro.

F. A.

Quatro gatos mandou lançar de ferro.

As outras.

Pag. 242, v. 21 a 24.

Com tal arte feria o cantor destro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,

Todas, menos:

Com tal arte feria o cantor destro,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo, gracioso caso,
Do pequeno instrumento as tesas cordas,
1005, R. S., B., A. S., 1229, F. A., L.

Pag. 243, v. 1 e 2.

parecia
• Ouvirem-se no sino as martelladas.
R. S.

parecia
Que se ouviam no sino as martelladas.

As outras.

Pag. 243, v. 3.

Que direi, proseguiu, da subtileza,

Todas, menos:

Que direi, prosequia, da destreza,
A. S.

Pag. 213, v. 4.

Com que gravar mandaste sobre a porta,

Todas, menos :

Com que mandar gravaste sobre a porta,
1802, 1808, 1834, L.

Tão grave erro, que passou em todas estas edições, mostra claramente, além d'outras razões, como as duas ultimas não são mais do que a cópia servil da primeira.

Pag. 243, v. 7.

A famosa inscripção em negras letras?

Todas, menos :

A famosa inscripção com negras letras?
B.

Pag. 243, v. 16.

Com que assustou os circumstantes todos ;

Todas, menos :

Que os circumstantes todos assustou ;
1229.

Pag. 243, v. 20.

Qual misero e novel frangão, castrado,

Todas, menos :

Qual misero e novel frangão, capado,
A. S.

Pag. 243, v. 21.

• Só então dignamente em fino tiple,
R. S.

Quanto então dignamente em fino tiple,
L.

Então só dignamente em fino tiple,
1005.

Que então só dignamente em fino tiple,
As outras.

Pag. 243, v. 22.

Qual Achilles nas operas d'Italia,

Todas, menos :

Qual Cafarel nas operas d'Italia,
1005, B., A. S.

Qual Jaciel nas operas de Italia,
R. S.

Qual se fosse nas operas d'Italia,
L.

Falta no ms. 181.

Pag. 243, v. 23.

De teu grave senado cantaria

Todas, menos :

De teu grande senado cantaria
L.

Pag. 244, v. 11.

Com que a Fama espalhava vagamente

Todas, menos :

Com que a Fama espalha vagamente
1808, 1834 L.

Por este erro, não fallando n'outros, parece que a edição de 1834 L. foi feita pela de 1808.

Pag. 144, v. 17 a 25. e Pag. 1, v. 1 e 2.

Então, coisa pasmosa ! os ovos molles, etc.

Então, coisa pasmosa ! os ovos molles,
Arroz doce, cidrão e leite creme,
• Cobriram n'um instante toda a praça,
• Que o povo ás rebatinhas, apanhava ;
• De toda a parte então chover se viam
• As pellas do tostado manjar branco,
• Qual nas tardes de maio, quando Jove
Com a rubida mão dardeja irado,
Por entre as negras, condensadas nuvens,
Com medonho fragor torcidos raios,
Cae a grossa saraiva enchendo os campos.
181.

Então (coisa pasmosa !) os ovos molles,
Arroz doce, cidrão e leite crespão,
Que o povo ás rebatinhas apanhava,
De toda a parte a flux chover se viam,
Cobrindo n'um instante toda a praça.
Qual nas tardes de maio, quando Jove
Com a rubida mão dardeja irado,
Por entre as negras, condensadas nuvens,
Com medonho fragor torcidos raios,
Cae a grossa saraiva, alaga os campos ;
Taes de manjar branco os tostadas pellas,
1821, 1834 P., 1431.

Nas edições de 1817 e 1876 está d'este modo, menos a palavra: *alaga*, que é substituida pela palavra: *enchendo*.

Então (coisa pasmosa !) os ovos molles,
Arroz doce, cidrão e leite crespão
Cobriram n'um instante toda a praça,
Que o povo ás rebatinhas apanhava.
De toda a parte então chover se viam
(Qual nas tardes de maio, quando Jove
Com a rubida mão dardeja irado
Por entre as negras, condensadas nuvens,
Com medonho fragor torcidos raios,
Cae a grossa saraiva enchendo os campos)
As pellas do tostado manjar branco.
1802, 1808, 1834 L., 1005, L.

Nos ms. 1229, B., C., A. S., F. A., é igual esta passagem á variante antecedente, com a unica differença de: *viram*.

em lugar de: viam, no v. 21. No ms. R. S., porém, apresenta, além d'esta, outra differença no v. 25, que ahí se acha do seguinte modo:

Por entre as densas, denegridas nuvens,

Pag. 245, v. 5.

Tinha feito crescer agua na boca,

Todas, menos:

Tinha feito criar agua na boca,
1229, B., A. S., L.

Pag. 245, v. 8 e 9.

Em tropel se levantam, e, lançando
Pela terra cadeiras e instrumentos,

Todas, menos:

Em tropel se levantam, e, arrojando
Pela terra, etc.

R. S.

Pag. 245, v. 11.

Nos doirados cristaes, nos finos pratos,

Falta no ms. 1005.

Pag. 245, v. 13 a 16.

O primeiro que occupa a cabeceira
É o tolo Aguilar; sem cumprimento
Entra logo a cevar a fera gula,
Exemplo que os mais seguem vorazmente.

Estes versos são substituidos pelos seguintes no ms. 1431:

As viandas se põem e a voraz gula
Com vil soffreguidão entra a cevar-se
Em cem pratos diversos, cem manjares.

Pag. 245, v. 14.

É o tolo Aguilar; sem cumprimento

Todas, menos:

É o nobre Aguilar; etc.

1005, 1229, B., A. S., F. A., L.

É o grave Aguilar; etc.

R. S.

Pag. 245, v. 15.

Entra logo a cevar a fera gula;

Todas, menos:

Entra logo a cevar a feia gula;
1229.

Pag. 245, v. 17 a 19.

Brilha nos copos o rosado sumo,
Que desterra a cruel melancholia;
Na mesa festiva! reina a saude!

R. S., 1431, A. S.

Brilha nos copos o rosado sumo,
Que desterra a cruel melancholia
Da mesa festiva! — reina a saude!

As outras.

Pag. 245, v. 20.

• Mas de todos tu foste, ó gran Gonsalves,

Todas, menos:

Mas de todos tu foste, gran Gonçalves,
1817, 1821, 1876, A. S., C.

Pag. 245, v. 21.

• Quem as primeiras colhe; todos brindam
181, C.

Que colheste as primeiras; todos brindam
A. S.

Quem as primicias colhe; todos brindam

As outras.

Pag. 246, v. 5 e 6.

Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Giravam sem cessar; sua excellencia

Todas, menos:

Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Se dizem sem cessar, sua excellencia
1431.

Pag. 246, v. 7 e 8.

De todos era o alvo; todos n'elle
Malhavam satisfeitos e contentes;

Todas, menos:

De todos era o alvo e todos n'elle
Malhavam satisfeitos e contentes;

181.

Pag. 246, v. 9 a 11.

Uns a brilhante escolha lhe louvavam
Dos synodæes theologos; do Arronches,
Eximio pregador, que leu inteiro

Todas, menos:

Uns a brilhante escolha lhe louvavam
Dos synodæes theologos do Arronches,
O eximio pregador, que leu inteiro

R. S.

Pag. 246, v. 17.

Outros a prepotencia celebravam,

Todas, menos:
 Outros a petulancia celebravam,
 1005. Pag. 246, v. 18.
 Com que, de moto proprio, um pobre leigo
 Todas, menos:
 Com que, de proprio moto, um secular
 R. S. Pag. 247, v. 1.
 Este a grande philaucia encarecia,
 Todas, menos:
 Este a grande fiducia encarecia,
 181.
 Este a grande philaucia engrandecia,
 1005. Pag. 247, v. 6 e 7.
 Com que ministro eleito á grande Roma
 A julgar-se chegou; e, rodeado
 Todas, menos:
 Com que ministro eleito á grande Roma
 Se chegou a julgar; e, rodeado
 R. S. Pag. 247, v. 7 e 8.
 e, rodeado
 De pagas petulantes e lacaios,
 Todas, menos:
 e, rodeado
 De pagens insolentes e lacaios,
 1431. Pag. 247, v. 9 e 10.
 • Já do Tibre assombrar as verdes margens
 • Com malhados frizões imaginava.
 B., A. S.
 Já do Tibre assombrar as verdes margens
 Em malhados frizões imaginava.
 1005.
 Já o Tibre assoberbar e as verdes margens
 Em malhados frizões imaginava.
 1 02, 1808, 1834 L., F. A.
 Já do Tibre pizar as verdes margens
 Com malhados frizões imaginava.
 1229, 1431.
 Do Tibre assoberbar frizões imaginava
 1876.
 Isto é erro manifesto, tanto mais que
 a edição de 1876 foi feita pela de 1817.
 Do Tibre assoberbar as verdes margens
 Em malhados frizões imaginava.
 As outras.

Pag. 247, v. 11.
 E todos, sem respeito, blasphemavam
 Todas, menos:
 Em fim ousados todos blasphemavam
 R. S.
 Pag. 247, v. 16 e 17.
 Nem tu, gentil roupão de fresca chita,
 Com que á grande janella empanturrado
 Todas, menos:
 Nem tu, grande roupão de fresca chita,
 Com que á grande janella empantufado
 1005.
 Nem tu, gentil roupão de fina chita,
 Com que á grande janella empanturrado
 R. S.
 Nem tu, roupão gentil de fresca chita,
 Com que á grande janella empanturrado
 A. S.
 Pag. 247, v. 20.
 Ás suas tezoiradas escapaste.
 Todas, menos:
 Ás fortes tezoiradas escapaste.
 L.
 Pag. 248, v. 1.
 • Entre tantos motejos só calado,
 1229.
 Entre tantos motejos, só, calado,
 As outras.
 Pag. 248, v. 1 a 6.
 Entre tantos motejos só calado,
 Chupando os dedos e roendo os ossos,
 Comia e mais comia o D. Alarve;
 E algum caso fatal, de quando em quando,
 Todo cheio de espanto, recontava
 Do *Anno Historico* o grosso e torto Silva.
 Estes seis versos acham-se substituidos
 pelos tres seguintes no ms. 1431:
 Entre tantos motejos só mesclava
 Do *Anno Historico* algum fatal successo,
 De tempo em tempo, o decantado Silva.
 Pag. 248, v. 2.
 Chupando os dedos e roendo os ossos,
 Todas, menos:
 Chuchando os dedos e roendo os ossos.
 1005.
 Pag. 248, v. 3.
 Comia e mais comia o D. Alarve;

Todas, menos:

Comia e mais comia o bom Alarve;

R. S. Pag. 248, v. 6.

Do *Anno Historico* o grosso e torto Silva.

Todas, menos:

Do *Anno Historico* o grosso e tardo Silva.
1005.

Pag. 248, v. 7 e 8.

Quando subitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer ao repetil-o!)

Todas, menos:

Quando subitamente (caso raro
Que as carnes faz tremer ao repetil-o!)
1005.

Pag. 248, v. 15.

Co' o nosso sangue o prospero successo,

R. S.

Com nosso sangue o prospero successo,

As outras.

Pag. 248, v. 17.

Que por fim cederás a teu contrario »

Todas, menos:

Porque em fim cederás a teu contrario. »

L.

Pag. 251, v. 3.

A recheiada mesa baquearam:

Todas, menos:

A recheiada mesa derribaram:
1229, 1431.

Pag. 251, v. 8.

Se foram, sacudindo os calcanhares.

Todas, menos:

Partiram, sacudindo os calcanhares.

R. S.

CANTO OITAVO

Pag. 255, v. 8.

Tornaram outra vez a ver o dial

Todas, menos:

Sahiram outra vez á luz do dial

R. S.

Pag. 256, v. 1 a 4

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cada uma de per si, os excitava;

E sobre tudo a fome devorante
Do luzente metal, que o mundo encanta.

Todas, menos:

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cada uma de per si, os excitava;
Mas, sobre tudo, a fome devorante
Do luzente metal, que o mundo encanta.

R. S.

Pag. 256, v. 4.

Do luzente metal, que o mundo encanta.

Todas menos:

Do luzido metal, que o mundo encanta.
181.

Pag. 256, v. 5.

De papel muita resma em letra grossa,
1005

De papel muita resma em letra grifa,

As outras.

Pag. 256, v. 11.

Em um dos aureos discos põe attento
1431, B., A. S.

E n'um dos aureos discos põe attento

As outras.

Pag. 256, v. 15 a 17.

Por um geral edicto á corte chama

Os vaidosos magnatas, e em conselho,
Com fera continencia, assim lhes falla:
L.

Por um geral edicto á corte chama
Os vaidosos magnatas, e iracundo,
Com fera continencia, assim lhes disse:
1229, 1431.

Por um geral edicto á corte chama
Os vaidosos magnatas, e em senzala,
Com fera continencia, assim lhes disse:

As outras.

Pag. 256, v. 22 e 23.

Mas o tempo, que a todos desengana,
Me mostrou quanto errava, e quão perdidos, etc.

Todas, menos:

Mas o tempo, que a todos desengana,
Me mostra quanto errava, e quão perdidos, etc.

R. S., A. S.

Pag. 257, v. 10 e 11.

de abrir os olhos
Ao mundo fascinado, e de mostrar-lhe, etc.
181, R. S., 1229, 1431, B., L., A. S., F. A., C.

de abrir os olhos
Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe, etc.

As outras.
Pag. 257, v. 12.

Que nada têm de real vossas pessoas,

Todas, menos:

Que nada têm real vossas pessoas,
L.

Que nunca houve em vós realidade,
R. S.

Pag. 257, v. 13,

• Mas que só sois chimericos fantasmas:
R. S.

Que todas são fantasticas chimeras:
1831 P., A. S., F. A., 1005, L., 1229.

Que todos são fantasticas chimeras:
As outras.

Pag. 257, v. 14.

Que nenhum de vós outros se intrometta

Todas, menos:

Que nenhuma de vós queira metter-se
L.

Pag. 257, v. 16.

• Entre o bispo e o deão da igreja d'Elvas.»
1005, R. S., 1229, B., F. A., C. L.

Entre o bispo e deão da igreja d'Elvas.»

As outras.

Pag. 257, v. 21.

Vendo, por este modo, as mãos atadas,

Todas, menos:

Vendo, por este modo, as mãos cortadas,
L.

Pag. 258, v. 1.

A carpir, se retira n'um deserto,

Todas, menos:

A chorar, se retira n'um deserto,
181, R. S., 1229, 1431, B., A. S., L.

Pag. 258, v. 3.

Entre tanto o deão confuso, afflicto

Todas, menos:

Entre tanto o deão confuso e afflicto
1229.

Entre tanto o deão triste e abatido
L.

Pag. 258, v. 9.

Mas, em seus pensamentos abysnado,

Todas, menos:

Mas, em seus pensamentos elevado,
1005, R. S., A. S., L., 1229, B.

Mas, sempre em pensamentos elevados,
1431.

Mas, em seus pensamentos enlevado,
F. A.

Pag. 258, v. 10.

Comia pouco, pouco repoisava;

Todas, menos:

Com'a pouco e pouco repoisava;
1229, 1431, C.

Pag. 258, v. 11.

• Nem joga; nem café, nem chá bebia.

1802, 1803, 1831 L., 1229, 1431, B., F. A., C.

Nem jogo, nem café, nem chá queria.

R. S., L.

Não joga, nem café, nem chá bebia.

As outras.

Pag. 258, v. 17.

No escuro canto d'uma nua sala.

Todas, menos:

No triste canto d'uma nua sala.
181.

No escuro canto d'uma rica sala.
1229, 1431.

Pag. 258, v. 19.

Do afflicto patrão a grave pena,

Todas, menos:

Do affligido patrão a grave pena,
1229, 1431, B., F. A., L.

Pag. 259, v. 5.

Tão gorda e reverenda, tão affavel

Todas, menos:

Tão gorda, reverenda e tão affavel
R. S., 1229.

Pag. 259, v. 6 e 7.

(Até para os seus servos) tão mudada
Está do que já foi,

Todas, menos
 Para todos seus servos, tão mudada
 Está do que já foi,
 L.
 Pag. 259, v. 11.

Supponho que lhe deram mal d'olhado!
 Todas, menos:
 Supponho que lhe deram mau olhado!
 1005.
 Pag. 259, v. 14.

Sei benzer e curar por mil maneiras:
 Todas, menos:
 Sei benzer e curar de mil maneiras:
 C., L.
 Pag. 259, v. 15 a 17.

Porém, se a causa é outra, não m'a occulte,
 Que talvez lh'eu descubra algum allivio:
 Pois mil vezes na planta desprezada, etc.
 Todas, menos:
 Porém, se a causa é outra, não m'a occulte
 Pois talvez lh'eu descubra algum allivio:
 Pois mil vezes na planta desprezada, etc.
 181.
 Porém, se a causa é outra, não m'a occulte,
 Pois talvez lh'eu descubra algum allivio:
 Que mil vezes na planta desprezada, etc.
 1005, 1229, 1431, B., A. S., C., L., F. A., R S.
 Pag. 259, v. 18.

• Da grave enfermidade se acha a cura. »
 R. S.
 Da grave enfermidade está a cura. »
 181, 1005, 1229, 1431, B., A. S., C., L.
 Da grande enfermidade está a cura. »
 F. A.
 Está da grave enfermidade a cura. »
 As outras.
 Pag. 259, v. 21 e 22.

em que meu brio,
 • Meu ser e minha gloria se interessam?
 181, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A., C.
 em que meu brio,
 O meu ser, minha gloria se interessam?
 As outras.
 Pag. 260, v. 1 e 2.

Que mais causa
 Em mim pretende pois de viver triste?

Todas, menos:
 Que mais causas
 Em mim, etc.
 R. S., 1229.
 Que mais causa
 Pretende pois que tenha d'estar triste?
 L.
 Pag. 260, v. 3.

Oh! se os astros cruéis têm ordenado
 Todas, menos:
 Ah! se os astros cruéis têm ordenado
 181, C.
 Pag. 260, v. 5 e 6.

Me verá estalar sem frio ou febre,
 Entre as barbaras mãos d'este desgosto. »
 Todas, menos:
 Me verá estalar sem frio ou febre,
 Entre as barbaras mãos do meu tormento. »
 1431.
 Entre as barbaras mãos de meu desgosto,
 Me verá estalar sem frio ou febre. »
 L.
 Pag. 260, v. 8.

Se da sua tristeza é essa a causa,
 Todas, menos:
 Se da sua tristeza essa é a causa,
 L.
 Pag. 260, v. 9.

Tem por certo rasão para affigir-se;
 Todas, menos:
 Rasão por certo tem para affigir-se;
 181, 1005, R. S., 1229, B., A. S., C., L.
 Pag. 260, v. 12 e 13.

Na minha mocidade instituida.
 Fui nas artes da madre Celestina,
 1821, 1834 P.
 Eu sendo moça instituida, etc.
 1802, 1808, 1817, 1831 L., 1876.

Esta licção parece ser a mesma que a
 seguinte, suppondo-se que por lapso do
 copista esqueceu escrever a palavra — se-
 nhor.
 Instituida é palavra muito usada pelo
 poeta.
 Eu, senhor, sendo moça, instituida, etc.
 181, R. S., 1431, B., F. A., L.
 Eu, senhor, sendo moça, instruida, etc.
 1229, C.

Eu, senhor, sendo moça, industriada, etc.

A. S.

Pag. 260, v. 13 a 15.

Fui nas artes da madre Celestina,
Pela velha Canidia; muito trato, etc.

Fui nas artes da madre Celestina,
Por uma grande bruxa; muito trato, etc.
1005, F. A.

Pag. 260, v. 16.

Tive então com o sabio Abracadabro,

Todas, menos :

Tive então com o grande Abracadabro
181, R. S., 1229, 1431, B., A. S., L.

Pag. 260, v. 19.

Este estupendo magico conhece

Todas, menos :

Este famoso magico conhece
1005.

Pag. 260, v. 21 e 22 e pag. 261, v. 1 a 4.

Das aves e animaes; com seus conjuros
Muda as loiras cearas; sobre a terra
Mil vezes faz descer trovões e raios;
Arranca do alto céu a branca lua;
Em negro urso mil vezes se converte,

Todas, menos :

Das aves e animaes; e sobre a terra
Mil vezes faz descer trovões e raios;
Do céu sereno arranca a branca lua;
Mil vezes se converte em negro urso,

R. S.

Pag. 261, v. 6 a 8.

Este pois mudar póde do Destino
As leis e a natureza, e mentiroso
Tornar, se lhe parece, o triste agoiro

Todas, menos :

Este pois mudar póde do Destino
As leis e a natureza, e mentiroso
Tornar, se elle quizer, o triste agoiro

R. S.

Este pois mudar póde a seu destino
As leis, a natureza, e em mentiroso
Tornar, se lhe parece, o triste agoiro

L.

Pag. 261, v. 10.

Se fôr do seu agrado, iremos ambos.

Todas, menos :

Se fôr de seu gosto, iremos ambos.

B.

Deve ser erro do copista ou transposi-
ção de palavras — seu gosto — em vez de
— gosto seu.

S' isto seu gosto fôr, iremos ambos.

A. S.

Pag. 261, v. 13 e 14.

Do magico feroz o horrendo aspecto.

Todas, menos :

Ao aspecto fatal do fero bruxo.

L.

Pag. 261, v. 15 a 19.

Não de outra sorte está carvalho annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente de um só fio, com a queda,
Cem partes ameaça, e a verde côpa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.

Todas, menos :

Não de outra sorte está o cedro annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Com a queda cem partes ameaça,
Mas a verde, frondosa, altiva côpa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.

R. S.

Além d'isto o ultimo verso d'esta va-
riante acha-se do seguinte modo no ms.
181 :

A nenhuma, por tempo longo, inclina.

Pag. 261, v. 21 e pag. 262, v. 1 a 3.

tanto em seu peito
• A raiva e a cruel vingança podem !
• E, dando um gran gemido, estas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca :

R. S.

Tanto em seu peito
A raiva póde e a cruel vingança !
E, dando um gran gemido, estas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca :
181, C., A. S., 1005, 1229, 1431, B., F. A., L.

Tanto em seu peito
Póde a raiva, pode a cruel vingança !
Dando um grande gemido, estas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca :

As outras.

Pag. 262, v. 6 e 7.

Era alta noite, e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca lua,

Todas, menos :

Era alta noite, e os céos esclarecia, etc.

A. S.

Pag. 262, v. 13 a 18.

Então o corpo todo agita e move, etc.

Então o corpo topo agita e move,
Com medonhos espares, e rosando
Em baixo som, por entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa velha,
Ao farfante deão diz açodada:
«Voemos» — E n'um ponto (coisa rara! etc.

Todas, menos:

Então por entre os podres dentes rosna
Certas palavras a malvada velha,
E, cheia de furor, ao deão disse:
«Vamos» — E n'um ponto (coisa rara! etc.

181.

Então por entre os podres dentes rosna
Certas palavras a nojenta velha,
E, cheia de furor, ao deão disse:
«Vamos» — E n'um momento (coisa rara! etc.

R. S.

Então por entre os podres dentes rosna
Certas palavras a nojenta velha,
E, cheia de furor, ao deão disse:
«Voemos» — E n'um ponto (coisa rara! etc.

1229, 1431, B., A. S., L.

Pag. 262, v. 22 e 23 e pag. 265, v. 1 e 2.

D'Alcaçova o prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então a casa,
Do Nunes bacchanal em companhia,
D'um puxativo escaida, se tornava,

Todas, menos:

D'Alcaçova o prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então a casa,
Do Nunes Bacchanal em companhia,
Co'um puxativo escaida se tornava,

1817, 1876.

D'Alcaçova o prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então a casa,
Do Nunes Bacchanal em companhia,
Co'um puxativo caldo se tornava,

R. S., 1229, 1431.

Pag. 265, v. 7 e 8.

Faz pé atrás; mas tropeçando, acaso,
N'um podeugo, etc.

Todas, menos:

Faz pé atrás; mas embicando, acaso,
N'um podengo, etc.

1005, R. S., B., A. S., F. A., L.

Pag. 265, v. 10.

De costas se estendeu na dura terra,

Todas, menos:

De costas se estendeu na terra dura

181.

Pag. 265, v. 11.

Coberto de vergonha, esterco e lama.

Falta no ms. 1005.

Pag. 265, v. 16.

Sem descansar, talhando os subtís ventos;

Todas, menos:

Sem descanso, talhando os subtís ventos;
1431.

Pag. 265, v. 22.

Pois, ao vibrar um talho, o D. Quixote

Todas, menos:

Pois, no vibrar um talho, o bom Quixote
181.

Pois, ao vibrar um talho, o bom Quixote

R. S., A. S., F. A., C.

Pag. 265, v. 23.

- Co'a ponta te chegou da rija espada,

R. S.

Co'o rabo te chegou da crua espada,
1431.

Co'o rabo te chegou da rija espada,

As outras.

Pag. 266, v. 4.

Que entre as nuvens esconde a calva fronte,

Falta no ms. R. S.

Pag. 266, v. 5 a 7.

Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da cabala,
E todas as leis são da onomancia.

181, 1005, R. S., B., F. A., C.

Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da cabala,
E todas as leis são da nigromancia.

1229, 1431, A. S., L.

Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da cabala,
E todas as leis são da onomania.

As outras.

Pag. 266, v. 8 e 9.

Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:

Todas, menos:

Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no confuso alvergue:

181.

Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no profunde alvergue:

L.

Pag. 266, v. 15.

• Hypómanes, Mandrágora e outras hervas,
181, 1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A.,
C., L.

Hypómanes, Mandrágoras e outras hervas,

As outras.

Pag. 266, v. 18.

Aqui ama e deão descem, a tempo, etc.

Todas, menos:

Aqui ama e deão chegam, a tempo, etc.

1005, R. S., 1229, 1431, B., A. S., F. A., L.

Pag. 267, v. 4.

E, prostrada por terra, a vil carcassa,

Todas, menos:

E, prostrada por terra, a vil zoupeira,

F. A.

A primeira letra da ultima palavra no
ms. 1005, está escripta de modo qua não
se sabe bem se é z. t, ou r. podendo-se
ler por tanto zoupeira, toupeira ou rou-
peira, adjectivos que todos têm mais ou
menos applicação á velha ama do deão
como a pinta o poeta.

Pag. 267, v. 5.

• D'esta sorte fallou com voz tremida:

R. S.

D'esta fórma o silencio interrompia:

As outras.

Pag. 267, v. 9 a 12.

Este que vês (eu creio o não ignoras)

E o nobre deão da egreja d'Elvas,

• Pelo vaidoso bispo perseguido,

• Que do teu gran poder se chega ás abas:

L.

O terceiro verso d'esta variante acha-se
tambem do mesmo modo nos ms. 181,
1229, 1431, B., A. S.

Este que vês (eu creio não o ignoras)

E o nobre deão da egreja d'Elvas,

Que, pelo fofu bispo perseguido,
Do teu grande poder se chega ás abas.

R. S.

Este que vês (eu creio o não ignoras)

E o nobre deão da egreja d'Elvas.

Pelo arrogante bispo perseguido,
Do teu grande poder se chega ás abas:

As outras.

Pag. 267, v. 16.

Com o gordo prelado e seu cabido

Todas, menos:

Com o grande prelado e seu cabido

A. S., C.

Pag. 268, v. 2.

Nada do que tu dizes me é occulto;

Todas, menos:

Nada do que me dizes me é occulto;

L.

Pag. 268, v. 6.

E á mal distincta luz da frouxa lua,

Todas, menos:

E á mal distincta luz da fraca lua,

1005.

E á mal distincta luz da branca lua,

C.

Pag. 268, v. 7.

• Sobre a rasa campanha, Abracadabro,
1802, 1808, 1831 L., 1005, 1431, F. A., L.

Diniz usava sempre ou quasi sempre da
palavra campanha em lugar de campina.

Sobre a rasa campina, Abracadabro,

As outras.

Pag. 268, v. 10.

• A estas linhas ajunta tres fleiras

181, 1005, 1431, F. A., A. S.

A estas linhas junta tres fleiras

As outras.

Pag. 268, v. 13.

• D'ellas varias figuras prompto fórma:

1802, 1808, 1817, 1831 L., 1876.

D'elles varias figuras prompto fórma:

As outras.

Pag. 268, v. 12.

E, entre si alguns circulos unindo,

Todas, menos:

E, entre si quatro circulos unindo,

A. S.

Pag. 268, v. 14 e 15.

• Umás se chamam mães e outras filhas,
• Arbitros, testemunhas: isto feito, etc.
1229, 1431, A. S.

Umás se chamam mães e outras filhas,
Testemunhas e arbitros: isto feito, etc.
1005.

Umás se chamam mães, as outras filhas,
Testemunhas e arbitros: isto feito, etc.

As outras.

Pag. 268, v. 20.

Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Todas, menos:

Se ouvem silvar, bramir ao mesmo tempo.
1431.

Pag. 268, v. 21 e 22.

Então na frente do deão pellado
Os cabellos, que ainda lhe restavam,

Todas, menos:

Então na frente do deão pellado
Os cabellinhos, que inda lhe restavam,
1005.

Pag. 271, v. 2 e 3

Mas quando viu sahir da rude furna,
Horrendamente uivando, um cão medonho,

Todas, menos:

Mas quando viu sahir da rude lapa
Terrivelmente uivando nm cão medonho,
181.

Mas quando viu sahir da rude gruta
Terrivelmente uivando um cão medonho,
1229, 1431.

Pag. 271, v. 3 e 4.

um cão medonho,
De negro, espesso, retorcido pello,

Todas, menos:

um cão medonho,
De negro aspecto, retorcido pello,
L.

Pag. 271, v. 5.

Que lança pelos olhos triste fogo,

Todas, menos:

Lançando pelos olhos triste fogo,
A. S.

Pag. 271, v. 12.

• Com horrendo fragor se rompe a terra,
181, 1005, 1229, 1431, B., F. A., A. S., C., L.

Com horrendo fragor se abre a terra,
As outras.

Pag. 271, v. 16.

Para o deão se volta, e n'estes termos,
Todas, menos:

Para o deão voltou-se, e n'estes termos,
L.

Pag. 272, v. 3 a 5.

Abracadabro
• Á gruta corre, e d'ella, compassivo,
Trazendo um negro frasco, etc.
181, 1005, 1229, 1431, B., F. A., A. S., C., L.

Abracadabro
Á gruta corre, d'onde compassivo,
Trazendo um negro frasco, etc.

As outras.

Pag. 272, v. 5 e 6.

Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um spirito vital, lh'o arruma ás ventas.

Todas, menos:

Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um spirito vital, lh'o chega ás ventas.
1131.

Pag. 272, v. 10.

Por largo espaço o deixa o nigromante

Todas, menos:

Por largo espaço o deixa Abracadabro
1431.

Pag. 272, v. 11 e 12.

até que, ao vél-o
De todo do desmaio recobrado,

Todas, menos:

até que, ao vél-o
Do desmaio de todo recobrado,
R. S.

Pag. 272, v. 22 a 21.

Demais, que os duros fados tão injustos
Não são para contigo, que vingança
• A teus grandes agravos não proumettam.
181, 1005, R. S., 1229, B., F. A., A. S., C., L.

Demais que os duros fados sempre injustos
 Não são para contigo, que vingança
 A teus grandes aggravos não prometam.»
 1431.

Demais, que os duros fados tão injustos
 Não são para contigo, que vingança
 A teus grandes aggravos não permitam.»

Todas as edições.

Pag. 273, v. 1 a 5.

Ao ecco da vingança, o antigo esforço
 Cobra o pallido Lara; e alvoroçado
 Esta pergunta faz ao velho bruxo:
 «E que vingança é essa, Abracadabro,
 Que o fado me promete?»

Todas, menos:

Ao ecco da vingança, o antigo esforço
 Recobra o triste, desgraçado Lara.
 E ao magico faz logo esta pergunta:
 «Mas que vingança é essa, Abracadabro,
 Que o fado me promete?»

R. S.

O segundo verso d'esta variante acha-se
 tambem assim no ms. L.

Cobra o triste deão, e alvoroçado

Pag. 273, v. 11 e 12.

Porque á porta recusa do cabido
 • Ir, como tu, a offerecer-lhe o hyssope,
 1005, 1229, 1431, A. S., F. A., B., C., L.

Porque á porta recusa do cabido
 Ir, como tu tens ido, dar-lhe o hyssope,

R. S.

Porque á porta recusa do cabido
 Ir, como tu, a offerecer o hyssope,

As outras.

Pag. 273, v. 16, e 17.

Refugio buscará nas santas aras,
 Onde Themis preside, e firme asylo, etc.

Todas, menos:

Refugio buscará nas santas aras,
 Onde Themis assiste, e firme asylo, etc.

1005.

Pag. 273, v. 22 e 23.

• Que, dando ao sacerdocio e ao sceptro dando
 • O que é do sacerdocio, e o que é do sceptro,
 1005, R. S., 1431, B., L.

Que, dando ao sacerdocio e ao sceptro dando
 O que é do sacerdocio, o que é do sceptro,
 181, 1229.

Que, dando ao sacerdocio, ao sceptro dando
 O que é do sacerdocio, o que é do sceptro,

As outras.

Pag. 274, v. 6 a 10.

• Á fatal vista do improviso golpe,
 • Tão consternado fica o bom prelado,
 • Que com fraqueza vil, dolosamente
 • (Acção que digna é só d'um home indigno!)
 Do livro mandará riscar as multas;

R. S.

O mesmo nos ms. 1005, 1229, 1431, L.,
 menos o verso:

(Acção que digna é só de um home indigno)

o qual está no primeiro e segundo

(Acção digna só de um homem indigno)

no terceiro:

(Acção bem digna só de um home indigno)

e no quarto:

(Acção só digna de um homem indigno)

Á fatal vista do improviso golpe,
 Tão consternado fica o bom prelado,
 Que com fraqueza vil, dolosamente
 (Acção digna só de um homem indigno)
 Do livro mandará riscar as multas;

181, A. S., C., B., F. A.

Á fatal vista do imprevisto golpe,
 Tão consternado fica o bom prelado,
 Que com fraqueza vil, dolosamente
 (Acção bem digna só de um home indigno)
 Do livro mandará riscar as multas;

1802, 1808, 1834 L.

Á fatal vista do imprevisto golpe,
 Ficando muito afflicto o bom prelado
 Com fraqueza a mais vil, dolosamente,
 (Acção bem digna só de um home indigno)
 Do livro mandará riscar as multas;

1834 P.

Á fatal vista do imprevisto golpe,
 Ficando consternado o bom prelado,
 Com fraqueza a mais vil, dolosamente
 (Acção bem digna só de um home indigno!)
 Do livro mandará riscar as multas;

As outras.

Pag. 274, v. 10 e 11.

Do livro mandará riscar as multas;
 Negará tel-as feito,

Todas, menos:

Do livro mandará riscar as letras;
 Negará tel-as feito,

1005.

Pag. 274, v. 13 a 16.

Então desistirá, cheio de medo,
 Da pretendida posse e seus direitos,

E. a pelle convertendo, na apparencia,
De fero lobo se fará cordeiro.*

Todas, menos:

Cheio de medo desistirá logo
Da pretendida e petulante posse,
E. mudando de pelle, em apparencia,
De fero lobo se fará cordeiro.

R. S.

Pag. 274, v. 18.

• Mil graças deu aos fados, mil ao sabio,
1229, R. S.

Mil graças dava ao sabio, mil ao fado,
1005, L.

Mil graças dava aos fados, mil ao sabio,
181, 1431, B., F. A., C.

Mil graças dava aos fados, dava ao sabio,
As outras.

Pag. 275, v. 1 e 2.

Ao veloz curso as remendadas ^{excitava} pias,

Todas, menos:

Á rapida carreira as brancas ^{excitava} pias,
L.

Pag. 275, v. 5 e 6.

Tremulos raios, que de luz cobriam
Os longo-apavonados horisontes,

Todas, menos:

Tremulos raios, que de luz cobriam
Os longos esmaltados horisontes,
181, 1431, 1229.

Tremulos raios que de luz cobriam
Os longos pavonados horisontes

R. S., B., L.

Pag. 275, v. 9.

A descansar da longa ameijoada,

Todas, menos:

A descansar da grande ameijoada,
1431.

Pag. 275, v. 13.

• Quando a deão acorda ao gran ruido,
181, 1005, R. S., B., L., F. A., A. S., C.,
1229, 1431.

Quando o deão acorda ao grande ruido,

As outras.

Pag. 275, v. 16 e 17.

Então o cozinheiro, deulhado
Em lagrimas, lhe conta, etc.

Todas, menos:

Então o cozinheiro, consternado,
Em lagrimas, lhe conta, etc.

L.



NOTAS

NOTAS

Pag. 1, lin. 15.

... e appella para o doutor Antonio Ribeiro dos Santos, ao qual, mais que a ninguem, segundo a sua phrase, incumbia a obrigação de nos transmittir as particularidades da sua vida, por tanto o haver conversado;

Não encontrámos provas d'esta intima e aturada amisade entre Ribeiro dos Santos e Diniz, e parece-nos engano de Verdier.

Ribeiro dos Santos, muito mais novo do que Diniz, pois nasceu em 1745, e este em 1731, foi para o Rio de Janeiro aos onze annos; veiu d'ahi para Coimbra em 1764 e matriculou-se na universidade; formou-se em 1771 em direito canonico e ficou logo oppositor ás cadeiras d'esta faculdade; em 1777 foi nomeado bibliothecario da universidade, e em 1779 lente substituto de canones, até que em 1789 obteve um logar ordinario de desembargador da Casa da Supplicação, e logo depois o de desembargador dos aggravos da mesma, tendo sido antes d'isso (em 1788) chamado á côrte e escolhido para deputado da Junta da Revisão e Censura do novo Codigo.

Comparando estas datas com as da vida do nosso poeta, vemos que pouquissimo tempo devia durar essa intimidade de relações pessoaes entre ambos, pois a estas se parece referir Verdier, e não ás epistolares. Senão vejamos, e em breves palavras. De 1764, anno em que Ribeiro se matriculou na universidade, até 1788, em que veiu para Lisboa, nomeado deputado da Junta da Revisão e Censura do Novo Codigo, onde residiu elle? Em Coimbra, pelos menos quasi sempre. E onde estava Diniz durante esse tempo? De 1764 a 1775 servia de auditor militar em Elvas; n'este anno era nomeado desembargador da Relação do Rio de Janeiro, para onde partia no anno seguinte, e d'onde só voltava em 1789, sendo na mesma data despachado desembargador da Relação da Casa do Porto, e em 5 de julho de 1790 desembargador da Casa da Supplicação, para logo depois, talvez nos fins d'esse mesmo anno, partir novamente para o Brazil, onde devia acabar a existencia.

D'aqui resulta a probabilidade de que Ribeiro dos Santos em todo este periodo pouco se poderia demorar em Lisboa, occupado já com os seus estudos, já com os seus cargos academicos, e, o que é mais ainda, que Diniz, durante todo elle, residiria na mesma cidade, quando muito um anno, isto é: desde que deixou de ser auditor militar até partir para o Rio de Janeiro a exercer o seu novo cargo, e alguns mezes apenas, naturalmente menos de seis, que tanto correram entre a sua nomeação de desembargador da Casa da Sup-

plicação e a sua sahida para o Brazil, a fim de sentenciar os réos da conspiração de Minas. Accresce que da primeira d'estas vezes, que Diniz esteve em Lisboa, Ribeiro dos Santos residia provavelmente em Coimbra, d'onde foi chamado á corte em 1788, como já dissemos. Fica pois limitado todo o tempo das relações pessoas entre este e o nosso poeta aos poucos mezes que foram collegas na Casa da Supplicação.

Em tão breve tempo não contrairiam amisade intima, nem, ainda que a contraissem, poderia Ribeiro dos Santos ficar ao facto da vida de Diniz a ponto de a elle, mais que a ninguem, incumbir a obrigação de a transmittir com as suas particularidades aos vindouros.

Quanto a correspondencia entre ambos tambem a não encontrámos nas suas obras originaes existentes na Bibliotheca Nacional, por doação do seu auctor, e parece-nos que as palavras de Verdier de nenhum modo se podem referir a ella, como já fica ponderado. Ainda mais, entre as suas poesias não ha nenhuma a Diniz e as referencias que n'ellas faz a este poeta são rarisimas.

Com esta nota respondemos tambem a Rebello da Silva, que no seu estudo ácerca de Diniz inserto no *Panorama*, escreve, fundando-se provavelmente em Verdier, o seguinte:

«Antonio Ribeiro dos Santos, que tão de perto entrára na convivencia de Elpino, e que foi tão sincero admirador do seu engenho, não lhe chegou o tempo para nos traçar a biographia completa do seu amigo pela alma e pelas letras.»

Pag. 1, lin. 20 e 21.

Innocencio no seu valioso *Diccionario Bibliographico*, etc.

Além d'estas noticias do notavel bibliographo a respeito de Diniz, possuia elle outras, segundo parece, mais amplas, mas que infelizmente não chegaram a publicar-se. É o que se depreende das seguintes linhas, que transcrevemos do artigo, em que, no supplemento ao seu *Diccionario*, rectifica e accrescenta o que dissera do nosso auctor:

«Muitas outras noticias e particularidades, collidas a seu respeito no Brazil e em Lisboa, com as que me subministrou a leitura e estudo mais detido que ha tempos fiz nas suas obras, poderiam entrar aqui; porém reservo-as de preferencia para uma nova e mais extensa biographia, que destino para acompanhar a nova edição completa e por mim annotada e commentada do *Hyssope*; ou que talvez publicarei antes em outro logar, ampliando os apontamentos que dei á luz no *Archivo Pittoresco* em 1858.»

A edição de que se trata é a presente, que ficou talvez privada pela morte de Innocencio de tão competente, e, pelo que se vê, já de ha muito preparado director. E dizemos talvez, porque não era certo que elle se encarregasse do trabalho que agora sabe á luz da publicidade, e ahi incluísse as suas investigações, como se colhe das suas proprias palavras. Depois d'elle fallecido e de nos serem incumbidos a publicação e prefacio do *Hyssope*, o editor d'esta obra tentou adquirir o manuscripto em questão, na fundada esperanza de que nos serviria de não pequeno auxilio; mas os seus esforços ficaram baldados. Lamentamos que não o conseguisse, por crermos que n'elle se conteriam espe-

cies novas, fructo do tracto dos homens que ainda Innocencio alcançou e do continuo manusear dos livros da nossa litteratura, que foram o objecto constante da sua vida. Oxalá que esse trabalho, como alguns mais, que deixou manuscriptos e que indica na sua grande obra, se imprimam um dia, e que não lhes caiba a triste sorte de tantos de outros auctores, que jazem como verdadeiros mortos por essas bibliothecas publicas e particulares, ou que já de todo se perderam.

Entretanto o nosso tentamen servirá de alguma coisa: augmenta muito ao que já era escripto; dá a conhecer os principaes factos da vida do poeta; baseia-os em documentos dignos de credito, documentos muitos dos quaes supponmos não foram conhecidos de Innocencio; e servirá por ventura de incitamento a alguém para melhor tratar d'este assumpto.

Uma busca paciente e conscienciosa no Brazil, onde Diniz residiu tantos annos e veiu a morrer, talvez produzisse bom resultado. Que algum dos nossos patricios espalhados pelo novo estado d'além mar a tente, ou mesmo algum dos filhos do imperio; pois a elles tambem interessa este ponto, visto que são nossos irmãos e fallam a nossa mesma lingua, accrescendo ter essa indagação por assumpto um poeta que tanto viveu no seu territorio; que celebrou as suas scenas; que prescutoou as maravilhas da sua fecunda natureza; e que finalmente ali expirou e ali dorme o ultimo somno.

Pag. 1, lin. 22 e 23.

Rebello da Silva e outros escriptores seguem Trigoso ou pouco mais adiantam.

O estudo em que Rebello da Silva trata de Diniz é o do *Panorama*, já por nós citado. N'elle se pôde ver como os dados biographicos em que se baseia são pouquissimos, ao passo que abunda em conjecturas e em apreciações a respeito do seu character litterario e individual.

A elle nos referiremos varias vezes para refutar algumas das suas asserções, que nos não parecem verdadeiras ou que, pelo menos, se tornam suspeitas.

Pag. 2, lin. 10.

Antonio Diniz da Cruz e Silva,

Segundo a collecção de obras autographas do nosso poeta, do sr. Barbosa, a que nos referimos na introducção, usou elle, pelo menos algum tempo, do appellido de Castro, em vez do de Silva. Assim se acha n'uma parte claramente, e n'outras ainda se conhece por baixo de Silva a palavra Castro emendada.

Esta descoberta fez-nos dar algum peso a uma coisa que julgáramos erro de escripta. Na copia do *Hyssope*, da Academia Real das Sciencias, vem o nome do poeta do seguinte modo: Antonio Diniz da Cruz e Silva Borges.

O appellido Silva provinha-lhe da avó paterna Josefa da Silva, e o de Borges do avó materno Manuel Gomes Borges; o de Castro, porém, é que não atinamos onde o fosse buscar.

Ainda o temos simplesmente Antonio Diniz no requerimento ao Desembargo do Paço para se habilitar a servir os logares de letras, e tambem An-

tonio Diniz da Cruz, como se assignava quando foi juiz de fôra de Castello de Vide, e quando estudante da universidade. Ha pois o nome do nosso poeta de cinco modos em diversos tempos e documentos.

Nos dados biographicos que apresentámos seguimos, conforme declara a introdução no fim do primeiro capitulo, as habilitações que se tiraram para ser dado ao poeta o habito de Aviz, e fizemol-o por nos merecerem muito mais credito do que as outras, a que anteriormente se havia procedido, quando elle, logo depois de formado em Coimbra, se apresentou ao Desembargo do Paço para servir na magistratura, documento que por algumas das suas inexactidões não merece ser aproveitado.

O requerimento d'estas habilitações é feito em nome de Antonio Diniz sómente, e não de Antonio Diniz da Cruz, como apparece anteriormente, nas matriculas de estudante de direito, e posteriormente nos actos officiaes desempenhando o poeta o logar de juiz de fôra de Castello de Vide, como já notámos.

O despacho é de 5 de julho de 1754, e diz-se mais adiante que n'esse anno o habilitando contava vinte e seis annos, quando, tendo nascido incontestavelmente em 1731, devia contar vinte e tres.

O que se tira dos ditos das testemunhas de novo ou em opposição com os das outras das habilitações preferidas é: que o pae de Diniz, o qual ali se chama João da Cruz, e não João da Cruz Lisboa, era tenente do regimento de Cascaes, antes de ir para o Brazil, onde estava e tinha negocio grosso; que este antes de se ausentar de Lisboa vivia do negocio de dar dinheiro a risco ou de commissões para aquelle estado; que os avós paternos do poeta, Vicente Ferreira e Josefa da Silva se sustentaram sempre de suas fazendas e dos rendimentos das propriedades que possuíam em Lisboa, e que Vicente Ferreira, por causa de uma fiança se retirou para Minas, onde morrera haveria quatro annos; que seus avós paternos (em vez de dizer maternos) Manuel Gomes Borges e Catharina da Silva, ou Catharina de Sena, ou Catharina Maria de Sena, que de todos estes modos apparece, eram, como os mais ascendentes do poeta, pessoas de conhecida nobreza, a cujas leis sempre se trataram, e que o dito seu avô materno fallecera tenente no regimento do Algarve.

Que flagrantes contradicções e descuidos!

Uma das testemunhas foi o bacharel Theotonio Gomes de Carvalho, que pouco disse e que confessou não ter conhecido o avô materno de Diniz.

Agora vejamos as outras habilitações para o poeta receber o habito de Aviz. Trazem estas as certidões do seu baptismo e dos de seu pae e mãe e a de casamento d'estes com as competentes filiações, as quaes são as mesmas declaradas pelo habilitando no seu requerimento.

Quanto ás testemunhas:

Maria Thereza de Jesus, que andou na mestra com a mãe do justificante, a qual morava na rua dos Poyaes de S. Bento, e era sua vizinha, declarou que o pae de Diniz fôra carpinteiro de casas, mas que depois, deixando o officio, passara a Minas, onde morrera; que a mãe, posteriormente a elle se retirar vivera de costuras, modo de vida que tambem tivera a avô materna; que conheceu a avô paterna vivendo em casas proprias na rua da Cruz, e que fôra medeieira com um logar no Terreiro, onde vendeu pessoalmente até á sua morte, e que todos viviam com muita decencia e honestidade.

Anna Joaquina do Nascimento, depoz o mesmo ácerca das occupações do

pae mãe e avó materna do habilitando, e que a mãe d'ella mandára fazer algumas costuras á mãe do mesmo.

Anna Maria da Fonseca, que a mãe e avó materna viviam de costuras e que a paterna fôra medeieira.

Fr. José de Santa Rosa Teixeira, leitor jubilado e ex-leitor da Provincia da Terceira Ordem, morador no convento de Jesus, o mesmo quanto á mãe e avós materna e paterna, o que sabe por as conhecer e ter havido no seu convento um irmão do justificante, chamado Fr. Francisco de Salles.

Fr. Luiz do Espirito Santo, religioso do dito convento, o mesmo a respeito dos officios do pae e da avó paterna e que a Fr. Francisco de Salles chamavam os frades de Jesus o neto da medeieira.

O capitão José Thomaz de Villa Nova, assistente por muitos annos no arrayal de Paracatú, comarca de Sabará, que conheceu muito bem no mesmo arrayal o pae do justificante; que este fôra de Lisboa para os Goyazes; que d'ahi passára para o dito arrayal, onde negociava como atravessador de cargas, etc., servindo ao mesmo tempo de sargento mór da ordenança n'elle, e que o proprio lhe dissera muitas vezes ter sido em Lisboa carpinteiro de casas.

Manuel Cardoso Pinto, que passando em 1739 ao arrayal de Nossa Senhora da Conceição de Thabiras já ahi encontrára o pae do justificante, que era atravessador de fazendas, e que em Lisboa tivera um officio.

Manuel Francisco Maia, official de calafate, que o avó paterno do justificante tambem teve este officio e foi seu companheiro na Ribeira das Nãos, onde trabalhou até morrer; que a avó paterna teve um logar no Terreiro, onde era medeieira, e que se tratavam com limpeza.

Manuel André, official de calafate, o mesmo, e que a avó paterna vendia no seu logar pessoalmente; que o avó materno era tenente do regimento do Verde; que o conheceu pelas muitas vezes que aquelle ia á Ribeira das Nãos, e que o vira embarcar outras vezes para fôra.

Henrique da Silva Negrão, organista da Sé, que o avó materno era tenente do regimento do Verde; que se tratava com limpeza, e que sua mulher vivia recolhida e da costura.

Francisco Pereira Neves, proprietario, que conheceu na cidade de Marianna o avó materno pelos annos de 1723, que tinha o officio de meirinho d'aquelle juizo e que se tratava com limpeza e era bem reputado.

Francisco José Pereira de Moura, desembargador da Casa da Supplicação, que quando foi juiz da cidade de Marianna, haveria quarenta annos, já lá encontrára o avó materno do habilitando servindo de meirinho do juiz de fôra, emprego que exerceu com elle testemunha e depois d'elle, etc.

Não continuemos, que já nos parece mais que sufficiente não só para provar a vantagem que estas habilitações levam ás outras, mas tambem os erros d'ellas e grande parte dos factos que escrevemos na introducção.

Das outras testemunhas algumas são egualmente importantes e de muito nos serviram.

Pag. 2, lin. 10.

...nasceu em Lisboa, etc.

Tambem Castello de Vide foi julgada por alguns patria de Diniz, erro procedido naturalmente da residencia que elle fez n'essa villa como juiz de fôra.

Estranha confusão; porém mais estranho é ainda que em 1876, depois de tão provado que Lisboa foi o seu berço, venha Vapereau repetit-o no seu *Dictionnaire Universel des Littératures*, aggravando tal ignorancia com as seguintes noticias que são curiosas, e provam mais uma vez quanto a maior parte dos estrangeiros, e sobre tudo dos francezes, sabem das nossas coisas. Eil-as:

Diniz nasceu em Castello de Vide em 1730;

Morreu em 1811:

Junto com Garção celebrou os grandes capitães e os homens d'estado da sua patria;

Fez uma imitação do *Roubo da Madeira*, de Pope.

Sahiu em Paris uma nova edição do *Hyssope* em 1817 e 1821.

Pag. 3, lin. 45 e 46, e pag. 4, lin. 2 e 3 .

Só podemos apurar que, habilitado com a grammatica portugueza, que lhe ensinou o professor João Rodrigues Rocha.... estudou grammatica latina particularmente e depois philosophia com os padres da Congregação do Oratorio na Casa do Espirito Santo.

Estes factos merecem todo o credito e são deduzidos do depoimento das testemunhas para as habilitações da ordem de Aviz, atrás citadas, entre as quaes se contam o proprio professor que ensinou ao poeta grammatica portugueza, e a viuva do que lhe ensinou a latina, e da certidão dos seus estudos universitarios, onde se vê que aprendera logica com os ditos padres, o que tambem asseguravam algumas das mesmas testemunhas.

É por isso talvez inexacta a asserção de Rebello da Silva de que fôra com estes que aprendera a grammatica latina, com applauso de seus mestres e provas evidentes de talento, e de certo o é a do Sr. Ferdinand Denis, no prologo á traducção do *Hyssope* pelo Sr. Boissanade, quando, referindo-se ao poeta, escreve estas palavras: «Il eut chez lui des maitres habiles, etc.» e improprias as com que prosegue: «Lorsque le moment de faire sa philosophie arriva, il quitta la maison paternelle et entra chez les Pères de l'Oratoire, etc.»

Pag. 4, lin. 3 a 5.

Preparado com as humanidades, passou á universidade, onde se matriculou no curso de direito em 1747.

Eis o resumo da nota que por especial favor nos foi mandada de Coimbra, extrahida dos proprios livros das matriculas e nos das provas de cursos da universidade.

Encontram-se nos primeiros tres matriculas de Diniz: em o 1.º de outubro de 1750, em o 1.º de outubro de 1751 e em o 1.º de outubro de 1752.

Nos segundos: que provou cursar com provisão de Sua Magestade de 27 de abril de 1732, com certidão de logica da Congregação do Oratorio de Lisboa, do 1.º de outubro de 1747 até o fim de maio de 1748, 4 de Instituta; e do 1.º de outubro de 1749 até o fim de maio de 1750, 6 de Leis; que provou cursar com provisão de Sua Magestade de 20 de março de 1733, do 1.º de outubro de 1750 até o fim de maio de 1751, 6 de Leis; e do 1.º de outubro de 1752 até o fim de maio de 1753, 2 de Leis; e que alcançou provisão datada de 21

de fevereiro de 1753, pela qual Sua Magestade lhe mandou levar em conta um anno que teve de logica na Congregação do Oratorio da Côrte, que foi o de 1745 para 1746, não se lhe havendo já levado em conta outro algum anno d'ella.

Nos livros de actos e grãos nada ha que lhe diga respeito.

O que temos pois é sómente: a prova de curso de 1747 a 1748, a de 1749 a 1750, a matricula de 1750 e a competente prova de curso, a matricula de 1751, e a de 1752 com a sua prova de curso, e que anteriormente, de 1745 a 1746, cursara logica na Congregação do Oratorio de Lisboa.

Já nos damos por satisfeitos em alcançar estas noticias, ainda que deficientes, á vista do estado de confusão em que se acham os registros da universidade anteriores ao terremoto.

Pag. 4, lin. 5.

Santa Rita Durão

José Maria da Costa e Silva diz que Fr. José de Santa Rita Durão frequentou o curso de theologia na universidade de Coimbra, onde tomou o grão de doutor, segundo consta dos competentes registros, em 1736.

Devia ter então 34 a 36 annos, nascendo em 1718 ou 1720, como se julga.

Pag. 4, lin. 9.

Antonio dos Santos Ribeiro

Em 1779 sabemos que foi este uma das testemunhas das habilitações do nosso poeta para lhe ser conferido o habito de Aviz.

Quando Diniz foi desembargador da Casa da Supplicação havia um advogado n'ella com este nome. É provavel que fosse o mesmo.

Pag. 6, lin. 8 e 9.

...como o illustre Castilho, como outros poetas fizeram ainda em nossos tempos.

Parece quasi desnecessario lembrar que estas palavras se referem aos passeios pelo Mondego do sempre lembrado visconde de Castilho e dos seus companheiros em romaria poetica á Lapa dos Esteios, quando estudantes em Coimbra, e aos que para o mesmo fim realisaram alguns dos poetas que escreviam no *Trovador*, quando annos depois tambem frequentavam a universidade.

Pag. 6, lin. 20.

Alegres bosques cheios de verdura,

Este soneto faz parte de uma composição em prosa e verso, que o auctor chama *Jornadas*, á maneira das de Rodrigues Lobo, na qual se lamenta por deixar Coimbra e as afeições amorosas que ali lhe prenderam a alma.

Veiu na collecção autographa do Sr. Barbosa e é quasi toda inedita.

Pag. 7, lin. 1 e 2.

Por meio d'ellas (as habilitações da ordem de Aviz, já citadas) esclarecem-se os principios da sua vida, e caem por terra as origens mais ou menos nobres que infundadamente se lhe tem attribuido;

A tal respeito lembraremos o que dizem Trigoso, Ferdinand Denis e Rebello da Silva: o primeiro que o poeta era filho do sargento-mór João da Cruz Lisboa, o que se reduz a bem pouco ao sabermos que este era sómente sargento-mór da ordenança do arrayal do Paracatú, na comarca de Sabará; o segundo que Diniz tivera por pae um general, e que a mãe pertencia a uma das familias mais illustres de Lisboa, ajuntando mal informado: «Les parents du jeune Antonio ne destinaient pas leur fils à la carrière militaire, ils vivaient dans l'aisance, et prirent dès l'origine leurs mesures pour qu'il put atteindre un poste élevé dans la vie civile»; o terceiro affiança que «foram seus paes pessoas de sangue illustre, etc.»

Pag. 7, lin. 31.

Fervilharam de toda a parte e como por encanto as sociedades litterarias de todos os generos,

Eis uma resenha das sociedades litterarias e scientificas, que conhecemos desde D. João iv até D. Maria i:

A Academia dos Generosos que começou em 1647 na casa de D. Antonio Alvares da Cunha, trinchante-mór de D. João iv, de D. Affonso vi, e de D. Pedro ii e guarda-mór da Torre do Tombo, da qual o mesmo foi um dos fundadores e secretario, e presidente D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira. Além d'este, foram, entre outros, seus socios: D. Raphael Bluteau; Luiz do Couto Felix, auctor da *Castalia Portugueza* (em parte impressa e em parte manuscripta), onde ha poesias em portuguez, hespanhol, latim, grego e hebraico; o padre José de Faria Manuel, afamado prégador da época, e o bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda.

A das Conferencias Discretas e Eruditas, renovação da precedente (em 1696), fundada pelo mesmo conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, na magnifica livraria do seu grande palacio á Annunciada, que infelizmente ardeu pelo terremoto de 1755, com todas as preciosidades ali abundantemente colligidas, tanto bibliographicas, como artisticas. Foi socio d'esta academia além do conde e de outros homens notaveis de então, o mencionado D. Raphael Bluteau.

A Portugueza e Latina que se pôde considerar como continuação das duas, fundada na sua livraria pelo mesmo conde em 1717, e cujos socios passaram para a Academia Real de Historia, creada tres annos depois em 1720. No numero dos seus socios contavam-se: o erudito Manuel Caetano de Souza; Fr. Simão Antonio de Santa Catharina e Francisco Leitão Ferreira.

A dos Singulares, cuja primeira conferencia foi a 4 de outubro de 1663, Achamos citados como seus socios o cosmographo-mór do reino Manuel Pimentel e o padre José de Faria Manuel. Estão impressos os seus trabalhos.

A Instantanea, instituida pelo bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda em sua casa, nos fins do seculo xvii.

A dos Solitarios, em 1664, de que fez parte Luiz do Couto Felix.

A dos Anonymos, do principio do seculo xviii, que celebrava as suas sessões, a que assistiu o conhecido escriptor o cavalleiro Oliveira, em casa de Ignacio Carvalho de Souza. Contou como socios José de Souza, cego desde a idade de um anno, prosador e poeta e um dos homens mais doutos do seu tempo; José do Couto Pestana; Lourenço Botelho Souto Maior; Fr. Simão Antonio de Santa Catharina; Julio de Mello de Castro, o apreciavel auctor da *Historia panyrica de D. Diniz de Mello, primeiro conde das Galveas*; Francisco Leitão Ferreira, a que devemos as *Memorias Chronologicas da universidade de Coimbra*; Agostinho Gomes Guimarães; José Freire de Monterroyo Mascarenhas; Jeronymo Godinho de Niza, que foi secretario da mesma sociedade, etc. Restam-nos muitas das suas composições nos *Progressos Academicos dos Anonymos de Lisboa*, primeira parte, impressa em 1718.

A Escholastica, do mesmo tempo, de que tambem foi socio Fr. Simão Antonio de Santa Catharina.

A dos Applicados, da primeira metade do seculo xviii, que teve por secretario Joaquim Leocadio de Faria. Pertenceram a esta sociedade Francisco de Pina e Mello, homem de vastos conhecimentos e poeta de grande nomeada no seu tempo; o doutor Philippe d'Oliveira, notavel prégador; D. Raphael Bluteau, etc.

A do Nuncio, fundada no seu palacio pelo nuncio de Sua Santidade, em Lisboa, mosenhor Fírrão, em 1715.

A dos Laureados, de Santarem, instituida em 1721.

A Problematica, de Setubal, do mesmo tempo.

A de Guimarães.

A dos Illustrados, do principio do seculo xviii.

A dos Occultos, de que foi fundador e secretario Manuel Telles da Silva, 6.º conde de Villar Maior e depois 2.º marquez de Penalva, a qual contou por socios: D. Miguel Lucio de Portugal e Castro, embaixador de Portugal em Hespanha, prosador e poeta; José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello; socio igualmente da Academia Real de Historia de Madrid e da de Geographia e Mathematica de Valladolid; Luiz Corrêa de França e Amaral, posteriormente socio da Arcadia, etc. Os seus estatutos foram feitos por este e diz-se que serviram de base aos que Diniz elaborou para a Arcadia.

A dos Insignes.

A dos Unidos de Torre de Moncorvo, de que foram socios: João José de Madureira Lobo; Mathias de Vasconcellos Cabral; Francisco Ignacio Botelho de Moraes; Thomaz de Menezes da Silveira Lobo, etc.

A dos Escolhidos.

A dos Unicos.

A dos Canoros.

A Scalabitana, da qual, assim como das duas antecedentes, foi socio o abundante escriptor José Freire de Monterroyo Mascarenhas.

A Tubuciana, fundada em Abrantes, em 1802 por Philippe Ferreira d'Araujo e Castro.

A Liturgica de Coimbra, a que pertenceu José Corrêa de Mello e Brito e o já citado José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, etc.

A dos Obsequiosos de Sacavem, cujas obras em 3 vol. sahiram com o titulo: *Sessões litterarias dos alumnos da Academia dos Obsequiosos do logar de Sacavem*, Lisboa, 1790 e 1791, e que numerou entre os seus socios: Antonio Pereira de

Figueiredo; João Rosado de Villa Lobos; Luiz Corrêa de França Amaral, e Fr. Joaquim Forjaz. Esta academia reunia-se nas casas do capitão João Dias Talaia Souto Maior.

A Orthographica, estabelecida em 1772, em Lisboa, por João Pinheiro Freire da Cunha, que durou mais de trinta annos.

A dos Esquecidos, instituida na Bahia em 1724, sob a protecção do vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes.

A dos Renascidos, restauração da antecedente, creada debaixo dos auspícios do vice-rei conde dos Arcos, em 6 de junho de 1759, que concebeu escrever a historia do Brazil e de que foi director o mencionado José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Ha na Bibliotheca Nacional manuscritos interessantes para a historia d'esta academia.

A dos Selectos, do Rio de Janeiro, erecta em 1753, de que foi secretario Manuel Tavares de Sequeira e Sá.

A Litteraria, da mesma cidade, do fim do seculo xviii, de que fallamos no prologo do presente volume e fallaremos n'outra nota.

A Ultramarina, do mesmo seculo e tambem do Brazil, incertamente conhecida, da qual nos occuparemos adiante.

E as mais importantes e mais celebres de todas:

A Academia Real de Historia Portugueza, fundada por D. João v.

A Arcadia, de que tratamos no principio d'este livro, e em cuja criação Diniz teve tão grande parte.

A Nova Arcadia, ou Academia de Bellas Letras de Lisboa, cujas conferencias se celebravam em uma das salas do palacio do conde de Pombeiro, depois marquez de Bellas, de todos conhecida, principalmente pelas contendas litterarias de Bocage e Macedo.

Parece tambem ter havido uma Arcadia no Porto, pois João Xavier de Mattos, nas suas *Rimas* se intitula entre os pastores da Arcadia Portuense Albano Erythreo, e Theodoro de Souza Maldonado, que publicou em 1789 um epicedio e uma ecloga á morte do principe D. José, igualmente ajuntá a seu nome—da Arcadia Portuense.

A singularidade dos nomes das academias portuguezas, que muitos estranham, é deixada a perder de vista por outras muitas estrangeiras. Bastará dizer, por exemplo, não passando de Italia, que em Pisa havia uma chamada dos Extravagantes, em Perusa a dos Loucos, em Febriano a dos Humidos, em Genova a dos Adormecidos, em Alexandria a dos Immoveis, em Città di Castello a dos Absurdos, em Macerata a dos Encadeados e em Rosani a dos Destemidos.

Pag. 8, lin. 27.

Essa torrente de máo gosto, a que deu maior impulso a erronea direcção dos estudos, havia atravessado o seculo xvii e entrado por boa parte do xviii.

Citaremos aqui, por virem a proposito, os seguintes versos de Filinto Elisio:

Que homem ha hi tão bronco em nossa historia
Que ignore perdas que custou á lingua
O reinado da insipida Ignorancia!
Este estúpido monstro as fuscas azas

Despregou, e cobriu co'ellas o reino;
 Tapou o sol, poz noite nos engenhos,
 Bafejou anagrammas, forçou glosas,
 Inçou de oucos conceitos predicaveis
 Os pulpitos, e as aulas de sophismas,
 E degradou a lingua de nobreza,
 Despindo-a de affoiteza e bizzarria.

Pag. 10, lin. 1.

Chamar-se-ha a nova sociedade Arcadia,

A Arcadia de Lisboa, Ulyssiponense, ou Portugueza, foi uma imitação da Arcadia de Roma, porém muito modificada na amplitude e nas alambicadas pieguices. Aos que se rirem da nossa sociedade apresentamos as seguintes noticias a respeito da romana.

Foi esta creada nos fins do seculo xvii principalmente pelos homens de letras que andavam na côrte de Christina, rainha da Suecia, então residente na capital do orbe catholico, e sob a direcção do poeta Crescimbinì. Admittia todas as sciencias, todas as artes, todas as nações, todas as classes e ambos os sexos. Não tinha numero certo de socios e chegou a contar mais de dois mil ao mesmo tempo. Às vezes aggregava a si academias inteiras. Os arcades reuniam-se vestidos de pastores em uma quinta magnifica, chamada Bosque Parrhasio. A sua constituição era democratica; por isso nunca escolhiam nenhum principe para protector. No fim de cada olympiada (pois assim computavam o tempo) elegiam um guardador que era o presidente. As suas sessões fixas eram em sete differentes dias, desde o primeiro de maio até sete de outubro.

Foram membros entre nós da Arcadia de Roma: D. João v, com o nome de Albano; o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, com o de Ormauro Paliseu; o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, com o de Tagideu, etc.

Pag. 10, lin. 30 e 31.

As conferencias serão secretas menos ... as que houver pela morte de algum socio,

Tal foi a sessão funebre que a Arcadia celebrou em prova de sentimento pela morte do seu socio José Gonçalves de Moraes (Leucacio Fido), morto em Pernambuco, antes de 1764, na qual Garção recitou uma ode, França e Amal outra e Quita um idyllo.

Pag. 16, lin. 5.

... na de 22 de julho tres sonetos;

Assim vem na collecção autographa. Julgámos ao principio que fosse erro. Os estatutos mandavam que houvesse uma sessão cada mez, e n'este já se celebrára a de 19 tambem de julho, pelo que ficariam existindo duas. Além das ordinarias, haveria uma extraordinaria, a qual seria ou a destinada a festejar a Conceição de Nossa Senhora ou o Natal, e portanto não podia ser esta. Mas vem corroborar a existencia da dita sessão uma oração que repetiu na Arca-

dia na mesma data José Caetano de Mesquita e Quadros. Parece pelo que expomos que depois da sessão inaugural houve a 22 a que pertencia ao primeiro mez.

Pag. 16, lin. 6.

A ecloga Auliza foi refundida no idylio sexto (vol. 2.º, pag. 77), do mesmo nome.

Pag. 16, lin. 6.

e uma dissertação sobre o estylo das eclogas.

Escreve Trigoso nas *Poesias* de Diniz que esta dissertação (que fôrma a parte primeira) foi tirada de uma extensa carta escripta pelo poeta no anno antecedente (1756) a Theotonio Gomes de Carvalho sobre a mesma materia.

Pag. 16, lin. 14.

Na de 30 de Junho uma ode aos annos d'el-rei,

Esta ode na collecção autographa vem com a data de 31 de maio de 1758, em logar de 30 de junho, como está nas *Poesias* de Diniz.

Pag. 16, lin. 14 e 15.

... na de 30 de junho uma ode aos annos d'el-rei e o idylio piscatorio Cymothea;

O ms. de varias poesias de Diniz, que foi de Antonio Ribeiro dos Santos e hoje existe na Bibliotheca Nacional, diz que este idylio se recitou em agosto de 1757.

Pag. 16, lin. 19.

na de 14 de março de 1759.

N'esta sessão recitou igualmente o nosso poeta um idylio, que vem nas suas *Poesias*, vol. 2.º, pag. 148, no qual collaboraram Theotonio Gomes de Carvalho e Silvestre Gonçalves de Aguiar.

Quita, e França e Amaral tambem leram n'ella poesias; o primeiro uma ecloga e uma ode, e o segundo uma ode.

Pag. 16, lin. 23 a 25.

e na de outubro, conferencia publica na sala da Junta do Commercio pela elevação de Sebastião José de Carvalho e Mello a conde de Oeiras, etc.

Repetiram igualmente n'esta reunião poesias os mesmos dois poetas, Quita e Amaral, aquelle uma ecloga e uma ode, e este uma ode e um epigramma.

Pag. 17, lin. 28.

Bastante custoso devia ser para o seu talento e para os seus habitos deixar a côrte, etc.

Antes d'este anno, em que Diniz sahiu de Lisboa, temos noticia de que estivera ausente d'esta cidade, mas pouco tempo.

Pelo soneto por elle feito a Badajoz em 1775 e que começa:

Salve, ó tu, Guadiana esclarecido,

parece que o poeta morou então n'essa cidade.

Tambem se poderá julgar que o outro do mesmo anno, em que elle diz:

Amado Tejo, adeus, que meu destino
Contra minha alma ordena nova guerra;

foi composto quando para ahi partiu; e que teve por objecto a sua volta a Lisboa o outro em que saúda d'este modo o seu rio natal:

Em fim, torno a beijar, ó patrio Tejo,
Tua areia: mas oh! e quão differente
Do tempo em que cantei acordemente
As graças que em ti via e em ti não vejo!

É tambem de 1755.

No idyllo que foi recitado na Arcadia em 30 de setembro de 1758, e em que são partes Tirse (Theotônio Gomes de Carvalho) e Elpino (Diniz), diz o primeiro ao segundo:

Suspirado pastor, sejam bem vindo
Da Arcadia aos campos, campos que saudosos
Estam da tua amavel companhia:

o mais adiante:

Ó ditoso pastor, que perder foste
A cara liberdade nos amenos
Campos do Tejo, aonde vive Alcipe,

ao que Elpino responde:

A poderosa força do destino,
Que de vós me apartou, por tanto tempo
Saúdoso de vossas doces sombras,
Ó florestas da Arcadia me deteve.
Mas não presumas tu, amado Tirse,
Que são menos graciosas as ribeiras
Do cristalino Tejo, que as floridas
Margens do nosso Alfeu; tambem seus montes
Respondem dos rabeis ao som silvestre;
Nem só escuta o Ménalo sombrio
De musico pastor brandos amores.
Tambem n'ellas cantei, tambem na luta
Co'os mais dextros pastores de seus campos
Arte e forças provei... ..
Poeta me chamavam; etc.

Vê-se pois que Diniz esteve fóra de Lisboa durante algum tempo n'um logar nos campos do Tejo, onde havia uma Alcipe (note-se que não é a marquezia de Alorna, que então contava apenas oito annos), e tambem poetas com os quaes, segundo elle diz: arte e forças provou. Seria, á vista d'isto, Santarem? ou Abrantes?

Em todo o caso a demora de Diniz longe da capital parece que foi peque-

na, não excedendo a dois mezes, intervallo que vae entre a recitação na Arcadia da ecloga Elpino e Tirse (31 de julho de 1758), dado que ella fosse lida pelo proprio poeta, e a do idyllo de que tirámos os versos em que se funda este facto (30 de setembro do mesmo anno).

Pag. 17, lin. 21.

Logar que começou a servir em 2 de fevereiro do anno seguinte (isto é de 1760).

Assentáramos esta data fundados na carta de mercê de D. Maria 1.^a, já citada em nota ao texto, na qual se declara que o bacharel Antonio Diniz da Cruz e Silva representou á dita soberana haver servido nos logares de letras quinze annos, um mez e seis dias no logar de juiz de fóra de Castello de Vide e no de auditor do segundo regimento de infantaria da praça de Elvas, contados com alguma interpolação de tempo desde 2 de fevereiro de 1760 até 22 de março de 1773, etc.

Muito depois de impressa a nossa introdução (que o está desde o principio de 1878) o Sr. Alberto Pimentel, bem conhecido na republica das letras, aproveitou a sua estada em Castello de Vide para ver se encontrava alguma coisa ácerca de Diniz, o que logrou, deparando no archivo municipal dois documentos, um dos quaes é o registro da carta por que Sua Magestade manda á camara dê posse ao doutor juiz de fóra Antonio Diniz da Cruz, e o outro o auto da dita posse. O primeiro é datado de Lisboa, 5 de dezembro de 1759, e o segundo de 2 de fevereiro de 1760. Acham-se publicados no *Diccionario Popular*, sob a palavra Castello de Vide, e foram tirados do *Livro de registros das leis, alvarás, provisões regias e mais papeis que se mandarem registrar no concelho d'esta villa—1876*, fol. 213, e do *Livro de termos de vereações que se hão de fazer no anno de 1760*, fol. 5.

Folgamos de que os documentos encontrados viessem confirmar plenamente o que avançáramos.

Pag. 17, lin. 22.

No anno de 1759 esteve o poeta doente de sezões, etc.

Além d'esta doença, Diniz soffreu outras dos rins e dos ouvidos, mas não sabemos quando. Mostra-o o soneto 61 da segunda centuria, do primeiro volume das suas *Poesias*, dirigido ao facultativo Henriques, cuja primeira quadra é:

Já sei que tu não vens sem um soneto
Vêr um poeta, quando está doente:
Ora pois, meu Henriques, promptamente
Aqui quatorze versos te prometo.

Lembraremos de passagem que este Henriques seria Jeronymo Henriques de Sequeira, que tambem tratava de Garção e a que este escreveu o soneto que principia:

Doutor Henriques, o Garção doente, etc.

Na collecção autographa ha outro soneto a Henriques, o qual Trigoso não publicou por ser um pouco improprio.

Pag. 18, lin. 15.

Recitou ou fez recitar, etc., o idyllo *Amphrisio* e um idyllo pharmaceutico, etc.

Os estatutos da Arcadia determinavam, como já vimos, que só por motivo urgentissimo deixariam os socios de assistir ás conferencias, pois de taes faltas proviria á sociedade a sua total ruina, e que ainda que não pudessem comparecer enviariam ao secretario as suas composições.

Ignorando se esta disposição abrangia os que estavam ausentes de Lisboa, e se Diniz se achava n'esta cidade na data das duas sessões, julgámos melhor deixar o ponto em duvida.

Qualquer das duas hypotheses é muito fativel: podia a licença de dois-mezes concedida a Diniz para estar fóra de Castello de Vide, em 19 de dezembro de 1763, sem declaração de principio e fim, começar a correr muio, mais tarde, ou talvez mesmo ser renovada, e podia a Arcadia, pelo paragrapho dos estatutos já mencionado, entender que ás producções dos seus membros ausentes de Lisboa assistia o direito de serem recitadas nas sessões, o que é razoabilissimo e até natural.

Pag. 18, lin. 17.

e nos fins d'este anno (isto é de 1764) já havia deixado o seu emprego, pois a 15 de dezembro se lhe mandava tirar a competente residencia.

O Sr. Alberto Pimentel das suas pesquisas em Castello de Vide, a que acima alludimos, veio no conhecimento de ser a ultima assignatura de Diniz, jque se encontra nos livros da camara d'aquella villa a da vereação de 28 de ulho de 1764, e de ter tomado posse o seu successor, Miguel Pereira Pinto, a 20 de dezembro do mesmo anno.

Parece portanto que o nosso poeta deixou de ser juiz de fóra de Castello de Vide, não no fim de 1764, como suppozemos, porém pouco depois de entrado o segundo semestre d'elle. A differença é pequena, mas sempre vale a pena declaral-a.

Pag. 22, lin. 28 e 31.

Pina e Mello... Este auctor foi um dos adversarios da Arcadia, etc.

Cabe aqui transcrever uma nota curiosa de Trigoso que respeita a este poeta:

Estando Theotonio Gomes de Carvalho glosando uma cantiga (narra Trigoso) se queixou a Diniz, que se achava presente, da falta de um consoante. Corria uma voz, ainda que falsa, de que o Pina tinha morrido, rompeu então Diniz compondo na maior parte extemporaneo o soneto que principia:

Alma triste do Pina, que orgulhosa
Em torno da Hipocrene andas vagando,
Por duros consoantes barreando,
Ocupação aos vates trabalhosa,

Pag. 23, lin. 4 e 5.

Lêmos, não sabemos onde, que D. José teve entre os arcades o nome de Albano;

Depois de impressas estas linhas lembrámo-nos da obra em que vem tal noticia: é no *Curso de Litteratura Portugueza* dos Srs. Andrade Ferreira e Camillo Castello Branco.

Pag. 23, lin. 25 e 26.

Manuel de Figueiredo chegou até a declarar diante dos seus proprios consocios que a Arcadia não era digna da protecção regia, etc.

Eis as palavras de Figueiredo:

...são taes os ameaços da total ruina da Arcadia, que vós os que a estabelecestes, vós os que a fortificastes, pasmados contemplaes a sua decadencia e principiaes a sentir a vergonhosa consequencia da sua falta: uns julgando-a irremediavel sem o valente reparo da protecção regia, e outros querendo pôr-lhe os violentos remedios da severidade; mas nem os vossos clamores conseguem aquelle suspiradô estabelecimento, nem a vossa prudencia deixa de considerar o quauto são arriscadas as deliberações da ultima desesperação, etc.

«Confesso-vos, senhores, que quando olho para cada um de vós julgo impossivel a decadencia da Arcadia; mas volto os olhos ao Menalo; vejo-o sem pastores, etc.

«Não me podereis negar que a vossa frouxidão em satisfazer áquellas obrigações a que vos sujeitastes livremente é o que unicamente tem causado esses irremediaveis males que lamentaes no corpo d'esta academia, etc.

«Não me digaes, senhores, que não conheço as differentes paixões do espirito dos homens, que me esqueço do pouco que sempre duraram semelhantes ajuntamentos entre os nossos patricios, de que, ainda os mais celebres corpos de comunidade não subsistiram sem protecção, sem premio, sem castigo; porque não podereis deixar de convir em que a honra é um meio mais efficaz que todos para sujeitar e para conduzir os homens, ainda contra o seu predominante genio, contra os seus interesses e contra o mesmo discurso, etc.

«Vós que, se sois convidados por uma ou outra pessoa, e talvez por cumprimento, a este ou áquelle ridiculo passatempo, precipitaeis vossos negocios, furtaes o tempo ao somno, deferis as dependencias de menos importancia, e, se não podeis comtudo vencel-as, ou vos sobrem qualquer incidente, daes mil desculpas, desfazeis-vos em satisfações, por salvar a palavra que destes, prometteis a uma assembléa de fazerdes tudo o que ella vos determinar, recebeis uma carta por que vos chama uma e outra vez, e uma e muitas e todas deixaes de vir; e qual é a satisfação que daes, que desculpas verosimeis podereis allegar, como salvareis a injuria publica que fazeis aos homens de bem que vos esperam?

«Um só não poderá justificar duas faltas successivas; e não vos enche de confusão verdes que o ministro, o professor publico, o dependente, em uma palavra os mais occupados são os que mais frequentam esta sociedade, são os mais esculpulosos em justificar as suas notorias desculpas? Estimaes em pouco

esta sociedade? Que conceito fazeis d'aquelles poucos homens que a tratam com similhante delicadeza? Parece-vos que seriam capazes de supportar uma só vez estas grosserias, se o assumpto fôra ridiculo? E sobre tudo não sois vós os mesmos homens que mostrastes no principio tanto amor á sciencia, tanto desejo de entrar n'esta sociedade, tanta satisfação em a frequentar? Pois que projecto tinheis n'esse tempo? Que rasão tendes agora para perder aquelle gosto aquella esperança que vos animava?

«Era protector d'esta academia algum grande que vos lisonjeasse, que vos promettesse o seu patrocínio, que vos enchesse de vaidade quando chegasse á vossa porta a pedir-vos que não faltasseis á sua assembléa? Dava-vos algum premio a academia quando lieis n'ella os vossos papeis? Multava-vos quando faltaveis ás suas sessões? Eram as suas leis mais favoraveis? Fez-vos alguma promessa a que vos tenha faltado? Perdeu-se n'ella aquelle governo republicano, aquella alternativa, aquella liberdade, que, sem distincção de qualidade, sem consideração de merecimento, sem respeito de antiguidade, vos faz a todos eguaes, nas occupações, nos assentos, e na authoridade, faz particular a cada um de vós a gloria commum que resulta a esta sociedade tanto pelo seu estabelecimento, pela sua duração, pelo seu progresso?

«Imaginaveis acaso que os vossos particulares interesses se facilitariam com vos matriculardes nos livros da Arcadia? Desgostou-vos a consideração que mereceram alguns de nossos socios? Tarda-vos já o premio do vosso merecimento? Que serviços tendes feito á republica? Que utilidade se pôde tirar dos vossos escriptos? Que idéa nos daes da vossa applicação, do vosso talento, dos vossos costumes? Ah! quanto temo que este meio tão proprio para fazerdes patentes as vossas boas qualidades, os vossos talentos uteis á republica, quanto temo que venha a prejudicar ao vosso particular merecimento, fazendo-se publica a vossa pouca applicação, a vossa falta de constancia e os vossos espiritos insociaveis.

«Quereis a protecção regia! E parece-vos que assentará bem a particular consideração do principe em uns homens, que, depois que mereceram a attenção do publico, o applauso das primeiras pessoas da córte, os louvores do ministro, ou se encheram de orgulho para pretenderem a primeira contemplação, ou conheceram tão pouco a honra que lograram que nem politicamente fizeram por sustentar aquelle conceito? Eu, amantissimos arcades, eu que a nenhum de vós cedo no desejo de ver condecorado este corpo litterario, vos asseguro que seria preciso violentar o meu entendimento para achar na deliberação regia que nos recebesse debaixo da sua protecção o acerto que evidentemente se me representa em todas as resoluções do ministerio.

«Que quereis que se responda ao ministro quando perguntar pelos progressos da Arcadia? etc. Que quereis que se responda? Que está extincta. E não vos cubris de confusão? Pois isso é evidente. Mas entrando no exame do motivo ainda dirão mais que a verdade; dirão: mas evitae-me o pejo de o referir; vós o ouvireis; e não sei se já é decoroso aos homens serios o nome de arcades.

«Mas se n'esta sociedade reinára a boa união, o fervor da applicação, aquella civilidade que serve de ornamento á sciencia, em uma palavra se se frequentassem as nossas sessões, que honras deviamos esperar, que protecção não alcançaríamos de um Mecenaz que nos tem mostrado a sua propensão,

de um ministro que na occorrença de negocios da maior ponderação uma e outra vez nos quiz ouvir, nos agradeceu e nos recommendou a continuação de nossos estudos, dando-nos os conselhos mais solidos, mais prudentes para se conseguir o fructo que elle via se poderia colher d'este bem principiado estabelecimento. Perguntae, senhores, a quantas pessoas têm a honra da communicação d'este ministro com que elogios não honrava esta academia, com que satisfação se não lembrava do merecimento de algumas obras, que esperança não fundava no genio de muitos de vós, etc.

«Agora discorrei, não como applicados, como homens de bem, se vos fica decorosa a frouxidão que mostraes, o esquecimento das vossas obrigações academicas, e a incivilidade com que trataes a Arcadia; vêde se acaso seria prudente encarregar esta assembléa de qualquer incumbencia litteraria, e, quando se fizesse, qual de nós teria a confiança de esperar um digno desempenho. Eu tremo só de o imaginar.»

(Bibliotheca Nacional, Original autographo.)

Pag. 24, lin. 5 a 7.

Despachado Antonio Diniz auditor do segundo regimento da praça d'Elvas nos fins de 1761, mudou a sua residencia para esta cidade, onde suppomos já estava no principio do anno seguinte, etc.

O que nos serviu de fundamento para esta asserção foi a residencia que a 15 de dezembro de 1764 se mandou tirar do logar de juiz de fóra de Castello de Vide que servira Diniz, porque a nomeação de auditor não a encontramos, por mais esforços que fizessesmos. Julgámos pois que a data d'esta se poderia assentar com alguma probabilidade pouco antes da da residencia, isto é nos fins de 1764, e aventurámos por induções tiradas dos documentos da dita residencia, que no principio do anno seguinte elle se achava já em Elvas.

Mas a isto ajuntámos: Acompanhou-o talvez seu irmão Fr. Francisco de Salles, o qual, tendo professado, como vimos, no convento de Jesus de Lisboa, fóra depois leitor de theologia e reitor do Collegio de Coimbra. Aconselham-lhe os facultativos mudança de ares para a molestia de que padecia e naturalmente aproveitou a opportunidade do despacho de Diniz para se transferir a Elvas; mas, a ser verdadeira a data da sua morte apresentada por Innocencio, isto é, 17 de novembro de 1764, deve inferir-se ou que partiu para aquella cidade antes do poeta ou que este já ahi se achava em novembro do mesmo anno.

Esta nossa ultima supposição tornou-se em quasi certeza, depois que pelos dados collidos ultimamente em Castello de Vide e a que já nos referimos na nota á pag. 18, lin. 17, se depreende que o poeta deixou de ser juiz de fóra d'aquella villa pouco depois do começo do segundo semestre de 1764, pois na vereação de 28 de julho se encontra pela ultima vez a sua assignatura nos livros competentes.

Conhecido isto, podem-se desfazer quasi com certeza as duvidas que apresentámos, se suppozermos que Diniz já se achava em Elvas antes de novembro; que portanto assistiu á morte de seu irmão Fr. Francisco de Salles, occorrida a 17 d'este mez, e que este pôde até muito bem ser que fosse com elle e não anteriormente.

Innocencio diz que o poeta assentou residencia em Elvas naturalmente nos primeiros mezes de 1764, mas do que já disseramos e do que resulta agora dos novos documentos vê-se que incorreu em erro.

Pag. 24, lin. 21 e 30,

Ahi... viveu por espaço de dez annos, etc.

O Sr. Ferdinand Denis no prologo já citado escreve, referindo-se á estada do nosso poeta em Elvas :

«On prenait peu d'intérêt au mouvement ascendant de la poesie dans cette place forte et on y lisait peu, si même on y lisait. Le voisinage de la frontière lui permettait de se procurer quelques bons livres.»

O estado de Elvas não era tão atrasado e tão illitterato como o escriptor francez injustamente pensa, nem o poeta precisava estar perto da fronteira hespanhola para obter alguns livros bons, que podia alcançar com facilidade de Lisboa e d'onde naturalmente levára bastantes para aquella cidade.

Pag. 26, lin. 9.

Eram ambos dotados de boas qualidades, etc.

Quanto ao bispo, dizem as notas manuscriptas que nos foram emprestadas pelo Sr. Dr. Philippe Simões que o ornavam muito boas qualidades pessoaes; que vivia com luzimento; que era magnifico nas suas funcções e muito liberal com os seus parentes e criados, a quem fez sempre todo o bem que poude; que a sua mesa disputava primasias em fartura e delicadeza, na cidade de Elvas, á do proprio general o visconde da Lourinhã, havido n'este particular por franco e grandioso; que era muito gordo e amigo de nutrir-se bem e regaladamente e que as pessoas que apreciavam as suas boas qualidades pessoaes lamentavam que fosse um dos heroes do *Hyssope* e que se tivesse mettido em questão tão ridicula com o deão.

Quanto a Lara a longa residencia que fizera em Roma, onde convivera com tantas dignidades ecclesiasticas, assim como os parentes e amigos de alta posição que contava em Portugal e os bons sentimentos que respiram as suas cartas, fazem-nos suppôr ser sujeito de fino trato, ao passo que estas nol-o patenteiam dotado de indole timorata, mas boa.

As notas dos Srs. Simões e Pitta chamam-lhe pessoa distincta e de conhecida nobreza.

Pag. 26, lin. 16.

Essa discordia não tardou a rebentar.

Aqui vão os proprios documentos que serviram principalmente para esta parte do nosso estudo. Não só elucidarão mais os leitores, mas tambem apresentarão em relevo a ignorancia de Lara, que o poeta nos descreve tão comicamente.

Veiu-nos cópia d'elles da Bibliotheca de Evora, onde se guardam e são os seguintes, com as suas proprias palavras e incrivel orthographia, para darem cabal razão ao nosso Diniz.

«R.^{mo} P.^o M.^o D.^o Fr. Me.^l do Senacullo Difinidor g.^{al} e Provincial de toda a ordem 3.^a de S. Fran.^{co}

«Am.^o e Sr. dez.^o sempre a certêza de q̄ V. R.^{ma} passa com m.^{ia} prefeita saude, e com o descansso competente p.^a á concervasão della. Eu passo sem molestia corporal ainda q̄ no animo não faltão mortificasoens vendo executar neste Bispado violencias e continuas faltas de justissa suscedendo presentem.^o huma das mais senciveis q̄ podia emaginar q̄ me obrigou a desviar-me da comonicasão do meu Prelado sem q̄ da m.^a parte ouvesse a minima venealid.^a, por q̄ sempre me desvelei em no obzequiar com o major exsesso (confisao q̄ elle mesmo tem feito m.^{tas} vezes) e nada disto bastou p.^a deichar de romper no exsesso q̄ eu nunqua esperava querendome criminar de se não ter lansado nos livros dos acordanôs do cabb.^o huma ditriminasaõ q̄ elle dis mandara p.^a o modo de como deviaõ tomar posse os novos conigos das suas conezias em q̄ fossem providos e dandosse tudo a execusão como elle ditriminavaõ (não por ordem sua por escrito como affirma q̄. mandara cuja ordem se buscou enunca apareceu (nem aparezera) porq̄ affirma o M.^o das sirimonias q̄ elle não troxera ordem por escrito e só sim hum recado de palavra q̄ este fora o q̄ o Senr. Bisppo lhe dera os quais recados nunqua se costumão lanzar em acordaõ e p.^a isto mandou S. Ex.^a huma cartta ao cabb.^o p.^a q̄ lhe mandasse a sua caza dois cappitulares q̄ com elles tinha q̄ tratar hum particular pondo na d.^a carta q̄ dos dois capitulares nenhum fosse o R. Deaõ. Cartta q̄ não só escandalizou ao Cabb.^o mas a toda estta cid.^e e Bispado querer S. Ex.^a tratar negossio pertensente ao Cabb.^o excluindo o seu prezidente sem algum motivo; porq̄ se elle tinha cometido algum dilitto em executar o q̄ o Cabb.^o lhe mandava elle era o primeiro q̄ devia ser ouvido p.^a poder dar a ração do que tinha feito e indo os dois capitulares increpou o Cabb.^o de pôr em duvida o executar huma ordem q̄ elle tinha mandado por escrito a qual se não achou e foi mandada por hum mero recado q̄ o M.^o das cerimonias tinha trazido a execusao deste recado se não faltou a coiza alguma; porem como a posse se tinha dado de huma conezia que elle tinha dado a um creado seu, com tal ou qual justissa rompeu em semelhante exsesso dirigido tudo por hum religioso do Carmo chamado Fr. Caetano Roquette o qual he reitor deste siminario q̄ não contentte de trazer sempre enredada a sua Religiao veio p.^a esta cid.^e onde tem trazido sempre enredado o pobre Prelado junto com outros adibes de semelhante procedimento ao seu q̄ no governo do Bisppado se não faz senaõ o q̄. elles detriminaõ q̄. tudo são absoluttas e vexasones.

«Desejára eu agora q̄. de tudo isto mandase o Senr. conde de oeiras tirar huma exatta informasaõ por pessoa dezenteresada e acodisse com a sua respeitavel prodenssia a remediar excessos, e escandallos taõ prejudiciais como se estaõ vendo todos os dias enesitaõ de se remediarem e tomara eu agora poder ter huma hora de pratica com V. R.^{ma} q̄ lhe mostraria coizas enaudittas e menos esperadas de q.^{mo} deve cuidar só no serv.^o de Deus com aquelle cuidado q̄. deve, e he obrigado.

«Esttes procedimentos absoluttos me trazem taõ mortificado q̄ me tem obrigado a fugir de toda a comonicasaõ com S. Ex. em quanto durar o governo deste Religiozo taõ prejudisial a este Bispado porq̄ as insolencias

são continuas E como não tenho com q.^m dezafogo e confesso a fiel amizade q̄ devo a V. R.^{ma} tomo este dezafogo q̄ V. R.^{ma} desculpara. Bem sei q̄ as suas grandes ocopasones lhe daraõ motivo a se mortificar na leitura desta cartta mas culpe V. R.^{ma} a sua bond.^o e o seu prestimo, e desculpe o meu dezafogo q̄ só com V. R.^{ma} tivera a confianssa de o comonicar por ser materia taõ particular q̄ só de V. R.^{ma} a devo fiar e viva na certeza q̄ só mandandosse daqui sahir este frade p.^a o seu convento terá este Bisppado algum socego; e eu o dezejára tambem abridoseme algum cam.^o p.^a me ver livre de tannta enqueitassão da concienssia, e a conciderassão q̄ continuam.^o trago no q̄ relato a V. R.^{ma} me faz lembrar mil coisas reprezentandosseme q̄ como seade nomear capelam q̄ diga missa ao nosso Principe tendo eu a fortunna de alcansar esta honra ficaria podendo só cobrar a renda do meu Deado sem mais interesse algum servindo a S. A. porq̄ isto se pratica em Espanha e Roma nesta m.^{tas} Prelados q̄. são conigos não rezidem nas suas Igreijas por estarem ao servisso de S. S.^{as} e naquellas m.^{tas} conigos e dignid.^{as} q̄ com o titullo de capelañes Reais servem a semanna no Passo dizendo missa as pessoas Reais e por este motivo comendo os seus benef.^{as} isto bem sei q̄ podera emconstrar alguma dificuldade e quando V. R.^{ma} conhessa q̄ a tem he particular q̄ se tratou entre nós ambos e sei o como V. R.^{ma} os sabe tratar ficando coño se em tal senaõ praticasse tudo deicho sugeito a relevantte capacid.^o de V. R.^{ma} q̄ eu como emteresado poderei Eu discorrer mal, e pensar pior e q̄ só pesso a V. R.^{ma} he hum bocadinho de pasiensia q̄ meresso a tenha comigo pello m.^o q̄ venero a sua pessoa e pella fiel amizade q̄. lhe professo com a venerasaõ q̄. devo a sua pessoa q̄. D.^o g.^o m.^{tas} ann.^o Elvas 22 de julho de 1768.

De V. Ex.^a

mais obrig.^o V.^{do} am.^o e C. de V. R.^{ma}

José Carlos de Lara.

«R.^{mo} P.^o M.^o D.^o e Provinssial Fr. Manoel do Senacullo.

«Meu am.^o e meu Sn.^r da m.^a major estimasaõ. Como eu conhesso as m.^{tas} e graves ocupasones em q̄ V. R.^{ma} se acha dez.^o evitar todas as occasioñes de o molestar porem não basta hoje cuidar a gente em viver com honrra credito, e bom procedim.^o p.^a se livrar de pessoas apaxonadas e pouco tementes a D.^o q̄. por todos os caminhos o pertendem inquietar.

«Este Cabb.^o ajudado deste santto Prelado ou influido por elle pertendeu gravarme o meu benef.^o e dignidade querendo porme a obrigaçãõ de q̄ eu fosse a huma portta de escada ao meio da rua esperar o d.^o Prelado todas as vezes q̄ por ella particularm.^o vem a esta see da qual portta quis usar por vir com mais liberdade como o fazia o Snr. Patriarcha todas as vezes q̄ vinha occultto a Patriarchal e como a d.^a portta o não esperava Ministro algum da Patriarchal me pareseu improprio consentir eu semelhantte obrigaçaõ nem consentir em hum gravamen no meu benef.^o q̄ não achei, nem avia autorid.^o p.^a se lhe por m.^o mais não coñduzindo a d.^a portta p.^a a Igreja antes estando taõ longe della q̄ esta fora doadro e sagrado da mesma pois he seritto q̄ vindo

pella portta da Igreja nenhuma duvida ha q̄ alguns capitulares o devem esperar p.^a o mais digno lhe administrar a agoa benta mas vindo particularmente a huma portta onde estta se lhe naõ administra nenhuma lei manda q̄ seja esperado e m.^o menos pella p.^a dignid.^e e Prezidentte do d.^o Cabb.^o e como vi q̄ a isso me obriga pondome multta se assim o naõ exercutasse protestei naõ estar pello acordaõ da obrigasaõ q̄ me queraõ por. Fis. logo huma petisaõ o Snr. Bisppo alegando as minhas rezões porem como estava pella p.^o do cabb.^o pos hum desp.^o q̄ naõ tinha lugar o meu riquirimento do qual apelaõ p.^a a Metropolli de Evora e lá se achta a sentensiar o meu requerimento a qual a sustancia vera V. S.^a do papel incluso (q̄ pesso me torne a remeter) e como vendo que não poderaõ ter sentensa a seu favor pella injustissa q̄ me pertenderaõ fazer intentaraõ outra major de q̄ tenho noticia escrita de q̄ neste corr.^o daõ huma conta pella secretaria de Estado contra mim arguindome de inquietador, e perturbador da paz quando eu nunca cuidei seuaõ em na concervar usando da major prudenssia q̄ nada bastta contra animos inquietos e orgulhozos. Eu naõ pertendo dar desculppas, mas sim o q̄ mais pesso a V. S.^a he queira intrepõr o seu patrossinio com o sur. conde de Oeiras para q̄ S. Ex.^a mande tirar n'esta terra huma exatta informasaõ tanto do meu procedimento, e modo com q̄ nella tenho vivido por qualqer dos m.^{os} Ministros de S. Mag.^o q̄ nella ha q̄ como pessoas desenteresadas informaraõ de toda a verldade a S. Ex.^a q̄ dara o castigo a q.^m o merecer pois m.^o bem se sabe q.^m saõ os motores de todas esttas desordeñs. Esta he ocaziaõ em q̄ eu me devo aproveitar do favor de V. S.^a pedindo-lhe emcaresidam.^{ta} sequeira lembrar de mim por aquela fiel amizade q̄ sempre lhe devi. E como em tudo se deve falar veijo q̄ S. Ex.^a teve ordem de prover todos os benef.^{os} q̄ nesta seé se achavaõ vágos (como fes) e me dizem q̄ S. Mag.^o proverá os q̄ nos Bispados vacantes estaõ vagos. No do Porto seachaõ dois Arssediagados vagos eu com o maior gostto dizistirei deste Deado nas maos de S. Mg.^o provendo-me em hum dos d.^{os} Arssediagados com a renda q̄ tem q̄ por me livrar destte Cabb.^o estimarei de passar de guardiaõ a porteiro e conheseria cer essa a m.^a major fortuna porq̄ sendo constante a insolenssia com q̄ hum conigo destte Cabb.^o teve a rezuluçaõ de dar com hum pao na sancresttia da seé no Deaõ meu antesor claro esta q̄ com este exemplo senesecita de toda a cauttela e pedir a D.^a e a V. S.^a me livre semelhantes ocazioñes. Bem sei q̄ me tenho alargado m.^o naõ atendendo as ocupasoñes de V. S.^a mas nestta ocaziaõ me ade perdoar e concederme a respostta desta cartta q̄ p.^a hum fiel am.^o bem se pode reservar huma meia hora em q̄ se consolle.

«Naõ repare V. S.^a em naõ hirem as regras m.^o direittas porq̄ estta he feita na cama aonde me acho ha dias por causa de huns crecimenttos q̄ me tem preseguido q̄ naõ duvido procederem da grande affisaõ de animo q̄ estas coizas me tem cauzado. O que mais estimarei he a certeza de q̄ V. S. passa com a pefeitta saude q̄ lhe dez.^o p.^a ao menos na minha affisaõ me contentar com essa certeza D.^a g.^{de} a V. S.^a m.^{os} annos.

«Elvas 19 de Mayo de 1769.

«Remetto a V. S.^a junttam.^{te} a petisaõ q̄ fiz ao snr. Bisppo na qual profetrio o desp.^o naõ tem lugar o riquirim.^{to} do R. Supp.^e e como sei q̄ nestte corr.^o vai a conta q̄ contra mim se dá da p.^{te} do R. cabb.^o am.^a molesttia me naõ

dá lugar p.^a por em limppo os ducum.^{os} q̄ remetto q̄ os originaes estaõ com apelaõ em Evora e se a V. S.^a lhe pairesse q̄ eu sobre este particular escreva a Joaõ Gomes de Araujo o farei; mas fio tanto no patrocínio de V. S.^a q̄ só a elle quero recorer na surra e injustissa q̄ se me pertende fazer intentando a m.^a ultima Ruinna q̄ taõ pouco lhe tenho mericido &c.»

m.^{to} am.^o mais obrig.^{do} C. e

v.^{do} de V. S.^a

José Carlos de Lara.

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sñr. .

«Diz Joze Carlos de Lara Deam da Cathedral desta cid.^e q̄ em Cabb.^o chamado de 23 de Dezbr.^o proxime passado de 1768 se lavraraõ dous Acordãos ordenando se no pr.^o q̄ se observase o costume de ir esperar a V. Ex.^a, q.^{do} vem a Sc̄, a Dignidade mayor q̄ nella se achar, e o conigo mais antigo q̄ estiverem sem impedim.^{to} Legitimo: e porque o supp.^{to} he a pr.^a Dignidade depois de V. Ex.^a, protestou mostrar q̄ naõ devia ser obrigado air sempre assistir por obrigaõ riguroza a V. Ex.^a, nem podia gravar se com esse onus o seu Beneficio; e q̄ por isso naõ estava pella rezoluõ do d.^o Acordaõ. Escreveo se lhe seu protesto, q̄ assignou; mas fizeraõ logo seg.^{do} Acordaõ determinando q̄ naõ obstante o seu protesto, õbservasse o supp.^{to} o d.^o Acordaõ primr.^o, emq.^{to} naõ mostrase sentença emcontrario, pena de naõ ser contado no dia emq̄ faltar, naõ estando Legitimamente impedido. Mãs porq̄ as assistencias aos Sñr.^{es} Bispos determinadas pellas Leis, Constituicoens, ou Estatutos saõ Direitos certam.^{to} Episcopaes ex consilio Trid. Sessioe 24 de Reform. Cap. 12 prope fin. juntas as leis concordantes, naõ podia o Ill.^o Cabb.^o dispor o q̄ ordenou por estatuto nos d.^{os} Acordaõs por naõ ter jurisdicaõ p.^a dispor no q̄ he concernente a V. Ex.^a, sem o seu formal concenso. Aug. Barb. jur. Eccleziast. Un. Lib. 1.^o cap. de Canon. 32 n.^o 2.^o in fin., et n.^o 75, in fin. E m.^{to} menos com a impozicaõ da d.^a pena por naõ ter jurisdicaõ o Ill.^o Cabb.^o p.^a impor taes penas, como se resolveo em hua decizaõ da Sacra Rota, q̄ refere o mesmo Barb. dicto Cap.^o 32. n.^o 19. v.^o de statutis per capitulum valide vel invalide faciendis in fue; pello q̄ foraõ invalidos os Acordaõs, e m.^{to} mais por ser imposta a d.^a pena sòm.^{to} ao supp.^{to} pello seu cargo nomeadam.^{to} e naõ aos mais sn.^{tes} q̄ na sua auzencia substituisem, et sic em odio de particular pessoa, em q̄ nunca podia valer o Estatuto ainda q.^{do} fosse feito com legitima jurisdicaõ: ultimo fundamento das respostas dadas aos contrarios na referida Decizaõ da Rota V.^o Nequet obstat. Quanto mais tendo a suprior Dignid.^e do supp.^{to} o pr.^o lugar da Prelazia, e de Arcipresbytero nesta egr.^a com jurisdicaõ sobre o Ill.^o Cabb.^o de q̄ he Presidente, como adverte o referido Barb. no Cap. 21. n.^o 39., et 40. Sem q̄ possa obstar a urbanid.^e q̄ por atenõaõ, e veneraçãõ mayor a V. Ex.^a tem o supp.^{to} praticado m.^{tas} vezes nas d.^{as} assistencias; porq̄ nos dias Pontificaes, a obrigaõ he de todos as Dignidades e mais sn.^{tes} Capitulares: mas nos outros dias he só de alguns, sem precisaõ de q̄ seja o pr.^o nem o mais antigo, como queriaõ os d.^{os} Acordaõs, vindo nessa forma a estatuir o contr.^o do q̄

julgo a Sagrada Congregaçãõ na Decizaõ q̄ sita o d.º Barb. Ubi supra Cap. 12. de Dignitate, et privilegiis Episcop: n.º 13, e 14 (quod quæso, videatur). E porq̄ a V. Ex.ª compete suprir e prover em taes casos sobre o q̄ naõ for conforme aos Estatutos, e Leis Ecclesiasticas ecanomicas, e compor as comtroversias de precedencia entre as pessoas Ecclesiasticas como recomendaõ as Leis, e o lembra o d.º Barb. Cap. 11. n.º 122; pro bono pacis, socego da conciençia do supp.º q̄ naõ deve concentir mayor gravamen no seu Beneficio com prejuizo dos seus successores, imo tem obrigaçãõ de o concervar com as regalias q̄ sempre teve: e por observaçãõ do Cap. 20 do Regim.º particular do Coro, q̄ manda ao Presidente q̄ nunca Largue o lugar da sua Prezidencia a q̄ vinha a faltar indo sempre as d.º assistencias; e pellas mais razoens q̄ a altissima ponderaçãõ de V. Ex.ª hade suprir com a innata benignid.ª prudencial de q̄ he dotado.

«P. a V. Ex.ª R.ªª q̄ atendendo a tudo seja servido mandar q̄ se reformem os d.º Acordaõs, e fique o supp.º no seu Beneficio ilezo como antes estava sem a precizaõ das assistencias rigurozas, e çontinuas nas chegadas particulares de V. Ex.ª em q̄ por Direito só devem ir quaes q.º das Dignid.ªª e Conigos q̄ se acharem prez.ªª como sempre foi costume e se pratica nas mais Diocesis, e se tem julgado como está dicto na Sacra Congregaçãõ.»

E. R. M.ª 1

Papel sem fôrma de carta, juncto com as cartas a Cenaculo e da letra do Lara.

«No papel da respostta q̄ o R. Cabb.º dá ao riquirimento q̄ fez o R. Deão se achãõ muito poucas rezones q̄ convensãõ o cazo de q̄ se tratta porq̄ com a sua respostta nos qer presuadir o R. Cabb.º a obrigaçãõ q̄ tem de fazer executar as leis Estatuttos constituiones do Bispado e capp.ªª de vizitta os quais athe agora nenhum senhor cappitular duvidou esecutar e m.º menos duvida esecusaõ dellas o R. Deão Prizidente do d.º R. Cabb.º quando em alguma destas se achase estabelecida a obrigaçãõ de ser elle, e o conigo mais antigo obrigados a hir esperar o Prelado desta seé a huma portta particular fora do adro da d.ª seé e sagrado da mesma q̄ só serve e servio sempre p.ª servisso m.º inferior q̄ nada tem com a serventtia da Igreja e he m.º separada desta e como sem embb.º de tudo isto pertendeu o R. Cabb.º obrigar o dito Deão a cer elle o q̄ fosse sempre com o conigo mais antigo possse a huma portta da rua fazer a d.ª espera. E como esta obrigaçãõ q̄ lhe pertendem por he em gravamen, e pensãõ postta ao seu benef.º e dignid.ª a qual he nova e nunca teve nem foi executada, porq̄ no temppe dos Senhores Prelados antese-

1 A pessoa que copiou este documento duvida que elle seja da letra do deão. Como não o vimos nada podemos dizer n'este particular; mas no que toca a redacçãõ e orthographia são muito melhores que as do Lara, pelo que acreditamos não serem suas.

sores de S. Ex.^a não avia tal portta nem por ella veio nunca nenhum dos sn.^{ms} Bispos a assistencia das funsões Pontificais, e só o prezente S. Bpp.^o p.^a vir com mais liberd.^o se quis della servir: m.^{ms} vezes por urbanid.^o o lia o d.^o Deão e conigo mais antigo ou o q̄ queria usar o mesmo obzequio esperar a d.^a portta semq̄ hum actto q̄ era meram.^o obzequiozo, e não de obrigasaõ pudesse nunca constituir posse quando esta urbanid.^o senaõ tinha nunca usado pello passado por virem sempre os sn.^{ms} Bispos a esta seé pella portta da Igreja aonde se lhe dá agoa bentta o q̄ senaõ pratica á d.^a portta por cer totalm.^o fora do sagrado e naõ cer serventia por ella p.^a a Igreja. E detreminando os seremoniais q̄ vindo o Prelado á seé o esperem a portta da Igreja alguns cappitulares em abitto coral p.^a lhe adiministrar o mais digno^o exoppe e agoa bentta nunca este detremina q̄ seja por forssa a pr.^a dignid.^o e só dis alguns cappitulares como qer logo o R. Cabb.^o por esta pensaõ ao Prezidente, e conigo mais antigo sem ter poder p.^a estabelacer leis novas nem pôr pensoes nos benef.^o q̄ nem o seremonial, nem Estatutos tal detriminaõ nem se achaõ AA q̄ dem semelhante poder a o R. Cabb.^o em seé plenna menos constando naõ aver primisaõ do Ex.^{mo} Prelado p.^a tal lei se estabelecer porq̄ tendo o R. Cabb.^o esta liberd.^o hiria pondo pensoes a os sn.^{ms} cappitulares como as suas paxones lhe ditasem e vernosiamos a cada passo com os nossos benef.^o cheios de pensoes q̄ nem os Pappas lhe puzeraõ nem nunca tive-raõ por titullo algum, vindo a concluirsse q̄ o R. Deaõ nenhuma duvida se lhe oferesse a hir esperar o seu Prelado a portta da Igreja por onde costumaraõ vir á seé todos os Prelados antesores do prezente rezaõ porq̄ senaõ deve verificar o desp.^o postto por S. Ex.^a na petisaõ q̄ o d.^o Deaõ lhe fes, nem menos se verifica o dizer no seu desp.^o q̄ nunca o d.^o Deaõ o desputou quando fazendo o por mero obzequio ninguem lho desputava e agora q̄ ve o querem obrigar he q̄ entra a disputa p.^a naõ consentir no acordaõ da o mandarem multar se o naõ fizer e com esta rezolusaõ he q̄ fica gravada e sua Dignidade q̄ elle pertende conservar como achou.

•Qer o dito R. Cabb.^o mostrar e persuadir q̄ o Prelado deve cer obzequiado o q̄ naõ padesse duvida nem avera q.^o a isso se oponha mas a estes obzequios estaõ obrigados todos os sn.^{ms} cappitulares e como naõ aseitaraõ estes a propositta q̄ o R. Deaõ lhe fes de q̄ a d.^a espera pertencia a todos em geral como todos os mais obzequios e só a estes he q̄ pertenderaõ obrigar a p.^a dignid.^o ficando elles sempre izenptos desta obrigasaõ e a nenhuma mais obrigaraõ com penna de multa e só a elle Deaõ nomiadam.^o he q̄ pertende multar como consta do acordaõ e nem ao conigo mais antigo, nem a qualqer outro q̄ faltar puzeraõ penna alguma donde se deicha bem conhecer quererem com pouca rezaõ obrigar a p.^a dignid.^o a semelhante onus, e gravamen m.^o mais naõ declarando o R. Cabb.^o cer a obrigasaõ postta a q̄ va esperar a d.^a portta particular, porq̄ na sua respostta nada falla da d.^a portta particular sobre q̄ cahe toda a duvida do R. Deaõ pois a todos os mais obzequios devidos aos Prelados quando como tais vem a sua seé nem o d.^o R. Deaõ os duvida executar, nem nunca duvidou. E como a constituisaõ deste Bispado capp.^o dczasette da autoridad.^o ao Prizidente de poder mandar chamar os sn.^{ms} cappitulares q̄ se achasem fora da cid.^a a vir acistir a qualqer funsaõ Pontifical e naõ viudo multallos pairesse q̄ de alguma sorte fica superior ao d.^o R. Cabb.^o como Prizidente delle e q̄ o d.^o o naõ pode obrigar acsaõ ne-

nhuma com multa senão desobedecendo ou não querendo executar algum dos capp.^{os} do Estatutto, ou das constituições no governo equinomico do d.^o Cabb.^o o q̄ não melitta na prezente disputta porq̄ he só duvidar da execusaõ de huma nova lei q̄ nem ha nem nunca ouve em see alguma destte Reyno e bem pode servir de esemplo a santta Basilica Patriarchal aonde o sn.^r Patriarcha vem p.^a todas as funsoes Pontificais por huma portta particular q̄ condus a caza dos param.^{tos} e bem constante he q̄ a esta nenhum ministro da Patriarchal o espera e só com a sua familia vai esperar na salla dos paramentos e com este taõ claro esemplo bem pode o R. Cabb.^o reformar o seu acordaõ e conhecer S. Ex.^a q̄ o riquirim.^{to} do R. Deaõ tem lugar por cer fundado em não dever adimitir semelhaute pensaõ no seu benef.^o e se deve conhecer não ter o R. Cabb.^o auctorid.^e p.^a fazer leis novas nem acrescentallas nem diminuillas como dispoem o mesmo capp.^o já cittatto xvii da nosa constituisaõ porq̄ tendo esta liberd.^e sem auctorid.^e dos Prelados ficava m.^{to} diminutta a desttes em q̄ não devem consentir, nem S. Ex.^a confirmar hum acordaõ feito sem sua auctorid.^e sendo em grave desprezo desta arrogarse a sii o R. Cabb.^o semelhaute auctorid.^e prinsipalm.^{te} mandando os Estatuttos do nosso Bispado em m.^{tos} Capp.^{os} q̄ ainda nas acsoes equinomicas do governo do d.^o Cabb.^o declarem sempre a condisaõ (avendo-o asim por bem o nosso Ex.^{mo} Prelado) e só neste novo acordaõ senão pos semelhaute clauzulla o que se fas m.^{to} Reparavel querer S. Ex.^a acomodarsse a elles com prejuizo total da pr.^a dignid.^e e menos auctorid.^e dos senhores Prelados a qual com semelhantes acordaños ficariaõ absolutos legisladores os Cabb.^{os} emdependenttes dos seus Prelados e com jurisdisaõ como se fosse em seõ vacante. Esera esta a pr.^a vez q̄ se veja consentir hum Prelado na diminuisaõ da sua auctorid.^e por respeitoes particulares consentido em q̄ os subditos posaõ estabaleser leis e fazer Estatuttos pondo penna de multa a q.^{to} não obedesse as suas ditriminaseões de poder absoluto o q̄ fica enjuriozo adignid.^e Episcopal q̄ devem sempre conservar ileza todos os sn.^{ros} Prelados etc.»

Segue n'um papel solto o seguinte, que não se sabe se faz parte do documento antecedente:

«Conhesendo-se a sinistra e declarada paxam cómq̄ o Ilustre Cabb.^o procedeu nos d.^{os} acordaños q̄ na prezente epoca do felisicimo Reynado de S. Mg.^o se fazem mais escandalozos faltando ao q̄ mandaõ as sabias leis do d.^o sn.^r recomendando nellas a pax, e concordia dos seus vasallos principalm.^{te} ecclziasticos q̄ devemos cer exemplo de todos os subditos destte Bispado não movendo questones, e alteraseões com novas leis Estatuttos, e serimonias q̄ não ha, e m.^{to} menos sem auctorid.^e p.^a as poder fazer devendosse só governar pello costume da S.^a Basilica Patriarchal Primas deste Reyno e Metropollí deste Bispado q̄ saõ o verdadeiro exemplar p.^a o governo das mais catredais.»

A estes esclarecimentos juntaremos o que dizem as notas dos srs. drs. Simões e Pitta.

José Carlos de Lara veiu viver em Elvas na Praça, nas cazas que depois possuiu o arcediago José Mauricio Travassos, e posteriormente o lavrador Joaquim do Rio de Abreu, defronte da guarda principal. Logo que D. Lourenço de Lencastre tomou conta do bispado contrahiu com elle estreita amizade, e,

construindo-se n'este tempo a nova casa do cabido, trataram entre si, para evitar o incommodo e etiqueta de o cabido ir esperar o bispo á porta principal da egreja da sé, nos dias em que este fosse a ella ou para fazer pontifical ou para assistir, que o prelado se apeiasse á porta da escada, que conduz á da casa capitular, e ali o recebessem o deão e outro conego offerecendo-lhe o deão o hyssope, o que se fez muito tempo, subindo em seguida o bispo e paramentando-se na casa do cabido, onde se achavam todos os conegos, e descendo paramentado e processionalmente até á capella mór por uma escada que da casa do cabido se dirigia a um corredor, o qual dava serventia da sacristia para a egreja. N'esta santa harmonia viviam os dois, e assim continuaram por muito tempo, até que discordando, não se sabe por que motivo, aconteceu o que se descreve no canto 3.º; d'onde resultaram os acordãos, multas, etc., até á morte do Lara, a qual succedeu pouco depois e foi attribuida ao desgosto que teve por causa d'esta questão. Dizem que este era fofo, altivo, de poucas luzes, e que usava de crescente e de lente, e que gostava de comer e tratar-se bem.

Lara morreu em Elvas, na rua do Tablado e foi sepultado na sé.

Pag. 28, lin. 7.

Ignacio Joaquim Alberto de Mattos,

Ignacio Joaquim Alberto de Mattos, natural de Lisboa, baptisado na freguezia de Santa Catharina do Monte Sinay, filho legitimo de Francisco do Rego e Mattos, cavalleiro professo da ordem de Christo, guarda roupa do Fidelissimo Principe, e seu official maior da meza da fazenda, e de D. Caetana Mauricia Joaquina de Lara (irmã do Deão), natural de Lisboa, e baptisada na freguezia da Encarnação. Foi apresentado no deado por mercê e graça do bispo de Elvas, D. Lourenço de Lencastre, em 26 de novembro de 1769. — A provisão é concebida n'estes termos:

«D. Lourenço de Lencastre, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, bispo d'esta cidade e bispado de Elvas, e do conselho de sua magestade Fidelissima, etc.

«Aos que esta nossa provisão virem saude e benção. — Fazemos saber, que por se achar vago o canonicato e prebendas, denominado deado, primeira dignidade de nossa egreja cathedral, por obito do rev.^{do} José Carlos de Lara, ultimo possuidor da dita dignidade, canonicato, prebendas e annexas, e nos pertencer o provimento de todos os beneficios, de presente vagos, ou que vagarem n'esta nossa diocese, sem embargo das reservas e regras da chancellaria apostolica, que não tem lozar e uso n'este reino, em quanto n'elle não forem recenidas; e nos constar dos merecimentos e requisitos, que concorrem na pessoa de Ignacio Joaquim Alberto de Mattos, lhe fazemos graça e mercê do sobredito deado, primeira dignidade da nossa cathedral, e n'ella seu canonicato, prebendas, e annexas pela presente auctoridade ordinaria; e pelo melhor modo que de direito podemos e devemos, o provemos, e havemos por provido, com todos os fructos, redditos, proventos e regalias, preeminencias e obrigações que por direito, posse ou costume lhe competirem e pertencerem, para que tudo goze e possua, assim e da mesma fôrma, que o gosava e possuia

seu antecessor; e para ser instituído, confirmado e collado no sobredito deado, primeira dignidade de nossa cathedral, seu canonicato, prebendas e annexas, pareça perante nós; e para constar d'esta nossa mercê lhe mandámos passar a presente provisão de provimento, que será registrada na nossa camara episcopal. — Dada em esta cidade d'Elvas, sob nosso signal e sello de nossas armas, aos 26 de novembro de 1769. — N. José Pereira, escrivão da camara episcopal, a escrevi. — *L. Bispo d'Elvas.*»

Por procuração passada em Lisboa a 12 de março de 1770, Ignacio Joaquim Alberto de Mattos constituiu seu bastante procurador o rev.^{do} Francisco Garcia Pereira, quartanario da sé (testamenteiro de seu tio) para em seu nome aceitar das mãos do bispo a collação da dita dignidade, e requerer as diligencias precisas para o seu exercicio.

Como fosse admoestado pelo bispo para tomar ordens sacras e desempenhar as obrigações do côro, resignou nas mãos de Sua Santidade o Papa Pio vi a favor de Pedro Joaquim Lopes, que foi apresentado no deado em 1 de agosto de 1779, e n'esse mesmo anno collado.

Pag. 29, lin. 44 e 45.

Este prelado foi transferido em 1780 para o bispado de Leiria, e ahi morreu em 1788.

Escrevemos que D. Lourenço de Lencastre morrera n'este anno, por assim estar nas notas do sr. dr. Pitta, mas depois lemos na *Gazeta de Lisboa*, de 16 de março de 1790, que esse acontecimento houvera logar a 4 d'este mez e anno, contando o prelado setenta e quatro annos de idade, o que concorda com a data do seu nascimento, 1716.

Pag. 29, lin. 46 e 47.

Rebello da Silva n'um estudo que publicou no *Panorama* sobre as suas obras, conta que o prelado se fôra queixar ao marquez de Pombal;

Não tencionavamos ao principio transcrever este trechio do escripto de Rebello da Silva, porém mudámos de tenção, não sómente porque por meio d'elle melhor se apreciará a gravura de que é assumpto esta anecdota, mas tambem porque a achamos caracteristica e bem contada.

Longe de nós duvidar da verdade de Rebello da Silva, cujo character conhecemos tão de perto, e com quem tivemos aturadas relações, posto que mais litterarias, do que de amizade. Bastava-nos dizer que colhera o facto que narra da boca de seu pae para o acreditarmos. Certamente este contou-lhe o que ouvira; mas todos nós sabemos como taes anecdotas se formam em roda dos grandes homens, qual o marquez de Pombal, e ainda dos de menor estatura; como correm e se recebem facilmente, e tanto, que até nós temos pena de não o podermos fazer; como nascem de uma palavra, e se augmentam e transformam, passando de um a outro, a bel-prazer da imaginação do narrador, sendo até muitas vezes attribuidas a diversos, conforme as circumstancias o vão pedindo; e como, depois de espalhadas e contadas com

graça, se apossam do espirito publico, não havendo provas, por mais authenticas e fortes, que as logrem destruir.

Feito este devido preambulo, passemos á transcripção das palavras de Rebello da Silva :

«É de suppór que o poeta recatasse a obra (o *Hyssope*) e a escondesse dos olhos das victimas, que assim retratadas do natural não deviam perdoar a injuria; mas tambem não pôde negar-se que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo ou ouvindo lér os cantos d'aquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

«Imagine-se o effeito d'esta revelação com o character do bispo, vasio de idéas, abafado em gordura e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

«Algum bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

«Irado e convulso, jurou alli mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhára o Lara; mas d'esta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os acordãos do cabido cairiam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

«Para a vingança corresponder ao ultrage o meio unico era accusar o magistrado perante a córte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

«Não ha almas tão ferinas como as almas dos devotos; Boilcau o disse e a experiencia o confirma! Impando de odio, S. Ex.^a ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de brazão, e, com o maior segredo ácerca do objecto da jornada, poz-se a caminho para Lisboa.

«Teve o Diniz algum rebato da cilada ou descuidado viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

«O que é certo é que o bispo, apenas chegou á capital e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da queixa, exagerando a offensa e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desafortado e outros mil que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

«Sebastião José de Carvalho que vemos de longe, atravez dos patibulos da praça de Belem e dos rigores de um ministerio inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

«A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto preveniram-o a favor do inculpado auditor.

«A pintura tosca do poema feita pelo prelado, e as notas em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e ácostumado a não se constringer, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idéa uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*. Póde V. Ex.^a retirar-se tranquillo, disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas cores da ira, e deitando-lhe a historica luneta. Sua Magestade examinará o caso e dará as providencias. Demore-se alguns dias na córte e assistirá ao desaggravo.

«Pronunciadas estas palavras com toda a solemnidade, e despedido o bispo

com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação ou antes a promettida lição.

«Um aviso da secretaria de estado, com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

«Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a receiar que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

«Entretanto, estava feito o mal, e não havia remedio senão obedecer.

«Sahiu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, aonde pouco depois recebeu ordem para em certo dia de manhã estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar consigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

«Assim que entrou na sala, o Diniz sobresaltou-se. Diante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de S. Ex.^a sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a cerimonia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correccções despoticas, tão usuaes no seu governo.

«Queira tomar uma cadeira e ouvir com o respeito devido o que S. Ex.^a tem a dizer! observou o ministro depois de curta pausa.

«Voltando-se depois para o prelado, acrescentou: Queira V. Ex.^a fallar!

«Quem não cabia em si de jubilo era o bispo. Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrezoadado inepto, quando a respiração se lhe cortou e as bochechas abrazadas pareciam estalar. Muito bem! acudiu o marquez. Agora que já ouvi V. Ex.^a pede a justiça que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?

«Senhor!... murmurou o poeta encolhendo-se. Tenha a bondade de ler! continuou o ministro. Diante de S. Ex.^a?!... balbuciou o Diniz, cada vez mais assombrado.

«Leia! repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; S. Ex.^a é um ministro de Deus, e deseja ter motivo para mostrar a sua caridade. Ouçamos esses atrevimentos com que V. M.^{ca}, pelo que me consta, e o sr. bispo affirma, não recebeu offender a Deus...

«O Diniz era poeta e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

«Demais, os seus olhos, passando da physionomia cholericca do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperanza. Portanto, resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dois illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e alliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

«Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr nas apimentadas e nedias faces de S. Ex.^a

«Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste de martyrio, colligia as suas forças para figurar he-

roicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento de que o castigo de tão desgrenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

«O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

«Mas o canto segundo ia acabando e o terceiro principiava.

«Todas as furias do orgulho, da vaidade e da desesperação se desencadearam no peito de S. Ex.ª Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ia acompanhando cada escarneo, cada ultrage.

«O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares, ou arremettiam contra o solideo, innocente n'aquelle desacato metrico...

«De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito e vinha expirar nas dobras oleosas da boca, ao passo, que, levantando meio corpo, dava a entender que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas eram superiores á sua forçada longanimidade. Veja V. Ex.ª! Veja! exclamava com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida e a outra a arder, em quanto os olhos, como dois punhaes, queriam varar o coração do poeta.

«Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquillizasse, assestava-lhe a luneta mais de alto, e, franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

«Durou esta incrível comedia até o sexto canto. Ali a paciencia do bispo e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

«A descripção dos agouros da sua sésta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afciadas pelo ridiculo de que as ungira o poeta, acabaram de traustornar a cabeça ao bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, estendendo o braço ameaçador e rangendo os dentes.

«O ministro abysmou a gravidade n'uma gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder.

«O poeta, que, sem atinar porque, se levantára, lia no meio das contorsões e dos arrancos da ira episcopal estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez:

Finalmente ao montar á carruagem,
Batendo um gran bizoiro as negras azas
Com horrendo estridor lhe açoita as ventas,
E um pardal lhe estercou no tejadilho.

«Não podia ir mais por diante a scena sem degenerar de todo em farça!

«Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Reabrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença disse-lhe: Tenbo formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a V. Ex.ª... Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.

«O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

«O prelado multiplicou as cortezas e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

«Depois de o vêr sair, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso e acrescentou: Então que é isto, senhor Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum logar mais alto para o mudar de ares... Não quero que S. Ex.^a diga que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Vá para sua casa e espere, que lá receberá as ordens de Sua Magestade.

«O Diniz foi. Passados dias, entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a Relação do Rio de Janeiro.»

Eis a descripção de Rebello da Silva, tão viva, colorida, engraçada, que é pena não forme um capitulo de romance. Parece que o estamos ouvindo, quando com palavra rapida e pensamentos apropriados, dava animação e relevo ás vezes a scenas e coisas em si bem insignificantes. É para lastimar que esse bello talento, cuja manifestação presenciamos de tantas maneiras, no romance, na critica litteraria, na historia, na tribuna e na politica, não se fixasse de preferencia no romance, onde com os dotes de estylista que possuia, juntos á fidelidade das descripções e ao bem travado do dialogo, nos poderia ter dado uma boa galeria de quadros da historia nacional, tão fertil quanto desaproveitada, principalmente das épocas mais recuadas, para as quaes a sua potente imaginação o parecia chamar, até o fim do seculo dezeseis, por exemplo

Rebello da Silva diz que, se não se engana, esta scena foi descripta a seu pae por José de Seabra da Silva.

Pag. 31, lin. 15 e 16.

e as reuniões de 1774 (se se deu mais de uma) podem considerar-se como as ultimas.

Innocencio Francisco da Silva assegura que ha vestigios de ter durado a Arcadia até 1776, mas não os encontrámos.

Pag. 31, lin. 20 e 21.

mas infelizmente não correspondeu (a Arcadia) ás grandes esperanças, que n'ella se depositaram.

Francisco Solano Constancio, no prologo das *Obras Completas* de Filinto Elysio, diz:

«Garção, Diniz, Freire, Torres, Quita e os mais dignos membros da Arcadia Lusitana tinham já começado a guerra contra o máo gosto, e aos seus esforços, se tivessem durado, devéra hoje a nação o mesmo serviço que á França fizeram Corneille, Molière, Boileau, etc., mas essa illustre sociedade de litteratos se dissipou como um sopro, e teve por successores, com poucas excepções, um enxame de ignorantes rimadores e de traductores enfronhados em máo francez, destituídos de gosto e tão faltos de boa lição como de pensamentos elevados.»

Tambem devemos aqui lembrar que Filinto em 1790, na sua celebre epistola ao seu amigo Brito, isto é dezeseis annos depois das ultimas sessões da Arcadia, evocava os manes do proprio Garção contra os que conspurcavam a lingua portugueza, n'estes termos:

Cuido que o vejo erguer-se arreminado
Lá da campa, onde jaz secco e moido,
O meu Garção, e azedo e zombeteiro,
Responder-lhes assim: Tendes sobejos
Para o mal que fallaes, e para as trovas,
Com que a patria pejaes, pejaes a lingua;
Melhor fôra, boçaes, nascesseis mudos, etc.

Entre as exaggerações que se têm escripto ácerca da influencia da Arcadia, a maior é de certo a do Sr. Ferdinand Denis, no seu prologo já citado, quando diz:

«De la fondation de cette académie des Arcades date, en effet, une époque de rénovation litteraire... En peu de mois une rénovation très réelle dans le style poétique avait eu lieu, etc.

Pag. 31, lin. 35.

O periodo da sua actividade, etc.

Os cinco annos de actividade da Arcadia deviam produzir sessenta sessões ordinarias e dez extraordinarias, se sempre as houvesse; deram-se, porém, n'ellas, como vimos, muitas e muitas faltas. Descontemos para estas, e julgá-mos que é pouco, vinte sessões; ficam cincoenta, entre ordinarias e extraordinarias (as ultimas eram ao natal e á Conceição de Nossa Senhora); acrescentemos para os outros annos, em que apenas com largos intervallos a Arcadia mostrava existir, vinte sessões, posto que só conheçamos uma, e teremos setenta sessões e muito pouco frequentadas. Se porém o periodo de actividade d'esta corporação foi de sete annos, juntemos na mesma proporção vinte sessões dos dois annos ás que dissemos, e chegaremos a noventa, cifra quanto a nosso vér exaggerada, porém que assim mesmo só equivale ao numero regular de sessões que tem a nossa Academia Real das Sciencias em tres annos.

Parece-nos que é bem pouco.

Pag. 32, lin. 3.

mas é preciso considerarmos que a Arcadia foi creada para reformar o vicioso gosto litterario do tempo, etc.

Diz um dos primeiros paragraphos dos seus estatutos, como vimos no prologo d'este volume:

A instrucção e o verdadeiro gosto da poesia são o fim da sociedade e a união dos seus socios a base em que se funda a sua duração e feliz augmento.

E mais abaixo:

Os arcades ajudar-se-hão mutuamente, communicando-se as suas luzes, e não se julgarão deslustrados com os reparos que se fizerem ás suas obras, antes os estimarão.

Tambem os mesmos estatutos determinam que as sessões sejam secretas, que se expulsem os socios que revelarem os seus segredos, e estabelecem rigorosa censura para os seus escriptos.

Vê-se do que fica apontado que a Arcadia não era (como o são e têm sido outras muitas sociedades litterarias) composta só de homens recebidos no seu gremio por conhecidos serviços prestados ás letras. Formavam-n'a alguns que estavam n'este caso, mas em numero diminuto: Diniz, Garção, Candido Lusitano, Quita, Manuel de Figueiredo, Foios e poucos mais talvez; outros cuja illustração e boa vontade suppriam as obras e dotes de escriptor, que por ventura lhes faltavam; outros enfim, e esse devia ser o maior numero, a que se precisava dar lições de rhetorica e poetica, adestrando-os para depois apparecerem em publico, como se vê nos discursos de Garção, que transcrevemos. Era portanto a Arcadia mais uma sociedade de instrucção, de auxilio mutuo, digamos assim, para combater o gosto depravado da época, do que outra cousa. Vejam a differença que ha n'esta base da sua instituição entre ella e a Academia Real de Historia, a das Sciencias, etc., e mesmo a Nova Arcadia. Parece-nos que em geral não tem sido encarada assim esta preconizada sociedade, e, estabelecido isto, desculpar-se-ha talvez mais a aspereza das censuras de Garção. O fim pois da Arcadia era modesto e util, posto que difficil de pôr em practica; o que o tempo demonstrou em breve. Os ignorantes julgaram-se sabios e escriptores, pelo unico facto de serem arcades, e não trataram de aprender; desagradou a critica; o segredo e obscuridade das sessões, a falta de impressão das obras academicas foram outros motivos de desgosto; a inercia, parasita que roe e atrophia a maior parte das sociedades, principalmente litterarias, produziu os seus costumados e prejudiciaes effeitos; além d'isto as opiniões e os interesses dividiram os socios, e a Arcadia, já assim enfraquecida, viu, ainda para maior infelicidade, alguns dos seus membros mais eminentes afastados do seu gremio, já pelos empregos que foram chamados a exercer, já pela morte.

Pag. 32, lin. 33.

Sousa Coutinho

Imprimiu-se aqui por lapso D. Francisco Inuocencio de Sousa Coutinho como não pertencendo á Arcadia, quando geralmente é contado entre os membros d'ella, conforme se vê na relação que de todos os que vieram ao nosso alcance damos pouco adiante a pag. 36 e 37.

Pag. 32, lin. 45 e 46 e pag. 33, lin. 3.

Para o comprovar basta ler os escriptos dos que lhe pertenceram, que são infelizmente poucos, etc. É para lamentar a perda da maior parte das composições dos arcades,

De todos os membros da Arcadia, cujas obras chegaram até nós (e só por ellas os podem avaliar) os mais fecundos foram, sem duvida, Candido Lusitano, e Manuel de Figueiredo; seguem-se Diniz, Quita, Garção, e França e Amaral.

Muitas das obras do primeiro ficaram ineditas e existem na bibliotheca de Evora ou na Academia das Sciencias de Lisboa ou se julgam perdidas,

sendo bastantes d'ellas, pelo menos das impressas, escriptas antes da Arcadia. As publica-tas foram-n'o em geral durante a vida do auctor.

O segundo, mais infeliz, depois de gastar grande parte da existencia a escrever, com o louvavel fim de regenerar o theatro portuguez, morreu, vendo impressos apenas tres volumes das suas producções, as quaes depois de seu fallecimento publicou quasi na totalidade a generosa dedicação fraternal de Francisco Coelho de Figueiredo.

De Diniz publicaram-se só oito poesias, como dizemos a pag. 55 do prologo, e mais duas, como vae em nota adiante, e só posthumos vieram á luz os seus seis volumes e o *Hyssope*, conforme especificamos no mesmo.

Garção deu á estampa quatro poesias e só depois da sua morte se imprimiu um volume de versos seus, contendo tambem algumas prosas.

Quita logrou vêr publicados os fructos do seu trabalho em 1766, segundo parece, em dois volumes.

França e Amaral em 1764, em um volume.

Alguns escriptos de Foios, Manuel de Macedo, Pedegache, Esteves Negrão, Gomes de Carvalho, Gonçalves de Aguiar e pouco mais, eis a que se reduzem as obras conhecidas dos membros da Arcadia.

E ainda devemos acrescentar que não são muitas as peças recitadas n'esta sociedade as que se encontram nos primeiros, levando n'este ponto vantagem a todos elles, assim o julgamos, o nosso Diniz.

Pag. 31, lin. 23.

É bem sympathica a união d'estes dois poetas, etc.

Não é fóra de proposito apresentar aqui uma relação, ainda que imperfeita dos amigos e conhecidos litterarios de Diniz.

Eram estes, além de Garção, que merece o primeiro logar, Theotonio Gomes de Carvalho e Manuel Nicolao Esteves Negrão, fundadores com Diniz da Arcadia; Silvestre Gonçalves de Aguiar, que, assim como os dois precedentes, collaborou com o nosso poeta em varias poesias, segundo já dissemos; o padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos, que dirigiu uns versos a Diniz, a que este respondeu com outros que vêem nas suas *Poesias*; José Basilio da Gama, a quem nas mesmas se encontra um soneto de louvores; Candido Lusitano, em cuja obra *Santos Patronos* Diniz collaborou; Domingos dos Reis Quita; Filinto Elysio, que lhe endereçou a ode que começa:

Só quando o desfructal-o é já defeso,

a qual Diniz agradeceu na carta publicada no tomo III, pag. 235 das obras d'aquelle poeta; o medico João Mendes Sachetti Barbosa, que lhe mandou presentes para o seu museu, como referimos a pag. 50 d'este volume; o doutor Caetano José Vaz de Oliveira, advogado em Elvas e seu contemporaneo na universidade; José Antonio de Brito e Magalhães, tambem seu contemporaneo nos estudos de direito, de quem fallamos na nota seguinte; Antonio Mendes Sachetti, thesoureiro mór da sé d'Elvas, que assistiu a parte da composição do *Hyssope*, para que forneceu varias informações; o magistrado José da Silveira Falcato, que tantas vezes recebeu o poeta em sua casa, e que por sua

própria mão escreveu o seu poema; Antonio dos Santos Ribeiro, de que Diniz foi novato em Coimbra; João de Saldanha de Oliveira, seu consocio na Arcadia, á qual franqueou o seu palacio e a quem é dirigida uma das odes de Diniz; o seu facultativo, Jeronymo Henriques de Sequeira; a coudessa de Vimieiro, D. Thereza de Mello Breyner; a marqueza de Alorna; D. Antonia Barbara de Carvalho, a favor de quem elle renunciou dezoito mil réis dos que lhe foram dados com a mercê do habito de Aviz; e D. Rita Joaquina Xavier de Campos, senhoria do predio da rua da Vinha, em que o poeta morou, antes de partir a ultima vez para o Brazil, e visinha d'elle, com quem, seguindo o testemunho do sr. José Feliciano de Castilho, citado pelo sr. Ferdinand Denis, o mesmo poeta muitas vezes conversava.

Lembraremos tambem os seus amigos do Brazil: Luiz de Figueiredo, a quem dedicou a primeira das suas metamorphoses, a *Tejuca*; José Antonio da Silva, a quem dedicou a segunda, o *Cristal e o Topazio*; Lourenço José Vieira Soto, a quem dedicou a oitava, *A Rosa do Matto*, e Luiz Botelho, a quem dedicou a quarta, *O Cauhy*, o qual era pintor, conforme se conclue dos seguintes versos, fecho da mesma metamorphose:

Tu ó caro Botelho, que, soltando
 Á fantasia as azas, vivamente
 Com o subtil pincel imitar sabes
 Da bella natureza as varias obras,
 Tu podes, se te praz, com mais viveza
 Tecer em rico quadro a triste historia.
 Eterno assim faremos uosso nome:
 Tu com as tintas poetisando aos olhos,
 Eu pintando aos ouvidos com palavras:
 Tu com os teus pinceis; eu com meus versos.

Da supposta e não provada nem provavel amizade intima entre elle e Antonio Ribeiro dos Santos já fallámos na nota á pag. 1, lin. 13. Entretanto, posto que não houvesse entre ambos intimidade, o que só trazem relações estreitas e duradouras, pôde muito bem ser, e é mesmo natural, que se conhecessem. Podemos tambem aqui, se não for como amigos ou conhecidos, ao menos como admiradores do seu talento e salvadores de grande parte das suas obras, o conego Manuel de Figueiredo e o desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha que do Brazil trouxeram muitas para Portugal, logo depois da sua morte, salvando-as assim de destruição mais que provavel.

Pag. 31, lin. 9.

Quinze vezes a aurora tem rompido

Tinhamos este soneto como feito por Garção, apoiando-nos no testemunho de Innocencio Francisco da Silva, de cujo *Diccionario* o copiámos; foi por isso grande a nossa surpresa, quando ultimamente o sr. Jacinto Ignacio de Brito Rebello, incançavel e illustrado investigador dos nossos archivos e bibliothecas, nos mostrou o dito soneto n'um livro manuscripto que existe na Torre do Tombo, intitulado: *Obras Poeticas* de José Antonio de Brito e Magalhães, natural de Vianna.

A este soneto, que o seu auctor declara ter feito estando preso na cadeia da universidade, segue-se outro, cujos versos terminam nas mesmas palavras dos versos do antecedente, e que em seguida transcrevemos:

Diniz, a minha magoa tem rompido
Em fazer tristes versos á cadeia:
Assim divirto o tempo da cadeia.
Tão mal passado, como bem soffrido.

Todo o que gasto em versos é perdido,
Porque com elles não se aduza a ceia,
Nem a musa gentil, que o verso arveia,
Me cose as rotas mangas do vestido.

Se tenho fome, rôo a unha a um dedo,
Que, como em vão buscar a codea mando,
Aos que vejo comer nunca arremedo.

Em jejum sempre estou philosophando;
Os ergos da pobreza não concedo,
Mas prova-os a miseria em que aqui ando.

Este estudante de Coimbra não só foi amigo de Diniz, mas tambem seu contemporaneo, e, o que é mais, formaram-se ambos no mesmo dia, conforme se conclue da primeira quadra de um soneto do mencionado Brito e Magalhães ao conde de S. Lourenço, contando-lhe que defendeu conclusões:

Eu, senhor, fiz as minhas conclusões
Na alta postilla do senhor Diniz;
Com elle mesmo o meu bacharel fiz;
Bem ou mal, isso são opiniões.

Não sendo pois de Garção o soneto dado por Innocencio no seu *Diccionario Bibliographico* e por nós transcripto como tal, fica annullada esta prova de amizade entre este poeta e Diniz, mas restam ainda bastantes nas obras de ambos para nos confirmarem nos laços intimos que os uniram, laços que levam Diniz a escrever os seguintes versos, referindo-se a Garção e a Theotonio Gomes de Carvalho:

Vós sabio Corydon, vós sabio Tirse,
Que ambos sois da minh'alma grande parte, etc.

Lembraremos, entre as poesias de Diniz a Garção, o dithyrambo 5.º, feito aos seus annos, que não sei se recitou na Arcadia, mas que em todo o caso foi feito para isso; e o dithyrambo 6.º e a ode 8.ª, ao mesmo poeta.

Pag. 36, lin. 42 e 43.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, com o nome de Elpino Nonacriense,
nome que já antes d'ella usava, assim como o de Ergasto;

É o que se collige das suas poesias, e quanto a este ultimo nome especificadamente do idyllio Aglaiá, e o que diz Trigoso.

Pag. 36, lin. 46.

Francisco José Freire.

Francisco José Freire, antes de fazer parte da Arcadia, já usava do nome de Candido Lusitano, como se vê do opusculo que publicou em 1751 intitulado: *Illustração critica á carta de um philologo de Hespanha*.

Pag. 37, lin. 11.

o padre Joaquim de Foios;

Pelo dithyrambo 1.º de Diniz, recitado na Arcadia a 31 de maio de 1759, vê-se que n'esta época o padre Foios já pertencia ao numero dos seus socios.

Pag. 37, lin. 17 e 18.

Alguns reputam como arcades Jeronymo Soares Barbosa, etc.

Jeronymo Soares Barbosa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Maximiano Torres, Antonio Ribeiro dos Santos, Fr. José do Coração de Jesus, Francisco Manuel do Nascimento têm sido dados por membros da Arcadia, mas infundadamente. Quem assim julgou foi talvez induzido em erro, pelo menos quanto aos cinco ultimos, pelos nomes arcadicos de que elles usavam: Dirceu Alfeno, Elpino Duriense, Almeno, e Filinto Elysio, anteriormente Filinto Niceno.

Ainda Claudio Manuel da Costa vem como arcade, não sei porque razão, no *Diccionario Popular* que actualmente se está publicando.

Pag. 37, lin. 18.

D'estes, uns entraram logo no principio e são socios fundadores,

Aos que mencionámos cumpre ajuntar José Caetano de Mesquita e Quadros, pois em 22 de julho de 1757 já recitou uma oração na Arcadia.

Pag. 37, lin. 16.

Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo,

Innocencio Francisco da Silva dá-o como não tendo feito parte da Arcadia.

Pag. 39, lin. 1 e 2.

Nada sabemos da existencia de Diniz no largo periodo que vae desde 1776 até 1789, durante o qual residiu no Brazil.

Depois de impressas estas linhas, viemos no conhecimento pelo *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca da casa dos marquezes de Castello Melhor*, ultimamente publicado, de que Diniz fôra a S. Paulo no anno de 1788, pois abi se declara existir na dita bibliotheca a residencia, a que se procedeu em virtude das queixas formadas contra Martim Lopes Lobo de Saldanha, governador e capitão general da capitania de S. Paulo, de que foi syndicante o auctor do *Hyssope*.

É talvez esta uma das viagens que se diz elle ter feito no Brazil, e foi então provavelmente que escreveu os sonetos: á serra de Paraty; ás montanhas que se encontram indo do Paraty até ás margens do Parahyba; á cidade de S.

Paulo; á villa de S. Vicente; ao salto do Tieté, junto de Itú; ao morro de Villa Rica; e ao rio Jiquitinhonha, como dizemos a pag. 49; aproveitando o ensejo para visitar tambem Minas. Os estudos mineralogicos que se refere ter feito n'estas provincias datarão porventura da alludida viagem; pois não é muito crível que, residindo no Rio de Janeiro, em cuja Relação era desembargador, a empreendesse mais vezes, sendo ella tão longa e de tantas difficuldades.

Além dos precedentes sonetos, ha outros que vêem datados d'este tempo na collecção autographa, e são os que começam:

Já as rosadas horas vigilantes,
1779.
 Á fama vil da fuga vergonhosa,
1777.
 Lagrimas, ais, desejos e esperança,
1779.
 Nuno, flagello do feroz hispano,
1777.
 Roto em Cannas o exercito romano,
1777.
 Francisco invicto, raio de Mavorte,
1777.
 Amor que de mil triumphos tão ufano,
1779.
 Morra o cruel, que o coração me crava,
1779.
 Suspende, ingrata ninpha, a crueldade,
1782.
 Olha, diz a Fortuna, e em continente
1783.
 Mal a Fama o clarim no campo aërio,
1782.
 Da America no rumo do oceano,
1785.
 Em torno á grande presa o hybero ousado,
 Dize monsieur Arson, e tem paciencia,
 Por ser fiel á patria, esquartejado,

Estes tres são ineditos. Esqueceu-nos copiar as datas.

Pertencem tambem a esta época os seis sonetos á morte do principe D. José, acontecida a 21 de setembro de 1788, e os que Diniz fez ao vice rei do estado do Brazil, Luiz de Vasconcellos e Souza, sem data, e que principiam:

Eis rompe no oriente o feliz dia,
 Quem é este varão de luz cercado,
 Já surde o gran baixel, Brazil ditoso,

Pag. 39, lin. 8 e 9.

o nosso poeta voltou a Lisboa, onde o achamos em 1789 e 1790.

Rebello da Silva no seu estudo publicado no *Panorama*, a que já nos temos referido, diz que o poeta regressou á corte em 1787, mas é erro manifesto.

No anno de 1790, narra Trigoso n'uma nota á edição das *Poesias* de Diniz, achando-se o poeta em Lisboa, recebeu uma ode anonyma feita á rainha D. Maria I, debaixo do seu sobrescripto. Conheceu o mesmo que era da condessa de Vimieiro, e fez-lhe um soneto que lhe remetteu da mesma fórma.

É o que começa :

Se essa que em Lysia pulsas lyra nobre
Logo que abrindo as azas cruza o vento,
Em altos vôos sóbe ao firmamento,
E de brilhante luz toda se cobre ;

Pag. 39, lin. 20.

A 1 de setembro de 1789, em virtude do decreto de 22 de agosto d'este anno, etc.

Tambem aqui Rebello da Silva se engana pondo 1787 em vez de 1789.

Pag. 39, lin. 29.

Não tardou a rebentar no Brazil este fermento de emancipação,

Varnhagen, na sua *Historia geral do Brazil*, trata extensamente da conspiração de Minas, e para ella remettemos os leitores; mas, como é obra rara em Portugal, daremos o resumo do que ali se acha. Mostra esse auctor que a conspiração foi de muito pouco precedida pelos projectos de varios brasileiros que estudavam em Coimbra e em Montpellier, de libertarem a sua patria, e que um dos de França até communicára o plano a Thomaz Jefferson, plenipotenciario dos Estados Unidos em Paris, pedindo-lhe o auxilio do novo estado americano; o que o ministro acolheu com interesse, posto o não demonstrasse; que tambem pelo mesmo tempo o conde de Aranda, embaixador hespanhol n'esta cidade, como se presagiasse tudo quanto se passava a respeito da projectada insurreição, meditava não só um plano de independencia de todo o Brazil, instituindo n'elle uma monarchia regida pela Casa de Bragança, mas tambem o seu engrandecimento, estendendo-o até ás margens do Pacifico, e unindo-lhe o Perú e o Chile, comtanto que o reino de Portugal na Europa ficasse unido á Hespanha (sonho constante d'esta nossa querida irmã, que, por sentimento de fraternidade, nos quer apanhar á força o que é nosso); que tal projecto foi communicado pelo conde em 1786 ao ministro Florida Blanca; que a chegada a Minas de Domingos Vidal Barbosa, um dos estudantes brasileiros de Montpellier, e a de José Alves Maciel, talvez um dos de Coimbra, que vinha de Inglaterra, alentou e fixou os projectos de sublevação, já provavelmente existentes na provincia; que o numero dos conjurados se augmentou com grande rapidez não só na comarca de Villa Rica, mas tambem na do Serro, e em S. João d'El-rei; que as primeiras conferencias foram em casa de Claudio Manuel da Costa; que Gonzaga, já rendido no cargo de ouvidor de Villa Rica e despachado desembargador da Bahia, por decreto de 19 de agosto de 1786, demorava a partida, a pretexto de querer despozar uma joven mineira; que não se pôde assegurar que este tomasse parte activa na sublevação; que as suas negativas são terminantes, mas que é certo não lhe esconderem os conjurados os

seus planos e contarem muitos com elle para chefe; que, desde que adheriu á conspiração o tenente coronel commandante do regimento de linha de Villa Rica, Francisco de Paula Freire de Andrade, cunhado de José Alves Maciel e principal apoio com que poderia contar o governo, começaram-se a celebrar as conferencias em sua casa para excitar menos desconfiança; que o alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tira Dentes, foi escolhido para convocar partido no Rio de Janeiro e ali comprar armas; que o primeiro denunciante foi Joaquim Silverio dos Reis, a que se seguiram o mestre de campo, Ignacio Corrêa Pamplona e o tenente coronel Basilio de Brito Malheiro; que o visconde de Barbacena, ainda pouco conhecedor da importancia da conspiração, mas querendo precaver-se, dirigiu ás differentes camaras da capitania uma ordem suspendendo o lançamento da derrama para o pagamento da quota annual de cem arrobas que a dita capitania devia pagar; que esta medida desconcertou e esmoreceu algum tanto os conjurados, mas que, por proposta de Alvarenga, se resolveu tentar o golpe; que entretanto o visconde de Barbacena tratava de colher novas informações e prevenia o vice-rei do que lhe fôra revelado, pedindo que fizesse espisar e seguir o alferes Xavier; que ao mesmo tempo Gonzaga ia visitar o visconde á Caxoeira talvez com intenções de lhe sondar o animo; que o visconde, sendo prevenido pelo vice-rei de se ter o alferes Xavier escapado do Rio de Janeiro com muitas armas e sem passaporte, mandou executar as ordens para as prisões já dispostas; que se procedeu á devassa; que outras devassas se tiraram no Rio, onde em 1790 se instaurou a alçada para julgar os reus, que foram todos levados ante ella; que d'esta alçada fazia parte o desembargador Diniz; que a 18 de abril de 1792 proferiu a mesma o acordão, e na conformidade das leis foram condemnados á morte sete dos conspiradores; mas que felizmente não tinha de executar-se tão dura sentença, em vista da carta regia de 15 de outubro de 1790, em que a piedosa rainha D. Maria I mandava, prevenindo a severidade do codigo criminal, que aos proprios chefes da conjuração a pena ficasse limitada a de grado, excepto quando o fosse absolutamente impossivel pela atrocidade e escandalosa publicidade do seu crime, revestido de taes e tão aggravantes circumstancias que impossibilitassem a commiseração, acto este que fará com que todos os brasileiros bemdigam a memoria da dita soberana; que em virtude d'isto só o Tira Dentes foi executado por ser considerado como cabeça, e por julgarem os juizes necessario algum exemplo para escarmento publico; que Alvarenga foi degradado para Ambaca; Maciel para Maçangano; Freire de Andrade para as Pedras de Ancoche; e Gonzaga para Moçambique; que os destinados a Angola e Moçambique partiram do Rio de Janeiro a 22 de maio do mesmo anno de 1792; que o martyrio do patibulo deu a Xavier meritos que elle não tinha, attribuindo-se-lhe, apesar de «pobre, sem respeito e louco», como d'elle diz Gonzaga, a gloria da primeira tentativa pela independencia do Brazil, que aliás foi obra de muitos patricios illustres e de varios individuos de letras e de sciencias; que a revolução, se chegasse a estalar, se mallograria, porque o vice-rei a poderia debellar com forças de varias partes; que, mesmo que ella se estendesse ao Rio de Janeiro, o que não era provavel, podia Vasconcellos refugiar-se em Santa Catharina ou Rio Grande e enviar d'ali tropas por S. Paulo; e que foi um bem que ella não progredisse para não comprometter muito mais gente e induzir a provincia n'uma guerra civil que devastasse essas povoações que começavam a medrar.

Pag. 40, lin. 4.

Partiu Diniz para o Rio de Janeiro a bordo da fragata *Golfinho* alguns mezes depois da sua nomeação, talvez posteriormente a 15 de outubro, data da carta regia, de que abaixo fallámos, e que iria no mesmo navio,

Esta demora na partida dos tres magistrados escolhidos pelo governo da metropole para irem ao Rio de Janeiro sentenciar os réos da conspiração de Minas, só nos parece ter por explicação outras noticias, porventura recebidas pela côrte, posteriores ás primeiras, que, acalmando-lhe o susto, fizessem adiar a viagem da commissão. Tambem pôde ser que estas noticias dessem origem á carta regia, a que alludimos, a qual ha probabilidade de ter sido levada pelo proprio navio que transportou Diniz ao Brazil.

Pag. 41, lin. 11.

Thomaz Antonio Gonzaga.

Ao que dizemos no texto ácerca d'este notavel e infeliz poeta cumpro-nos ajuntar o seguinte:

Gonzaga, até não ha muito julgado por alguns filho do Brazil, nasceu na cidade do Porto em agosto de 1744, sendo baptisado em 2 de setembro do mesmo anno, na egreja de S. Pedro de Miragaia. Teve por paes o licenciado João Bernardo Gonzaga, natural do Rio de Janeiro e D. Thomazia Izabel Gonzaga. Formou-se em direito na universidade de Coimbra aos dezenove annos de idade, em 1763. Seguiu a magistratura e serviu em Portugal de juiz de fôra de Beja e d'outras terras, até que em 1782 foi nomeado ouvidor da comarca de Villa Rica, na então capitania de Minas Geraes, para onde partiu algum tempo depois, e onde se achava em 1789, quando se descobriu a conspiração em que ficou envolvido, já despachado desembargador da Relação da Bahia. Pouco depois de chegar a Moçambique, para cumprir o seu degredo, assaltaram-n'o umas febres, de que esteve á morte, e de que se restabeleceu só pelos assiduos cuidados de D. Juliana de Sousa Mascarenhas, filha de Alexandre Roberto Mascarenhas, que o hospedára em sua casa, e com a qual no anno seguinte, em 1793, casou. Quinze annos viveu Gonzaga em Moçambique, onde exerceu a advocacia, vindo a morrer, segundo uns em 1807, e segundo outros em 1808 ou 1809, depois de uma existencia amargurada, já pelas lembranças do seu passado, e do estado a que se via reduzido, já pelos desgostos que lhe causou sua esposa.

A *Marilia de Dirceu*, unico, mas glorioso e perduravel titulo do seu genio poetico, tem tido dezeseis edições e acha-se traduzida em francez por Chalas, em italiano por Vegezzi Ruscalla, em allemão por Iffland ou Uhland, em latin por Castro Lopes e em hespanhol e inglez.

Pag. 41, lin. 23.

D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão.

Esta senhora, que se tornou celebre sob o nome poetico de *Marilia*, pelas poesias do seu desditoso amante, Thomaz Antonio Gonzaga, nasceu em Villa

Rica, na capitania de Minas Geraes, a 8 de novembro de 1767, e morreu com 85 annos de idade em 1853, a 9 de fevereiro. Tinha portanto 22 annos quando Gonzaga foi prezo, e sobreviveu ao amante 45 ou 46, tendo o gosto de ver livre a sua terra, liberdade para que elle lançára a primeira semente, assim como os seus entusiastas companheiros.

Ha publicado com o nome d'esta illustre brazileira um volume de versos intitulado: *Dirceu de Marília: Lyras attribuidas á senhora D. M. J. D. de S.*, Rio de Janeiro, 1845, as quaes vêem tambem incorporadas na ultima edição da *Marília de Dirceu*, feita em Paris, pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, de quem geralmente julgam as ditas poesias.

Pag. 41, lin. 39.

Claudio Manuel da Costa.

Nasceu este conhecido poeta na cidade de Marianna, na provincia de Minas Geraes, a 6 de julho de 1729. Veiu para Portugal aos 17 annos de idade e formou-se em Coimbra na faculdade de canones em 1753. Voltou ao Brazil em 1765, onde se estabeleceu em Villa Rica como advogado. Foi nomeado segundo secretario de estado em 1780 pelo governador D. Rodrigo José de Menezes, logar que deixou em 1788, recolhendo-se á vida privada, e pouco depois viu-se prezo em virtude da conspiração mineira.

Correm d'elle publicados dois volumes; um impresso em Coimbra em 1768, com o titulo: *Obras Poeticas*, e outro em Villa Rica em 1841, com o titulo: *Villa Rica*, poema; além de varias poesias impressas avulsamente, como se pôde ver no *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio.

O merecimento d'este poeta está bem assente.

Pag. 41, lin. 46.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

Foi este poeta natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1748. Formou-se em canones em Coimbra. Exerceu o logar de juiz de fóra de Cintra e em 1776 partiu para o Brazil despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes. Casou-se algum tempo depois em S. João d'El-rei, e retirando-se da magistratura para o cultivo de uma fazenda que sua mulher lhe trouxera em dote, foi preso, como dissemos.

As suas poesias nunca foram dadas á luz em volume. Ha algumas impressas em varias collecções.

Varnhagen attribue-lhe a composição das *Cartas Chilenas*, ainda ineditas, ás quaes serviu de assumpto Luiz da Cunha e Menezes, que governou a capitania de Minas de 1783 a 1788.

Os seus versos merecem ser lidos e é pena que não se imprimam juntos, com outros que por ventura se encontrem, pois diz-se que escrevera bastantes.

Pag. 42, lin. 7.

Estes tres vultos, etc.

Além dos poetas implicados na conspiração de Minas, Gonzaga, Alvarenga e Claudio Manuel da Costa, houve ainda outro de menos nome, Domingos Vi-

dal de Barbosa Lage, natural do Rio de Janeiro, o qual foi degradado para a ilha de Santiago de Cabo Verde, onde chegou em janeiro de 1793, e onde oito mezes depois morreu, no convento de S. Francisco da Ribeira Grande, de febre.

Dois dos conspiradores, ainda chegaram não só a ver o Brazil independente, mas até a ser seus representantes nas camaras; foram estes José Rezende da Costa que veio a morrer no Rio de Janeiro em 1831, e o padre Manuel Rodrigues da Costa, que em 1830 teve a honra de receber a visita do imperador D. Pedro I na sua fazenda do Registro, em Minas. O primeiro soffrera dez annos de desterro em Cabo Verde, e o segundo estivera preso quatro annos na torre de S. Julião da Barra, com mais quatro padres, sendo d'ali transferido para um convento.

Pag. 43, lin. 38.

Diniz, triste de natureza,

É o que concluímos da leitura das suas poesias mais intimas, do testemunho da senhora que n'esta mesma pagina apontamos, posto que em tal occasião a tristeza de Diniz pudesse ser accidental, e das notas contemporaneas que nos emprestou o sr. Dr. Filippe Simões; não obstante sempre diremos que Rebello da Silva nol-o pinta dotado de «veia jovial e quasi inexgotavel e absolutamente o opposto da rigidez taciturna e cabeçuda da velha raça desembargatoria» acrescentando que «os autos, por mais aridos, nunca seccaram a alegria quasi petulante da sua critica, talvez um pouco mordaz, nem murcharam o verdor da sua fantasia arrebatada.»

Pag. 43, lin. 38.

vivia (Diniz) em 1790, antes de partir para a sua espinhosa commissão, mais do que nunca melancólico, etc.

O sr. Ferdinand Denis no prologo á traducção franceza do *Hyssope*, pelo sr. Boissonade, refere este facto, apoiando-se nas informações que a tal respeito lhe dera o sr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, irmão do fallecido visconde de Castilho. Nós houvemol-o da bondade do nosso particular amigo o actual visconde. Diz o sr. Ferdinand Denis, além do que escrevemos, que o poeta vivia então só com um criado e que D. Rita fôra por vezes confidente da sua melancolia.

Pag. 44, lin. 20.

Havia no Rio de Janeiro uma sociedade litteraria, etc.

O sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, estimado escriptor brasileiro, no prologo da edição das *Obras Poeticas* de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, de 1864, trata d'este assumpto com certa largueza. Resumiremos d'ahi os pontos que mais nos interessam.

O vice-rei marquez de Lavradio juntou em seu palacio todas as illustrações da florescente colonia e protegeu a fundação da Sociedade Scientifica do Rio de Janeiro.

Com o governo do marquez de Lavradio (1787) extinguiu-se a Sociedade Scientifica, mas o novo vice-rei, Luiz de Vasconcellos e Sousa, não se mostrou menos protector das letras do que aquelle, e, não só favoreceu Silva Alvarenga, mas tambem fez com que continuasse a academia, transformada em Sociedade Litteraria. Alvarenga foi um dos seus mais prestantes e assíduos membros, e talvez seu secretario, mas, succedendo o conde de Rezende no governo do Brazil, deixou ella de existir.

Querem alguns que durante este vice-reinado viesse ao Rio de Janeiro Basilio da Gama, e que juntamente com Alvarenga fundasse a Arcadia Ultramarina, que depois se ramificou por S. Paulo e Minas. É certa a existencia d'esta Arcadia e que Alvarenga lhe pertenceu com o nome de Alcindo Palmireno, mas não se pôde affirmar quem fosse o seu fundador, nem em que anno se realisasse a sua instalação.

Mostrou o conde de Rezende um certo interesse a Alvarenga pela extincta sociedade; pelo que o poeta, convidando os amigos, antigos socios e collaboradores, tratou de a reanimar. Era isto em 1794. Alvarenga alugou uma casa na Rua do Cano, para cujo segundo andar foi residir, instalando-se a sociedade no primeiro. Principiaram as conferencias e iam-se succedendo sem interrupção, quando o conde, pelo exame que fizera dos seus estatutos e pela frequencia das sessões, suspeitou que se tratava n'ellas de politica e religião e ordenou que se dissolvesse. Os socios submitteram-se aparentemente á ordem do vice-rei, e Alvarenga, procurando dissipar todas as suspeitas, tratou de alugar a outrem o andar em que se celebravam as conferencias, pelo que se acreditou geralmente na extinctão da sociedade. O poeta porém e seus amigos crearam uma sociedade secreta, onde «discorriam livremente com os encyclopedistas, fazendo o panegyrico do suicidio e mostrando a um povo escravo que o valor era a primeira das virtudes do homem, o qual não fôra creado para curvar-se perante a prepotencia de um ente, que não tinha recebido do seu feitor similhante missão, nem com ella uma alma mais perfeita do que a sua. O professor de rhetorica e poetica (diz ainda o sr. Sousa e Silva referindo-se a Alvarenga) interpretava e explicava as lições de Quintiliano com os olhos fitos nos horisontes da independencia da patria.»

E, depois de transcrever as principaes disposições dos estatutos d'essa sociedade secreta, accrescenta:

«Vê-se claramente, atravez da transparencia da redacção amphibologica do rhetorico (allude ao mesmo Alvarenga) as idéas do homem politico, e para logo salta aos olhos o fim principal da sociedade.»

Isto tudo parece-nos querer dizer que era um vulcão revolucionario que se estava formando na propria capital do estado do Brazil, ou um elemento contrario á paz publica e ás opiniões estabelecidas, coisas que n'aquelle tempo se costumavam reprimir severamente, dessem-se onde se dessem e partissem d'onde partissem.

É preciso avaliarmos estes factos pelo modo de pensar da época e não pelo de hoje.

Se tivéssemos á vista a edição, de que extraímos os presentes dados, quando escrevemos o prologo, não os teriamos posto em nota, mas sim no texto, porque são elles a melhor defesa do procedimento do vice-rei, se d'ella ha mister.

Quanto a Diniz não julgamos que a precise, porque pada fez senão cumprir com o seu dever, embora duro.

Pag. 44, lin. 21.

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga,

Nasceu em S. João d'El-rei, na provincia de Minas Geraes em 1740, ou, conforme outros, em 1758. Formou-se em Coimbra, na faculdade de leis, por 1776; voltou á patria em 1778; e, segundo parece e com algum fundamento ao sr. J. Norberto de Sousa e Silva, foi-se logo estabelecer no Rio de Janeiro com banca de advogado. N'esta cidade regeu tambem depois de 1782 uma cadeira de rhetorica e poetica com bastante fructo da mocidade.

Ficaram d'elle muitas poesias estimadas, impressas avulsamente, e um poema heroi-comico: *O Desertor*, publicado duas vezes, sendo a primeira em Coimbra, em 1774.

Morreu no primeiro de novembro de 1814.

Na edição das obras d'este poeta feita em 1864, já citada na nota antecedente, o sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva publicou n'um largo estudo, com que as precede, os interrogatorios de Diniz a Alvarenga, na fortaleza da Conceição, onde este se achava preso, interrogatorios em que o mesmo senhor, predisposto contra o auctor do *Hyssope*, não quer vêr o juiz no cumprimento dos seus ingratos deveres, mas sim o homem e o poeta. Confessamos que esses fragmentos tirados do proprio processo nos causaram desagradavel sensação. Não queriamos Diniz n'aquelle logar; mas o magistrado, o militar, o ecclesiastico, o ministro, etc., pelo facto de serem poetas, não hão de deixar de cumprir com as obrigações dos seus cargos, embora muitas vezes ellas estejam em manifesta opposição com os seus sentimentos. O que é certo é que a sorte parecia apostada a comprometter n'este particular o auctor do *Hyssope* com a posteridade, pois o constituiu juiz em dois processos onde se encontravam tantos cultores das musas.

Ha nas *Poesias* de Diniz um soneto a um poeta Palmireno, com a data presumivel de 1775, o qual talvez seja feito a Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, cujo nome pastoril era, como se sabe, Alcindo Palmireno. Isto ministrará, já o prevemos, um novo argumento a favor de quem accusa o poeta n'este processo. Não o julgamos assim, e só achamos nos versos em questão uma critica litteraria, como tantas que houve n'esses tempos e ainda ha hoje, posto que a nosso vêr immerecida, se ella se endereça a quem supomos. N'este soneto é tambem maltratado um Tremindo, que ali se alcunha de vão, o qual, a ser poeta, porque esta moda de esconder os nomes verdadeiros debaixo de nomes pastoris ou disfarçados estendia-se egualmente aos profanos, poderia julgar-se ser José Basilio da Gama, cognomiado Termino Sipilio na Arcadia de Roma. Entretanto cumpre notar que, se então existia algum antagonismo litterario entre Diniz e Basilio da Gama, passados alguns annos tal antagonismo havia desaparecido, pois, sahindo á luz em 1791, o pequeno poema do ultimo, intitulado *Quitubia*, escripto no mesmo anno, o nosso poeta o elogiou n'um soneto.

Pag. 44, lin. 24.

Marianno José Pereira da Fonseca,

Nasceu no Rio de Janeiro a 18 de maio de 1773. Formou-se em mathematica e philosophia na universidade de Coimbra. Occupou no Brazil os altos cargos de conselheiro de estado, ministro da fazenda, e senador, e morreu a 16 de setembro de 1848.

As suas collecções de *Maximas, pensamentos e reflexões* foram publicadas durante a sua vida e depois da sua morte varias vezes, e gosam de merecido credito.

Tinha 22 annos quando foi prezo pelas razões que expendemos.

Pag. 47, lin. 14 e 15.

accusações partidas principalmente da litteratura brasileira, mas que tambem foram repetidas por alguns dos nossos escriptores,

Citaremos a este respeito a *Historia de Portugal*, escripta ha poucos annos por uma sociedade de homens de letras, a qual tratando da conspiração de Minas faz graves censuras ao nosso Diniz porque, tendo de julgar dois poetas (refere-se a Gonzaga e Alvarenga Peixoto) não se deixou vencer pela indulgencia que a fraternidade litteraria lhe devia inspirar, sabendo aliás, melhor do que ninguem, como os poetas são faceis de se deixarem arrebatar pelo enthusiasmo que as idéas de liberdade inspiram.

Pag. 47, lin. 18.

«O mesmo juiz que condemnára, etc.

Estas linhas sahiram publicadas na edição das *Obras poeticas* de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, de que já fallámos, na introducção escripta pelo sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, e acham-se egualmente no tomo xxviii da *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, d'onde as tirámos, por não termos então ainda visto a dita edição.

Pag. 47, lin. 41.

No anno seguinte 1798, a 13 de maio havia sua magestade por bem nomear Antonio Diniz conselheiro do Conselho Ultramarino,

Innocencio Francisco da Silva, e Rebello da Silva dizem que o agraciado chegou a tomar posse do seu novo logar, mas parece inexacto, como nos communicaram da repartição competente.

Pag. 48, lin. 9.

morando na dita cidade do Rio de Janeiro na freguezia de S. José,

Acabamos de encontrar na Bibliotheca Nacional um *Almanach do Rio de Janeiro, para 1794*, manuscripto, no qual se vé que Diniz morava n'este anno á Carioca, logar da mesma cidade. Não sabemos se essa casa de sua residencia ficava na freguezia de S. José, ou se seria a mesma em que elle falleceu. Entretanto aqui pomos este apontamento.

No dito almanach acha-se quatro vezes citado o nosso poeta; como chanceler da Relação do Rio de Janeiro; como deputado do Tribunal da Junta do Real Erario, de que era presidente o vice-rei; como juiz do Juizo da Chancellaria, e como juiz e administrador do Juizo da administração dos viscondes d'Asseca.

Pag. 48, lin. 15.

Em vão, batendo lisongeira as pennas,

Não é só n'este soneto que Diniz desconfia da fortuna; ha outro que começa:

Longe, longe de m'm, louca esp. rança,

dedicado ao mesmo assumpto, e varias passagens espalhadas pelas suas poesias.

Pag. 49, lin. 15 a 18.

e o proprio *Hyssope*, onde teria largo campo, se fosse dotado de espirito máo e rancoroso, para derramar os odios e vinganças, é para nós o melhor argumento do seu character.

Achamos na *Historia de Portugal* atraz citada, que Diniz era máo homem porque compoz o *Hyssope*. Não podemos concordar com semelhante pensamento. Ser poeta satyrico não é ser dotado de máo character: se assim fosse teriamos de condemnar muitos que todos respeitam e com fundadas razões. Diniz ouviu o caso ridiculo succedido entre o bispo d'Elvas e o deão; lembrou-se do *Lutrin* de Boileau e da propriedade que havia no novo incidente burlesco-ecclesiastico para um poema de indole identica, e, influido pelo gosto, que favonearam naturalmente os louvores e incitamentos dos amigos, diante de quem fizera os primeiros versos da sua obra, escreveu o *Hyssope*, dando aos seus personagens as côres proprias do genero, a que este poema pertence, mas sem acrimonia, sem derramar n'elle o fel da maldade, a colera, o odio, a vingança, como faria, se a natureza lhe houvesse dado o character que alguns querem. Por isso dizemos: o *Hyssope* é a melhor prova da sua boa indole.

Pag. 49, lin. 25.

Além dos seus trabalhos poeticos, occupou-se egualmente Diniz, e muito, de jurisprudencia, em que se tornou eminente e em que escreveu obras valiosas, que se julgam perdidas.

Não se conhece nenhum d'estes escriptos, e não sabemos em que se fundou o sr. Ferdinand Denis para dizer o contrario. Repetiremos as suas palavras, tiradas do prologo á versão do *Hyssope* do sr. Boissonade, a que já nos temos referido.

«Il s'occupa fortement du droit si confus alors... Quelques écrits speciaux recueillis de nos jours prouvent l'habileté qu'il deployait alors das ces questions difficiles.»

N'esta e n'outras rectificações ao escripto do illustre francez, tão amigo das nossas letras e a que ellas tanto devem, não veja ninguem a menor quebra na consideração e estima que elle nos merece, mas só o desejo de que os erros em que incorreu, quasi sempre por falta de boas fontes, onde bebesse a verdade, não se enraizem á sombra do seu conhecido nome.

Pag. 50, lin. 6 e 7.

Quanto á sua curiosidade-por objectos naturaes e a tisticos, etc.

Para corroborar o que avançamos no texto, eis outros versos :

Graciosissimo Silvio, tu que habitas
Os ricos campos, que pizaram vivos,
A bella nympha e o desgraçado amante,
Onde ainda depois de tantos annos
Em finas pedras convertidos brotam;
Se do pobre museu do teu Elpino
Inda cuidado tens; ah! tu com ellas
Cuida, amigo, tambem de enriquecel-o,
Que as nymphas do Permesse, que mil vezes
De entrar em meu alvergue se não pejam,
Ao som da minha lyra descantando
Levarão ás estrellas o teu nome.

Estes versos são endereçados a José Antonio da Silva, da capitania de Pernambuco, a quem Diniz dedicou a sua metamorphose, *O Cristal e o Topazio*, que termina com elles.

Pag. 52, lin. 15.

Não enchem poucas folhas os versos que Diniz dedicou ás Aglaias, Treséas, Licoris, Aglauras, Lillias e Celias. Ouviram-n'o suspirar apaixonado não sómente o Mondego e o rio que banha feiteiro a cavalheiresca Thomar, mas tambem o Tejo, o Sever, o Caia e até o americano Tieté.

Não são estes nomes só os que encobrem os nomes verdadeiros das mulheres que amou ou galanteou o nosso poeta, pois outros se encontram nos seus versos. Citaremos todos: Nize; Jonia (do Tejo); Jonia (do Nabão); Aglauro; Leucade (do Sever); Marfiza (do Tejo); Auliza (idem); Filis; Aonia (do Mondego); Marilia; Egle; Eralia; Clori (do Sever); Neera; Marfidia; Aglaia (do Tejo e Caia); Licori (do Tejo); Treséa (idem); Celia (do Tieté); Nerina; Mirtale; Silvia; Lise; Nigella; Lilia; Florisa; Ismenia; Melissa; e Cynthia (do Tejo). Não sabemos se cada um d'estes nomes representa uma pessoa, ou se o poeta por mais velar os seus amores ou galanteios dava a uma só diversos, o que reduziria o numero das suas affeições amorosas.

Á Jonia (do Nabão) é dirigida a canção de que fallamos no texto, e varios sonetos. Suppomos ter sido esta a que mais prendeu a alma do poeta, julgando-o pelas suas poesias. Depois vem Aglaia (do Tejo e Caia), á qual dedicou o idyllo do mesmo nome (vol. 2.º, pag. 276), e bastantes sonetos. Seguem-se Aglauro; Clori (do Sever), e Auliza (do Tejo); que lhe mereceram tambem muitos versos. Á morte d'esta dedicou o amante um soneto.

Celia, Melisa, Ismenia eram amores do Brazil, assim como uma Marilia, a que Diniz endereçou a sua terceira metamorphose: *A Mariposa*; e Anidia, que antes queria dinheiro do que affecto. (vol. 1.º pag. 205).

Nas pag. 140 e 143 do mesmo volume tem o nosso poeta dois engenhosos sonetos feitos no Brazil em 1785 e 1782: no primeiro pinta-nos o Amor,

navegando em procura da America, e Proteu que lhe sahiu ao encontro no meio do oceano e:

Onde vaes, lhe bradou, moço atrevido?
Deixa a terra a que vaes veloz correndo:

N'ella Pluto sómente é conhecido
Então, a aguda prôa atraz volvendo,
Ao porto que deixou torna Cupido.

No segundo, apenas se descobre a America, Venus convida o filho para ir com ella vér o novo continente, porém

Não, Amor lhe responde, sem mim corta
Dos patrios campos a salobre esfera,
Que eu do fero Neptuno temo a sanha.

D'esta arte parte a deusa, e em breve aporta
Só sem Amor á nova terra estranha,
E sem Amor d'esta arte n'ella impera.

Com todos estes elementos poderia alguém romancear um e até muitos amores; e também nós o poderíamos fazer, se se tratasse de uma obra de imaginação, em lugar de uma simples biographia, como esta.

Pag. 53, lin. 33.

Mencionaremos também diversas copias, etc.

Além das cópias que enumerámos no texto, pelas razões ali ditas, conheceu Trigoso outras de menos valor que destinámos para esta nota.

Das odes anacreonticas diz elle que viu muitas, mais ou menos feis, mas sempre incorrectas.

Das metamorphoses uma bastante imperfeita e errada, que lhe communicou o marechal de campo Mathias José Dias Azedo.

Viu também uma cópia do *Falso Heroismo*, com muitos erros, mas de que se valeu para a edição, por não achar d'esta comedia nem original, a não serem alguns fragmentos, nem outro traslado.

E uma pessima cópia da *Iphigenia em Tauride*, de que também, á falta de melhor, se serviu para a edição.

Assegura egualmente Trigoso que havia muitas cópias, umas mais correctas que outras, mas todas defeituosas, das odes pindaricas, isto é da collecção que só continha trinta e quatro odes.

Não sendo o nosso proposito publicar uma edição das poesias de Diniz, mas unicamente do *Hyssope*, não procurámos, como n'esse caso fariamos, collecções d'ellas; pelo que só mencionaremos, além do que fica no texto, algumas cópias que vimos por acaso, a saber: quatro volumes que possui a Bibliotheca Nacional e foram do doutor Antonio Ribeiro dos Santos, contendo poesias varias; algumas peças espalhadas que ha no Archivo da Torre do Tombo, e, mais importante do que estas copias, um volume em folio, de muito boa letra, e bem conservado, não só com o *Hyssope*, mas também com grande quantidade de poesias, onde se encontram numerosas variantes, prin-

principalmente nas odes pindaricas, que todas mais ou menos as têm, e alguns sonetos que nos pareceram, pela rápida analyse que d'elles fizemos, inéditos. Este volume que o sr. Lisboa, com officina de encadernador, offerecia á venda por 4\$500 réis, esteve para ser comprado pela Bibliotheca Nacional, o que não se effectuou por o conselho da mesma julgar o manuscrito de quasi nenhum valor.

Na Bibliotheca da Ajuda ha cópias de algumas odes de Diniz, mas poucas, e um traslado bem escripto das suas cinco primeiras metamorphoses, feito no Rio de Janeiro pelo segundo tenente do real corpo de engenheiros, Bento Fernandes Mello e Araujo, e por este dedicado á princeza do Brazil, D. Maria Francisca Benedicta. Tem a data de 1809, segundo nos parece.

Pag. 51, lin. 16.

um romance pastoril em prosa e verso, etc.

D'esta obra inedita de Diniz estão impressos nas suas *Poesias* os tercetos que principiam:

Lá onde o rio Lima socegado,

Acham-se no vol. iv e formam a segunda elegia.

Pag. 51, lin. 18 e 19.

uma lóa para a festividade de S. Sebastião, em portuguez e hespanhol, representada pelas monjas de Santarem em 1759;

Esta composição de Diniz foi provavelmente feita para o convento de Santa Clara de Santarem, onde suas duas irmãs haviam professado, e onde uma d'ellas, Anna Mathilde do Paraizo, lhe sobreviveu, como dizemos no logar competente.

Pag. 55, lin. 1 e 2.

De todas as suas poesias só sabemos que gozassem o beneficio da imprensa durante a sua vida, etc.

Assim escrevemos, guiando-nos pelo que diz Innocencio, mas segundo Trigozo n'uma nota ás *Poesias* de Diniz, o idylio setimo, Tresça (vol. 2.º pag. 89) e o idylio onze, ás melhoras d'el-rei (vol. 2.º pag. 135) sahiram publicados na *Collecção das obras poeticas dos melhores auctores*, impressa no Porto em 1789.

Pag. 55, lin. 8.

A ode ao conde de Lippe mereceu a Diniz uma medalha, cunhada em louvor do conde, e que este lhe mandou, como signal de agradecimento, de Allemanha, ao que se refere o idylio 23.

Eis como o poeta ali descreve essa medalha:

Estas, que em torno
Entalhadas se vêem da face augusta
Guilherme a dizer vêem de Lippe conde,
E de Schaumburg na illustre, antiga casa
Principe soberano. Da outra parte,
As que em roda se lêem das lusas tropas

Por supremo caudilho o apregoam.
 Est'outras, que debaixo d'essa c'roa
 Abertas apparecem, significam
 Que este premio será sómente dado
 Do engenho ás grandes forças.

Por occasião de Diniz receber esta honra do conde fez-lhe o seguinte epigramma :

Se no campo marcial Guilherme armado
 No valor Alexandre parecia,
 Em a paz o parece desarmado,
 Honrando liberal a poesia.

Na *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas com relação a Portugal* por Manuel Bernardo Lopes Fernandes, vem descripta esta medalha pela seguinte forma :

Wilhelmus. I. Dei. Grat: Com: R: In Schaumb: Nobiliss. Dom: Ac. Com.
 In Lipp. & S. T. — Busto do conde de Lippe.

Reverso — Lusitanorum. Militum. Imperator Summus.

No campo da medalha — Diligenti.

No exergo — Aula Militaris.

In Insulis.

Wilhelmi.

MDCCLXX

Esta medalha é de ouro; pertence á collecção da Academia das Sciencias de Lisboa, e pesa 2 oitavas e 43 grãos.

Pag. 55, lin. 19.

Morreu porém Diniz, etc.

Devemos juntar ás obras do nosso poeta, impressas pouco depois da sua morte, por nós citadas no texto, algumas das suas odes anacreonticas bastante desfiguradas que se imprimiram em 1809, n'uma collecção de *Poesias Ineditas*. Assim o assegura Trigoso.

Innocencio nada diz a tal respeito.

Pag. 55, lin. 23.

em 1807 (e n'outros annos) em Lisboa as suas obras em seis volumes;

Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, bem conhecido pelos seus escriptos e pelos importantes cargos que desempenhou na politica, durante a maior parte da sua vida, é credor da maior estima e reconhecimento pelo grande serviço que prestou á litteratura portugueza com esta edição das obras do nosso poeta, fructo do seu saber e aturado trabalho. Se não fosse elle sabe Deus se se teriam perdido as composições de Diniz, pelo menos em grande parte!

Folgamos de prestar aqui este tributo á sua memoria.

Pag. 55, lin. 26.

o *Hyssope* em 1817, em Paris; em 1821, na mesma cidade;

Timotheo Lecussan Verdier, tão benemerito industrial, quanto homem de letras, é, depois de Trigoso, o escriptor a que mais deve o nosso Diniz, por ter dirigido estas duas edições do seu celebre poema, com o cuidado e investigações que todos sabem.

É de justiça rendermós este preito ao nosso illustre antecessor.

Pag. 56, lin. 25.

A ode anacreontica,

É erro. Deve-se ler: ode pindarica; o que o sentido bem demonstra. Da ode anacreontica trata-se no principio da pagina seguinte.

Pag. 56, lin. 29.

Nas odes, tomando por modelo o vate de Teios, etc.

Eis algumas palavras de Trigoso a respeito da maneira por que Diniz cultivou a ode pindarica:

«O primeiro ensaio de Elpino n'este genero de poesia foi feito no anno de 1738, no qual repetiu em uma das sessões da Arcadia (na de 30 de junho) a ode I (aos annos d'el-rei), não do modo por que se imprime agora, mas como se lê no original de Coimbra, a saber, em verso solto, e com differente metro. No anno seguinte recitou em varias sessões d'aquella sociedade a ode II (às melhoras d'el-rei, depois da conjuração) e a V (à criação do primeiro conde de Oeiras), e, conhecendo-se desde então com forças bastantes para se adiantar na carreira começada, entregou-se ao impeto da sua imaginação e enthusiasmo compondo as quarenta e quatro odes, que hoje existem, etc.

«Elpino imitou quanto poudo a Pindaro na composição das odes; o numero d'estas corresponde quasi exactamente ao numero das que hoje nos restam do poeta grego; a divisão natural das odes portuguezas consideradas relativamente ao seu objecto, que é cantar os heroes que floresceram e se assignalaram nas quatro partes do mundo, faz lembrar a divisão das odes gregas, que cantaram os vencedores nos quatro grandes jogos que reuniam todos os povos da Grecia, quaes eram os olympicos, pythicos, neméos, e isthmicos; finalmente a divisão particular de cada um dos periodos das odes de Elpino em estrophes, antistrophes e epodos, aquellas em tudo eguaes e estes dissimilhanes a ellas, mas tambem eguaes entre si, é a mesma de que se tinha servido Pindaro na maior parte das suas odes. Mas não se contentou Elpino com revestir, para assim dizer, a sua poesia, de um habito pindarico, abalçou-se tambem a imitar os vãos sublimes de Pindaro, o seu enthusiasmo, a agradável perturbação de seus pensamentos e imagens, e finalmente a feliz audacia das suas methaphoras e allegorias. Em tudo isto se conformou Elpino com os poetas italianos e entre elles com Chiabrera; tirando do seu estimado Muratori as regras que o haviam de guiar n'este genero de poesia heroica; e sujeitando-se na mechanic construction das suas odes aos rigorosos preceitos que nos italianos vira ou postos em pratica ou reduzidos a arte...

Por este tempo, e de certo depois do anno de 1770, cuidou elle em corrigir e aperfeiçoar estas odes (a I, II, IV, X, XVI, XIX, XXXI, e XLII das suas *Poesias*), compondo successivamente outras de novo, e formando uma collecção de trinta e quatro odes, as mesmas que muito depois se imprimiram em Coimbra, no anno de 1801, entre as quaes se não acha a I nem a XIX. D'esta collecção do auctor, em parte original e em parte cópia, por elle conferida, se serviu o ex.^{mo} sr. bispo de Portalegre para tirar uma inteira e exacta cópia, quando regía na sua congregação a cadeira de rhetorica. Outras muitas se tiraram da mesma collecção, umas mais correctas que outras, mas quasi todas defeituosas; refundindo-se algumas d'ellas no texto da incorrecta edição de Coimbra, que fica mencionada. Finalmente nos ultimos annos da sua vida, no Rio de Janeiro, onde então estava, cuidou o poeta em pôr a ultima mão á sua obra, corrigindo novamente aquellas trinta e quatro odes, e, além d'estas, a I e XIX, e compondo mais oito, a saber, a XII, XV, XXXVII, XXXIX, XL, XLI, XLII e XLIV. D'este modo veiu a formar uma collecção de quarenta e quatro odes distribuidas pela mesma ordem por que agora se publicam, que é ao mesmo tempo a mais natural e methodica.»

Pag. 57, lin. 20 a 22.

Tu que ao prosa Diniz dictaste o *Hyssope*,
E a *Estupidez* dictaste a Almeida e Franco,
Ambos da morte estúpidos correios,

Sempre temos encontrado Francisco de Mello Franco e nunca Almeida e Franco, segundo vem n'estes versos de José Agostinho de Macedo. Nem se pôde aqui entender que Almeida pertence a um individuo e Franco a outro, sendo assim este Almeida um dos diversos auctores a que se attribuiu o poema ou collaborador de Franco, porque a palavra—ambos, que se segue se refere aos dois auctores dos dois poemas o *Hyssope* e *O Reino da Estupidez*. Seria talvez engano de Macedo ou appellido que Franco tivesse algum tempo e que depois deixasse de usar.

Este poema conta as seguintes edições: Paris, 1819; id. 1821; Lisboa, 1833; e Paris, 1834, juntamente com o *Hyssope*, no volume destinado a ser o sexto do *Parnaso Lusitano*.

Em todas ainda sem nome de auctor.

Ao principio deram a paternidade d'esta obra a diversas pessoas, entre ellas a Ricardo Raymundo Nogueira e Antonio Ribeiro dos Santos, que por isso foram perseguidos pelos lentes da universidade e outros individuos satyrisados no poema.

José Bonifacio de Andrada e Silva é dado por Innocencio como collaborador de Franco no dito poema.

Pag. 58, lin. 6.

As suas obras em prosa limitam-se ás orações que já enumerámos, recitadas na Arcadia.

Ainda se lhe poderão accrescentar: os estatutos da mesma sociedade, de que tratámos no logar proprio; o relatorio da syndicancia ao governo do capitão general da capitania de S. Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, que existe na bibliotheca do fallecido marquez de Castello Melhor, de que já falla-

mos n'outra nota; o parecer que deu ao vice-rei do estado do Brazil, que transcrevemos a pag. 45 até 47; e uma pequena carta a Filinto Elysio agradecendo-lhe uma ode que lhe escreveu e que anda nas obras d'este poeta, no principio do volume 1.º

Pag. 59, lin. 21.

É o *Hyssope* um bello poema heroi-comico, o melhor de quantos possuímos, que não são poucos,

Dos nossos poemas satyricos, em que se comprehendem os heroi-comicos, citaremos os seguintes :

A Agostinheida, por Pato Moniz, contra o Padre José Agostinho de Macedo.

A Mondegueida, de Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, e que veiu á luz sob o nome de Antonio Castanha Neto Ru.

A Malhoada, contra o dito Malhão, por Anacleto da Silva Moraes.

O Reino da Estupidez, por Francisco de Mello Franco e talvez José Bonifacio d'Andrada e Silva.

A Maquina Aerostatica, por João Roberto de Fond, de que só sahio o 1.º canto.

Querculaneida, ao estabelecimento da companhia dos vinhos do Alto Douro, por Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, 1.º visconde de Villarinho de S. Romão.

O Foguetario, pelo doutor Martim Fogacho etc., attribuido a Pedro d'Azvedo Tojal.

A Santarenaida, pelo Padre Francisco de Paula de Figueiredo.

A Gaticanea, ou cruelissima guerra entre os cães e os gatos decidida em uma sanguinolenta batalha na grande praça da real villa de Mafra, por João Jorge de Carvalho.

A Ministrada, dada á luz por um amator da tranquillidade Lacobrigense.

A Padeira de Aljubarrota, por José Auselmo Corrêa Henriques.

Perodana ou o Conciliabulo dos Periodicos, pelo mesmo.

A Mariolada, dedicado á musa do reverendo José Agostinho de Macedo, a formosa estanqueira do Chiado pelo seu auctor o Gigante Voraz, pelo mesmo.

Luziada contrafeita á bebedice, por Bartholomeu Varella.

Os Burros, de José Agostinho de Macedo.

A Benteida, por Alexandre Antonio de Lima.

A Herculeida, de Antonio Gomes de Oliveira.

Os Touros, de Antonio Joaquim de Carvalho.

Os Ratos na alfandega de Pantana, por J. M. P., Porto, 1849.

As Commendas — Lisboa (aliás Porto).

O Desertor, de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, impresso pela primeira vez em Coimbra em 1774.

Além d'estes poemas de maior ou menor valia, ha outros que omitimos por falta de merecimento, ou por nos serem desconhecidos.

Pag. 60, lin. 29.

o *Lutrin*

Possuímos trez versões d'este poema: a de Lima Leitão; a de Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, visconde de Villarinho de S. Romão; e a de J. S. S., impressa em Braga em 1839.

Pag. 73, lin. 1 a 3.

E, se isso fosse verdade, Boileau teria imitado igualmente Homero e Tassoni, porque invoca as musas que inspiraram a *Batrachiomachia* e a *Secchia Rapita*,

Não se entenda por estas palavras que vamos contra a opinião hoje recbida de que a *Batrachiomachia* não é do grande poeta grego. Mas Boileau invocando o auctor d'este poema fal-o na crença de que elle é Homero. Só n'este sentido fallamos

Pag. 73, lin. 6 e 27.

Quanto ao merecimento dos dois poemas só damos preferencia a Boileau sobre Diniz na parte da metrifcação,

Rebello da Silva, no seu escripto a respeito do nosso poeta, inserto no *Panorama* e o Sr. Ferdinand Denis no prologo á traducção franceza do *Hyssope*, pelo sr. Boissonade, não concordam comnosco n'esta opinião. Garrett, como vimos, colloca a obra do nosso poeta a cima de todas do seu genero.

Pag. 75, lin. 11 a 13.

Finalmente, quando estive em Lisboa em 1790, encontrando-se com seu amigo Falcato, deixou-lhe copiar o *Hyssope* n'este estado, etc.

A não apparecer o proprio original, autographo ou authenticado, do *Hyssope*, parece que era esta cópia, tirada immediatamente do manuscripto do poeta, o melhor achado que se podia fazer, por isso que devia ser a mais correcta e conforme a elle.

Pag. 76, lin. 5 e 6.

sendo a differença entre as duas fórmás do poema a seguinte:

O que aqui deixamos dito no prologo ácerca d'estas mudanças do *Hyssope* junto com o que se lê nas variantes a pag. 304, habilitará o leitor para fazer cabal idéa d'ellas.

Pag. 77, lin. 31 a 38.

Não sabemos até que ponto seja accetavel a accusação, dado que taes versos existissem; mas em todo o caso o proprio Verdier, onde os outros escriptores foram beber o factó, censura-o desculpando o poeta com a intolerancia e ferocidade da reacção, mas não falla em serviços alguns que este devesse ao ministro decaído,

Vejamós como se exprime a tal respeito Verdier:

«Esta suppressão que devemos sentir, foi causada pelo receio que teve o auctor de ser mal visto no ministerio que succedeu ao do marquez de Pombal; pois hem notoria é a reacção que experimentou Portugal, após a morte d'el-rei D. José, tanto em administração e politica, como em doutrinas e economia publica; e não menos sabidos são os vexames que soffreram os que elogiaram esse monarcha ou o seu ministro. José Basilio da Gama, auctor do poema *Uruguay*, esteve a ponto de perder o seu logar de official da secretaria d'estado; o capitão Manuel de Sousa, por haver traduzido o *Tartufo*, foi preterido na promoção do posto que requeria, e a que tinha direito; o ultramontanismo, resurgindo á voz do nuncio, sob os auspicios de um ministerio ignorante e agastado, perseguia, pela fervorosa agencia do principal Furtado, o grande Antonio Pe-

reira de Figueiredo. Estes e outros eguaes acontecimentos, que por brevidade deixamos de memorar, eram mais que sufficientes avisos para o poeta haver de se acautelar, attendendo á continua dependencia em que se via para seu adiantamento na magistratura. Portanto Diniz prudentemente, com pretexto de emendal-os, recolheu os poucos exemplares que havia dado a seus amigos, e restituiu outros com a reforma que temos mencionado. . .

«Em fim tornamos a dizel-o, impute-se esta quebra ao despotismo ministerial, e não ao poeta: pois u'uma monarchia das que chamam (não sabemos porque!) absolutas, a morte de um rei sempre traz consigo transtorno de coisas e vexames de individuos; e na conta dos escravos passivos do miuisterio, o novel rei deve ser reputado o mais sujeito, e de certo mais que todos é elle prejudicado; mormente pela mingoa geral de respeito e amor, imprudentemente provocada e affluadamente promovida por lisongeiros ministros e validos insolentes.»

Agora entre os escriptores posteriores a Verdier, escolheremos Rebello da Silva, o qual no estudo a respeito de Diniz publicado no *Panorama*, depois de repetir o que diz o seu predecessor ácerca de José Basilio da Gama, de Manuel de Sousa, de Antonio Pereira de Figueiredo, e do feroz resurgir da seita reaccionaria, continúa:

«No meio d'este desencadeado temporal o que podiam fazer os timidos? Calar no peito as affeições; guardar só consigo a gratidão, e com o maior resguardo figurar de indifferentes e de neutros.

«O marquez de Pombal era o mesmo que o aconselhava aos seus intimos, lucrando mais em os ver conservados em logares, onde fossem uteis ao estado e ao seu protector, do que em ser causa de demissões, que, augmentando o numero dos infelizes, de nenhum proveito lhe podiam ser.

«A ausencia, a sua indole branda, e a jovialidade natural do seu character salvaram Diniz de participar dos perigos, que então corriam outros amigos, cujo unico delicto seria tambem seu. Fiel á benevolencia com que o marquez o distinguira, e sincero em declarar sem equívocos a sua gratidão, nem por isso attrahiu sobre si a animadversão.

«Mais prudente ou menos resolutivo que José Basilio, a sua lyra emmudeceu, e absteve-se de cantar o protector, que nos dias do sol do seu poderio tantas vezes celebrára.

«Foi de certo uma tibieza indesculpavel. . .

«O Diniz. . . acovardou-se, e é provavel que reservasse para si ou para alguns confidentes a expressão dos sentimentos mais reconditos.

«Fez peor ainda.»

Aquí repete a mutilação soffrida pelo *Hyssope*, como contámos, e prosegue:

«Esta nodoa, que nenhum sophisma escusa, ficará indelevel sobre o character do poeta. Antonio Diniz tendo estendido a mão, e apertado a do marquez, como protector e amigo, não podia sem desdouro, e depois, aparar á tesoura os metros laudativos, com que encarecera os seus serviços.

«Se os gabos foram justos, eliminando-os, mentiu á consciencia e trahiu a verdade por medo. Se eram adulações e tisonjas, deixar de embalar o thuribulo, e esconder o elogio perante a adversidade, parece uma covardia, para não dizer tudo.

«Que differença entre a lastimosa contemporisação de Elpino e o proce-

dimento de José Basílio da Gama! Como um escondendo-se dos proprios actos fica pequeno, e outro se levanta e cresce, repetindo alto e firme, na presença do infortunio, o que tinha applaudido nas horas de grandeza (sic).

«Se são suas, como conjecturo, as estrophes da ode á queda do marquez, como exaltam o homem e o cantor!»

Transcreve parte da ode, e segue:

«Como Diniz, se a lesse, havia de empallidecer e inclinar a fronte! Como lhe devia lembrar, aqui, o grande animo do Garção, incapaz de incensar o idolo no poder, mas por isso mesmo incapaz, depois de decaído, de sumir o louvor gravado durante a sua prosperidade!»

É preciso notar que antes d'estes paragraphos Rebello da Silva escrevera a respeito do poeta:

«Admittido aos serôtes privilegiados do marquez de Pombal, arbitro do governo, descobriu o modo de lhe captar a benevolencia, e com os annos conseguiu introduzir-se na sua amisade.

«Os dias de festa do ministro eram dias de inspiração para o auctor do *Hyssope*. A sua musa, docil e complacente, esfolhou as rosas de Anacreonte, e embocou a tuba heroica, cantando em nome da posteridade os louvores do restaurador de Lisboa e os jubilos da sua intimidade.

«Mais feliz do que o Quita ou mais flexivel (apesar de tudo quem sabe!) as odes e os sonetos aulicos não foram perdidos. Celebrando natalicios e epithalamios, attrahia, com os sorrisos do marquez, os premios e as mercês; e na velhice, olhando para a toga e para a lyra é de crer que o grave magistrado não pudesse dizer bem a qual d'ellas devia mais!

«Emquanto a austeridade espartana de Garção o arrastava das estreitezias da indigencia para a humida escuridão dos carceres; emquanto as eclogas e idyllos de Quita, em recompensa de servis adulações, apenas obtinham promessas não cumpridas, a musa de Elpino, ditosa e elogiada, brilhava coroada de favores, e quasi que não formava um desejo, que não fosse logo satisfeito!

«A protecção do valido d'el-rei D. José desviou-lhe os emulos, obrigou as inimidades a calarem-se e aplanou-lhe todos os caminhos.»

Rebello da Silva não nos diz as fontes d'onde tirou todos estes dados, nem escriptas nem oraes; e quanto a nós, por mais que imaginemos, não encontramos outras que não sejam: a anecdota da leitura do *Hyssope*, diante do marquez de Pombal e do bispo de Elvas; os despachos que Diniz obteve, e a asserção de Verdier ácerca da mutilação do poema.

Sobre a primeira fundou Rebello da Silva naturalmente a amisade entre o ministro e o poeta, resultado, conforme julgou poder inferir, dos seus versos aduladores; sobre a segunda o valioso auxilio que este recebeu da mão poderosa, que lhe aplanou todos os caminhos, e obrigou a calarem-se todos os seus emulos, usando da sua propria frase; sobre a terceira a ingratição do poeta.

Quanto á primeira temol-a apenas como uma anecdota chistosa, bem contada e que coisa alguma authorisa, conforme já dissemos no logar adequado e na nota que lhe diz respeito.

Quanto á segunda já tambem tratámos d'ella a pag. 77 do presente volume, mostrando quae foram os despachos alcançados por Diniz até á queda do marquez (juiz de fóra de Castello de Vide, auditor de um regimento de Elvas, onde esteve dez annos, e desembargador da Relação do Rio de Janeiro),

e como um homem do seu merecimento, depois de dezoito annos de serviços na magistratura, podia e tinha jus a taes logares, só por elles, independentemente da protecção amiga do valido de D. José; o que se deu com outros, lembrando-nos agora o doutor Antonio Ribeiro dos Santos, o qual, muito mais moço que Diniz, veio a ser seu collega na Casa da Supplicação, depois de ter exercido importantes empregos, e Thomaz Antonio Gonzaga, que, depois de ser juiz de fóra e ouvidor, foi nomeado desembargador da Bahia, tendo pouco mais ou menos a mesma idade de Diniz.

Quanto á terceira já provámos a pag. 76 e 77 d'este volume a sua insubsistencia, que não julgamos invalidada pela seguinte razão adduzida por Verdier, quando procura apoiar a necessidade no poema dos versos por elle julgados supprimidos: «Esta anecdotia que sabemos e abonamos, até se prova pelo mesmo canto quinto, na maneira em que agora se acha: pois desde que o padre guardião manda ao padre jubilado que vá passar a certidão, até que este vem com ella, apenas medeiam sessenta e quatro versos, que, recitados com todo o vagar, não levam cinco minutos. Ora se em todo drama o tempo moralmente preciso para qualquer acção indicada fóra da scena é de regra indispensavel; na epopéa todo o incidente interposto, que n'ella requer conclusão, tambem necessita de tempo arrasoadamente bastante para seu acabamento. Como podia pois o padre jubilado, em tão breve espaço, ir á sua cella e d'esta voltar já com

A grande certidão que passar fóra? »

Esta regra, que, mesmo quando ellas se executavam mais á risca, era infringida, não julgamos enfraquecer em nada os nossos argumentos. Posto que não valha a pena insistir na razão de Verdier, lembraremos comtudo que muitos versos deveria ter a mais o poema, se o tempo que se empregasse na leitura d'elles fosse o necessario para se passar a certidão; pois não podendo esta constar de menos de quatro paginas, se não mais, para merecer o epitheto de grande, e e crevendo-se cada pagina em dez minutos, eram precisos quarenta minutos, e portanto pelo proprio calculo de Verdier, que dá cinco minutos para se lerem sessenta versos, os que o poeta supprimiu montariam ao subido numero de quatrocentos e oitenta. Isto viria reforçar o motivo porque principalmente rejeitámos a existencia dos elogios que o illustre editor assegura terem sido escriptos por Diniz no *Hyssope*, e depois inutilizados a falta de proporções no poema, a qual de tal modo ficaria ainda mais flagrante, abrangendo n'este caso a scena da cêrca novecentos e quarenta e oito versos, ou proximamente a terça parte de toda a obra, a qual não passa de tres mil. Concedemos que se faça um calculo mais modesto que o nosso; e ainda o raciocinio de Verdier nos será favoravel, pois, tornando-se de todo impossivel os alludidos augmento e suppressão operados no *Hyssope*, iria, ipso facto, a terra a machina de ingratidões levantada contra Diniz por esse motivo.

Entretanto, voltando ao nosso ponto, diremos que, a ter existido a mutilação supposta por Verdier, e recebida pelo seu seguidor Rebello da Silva, vemos que o primeiro acha haver Diniz procedido com prudencia, e que tal quebra deve imputar-se ao despotismo ministerial e não ao poeta, em quanto o segundo o censura acremente pelo facto, depois de ter dito: que no meio

do desencadeado temporal da reacção só restava aos tímidos (em cujo numero conta Diniz) calar as afeições, e guardar só consigo a gratidão, figurando com o maior resguardo de indifferentes e neutros; que o marquez era o primeiro a aconselhal-o, lucrando mais em ver conservados os seus amigos em logares, onde fossem uteis ao estado e ao seu protector, do que em ser causa de demissões que não lhe aproveitavam, ao passo que accresciam o numero de infelizes; e depois de ter pintado o poeta como dotado de um caracter integro, fiel á benevolencia com que o marquez o distinguira e sincero em declarar sem equívocos a sua gratidão.

Mas onde se acham as provas de que Diniz fosse admittido aos scrões privilegiados do marquez de Pombal e de lhe ter captado n'elles a benevolencia? Mas quem viu as numerosas poesias de Diniz ao marquez e á sua familia, porque deviam ser numerosas, visto que «os dias de festa do ministro eram dias de inspiração para o auctor do *Hyssope*; visto que a sua musa docil e complacente esfolhou as rosas de Anacreonte, e embocou a tuba heroica, cantando em nome da posteridade os louvores do restaurador de Lisboa e os jubilos da sua intimidade, e que, celebrando natalicios e epithalamios, atraía com os sorrisos do marquez os premios e as mercês?»

Não negamos que Diniz compozesse varias poesias em honra do omnipotente ministro, e já o dissemos tratando de refutar no prologo d'este volume a mutilação do *Hyssope*; mas todas eram feitas ao homem publico, ao grande homem de estado, que ainda hoje nos domina com a sua sombra, e ás vizes para serem recitadas em sessões da Arcadia, que tinham por unico fim o louvor do ministro. São ellas a ode e idyllo que repetiu na de outubro de 1759, quando Sebastião José de Carvalho e Mello foi creado conde de Oeiras; o dithyrambo que fez de collaboração com Theotonio Gomes de Carvalho, e se cantou na sessão de 20 de janeiro de 1774, em louvor do marquez; uma ode que então leu a identico assumpto; uma ode ao mesmo sobre a fundação da nova villa de Santo Antonio de Arenilha; e outra sobre a reforma da universidade. A pessoa da sua familia ha a ode ao desposorio do segundo conde de Oeiras.

Concluir dos elogios espalhados n'estas poesias aos meritos e serviços reaes do grande homem, que elles só foram escriptos pela adulação e pelo interesse não póde ter cabimento. São esses meritos e serviços tamanhos, que o presente não póde nem o futuro poderá jámais negar-lhes um dos logares mais conspicuos na historia portugueza e mesmo na universal. Todos os sabem; não é preciso memoral-os. Se elles ainda hoje nos admiram e espantam, porque não seriam a admiração e espanto dos que os presencearam? Cumpre tambem ponderar aqui a differença dos tempos: os reis de direito divino e os de direito popular; o fausto da côrte de então, e a modestia da de hoje; a maior distancia que mediava do paço ao povo, e a menor que os divide em nossos dias; o poder absoluto do ministro, verdadeiro rei, além da sua grandeza pessoal, que era tanta; a falta de desafogo da imprensa periodica, só representada pela magra *Gazeta*, e isso mesmo antes de 1762, porque depois ficou suspensa até 1778; e d'ahi a necessidade aos sentimentos individuaes ou aos populares de procurarem manifestar-se por outros modos, um dos quaes era a poesia. Quasi todos os poetas e pseudo-poetas sacrificaram a essas exigencias do tempo em que viveram, e hoje mesmo, após tantas e tão sensiveis mudanças, e tanta fermen-

tação de idéas constitucionaes, republicanas, socialistas e communistas, não é pouco o incenso que se queima, e ás vezes merecido, não tanto no thuribulo da poesia, mas no da imprensa livre, já em louvor dos monarchas, já para exaltar os ministros e os grandes.

«Como lhe devia lembrar o grande animo do Garção, incapaz de incensar o idolo no poder, mas por isso mesmo incapaz, depois de decalido, de sumir o louvor gravado durante a sua prosperidade!» diz Rebello da Silva, pretendendo com isto censurar o character do nosso poeta; e mais abaixo com o mesmo fim: «Em quanto a austeridade espartana de Garção o arrastava das estreitezas da indigencia para a humida escuridão dos carceres, a musa de Elpino, ditosa e elogiada, brilhava coroada de favores, e quasi que não formava um desejo, que não fosse logo satisfeito.»

Se Rebello da Silva tivesse lido attentamente o discurso que foi proferido por Garção na Arcadia a 4 de março de 1763, ahí veria que era elle o proprio que aconselhava aos seus consocios que celebrassem a grandeza do monarcha e do seu ministerio. «Que diriam os vindouros, exclama o poeta, se lessem nas nossas decadas, que em Lisboa se tinha fundado uma academia; que eram portuguezes os membros d'ella; que estava em ditosa paz o reino todo; que a justiça brilhava incorrupta: que não se tolerava o vicio; que se estimava a virtude; que florescia o commercio; que se conservavam as conquistas; (ou para melhor dizer) que reinava o Augusto, o Pio, o Fidelissimo Senhor D. José I; e que os arcades se esqueciam de cantar estas virtudes? Que infamia para os nossos nomes, etc.» e pouco mais adiante: «Não é menos digna de elogios a eleição que este monarcha faz de seus ministros. Que excellentes poesias se não podem compôr, querendo mostrar o augmento do commercio! a nova economia das conquistas! o grande projecto do estabelecimento das fabricas! a disciplina das tropas! as leis que quotidianamente se estão promulgando, dirigidas todas a refrear os vicios, que fomenta o espirito da ambição ou do litigio! Ellas sós farão novo codigo, que será o fasto da historia portugueza, em que melhor se veja, não sem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de um tão feliz governo e sabio ministerio.»

Quem dava com tanto fervor estes conselhos não podia deixar de ser o primeiro a exemplificar-os, e nem o deixaria de fazer.

Conhece-se mesmo uma epistola de Garção ao marquez de Pombal, inedita, que possuia Innocencio Francisco da Silva, e que principia:

Se em teus hombros constantes firmemente
O solio portuguez feliz descansa;
Se a forte mão nos olhos da Justiça
Ata a rasgada venda; se repartes
Co'as illustres acções o justo premio,
Co'os vicios detestaveis o castigo, etc.

Ao que devemos acrescentar, sob a fê do mesmo Innocencio Francisco da Silva, que a familia do poeta desterrou da edição das suas obras todas as composições, em que era louvado o marquez, repugnando-lhe ver elogiado o perseguidor pela propria victima.

Já se vê pois que tambem Garção incensou o idolo no poder, servindonos da phraze de Rebello da Silva; e não lh'o levamos a mal; antes o descul-

pamos e até louvamos, julgando que procedia com boas intenções, como fizemos a respeito de Diniz.

Quanto «a ser incapaz, depois de decaído o ministro, de sumir o louvor gravado durante a sua prosperidade», não sabemos o que faria, se a morte infelizmente o não arrebatasse alguns annos antes da queda do marquez; mas cremos que seguiria o exemplo dos outros, principalmente sendo dotado de tanta prudencia, como parecem respirar as suas obras.

Para contraste com a baixeza e prosperidade de Diniz, oppõe nos Rebello da Silva o illustre Garção dotado de austeridade espartana e passando da indigencia para a escuridão dos carcerees. Somos os primeiros a respeitar o character de tão celebre poeta, e a lamentar o seu triste fim; mas n'isto ha erro manifesto, como vamos mostrar. Garção por sua mulher, D. Maria Anna Xavier Froes Mascarenhas de Saude Salema, dos Salemas de Alcacer do Sal, era senhor de uma quinta nos arredores d'esta villa, de outros bens rusticos e urbanos, de muitos fôros na Fonte Santa, em Lisboa, e da propriedade do officio de escriptura da Receita da Mesa do Consulado Geral da Entrada e Sahida na Casa da India; e parece que por algum tempo viveu bem; veio porém uma época em que se viu contrastado pelas injurias da sorte; em que os seus negocios se embaraçaram; soffrendo portanto as estreitezas de tal situação, segundo elle diz, com animo inteiro. Finalmente os ultimos tempos da sua vida passou-os na prisão, onde foi lançado por ordem do marquez de Pombal, e onde, depois de mais de anno e meio, falleceu, no proprio dia em que devera ser solto, em virtude da ordem para isso obtida pelas reiteradas supplicas de sua mulher a el-rei. Não se sabe ao certo a causa que lhe acarretou esta desventura, mas a mais provavel e a que vogava na familia do poeta, é a historia de uma comprometedora carta amorosa que elle escreveu para um seu conhecido, namorado da filha de um coronel inglez, e que o amante, em vez de copiar pela sua letra, mandou á menina escripta pela propria de Garção, etc. Ora, Rebello da Silva, deixando-se levar pela errada asserção de Garrett, suppoz que a prisão do poeta houvera por motivo a *Falla do duque de Coimbra*, recusando a estatua que lhe queriam levantar os portuguezes, a qual Garção compozera para fustigar a vaidade com que o marquez se esculpira em bronze no pedestal do monumento a D. José, sem se reparar que a morte de Garção succedeu em 1772, em quanto a estatua d'el-rei só foi inaugurada em 6 de junho de 1775, e em outras razões, como bem pondera Innocencio Francisco da Silva.

Os contratemplos financeiros a que alludimos, e esta errada opinião fizeram com que Rebello da Silva imaginasse em Garção um homem perseguido pela miseria e pela prepotencia politica, mas de tal austeridade e constancia que não se curvava nem sob o peso das quotidianas privações da vida, nem perante a dureza dos carcerees. É isto o que se depreende do estudo que Rebello da Silva publicou no *Panorama* de 1852, a respeito de Garção.

Ainda cita Rebello da Silva, para envergonhar e deprimir Diniz, o procedimento de José Basilio da Gama, suppondo-o auctor da ode a favor do marquez de Pombal, depois da sua queda, o que é posto em duvida, merecendo mais credito a outra opinião de ser de Filinto Elysio, o qual em 1782, quando ella foi publicada pela primeira vez, já se achava fóra de Portugal. Mas provada que fique a paternidade de Basilio da Gama, devemos confessar que tal facto é admiravel, e que constitue, attendendo ao tempo em que se deu,

talvez a mais temeraria manifestação de uma alma generosa de que temos noticia, o que devia mover Diniz á admiração, e não ao pejo.

Por ultimo lembraremos aos que ainda, depois de tudo isto, quizerem crer na mutilação do *Hyssope* e na ingratidão de Diniz, o que dizemos a pag. 78, isto é: que a pena imposta aos que possuissem algum exemplar d'este poema e o não entregassem era de dez annos de degredo para um dos presídios de Africa. Por aqui se pôde conjecturar qual seria a do poeta, sobre tudo se viessem na sua obra os versos que se diz elle haver supprimido!

Pag. 79, lin. 2.

Verdier não conheceu nenhum exemplar autographo.

«Era pouco provavel, diz o illustrado editor do *Hyssope*, alcançar-se um manuscripto autographo do auctor, pois sabemos que algumas pessoas que brindadas foram por elle com esta obra não possuem mais que transumptos nitidos, que mandava fazer por amanuenses mais ou menos intelligentes.»

E pouco antes d'estas linhas:

«Forçoso nos foi recorrer (para fazer a edição do *Hyssope*) a algumas pessoas de asizada critica, e pedir o auxilio de manuscriptos que gozam da fama de mais correctos, por haverem sido dados pelo auctor: mas poucos foram os homens litteratos que guiar-nos quizeram pelos seus conselhos e com as suas luzes, e d'esses manuscriptos que haviamos pedido apenas nos chegou um, etc.»

Pag. 87, v. 1 e 2,

Eu canto o bispo e a espantosa guerra,
Que o *Hyssope* excitou na egreja d'Elvas.

O que tinhamos que dizer ácerca do bispo D Lourenço de Lencastre e do deão, principaes actores do poema, já fica larga e sufficientemente expellido no sexto capitulo do prologo e nas notas a elle.

Pag. 88, v. 1.

Nos vastos intermundios d'Epicuro

Intermundios—palavra com que o philosopho grego Epicuro designava no seu systema o vacuo entre os mundos que povoam o espaço.

Ás opiniões cosmogonicas d'este auctor se refere o nosso poeta n'outra parte, no soneto 47 da 2.^a centuria, vol. 1.^o das suas obras, quando escreve:

De outra sorte Epicuro meditando,
Aos seus ouvintes disse com certeza
Que d'esta immensa mole a redondeza
Se fóra toda de atomos formando.

Pag. 88, v. 16.

e que abraçaram
Até á morte os perfidos Solipsos.

Solipso, palavra composta das duas latinas solus e ipse, que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome de egoista. Melchior Inchofer, jesuita allemão, é o inventor d'esta expressão que produziu para designar os padres,

geral, chefes e regentes da companhia de Jesus. Compoz este auctor com o titulo *Monarchia Solipsorum*, um livro, presentemente raro, que foi publicado em 1648, no qual descobre e desenvolve todo o systema de governo dos jesuitas.

Pag. 88, v. 19.

acrosticos, segures,

Lecussan Verdier no prologo da edição de 1821 diz que adoptou acrosticos sonetos, apesar de Filinto Elysio lhe assegurar que devia ser: acrosticos, segures, e de a tal respeito lhe escrever o seguinte: Segures eram certas composições mui tólas, em que as prosas ou alcunhados versos tomavam a fórma de uma segure ou machado, etc., como ha exemplos nas que se podem ver n'um gordo livro in 4.º, que Fr. Francisco da Cunha, Augustiniano, imprimiu á custa da rainha, mulher de D. João v: *Elogio da rainha de Hungria*. Achámos n'esta obra muita semsaboria, mas não as tacs segures.

Pag. 89, v. 3.

Grandes palmadas da nação castrada.

Refere-se aos italianos.

Pag. 89, v. 22 e 23.

Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar trez anticyras,

Anticyra, outr'ora Cyparyso e hoje Aspro Spitia, cidade da Phocida no golfo de Corintho, celebre entre os antigos pelo helleboro que produzia, e a que elles attribuiam a grande virtude de desterrar a melancholia e restituir o sizo aos que eram affectados de loucura. Havia tambem uma cidade de Thessalia e uma ilha do mar Egeu com o mesmo nome, e que tambem davam o helleboro.

Estes versos são a traducção do verso da *Arte Poetica de Horacio*:

Tribus Anticyris caput insanabile.

Pag. 90, v. 5.

Que o grande imperador da Trapezonda:

O imperio de Trebizonda foi um pequeno estado erigido por Alexis Comeno, depois da tomada de Constantinopola pelos latinos em 1204, e da desmembração que se lhe seguiu do imperio do oriente.

Pag. 91, v. 12 e 13.

E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Silphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos,

Entre os diversos espiritos e personificações de credices e futilidades, com que o nosso Diniz povoa o imperio do genio das Bagatellas, occupam impor-

tante logar o vampirismo, isto é, a crença nos vampiros, que são os cadáveres dos excommungados por magia ou por outros crimes, que de noite sahem dos seus tumulos e vem chupar o sangue dos vivos, em quanto dormem, superstição arraigada no oriente da Europa, na Hungria, Roumania, Grecia, etc.; os sortilegios ou maleficios lançados pelos feiticeiros contra alguém ou alguma coisa; as salamandras, lagartos, que a louca superstição do povo fazia filhos do fogo, e a que dava as propriedades de viverem n'elle, e até de o apagar; os sylphos, espiritos do ar, segundo a mythologia da idade media; as nymphas, genios do mar e dos rios, da mythologia greco-romana; e os gnomos, ou genios que, consoante ás idéas dos cabalistas, habitavam o seio da terra e guardavam as minas de ouro e pedras preciosas, e os thesoiros escondidos.

Pag. 91, v. 14.

E os outros genios da subtil cabala.

• A cabala é uma d'aquellas loucuras que, com o nome de sciencia, tem accommettido em diversas épocas a triste humanidade. Os judeus hellenistas, querendo reforçar a autoridade de suas traducções oraes com alguns principios dos philosophos gregos, foram os inventores d'esta especie de giria, a que deram o sublime nome de sciencia occulta; e com bem razão assim a appellidaram, pois no conhecimento e progresso d'ella tão intelligentes e adiantados se mostraram os inventores e mestres como o eram os simples iniciados. Nomes, figuras, numeros, movimentos dos astros, etc., singular ou simultaneamente calculados e analysados por subtis analogias, tão absurdas quanto inintelligiveis, formavam a base d'esta arte. Desgraçados e inuteis esforços da memoria, captivada pelo mais ridiculo fanatismo, passavam por infinda erudição e suppriam as leis da logica a menos subida. Da cabala ou antes abuso da arte de raciocionar pôde dizer-se que grandes forças cobraram a superstição, a philosophia escolastica, a astrologia judiciaria, a alchymia, etc., assim como o quebranto e os feitiços e o remedio d'estes, quaes os cintos das crianças, recemnacidas, as figas d'azeviches, as meias luas, e os signos samãos, salomonicos ou de Salomão, a quem impu-tam ainda hoje alguns embusteiros a invenção de tão estupendos despropositos. • (Edição de 1821.)

Pag. 92, v. 7.

A corrupta, mas real genealogia,

Refere-se a ser o bispo neto por varonia de D. Jorge, duque de Coimbra, mestre da ordem de Santiago, o qual era filho bastardo de D. João II, como já dissemos no prologo.

À mesma ascendencia regia alludem tambem os versos 14 e 15 da pag. 125.

Este obsequio devido ao real sangue,
Que nas veias me pulsa heroicamente.

e o verso segundo da pag. 137:

Um ramo do real portuguez tronco,

a que algumas variantes accrescentam:

Bem que em arvores bravas enxertado.

Pag. 92, v. 15.

Do famoso Martin o verniz brilha,

«Martin, torneiro celebre na capital da França pelo verniz e burnimento que dava ás caixas de tabaco, carruagens e outros trastes que sahiam da sua fabrica. Este verniz era mesmo chamado verniz de Martin.» (Edição de 1821.)

A respeito d'elle acham-se nas obras posthumas de Manuel de Figueiredo os seguintes versos:

O verniz de Martin fez que de graça
Se encontrasse em Lisboa a qualquer canto
Um toucador da China.

Pag. 92, v. 22.

Que a uma escusa porta o deão saia,

Esta porta, como vimos no prologo, ficava fora do adro e do sagrado da egreja.

Pag. 93, v. 15.

A cabeça movendo descontente,

Todos entrevêm n'este verso as reminiscencias da antiguidade classica e principalmente dos versos de Camões no discurso do velho, ao partirem do Tejo os navios de Vasco da Gama para a descoberta da India:

Mas um velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, menendo
Trez vezes a cabeça descontente,

Pag. 93, v. 17.

D'esta sorte fallou ao gran despóta.

Despóta pela figura diastole. Hoje diriamos:

D'esta sorte fallou ao grande despóta.

Mas antigamente não empregavam no verso heroico palavras esdruxulas no final dos versos, a não ser por excepção nos dithyrambos.

Pag. 94, v. 2.

Que um deão de crescente e curta vista,

Com effeito Lara usava de crescente e de luneta por ser curto de vista, como já dissemos.

Pag. 94, v. 9.

Bastos

João Alberto de Sousa Bastos ou João Alberto de Bastos, irmão do tenente-rei Manuel de Bastos e Sousa, conego prebendado da sé de Elvas, ridiculo pelos seus

actos, e de que se contam varias anedotas burlescas; o que se poderá ver nas notas do sr. Dr. Filippe Simões, reproduzidas pela edição do *Hyssope*, de 1876, de Barcellos.

Pag. 94, v. 9.

Sousa

Pedro Antonio de Sousa Almeida Castello Branco, conego vigario da sé de Elvas. Era pessoa de boa capacidade e brioso, e só entra no poema por ser um dos maiores cortezãos e o maior obsequiador do bispo, ao que o obrigavam sentimentos de gratidão, por ter este prelado feito a fortuna de sua numerosa familia, ordenando-lhe ciuco irmãos. É o que lemos nas notas da cópia do *Hyssope*, de Coimbra, e nas do sr. Dr. Filippe Simões.

As notas do sr. Dr. Pitta dizem que elle era de character condescendente, parcial do bispo e muito lisongeiro; que morreu mousenhor presbytero na Patriarchal de Lisboa, e que se formára em canones.

dois Aporros,

Dois irmãos gemeos do dito Pedro Antonio de Sousa Almeida Castello Branco: um conego burulante e outro ceroferario da sé de Elvas. Um chamava-se José Antonio de Sousa e o outro Antonio Thomaz de Sousa. Bastante gordos, da mesma altura e disposição, em tudo eguaes, não se differencavam facilmente. Constituiam uma das curiosidades de Elvas n'aquella epoca. Eram muito amigos, e raras vezes se viam um sem o outro. (Notas da cópia do *Hyssope*, de Coimbra, e do sr. Dr. Filippe Simões.)

Nas notas do sr. Dr. Pitta diz-se: que serviam então de ajudadores do thesoureiro e que foram depois quartanarios da dita sé.

Segundo a cópia do *Hyssope* do Sr. Barbosa eram ambos ceroferarios.

Pag. 94, v. 10.

Que juntos com os Pirras, podem todos,

Eram dois irmãos, ambos conegos na sé de Elvas, parciaes e cortezãos do bispo. Um chamava-se Antonio Pereira Pinho e o outro Manuel Pereira Pinho. (Notas do sr. Dr. Filippe Simões.)

As notas do sr. Dr. Pitta dizem só que tinham o appellido de Pirras—(ou Pereiras) e o officio de enxota-cães da dita sé.

Pirra é, conforme o manuscripto F. A., o nome que se dava aos maceiros.

Pag. 98, v. 11.

itureo arco

Iturca, região da Syria, terra montanhosa, fertil de salteadores.

Pag. 98, v. 14 e 15.

Junto da boca do cruel Averno
A provincia se vê da Dependencia,

*Averno, lago no reino de Napoles, muito conhecido dos poetas, e por estes considerado como o proprio inferno, em rasão das mortiferas exhalações das

suas aguas; pois até os passaros, que, voando alto, tentavam atravessal-o, n'elle cahiam mortos. O subido e espesso arvoredado que o cercava entretinha seus damnosos effluvios. Agrippa, genro de Augusto, conseguiu tornar sadio e agradável esse, d'antes triste, lago, que hoje tem o nome de Tripergola; mas nem por isso os poetas se deram então, nem ainda agora se dão, por desapossados no uso d'esse synonymo de inferno. Com quanta rasão pôe Diniz a provincia da Dependencia na raia e alçada do cruel Averno! » (Edição de 1821.)

Pag. 99, v. 19.

Lhe faz bradar por agua e caramelos.

Elvas está situada n'uma eminencia, sem união com outros montes, e por isso carece de aguas nativas. Para supprir esta falta construiu-se um magnifico aqueducto de varios andares ou ordens d'arcos; a agua conduzida por elle do sitio da Amoreira, que dista obra de meia legua para occidente, distribue-se por varios chafarizes, mas não chega para abastecer a cidade no verão, e em geral vão buscal-a fóra á Fonte dos Milagres. Em ultimo recurso serve a cisterna da praça, cuja agua é muito fresca, mas que por vezes tem provocado accidentes fataes. No largo d'esta cisterna, nas tardes quentes do verão, se vae tomar a neve, que vem a ser caramelos de assucar com a agua da cisterna, que para este fim é boa, pois que é nimiamente fresca, e o assucar lhe neutralisa qualquer particula nociva que possa conter.

A isto se refere o poeta.

Pag. 100, v. 24.

Olha do illustre Almeida a feliz sorte,

José de Almeida ou José d'Almeida e Silva, criado particular do bispo e depois seu valido. Affectava de grave e prudente. Adquiriu uma certa importancia em Elvas, pela entrada que tinha com o prelado, e costumava dizer-se que era o seu primeiro ministro e o seu escrivão da puridade. (Notas do sr. Dr. Philippe Simões e da cópia do *Hyssope* de Coimbra.)

O manuscripto do sr. Dr. Pitta diz que José d'Almeida e Silva era homem fofo, superficial, muito lisongeiro e servil para com o bispo, pelo que lhe captivava a benevolencia, e que procurava inculcar a todos, principalmente aos ecclesiasticos, a sua grande privança e valimento, dos quaes lhe resultava não pequeno proveito. Por morte do bispo em Leiria voltou para Elvas, onde morreu no exercicio de official da thesouraria das tropas do exercito do sul.

Pag. 106, v. 4 e 5.

Entanto a Senhoria, em cujo peito
Altamente ficou depositada

É o *alta mente repositum* de Virgilio.

Pag. 107, v. 18.

Nas entranhas do Rhodope escabrosas

Rhodope, monte alcantilado da Thracia, em que foi convertida uma rainha d'este paiz, que tinha tal nome.

Pag. 113, v. 7.

Chega dos elvios á colonia antiga,

Elvas, segundo uns, foi fundada pelos celtiberos juntamente com os helvecios; segundo outros pelos hebreus da tribu de Asser, que lhe chamaram Elbe, do nome de uma terra sua; e, com mais probabilidade, segundo outros, pelos romanos, que a denominaram Elvas, em honra de Marco Helvio, então governador d'esse districto da Lusitania, como se colhe de um logar de Tito Livio, Livro III, Decada IV.

Pag. 113, v. 9.

Entre o prior e os frades mil disputas

O prior do convento de S. Domingos de Elvas, fr. Antonio Furtado. Se estivermos por uma nota do manuscrito F. A., que ahi se menciona como do proprio Diniz, este ecclesiastico sentia muito ser frade; empenhava-se em ter familiaridade com seculares, para o que dava assembléa na cella, onde continuamente jogava o whist, e para attrair a ella brilhante companhia entrava em grandes despezas de chá e doces, do que os mais frades publicamente murmuravam. Algumas pessoas lhe achavam que era inclinado ao sexo feminino, a que fazia grandes presentes.

Pag. 114, v. 17 e 18.

Que o bom capitular que viu o papa,
Que em Roma conversou com o datario,

O deão alardeava muito haver estado em Roma, e a cada passo contava mil historias que lhe tinham succedido com o papa, com o cardeal datario e outros grandes personagens da curia.

O manuscrito F. A., d'onde se extraiu esta nota diz que ella é do auctor dô *Hyssope*.

Pag. 114, v. 23.

Que á porta da commãa o byssope traga

Esta porta ficava contigua a outra que dava serventia para aquelle logar.

Pag. 123, v. 1 e 2.

Era dia de festa e na alta torre
Da grande cathedral de vinte sinos

A egreja de Santa Maria foi elevada a sé episcopal por bulla de Pio V de 8 de junho de 1570, sendo o seu primeiro prelado D. Antonio Mendes de Carvalho, doutor pela universidade de Paris. A sé está edificada quasi no cume da encosta em que se espraia a cidade e no meio d'esta. É preciso para se chegar ao grande taboleiro da frontaria subir oito degrãos e mais dezeseis para se entrar a porta principal. Toda esta escadaria é de marmore branco, assim como as duas formosas columnas que adornam a porta. O exterior do templo é de cantaria; o interior consta de tres naves, cujas abobadas, outr'ora pintadas e

douradas ao brutesco, se sustentam sobre columnas agrupadas e fecham com laços e cruzaria de bastante primor. A capella-mór com seu elegante arco é formada de finos marmores mui polidos e lustrosos: foi esta obra, assim como a dos altares de Santo Antonio e Nossa Senhora da Conceição, executada pelos mestres mais peritos que trabalharam na basilica de Mafra. Comprehende a egreja doze capellas; na maior em que está o côro foi collocado em 15 de agosto de 1759, entre quatro grandes columnas de ordem corinthia, e de marmore preto, um grandioso painel que representa a Assumpção de Nossa Senhora, a que é dedicada a sé, como todas as mais do reino por disposição de D. João I. Este quadro é assignado por Lorenzo Gramicera. Outras pinturas ha de bastante merecimento n'algumas capellas, devendo citar-se sobre todas o painel de Santo Antonio de Lisboa, pintado por Bento Coelho da Silveira, e o outro da capella fronteira dedicado a Nossa Senhora da Conceição, louvado por Cyrillo Wolkmar Machado.

Nas paredes e abobada da grandiosa sacristia ha tambem primorosas pinturas a fresco.

A sala capitular é magnifica; tem quinze braças de comprimento e tres de largura; quatro janellas de peitoris, a que correspondem outras tantas envidraçadas de bons espelhos, lhe dão muita luz e a fazem muito alegre. As paizagens nos sobrearcos das portas e janellas têm um colorido suave e as situações bem escollidas; como o todo da execução, é harmonioso e agradável; devem-se ao mimoso pincel de Antonio de Sequeira, natural de Elvas. Outras pinturas notaveis possui a sala; porém sobre tudo captiva a attenção o apostolado de fino e bem lavrado jaspe, que em molduras douradas orna e circunda o altar de Nossa Senhora da Conceição, imagem de correcto desenho e gracioso colorido.

Julgámos a proposito dar estas noticias da sé de Elvas e do seu côro e casa do capitulo, por se passarem n'estes logares algumas das scenas do *Hyssope*, posto que o lapis do sr. Manuel de Macedo já nos diga a tal respeito alguma coisa nas illustrações que acompanham esta edição. Extraímol-as do volume v do *Panorama*.

Pag. 125, v. 13.

Ah! que não sei de nojo como o conte!

Bem conhecido verso de bello episodio de Adamastor de Camões.

Pag. 126, v. 1.

Disse: e um grande laçao da liteira,

Chamava-se este laçao Bento.

Pag. 126, v. 19.

Aqui o grande Almeida,

Vide a nota á pag. 100, v. 24.

Parece concluir-se d'estes versos que Almeida tambem versejava, e o discurso, que o poeta põe na sua boca é o mais apropriado a um máo cultor das musas n'aquelle tempo, assim como ao caracter que na mesma nota se lhe attribue.

Pag. 129, v. 13.

o douto Andrade

José (ou João) de Andrade da Fonseca; conego doutoral de Elvas, provisor e vigario geral do bispado, muito parcial de D. Lourenço.

Pag. 129, v. 14.

O gran penitenciarario,

Antonio Luiz de Abreu ou Antonio Luiz Pereira de Abreu, conego penitenciarario da sé de Elvas, tambem parcial do bispo.

Pag. 129, v. 14.

o secco Marques

Lourenço Marques ou Lourenço Marques Pacheco, conego da mesma sé, muito magro e alto, parcial igualmente do prelado.

Pag. 129, v. 16.

Já na soberba mesa cem terrinas

Esta passagem está em harmonia com o que se diz no prologo ácerca da abundancia e magnificencia da mesa de D. Lourenço de Leneastre.

Pag. 132, v. 4.

Mas o famoso Bastos

É o mesmo da nota ao verso 9 da pag. 94.

Pag. 133, v. 2.

Ao rabula do Cêa alguns auctores,

Manuel Martins (ou Gomes) Cêa Vidal, advogado de merecimento muito inferior da cidade de Elvas.

Pag. 133, v. 4.

O douto Accursio

Francisco Accursio, afamado e bêm conhecido jurisconsulto. Nasceu em Florença em 1182 e morreu em 1240. Ensinou direito em Bolonha. É auctor de uma vasta compilação das melhores decisões dos jurisconsultos seus predecessores ácerca do direito romano, a que deu o titulo de *Grande Glossa* ou *Glossa Continua*, a qual foi por muito tempo auctoridade e facilitou as reformas de Bartholo.

Pag. 133, v. 9.

Bertachino

João Bertachino de Farnio, auctor do *Repertorium Utriusque Juris*, Lugduni, 1532, e de outras obras juridicas.

Pag. 133, v. 10.

Tamborino

Não sabemos se o poeta quer fallar de Thomaz Tamborino ou de Ascanio Tamborino, ambos escriptores de direito.

Pag. 133, v. 10.

Spada

Spada, cardeal italiano; nasceu em 21 de abril de 1594 em Brisighela; morreu a 10 de novembro de 1664 em Roma. Applicou-se ao estudo da jurisprudencia ecclesiastica e adquiriu n'ella reputação.

Pag. 133, v. 10.

Pichler

É naturalmente o conhecido escriptor Sigismundo Pichler, auctor das obras: *Dispositio de ratione status ecclesiastici vera*, e *Dispositio de ordinibus rerum publicarum*.

Pag. 133, v. 10.

Nas decisões da Rota

Tribunal estabelecido em Roma por João xxii para julgar as materias beneficias de todos os paizes catholicos.

Pag. 133, v. 22.

A Roda da Fortuna

Roda da Fortuna e vida de Alexandre e Jacintha, Lisboa, 1692 e 1693, pelo padre Matheus Ribeiro. Ha outra edição de 1724.

É uma novella no estilo vicioso do tempo em que o auctor viveu, cheia de metaphoras e de erudição pedante. Tornou-se popular, apesar de tudo isto, e talvez por tudo isto.

Pag. 133, v. 22.

Chrystaes d'Alma

Especie de romance amatorio em prosa e verso composto por fr. Antonio de Escobar, carmelita calçado, abundante de conceitos freiraticos e escripto n'um estylo confuso. Teve grande voga no seu tempo e muitas edições, e foi publicado com o nome supposto de Gerardo de Escobar. Este auctor é-o tambem de outras obras não menos extravagantes, entre as quaes sobresa a *Phoenix de Portugal*.

Pag. 131, v. 19.

Se alçou o grande Abreu com rosto grave,

O gran penitenciario do verso 14 da pag. 129. Vide nota a este verso.

Pag. 137, v. 9 e 10.

Pois viste a importantissima reforma,
Que em nossas grandes capas fez zeloso

Dizem as notas do sr. Filippe Simões: «Foi muito fallada esta importantissima reforma pela celebridade, motim e extensão com que foi feita, quando na

mesma sé (de Elvas) havia muitas coisas em abuso, que de justiça pediam uma grande e sisuda reforma, em que jámais se cuidou.

«Esta capa, segundo as mesmas notas, era de panno roxo finissimo e toda forrada de veludo. Hoje (em 1805) custaria trinta moedas. Com uma capa similhante foi s. ex.^a roldar, d'espada á cinta n'uma fria noite a sua phalange ecclesiastica, ao que o poeta allude no canto vi.»

Pag. 137, v. 13 e 14.

Os grandes e franjados alamares,
Que a moda já ridiculos tornára,

Eis a nota que Verdier poz a este verso na edição de 1821:

«Em os primeiros manuscriptos que appareceram este verso não vinha; o seu logar era occupado pelos tres seguintes:

Que de balde proscriptos, por malvados
Imposta a vil e escandalosa alcunha
De mulas com gualdrapas nos deixaram.

«O auctor quando revia e emendava de sua mão algumas cópias que se lhe apresentavam, encontrando estes versos, costumava suppril-os pelo que vac impresso n'esta edição. Gracejando dizia que as capas ficando aos conegos, ficaram-lhe as gualdrapas; que a reforma do bispo abrangerá sómente os atafaes, bem significados pelos franjados alamares; e que riscava estes tres versos como faltos de exacção historica e descriptiva. Acrescentava depois, com mais sizudas rasões, que os lembrados versos não só continham um sentido contradictorio, mas que até eram de estylo summamente improprio e baixo na lisongeira narração que das grandezas de seu bispo fazia um conego agradecido.

«Com a mesma rasão de impropriedade, apagava tambem o auctor outro verso que a principio interpozera entre o decimo nono e o vigesimo, que n'esta edição se lêem a pag. 8 (97, v. 18 e 19 do presente volume) onde, fallando o genio tutelar das Bagatellas, assim dizia:

Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
Nem menos que Pilatos eu me julgo,
E o que escrevo uma vez nunca mais borro.

«O motivo que dava o auctor para riscar o segundo d'estes tres versos é que vinha aqui Pilatos mettido, não como no credo, mas muito mal accómmoddado. Acertava sem duvida o poeta em excluir do seu poema este verso com tal nome; que lembra um factó muito serio e digno do nosso respeito, para ser apontado em obra joco-seria pelo genio das Bagatellas.

«Faço esta nota para precatar o leitor contra estes e outros versos que poderá encontrar em alguns manuscriptos, e que depois de engeitados pelo auctor, devem ser tidos por incorrectos e nullos, assim como por espurios alguns outros que curiosos lhe têm addido.»

Pela nossa parte não encontrámos jamais estes versos que Verdier assegura terem sido riscados por Diniz e que andavam nos primeiros manuscriptos que appareceram. Sentimos que Verdier não nos diga quaes foram elles e se os viu ou se apenas ouviu contar o que affirma.

Tambem sentimos que não nos ensine a maneira como havemos de conhecer estes e outros versos que foram regeitados por Diniz, para nos precarmos contra elles e dal-os por incorrectos e nullos.

Quanto aos versos que pessoas estranhas accrescentaram ao poema, não nos parece que os haja nas cópias que consultámos; é mesmo difficil conjectural-o, pois essas alterações ou outras só se poderiam suspeitar pela sua impropriedade, impropriedade em que, aliás, o poeta podia incorrer, como na precedente nota nos confessou o proprio Verdier.

Nas cópias do *Hyssope* não se nota o mesmo que nas dos *Burros*, de José Agostinho de Macedo. Este poema serviu como de estatua de Paschino, onde, primeiro o seu maledicente auctor, e depois os que o continuaram e adulteraram, expozeram os seus inimigos á irrisão do publico, substituindo uns por outros, conforme lhes aprazia; tudo para satisfazer odios particulares. No poema de Diniz os actores são os mesmos; os epithetos pouco variam; o augmento de versos é insignificante e inoffensivo; e as passagens que faltam, de importancia, reduzem-se n'algumas d'essas cópias á scena da cêrca, que o auctor só compoz quando levou a sua obra a oito cantos, e a da critica á camara de Elvas, no canto setimo, que, d'entre os manuscriptos que examinámos, só deixa de vir no 1431.

Além do que fica dito acima, lê-se a respeito d'esta innovação do bispo nas notas do sr. Dr. Pitta: — «Vindo D. Lourenço de Lencastre para bispo de Elvas, sendo antes monsenhor da Patriarchal, e vendo que os conegos usavam nas capas magnas da quaresma de quatro alamares roxos de requifes de cada lado, com que prendiam a murça roxa ao capello, ordenou se tirassem os alamares e se puzessem as capas magnas da mesma fôrma que em tal tempo usam os conegos da Basilica, com a unica differença de serem as murças dos da Basilica de pelles, e as dos outros de setim roxo, e é a isto que allude o poeta.»

Pag. 137, v. 22 a 24.

Uns capitães fazer, outros tenentes,
Alguns alferes, ajudantes outros,
Este sargento-mór, e cabo aquelle,

A este respeito dizem as notas do sr. Philippe Simões: «As armas da igreja são as preces e orações. É verdade comtudo que na triste occasião dos sitios das praças se tem visto os ecclesiasticos obrarem acções louvaveis de verdadeiros patriotas; mas s. ex.^a ainda estava muito longe d'esta infeliz situação para se lhe metter em cabeça o arregimentar todo o corpo ecclesiastico da cidade, nomeando os postos, e distribuindo-os desde anspeçada até coronel como se intitulava a si proprio. Por este procedimento foi criticado por todos os homens sisudos, etc.»

Estes preparativos tiveram por causa a guerra de 1762 com a Hespanha.

Na bibliotheca de Coimbra existe a provisão por que o bispo de Elvas formou o corpo militar ecclesiastico, a qual tambem se pôde ver no *Instituto*, publicado na mesma cidade, tomo xi, pag. 167 e 168, onde a fez inserir o sr. F. de P. Santa Clara. Apesar d'isto damol-a aqui, para que a conheçam todos os nossos leitores.

«Ill.^{mo} e rev.^{mo} sr. — Como seja a defesa natural permitida por todos os direitos, e louvada n'aquelles, que a executam em semelhantes occasiões, como na presente, servindo seu Rey, e defendendo sua patria, faz-se-nos preciso, e necessario, segurar a v. s.^a o desejo e obrigação, em que nos vemos de darmos provas da nossa fidelidade, e do nosso amor com o corpo ecclesiastico, que governamos, e que Deus Nosso Senhor nos destinou; fazermos a mais fiel e rigorosa defesa n'esta Praça; quando pelos nossos inimigos e de todo este Reyno sejamos accommettidos; pois com este indispensavel e sincero exemplo animâmos e obrigâmos seus moradores voluntariamente a imitar-nos, até que as nossas forças possam supportar os estragos d'aquelles, que esquecidos das leys da razão, da humanidade, e do vinculo do parentesco, os têm executado em muita parte d'estes Reynos; pois só exauridos d'ellas nos daremos por vencidos; mas nunca sujeitos ao seu dominio. E como para a execução do referido determinâmos do mesmo Corpo Ecclesiastico formar duas companhias de 80 pessoas, cada uma, de idades proporcionadas para todo o serviço decente do seu estado, e nomearmos para as mesmas officiaes, fica-nos sendo preciso não só nomeal-os d'este Corpo Capitular, como ao mesmo fazermos participante d'esta nossa resolução, para cumprimento dos nossos desejos, e das insinuações regias, as quaes como leys devemos observar, e obedecer-lhes, esperando que o mesmo Corpo nos ajude, e coopere com as suas vontades, para que tambem logre, e participe, d'aquelles louvores, que de todos justamente merecemos, por satisfazermos nossas obrigações, e mostrarmos a fidelidade de verdadeiros, e sempre leaes vassallos d'este Reyno, e de um tal Rey, e Senhor Nosso, que Deus guarde, e lhe dilate a vida; e o mesmo Senhor guarde a v. s.^a m.^a a.^a — Palacio Episcopal, 4 de novembro de 1762.

«Sr. R. Deão, dignidades e conegos. — De V. S.^{as} Muito Venerador, *L. Bispo de Elvas.*»

«Para a 1.^a Companhia, Capitão o R. Deão José Carlos de Lara.

Tenente o R. Conego João Cordeiro Garcia.

Alferes o R. Conego Caetano de Borja.

2.^a Companhia, Capitão o R. Chantre Mathias Franco Barreto.

Tenente o R. Thesoureiro-mór Antonio Mendes Saquet.

Alferes o R. Conego João Alberto de Bastos.

Sargento-mór o R. Conego João Gomes Mexia Falcato.

Adjudante o R. Conego Antonio Luiz de Abreu.

Aos dois capitães pertence nomearem sargentos, cabos de esquadra, cada um na sua companhia.»

Pag. 138, v. 13.

Coronel general dignou chamar-se.

«Um dia que este formidavel corpo se achava formado em batalha, mandou o dito ill.^{mo} e ex.^{mo} Preladó publicar na sua frente: s. ex.^a é servido declarar-se por coronel general d'este regimento. Não quiz ficar inferior ao principe de Mecklembourg Lippe.»

Esta nota que se acha em diversos manuscriptos, sempre pelas mesmas palavras, dá-se no manuscripto F. A. como do proprio Diniz.

Pag. 139, v. 10.

Então o Ramalhete

Francisco Rodrigues Ramalhete ou Manuel Alves Ramalhete, conego magistral da sé de Elvas.

Pag. 139, v. 13.

E que de São Thomaz tem lido a *Summa*,

Refere-se o poeta á muito conhecida *Summa de Theologia* de S. Thomaz de Aquino, livro que se tornou classico nas escolas, e que trata das principaes questões de theologia, philosophia e moral.

Pag. 139, v. 14.

Genet

François Genet, prelado e theologo francez, nascido em Avignon a 16 de outubro de 1640, fallecido a 17 de outubro de 1707. Ensinou theologia e philosophia, e escreveu a obra *Theologia Moral* e outras.

Pag. 139, v. 14.

Busembaum

Herman Busembaum, theologo allemão. Nasceu em 1600 e morreu em 1668. Foi da Companhia de Jesus e compoz uma obra intitulada: *Medulla Theologiae Moralis*, que teve muita voga nos seminarios jesuitas, e cincoenta edições.

Pag. 140, v. 8.

Na lição de *Florinda* e *Carlos Magno*,

Infortunios tragicos da constante Florinda pelo Padre Gaspar Pires Rebello, bem conhecida novella, de que ha varias edições, sendo a primeira, de Lisboa, de 1665.

Historia do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França, obra publicada em Alcalá em 1570, e que, traduzida em portuguez e impressa muitas vezes, excede em popularidade a antecedente.

Pag. 140, v. 9.

Andrade,

É o mesmo do verso 13 da pag. 129. Vide nota a este verso.

Pag. 140, v. 13.

No *Sexto*, *Decretaes* e *Clementinas*,

Decretaes—Collecções de cartas, em que os papas respondiam ás questões que lhes eram propostas pelos bispos ou por meros particulares.

Entre estas collecções citaremos a de Graciano, conhecida pelo nome de *Decreto*, formada em 1151, e o codigo supplementar, redigido pelo dominicano Raymundo de Penaforte, por ordem de Gregorio ix, chamado *Extra*, isto é: fóra do decreto de Graciano.

Sexto — O livro que Bonifacio viu augmentou aos cinco da *Extra*.
Clementinas — Constituições assim chamadas do nome do papa Clemente v.
 Todas estas obras fazem parte do direito canonico.

Pag. 140, v. 19.

o thesoureiro,

Antonio Mendes Saquete, ou Saccheti, thesoureiro-mór da sé de Elvas, filho do medico João Mendes Saccheti Barbosa. Tanto um como o outro eram amigos de Diniz. O primeiro assistiu á feitura do *Hyssope* em casa de Falcato, e o segundo enviou ao poeta um presente para o seu museu, como tudo se vé no prologo. O thesoureiro era dotado de boas qualidades.

Pag. 140, v. 19.

o chantre,

Mathias Franco Barreto ou Mathias Franco Pereira Barreto, cunhado de João Antonio de Sequeira, de quem se falla no canto vii. Era chantre da sé de Elvas e de caracter franco e austero.

Pag. 145, v. 4 a 6.

Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
 Ás que raivoso vibra o cão celeste,
 Abraza as calvas terras trastaganas.

O tempo da canicula (o cão celeste) que vae de 24 de junho a 26 de agosto, conhecido vulgarmente pela palavra caniculares.

Pag. 146, v. 5.

Ganhava um real rober,

Rober real — termo do jogo do wisth.

Pag. 150, v. 10.

Entre as rochas do Bosphoro Cimmerico

O Bosphoro Cimmerico é um estreito, que junta o Mar Negro ao Mar de Azov, hoje chamado estreito de Ienikaleh, de Kafa, de Taman e de Kertch. Ahi punha a mythologia a morada do deus do somno.

Pag. 152, v. 5 e 6.

Que quem poude soffrer o grave aspeito
 Em Roma dos maiores personagens,

Vide nota aos versos 17 e 18 da pag. 114.

Pag. 152, v. 14 e 15.

Tens de Serpa o auditor que o velho Accurcio,
 E Bartholo, o famoso, só despreza
 Porque idolatras foram, etc.

Diz uma nota da cópia do sr. Dr. Pitta: «Gregorio José Pinto da Silveira, auditor do regimento de Serpa, hoje o 22 de infantaria. Estando em casa

do visconde da Lourinhã, perguntou-lhe este por que prohibira a lei de 18 de agosto de 1769 allegar no foro a Bartholo e a Baldo; ao que o dito auditor den em resposta: Esses auctores, senhor, prohibiram-se não por deixarem de ser grandes mestres e doutores, mas porque foram gentios. A esta resposta, pois, é que o auctor allude.»

A mesma nota lê-se com algumas variantes, menos quanto á resposta, que, é sempre a mesma, nos manuscriptos 1229, 1431, L., e F. A., e nas notas do sr. Dr. Filippe Simões. No manuscripto F. A. diz-se que a nota é de Diniz. A nota porém da edição de 1817 differe essencialmente, e é como se segue: «Certo auditor, freire de Aviz, e juiz ecclesiastico da villa de Serpa, em uma sentença que deu regeitou a auctoridade de Accursio e de Bartholo, com o fundamento de serem auctores idolatras, e condemnou o advogado a uma multa por ter produzido os nomes de similhantes auctores em causa seria e do foro ecclesiastico.»

Pag. 152, v. 15.

E Bartholo, o famoso,

Bartholo ou Bartholo de Sassoferrato, por ter aqui nascido em 1300 ou 1313. Doutorou-se em Bolonha, e professou a jurisprudencia, em que foi eximio, na universidade de Pisa. Enviado por Perugia ao imperador d'Allemanha, Carlos IV, como embaixador, foi recebido por este soberano com as maiores honras, e diz-se que teve parte na redacção da celebre Bulla de Oiro, carta fundamental da antiga constituição germanica. É um dos vultos mais eminentes da jurisprudencia, sobre que deixou obras muito notaveis. Morreu em Perugia em 1356.

Pag. 152, v. 19.

O Cêa tens tambem,

É o mesmo da nota ao verso 2, pag. 133.

Pag. 152, v. 19.

tens o Fernandes

Antonio Fernandes Freire ou Ferrer (como querem as notas do sr. Filippe Simões), advogado de fama em Elvas, mas de poucos conhecimentos, e grande rabula.

Pag. 153, v. 21.

As meias *gris de fer*

Gris de fer; pardo escuro.

Pag. 154, v. 11.

Caio

Caius ou Gaius, celebre juriconsulto romano. Viveu provavelmente no tempo de Adriano e Marco Aurelio. Foi auctor das *Institutas*, que muito serviram para a redacção das de Justiniano.

Pag. 157, v. 17.

Van-Espen

Zeg.-Bern. Van-Espen, auctor da obra intitulada: *Jus ecclesiasticum universum, cum supplemento*. Lavanii (Parisiis) 1753 a 1759, 5 vol.

Pag. 157, v. 17.

Dupin

Luiz Ellies Dupin, sabio doutor da Sorbona, professor de philosophia no collegio de França, nascido em 1637, morto em 1719, auctor da *Bibliothèque universelle des auteurs ecclesiastiques*, e d'outras obras.

Pag. 157, v. 17.

Barthello

João Gaspar Barthel, sabio jurisconsulto allemão. Nasceu em Kessingen em 1697, e morreu em 1774.

O auctor das notas do sr. Filippe Simões, escrevendo ácerca dos tres precedentes jurisconsultos, conclue da seguinte maneira:

«Annos depois da composição d'este poema, um lente do Decreto que dictava na universidade de Coimbra a doutrina de Van-Espen era tido e reputado por um grande herege pela maior parte dos frades d'aquella cidade e por muita gente de cabelleira do reino. Por este mesmo tempo presenciei uma questão canonica que teve certo oppositor, hoje lente da dita universidade com o bispo de Elvas, D. José da Costa Torres, que então era alli oppositor egualmente. Allegando o sr. Torres com um d'esses auctores para comprovar a sua doutrina, o outro lhe respondeu com toda a sisudez que lhe não allegasse com hereges.»

Pag. 158, v. 2.

Sem duvida serão d'alguns hereges.

Resposta formal que este advogado costumava dar quando se lhe allegava com algum auctor moderno.

Pag. 158, v. 3 a 7.

Aqui temos o bom Panormitano
Em grande letra gothica, os Fagnanos,
Valenças, Belarminos, Anacletos:
Estes sim que são livros de mão cheia;
E não esses auctores estrangeiros,

Diz-se nas notas dos manuscriptos do *Hyssope*, n.º 1229, e 1431, da Bibliotheca Nacional:

«Formaes palavras do mesmo Fernandes ouvindo fallar n'estes auctores, como se só em Portugal se soubesse direito ou se Belarmino, Fagnano e Anacletos fossem portuguezes!»

O *Hyssope*, composto na época da reforma da universidade de Coimbra, e pouco antes d'ella, mostra-nos em mais de um ponto, quando trata de jurisprudencia, a lucta entre as idéas antigas e modernas, as quacs, já antes do golpe vibrado pela mão potente do marquez de Pombal, tinham adquirido pro-

selytos e iam apertando o cerco por ellas posto áquelle velho baluarte da ignorancia e da rotina, em outros tempos tão florescente.

Aproveitaremos pois este logar, por todos, para citar alguns fragmentos do *Compendio historico do estado da universidade de Coimbra*, publicado em nome da Junta da Providencia Litteraria, e que se diz ter sido feito principalmente pelos membros d'esta, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, depois bispo de Coimbra, e seu irmão, o desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho.

Não desconhecemos que a esta obra presidiu a influencia official do governo, contrario aos jesuitas, mas assim mesmo serve-nos, dando-se-lhe o desconto que se lhe deve dar por tal motivo.

«Desterraram-se das aulas de theologia os estudos da Escripura, da tradicção, dos concilios, dos santos padres, e da historia sagrada; excitaram os estudos da theologia escolastico-peripatetica, obrigando os professores a sustentar opiniões extravagantes, a prestarem juramento de defender os cinco diversos systemas de Pedro Lombardo, Santo Thomaz, João Duns Scoto, Duraudo, e Gabriel Biel, pelo que a universidade se tornou o campo de combate das argucias e subtilizas, com que cada um d'estes cinco partidos queria derrubar os outros com grave prejuizo da verdadeira theologia.

«Não soffreu menos a jurisprudencia, tanto a canonica, como a civil: dispensaram aos estudantes o conhecimento das linguas latina e grega, da rhetorica e da boa logica; fizeram seguir uma metaphysica prejudicial; tomaram por base da moral christã a ethica de Aristoteles; desprezaram o estudo das historias do direito civil romanò e patrio, do direito canonico universal e particular do reino, da historia das nações e povos para que foram promulgadas as leis d'esses direitos, da historia litteraria geral e particular de um e outro direito; do conhecimento da doutrina do methodo; das lições elementares dos mesmos direitos; prohibiram o methodo synthetico e compendiario e mandaram seguir o analytico aos canonistas pelos Textos e Abbaes Panormitanos e aos legistas por Bartholo e Accursio, já reprovados geralmente; relaxaram e fizeram inuteis os estudos, estragando os costumes dos estudantes com ferias prolongadas, com postillas cançadas e importunas, com matriculas perfunctorias, com liberdades licenciosas no modo de viverem, com privilegios e izenções prejudiciaes, com exames e actos na maior parte de mera e apparente formalidade, e com a falta de exercicios litterarios nas aulas.»

Filinto na sua ode ao doutor Manuel Thomaz de Azevedo e Sousa, no tempo da reforma da universidade, que principia:

Erguida a nova Athenas Lusitana
 Por um novo Solon, nova Minerva
 Piza as viçosas margens do Mondego
 Com delicadas plantas,

depois de mostrar como a Ignorancia, a Fraude, o Rancor, e a Cubiça são postos em fuga pelo Amor da Patria e pela san philosophia, prosegue nos seguintes versos que quadram ao nosso caso:

Tu, Sousa amigo, os encontre á vinda
 Pela estrada arrastando os lassos membros.
 Pavorosos, feridos, decepados,
 Fuzindo da Lizura.

Viste chorar de raiva e dor acerba
 A ignorante Soberba, desbulhada
 Dos thronos, dos altares, que occupava
 Cortejada de todos.

E como rias tu, quando avistaste
 As dez Cathegorias de Aristoteles
 Aos murros, umas pondo a culpa ás outras
 Do subito desastre !

Sem fasto ia a rançosa Theologia
 A pé, co'a toga suja, mal traçada ;
 Carregada de tomos grandes, grossos,
 Que mais não serão lidos.

Que nuvem de papeis despedaçados
 Vae sem gloria voando pelos ares !
 Vão grossas conclusões de latim crespo.
 Bolorentas postillas.

Que tropel de Thomistas e Escotistas
 Arpellam as barbas e os cabellos ;
 Porque estes estatutos os privaram
 De gritar sobre nada !

Olha o bedel e o rustico meiriinho
 A dar co'a vara nos roncelros Sanches,
 Durandos, Busembaums, Lullos, Cayados,
 Aranhas e Barretos.

Diverte-te, meu Sousa pachorrento,
 Em ver esse entremez, a cuja scena
 Os gothicos de raiva se amarguram ;
 Os modernos se riem.

Pag. 158, v. 3.

o bom Panormitano

Naturalmente Nicolai Panormitani, auctor da : *Practica de modo procedendi in justitiis*. Lovan. 1475.

Pag. 158, v. 4.

os Fagnanos

Prospero Fagnano, auctor dos *Commentaria in secundum librum Decretalium*.

Pag. 158, v. 5.

Belarminos

Roberto Belarmini, theologo italiano ; nasceu a 4 de outubro de 1502 em Montepulciano, na Toscana ; morreu em Roma a 17 de setembro de 1621. Perenceu á companhia de Jesus, e ensinou theologia em Lovaina. Gregorio XIII, encarregou-o da cadeira de controversia no collegio que acabava de fundar o arcebispo de Capua. Foi conservador do Vaticano, e succederia a Leão XI ou Paulo V, se os cardeaes não temessem a dominação dos jesuitas.

Pag. 158, v. 12.

apostolos

«Na antiga jurisprudencia eram as cartas demissorias que o juiz *a quo* enviava ao juiz d'appellação para attestar que o impetrante appellava da sentença da primeira instancia.» (Edição de 1876.)

Pag. 158, v. 21.

Passionei

O cardeal Domenico Passionei. Nasceu em Fossombrone em 1682, e morreu em Frascati em 1761. Foi conservador da bibliotheca do Vaticano; e formou em Frascati um rico museu de antiguidades. Deixou varias obras.

Pag. 159, v. 15.

Phebo

Belchior Phebo, natural de Lisboa. Estudou direito em Coimbra com os doutores Luiz Gouvêa, Christovão de Azevedo e Antonio da Cunha. Foi advogado da Casa da Supplicação, e pediu a Filipe IV que lhe desse uma cadeira em Coimbra para ensinar e explicar o direito patrio, para o que el-rei expediu duas provisões, mas o claustrro pleno da universidade resolveu que tal cadeira pratica não era precisa.

Compoz: *Decisiones senatus Regni Lusitaniæ in quibus multa, que in controversiarum quotidie vocantur gravissima senatorum judicio deciduntur*, 2 vol. — 1619, e outras obras.

Morreu em Lisboa a 8 de julho de 1631.

Pag. 159, v. 16.

Mendes

Refere-se naturalmente Diniz a Manuel Mendes de Castro, natural de Lisboa e filho de Francisco Mendes. Formou-se em Salamanca em direito civil: foi substituto n'essa universidade da cadeira de prima, e voltando á patria incorporou-se na de Coimbra, onde foi conductario por provisão de 15 de fevereiro de 1589, por dois annos, em que substituiu as cadeiras vagas, principalmente dos Tres livros do codigo; porém nunca foi lente proprietario. Exerceu a advocacia em Madrid e Lisboa e serviu de procurador da Corôa e Casa da Supplicação. Compoz entre outras obras:

Practica lusitana omnibus utroque foro versantibus utilissima, Ulissipone, 1619. — *Repertorio ás ordenações do reino novamente recopilado com as remisões dos doutores que as declaram e concordia das leis das Partidas de Castella*. Lisboa, 1604.

Pag. 159, v. 16.

Pegas

Manuel Alvares Pegas, natural de Extremoz, onde se baptisou a 4 de dezembro de 1635. Formou-se em direito civil em Coimbra, e foi por muitos annos em Lisboa advogado da Casa da Supplicação, com privilegios de desembargador, por mercê de D. Pedro II. Teve o logar de procurador das mitras de

Lisboa, Braga, Evora, Lamego, da Capella Real e Egrejas do Padroado e da Bulla da Cruzada, etc. Morreu em 12 de novembro de 1696.

Publicou quatorze volumes de *Commentarios ás Ordenações do Reino*, seis de *Resoluções Forenses*, e outras obras.

Pag. 161, v. 16.

Palma

José dos Santos Palma, natural de Lisboa, filho de Manuel João. Formou-se em direito na universidade de Coimbra. Foi advogado por espaço de dez annos; depois juiz do civil, juiz de fóra, primeiro de Evora e em seguida de Coimbra, donde passou a desembargador da Casa da Supplicação a 7 de agosto de 1734. Foi tambem deputado da Junta do Tabaco, juiz do Tombo dos Armazens do Reino, juiz da Moeda Falsa, e ouvidor das terras da Rainha. Morreu a 28 de abril de 1739.

Compoz: *Addiciones in decisiones Melchioris Phæbi jurisconsulti*. Ulisipone, 1713.

Addições ao Regimento do Fisco Real. Manuscripto.

Addiciones ad decisiones Gabrielis Pereira de Castro. Manuscripto.

Pag. 161, v. 16.

Decio

Filippe Decio, jurisconsulto italiano. Nasceu em Milão em 1454, morreu em Senna a 13 de outubro de 1535. Exerceu o cargo de auditor da Rota no pontificado de Innocencio VIII. Foi chamado por Leão XII para professar o direito canonico em Pavia. Tambem o ensinou em Padua, a instancia de Veneza, alcançando grande nome. Depois da tomada de Pavia refugiou-se em França, onde igualmente leccionou. Citam-se entre as suas obras: *Commentaria in Decretules*; *Commentaria in Pandectas et Codicem*; *Consilia*; *Commentarius de Regulis Juris*.

Pag. 161, v. 17.

Castro

Gabriel Pereira de Castro, notavel poeta e jurisconsulto, que nasceu em Braga em 1571 e morreu em Lisboa em 1632. Como poeta é bem conhecido pela *Ulyssea*, que muitos põem em merecimento logo abaixo dos *Lusiadas* de Camões; como jurisconsulto pela sua obra ainda hoje celebre *De Manu Regia*, que trata da independencia do poder civil perante o poder ecclesiastico, e pela *Monomachia sobre as concordias que fizeram os reis com os prelados de Portugal nas duvidas da jurisdicção ecclesiastica e temporal*.

Pag. 161, v. 17.

Baldo

Pedro Baldo de Ubaldis, celebre jurisconsulto, nascido em Perusa em 1340, e morto em 1400. Foi o rival de Bartholo, seu mestre, e professou o direito em Perusa, Padua e Pavia.

«Cita o Fernandes aqui (diz a edição de 1876, d'onde tomamos a liber-

dade de transcrever estas palavras) como já o fizera atrás, e o faz mais adiante, com os ares de famoso pedante, com que tão magistralmente o pinta o auctor, quasi todos os nossos praxistas, e ainda juriscultos estrangeiros, criticando-os e aquilatando-os ao acaso, sem consciencia do valor de uns e outros, que na maioria só de nome os conheceria, mas com a certeza de fazer funda impressão no animo curto e luzes poucas do seu ouvinte, o deão Lara, e deixal-o de boca aberta ante sua erudição, etc.»

Pag. 161, v. 24.

Do auctor da *Arte Legal*

O licenciado Francisco Bermudez de Pedraça. Esta obra foi traduzida em portuguez por Francisco de Almeida Jordão, e publicada com o seguinte titulo: *Arte legal para estudar a jurisprudencia; com a exposição dos titulos da Instituta do imperador Justiniano, traduzida da lingua castelhana e accrescentada com varias addições utilissimas e um novo appendix da origem das leis de Portugal*; Lisboa, por Antonio Izidoro da Fonseca, in 4.º, 1737.

Pag. 161, v. 24.

Perfeito Advogado

É a obra: *Perfectus Advocatus*, de Jeronymo da Silva de Araujo.

Pag. 162, v. 1.

Flaviense Gomes

Alexandre Caetano Gomes, formado em canones pela universidade de Coimbra, advogado nos auditorios de Lisboa. Nasceu em Chaves a 4 de agosto de 1705, e morreu depois de 1759.

Escreveu: *Manual practico judicial, civil e criminal, em que se descrevem os meios de processar em um e outro juizo*, etc. Lisboa, 1748, in 4.º, e n'outros annos.

Dissertações juridicas sobre a intelligencia de algumas Ordenações do Reino. Lisboa, 1756, in 4.º

Pag. 162, v. 4.

O grande portuguez Cabral Vanguerve,

Antonio Vanguerve Cabral, filho de Manuel Vanguerve, nascido em Lisboa, bacharel em direito civil pela universidade de Coimbra, advogado n'aquella cidade e auctor da *Practica Judicial, muito util e necessaria para os que principiam os officios de julgar e adrogar*, etc. Lisboa, 1712 e outros annos, e do *Epilogo Juridico de varios casos civeis e crimes, concernentes ao especulativo e practico*. Lisboa, 1729.

Pag. 162, v. 5 e 6.

O famoso Bremeu, de cujo livro
Faz logo ver o titulo a grandeza,

Allude o poeta ao Padre Antonio Cortez Bremeu, prior da igreja do Salvador do Monte-Agraço, e á sua obra: *Universo juridico ou Jurisprudencia uni-*

versal canonica e cesarea regulada pelas disposições de ambos os direitos commum e patrio, etc., impresso em Lisboa em 1749.

Pag. 162, v. 7.

O mesmo digo do moderno Campos;

Manuel Antonio Monteiro de Campos Coelho da Costa Franco, natural de Villa Fresca de Azeitão. Compoz entre outras obras: *Tractado practico juridico civil, e criminal, dividido em tres partes*. Lisboa, 1765 e 1768.

Pag. 162, v. 8.

Sem que o nosso Ferreira, etc.

Manuel Lopes Ferreira, doutor em direito canonico, natural de Lisboa.

É auctor da: *Practica criminal expendida na fórma da praxe observada n'este nosso reino de Portugal e illustrada com muitas ordenações e leis extravagantes, regimentos e doutores*. Lisboa, 1730 a 1733, e depois reimpressa.

Pag. 162, v. 10.

Zalweins

Gregorio Zalwein, canonista allemão da ordem de S. Bento; nasceu a 20 de outubro de 1712 em Oberwichtach (no Palatinado) e morreu a 9 de agosto de 1766 em Saltzburgo. Leccionou direito canonico na universidade da mesma cidade, de que tambem foi reitor. Compoz varias obras de direito. É notavel sobre tudo pelas suas indagações profundas sobre as fontes da legislação ecclesiastica.

Pag. 162, v. 13.

Não o doutor Caetano,

O doutor Caetano José Vaz de Oliveira, contemporaneo de Diniz na universidade e seu amigo, advogado em Elvas.

Pag. 162, v. 16.

Noodt

Gerardo Noodt, jurisconsulto e publicista hollandez. Nasceu em Nimegue em 1647 e morreu em 1725. Professou o direito em varias cidades do seu paiz, e publicou diversas obras juridicas, que depois sahiram em 1713 n'uma edição completa.

Pag. 162, v. 16.

Strachio

Será Benevenuto Straccha, celebre jurisconsulto italiano, de que conhecemos a obra: *Clarissimi jurisconsulti Benvenuti Stracchæ Patricii Ancaritanii de mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553?

Pag. 172, v. 3.

Ao padre guardião sómente quero

Chamava-se este guardião fr. João d'Evora-Monte, d'onde era natural.

Pag. 177, v. 6.

Scoto

João Duns Scoto, esclarecido philosopho escolastico, nomeado o Doutor Subtil. Nasceu em 1275 em Dunstan, na Escocia, e d'ahi lhe vieram os appellidos de Duns e Scoto, ou segundo outros em Dunstace, no Northumberland, paiz que tambem tinha o nome de Scotia. Estudou em Oxford; entrou na ordem dos Franciscanos; ensinou em varias universidades, principalmente em Paris e Colonia, e morreu n'esta cidade em 1308. Foi um dos mais hábéis disputadores do seu tempo, e na theologia e philosophia o adversario de S. Thomaz de Aquino; de cujas contendas provieram as divisões de Scotistas e Thomistas. Deixou muitos escriptos.

Pag. 177, v. 7.

Baconio

Rogério Bacon, illustre monje inglez, cognominado o Doutor Admiravel, pela sua prodigiosa sciencia. Nasceu em 1214 em Ilchester, no Somerset, e morreu em 1294. Humboldt reputa-o o maior sabio da idade media. Estudou todas as sciencias do seu tempo, mas foi grande sobre tudo na physica. Attribue-se-lhe a invenção da polvora, do telescopio, e do microscopio. Propoz a reforma do calendario. O seu merito mais saliente é ter renunciado ao methodo puramente especulativo preferindo-lhe o experimental, que adoptou. Foi perseguido pelas suas idéas e deixou muitas obras.

Pag. 177, v. 7.

Lullo

Raymundo Lullo, nascido em Palma, nas Balcares em 1235. Tomou o habito de S. Francisco. Propóz realisar uma cruzada espirital e converter os infleis pela rasão. Para isso aprendeu as linguas orientaes e a philosophia. Do estudo d'esta resultou a sua *Arte universal* ou *Grande arte*. Foi morto em Tunis, victima das suas idéas, ficando para uns em conta de santo, e para outros na de louco.

Pag. 182, v. 15.

Cansados rogos de importunos procos,

Proco, nome applicado por Horacio aos pretendentes á mão de Penelope e ao throno de Ithaca, por julgarem Ulysses morto.

Pag. 183, v. 11.

Não fallo agora das antigas Lámias,

Lamias eram, segundo a crença dos antigos, seres fabulosos que enguliam os meninos. Representavam-se geralmente com cabeça de mulher e corpo de serpente.

Pag. 183, v. 13 e 14.

De Circe, de Medéa, nem de Alcina,
Ou da velha Canidia,

Afamadas feiticeiras: a primeira, celebre na mythologia grega, e cantada por Homero na Odysséa, onde nos apparece apaixonando-se por Ulysses e me-

thamorphoseando-o e aos seus companheiros, quando chegam á ilha de Ea, em porcos; a segunda bem conhecida pelas suas crueldades e artes magicas; a terceira irmã da fada Morgana, e fada tambem, como ella, que transformava os amantes de que estava cansada em fontes, arvores, rochedos, etc., ficou para sempre lembrada igualmente por outro grande poeta, Ariosto, no seu *Orlando Furioso*, onde tanto nos deliciam os amores d'esta magica e de Rugeiro, esquecido nos seus braços de Bradamante; e a quarta notavel feiticeira na antiga idade e de que Horacio nos falla muitas vezes.

Pag. 183, v. 20.

Além d'isso Apuleio nos informa

Lucio Apuleio, escriptor latino do seculo segundo da nossa era, auctor do *Asinus Aureus*, a que o poeta aqui se refere.

Pag. 187, v. 7.

Arronches

Fr. Manuel de Arronches, religioso capucho da provincia da Piedade, que morreu provincial da sua religião, examinador synodal do bispado, de quem o bispo fazia grande conceito.

Pag. 189, v. 9 e 10.

Do Bacharel Trapaça e Peralvilho
De Cordova as historias portentosas

Las aventuras del bachiller Trapaza, quinta essencia de embusteros y maestros de embelezadores, por D. Alonzo de Castillo Solorzano. Çaragoça, 1637.

Não sabemos que esta obra fosse traduzida em portuguez.

Segunda parte da novella intitulada: O amante desgraçado e Vida de Peralvilho de Cordova.

Esta obra foi composta (se não traduzida) por Matheus da Silva Cabral, formado em direito civil, natural de Setubal, o qual se baptizou ali a 4 de outubro de 1666, e parece que ainda vivia em 1752.

Barbosa não diz se esta obra sahiu impressa; Innocencio inclina-se a crel-o, fundando-se n'esta passagem do *Hyssope*.

Pag. 189, v. 14.

Que sabia o Borrvalho todo inteiro,

Fr. Manuel Borrvalho, trinitario, ministro no convento da sua ordem em Setubal, pregador e visitador geral. Nasceu em Lisboa, por 1743, e morreu a 8 de março de 1820, com 77 annos.

Foi auctor das seguintes obras:

A Humildade triumphante ou a soberba castigada. Historia de Esther em oitava rima. Lisboa, 1708.

Silva encomiastica em applauso do valor com que obraram na campanha de 1704 D. Manuel Pereira Coutinho e seus filhos.

Esta ultima vem a pag. 25 dos *Preludios Encomiasticos* (sobre o mesmo assumpto), impressos em Londres (aliás Lisboa) em 1704.

Pag. 192, v. 20.

E da *Arte da Cozinha*

Esta obra é naturalmente a que publicou com semelhante titulo Domingos Rodrigues, mestre da cozinha da Casa Real, no reinado de D. Pedro II.

Era popularissima e conta muitas edições, sendo a primeira a de 1680, de Lisboa, in-8.º

Pag. 193, v. 20.

Castello Gandolfo

Bella aldeia sobre o lago Albano, a dezeseis kilometros de Roma, onde os papas têm uma casa de campo.

Pag. 193, v. 20.

Frascati

O Tusculum dos antigos, a dezeseite kilometros ao sudoeste de Roma. Lugar cheio de villas deliciosas e de recordações historicas, notando-se entre ellas as ruinas da casa de campo de Cicero.

Pag. 194, v. 4.

Uma cascata que a de Trevi eguale.

Vide a nota á variante d'este verso.

Pag. 194, v. 12 e 13.

Mas estas novas leis testamentarias
Deram um grande corte em nossas rendas.

São a lei testamentaria de 25 de junho de 1766, e a carta de lei e pragmatica ampliando aquella lei, de 9 de setembro de 1769, onde se estatue entre outras coisas o seguinte: que ninguem possa dispôr d'ali em diante, a titulo de legados pios ou de bens da alma, senão da terceira parte da terça dos seus bens ou elles sejam hereditarios ou adquiridos, nunca excedendo a dita terceira parte a quatrocentos mil réis, e ficando exceptuados d'esta disposição os legados deixados a misericordias, hospitaes, escolas, etc., os quaes poderão valer, cabendo na terça, até oitocentos mil réis.

Que todos os religiosos e religiosas que professarem fiquem excluidos de ser herdeiros *ab intestato* e das heranças e legitimas paternas e maternas.

Que ninguem ou por disposição testamentaria ou por doação *causa mortis* ou por doação *inter vivos* ou por qualquer outro acto convencional estabeleça capellas gravando com os seus encargos, sejam elles quaes forem, fundos de terras ou quaesquer outros bens de raiz que possuirem, de qualquer qualidade que sejam.

Que todas as capellas que se acham devolutas, e d'ali em diante se devolverem á corôa, ou por commissos, ou por serem vacantes, fiquem livres e isentas de todos os encargos n'ellas impostos, não havendo precedido para as imposições d'elles auctoridade regia.

Que todas as disposições e convenções *causa mortis* ou *inter vivos* em que fór instituída a alma por herdeira sejam nullas.

Que os bens de todas as capellas ou anniversarios, cujos rendimentos, deduzidos os encargos, não importarem cem mil réis annuos, e d'ahi para cima nas provincias do reino, etc., fiquem livres e desembaraçados.

Pag. 191, v. 15 a 17.

O benzer dos feitiços e lombriças,
O grande e extraordinario privilegio
De irmão ou mãe de frades,

Sobre estes e outros versos, que adiante citaremos, consultámos o sr. Adolpho Coelho, pelos muitos conhecimentos que possui das nossas crenças e costumes populares, a respeito dos quaes está publicando uma obra, que deve ser interessante.

Aqui vaê a resposta que o mesmo sr. nos deu, quanto a esta passagem; as outras irão nos seus competentes logares.

«No Minho ouvi dizer mais de uma vez que as irmãs ou mães de frades tinham particular virtude para curar *quebrantos*, *ares mãos*, *anzanzeres* e outros males semelhantes; mas o povo não parece ter-lhes attribuído nunca o privilegio exclusivo d'essa arte. Como os frades se foram, algumas manas de senhores padres succederam no officio ás manas dos frades.

Sobre as praticas das benzeduras de feitiços e lombriças poder-se-hia escrever muito.»

Pag. 195, v. 4.

Eram o Potosí da franciscana.

Este verso na edição de 1821 é acompanhado de uma curiosa nota de Verdier, sobre a imitação que elle julga ver na passagem que o antecede do *Franciscanus* de Jorge Buchanan, um dos leutes chamados por D. João III quando reformou a universidade.

Diz Verdier:

«N'este ultimo discurso do padre guardião, vê-se que Diniz, versado, como já dissemos a pag. 122, na lição dos bons classicos antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros, imitou alguns logares do *Franciscanus* de Jorge Buchanan, e mormente os seguintes.

Ilia tamen patribus seges olim uberrima nostris,
Fingere nocturnos lemures, manesque vagantes
Lustrali compescere aqua, magicisque susurris,
Frigida nunc tota est: postquam nasuta juvenus
Pectora crassorum male credula ridet avorum.

«Estes versos não dariam origem aos de Diniz?

Algun dia foi rico este convento

.....
É verdade que os santos exorcismos,
O benzer dos feitiços e lombriças, etc.

«E os quatro ultimos versos d'esta falla do mesmo guardião não seriam imitação d'estes do *Franciscanus*?

Nec minus horrendos purgatrix flamma vapores
Evomat, æterno nisi quod non æstuet igne;
Sed precibus vinci queat, et lustralibus undis
Extingui, bullis minui, missisque levari.
Hic, ager est dives, nostrique colonia papæ
Nectaris hic fons est, hæc vectigalia nostri
Ordinis: etc,

«Reconhecemos a nossa falta de capacidade para commentar uma composição tão classica como o *Hyssope* do nosso Diniz: notando as bellezas que elle colheu de varios auctores, e soube fazer suas proprias, se lembrámos aqui estes versos de Buchanan, menos foi como commentario, que como estímulo que haja de excitar pessoas sabias, eruditas e apaixonadas de nossa lingua a fazer, com mais acerto e talento, um trabalho que não cabe em nossas forças.

«Diremos emtanto, ácerca de Buchanan, que este poeta era escossez, que, sendo amigo dos irmãos Gouvêas, de Diogo de Teive, e de outros portuguezes porcionistas do collegio de Santa Barbara em Pariz, foi com elles chamado por el-rei D. João III; e que professou humanidades e philosophia na universidade de Coimbra, no começo da reforma de estudos que o dito rei havia estabelecido n'essa cidade. Buchanan havendo, muito tempo antes, composto em França (mas não publicado), o seu *Franciscanus*, foi por esta satyra denunciado á Inquisição, e por ordem d'ella, preso durante dezoito mezes nos carcerees do castello do convento de Thomar, sendo inquisidor geral fr. Antonio de Lisboa, frade Jeronymo, filho bastardo ¹, segundo dizem, d'el rei D. João III, e reformador dos freires capellães da Ordem de Christo; os quaes de freires elle tornou em frades, bem como ha poucos annos foram de frades, outra vez, tornados em freires ²; e sempre, *ad laudem et majorem Dei gloriam, ad utilitatem quoque nostram, totiusque Ecclesiæ sanctæ!!* No dito convento de Thomar completou Buchanan, com mais seis mezes de penitencia e exercicios espirituaes, dois annos de perseguição fradesca; n'esse tempo verteu em rhythmo latino todo o Psalterio: sendo livre, retirou-se a Inglaterra, e morreu em 1582 na cidade de Edimburgo, em idade de 74 annos.»

Pag. 195, v. 15.

Faz vir o triste Luz,

José da Luz, escrivão do ecclesiastico de Elvas e musico instrumentista do partido da sé da dita cidade. Tinha só um olho, o que lhe dava aspecto triste e funebre. Tocava muito mal rebeca.

¹ «Buchanan diz de fr. Antonio de Lisboa:

Nec ipsa mater novit Antoni patrem.

Fratres Fraterr. in Ant. Tomar. Abbat.»

² «Frade, e freire têm a commum etymologia latina Frater: a differença que hoje se nota entre estes dous appellidos, é que o numero de frades em qualquer convento póde ser indeterminado, mas o dos freires é restricto a certa quantidade de rações e meias rações, em que repartem e aproveitam o rendimento annuo de seu convento, sem deixarem sobras. Bem podem de si dizer os freires:

Nos numerus sumus et fruges consumere nati

Horat. lib. 1. Epíst. 2.»

Pag. 195, v. 23.

E do infante D. Pedro nas *Partidas*,

Libro (ou Auto) do Infante D. Pedro que andou as quatro (ou sete) partidas do mundo, por Gomes de Santo Estevão.

Com taes variedades no titulo tem sido impressa esta obra differentes vezes, já em portuguez, já em hespanhol.

Pag. 196, v. 1.

Florisel de Niquêa,

La Coronica de los muy valientes cavalleros D. Florisel de Niquêa y el fuerte Anaxartes; hijos del excelente principe Amadis de Grecia. Emendada del estilo antiguo segun que la escribió Cirfea, reyna de Argines, por el noble cavallero Feliciano da Silva. Lisboa, 1566.

Ha outras edições d'esta obra, que, apezar do que se ha dito, nunca foi traduzida em portuguez, se dermos credito a Innocencio.

Pag. 197, v. 21.

E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Verso bem conhecido do primeiro canto dos *Lusiadas*.

Pag. 198, v. 14.

Gonçalves

Bernardo Gonçalves, escrivão do judicial de Elvas que dizem tinha o character como o auctor o pinta.

Pag. 208, v. 1 a 6.

O mesmo digo do temido Almeida,
De quem vossa excellencia tem o sangue;
De Cambaia murchar as altas palmas
Na brutal Cafreria elle não vira,
Se afoito ou temerario não zombára
Do bater dos sapatos do Menezes.

Indo o principe D. Affonso, mallogrado filho de D. João II, a galopar pela ribeira de Santarem, espantou-se-lhe o cavallo, ouvindo o som de uns sapatos, que certo homem limpava da areia, batendo um contra o outro, do que resultou cair o principe e morrer pouco depois. D. João de Menezes, senhor de Cantanhede, seu aio, tomou agoiro ao dia de terça feira, em que teve logar tão fatal acontecimento e ao facto que lhe deu motivo. Sendo depois o mesmo Menezes capitão da praça de Arzila, e projectando uma sortida n'um dia muito tempestuoso, mandou alguém, com o fim de o dissuadir, bater-lhe á porta uns sapatos, mas D. João, conhecendo a astucia, disse a quem os batia: Dize a teu senhor que por isso que fazes não lhe quero dar maior pena que a que elle leva por ir n'esta jornada, aonde eu sei que se ha de aproveitar mais dos seus pés do que dos seus sapatos.

Chegando á Aguada de Saldanha o grande D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, na sua volta para o reino, desembarcou ahí alguma gente dos navios portuguezes para se prover de agua, mas, sendo esta acosada pelos cafres, sahiu elle mesmo em terra para lhes dar o merecido castigo. Aconteceu porém que, indo pela praia, se lhe encheram os sapatos de areia, pelo que os descalçou, e o seu camareiro os sacudiu, batendo um contra o outro; o que notando o vice-rei, disse: Que fôra estava D. João de Menezes (se ali fôra) de dar mais um passo adiante ouvindo o seu bater dos sapatos, ainda que fosse dar uma batalha de muita honra sua; mas como eu creio em Deus, acrescentou, mais do que em abusões, não deixarei de seguir o meu caminho. Pouco depois eram elle e grande parte da sua gente mortos ás mãos dos cafres, triste acontecimento que veiu dar mais credito ao agoiro de D. João de Menezes.

Pag. 209, v. 2 a 4.

mas que diria
Esta marcial cidade, que, admirando
Meu heroico valor,

Vide a nota á pag. 137, v. 22 a 24.

Pag. 210, v. 19.

Tu, ó pobre Milheira, etc.

Manuel Dias Milheira, ou Francisco Martins Milheira, ou Manuel Mendes Milheira, beneficiado da sé, a quem fr. Caetano Roquete, religioso carmelita calçado, sendo reitor do seminario episcopal, e mestre de cerimonias do bispo, formou um crime, de que se livrou do aljube, onde esteve preso quasi um anno, por se rir, como diz o poeta, na procissão de Ramos da pequena fita que atava o seu palmito.

Pag. 210, v. 21.

Na respeitavel face do Roquete,

Além do que fica na nota antecedente a respeito d'este personagem do *Hyssope*, veja-se o prologo no capitulo 6.º

Pag. 211, v. 22.

Ao charlatão do Medico Pequeno,

Francisco Xavier, medico, de estatura muito pequena, a quem aconteceu o caso que o poeta narra. Usou sempre do antigo vestido de capa e volta, que já então estava em desuso, vestindo-se geralmente os medicos como os outros seculares. A isto se refere o poeta quando falla no habito escolastico.

Pag. 216, v. 23.

Que em seguro já posto, ao pé da guarda,

Esta scena é verdadeira, segundo as notas manuscriptas do sr. Dr. Filippe Simões. Foi a guarda que valeu ao pobre Gonçalves contra os lacaios do iracundo bispo.

Pag. 222, v. 15 a 18.

E por dar mais prazer aos convidados,
De cavallinhos fuscos, depois d'elle.
Na vaga sala, com soberba pompa.
O galante espectáculo prepara.

Eis a interessante nota com que o sr. Adolpho Coelho nos obsequiou, sendo por nós consultado ácerca d'esta passagem.

•Em Coimbra, na minha infancia, ouvi muitas vezes a expressão *ir ver os cavallinhos fuscos* no sentido de ir vadiar, ir passear á busca de qualquer espectáculo que se offercesse pelas ruas. Ninguem me soube dizer o que eram os taes cavallinhos fuscos, a que depois encontrei allusões em diferentes auctores. Na *Feira dos Anexins* (edição Innocencio) 2. 2. 1 lê-se: «Sempre está no cavallinho da alegria; mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos*.» O auctor das *Enfermidades da lingua* (s. letra C, pag. 111) condemna esta expressão *cavallinhos fuscos*. Soropita na sua prosa burlesca e embrulhada falla de *cavallinhos fustes*, o que é sem duvida, a mesma coisa: «E depois se levaram de presente ao sogro do grão Turco, juntamente com umas beringelas e uns *cavallinhos fustes*, que lá comem esperregados pelo inverno, que são maravilhosos para dôr de madre; e nós somos tão malhadeiros que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar d'elles (*Poesias e prosas ineditas*, edição de Camillo Castello Branco, pag. 38.)

•D'estas passagens não se conclue ainda o que eram os taes *cavallinhos fuscos*; sabemol-o porém claramente de dois documentos publicados por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações chron. e crit.* tomo iv, parte II, pag. 201-207 e pag. 226-230. No segundo d'esses documentos, que é o regimento da festa do Corpo de Deus feito pela camara de Coimbra em 1517 (segundo Ribeiro) lê-se: «Os cordoeiros, e albardeiros, e odreiros e tintureiros, que todos andam em o officio são obrigados a darem quatro *cavallinhos fuscos* bem feitos e pintados, e se os elles taes não fizerem a cidade os mande fazer, como lhe parecer que devem de ser, e elles os paguem, e teram huma boa bandeira, e hiram em Priciação.» No outro documento, que é o regimento da mesma festa feito pela camara do Porto em 1621, estatue-se: «*Item*. Irão os Celleiros, e Cutileiros, Bainheiros, Espadeiros, Caheiros, e Asteireiros, e Correeiros, com sua bandeira e castellos bem ornados de bandeirinhas, boninas, e flores, e sua cera com os cavallinhos, e Anjo armado no meio, etc.» Vê-se d'essas passagens que os *cavallinhos fuscos* deviam ser umas figuras de cavallos, feitas de madeira ou pasta; é de crer que fossem movidos por homens que figurassem ir montados n'elles; constituiam uma parte necessaria no prestito do Corpus Christi, como ainda hoje os cavallos de carne e osso. O caracter symbolico ou mythologico das outras figuras que desfilavam na procissão leva naturalmente a buscar a significação (forçosamente devia ter uma, como todas as festas tradicionaes em todas as suas partes) d'esses cavallinhos. Essa representação do cavallo encontra-se em muitos povos europeus; na França chamam-lhe *chevalet*. «Le Chevalet, diz Édélestand du Méril (*Histoire de la comédie, Periode primitive*. Appendice I. pag. 421 a 423) est populaire dans presque toute l'Europe sous des noms très-divers. On l'appelle *Bidoche* dans le département de l'Orne; *Cheval-Mallet*, dans la Loire-Inférieure; *Cheval-fug*, dans l'Allier; *Cheval-fol*, à Lyon; *Chiavoux-frux*, dans le Midi; *Gordon*, à Orleans; *Cheval-godin*, à Namur; *Chinchin*, à Mons, à cause des grelots

dont il est orné; *Algodon*, en espagnol; *Caball cotoner* et *Caballet*, en catalan, et *Hobby-horse*, en anglais. Quoiqu'il soit populaire en Allemagne depuis longues années, son nom propre, *Schimmel*, Cheval blanc, n'est pas fort connu: on l'appelle le plus souvent *Theaterpferd*, Cheval de théâtre; *Pferd von Pappé*, cheval de carton, et *Schlittenpferd*, Cheval de traîneau. Cette multiplicité de noms suffirait pour rendre inadmissible l'origine historique que lui ont attribué Millin et M. Germain. Il n'y a rien de commun entre ce cheval si cabriolant et celui sur lequel Pierre II d'Aragon ramena tranquillement sa femme en croupe à Montpellier, en 1207: encore moins peut-on le rattacher au cheval empaillé qui figura dans la commémoration de cet événement, en 1239. C'est évidemment l'imitation du cheval avec ses différentes allures, ses vivacités, ses bonds, ses hennisements et son amour de l'avoine. Du Méril cita diversos auctores que confirmam esta idéa do papel representado pelo chevalet e continúa: «Les circonstances singulières qui accompagnaient l'exhibition du Chevalet à Sainte-Lumine de Contais, dans le département de la Loire-Inférieure rappellent cependant le rôle mythique du cheval dans la religion gauloise. Le jour de la Pentecôte, l'homme-cheval assistait à la messe paroissiale dans le banc du Seigneur, puis il se rendait processionnellement sur la place publique, suivi de deux personnages qui ferrailaient pendant toute la marche avec de longues épées, et tout le monde dansait autour d'un chêne qu'on avait planté tout exprès. Mais ce n'était là sans doute qu'une fantaisie purement locale, qui ne change en rien le caractère tout mimique du Chevalet. Il se retrouve, non-seulement au Mexique, mais en Chine, où ne pénétraient point les choses d'origine étrangère, et le nom qu'on lui donne en espagnol ne permet pas de douter qu'il ne fût aussi connu des Mores.» A última conclusão de du Méril não tem fundamento, porque *algodon* (portuguez *algodão*) é uma palavra, que, embora de origem arabe, os hespanhoes podiam independentemente applicar ao cavallinho. O mesmo auctor cita em nota um opusculo provençal *Leis Juechs de la Festo de Diou*, pelo qual se vê que na Provença, como entre nós, o cavallinho apparece pela festa do Corpo de Deus.

• A Kuhn e W. Schwartz, *Nord-deutsche Sagen, Märchen und Gebräuche* (Leipzig, 1848) mencionam o *Schimmel* entre os usos de quarta feira de cinza (pag. 369), Pentecostes (pag. 381) e Natal (pag. 402). Os factos e observações reunidos por Kuhn opusculo citado pag. 510, *Märkische Sagen und Märchen*, (Berlin, 1843), pag. 308 por J. Grimm, *Deutsche Mythologie* (3.ª edição), pag. 621-629, por K. Simrock, *Deutsche Mythologie* (2.ª edição), pag. 559 provam que o *Schimmel* (e por consequencia o nosso cavallinho fusco) é o representante do antigo cavallo do sacrificio. Na minha obra sobre os costumes populares portuguezes exporei esses factos e observações e discutirei se o costume entre nós deve ser considerado de origem celtica, romana ou germanica. E o nome ou antes o adjectivo *fusco*, d'onde vem? Soropita escreve *fuste*, sem duvida porque um fuste era empregado para armar o cavallinho; mas era essa a forma primitiva, verdadeira da palavra? O mais antigo documento portuguez que cito diz *fuscos*; não ha uma certa similhaça com o *Cheval-fug* do Allier, com quanto illusoria? ¹

¹ «Um etymologo da velha escola não duvidaria de tirar o *cavallinho fusco* do *cheval fug*; mas a forma primeira é realmente a dada por Soropita. Em Ducange, edição Henschel, s. v.

Pag. 230, v. 5 a 7.

Foi o moço Sequeira, que, hombreando
Co'o pae sapez na usura e na trapaça,
Lhe sobreleva muito na avareza.

Vicente Ferreira ou Ferrer (como quer a cópia do *Hyssope* do sr. Leonie) de Sequeira e seu pae João Antonio de Sequeira. Este ajuntou grosso cabedal pela sua avareza e contractos, sendo em seus principios criado de servir de Diogo Francisco Pimentel de Mesquita. O filho foi mais ávaro do que elle e augmentou a sua riqueza pelo casamento com a filha do vedor geral Durão. Era tenente do castello de Elvas, posto inutil e só de honra, sem encargo e sem commando. Usava, como o poeta diz, de uma bengala pendente de uma fita ensebada.

Pag. 230, v. 12 e 13.

O Noventa-Cabellos, conhecido
Por fido Achates do pomposo Lara;

Cypriano Luiz de Sá Coutinho, sargento-mór, do primeiro regimento de infantaria de Elvas, a quem os soldados puzeram a alcunha de Noventa-Cabellos por ser quasi calvo. Era boa pessoa, um pouco vaidoso e amigo inseparavel do deão.

Pag. 230, v. 16 e 17.

Excepto o triste misero tacanho,
Que gerou por seu mal o velho Torres.

Manuel Joaquim Ferreira de Bastos, filho de João Martins das Torres, lavrador da herdade do mesmo nome. Era o pae liberal e grandioso, e por isso se amolinou, quando, tendo tomado o lillo a administração da casa, se viu privado da companhia de muitas pessoas que recebia, em virtude das medidas de economia do novo administrador, que elle taxava de mesquinhas.

Pag. 231, v. 8.

o zote do Sardinha

José Maria Urbano da Guarda, conego prebendado da sé de Elvas, fallador incommodo e futil, intromettido, indiscreto e comilão, filho de Luiz Candido Xavier Sardinha, commissario de mostras da extincta vedoria do exercito.

Pag. 231, v. 10.

O Vellez,

João Vellez de Lima, commissario assistente do cofre da thesouraria geral de Elvas, afamado por ser grande ajustador de contas. Ensinára em tem-

Cavalletus, citam-se documentos pelos quaes se vê que *chevel-fust* designava o cavallette da tortura; *cheval-feust* (forma apenas distincta phoneticamente, peculiar a outro dialecto) o apparelho do qual utuntur mercatores, ut merces suas venales exponant, ponderent vel metiantur pro vario mercimoniorum genere... Cujusmodi instrumentum plurimis artificibus in usu est, quod quatuor veluti pedibus sustentatur, sic dictum.

pos grammatica latina, mas tinha poucas luzes, posto que fosse muito presumido da sua instrucção.

Nas notas da edição de 1821 chama-se a este personagem do *Hyslope* José Maria Velloso, mas nas de todos os manuscritos vem João Vellez de Lima.

Pag. 231, v. 16 e 17.

E, á força de pae velho, algum pedaço
Verte em mão portuguez, do Tridentino;

Deve-se entender que estes versos se referem á obra de Francisco Freire da Silva: *Ordo verborum in sacrosanctum et æcumenicum concilium Tridentinum Paulo III, Julio III et Pio IV Pontificibus Max. celebratum, ad purum litteræ sensum redactus*, impressa em Coimbra em 1739, e reimpressa na mesma cidade em 1741.

Esta mesma traducção foi posteriormente impressa duas vezes em Lisboa em 1786 e 1807 sob o titulo: *O sacrosanto e ecumenico concilio de Trento*, mas escripta em discurso seguido e sem a interpolação das palavras latinas.

Pag. 231, v. 19.

Da longa jesuitica syntaxe,

A obra intitulada: *De institutione grammatica libri tres*, do jesuita P. Manuel Alvares, conhecida vulgarmente pela Arte do padre Alvares, cuja primeira edição parece que foi em 1572, a que se seguiram muitas, não só em Portugal, mas tambem em varios paizes estrangeiros.

Pag. 231, v. 22.

Apesar do atrevido Casadinho,

Antonio José de Mello, por alcunha o Casadinho, por ter casado muito novo. Era barbeiro do bispo e muito patrocinado por elle. Vivia ainda em 1804 com mais de 80 annos.

Pag. 232, v. 2.

Entra o vaidoso, mulheril Perinha,

Jeronymo da Fonseca de Roboredo Tavora Cardim Gato Tojo Rodovalho, chamado o Perinha, homem excessivamente adamado e muito vaidoso da sua figura e fidalguia e muitissimo aceiado.

As notas do sr. Filippe Simões divergem de todas as mais que temos presentes, pois lhe chamam Jeronymo Caetano de Menezes e Silva, e dizem ser filho do coronel Roboredo, governador de Villa Viçosa.

Pag. 232, v. 16.

O Leote e o Barquinhos, tão famosos:

Manuel Leote (ou Leite) de Mattos, capitão reformado do regimento de infantaria de Elvas.

José Henriques d'Almeida, ou da Motta, conhecido pelo Barquinhos, ajudante de auxiliares.

As notas do sr. Filippe Simões dizem a este respeito o seguinte:

«Os impressos trazem o Leite e o Barquinhos, mas é erro. O Falcato que escreveu o poema e o doutor Caetano José Vaz de Oliveira, advogado em Elvas, e amigo de Diniz, dizem que eram o Leote e o Barquinhos. Este chamava-se José Henrique da Motta e o povo de Elvas cognominava-o D. José Alarve, dando-lhe o dom por sua mãe D. Angela, que era filha de D. Vicente Henriques de Almeida Souto Maior, dos de Arronches e Portalegre. O outro era Manuel Leote de Athayde de Castello Branco, capitão do regimento do Mexia. Estes dois sujeitos eram duas peças originaes, muito tolos, muito feios, com umas caras desusadas, que por isso lhes puzeram o nome de bichos, no sotão do Falcato, onde serviam de pasto ao riso nas horas de recreio, etc.» Segundo as mesmas notas, tornaram-se alvo da zombaria publica, e foi até preciso a intervenção da auctoridade para os proteger.

Entre outras anedotas ridiculas a seu respeito, contam-se as duas que traz o poema.

Merecem-nos mais fê as notas do sr. Filippe Simões.

Pag. 233, v. 12.

Salgado

José Caetano Salgado, (Salgado Franco, segundo as notas manuscriptas do sr. Filippe Simões) medico de pouca monta, ao qual, no tempo em que seguia a universidade, encontraram os companheiros um papel que tinha por titulo: Rol das senhoras que namoro e a que tenho dado escripto de casamento, graduando cada uma conforme a sua qualidade. Exerceu a medicina nas aldeias da Vargem, no termo de Elvas.

Pag. 233, v. 22.

De Thracia o gran cantor, etc.

O celebre poeta Orpheu, que tirou do inferno, depois de ter movido Plutão com os doces e irresistiveis cantos, sua mulher Eurydice, e que a perdeu de novo, por ter faltado á condição, que lhe fôra imposta, de não olhar para traz, a ver se ella o seguia.

Pag. 234, v. 12.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalleiro do porte dos Venegas,

D. Luiz de Aguilar e Valladares, commendador de Malta, capitão de infantaria reformado, do regimento 1.º de Elvas, conhecido vulgarmente pelo nome do—Alarve—que merecia pela muita voracidade e pouca intelligencia. Aproveitava todas as occasiões de comer fôra de casa, apezar de ter n'ella uma abundante mesa.

As notas do sr. Filippe Simões chamam-lhe D. Luiz de Sequera Moraes.

e dizem que era filho de D. João de Aguilár e de sua segunda mulher D. Francisca Xavier Filippa da Gama Palha.

Pag. 235, v. 8 e 9.

prior da santa egreja
Que Alcaçova ennobrece,

Fr. João da Costa e Aragão, freire de Aviz e prior de Santa Maria d'Alcaçova de Elvas, fiel original da descripção do poeta. Dizia elle que quando foi para Elvas era claro e louro, e que os feiticeiros o tornaram negro e pardo. Quando era chamado de noite no exercicio do seu ministerio levava a catana debaixo do braço, e muitas vezes contava presumidas brigas que tinha até com o mesmo diabo. O vinho não concorria pouco para os desatinos e loucuras d'este homem, que o tornaram desprezível em Elvas.

As notas do sr. Filippe Simões chamam-lhe João Antonio da Costa e Aragão.

Pag. 235, v. 18.

O longevo, potroso do Saldanha,

Miguel José Pereira de Saldanha, homem muito rico e muito somitico, o qual em uma procissão do corpo de Deus, sendo vereador em Elvas, appareceu de capa e volta com uma casaca preta velha e igual capa, vésia de fustão branco e calções de camurça, meias de linha crua e a sua volta. Por este mesmo gosto vestia ordinariamente. Quando era convidado pelos prelados das diferentes religiões para assistir aos jantares nos dias dos seus patriarchas, levava comsigo um seu escravo, com uma panella, onde ia lançando tudo quanto lhe sobrava dos pratos que lhe punham diante, e que o preto depois lhe levava para casa.

As notas do sr. Filippe Simões dizem a este respeito: «Era Miguel José Pereira Saldanha, filho do doutor Domingos Pereira Nogueira, e neto paterno de Miguel Fernandes Reis. Sua mãe foi D. Sebastiana de Noronha, viuva de Manuel Pestana de Brito, meirinho de propriedade em Extremoz, filha bastarda de Antonio Lobo de Saldanha, governador de Evora e Extremoz, dos Lobos de Azaruja, pessoas bem conhecidas. Era tratado em Elvas por Miguel Burro, etc. Era o symbolo da somitigaria e da maior e mais deploravel miseria e mesquinhez, e, tendo aliás boa fazenda para viver e tratar-se com decencia, contam-se d'elle faltas bem tristes e vergonhosas... indo jantar a S. Domingos no dia do patriarcha mandou ir um compadre seu com uma panella que pôz junto da meza e encheu até á bocca de tudo que lhe sobrou e pode n'ella metter, e depois a mandou ir para sua casa, etc.»

* A primeira historia do escravo parece-nos mais rasoavel e mais conforme com o que diz o poeta.

Pag. 235, v. 19 e 20.

Que em regras economicas bem póde
Dar sota e az ao grego Xenophunte.

O historiador grego Xenophonte, além de outras obras, escreveu um tratado sobre o governo domestico.

Pag. 236, v. 10.

Tu tambem grosso Silva, etc.

José da Silva Machado, escripturario da administração e munições de bocca. Era natural de Torres Vedras. Costumava fallar muito frequentemente no *Anno Historico*, cujo nome lhe ficou.

As notas do sr. Philippe Simões accrescentam o seguinte: •Era muito gordo e bojudo e tinha um olho branco; muito dado á genealogia, sem methodo nem gosto, o que lhe servia para se introduzir em casas distinctas, onde arvorava o estandarte da vaidade e da vangloria, etc. Estava em Elvas no tempo que foi composto o poema, e deu tambem em ir ao sotão do Falcato e em fallar sempre com Antonio Diniz, que por muitos annos o tratou indifferentemente. Elle porém capacitou-se de que o poeta era seu amigo; entrou a repetir as visitas a casa de Diniz, e a dar-lhe varias séccas impertinentissimas, oppostas ao genio, etc., do poeta e lhe mostrava os seus titulos e papeis genealogicos, até que este se resolveu a desenganal-o, vendo que lhe não adoptava os seus pareceres e alguns conselhos que por politica lhe deu. Algumas vezes d'isto se queixou o Silva em algumas partes dizendo mal de Diniz, que vindo a saber-o entrou a escarnecer d'elle publicamente, etc., de sorte que o fez desconfiar de todo! Estava uma noite o Antonio Diniz no sotão do Falcato, e como estava doente dos olhos, assentou-se em logar onde ficava quasi ás escuras e á sombra do candieiro. Desgraçadamente entrou pouco depois o Silva no mesmo sotão e não deu noticia de que estava lá o Diniz, etc., e começou com as suas descripções do costume, do que passou a dizer muito mal do Diniz. Os mais que estavam presentes foram-lhe dando materia a que elle repetisse tudo o que por vezes lhe tinham ouvido dizer. O Silva desembaraçou-se quanto poude e estando já fartos de o ouvirem se levantou um d'aquelles amigos, virou a bandeira do candieiro e voltando-se para o Silva lhe disse: aqui o tem que até agora tem estado ouvindo e muito calado os elogios com que o tem obsequiado. Então foi que começou a comedia, que o Diniz enfeitou com mil graças e apodos contra o Silva, que corrido e envergonhado nada podia dizer, até que se retirou, etc. Eu posso ser testemunha de que elle tinha uma zanga figadal ao poeta, e lhe ouvi dizer muito mal d'elle em Lisboa.»

Pag. 236, v. 11.

Doutor em *Anno Historico*,

Anno Historico, Diario Portuguez, noticia abbreviada de pessoas grandes e cousas notaveis de Portugal, pelo Padre Francisco de Santa Maria. Lisboa, 3 vol. 1714 e 1744.

É um resumo da historia de Portugal distribuido pelos mezes e dias do anno.

Pag. 236, v. 20 e 21.

Bolorento Pão Ralo, e tu que fallas
A lingua da molrama, ó bom Gonçalo,

Luiz Garcia Gomes Freire, chamado por alcunha o Pão-Ralo, homem muito rico e somitico, cuja riqueza para nada servia, nem mesmo para elle. Seu pae

fôra alfayate, mas depois, sendo arrematante das rendas do concelho, de pobre tornou-se rico. O filho foi vereador em Elvas e teve o habito de Christo.

Gonçalo Peres (ou Pires) de Gusmão, filho do famoso capitão da Aldeia, Gonçalo Annes de Vargas, bem conhecido na guerra da grande alliança. O filho porém era tolo, rustico e tartamudo. A esta circumstancia allude o poeta dizendo que elle fallava a lingua moira. Era ajudante reformado do regimento de cavallaria 8. Serviu varias vezes o cargo de almotacé, que tem por insignia uma vara vermelha.

É o que dizem as notas da cópia do *Hyssope* do sr. Barbosa, e outras.

Pag. 237, v. 2.

Quando empunhas severo a rubra vara.

A vara rubra ou vermelha era o symbolo das jurisdicções ou justiças ordinarias, quaes as dos almotacés, juizes ordinarios, vereadores, etc., bem como a vara branca distinguia d'elles os ministros ou juizes que occupavam logares de letras.

Pag. 237, v. 12.

O grande Eugenio e o famoso Felix

Eugenio Furtado da Silva, filho de Antonio Furtado, coveiro da Misericórdia de Elvas. Cantava de tenor na sé da mesma cidade. Passou depois para Lisboa, onde fez peor fortuna.

Francisco Xavier Felix, musico reles da mesma sé.

Pag. 237, v. 11.

Se tu, ó estremada Zamperini,

É tão curiosa a nota de Verdier a este verso que não queremos privar d'ella os leitores da presente edição.

«Zamperini, comica cantora, veneziana, que veiu a Lisboa em 1770, com a qualidade de prima donna, e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos de Italia pelo sr. Galli, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da curia romana.

«Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua dos Condes. Como havia tempos que não se ouvira opera italiana em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos*, mormente da sr.^a Zamperini, que logo com sua familia foi grandiosamente alojada. Esta familia Zamperini compunha-se de tres irmãs, e de um pae, homem robusto e bem apesoado que, apesar de uma enorme cabelleira com que debalde pretendia dar quináo aos espertos alvidradores de edades, mostrava todavia no semblante poder exigir da sr.^a Zamperini menos alguma cousa, que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar alguma cousa mais que a sua paternal benção.

«Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os agentes, interessados n'ella, lembraram-se de recorrer ao filho do marquez de Pombal, o conde d'Oeiras, então presidente do senado da camara de Lisboa, que, já prezo e pendente da encantadora voz da siréa Zamperini, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou-se uma sociedade, com

o fundo de 100:000 cruzados, repartido em 100 acções de 400:000 réis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes e estrangeiros que, em dia assigalado e a horas fixas, sendo juntos no Senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da boca do conde presidente as condições d'essa nova sociedade theatral. N'uns, o receio de serem mal vistos do governo, n'outros, a vontade de agradar ao filho do primeiro ministro, foram as poderosas considerações que os arrastaram todos a assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preencheram.

«Parece que os inventores e agentes d'esta sociedade tiveram por alvo singular, o de multar a austera sisudeza de alguns negociantes velhos; pois no rol dos assignantes, a maior parte dos nomes era de pessoas edosas, que nunca haviam sido vistas em publicos divertimentos. N'essa mesma junta foram logo nomeados quatro administradores inspectores do theatro, os quaes, com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se deram por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. Ignacio Pedro Quintella, provedor da companhia do Gran Pará e Maranhão, e tio do ill.^{mo} sr. barão de Quintella, Alberto Mayer, Joaquim José Estolano de Faria, e Theotônio Gomes de Carvalho foram os nomeados inspectores administradores, *nemine discrepante*.

«Poucos mezes depois da abertura d'este theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado pae da sr.^a Zamperini: a administração fez-lhe um sumptuoso funeral, e no trigesimo dia apoz o obito, magnificas exequias na egreja do Loreto onde fôra sepultado. Alguns criticos de má lingua haviam espalhado o boato de que, n'essas exequias, havia de recitar a oração funebre o padre Macedo, ¹ a esse tempo muito bom, e justamente acreditado pregador, e poeta que já comprimentára a Zamperini com varios sonetos, odes, etc. O patriarcha D. Francisco de Saldanha, receando que assim succedesse, mandou vir á sua presença o padre Macedo, prohibiu-lhe de orar em taes exequias; de ir á opera; de fazer versos á Zamperini; e ordenou-lhe de substituir por uma cabelleira o cabelo que trazia, á italiana, bem penteado, e muito apolvilhado. Em vão allegou o padre Macedo com o exemplo dos clerigos da Nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabelleira offendia os canones; pois até os padres, que d'ella usavam por causa de molestias, eram obrigados a impetrar breve de Roma, que na Nunciatura era taxado em um quartinho, por tempo de um anno de indulto. O patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da cabelleira, e somente moderou a ordem de não ir á opera, com o preceito unico de não apparecer na platêa, e com a faculdade de acantear-se em fundo de algum camarote, ou em frizura pouco aparente, como a do auditor da Nunciatura, Antonini, e do secretario do cardeal Conti, o padre Carlos Bacher, e outros padres italianos que, como elle, frequentavam a opera, e a casa da Zamperini.

«Não foi o padre Macedo o unico apaixonado admirador da Zamperini; muitos poetas nacionaes e estrangeiros tributaram-lhe obsequiosas inspirações de suas musas. Entre elles distinguui-se o encarregado dos negocios de França

¹ Este padre é Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos, socio da Arcadia, de que fallamos no logar proprio, no prologo.

o *Chevalier de Montigny*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a idade, encontrou essa siréa rendidos e rendosos adoradores. Em dias santos, á ultima missa a que ella costumava assistir, na igreja do Loreto, era o concurso que apoz si chamava, numeroso e luzidissimo.

«Antes de findos dois annos, e logo depois da morte do administrador Ignacio Pedro Quintella, o fundo da sociedade theatral achava-se exausto, e as receitas montando a tão pouco, que mal cobriam as despezas indispensaveis do serviço mais ordinario, os administradores deixaram de pagar os salarios dos comicos e dos musicos da orchestra. Entre os primeiros havia um chamado Schiattini, tenor acontralfado, homem jovial, e poeta que, por haver pedido o que lhe era devido, em estylo que não agradou aos administradores, foi por estes aquartelado na casa dos orates, d'onde era conduzido ao theatro, todas as vezes que havia opera. Schiattini valendo-se então do privilegio analogo á residencia a que fora condemnado, vingava-se em parodiar sobre a scena a parte, que no drama lhe tocava, com satyras recitadas e cantadas que divertiam os espectadores á custa dos agentes da administração. Recresceu a provocada raiva d'estes, e o Schiattini, vendo-se em maior aperto, recorreu a el-rei D. José que, informado da injustiça com que era tratado, o admittiu na sua capella.

«Escusado é, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meiado de 1774; que o marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini; e ainda mais escusado relatar as causas d'esta ordem do governo; direi somente que os accionistas não colheram coisa alguma d'essa empreza; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

«Convenho que esta nota é sobejamente extensa: mas julguei necessario dar aos leitores um fragmento, tal qual, da historia do nosso theatro, e d'esta sr.^a Zamperini, tão louvada n'estes oito versos do nosso poeta, que não perdia a occasião de admirar as prendas de tão celebre *virtuosa*; pois, como amigo intimo de Theotonio Gomes de Carvalho, era admittido e frequentes vezes visto no camarote da administração.»

Pag. 238, v. 1.

Vidigal

Francisco de Negreiros Vidigal, então beneficiado, e depois quartanario da sé de Elvas. Tinha uma voz estrondosa e desafinada, e era quem levantava os mementos nos enterros. Rendia grande culto a Baccho.

Na obra do sr. Joaquim de Vasconcellos, intitulada: *Os musicos portuguezes*, vem um artigo ácerca de um certo Vidigal, guitarrista e violista compositor do fim do seculo passado e principio d'este, o qual aquelle senhor julga ser o mesmo que figura no poema de Diniz. O artigo em questão foi elaborado pela noticia que seu auctor encontrou no jornal artistico inglez *The Harmonicon* (anno 1826, vol. 4.º, pag. 214) a respeito de um musico portuguez com tal appellido, e que ahi se pinta como famoso (famous Vidigal) e dotado de talento, mas de genio desabrido e excentrico. Não vemos porém razões

sufficientes para concluir, com o sr. Vasconcellos, que o Vidigal da publicação ingleza seja o do *Hyssope*, visto que não se sabe por ella qual o seu nome, nem o logar em que vivia, nem o emprego que tinha, nem outra alguma particularidade.

Pelo contrario, supponho que o Vidigal da dita folha, deve ser o celebre guitarrista e compositor d'este appellido, que tão conhecido se tornou em Lisboa, e de que nos resta perduravel memoria.

Nem seria crível que Diniz introduzisse como personagem no seu poema um musico de tanta nomeada, quando só era conducente á indole litteraria d'elle, que entrassem em scena pessoas ridiculas e sem merecimento, satelytes proprios dos dois heroes principaes da sua chistosa composição; nem que se occupassem na imprensa ingleza de um ente de tão pouca monta, como o que nos apresenta o poeta e nos descrevem as notas de varias cópias do *Hyssope*, e as contemporaneas, d'onde tirámos as primeiras linhas d'esta.

Devemos ainda ajuntar que ao genio do guitarrista de Lisboa quadra perfeitamente a descripção que o jornal inglez faz do seu famoso Vidigal.

Pag. 241, v. 22.

Da voz agallegada do Malifa

Christovão Corrêa, ou Christovão Antonio, o Malifa, de alcunha, escarneado pelos soldados por ter uma voz agallegada. Como era o capitão mais antigo, commandava algumas vezes a parada na falta do major.

Pag. 242, v. 16 a 20.

Com que no velho, já rachado sino
.....
Quatro gatos mandou lançar de ferro.

Esta anecdota passa por veridica. Diz-se tambem que o senado não quiz pagar ao serralheiro pela razão de que o som do sino não melhorára com o concerto. Durando a questão, tomou posse do logar de juiz de fóra de Elvas Bernardo Coelho e mandou logo satisfazer o serralheiro.

Pag. 243, v. 4 a 7.

Com que gravar mandaste sobre a porta,
Que tem d'Esquina o nome, em negra pedra,
.....
A famosa inscripção em negras letras.

A porta da Esquina é uma das tres grandes portas que dão entrada para a praça de Elvas; a que fica ao oeste. As outras duas são: a de Olivença, a principal de todas, voltada para o sul, e a de S. Vicente, para nordeste.

Quanto á inscripção, diz o auctor das notas do sr. Filippe Simões: «Lá existe (1805) ainda essa pedra. Eu a vi; mas, depois de corridos, puzeram-lhe letras brancas, coisa que não agradou a muitos. O auctor d'esta maravilha foi João Leite, vedor geral, por cuja inspecção correu a dita obra.»

Pag. 244, v. 9 a 22.

Fallo da profusão com que lançaram, etc.

O auctor das mesmas notas assegura este facto, que diz ouviu contar a varias pessoas.

Pag. 244, v. 12 e 13.

A noticia dos reinos desposorios
Da princeza real, real infante,

São os desposorios da princeza D. Maria, depois D. Maria I, com seu tio o infante D. Pedro.

Pag. 245, v. 14.

É o tolo Aguilar

É o mesmo da nota aos versos 12 e 13 da pag. 234.

Pag. 246, v. 11.

Arronches

Vide nota ao verso 21 da pag. 172.

Pag. 246, v. 13.

O *Zodiaco soberano*

Zodiaco Soberano que entre dois cometas da vida humana contem brilhantes astros em discursos tropologicos, encomiasticos e exegeticos para os doze mezes do anno, quaresma e advento, ideados nas divinas letras, exornados de varias allegorias, exquisitos problemas, mysteriosos hieroglyphicos, philosophicas sentenças e humanidades selectas. Com um astrolabio sacro-rhetorico, omnimoda instrucção de pregadores, na qual como em planispherio mathematico estão recopilados todos os preceitos de rhetorica sagrada, breve extracto de quanto o evangelico orador deve saber, compendiado dos maiores oradores gregos e latinos sagrados e profanos. Salamanca, 1726 e 1734.

O auctor d'esta obra, um dos partos mais estupendos do pessimo gosto litterario do principio do seculo dezoito, é fr. Jorge de Santa Rosa de Viterbo, Franciscano da terceira Ordem, e prégador geral n'ella.

O titulo é o mais extravagante possivel, e só tem uma qualidade boa, a de afugentar os leitores, logo á entrada do livro.

Pag. 246, v. 56.

Do guardião dos capuchos;

Vide nota ao verso 3 da pag. 172.

Pag. 260, v. 13.

madre Celestina

Ácerca d'este verso fez o sr. Adolpho Coelho o favor de nos communi-car o seguinte:

«A *madre Celestina encantadora* é o typo tradicional entre o nosso povo (e em toda a península) da alcoviteira astuta, profundamente versada nas artes dos philtros e feitiços amatorios. Numerosas vezes ouvi alludir a ella na minha infancia e começo da adolescencia, antes de conhecer o admiravel monumento da litteratura castelhana do seculo xv, a *Tragi-comedia de Calisto y Melibea* ou *La Celestina*, fonte d'aquelle typo tradicional. A mais antiga edição conhecida d'essa obra é a de Burgos, 1449, in 4.º»

Pag. 260, v. 15.

Tive então com o sabio Abracadabro,

«O nosso poeta com acertada invenção personalizou em magico, encantador ou bruxo o sabio talisman ABRACADABRA, palavra magica, que dizem os embusteiros tem a virtude de curar febres, de prevenil-as e de obstar a todas as molestias, até à mesma morte. Esta palavra gravada em algum metal e em fôrma de triangulo, dê modo que dois de seus lados a repitam por inteiro e que o terceiro conste só da letra A onze vezes egualmente repetida tem infindas virtudes.» (Edição de 1821.)

Pag. 262, v. 19.

E que equal nunca fez Juan de las Vinhas,

«Juan de las Vinhas, personagem importante do theatro das marionetas ou bonecos. É uma figurinha de páu, envolta em um sainho, do qual lhe sobresae a cabeça. Juan de las Vinhas voltando o sainho de dentro para fôra desapparece, e vae então, diz a pessoa que dirige a companhia dos bonecos, fazer uma longa viagem.» (Edição de 1834, Paris.)

Pag. 265, v. 1.

Do Nunes bacchanal em companhia,

Antonio Nunes, companheiro fiel do prior da Alcaçova nas suas devassidões, homem ocioso e em outro tempo official do correio.

Pag. 265, v. 2.

D'um puxativo escalda, se tornava,

«Escalda é, conforme nos asseveram pessoas da provincia do Alemtejo, comida apimentada e muito adubada, com que os devotos do deus Baccho costumam excitar sua devoção á frequencia das libações; em outras provincias dá-se-lhe o nome de isca, de escapola, etc. No mesmo Alemtejo appellidam-se outrosim escaldas as tavernas ou bodegas, onde se vendem essas comidas, e tambem as refeições em que, entre amigos, se comem as taes iscas puxativas.» (Edição de 1821.)

As notas do sr. Dr. Pitta dizem a este respeito o seguinte:

«Escalda é um guizado ou caldcirada de peixe, recém-pescado, que os pescadores do Guadiana fazem com poejos, albos, pimentão, azeite e vinagre, e chama-lhe puxativo porque é incitativo para beber vinho.»

Pag. 266, v. 7.

onomancia

A arte de adivinhar por nomes ou palavras, um dos grandes attributos da sciencia magica.

Os antigos usavam outra especie de onomancia, a qual consistia em brindarem nos seus banquetes ás pessoas do seu affecto com tantos copos de vinho quantas eram as letras dos nomes d'ellas.

Pag. 266, v. 10 e 15.

Alli betyles ha, ha chelonites,

 lameiras virgens,
 Hypomanes, mandragora e outras hervas,

Betyle, pedra reputada sagrada, e que se suppõe ser um aerolitho.

Chelonite, nome generico dado ás tartarugas de agua ou kagados.

Lameira, planta a que o vulgo supersticiosamente attribue muitas virtudes.

Hypomane, planta venenosa do genero das mancenilheiras.

Mandragora, planta com propriedades narcoticas e considerada como gosando de virtudes magicas.

Pag. 273, v. 7.

Virá a succeder-te no deado
 Um novo heroe da tua mesma raça ;

Vide nota ao prologo, pag. 28, lin. 7.

Pag. 275, v. 2.

Ao veloz curso as remendadas pias,

Cavillos ou eguas malhadas de preto e branco. Pia vem da palavra franceza pie, que significa péga, e os francezes dão este nome aos cavillos que são betados com as côres d'esta ave.

Maximiano Torres, na sua ode *A Venus Physica*, disse tambem :

A noite então pelas ethereas vias
 Fere as ancas co'o latego estalante
 Das remendadas pias.

Pag. 281, col. 1, lin. 24 e 25.

Na margem de um ribeiro que bordava
 De rosas e de murtas a campina,

Além d'estes versos que auctorisam a variante preferida, ha ainda os dois logares seguintes que estão no mesmo caso :

Ao longo de um ribeiro que bordava
 De verde relva os frescos arredores,
 Na borda de uma fonte fresca e pura
 Que o verde prado esmalta de mil flores,

O primeiro vem a pag. 83, e o 2.º a pag. 145 do 1.º vol. das *Poesias de Diniz*.

Pag. 380, v. 29.

Innocencio Francisco da Silva assegura que ha vestigios de ter durado a Arcadia até 1776, mas não os encontrámos.

De uma carta do mesmo Innocencio Francisco da Silva, que temos presente por especial obsequio do sr. Jacintho Ignacio de Brito Rebello, a quem foi escripta, conclue-se que o nosso illustre bibliographo tambem conhecia n'este anno de 1774 uma unica sessão: a de 20 de janeiro, não sabendo de outra que lhe fosse posterior.

Aqui vão as suas proprias palavras:

«Quanto a sessões ou conferencias da Arcadia, de 1760 em diante, só tenho memoria de quatro, a saber: em 4 de março de 1763; 13 de maio de 1764; 19 de junho, idem; e 20 de janeiro de 1774: as tres primeiras creio que se celebraram, ou na propria casa de Garção, ou na livraria dos Congregados das Necessidades, etc.»

Esta carta é datada de 23 de junho de 1865, posterior e muito aos artigos que Innocencio publicou no *Archivo Pittoresco*, e posterior ao seu *Diccionario Bibliographico*, não fallando no supplemento ao mesmo. Parece portanto que, se elle sabia de vestigios da Arcadia até 1776, esse resto de vida da sociedade fundada por Diniz não se manifestou por meio de sessões ao publico e á posteridade.

Pag. 386, lin. 11.

Alguns reputam como arcades etc.

Francisco Manuel do Nascimento não só não foi membro da Arcadia, mas até se lhe attribue animo hostil contra ella, como dizemos a pag. 55, ao que ahi acrescentamos: posto que o contrario se collija das obras d'este celebre poeta.

Vem a proposito transcrever a tal respeito um trecho da alludida carta de Innocencio ao sr. Jacintho Ignacio de Brito Rebello.

«Creio que Filinto não teve relações algumas de amizade ou convivencia com Garção. Ao contrario, estou persuadido que elles viviam mui arredados um do outro. Filinto não quiz ser, ou não quizeram que elle fosse, admittido na Arcadia: e em desforra elle creára em sua casa (ou antes na do pae), na Ribeira das Nãos, outra especie de Arcadia, de que eram socios Domingos Bandeira, Domingos Monteiro, Pedro Pinto, Jeronymo Estuquete e outros que n'esta occasião me não occorrem. Ha mesmo quem attribua ao Garção um soneto satyrico que corre manuscripto contra Filinto e os taes consocios, mas eu cuidoo não ser d'elle, e sim de outro contemporaneo (arcade) o padre Manuel de Macedo.»

Repetimos: nada de similhante inimizade se encontra nas obras de Filinto, antes, os maiores elogios á Arcadia, e sobre tudo a Garção e a Diniz, como na epistola ao seu amigo Brito e na ode a pag. 340 do 1.º vol. das suas *Obras completas*. Para comproval-o citaremos, por brevidade, só os versos seguintes:

Taes eram approvadas e bemquistas
 Por nobre imitação de almos traslados
 Do Pindarico Elpino as cultas odes,
 E a facundia bebida nos antigos
 Que vertia o Garção nos seus poemas,
 Quando na Arcadia outr'ora os escutava
 De atilados varões o estreme ouvido.

Poderá pois ter existido alguma inimidade ou dissidencia passageira entre Filinto e Garção ou entre Filinto e a Arcadia; poderá Filinto ter sido parte ou centro de alguma reunião de homens de letras, o que até é presumivel, dissidente ou não d'aquella sociedade; mas não supponos que fosse seu inimigo, na accepção lata da palavra.

Pag. 400, lin. 83.

em 1807 (e n'outros annos) em Lisboa as suas obras em seis volumes;

No Archivo Nacional, existem tres volumes, em parte, da letra de Trígoso, que serviram para esta edição. Um é o 6.º volume, e tem as licenças para se imprimir. Outro comprehende os dithyrambos e odes anacreonticas, e abre pelo seguinte titulo: *Rimas de Elpino Nonacriense, Parte 2.ª, que contém as suas poesias dithyrambicas e anacreonticas trasladadas do autographo de seu auctor e conferidas*. Lisboa, 1789. Outro consta de poesias varias.

ADVERTENCIA

As notas ácerca dos personagens do poema são tiradas em geral ou das que vinham nas copias do *Hyssope*, que nos serviram para esta edição, ou das que para esse fim tiveram a bondade de emprestar-nos os srs. Augusto Filippe Simões e José Pereira de Paiva Pitta, dignissimos lentes da universidade de Coimbra, favor que já agradecemos no prologo. As do sr. Filippe Simões serviram-nos tambem para este, e ali as mencionamos varias vezes com o nome de manuscripto contemporaneo, pois na verdade o foi seu auctor, se não da feitura do poema, ao menos de pessoas que n'elle figuram.

São incorrectissimas na forma e indigestas, porém muito aproveitaveis estas notas. As do sr. Pitta escriptas muito posteriormente, são mais resumidas e menos interessantes.

ADDITAMENTO

A pag. 79, linha 7, dissemos nós: «Portanto nenhuma edição, nenhuma copia das que examinámos etc. merece fé, como feita pela penna do auctor, ou por elle revista ao menos.» Tivemos porém finalmente a felicidade de encontrar um traslado do *Hyssope* n'este ultimo caso, estando a presente publicação já muito proxima do seu termo.

Existe esta copia, unica das conhecidas, em que haja emendas da propria letra de Diniz, entre os manuscriptos da Bibliotheca da Ajuda. Constou ao principio de sete cantos escriptos pela mesma mão; posteriormente intercalou-se-lhe por letra diversa o que o poeta compoz, quando dividiu a sua obra em oito cantos, isto é, parte do canto quarto e quasi todo o quinto (Veja-se a tal respeito o prologo, e a variante á pag. 158, v. 11, etc.). Esta segunda letra parece ser de Francisco José dos Santos Marrocos, bibliothecario que foi da mesma bibliotheca; abrange de pag. 53 a 88, e não ha ahí emendas de Diniz, mas sim unicamente na primeira.

Alvorçou-nos tal achado, e tratámos de averiguar a sua importancia fazendo o confronto minucioso da nova copia com a presente edição, ja impressa, e notando os pontos em que havia divergencia. Esse exame, de que é resultado a tabella que abaixo apresentamos, desilludiu-nos completamente. D'ella se colhe que as emendas de Diniz são poucas e insignificantes, e, excepto duas, já encontradas n'outras copias. As emendas de outra letra são tambem quasi todas conhecidas.

A idéa que primeiramente occorre, vendo só a parte mais antiga do traslado em questão emendada por Diniz, é que essas emendas foram feitas quando o *Hyssope* constava apenas de sete cantos; que depois alguém lhe juntou a parte augmentada pelo poeta; e que as emendas d'este foram escriptas entre 1780 e 1790, pois a sua letra trémula e incerta denuncia similhante epocha. Taes dados levar-nos-hiam a concluir que a ampliação do poema effectuou-se por estes annos, isto é, muito posteriormente á opinião seguida em geral que a põe pouco mais ao menos entre a chegada de Diniz ao Brazil, no se-

gundo semestre de 1776, e a queda do marquez de Pombal, a 4 de março de 1777, o que destruiria todas as accusações contra o poeta pelos elogios que dizem fez ao ministro de D. José e depois supprimiu, conforme expendemos largamente no prologo e nas notas a elle.

Não vemos, porém, base bastante para se converterem estas supposições em certeza.

Póde bem ser que o dono do manuscrito para lhe dar maior valor pedisse ao poeta que lh'o revisse e emendasse, embora o poema já estivesse dividido em oito cantos, e aquelle constasse de sete, e que Diniz por contental-o corrigisse aqui e ali alguns versos ou palavras, sem se dar ao trabalho de o fazer de um modo coherente e amplo, idéa a que nos auctorisa a qualidade das emendas que ha no dito manuscrito.

Em todo o caso elle é precioso por ser, como já dissemos, o unico do *Hyssope* em que ha letra de Diniz, e foi emendado posteriormente a 1780, não sabemos se em Portugal; ou se no Brazil.

A tabella em seguida marca só a differença entre o manuscrito da Ajuda e a presente edição. Refere-se ás paginas e columnas das variantes, que n'este volume seguem o poema, e o numero dos versos á collocação d'elles nas mesmas paginas e columnas. Os versos a que a tabella remette querem dizer que a variante do manuscrito da Ajuda é igual á que indicam esses versos. Quando não ha verso nas variantes do presente volume a que as do dito manuscrito se refiram fazem-no ás paginas e versos do poema. Quando existe alguma differença de palavra ou de verso, ou alguma coisa a notar indica-se entre parenthesis. Essas differenças constituem outras tantas variantes novas. As emendas da letra de Diniz são conhecidas pelo seu nome tambem entre parenthesis.

Com esta tabella tivemos em vista unicamente não ampliar mais o volume.

Pag. 281, col. 2.^a, v. 2.
 Pag. 282, col. 1.^a, v. 1, 9 e 15; col. 2.^a, v. 2 e 13.
 Pag. 283, col. 1.^a, v. 3; col. 2.^a, v. 7.
 Pag. 284, col. 1.^a, v. 7, 16 e 17; col. 2.^a, v. 12, 17 e 19.
 Pag. 285, col. 1.^a, v. 6, (o veneno a actua, «tc.»); col. 2.^a, v. 8, 12, 16 e 17.
 Pag. 286, col. 2.^a, v. 12.
 Pag. 287, col. 1.^a; v. 1, 3 (Diniz), 4, 6 (Diniz), 15 (Chá e café se bebe e joga o whist—Diniz), 24 (Diniz) e 25 (Diniz); col. 2.^a, v. 16 a 24.
 Pag. 288, col. 2.^a, v. 8.
 Pag. 289, col. 1.^a, v. 1 a 6 (farfante, por letra de Diniz); col. 2.^a, v. 1, 3 e 5.
 Pag. 290, col. 1.^a, v. 8 e 14; col. 2.^a, v. 3, 6 e 11.
 Pag. 291, col. 1.^a, v. 2, 4, 8 e 16.
 Pag. 292, col. 1.^a, v. 7; col. 2.^a, v. 4, 7 e 9.
 Pag. 293, col. 1.^a, linha 1.^a e 2.^a, Idem no manuscrito da Ajuda, sendo a palavra—farfante—emendada por Diniz, v. 22 (Diniz), e 29; col. 2.^a, v. 3, 4 e 8.
 Pag. 294, col. 1.^a, v. 8, 9 e 10 (emenda); col. 2.^a, v. 3.
 Pag. 295, col. 1.^a, v. 2 e 8; col. 2.^a, v. 8 e 12.

No verso 4 da pag. 132 a palavra—famoso—está substituida por letra de Diniz por—fumoso—.
 Pag. 296, col. 1.^a, v. 3, 21 e 25; col. 2.^a, v. 15 e 18.
 Pag. 297, col. 2.^a, v. 4, 6, 19 (emenda) e 20 (id.).
 Pag. 298, col. 1.^a, v. 12, 19 e 20; col. 2.^a, v. 13 e 14.
 Pag. 299, col. 2.^a, v. 2, 4 (farfante, por letra de Diniz), 17, 19 e 23.
 Pag. 300, col. 1.^a, v. 17; col. 2.^a, v. 7, 11, o 14 e 15 tambem faltam, e 17.
 Pag. 301, col. 1.^a, v. 7 (Suado e merencorio entra em casa); col. 2.^a, v. 6, 9 (Diniz).
 Pag. 302, col. 1.^a, v. 7, 8 e 15; col. 2.^a, v. 1, 8 e 10.
 Pag. 303, col. 1.^a, v. 7, 9 e 14; col. 2.^a, v. 20 (Diniz).
 Pag. 304, col. 1.^a, v. 14.
 Pag. 305, col. 1.^a, v. 4 e 31; col. 2.^a, v. 9 (A sua appellação negar-lhe possam).
 O verso 10 da pag. 161 está n'este manuscrito: O Fernandes lhe volve.
 Pag. 306, col. 1.^a, v. 7, 8, 17 e 18.
 O verso 14 da pag. 163 tem n'este manuscrito

pto a palavra—sorte—substituida por—casta.
Pag. 307, col. 1.^a, v. 11, 20 e 21.

O verso 14 da pag. 171 d'este manuscripto tem —Que vendo etc.— e o 18—activa—em logar de—intensa.

Pag. 308, col. 1.^a, v. 2, 13 e 17; col. 2.^a, v. 5, 22 e 24.

Pag. 309, col. 1.^a, v. 9 e 12; col. 2.^a v. 5 e 23.

Pag. 310, col. 2.^a, v. 5 e 10.

Pag. 311, col. 1.^a, v. 4; col. 2.^a v. 2, 5 e 16.

Pag. 312, col. 1.^a, v. 6, 10 e 16; col. 2.^a, v. 9.

Pag. 313, col. 1.^a, v. 9 e 18; col. 2.^a, v. 1, 6 e 25.

O verso 22 da pag. 186 em logar de—impertiga—tem—impantufa—.

Pag. 314, col. 1.^a, v. 5 e 7 (E escusa etc.); col. 2.^a, v. 1.

Pag. 315, col. 1.^a, v. 2, 14, 17 e 19 (afan—em logar de—acção—); col. 2.^a, v. 13 e 11.

Pag. 316, col. 1.^a, v. 4, 13, 14 e 16 (Que é obra, quanto a mim, de mais proveito); col. 2.^a, v. 6 e 17.

Pag. 317, col. 1.^a, v. 12, 18 e 21; col. 2.^a, v. 5 e 22.

Pag. 318, col. 1.^a, v. 3 e 12; col. 2.^a, v. 9 (Diniz), 13 (emendado), e 25.

Pag. 319, col. 2.^a, v. 27.

Pag. 320, col. 2.^a, v. 5, 9, 14 e 17.

Pag. 321, col. 1.^a, v. 15.

Pag. 322, col. 1.^a, v. 10; col. 2.^a, v. 21 e 21.

Pag. 323, col. 2.^a, v. 1, 2 e 3 (emendado por Diniz.)

Pag. 324, col. 1.^a, v. 4, 12 e 14; col. 2.^a, v. 1 e 8.

Pag. 325, col. 1.^a, v. 1, 7, e 29 a 32.

Pag. 326, col. 1.^a, v. 9, 15 (Diniz), 21 a 23; col. 2.^a, v. 6, 9, 15 (Diniz).

Pag. 327, col. 1.^a, v. 5, 6, 10 (Diniz, mas—engrimpanar-te—como parece deve ser, em vez de—(m)grimpinar-te) col. 2.^a, v. 23.

Pag. 328, col. 1.^a, v. 7 e 19.

Pag. 329, col. 2.^a, v. 7 a 9.

Pag. 330, col. 1.^a, v. 5, 17 (emendado) e 18; col. 2.^a, v. 6 e 26.

Pag. 331, col. 1.^a, v. 2 (Diniz), 24 e 25; col. 2.^a, v. 21.

Pag. 332, col. 1.^a, v. 9 e 23; col. 2.^a, v. 6 e 15.

Pag. 333, col. 1.^a, v. 7 e 17; col. 2.^a, v. 6 a 9, 13 e 19.

Pag. 334, col. 1.^a, v. 1, 15 (Diniz), 18 e 21; col. 2.^a, v. 7 e 8, 20 a 23, 26 e 27 (Diniz).

Pag. 335, col. 1.^a, v. 11, 12 (Diniz); col. 2.^a, nota no fim: Este manuscripto está no mesmo caso dos que n'ella se apontam.

Pag. 336, col. 1.^a, v. 17; col. 2.^a, v. 6 e 11.

Pag. 337, col. 1.^a, v. 19 e 20.

Pag. 338, col. 1.^a, v. 9; col. 2.^a, v. 10 e 19 a 21.

Pag. 339, col. 1.^a, v. 8, 15 (Diniz), 16 (emendado); col. 2.^a, v. 2 e 14.

Pag. 340, col. 1.^a, v. 13 a 15; col. 2.^a, v. 16 e 20.

Pag. 341, col. 1.^a, v. 3 (emendado), 5 (Diniz), 6 (Diniz) e 7 (emendado); col. 2.^a, v. 23.

Pag. 342, col. 1.^a, v. 2 a 7 (Diniz), 16 a 19, e 31; col. 2.^a, v. 6 e 9.

Pag. 343, col. 1.^a, v. 7, 8 (emendado por Diniz), 10, 13 e 18; col. 2.^a, v. 1 (Diniz) e 15.

Pag. 344, col. 1.^a, v. 4.

Pag. 345, col. 2.^a, v. 10 a 14.

Pag. 346, col. 1.^a, v. 9; col. 2.^a, v. 1.

A leitura do muito interessante livro com que o nosso amigo o sr. D. Antonio da Costa acaba de enriquecer a litteratura patria, *Historia do Marechal Saldanha*, obriga-nos a escrever esta nota ácerca de um ponto de que tratámos no prologo do presente volume. Referimo-nos á conferencia da Arcadia de 20 de janeiro de 1774, celebrada em casa do morgado de Oliveira, primeiro conde de Rio Maior.

Trigoso, fonte por nós seguida n'este caso, escreve: «Que era feito então da Arcadia? Mas Diniz sobrevivia a seus illustres consocios; elle ainda a animava e lhe procurava asylo na pessoa de um joven generoso «que abriu a porta de seu palacio ás castas filhas de Jove, e ao som de suas lyras uniu benigno a sua doce voz.»¹ Com effeito em casa do morgado de Oliveira se celebraram nos ultimos tempos algumas sessões da Arcadia, e ali repetiram Elpino e Tirse um dithyrambo em applauso do marquez de Pombal no dia 20 de janeiro de 1774. Dois annos depois sahiu Antonio Diniz de Lisboa para

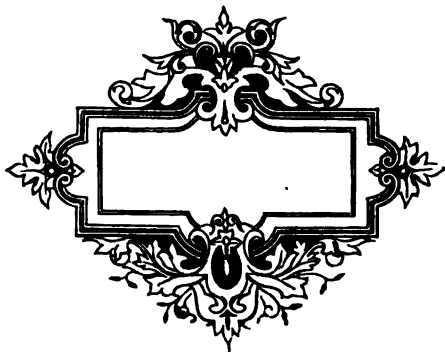
¹ *Poesias* de Diniz, Tomo v. ode XI.

o Rio de Janeiro; então faltou o esteio em que ultimamente se sustentava o peso da Arcadia, e esta acabou de todo. • Innocencio accitou esta opinião, e enuncia-a mais de uma vez nos seus escriptos.

Pois, á vista do que nos diz a *Historia do Marechal Saldanha*, e dil-o com boas provas, parece dever-se concluir que não existiu tal conferencia. Vejamos. No dia 20 de janeiro de 1774, houve no palacio do morgado, á Anunciada, uma pomposa conferencia litteraria em honra de seu sogro o marquez de Pombal. Assistiram a ella: o marquez; suas tres filhas, D. Maria Amalia, mulher do dono da casa, D. Maria Francisca, mulher de D. Christovão Manuel de Vilhena, e D. Violante, condessa de S. Paio; as familias d'estas senhoras; o corpo diplomatico; a nobreza de ambos os sexos; os tribunaes superiores; os generaes; a sciencia e a litteratura. Os conferentes e homens de letras que compareceram foram: D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho; o coronel do mar, Gaspar Pinheiro da Camara Manuel; Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo; Antonio Diniz da Cruz e Silva; Theotonio Gomes de Carvalho; o morgado João de Saldanha de Oliveira; o doutor Manuel Pinto da Cunha de Sousa; o padre mestre fr. Agostinho da Silva, da Ordem dos Prégadores; José Basilio da Gama; o reitor da Nazareth; Ignacio José de Alvarenga Peixoto; Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazende; Joaquim José Ferreira Lobo; José Barbosa; e Ignacio Carvalho da Cunha. Foi uma festa brilhante: recitaram-se discursos e poesias, não só dos presentes, mas tambem de pessoas que enviaram as suas obras de algumas localidades, fóra de Lisboa; houve chá, doces, refrescos, etc., e no fim o segundo conde de Oeiras felicitou os oradores e poetas pelas suas producções, agradecendo-lhes o modo por que elogiaram os serviços de seu pae. Dos quinze nomes que mencionámos sómente seis eram arcades, e ainda um d'elles, Pedegache, não é dado como certo; os restantes ou não são reputados como formando parte d'aquella sociedade, ou são desconhecidos. Agora perguntamos nós: Póde-se considerar conferencia da Arcadia essa, a que concorreram tão poucos de seus filhos, e tantos estranhos, quando nas suas sessões, ou particulares ou publicas, só eram conferentes os que d'ella faziam parte, embora ás ultimas assistissem convidados de todas as gerarchias? Póde-se considerar conferencia da Arcadia essa reunião onde o chá, os doces, os refrescos, a conversa a respeito de varios assumptos entremesuraram os discursos e poesias? Póde-se considerar conferencia da Arcadia essa a que não assistiu a maior parte dos seus socios: Feliciano Alves da Costa; o padre José Dias Pereira; Manuel de Figueiredo; Manuel Nicolau Esteves Negrão; Manuel Pereira de Faria; Luiz Corrêa da França e Amaral; Francisco de Salles; o padre Joaquim de Foyos; o padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos; e Manuel de Souza? Pois é possivel que a uma sessão da Arcadia, e celebrada em honra do grande e omnipotente marquez, em casa de seu proprio genro, faltassem todos estes homens de letras, membros, e alguns d'elles membros prestantes e respeitados, d'essa academia, e que em seu lugar fossem convidados outros que o não eram? Uma Arcadia assim confessamos sinceramente que não a conhecemos. É quasi seguro, pois, que tal conferencia não pertence ao numero das que ella celebrou, embora tivesse lugar em casa de um arcade e alguns arcades concorressem á festa, e embora assegurem o contrario Trigozo e Innocencio. Haveria outras, como quer o primeiro d'estes escriptores, a que coubesse tal classificação, posto que nos sejam desconhecidas;

mas a esta de certo que não. Todos os papeis da conferencia litteraria de 20 de janeiro, incluindo as composições que se recitaram n'ella, guardam-se no cartorio da casa do sr. conde de Rio Maior, onde os viu o sr. D. Antonio da Costa, o qual teve a extrema bondade de nos communicar os apontamentos que d'ahi tirou para a sua obra.

Parece incrível a ignorancia que reina em tudo quanto respeita á Arcadia, cujo papel importante na litteratura patria ninguem pôde negar, ignorancia com que não só luctam os presentes, mas que até embargou o passo ao proprio Trigo, muito mais proximo do que nós da epocha da sua existencia, pois as noticias que a seu respeito deixou são minguidas e incertas.



ERRATAS PRINCIPAES

- Pag. 25, lin. 7, José da Silveira Falcato — leia-se — Francisco José da Silveira Falcato
- Pag. 56, lin. 25, anacreontica — leia-se — pindarica
- Pag. 401, lin. 17, quanto — leia-se — quando
- Pag. 154, lin. 13, encaimbo — leia-se — escaimbo
- Pag. 190, lin. 8, Pterélas, — leia-se — Pterélas
- Pag. 213, lin. 8, do — leia-se — no
- Pag. 383, lin. 43, José da Silveira Falcato — leia-se — Francisco José da Silveira Falcato
- Pag. 407, lin. 40, os alludidos — o alludido

INDICE

Antonio Diniz da Cruz e Silva, sua vida e escriptos	Pag.	4
O Hyssope.....	»	81
Variantes ao Hyssope.....	»	277
Notas.....	»	347
Additamento	»	457

